

Mariana Sant'Ana Miceli

**AS CARTAS SÃO JOGADAS MUITO CEDO:  
TRAJETÓRIAS UNIVERSITÁRIAS DE JOVENS  
PROVENIENTES DAS CLASSES POPULARES NA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Doutorado, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito à obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientadora: Dra. Ione Ribeiro Valle

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Miceli, Mariana Sant'Ana

As cartas são jogadas muito cedo: Trajetórias universitárias de jovens provenientes das classes populares na Universidade Federal de Santa Catarina / Mariana Sant'Ana Miceli ; orientadora, Ione Ribeiro Valle - Florianópolis, SC, 2016.  
479 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Universidade. 3. Ensino Superior. 4. Classe popular. 5. Trajetória universitária. I. Valle, Ione Ribeiro. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

“AS CARTAS SÃO JOGADAS MUITO CEDO: TRAJETÓRIAS UNIVERSITÁRIAS DE JOVENS PROVENIENTES DAS CLASSES POPULARES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA”

Tese submetida ao Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação em cumprimento parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 04/03/2016

Dra. Ione Ribeiro Valle (PPGE/UFSC-Orientadora)

Dr. Santiago Pich (PPGE/UFSC-Examinador)

Dra. Marilândes Mol Ribeiro de Melo (IFC-Examinadora)

Dr. Lindomar Wessler Boneti (PPGE/PUCPR-Examinador)

Dra. Juliete Schneider (CA/UFSC-Examinadora)

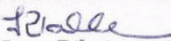
Dra. Lúcia Schneider Hardt (PPGE/UFSC-Examinadora)

Dra. Maria das Dores Daros (PPGE/UFSC-Suplente)

Dra. Marileia Maria da Silva (UDESC-Suplente)

MARIANA SANT'ANA MICELI

FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/MARÇO/2016

  
Prof.ª Ione Ribeiro Valle  
Coordenadora do PPGE/CED/UFSC  
Portaria n. 1746/GR/2014



Para o meu avô e padrinho, *Waldemiro Sant'Ana*, que desde agosto do ano passado deixou muitas saudades...

\*

Para o meu marido, *Oswaldo Petermann Neto*, amor da minha vida, e para o nosso primeiro filho, *Martin*, que chegará em agosto deste ano...



## AGRADECIMENTOS

A Deus, agradeço por ter me permitido concluir este projeto.

À minha família, agradeço pela vida que me deram. Tudo o que sou e o que faço é em honra aos meus familiares de todas as épocas.

Ao meu pai, *Armando Miceli Junior*, e à minha mãe, *Sonia Sant'Ana*, agradeço pelo destino em que me colocaram. Pai e mãe, aceito tudo o que vem de vocês, com todas as consequências. Sempre buscarei fazer algo positivo em sua memória, com gratidão, respeito e profundo amor.

Ao meu marido, *Oswaldo Petermann Neto*, por ter incentivado o meu sonho do doutorado e por ficar ao meu lado nesses árduos anos. Agradeço tudo o que você fez e faz por mim. Reconheço que, sem você, nada disso teria sido possível. Tem muito de você neste trabalho. É por tudo isso que esse título também é seu! E obrigada por estar construindo uma família comigo: nosso bebê é fruto do nosso amor e, em breve, estará conosco!

À minha irmã mais nova, *Adriana Sant'Ana Miceli*, por ter me motivado a seguir na carreira acadêmica e por ter contribuído com a pesquisa.

À minha professora orientadora, *Ione Ribeiro Valle*, por ter aceitado me guiar no caminho pelo doutorado, sempre com contribuições tão valiosas.

Aos professores examinadores, *Juliete, Lindomar, Lúcia, Mariléia, Marilândes, Maria das Dores e Santiago*, por consentirem em partilhar sua vasta experiência acadêmica na apreciação deste trabalho.

Aos amigos, todos professores, que, em algum momento, se fizeram presentes no percurso do doutorado: *Mara Rese, Natália Rese, Shir Tuann, Caroline Kern, Isadora Vier Machado, Fernando Eduardo Mesadri, Silvana Rodrigues de Souza Sato e Júlia Siqueira da Rocha*.

Em especial, às amigas e profissionais de excelência da área da educação, *Gabriela Amorim e Maria Fernanda Faraco Werneck de Paula*, por terem sido fundamentais na realização desta pesquisa, especialmente na colheita e tabulação de dados.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por ter financiado a consecução desta tese.

A todos os alunos formandos, por se disponibilizarem a compartilhar suas vidas nesta pesquisa.



“É preciso desarmar os espíritos. Todo mundo tem medo nesta sociedade, poucas pessoas falam a verdade das coisas em todos os níveis” (ACCARDO, 1998, p. 608)

“Dizer a verdade aos alunos não é suficiente para que eles aprendam. Para convencê-los é preciso explicar por que eles se enganam” (SNYDERS, 2006, p. 164)

“Diploma por diploma não vale absolutamente nada” (Aluno Direito\_A, em entrevista para a tese)



## RESUMO

Esta tese analisa trajetórias universitárias de jovens das camadas populares, a partir da compreensão das estratégias adotadas no processo de formação no Ensino Superior. Partiu-se da hipótese de que os estudantes não ocupam a mesma “posição” na Universidade, no sentido de que há diferenças na composição de capitais que cada um detém (sobretudo, o econômico), o que impactaria sua graduação. Na sociologia da educação, a noção de “posição” é mobilizada por Pierre Bourdieu, importante referencial teórico adotado, que explicita justamente o fato de existir um lugar, a partir do qual, os estudantes, as faculdades e as instituições de ensino são hierarquizados e distinguidos no meio social. Metodologicamente, realizou-se pesquisa de campo, sob a perspectiva comparativa, nos cinco cursos de graduação mais concorridos e nos cinco cursos menos concorridos da Universidade Federal de Santa Catarina, mediante a aplicação de questionários com os formandos do ano de 2014 (150 estudantes). Na sequência, realizaram-se entrevistas semi-estruturadas com os estudantes provenientes das classes populares. A análise da amostra inicial composta pelas dez turmas foi feita em quatro estágios: (1) descrição individual de cada curso; (2) comparação entre cursos mais concorridos e menos concorridos; (3) apreciação conjunta dos dados relativos às dez turmas; (4) discussão dos dados dos alunos das camadas populares de todos os cursos. Na etapa de entrevista, após a caracterização geral dos alunos, examinou-se detalhadamente o seu percurso no Ensino Superior. Em síntese, apurou-se que os alunos das classes populares tendem a se concentrar nos cursos de graduação menos prestigiosos e menos rentáveis; ao passo que, nos cursos de alta seletividade e maior *status*, ainda são exceções. Eles demonstram consciência, embora frágil, da competição por melhores posições na hierarquia universitária, com vistas à entrada futura no mercado de trabalho na área de titulação. Entendem que ampliaram os capitais cultural e social, os campos de atuação profissional futura e sua possibilidade de retorno financeiro; porém, sentem-se menos habilitados à realização profissional que os colegas de estratos mais favorecidos. Verificou-se um tipo particular de presença das famílias durante os estudos, principalmente, em termos de apoio

afetivo e custeio das necessidades básicas, com a ressalva de que se trata da porção menos desprivilegiada das classes populares. Há uma responsabilização, em alto grau, por parte dos alunos, pelo seu destino escolar, o que demanda elevado investimento pessoal e autodeterminação. Os estudantes experienciam o multipertencimento social entre o meio de origem e o campo universitário e se deparam com a oportunidade do “desenraizamento”. Contudo, também desenvolvem um sentido da sua posição, já que reconhecem parcialmente os limites que a sua origem popular impõe à rentabilização do diploma. Daí se dizer que “as cartas são jogadas muito cedo” (BOURDIEU), pois as estratégias de escolarização que focalizam as disposições de um indivíduo para o futuro dependem não só da classe social e de sua posição nela, como também do sentido da trajetória coletiva de seu grupo e do sentido nela inscrito da sua própria trajetória particular. Se as classes populares não saem da Universidade nas mesmas posições que as demais é porque a “igualdade de oportunidades”, conforme prescreve a meritocracia, não é sinônimo da “igualdade de posições”, visto que são as posições que determinam as oportunidades.

**Palavras-chave:** trajetórias universitárias; universidade; ensino superior; classes populares; meritocracia; posição; hierarquia universitária

## ABSTRACT

This thesis analyzes university trajectories of young people from working classes, based on the understanding of the adopted strategies in university education. The initial hypothesis is that students do not occupy the same "position" at the University, in the sense that there are differences in the capital composition of each (especially economic), which would impact their graduation. In the sociology of education, the notion of "position" is mobilized by Pierre Bourdieu, important theoretical referential adopted, which precisely explains there is a ranking of students, colleges and educational institutions in the social environment. Methodologically, a field research was done, in a comparative perspective, with the five most competitive graduation courses and the five least-attended courses at the Universidade Federal de Santa Catarina, by applying questionnaires to graduates of the year 2014 (150 students). After, the students from working classes were interviewed. The analysis of the initial sample with the ten classes was made in four stages: (1) individual description of each course; (2) comparison between the most competitive and least competitive courses; (3) joint assessment of data on the ten classes; (4) students working classes' data discussion of all courses. In the interview stage, after the general characterization of the students, it was examined in detail his journey in higher education. In short, it was found that students of lower classes tend to focus on undergraduate courses less prestigious and less profitable; whereas, in high selectivity and higher status courses, are still exceptions. They demonstrate consciousness, though fragile, competition for better positions in the university hierarchy, with a view to future entry into the labor market. They understand that expanded the cultural and social capital, the fields of future professional activities and its possibility of financial return; however, they feel less empowered to professional achievement that colleagues of more advantaged classes. There was a particular kind of presence of the families during the studies, especially in terms of emotional support and cost of basic needs, with the proviso that it is the less underprivileged portion of the working classes. The students feel responsible for their school destination, which demand high personal investment and self-determination. Students experience the social multiple belonging between the home environment and the university campus and

are faced with the opportunity of "uprooting". However, the students also develop a sense of their position, as partially recognize the limits to its popular origin imposes on the profitability of the diploma. That is why: "the cards are played too early" (Bourdieu), because education strategies that focus on the provisions of an individual for the future depend not only on social class and their position in it, but also the sense of collective journey of their group and the direction it entered its own particular path. If the popular classes do not leave the University in the same positions than the others it is because the "equal opportunities", as prescribed meritocracy, is not synonymous for "equal positions", as are the positions that determine the opportunities.

**Keywords:** university trajectories; university; higher education; popular/working classes; meritocracy; position; university hierarchy

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Indicadores de escolarização em SC .....	57
Quadro 2 - Distribuição regional da produção de trabalhos – Primeiro levantamento .....	69
Quadro 3 - Distribuição por ano de produção dos trabalhos – Primeiro levantamento .....	70
Quadro 4 - Distribuição regional da produção de trabalhos – Segundo levantamento .....	75
Quadro 5 - Distribuição por ano de produção dos trabalhos – Segundo levantamento .....	76
Quadro 6 - Relação candidato x vaga do vestibular 2014 da UFSC .....	98
Quadro 7 - Resultados da aplicação de questionários .....	100
Quadro 8 - Perfil médio do formando de Medicina .....	104
Quadro 9 - Perfil médio do formando de Arquitetura .....	111
Quadro 10 - Perfil médio do formando de Engenharia Civil .....	117
Quadro 11 - Perfil médio do formando de Direito .....	127
Quadro 12 - Perfil médio do formando de Biblioteconomia .....	135
Quadro 13 - Perfil médio do formando de Letras – Italiano .....	141
Quadro 14 - Perfil médio do formando de Letras – Alemão .....	146
Quadro 15 - Perfil médio do formando de Matemática .....	151
Quadro 16 - Perfil médio do formando de Arquivologia .....	157
Quadro 17 - Escolaridade dos pais entre grupos A e B .....	169
Quadro 18 - Escolaridade das mães entre grupos A e B .....	170
Quadro 19 - Renda familiar entre grupos A e B .....	171
Quadro 20 - Perfil médio dos formandos de todos os cursos .....	175
Quadro 21 - Dados dos alunos das classes populares entrevistados .....	198
Quadro 22 - Respostas de avaliação da UFSC .....	255





## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
	POR QUÊ? .....	22
<b>2</b>	<b>O PROJETO DE PESQUISA</b> .....	<b>27</b>
2.1	PARA CONTEXTUALIZAR: A ESCOLA QUE FORMA OS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS .....	27
2.2	O PROJETO DE PESQUISA: RECURSOS METODOLÓGICOS.....	37
2.3	A PESQUISA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES .....	41
2.4	A PESQUISA: NA UNIVERSIDADE .....	50
<b>3</b>	<b>A PESQUISA: ALGUMAS EXPLORAÇÕES</b> .....	<b>63</b>
<b>4</b>	<b>A PESQUISA: ESTRUTURAÇÃO</b> .....	<b>83</b>
4.1	ALGUMAS CATEGORIAS DE ANÁLISE .....	83
4.2	A PESQUISA: EM DUAS ETAPAS .....	97
<b>5</b>	<b>A AMOSTRA INICIAL: DEZ TURMAS DE FORMANDOS – O perfil de cada turma de formandos:</b>	
	<b> cursos <i>mais</i> concorridos</b> .....	<b>103</b>
5.1	MEDICINA .....	104
5.2	ARQUITETURA E URBANISMO .....	111
5.3	ENGENHARIA CIVIL .....	117
5.4	ENGENHARIA QUÍMICA.....	124
5.5	DIREITO .....	127
<b>6</b>	<b>O PERFIL DE CADA TURMA DE FORMANDOS: CURSOS <i>MENOS</i> CONCORRIDOS</b> .....	<b>135</b>
6.1	BIBLIOTECONOMIA .....	135
6.2	LETRAS – ITALIANO .....	140
6.3	LETRAS – ALEMÃO .....	146
6.4	MATEMÁTICA .....	151
6.5	ARQUIVOLOGIA .....	157
<b>7</b>	<b>ALGUMAS COMPARAÇÕES</b> .....	<b>163</b>
7.1	A COMPARAÇÃO: CURSOS MAIS CONCORRIDOS X CURSOS MENOS CONCORRIDOS .....	163
7.2	O PERFIL MÉDIO DE TODOS OS CURSOS .....	175
7.3	OS ALUNOS DAS CLASSES POPULARES DE TODOS OS CURSOS .....	177
<b>8</b>	<b>A AMOSTRA FINAL: ENTREVISTAS COM OS FORMANDOS DAS CLASSES POPULARES</b> .....	<b>195</b>
<b>9</b>	<b>TRAJETÓRIAS UNIVERSITÁRIAS DE ALUNOS DAS CLASSES POPULARES</b> .....	<b>225</b>

<b>10</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>279</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>293</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>305</b>
ANEXO 1 - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC) .....		305
ANEXO 2 - Instrumento do questionário aplicado a todos os formandos .....		308
ANEXO 3 - Diário de campo .....		327
ANEXO 4 - Dados do curso de Medicina .....		333
ANEXO 5 - Descrição dos dados do curso de Medicina .....		346
ANEXO 6 - Dados do curso de Arquitetura .....		351
ANEXO 7 - Descrição dos dados do curso de Arquitetura.....		361
ANEXO 8 - Dados do curso de Engenharia Civil .....		365
ANEXO 9 - Descrição dos dados do curso de Engenharia Civil .....		375
ANEXO 10 - Dados do curso de Direito .....		379
ANEXO 11 - Descrição dos dados do curso de Direito .....		390
ANEXO 12 - Dados do curso de Biblioteconomia .....		394
ANEXO 13 - Descrição dos dados do curso de Biblioteconomia .....		404
ANEXO 14 - Dados do curso de Letras – Italiano .....		408
ANEXO 15 - Descrição dos dados do curso de Letras – Italiano.....		417
ANEXO 16 - Dados do curso de Letras – Alemão .....		420
ANEXO 17 - Descrição dos dados do curso de Letras – Alemão .....		428
ANEXO 18 - Dados do curso de Matemática .....		431
ANEXO 19 - Descrição dos dados do curso de Matemática.....		439
ANEXO 20 - Dados do curso de Arquivologia.....		442
ANEXO 21 - Descrição dos dados do curso de Arquivologia .....		450
ANEXO 22 - Dados comparativos entre cursos mais concorridos X cursos menos concorridos .....		453
ANEXO 23 - Dados dos alunos das classes populares .....		462
ANEXO 24 - Dados de todos os alunos (média geral).....		472

## 1 INTRODUÇÃO

[Minha] decepção é que os países em desenvolvimento não se desenvolveram muito: continuam muito pobres. Tenho a impressão que no Brasil, há uma classe rica que sempre existiu, uma classe média que lucrou um pouco com a situação e que consegue viver, mas a pobreza, a miséria, a não-educação das crianças continuam de uma maneira muito cruel. A separação entre riqueza e pobreza permanece muito grande: a classe média procura se aproximar da classe alta e os pobres continuam sempre pobres (SNYDERS, 2006, p. 161)<sup>1</sup>.

\*

Uma das maiores fontes de contradição e sofrimento: muitas pessoas sofrem *duravelmente* a distância entre suas realizações e as expectativas parentais que não podem nem satisfazer nem repudiar (BOURDIEU, 1998, p. 588).

Em tempos de crescente concentração econômica, de conhecimento e de poder em favor das classes dominantes, tem remanescido apenas o protagonismo de um cenário de exclusão às demais classes. No caso do Brasil, os indicadores sociais têm evoluído nos últimos anos, entretanto, ainda não alcançaram níveis satisfatórios para toda a população, em especial no que tange à redução da desigualdade social. Assim, é preciso considerar que os números reais que se escondem nas estatísticas ainda desenham um cenário em que não se consegue dar conta razoavelmente das demandas sociais, muito menos de uma forma adequada para todas as parcelas da população, sendo que muitas persistem sem a garantia da dignidade humana.

Regra geral, o retrato socioeconômico do Brasil sugere que a desigualdade social impera não por falta de riquezas propriamente, mas, em especial, pela falta de distribuição destas

---

<sup>1</sup> George Snyders, professor honorário de Ciências da Educação da Universidade de Paris, em entrevista à Revista Zero-a-Seis.

riquezas entre as pessoas. Diante deste panorama, a educação brasileira, longe de ser adequada às necessidades existentes, tem se mostrado como importante fator de manutenção do *status quo* social. Também, tem contribuído consideravelmente para a perpetuação do ciclo de pobreza, vez que, ao instituir desigualdades escolares, consagra as desigualdades sociais. Pais com baixa escolaridade e ocupações de baixo retorno financeiro tendem a uma maior dificuldade para garantir melhores níveis de escolaridade para seus filhos, de modo a gerar um ciclo vicioso entre as gerações, com grandes chances dos descendentes reproduzirem o destino dos pais.

Na área da educação brasileira, subsistem inúmeros jovens que dependem de políticas públicas para garantir sua escolarização. Muitas vezes, sugere-se que a desigualdade educacional possa ser inclusive superior à de renda. Nestes termos, o investimento no ensino público é pressuposto para que crianças e adolescentes possam acessar seu direito à educação, com a devida qualidade. Os indicadores sociais refletem, sobretudo, que quanto maior o nível de escolaridade de um indivíduo, maior o nível de qualidade de vida que poderá alcançar, no sentido de acessar a bens materiais, melhores empregos, saúde, lazer etc.

Não por acaso, as classes populares estão mais propensas a consolidar o ciclo vicioso de que se fala, em sentido negativo: passam por sucessivas experiências de defasagem – ou mesmo de inexistência – de escolarização, em vista das condições materiais de subsistência desfavoráveis a que estão submetidas.

Ao contrário do que as prescrições legais dispuseram – de que se garantisse o ensino público e gratuito a todos –, as políticas públicas não as têm acompanhado: na qualidade de discurso, permanecem no nível das intenções. Forja-se, assim, um sistema educacional segregado, em que as classes mais favorecidas tendem a percorrem-no em direção à Educação Superior, ao passo que a grande massa popular, regra geral, limita-se, quando muito, aos anos obrigatórios da Educação Básica. Neste sentido,

Seja pública ou privada, a educação funciona hoje como um mercado no qual os indivíduos vão buscar “capitais” escolares. Ora, muitas

vezes, esse mercado é obscuro, somente os privilegiados conhecem as regras, as competições escolares não são mais transparentes do que as competições econômicas e, frequentemente, menos do que as competições esportivas (DUBET, 2011, p. 304).

Sobreleva, diante deste quadro, o papel fundamental que a família desempenha no processo de escolarização dos filhos. Observa-se que as famílias, a depender das condições de classe que possuem, mobilizam recursos de forma diferenciada para educá-los. No que tange à escolarização formal, preocupam-se para que passem pela Educação Básica, acessem o Ensino Superior e concluam sua formação, para que, futuramente, estejam bem posicionados no mercado de trabalho e, por extensão, na vida social.

Feitas algumas considerações iniciais para situar o objeto da pesquisa, esta tese almeja refletir acerca das trajetórias universitárias de jovens das camadas populares, a partir da compreensão das estratégias específicas adotadas no processo de formação no Ensino Superior. Interessa saber como, na prática, os universitários têm se mobilizado para garantir a efetivação do seu direito à educação, apesar de toda a sorte de adversidade a que estão expostos, especialmente, no que tange às precárias condições materiais de sua subsistência.

Será que esses jovens desafiam a lógica de que “o possuidor é possuído por aquilo que possui”? Ou, nos termos de Bourdieu, o raciocínio de que “o morto se apropria do vivo” (*“le mort saisit le vif”*), ou melhor ainda, de que “a herança herda o herdeiro”?<sup>2</sup> O herdeiro apropriado pela herança “embora possa não saber nem o que faz nem o que diz, ele nunca fará nem dirá nada que não esteja em conformidade com as exigências da herança” (BOURDIEU, 2011c, p. 84)? Como esses universitários lidam com os condicionamentos advindos da sua posição de herdeiro, ainda mais, de forma geral, quando a relação de seus predecessores com a escolarização não lhes é favorável? Qual a

---

<sup>2</sup> “Os herdeiros que, aceitando herdar, portanto ser herdados pela herança, conseguem se apropriar dela (o técnico filho de técnico ou o metalúrgico filho de metalúrgico), escapam das antinomias da sucessão” (BOURDIEU, 1998, p. 588).

probabilidade para se alcançar um caminho diverso e fugir de sua “sina escolar”?

\*

No capítulo 2, a tese inicia com a contextualização do cenário escolar atual no país, responsável pela formação básica dos universitários. Prossegue com a apresentação das linhas gerais do projeto de pesquisa e a apresentação do campo universitário, espaço no qual se imiscui o objeto da investigação.

No capítulo 3, apresenta-se a pesquisa exploratória efetuada em base de dados reconhecida, para melhor delineamento do tema da pesquisa na seara acadêmica.

No capítulo 4, mobiliza-se o acervo teórico eleito para o embasamento da pesquisa, além de se esboçarem as duas etapas essenciais de desenvolvimento para a escrita da tese.

No capítulo 5, apresentam-se os dados colhidos na primeira etapa da pesquisa, com o perfil das turmas de formandos dos 5 cursos universitários mais concorridos na UFSC.

No capítulo 6, segue o perfil das turmas de formandos dos 5 cursos universitários menos concorridos na UFSC.

No capítulo 7, delinea-se a comparação entre os perfis dos cursos anteriormente apresentados; um perfil “médio” de todos os cursos; e, por fim, o destaque para a amostra composta apenas pelos alunos das classes populares de todos os cursos.

No capítulo 8, aprofunda-se a investigação a partir das entrevistas feitas com os formandos das classes populares.

Por último, no capítulo 9, a pesquisa é encerrada com a análise das trajetórias universitárias destes formandos para, então, seguirem as considerações finais da tese.

\*

POR QUÊ?

*“Não... Minha família não pertence às classes populares. E eu também nunca enfrentei dificuldades econômicas...*

*Ainda criança, mudei-me de Santos/SP, onde nasci, para Joinville/SC, onde passei a infância e a adolescência, sempre cercada por uma boa condição socioeconômica para viver.*

*Meu pai, técnico contábil, jornalista e advogado de formação, hoje está aposentado do cargo de tabelião do seu antigo Cartório Miceli, no estado de São Paulo. Minha mãe, professora, ainda leciona Matemática, para o Ensino Médio do maior e mais tradicional colégio particular de Joinville, e Estatística e Contabilidade, para o Ensino Superior.*

*Durante toda a Educação Básica, eu e minha irmã quatro anos mais nova, sempre estudamos neste mesmo colégio particular onde nossa mãe trabalha.*

*A cada ano escolar, meu aproveitamento era melhor. Amava ler e escrever absolutamente tudo. Adorava a escola. Tive tempo e condições de participar até de um trabalho voluntário na periferia da cidade, com crianças da Educação Infantil, durante um ano do meu Ensino Médio.*

*Não por acaso, o Ensino Superior era, para mim, um destino certo. No meio do meu terceiro ano do Ensino Médio, passei em primeiro lugar geral no vestibular da ACAFE<sup>3</sup>, para o curso de Direito, e em terceiro lugar para o curso de Administração, da UDESC. Sem precisar, ganhei uma bolsa de estudos semestral de um cursinho pré-vestibular particular famoso da cidade, que mal cheguei a frequentar. E, no fim daquele ano de 2001, encerrei meu ciclo da Educação Básica com aprovação nos cursos que eu queria, nos lugares que escolhi: Direito na UFSC e Administração na UDESC, ambos na Capital de Santa Catarina.*

*Com o apoio da família, mudei para Florianópolis então com 17 anos, sozinha, para estudar nestes dois cursos ao mesmo tempo. Não precisei trabalhar em nenhum momento da minha formação para me sustentar. Estudei inglês e italiano, publiquei artigos, atuei um ano como conciliadora no Juizado Especial Criminal do Fórum Distrital do Norte da Ilha e fiz um ótimo estágio por três anos no Ministério Público de Santa Catarina durante este tempo.*

*Assim que me formei em Direito, como melhor aluna da turma, com a outorga da láurea acadêmica, já ingressei no serviço público, com nível superior. Rapidamente, de universitária à profissional do Direito, sem ter enfrentado um dia de desemprego. Caso eu não tivesse assumido esta vaga à época, tive outras duas boas propostas de trabalho em paralelo,*

---

<sup>3</sup> Associação Catarinense das Fundações Educacionais.

*do chefe do meu antigo estágio e do chefe de um outro colega de turma de quem obtive a indicação.*

*Também passei, ao mesmo tempo, na concorrida seleção para o Mestrado em Direito da UFSC. Trabalhava quarenta horas semanais no Ministério Público, cursava o Mestrado e dava aulas no projeto de extensão que embasava a minha dissertação: 'Projeto CRESCER DIREITO – Direito da Criança e do Adolescente na escola', para o Ensino Médio de uma escola estadual de um bairro da periferia de São José/SC, município vizinho de Florianópolis. Este Projeto (2008-2009) de inspiração freiriana me marcou muitíssimo: aprendi muito com aqueles jovens e, juntos, também recebemos o Selo Escola Solidária 2009 e o prêmio de primeiro lugar no V Concurso Nacional de Casos do Estatuto da Criança e do Adolescente, na categoria de documentário em vídeo.*

*Foi então que me senti motivada a cursar Pedagogia: fiz vestibular novamente, oito anos após o primeiro deles, e passei em primeiro lugar para o curso da UDESC.*

*Após me tornar mestre em Direito em 2010, passei no concurso público para a matéria de "Noções de Direito", para segundos e terceiros anos, em São José, numa escola municipal. Também, após seleção pública para professora substituta, assumi a matéria de Teoria do Processo para o curso de Direito da UFSC, e conciliava, ainda, aulas na Pós-Graduação em Direito numa instituição privada catarinense.*

*Em 2012, aos 27 anos, foi hora de pedir demissão do serviço público (onde estive por quase cinco anos) e de todas as minhas atribuições docentes e ingressar no Doutorado em Educação da UFSC, em primeiro lugar na minha linha, o que me rendeu uma bolsa de pesquisa CNPq.*

*Sim, também me formei Pedagoga, com habilitação em Orientação educacional na sequência.*

*E então? Depois de toda essa formação e de muitos artigos acadêmicos, capítulos de livros publicados, cursos de formação, aulas e palestras ministradas apesar da pouca idade..., por que o meu interesse pelas classes populares e sua escolarização?*

*Com certeza, para trilhar o meu caminho escolar e profissional, eu me esforcei. Sim! Eu sempre me esforcei muito, estudei muito, trabalhei muito. Mas é claro que todo o contexto que me cercava, além do meu perfil, contribuiu para isso... Eu*



*tive oportunidades! Várias. E fiz questão de aproveitar cada uma delas, da melhor forma possível.*

*E eles?*

*As crianças que conheci na creche do meu trabalho voluntário em Joinville?*

*Os clientes das classes populares que atendi no Escritório Modelo de Assistência Jurídica da UFSC em Florianópolis?*

*Os alunos do Projeto CRESCER DIREITO que concluíam o Ensino Médio em São José?*

*Os alunos de Direito da Criança e do Adolescente da escola municipal em que fui professora?*

*Os meus alunos do curso de Direito da UFSC que provinham das classes populares, majoritariamente ingressantes pelas ações afirmativas?*

*Tiveram quais oportunidades? Tiveram algum mérito?*

*Foi assim que, nesses anos de Doutorado que passaram, coloquei-me a serviço desta pergunta...”*

MARIANA SANT'ANA MICELI



## 2 O PROJETO DE PESQUISA

### 2.1 PARA CONTEXTUALIZAR: A ESCOLA QUE FORMA OS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

A alegria e o prazer na escola parecem ser, também, uma questão de elite, porque são as crianças das classes mais favorecidas que são bem-sucedidas. As crianças burguesas, sintam ou não alegria na escola, continuam a estudar, porque os pais acompanham-nas, ajudam-nas a formar hábitos de estudo e reforçam a idéia de que o futuro delas depende da escola (SNYDERS, 2006, p. 164)

A escola explicita uma das contradições mais fundamentais do mundo social contemporâneo: como nunca antes, abriu-se a todas as classes sociais. No entanto, ainda se percebe que tem servido à manutenção de profundas desigualdades. A escola tem se apresentado como um simulacro da defesa de que todos os jovens conseguirão alçar as mesmas posições sociais, no mesmo patamar socioeconômico, apenas e exclusivamente por seus méritos estudantis. A ficção da meritocracia assim impera como nunca para dissimular uma gama de injustiças escolares a que os estudantes estão expostos.

Em que pese a melhoria dos indicadores sociais relativos à educação, os dados ainda dão conta de uma situação bastante grave no Brasil. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad/IBGE)<sup>4</sup>, 8,3% da população brasileira ainda é analfabeta. A taxa de analfabetismo varia bastante conforme a região: 16,9% no Nordeste; 9,5% no Norte; 6,5% no Centro-Oeste; 4,8% no Sudeste; e 4,6% no Sul. A taxa de escolaridade média da população, em relação aos 8 anos previstos como obrigatórios, encontra-se em 5,75 anos para a população branca e 4,04 anos para a população não branca. O acesso ao Ensino Fundamental já foi praticamente universalizado, com 97,7% de

---

<sup>4</sup> Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2013>. Acesso em: 21.set.2015. A última coleta de dados data de 2009.

frequência dos jovens de 7 a 14 anos, o que não significa dizer que inexistem desigualdades entre as regiões brasileiras, entre classes sociais, entre sexo e raça. Isso ajuda a entender a dificuldade na progressão dos alunos para o Ensino Médio: apenas 48,9% dos jovens de 15 a 17 anos estão nesta etapa. Se o foco de análise for o Ensino Superior, o gargalo é ainda maior: na faixa de 18 a 24 anos – estimada como parâmetro para cursar este nível – apenas 15,10% dos jovens encontram-se estudando ou já concluíram o curso. Neste quadro, já é possível notar que o acesso à educação decresce consideravelmente na medida em que o nível de ensino fica mais elevado. Logo, em que grau a educação brasileira está, de fato, comprometida com a real redução das desigualdades em favor daquelas pessoas que, historicamente, estão situadas num cenário de desvantagens socioeconômicas?

A expansão da escolarização dos sistemas públicos de ensino atinge, notadamente, os jovens das camadas populares, o que vem consubstanciando um fenômeno de massificação do sistema de ensino, sobretudo, de nível fundamental e médio, sem contar, no entanto, com um aumento proporcional de investimentos no setor (PEREGRINO, 2010). Significa dizer que a massificação do ensino tem se realizado às custas da diminuição dos gastos destinados a cada aluno e da sobrecarga de recursos humanos e da infraestrutura física e seus equipamentos didáticos.

Neste cenário, a escola pública brasileira, cotidianamente, recebe muitos educandos que trazem consigo dificuldades de toda ordem, a começar pelos empecilhos atrelados à satisfação de suas necessidades mais básicas, como alimentação, moradia e saúde. As dificuldades vão desde o transporte para se chegar à escola até o enfrentamento da aversão que a instituição apresenta em relação a sua cultura, sem esquecer a deficiência dos recursos materiais e a austeridade do sistema educacional baseado numa vigilância constante e em instrumentos autorreguladores como notas, progresso escolar, mérito, sanções normalizadoras e correção de comportamentos. Esta situação toda questiona se a educação atual oportunizada na escola pode realmente servir à conquista da igualdade entre todos.

O que se tem visto é que a escola tem se prestado tradicionalmente à consolidação da estrutura classista e, por consequência, à manutenção de desigualdades sociais ao

produzir diversas desigualdades escolares. Quer dizer, “nossos sistemas educacionais são fragmentados, hierarquizados, estruturados em redes, o que não favorece nem a igualdade de oportunidades, nem a manifestação dos dons e talentos individuais” (VALLE, 2010, p. 41).

Não há como olvidar que as desigualdades verificadas fora da escola repercutem no ideal meritocrático escolar e distorcem-no, tendo em vista que o princípio de justiça ali incutido privilegia certos interesses (dominantes) em detrimento de outros (dominados). Ademais, a política educacional vigente no Brasil tem acobertado uma progressiva desobrigação do Poder Público com o custeio e a manutenção da educação, além de ter incentivado e até mesmo financiado a expansão do ensino privado que, como tal, rege-se pelas leis da iniciativa privada e lida de forma mercantilizada com o processo educativo. Em outros termos,

Não é raro que aqui, como em toda parte, a fala que idealiza a educação esconda, no silêncio do que não diz, os interesses que pessoas e grupos têm para os seus usos. Pois, do ponto de vista de quem controla, muitas vezes definir a educação e legislar sobre ela implica justamente ocultar a parcialidade destes interesses, ou seja, a realidade que eles servem a grupos, a classes sociais determinadas, e não tanto “a todos”, “à Nação”, “aos brasileiros” (BRANDÃO, 2005, p. 60).

Esta é a visão condizente com as condições de existência da educação atual. O que a legislação e a política educacional propalam é uma educação que vale como bem de mercado, e não, do ponto de vista jurídico, como um bem de todos, a ser distribuído pelo Estado no interesse da coletividade. Por extensão, como se está diante de uma sociedade de classes, a educação não está a salvo de marcas classistas. Por isso, com mais razão ainda, tem sido apresentada como democrática, amparada em leis legítimas e destinada ao bem de todos, para que possa permanecer com a sua finalidade opressiva das camadas populares. Valle (2014, p. 65) explica que

Enquanto os “herdeiros” vêm reconhecidos e transformados em vantagens escolares os saberes, o saber-fazer, o saber-ser, o saber-dizer, o saber-parecer que trazem do meio familiar (patrimônio das classes privilegiadas), as crianças dos meios não escolarizados têm tudo a aprender. Para elas, a aquisição da cultura escolar (cultura “legítima”, validada por exames e diplomas) constitui-se num verdadeiro processo de aculturação.

Neste passo, o que se pode notar das normas e políticas relativas ao ensino é que têm afirmado valores de uma suposta democracia, quando, na verdade, dissimulam o fato de que na educação aludida subjaz um sistema de desigualdades sociais. E esta constatação não é nenhuma surpresa, pois “Afirmar como idéia o que nega como prática é o que move o mecanismo da educação autoritária na sociedade desigual” (BRANDÃO, 2005, p. 97).

É interessante notar que

A verdade do poder escapa frequentemente às massas populares, não porque o Estado a esconda, mascare expressamente; sim, porque, por razões infinitamente mais complexas, as massas não conseguem compreender o discurso do Estado às classes dominantes (POULANTZAS, 2000, p. 32).

É assim que o Estado, enquanto lugar central do exercício do poder político, embora não possua poder próprio, é o espaço em que ocorre a organização estratégica da classe dominante em sua relação com as classes dominadas. Por isso, contribui para fabricar individualidades mediante o emprego de um conjunto de técnicas de saber (“a ciência”) e de práticas de poder (“as disciplinas”) (FOUCAULT, 2002)<sup>5</sup>. Neste particular, as

---

<sup>5</sup> Neste aspecto, os estudos de Foucault são relevantes porque versam sobre a análise materialista de certas instituições de poder – o que confirma e enriquece as análises marxistas, sob certas condições, conforme aponta Poulantzas (2000, p. 67), para quem “o papel do

práticas de poder visam concretizar um procedimento de “normalização” (homogeneização) no intuito de classificar, hierarquizar e distribuir posições aos agentes conforme seu pertencimento social; o que pressupõe a individualização a fim de medir os “desvios” da norma, tornando úteis as diferenças. O poder político, ao tornar visíveis e explícitas as divisões sociais, é consubstanciado diretamente na luta pelas classificações, dimensão fundamental da luta de classes. Note-se que

Essa individualização constitui a figura material das relações de produção e da divisão social do trabalho nos corpos capitalistas, e igualmente consequência material das práticas e técnicas do Estado, criando e subjugando o corpo (político) (POULANTZAS, 2000, p. 64).

Logo, o emprego de técnicas de saber e das disciplinas no bojo do Estado suplanta a mera inculcação ideológica e também a simples repressão física, já que funda a individualização do corpo social. O poder político, neste passo, “é o poder de fazer grupos, de manipular a estrutura objetiva da sociedade” (BOURDIEU, 2004a, p. 167).

A ideologia dominante – haja vista que, conforme assinala Poulantzas, só existe ideologia como ideologia de classe<sup>6</sup> – está impregnada nos aparelhos ideológicos de Estado, formais e informais (escola, igreja, mídia etc.), cuja função é também reproduzir essa ideologia, o que é muito relevante na constituição e reprodução da divisão social do trabalho, das classes sociais e

---

Estado traduz-se na materialidade de suas técnicas de exercício de poder, consubstancial à sua estrutura própria: técnicas que moldam os agentes sobre os quais se exerce o poder até mesmo em sua corporeidade”.

<sup>6</sup> Para Poulantzas (2000, p. 27), “O Estado não pode sancionar e reproduzir o domínio político usando como meio exclusivo a repressão, a força ou a violência ‘nua’, e, sim, lançando mão diretamente da ideologia, que legitima a violência e contribui para organizar um consenso de certas classes e parcelas dominadas em relação ao poder público. A ideologia não é algo neutro na sociedade, só existe ideologia de classe. A ideologia dominante consiste especialmente num poder essencial da classe dominante”.

do domínio de classe. Na categoria dos aparelhos ideológicos informais, a escola é uma das instâncias que assessoram o Estado no desenvolvimento de técnicas que moldam os agentes sobre os quais se exerce o poder da classe dominante. Por isso, é importante que se frise que a lei, em sentido geral, não intervém contra a violência que autoriza as desigualdades sociais, mas organiza seu exercício no contexto social, em especial para abafar a resistência dos excluídos do poder<sup>7</sup>. É fato que

A lei apenas engana ou encobre, reprime, obrigando a fazer ou proibindo. Também organiza e sanciona *direitos reais* das classes dominadas (claro que investidos na ideologia dominante e que estão longe de corresponder em sua aplicação à sua forma jurídica) e comporta os compromissos materiais impostos pelas lutas populares às classes dominantes (POULANTZAS, 2000, p. 82).

Na sociedade de consumo atual, com tendência massificadora, não se discutem as diferenças materiais entre as pessoas, e assim, há uma profusão de direitos e garantias abstratos. Dizer às pessoas que elas são sujeitos plenos de direitos apenas porque a lei assim as reconhece é um perfeito instrumento de alienação, pois toda e qualquer declaração de direitos, sem a correlata oferta de condições materiais para seu exercício, é pura verborragia, instaurada para manter a massa popular no mesmo lugar em que sempre esteve no mundo: na margem do sistema político, econômico, social e educacional. É claro que a própria produção da lei instituidora de direitos se curva diante do sistema capitalista em que está inscrita.

O problema não é propriamente a produção social das diferenças neste sistema, mas o fato de que, a partir delas, consolidam-se relações de poder que classificam-nas e hierarquizam-nas, a fim de se estabelecer a submissão entre grupos sociais. Quando está em jogo o uso da força na formação

---

<sup>7</sup> “As classes populares sempre estiveram presentes no Estado sem que isso tenha modificado jamais alguma coisa no núcleo essencial do Estado” (POULANTZAS, 2000, p. 146).



dos vínculos sociais, o grupo que se apodera da condução do processo tende a discriminar os demais em função das diferenças apresentadas, que, então, passam efetivamente a ser encaradas como desigualdades reais.

E a educação? Como lidar com práticas pedagógicas excludentes que estão postas em todas as instituições desta natureza? Do ponto de vista especificamente institucional, o sistema educacional pode ser melhor interpretado como um espaço próprio da sociedade desigual, e não como uma instância à parte. Como diria Dubet (2008, p. 09), trata-se de vislumbrar na prática a probabilidade de se buscar “uma escola tão justa quanto possível ou, melhor ainda, uma escola menos injusta possível”.

Ao longo da história brasileira, com a abertura do sistema educacional – seja em termos de ampliação de vagas, seja pelo prolongamento dos anos de escolarização obrigatória –, para que jovens oriundos das famílias<sup>8</sup> desprovidas econômica e culturalmente tivessem acesso aos diferentes níveis do sistema escolar, operou-se uma mudança no valor econômico e simbólico dos títulos escolares. A entrada nas escolas, de categorias sociais que até então se consideravam ou estavam praticamente delas excluídas, também teve o impacto de evidenciar que o insucesso escolar não seria mais, ou não mais unicamente, imputável às insuficiências pessoais, isto é, naturais dos excluídos. Bourdieu e Champagne (1998, p. 220) explicam que,

depois de um período de ilusão e mesmo de euforia, os novos beneficiários compreenderam, pouco a pouco, que não bastava ter acesso ao ensino secundário para ter acesso às posições sociais que podiam ser alcançadas com certificados escolares.

Deste modo, ainda que “Os alunos e seus pais [*venham*] à escola buscar qualificações num mercado de diplomas” (DUBET,

---

<sup>8</sup> Neste trabalho, a concepção de família utilizada é ampla e foge a enquadramentos prévios, para que possa compreender vários perfis familiares, na esteira do que preconiza Giddens (2005): relacionamentos dos quais os filhos são provenientes podem se desfazer, mas as famílias nunca se desfazem.

2011, p. 301), a desvalorização destes, a que estão submetidos os extratos desprivilegiados dos estudantes, representa que

a instituição escolar tende a ser considerada cada vez mais, tanto pelas famílias quanto pelos próprios alunos, como um engodo, fonte de uma imensa decepção coletiva: essa espécie de terra prometida, semelhante ao horizonte, que recua na medida em que se avança em sua direção (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 1998, p. 221).

Os próprios estudantes subestimam a contribuição da escola para a sua vida, muito embora, em outros momentos, possam achar que o seu futuro profissional restará prejudicado sem ela: “Configura-se desse modo, uma ambiguidade caracterizada pela valorização do estudo como uma promessa futura e uma possível falta de sentido que encontram no presente” (SPOSITO, 2005, p. 124). A cada vez que os títulos se tornam mais indispensáveis numa sociedade, mais interesse os atores possuem, individualmente, de aumentar as distâncias escolares para que possam fazer diferença. Se não notam a diferença, é possível que a posse do título já tenha caído em desvalorização. Para Dubet, Duru-Bellat e Véréttout (2012, p. 48),

Nesse caso, pode-se imaginar que, quanto mais “rentáveis” os diplomas, até mesmo aparentemente indispensáveis, mais interesse têm os alunos e as famílias de endurecer a competição escolar a fim de garantir as vantagens diferenciais que fundamentam a utilidade dos diplomas. E quanto mais as famílias se envolvem nessa lógica, mais consolidam as desigualdades, já que os mais bem colocados farão tudo para manter sua posição escolar para reproduzir a posição social, e provavelmente terão êxito nisso exatamente devido às suas vantagens.

Quer dizer, se a escola é responsável por referendar a produção e comprovação das capacidades dos indivíduos, ao passo que tem a função social de conservação de privilégios, as sociedades modernas acolhem o sistema de ensino para que

vantagens sociais possam se converter em vantagens escolares, as quais, por sua vez, retornam como vantagens sociais, como, por exemplo, no exercício profissional. Neste mecanismo da reprodução social, o fato de se conhecer a influência do sistema de ensino na produção dos destinos individuais implica que as desigualdades escolares possam ser provocadas e aprofundadas legitimamente. Aqueles que conseguem superar as adversidades e contrariar a previsão de reprodução de seu destino social aparecem como exceções “possíveis” e dão crédito ao sistema meritocrático. Segundo Bourdieu e Passeron (2012, p. 206),

Longe de ser incompatível com a reprodução da estrutura das relações de classe, a mobilidade dos indivíduos pode concorrer para a conservação dessas relações, garantindo a estabilidade social pela seleção controlada de um número limitado de indivíduos, ademais modificados por e pela ascensão individual, e dando assim sua credibilidade à ideologia da mobilidade social que encontra a sua forma realizada na ideologia escolar da escola libertadora.

Ou seja, com a diversificação de seus ramos e a instituição de procedimentos de orientação e seleção cada vez mais precoces, o sistema de ensino tem consagrado práticas de exclusão brandas, isto é, dissimuladas por quem as exerce e invisíveis aos olhos daqueles que são suas vítimas, em sua maioria, os estudantes de famílias desprivilegiadas. Assim, a escola apresenta relações íntimas de manutenção dos agentes nos espaços em que se encontravam suas posições sociais antes de ingressarem no sistema de ensino: a escola seria responsável por “um número cada vez maior de indivíduos atingidos por essa espécie de mal-estar crônico instituído pela experiência – mais ou menos completamente recalcada – do fracasso escolar, absoluto ou relativo” (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 1998, p. 222). Daí se dizer que

O fracasso institucional escolar tem raízes históricas. Ousamos elencar, dentre outras, o próprio acesso não democratizado à escola, a falta de qualidade do ensino, a

inadequação na formação do educador, além da degradação das condições de seu trabalho – e não podemos [nos] esquecer da proposta “político-pedagógica” imposta e definida para sacramentar a incompetência, intelectual, emotiva e de aprendizagem, dos poucos que conseguem nela permanecer; materializada não só por um currículo irreal, bem como por uma concepção metodológica, formal, mecanicista e aviltadora dos que participam do ato educativo (GRAZIANI *in* CURY, 2008, p. 217).

As defasagens do cenário brasileiro indicam que a educação ainda não pode ser considerada uma prioridade nacional, ainda mais quando se atenta para seu problema mais grave, a falta de qualidade do ensino ofertado. A efetivação do direito à educação de crianças e adolescentes deveria privilegiar o ingresso (e o regresso, se fosse o caso), a permanência e, sobretudo, o seu bom aproveitamento nas instituições escolares, entretanto, “Tornou-se evidente o fato de que ampliar o acesso à escola não garante a igualdade de oportunidades, nem um percurso de êxito para as crianças das classes sociais menos favorecidas (VALLE, 2010, p. 20).

Veja-se que o funcionamento e as funções do sistema de ensino possuem relação direta com a desistência (ou com a resistência resignada) dos alunos das classes populares, pois estão diante de uma instância de seleção, de eliminação e de dissimulação desta eliminação. Não é por acaso que, quando se fala em oportunidades escolares, há uma representação desigual das classes sociais nos diferentes graus e tipos de ensino, o que vai muito além do argumento dependente da performance escolar dos alunos: situa-se, principalmente, na série de vantagens e desvantagens que se prendem à própria origem social de cada um. Nestes termos,

todo ato de escolha singular pelo qual um indivíduo se exclui do acesso a um ciclo de ensino ou se resigna a um tipo desvalorizado de estudos subentende o conjunto das relações objetivas (que preexistiam a essa escolha e que sobreviverão à mesma) entre sua classe social e o sistema de ensino, pois

um futuro escolar só é mais ou menos provável para um indivíduo determinado na medida em que constitui futuro objetivo e coletivo de sua classe ou de sua categoria. Eis porque a estrutura das oportunidades objetivas de ascensão social em função da classe de origem e, mais precisamente, a estrutura das oportunidades de ascensão pela escola, condiciona disposições que contribuem por sua vez de uma maneira determinante para definir as oportunidades de ter acesso à escola, de aderir às suas normas e de nela ter êxito, e por conseguinte as oportunidades de ascensão social (BOURDIEU; PASSERON, 2012, p. 190).

Quando se fala, então, do nível superior, as mazelas já anunciadas na Educação Básica parecem refletir-se especialmente no percurso dos jovens provenientes dos extratos mais pobres da população. Ao contrário, “Em todos os países, mas em graus diversos, os alunos originários das categorias sociais mais privilegiadas apresentam rendimento melhor, cursam estudos mais longos, mais prestigiosos e mais rentáveis que os outros” (DUBET, 2008, p. 27). É esta problemática que circunscreve o objeto desta pesquisa: vislumbrar como se constituem as trajetórias universitárias de jovens oriundos das camadas populares.

## 2.2 O PROJETO DE PESQUISA: RECURSOS METODOLÓGICOS

Mais do que sonhar em atingir o segredo das almas, aceitemos as coisas como elas se apresentam sem acreditar muito e sem muito duvidar delas. Basta observar que os agentes são obrigados a se construir, inclusive numa boa-fé relativa, que essa construção compromete uns com os outros e que os sociólogos não são muito diferentes daqueles que eles observam e ouvem (DUBET, 2014, p. 360)

Este trabalho se propõe a analisar de que modo se projetam as trajetórias de alunos que, apesar de condições socioeconômicas desfavoráveis, conseguem percorrer o Ensino Superior brasileiro e concluí-lo. Neste particular, supõe-se que, independentemente da classe social a que pertença o agrupamento familiar, seu trabalho escolar existe, ainda que possa ser reduzido e descontínuo.

Portanto, o problema que se coloca é o seguinte: quais são essas estratégias materiais e simbólicas, adotadas pelo estudante das classes populares e por sua família, que caracterizam sua trajetória universitária?

Parte-se da hipótese de que os alunos que acessam o Ensino Superior não ocupam a mesma “posição” na Universidade, no sentido de que há diferenças na composição de capitais que cada um detém (sobretudo, o econômico), o que oportuniza condições diferenciadas também para a sua formação universitária. Assim, os jovens de camadas populares<sup>9</sup> (classes D e E) e suas respectivas famílias desempenham ações específicas ao longo do percurso de formação para que seja esta, após acessada, concluída. Neste sentido, a importância que a família confere à progressão da escolaridade dos filhos parece ser relevante para que acessem o Ensino Superior. Assim, se “Os estudantes não são todos estudantes no mesmo grau e os estudos ocupam um lugar variável em suas vidas” (ZAGO, 2011b, p. 141), torna-se relevante investigar as dinâmicas socializatórias imanentes às trajetórias desses alunos.

---

<sup>9</sup> No Brasil, existem diversos critérios que se prestam a definir as classes sociais, sem que haja preponderância de algum deles sobre os demais. Portanto, para a consecução da presente pesquisa, adota-se o critério **por faixas de salários-mínimos (SM)**, a partir dos dados do censo populacional constantes da base do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE). Segundo o IBGE, existem cinco classes sociais (ou cinco faixas de renda):

(1) Classe A – renda familiar acima de 20 SM;

(2) Classe B – renda familiar de 10 a 20 SM;

(3) Classe C – renda familiar de 4 a 10 SM;

**(4) Classe D – renda familiar de 2 a 4 SM;**

**(5) Classe E – renda familiar de até 2 SM.**

Em atenção a este parâmetro, as classes populares compõem as classes D e E.

A estreita ligação da formação universitária com o mercado de trabalho indica que, durante o curso superior, diferentes capitais serão mobilizados pelos estudantes para estruturarem suas carreiras futuras e manterem suas condições de classe, se forem da classe alta, ou melhorarem suas condições, se forem da classe média ou da classe popular. Para quem provém da classe popular, a ideia é de que o acesso ao Ensino Superior é uma oportunidade de ampliação de seus capitais – visto que o momento universitário traz especialmente projeções futuras para o mercado de trabalho.

Para operacionalizar a sistematização teórica a respeito do assunto não se pôde prescindir do estudo do campo empírico, o qual, por sua vez, só pôde ter seus mecanismos de funcionamento desvelado a partir das proposições teóricas lançadas no projeto de pesquisa. Assim é que, metodologicamente, com o objetivo de investigar as impressões dos estudantes das classes populares a respeito de suas trajetórias universitárias, esta tese se embasa em uma pesquisa de campo, sob a perspectiva comparativa, realizada nos cinco cursos de graduação mais concorridos<sup>10</sup> e nos cinco cursos menos concorridos da Universidade Federal de Santa Catarina, a partir da aplicação de questionários com a totalidade dos alunos formandos destas turmas (isto é, que cursavam o penúltimo semestre da graduação no momento da colheita de dados, primeiro semestre de 2014).

Na sequência, foram selecionados alunos de cada turma que tenham se definido, quando da aplicação do questionário, como provenientes das classes populares, para a realização de entrevistas semi-estruturadas, a fim de descreverem suas trajetórias universitárias então no último semestre de graduação, qual seja, o segundo semestre de 2014<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> No caso deste trabalho, os cursos que apresentaram maior índice de candidato por vaga são considerados altamente seletivos e elitizados, contudo, é preciso considerar que nem sempre um curso com alto índice de concorrência seja desta natureza.

<sup>11</sup> Os alunos que foram entrevistados não necessariamente cursaram todos os anos da Educação Básica em escola pública, pois importa que a família esteja situada, por suas condições socioeconômicas, no estrato popular da população brasileira. Ademais, considerando que a Universidade Federal de Santa Catarina adotou, desde o ano letivo de

O recurso a instrumentos de pesquisa como o questionário e a entrevista semi-estruturada (a partir de roteiros pré-definidos, com perguntas abertas) oportunizou um levantamento de dados para uma pesquisa do tipo qualitativa, muito embora, na primeira fase da pesquisa de campo, tenham-se colhido informações com relevância quantitativa também.

A metodologia escolhida implica trabalhar o objeto da pesquisa na perspectiva relacional, o que significa utilizar o recurso de que o real é relacional. Por isso, a utilização de questionários e de entrevistas nesta investigação, já que oferece condições adequadas para o estudo das organizações sociais na totalidade, a partir da imersão em uma delas especialmente (a UFSC). O recurso da entrevista na pesquisa social especificamente pode revelar que o processo de produção do significado é tão importante quanto o significado produzido. A necessidade de se recorrer às entrevistas justamente adveio da noção de que “A propensão para tomar a palavra, até mesmo, da maneira mais rudimentar – ou seja, produzir um sim ou um não, ou inscrever uma cruz diante de uma resposta pré-fabricada – é estritamente proporcional ao sentimento de ter o direito à palavra” (BOURDIEU, 2011a, p. 384).

Os limites dos dados coletados no questionário foram balizados pelas entrevistas. De qualquer forma, foi preciso

sobretudo, aprender pouco a pouco a transgredir a regra não escrita que deseja que apenas possam intervir na construção científica os dados coletados em condições socialmente definidas como científicas, isto é, pela entrevista ou observação armada, para fazer ressurgir toda as informações que o sociólogo, enquanto agente social, possui inevitavelmente e que, controlada pela confrontação com os dados mensuráveis da observação, podem entrar no discurso científico (BOURDIEU, 2011a, p. 466).

---

2008, com base na Resolução n. 008/2007, do Conselho Universitário (CUn), o sistema de cotas para egressos de escolas públicas, este fato foi levado especialmente em conta, pois, a partir de 2012, os cursos de graduação de 4 (quatro) anos começaram a formar os primeiros alunos que ingressaram por meio deste sistema.



Assim é que, a partir de um olhar sociológico, desvelar/desnaturalizar o objeto de pesquisa se torna possível. Ou seja, não tomar as informações preexistentes a seu respeito como absolutas e passar a encará-las de acordo com o contexto em que são forjadas e, também, de acordo com os agentes que assim as apreendem em suas compreensões.

O teórico francês Pierre Bourdieu, uma das principais referências que norteiam esta tese, procurou superar em sua obra a oposição entre objetivismo e subjetivismo, de modo a fundar uma teoria praxiológica, com o intuito de explicar como acontece o ajustamento das partes da estrutura e da ação dos agentes. Assim é que, por buscar compreender como os agentes assimilam as estruturas sociais que lhes são externas, começa a caracterizá-las como disposições duráveis e estáveis em suas ações e representações: o que denomina de “*habitus*”<sup>12</sup>, cuja conotação é melhor detalhada adiante. Segundo Bourdieu, o *habitus* é moldável pelo espaço social e pela ação do agente – a qual está indissociavelmente relacionada a uma condição de classe, seja o processo consciente ou não. Nesse conceito também se pode inscrever a noção de “estratégias” materiais e simbólicas empregada para compreender as trajetórias dos formandos neste trabalho.

Assim se pode deduzir que o objeto de pesquisa é um constructo teórico relativo, que, para ser desvelado, incita que as condições de sua produção e os modos de interpretá-lo sejam evidenciados.

## 2.3 A PESQUISA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

A ciência social considera, em sua construção do mundo social, o fato de que os agentes são eles próprios, em sua prática comum, os agentes de atos de construção desse mundo; mas que ela adota como objeto, entre outros aspectos, de descrever a *gênese social* dos princípios de construção e que, no mundo social da maneira como ela

---

<sup>12</sup> As expressões teóricas cunhadas por Bourdieu, regra geral, aparecem entre aspas em sua primeira menção feita no texto, a fim de que recebam destaque.

consegue apreendê-lo, procura o fundamento de tais princípios (BOURDIEU, 2011a, p. 435).

Esta tese assinala a necessidade de concepção de uma pesquisa com os universitários provenientes das classes populares, situando-os como agentes, cujas ações, ao mesmo tempo em que são moldadas pelo entorno social, também têm condições de nele interferir, segundo o aporte da perspectiva sociológica. Esses agentes da pesquisa são, portanto, concebidos como “protagonistas e repórteres competentes das suas próprias experiências e entendimentos” (FERREIRA, 2008, p. 149).

No processo de coleta de dados em pesquisas desta natureza é possível vislumbrar um ato educativo, haja vista que

a pesquisa, como ato de conhecimento, tem como agentes cognoscentes, de um lado, os **pesquisadores profissionais**; de outro, os **grupos populares** e, como objeto a ser desvelado, a **realidade concreta**. Quanto mais, em tal forma de conceber e praticar a pesquisa, os grupos populares vão aprofundando como agentes, o ato de conhecimento de si em suas relações com a sua realidade, tanto mais vão podendo superar ou vão superando o conhecimento anterior em seus aspectos mais ingênuos. Deste modo, fazendo pesquisa, educo e estou me educando com grupos populares (FREIRE *in* BRANDÃO, 1983, p. 36).

Nestes termos, ante os testemunhos feitos, os agentes observados encontram a oportunidade de se questionar acerca do que lhes é perguntado. Tal atitude é propícia à construção de sua conscientização política – ainda que provisória – a partir do propósito desta pesquisa.

Por isso, o fazer pesquisa educa todos os envolvidos, que, na presença uns dos outros, em aberto diálogo, podem alcançar um momento de reflexão. Nesta, há o esforço pelo respeito entre diferentes níveis de conhecimento, nem melhores, nem piores, mas que, no fundo, complementam-se. Assim, a pesquisa, na

qualidade de ato educativo, acaba por se revelar na “objetivação participante”, um difícil exercício para se desprender das convicções apriorísticas mais profundas e inconscientes que toda pessoa possui. Para a compreensão dos determinantes sociais de um fenômeno sociológico, é necessário, no caso do pesquisador, conciliar as vantagens de pertencer ao campo (universitário) e dele participar, com o exercício de exterioridade a ele, isto é, de construir uma distância objetivante em função do recorte de sua investigação. Esse procedimento de “objetivar o agente objetivante” (BOURDIEU, 2004a, p. 114) é sinônimo de objetivar o ponto de vista: ao se observar o mundo social, o agente deve perceber a necessidade de situar sua teorização à distância das práticas sociais. Para Bourdieu (2011c, p. 34),

construir um objeto científico, é, antes de mais e sobretudo, romper com o senso comum, quer dizer, com representações partilhadas por todos, quer se trate dos simples lugares-comuns da existência vulgar, quer se trate das representações oficiais, frequentemente inscritas nas instituições, logo, ao mesmo tempo na objetividade das organizações sociais e nos cérebros.

Este rompimento seria, na realidade, uma “conversão de olhar”, um novo olhar, um olhar verdadeiramente sociológico sobre o problema analisado:

Aquilo a que se chama a “ruptura epistemológica”, quer dizer, o pôr-em-suspensão as pré-construções vulgares e os princípios geralmente aplicados na realização dessas construções, implica uma ruptura com modos de pensamento, conceitos, métodos que têm a seu favor todas as aparências do *senso comum*, do bom senso vulgar e do bom senso científico (tudo o que a atitude positivista dominante honra e reconhece). (BOURDIEU, 2011b, p. 49)

Veja-se que todo problema foi socialmente produzido quando da construção coletiva da realidade social. O que há não

são propriamente “problemas” em torno de objetos científicos, mas uma “história social dos problemas”, assim como dos instrumentos de pensamento e de expressão. A história deles revela justamente o processo (incessante) de construção da sociedade.

Partindo-se do pressuposto de que mesmo o que não compõe a pesquisa é uma escolha deliberada do pesquisador, é importante ressaltar alguns detalhes. O objetivo deste estudo não é analisar a qualidade do ensino público, comparativamente ou não, à do privado; nem referir se é ele que oferta subsídios para que o universitário seja bem sucedido no mercado de trabalho. O objetivo, na realidade, é procurar compreender a trajetória universitária dos alunos das classes populares.

“Classes populares” ou “camadas populares” são expressões que aqui devem ser tratadas como categoria descritiva, não como conceito, já que existem muitas indefinições e dificuldades que gravitam no entorno do termo “classe social” (ROMANELLI, 2003). Neste particular, Bourdieu (2004a, p. 95) acrescenta que o pertencimento a uma classe é construído no espaço social, que, mediante as distâncias (medidas pela quantidade de capital dos agentes), define “proximidades e afinidades, afastamentos e incompatibilidades, em suma, probabilidades de pertencer a grupos realmente unificados, famílias, clubes ou classes mobilizadas”. Por conseguinte, é no que chama de “luta das classificações”, onde se disputa a prevalência de um determinado recorte do espaço social, que se localiza a categoria “classe”. Neste particular, a categoria de classe objetiva seria

um conjunto de agentes situados em condições homogêneas de existência, impondo condicionamentos homogêneos e produzindo sistemas de disposições homogêneas, próprias a engendrar práticas semelhantes, além de possuírem um conjunto de propriedades comuns, propriedades *objetivadas*, às vezes, garantidas juridicamente – por exemplo, a posse de bens ou poderes – ou *incorporadas*, tais como os *habitus* de classe – e, em particular, os sistemas de esquema classificatórios (BOURDIEU, 2011a, p. 97).

Assim, camadas populares enquanto categoria relacionada à teoria de estratificação social coloca-se como elemento para descrever a população em função, principalmente, da renda de seus integrantes.

A história social de cada classe carrega suas condições de produção, as quais tendem a criar condições de sua própria reprodução. O que isto significa? Que a condição de classe está inscrita em coisas e em corpos e, desafiar sua força geradora (e reprodutora), não é ação fácil ou simples. Isto

suporia a destruição, a neutralização ou a reconversão de uma parte maior ou menor da herança histórica – que é também um capital –, e mesmo mais difíceis de pensar, porque os esquemas de pensamento e de percepção são, em cada momento, produto das opções anteriores transformadas em coisas (BOURDIEU, 2011c, p. 101).

Se é possível representar o mundo social como um espaço multidimensional regido por princípios de diferenciação em relação ao conjunto de propriedades que determinam este universo, quem delas se apropria, em determinado grau, menor ou maior poder e força terá neste espaço. Por consequência, agentes e seus respectivos grupos podem ser definidos pelas posições relativas que ocupam neste universo, que, em suma, é um campo de forças em permanente disputa. Esta noção é expressa por Bourdieu, para quem a classe social não representa uma somatória de propriedades, mas se constitui na estrutura das relações entre todas as propriedades<sup>13</sup>, fato que atribui valor específico a cada uma delas e as hierarquiza na prática social. Ora, se “todo campo, enquanto produto histórico, gera o interesse” (BOURDIEU, 2004a, p. 128), é este último que faz com que as pessoas concorram, rivalizem e lutem nas posições em que se encontram – o que implica investimentos diversos, de trabalho, de tempo, de dinheiro etc.

Conforme Bourdieu, os grupos estão distribuídos no espaço social em razão do volume de capital global que possuem e também de sua composição. O “capital”

---

<sup>13</sup> Renda, sexo, origem social, escolaridade etc.

representa um poder sobre um campo (num dado momento) e, mais precisamente, sobre o produto acumulado do trabalho passado (em particular sobre o conjunto de instrumentos de produção), logo sobre os mecanismos que contribuem para assegurar a produção de uma categoria de bens e, deste modo, sobre um conjunto de rendimentos e ganhos (BOURDIEU, 2011c, p. 134).

O capital pode existir tanto no estado objetivado, na modalidade de propriedades materiais, como no estado incorporado (e que goza de proteção jurídica), a exemplo do capital simbólico. A cada espaço social (“campo”), com sua lógica e hierarquia próprias, corresponde uma espécie de capital diferente, que se traduz no poder que define as probabilidades de ganho do agente nele. Neste passo,

pode-se genericamente verificar que quanto mais as pessoas ocupam uma posição favorecida na estrutura, mais elas tendem a conservar ao mesmo tempo a estrutura e sua posição, nos limites, no entanto, de suas disposições (isto é, de sua trajetória social, de sua origem social) que são mais ou menos apropriadas à sua posição (BOURDIEU, 2004b, p. 29).

Os agentes assim se posicionam em cada campo de acordo com o capital respectivo possuído. Na estrutura do campo universitário encontra-se a reprodução do campo de poder “cuja ação própria de seleção e inculcação contribui para reproduzir a estrutura” (BOURDIEU, 2011d, p. 70), de modo que é tanto a soma final quanto a composição dos diversos capitais (econômico, cultural, social, simbólico, escolar etc.) que situam cada agente numa certa posição no espaço social. Enquanto os quatro primeiros tipos de capital podem ser herdados pelos filhos (por meio de estratégias de “reconversão de capitais<sup>14</sup>”), o capital

---

<sup>14</sup> “Pelo fato de que as estratégias de reprodução constituem um sistema e dependem do estado do sistema dos instrumentos de

escolar é o único que não se pode transmitir aos descendentes apenas pelo fato de pertencerem a uma família, já que são os descendentes que devem angariar seus próprios títulos escolares, uma vez que são personalíssimos, por mais que os detidos pelos pais os influenciem.

Esta tese, ao selecionar os estudantes provenientes de camadas populares para estudo, enfatiza especialmente o conceito de capital econômico de Bourdieu, para quem a categoria conjuga não só bens materiais, como também os simbólicos. Para operacionalizar tal categoria, o recorte da pesquisa se dá em função do volume da sua renda familiar, de modo a situar, portanto, a família nas camadas populares quando esta renda não ultrapassar 4 salários mínimos, equivalente a R\$ 3.520,00 reais, vez que o valor do salário mínimo corrente no momento de escrita desta tese é de R\$ 880,00 (ano de 2016).

O recorte de classe se dá aqui no sentido de um conjunto de indivíduos “que ocupam posições semelhantes e que, colocados em situações semelhantes e agentes a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes” (BOURDIEU, 2011c, p. 136).

Cada família transmite a seus membros um sistema de valores implícitos e explícitos de acordo com sua posição social –

---

reprodução, assim como do estado – volume e estrutura – do capital a ser reproduzido, qualquer mudança em uma ou outra destas relações acarreta uma *reestruturação* do sistema das estratégias de reprodução: a *reconversão* do capital detido sob uma espécie do capital detido sob uma espécie particular em uma outra espécie, mais acessível, mais rentável e/ou mais legítima, em determinado estado do sistema dos instrumentos de reprodução, tende a determinar uma transformação da estrutura patrimonial” (BOURDIEU, 2011a, p. 122). Ainda, “os deslocamentos mais frequentes são os verticais: pressupõem somente uma modificação do volume da espécie de capital já dominante na estrutura patrimonial (...). Ao contrário, os deslocamentos transversais pressupõem a passagem para um outro campo, portanto, a *reconversão* de uma espécie de capital para uma outra ou de uma subespécie de capital econômico ou de capital cultural para uma outra, portanto, uma transformação da estrutura patrimonial que é a condição de salvaguarda do volume global do capital e da manutenção da posição na dimensão vertical do espaço social” (BOURDIEU, 2011a, p. 123).

o que Bourdieu denominou de *ethos*<sup>15</sup> –, os quais, por estarem profundamente enraizados em seus agentes, influenciam o comportamento a ser adotado em relação à escolaridade dos filhos e à cultura escolar em geral. Ou seja, há um sistema simbólico que toma o desvio diferencial entre os agentes como situação de distinção entre os seus percursos no mundo, caracterizando um estilo de vida peculiar.

Segundo Bourdieu, a renda se transforma em capital econômico, na medida em que quanto maior o volume de capital detido, maior a possibilidade de se afastarem as urgências materiais da vida e de se dar lugar à satisfação de desejos. Por esta lógica, por exemplo, no campo universitário, estariam os agentes desprivilegiados economicamente situados em maior quantidade nos cursos menos concorridos (ou menos elitizados ou com mais vagas)?

Por isso mesmo também se utilizou a pesquisa em dois pólos: aquele dos cursos mais concorridos e outro, dos menos concorridos, no intuito de traçar comparações entre eles e relacioná-las ao volume de capital possuído pelas famílias dos estudantes. Bourdieu, ao fazer o estudo relatado na obra *Homo Academicus*, em que se debruçou sobre o campo universitário francês e os comportamentos de seus pares, professores universitários, feitos e refeitos nele, oferece uma observação interessante quanto às diferenças de capitais que separam as faculdades e traduzem a estrutura do campo do poder em que estão sediadas. Para ele,

As faculdades temporalmente dominadas, faculdade de ciências e, em menor grau, faculdade de letras, se opõem às faculdades socialmente dominantes, nesse sentido praticamente confundidas, faculdade de direito e faculdade de medicina, por todo um conjunto de diferenças econômicas, culturais e sociais, no qual se reconhece o essencial do que faz a oposição, no interior do campo

---

<sup>15</sup> “*Ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar” (BOURDIEU, 2011e, p. 41).



do poder, entre a fração dominada e a fração dominante (BOURDIEU, 2011d, p. 71)<sup>16</sup>.

Uma vez admitidas as diferenças entre os cursos, cumpre indagar: a elite usualmente procura cursos mais elitizados pelo maior retorno financeiro que proporcionam? Pela distinção dos títulos concedidos? Por já possuírem alguma “reserva de mercado” para o trabalho futuro?

Neste sentido, as expectativas em relação aos estudos dos filhos e a sua posterior execução estão na dependência das condições materiais ofertadas pela família. No âmbito do Ensino Superior, esta lógica se materializa no fato de que a própria escolha do curso e da respectiva instituição revela, na maioria das vezes, a posição da família, conforme as orientações assimiladas pelo estudante até então. Se as condições objetivas da família explicam as atitudes dos pais, as escolhas feitas na carreira escolar dos filhos não são casuais, nem acidentais. Também, por isso, os estudantes das classes populares buscam, com o diploma, uma formação profissional que proporcione maiores e melhores posições materiais e simbólicas de existência.

Logo, não se trata de uma pesquisa sobre universitários, mas uma pesquisa que com eles dialoga. Esta tese pretende, na realidade, colocar na pauta de discussão os interesses das classes populares e a educação que lhes é reservada. Consequentemente, esta pesquisa se norteia pela provocação das convicções tradicionalmente consolidadas a respeito das “oportunidades” oferecidas a esses estudantes: de que o mero ingresso no Ensino Superior seria indicativo da conversão do capital educacional assimilado até então em melhores condições de vida no futuro.

Questiona-se se a corrida pelo diploma – embora tenha condições de possibilitar – garante-lhes, de fato, a mobilidade

---

<sup>16</sup> Conforme Bourdieu (2011c, p. 104), a faculdade de Letras (tal como as de Ciências Humanas) lida com duas realidades ao mesmo tempo: de um lado, compõe o campo científico – em que se submete à lógica da pesquisa – e também o campo intelectual; de outro, coloca-se como instituição a serviço da função social de transmissão da cultura legítima, como as faculdades de Direito e Medicina, que pactuam pela manutenção das estruturas mais fundamentais da ordem social (o exercício de um poder temporal na ordem cultural).

social. Assim, em tempos de alargamento de opções no Ensino Superior e disseminação de títulos acadêmicos para as classes populares, será que de fato os estudantes conseguem reverter o percurso universitário em progresso na posição social, isto é, angariar maior distinção na sociedade?

## 2.4 A PESQUISA: NA UNIVERSIDADE

A intenção de ruptura, mais do que de 'transgressão', orientava-se no meu caso para os poderes instituídos, e especialmente contra a instituição universitária e tudo o que ela encobria de violência, de impostura, de tolice canonizada e, através dela, contra a ordem social. Isso talvez porque eu não tivesse contas a acertar com a família burguesa, como outros, e me achasse, portanto, menos inclinado para as rupturas simbólicas que são evocadas em *Les héritiers*. Mas acho que a recusa de comprometimentos com a instituição, a começar pelas instituições intelectuais, nunca me abandonou (BOURDIEU, 2004a, p. 16).

Para se incursionar neste estudo, há que se ter noção do campo do qual se fala: o espaço universitário. Quando um membro da Universidade se propõe a analisar o próprio mundo universitário, é necessário que seja vigilante em seu *modus operandi*. Isso “Porque o mundo universitário, como todos os universos sociais, é o lugar de uma luta pela verdade sobre o mundo universitário e sobre o universo social em geral” (BOURDIEU, 2004a, p. 116). Além disso, a “vigilância epistemológica” do pesquisador é também inafastável em virtude de, na atualidade, os veredictos do mundo universitário se colocarem dentre os mais poderosos veredictos sociais. Nestes termos,

O universo social é o lugar de uma luta para saber o que é o mundo social. A Universidade também é o lugar de uma luta para saber quem, no interior desse universo socialmente mandatário para dizer a verdade sobre o mundo social (e sobre o mundo

físico), está realmente (ou particularmente) fundamentado para dizer a verdade (BOURDIEU, 2004a, p. 116).

Portanto, a intenção ao se incursionar no campo universitário foi a de apresentar um trabalho amparado na objetivação da posição particular de pesquisador, tanto quanto possível, porque não se trata de dizer “a verdade” desse mundo, mas apontar que ali se trava a luta para dizer a verdade desse mundo. Com isso em vista, pode-se prosseguir com o estudo neste campo.

A Universidade, como parte do sistema educacional que é, também apresenta suas contradições e desigualdades, o que a inscreve na própria lógica do “princípio da igualdade meritocrática das oportunidades” (DUBET, 2008) – aqui entendido como um modelo de justiça que permitiria a cada um concorrer pelas qualificações escolares e oportunidades de êxito sem que, supostamente, atuassem desigualdades sociais, colocando-se a salvo o mérito de cada estudante. Isto é, no caso do modelo meritocrático estrito, o clássico esquema “origem-educação-destino” da análise da atribuição das posições nas sociedades modernas faria concluir que os destinos decorrem estritamente da educação recebida, vez que inexistiria efeito maior da origem social sobre as desigualdades escolares. Por isso,

Dizer que a Universidade, particularmente a Universidade pública, é elitista parece ao mesmo tempo evidente e vago. Certamente essa instituição não pode se diferenciar da sociedade para a qual foi constituída: uma sociedade marcada por desigualdades econômicas, sociais, culturais (VALLE, BARRICHELLO, TOMASI, 2010, p. 392)

Ao se partir deste pressuposto, de que a Universidade ecoa princípios vigentes na sociedade democrática onde se localiza, torna-se necessário retomar alguns pontos do percurso de sua constituição no Brasil.

Historicamente, o Ensino Superior, que já se estruturava desde a Proclamação da República (1822) no país, encontrou seu momento de expansão especialmente a partir de 1960, como

resultado da ampliação das vagas no Ensino Médio e, também, como resposta a demandas sociais inscritas nos projetos desenvolvimentistas. Apenas a partir da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 4.024/1961, permitiu-se a participação de alunos dos diferentes ramos do Ensino Médio – quais sejam: agrícola, industrial, normal, comercial, militar e secundário – no processo seletivo do vestibular, exame para a entrada num Ensino Superior que não oferecia vagas suficientes para todos os egressos (VAHL, 1980).

A promulgação da Lei n. 5.540/1968, a Lei da Reforma Universitária, que modificou o acesso, a estrutura e o funcionamento do Ensino Superior, também fez parte deste momento de expansão, tardia e regionalizada, do nível universitário do país. Desde então, nota-se o crescimento do número de Universidades e cursos superiores no Brasil, encabeçado por instituições privadas, e, sobretudo, após a abertura do regime político em 1985, reforçada pela aprovação da nova LDB, Lei n. 9.394/1996, que versava sobre a possibilidade de se garantir maior acesso ao Ensino Superior. Especialmente na última década, a expansão do Ensino Superior foi abrupta, com reforço particularmente das instituições privadas.

Ainda que se assista a essa notória expansão do Ensino Superior, sob o fundamento constitucional da “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”<sup>17</sup>, pode-se dizer que, num país de dimensões continentais como o Brasil e marcado por profundas desigualdades sociais, o acesso a este nível de ensino ainda não conseguiu se democratizar amplamente, pois persistem as diferenciações dos percursos escolares segundo critérios sociais, econômicos e culturais dos estudantes. O aumento das matrículas no Ensino Superior não redundou em mudanças significativas na composição social do grupo dos universitários, seja pelo fato de já se ter uma grande dispersão dos alunos após o Ensino Médio; seja pelo fato de ainda existirem poucas vagas disponíveis, especialmente nas instituições públicas.

---

<sup>17</sup> **Art. 206, inc. I, CF:** Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; (...)

Conforme o censo mais recente do Ensino Superior, de 2013<sup>18</sup>, divulgado junto ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP), o Brasil possui 7.305.977 estudantes matriculados em instituições de Ensino Superior (o que inclui Universidades, Centros universitários, Faculdades e Institutos Federais/CEFET), no nível da graduação<sup>19</sup>.

Segundo o censo, confirma-se a tendência de crescimento no número de estudantes, instituições e docentes nesta etapa de ensino. Em relação a 2012, houve o aumento de 3,8% na quantidade de estudantes inscritos no Ensino Superior, sendo 1,9% na rede pública e 4,5% na rede privada. Em números, 5.373.450 alunos (71,4%) estão matriculados em instituições de caráter privado e 1.932.527 (28,6%) nas de caráter público. Santa Catarina, juntamente com outros 4 Estados (Paraíba, Tocantins, Pará e Roraima) são os únicos que possuem mais alunos matriculados em instituições públicas do que em privadas, conforme dados do INEP.

Especificamente sobre o Estado de Santa Catarina, o fato de haver mais alunos matriculados em instituições públicas do que em privadas reflete uma transformação importante que vem ocorrendo no Ensino Superior catarinense<sup>20</sup> desde 2013, pois tem se constatado uma migração de alunos especialmente em virtude da expansão do ensino público no Estado. Além disso, as instituições públicas catarinenses também se regionalizaram, com a criação de pólos no interior e a expansão para locais que não contavam com Ensino Superior.

Quanto ao número de instituições de Ensino Superior do último censo, o Brasil tem 2.391 delas, que oferecem mais de 32

---

<sup>18</sup> Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2014/09/ensino-superior-registra-mais-de-7-3-milhoes-de-estudantes> e [http://www.crub.org.br/wp-content/uploads/2014/09/coletiva\\_censo\\_superior.pdf](http://www.crub.org.br/wp-content/uploads/2014/09/coletiva_censo_superior.pdf). Acesso em 08.out.2014.

<sup>19</sup> Com os estudantes de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), são 7.526.681 matriculados.

<sup>20</sup> Em 2013, o MEC apontou 125.359 alunos matriculados em instituições públicas catarinenses e 98.851 em particulares, todos na modalidade presencial. No ano anterior (2012), incluindo as modalidades presenciais e à distância, eram 130,7 mil estudantes matriculados nas instituições públicas e 151,6 mil nas privadas. Em 2011, eram 79,5 mil em públicas e 189,3 mil em privadas.

mil cursos de graduação. Destas instituições, apenas 301 são públicas, ao passo que a grande maioria (2.090) é privada. Ainda, do total das instituições, apenas 8% são Universidades e atendem mais de 53% dos alunos, enquanto as faculdades, que têm uma participação superior a 84%, possuem apenas 29% dos alunos.

Não se pode deixar de pontuar que, no Brasil, impera uma dicotomia de funcionamento no sistema educacional, vez que, conforme Romanelli (2003, p. 103), existe tanto o perfil do estudante que cursa o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escolas particulares e ingressa em Universidades públicas; quanto o perfil daquele que estuda em escola pública e acessa o Ensino Superior privado. Esses percursos inversos, que são majoritários no cenário nacional, estão intimamente relacionados com a condição socioeconômica do estudante – e lembre-se que, de qualquer maneira, mesmo em instituições privadas, o acesso dos alunos de meios populares, em números absolutos, é muito pequeno<sup>21</sup>. Logicamente, não se deve falar em uma polarização absoluta, pois não se pode desconsiderar a heterogeneidade dos estudantes que se enquadram em um ou outro perfil, mas é essencial registrar que esses dois referidos perfis são os mais encontrados no Ensino Superior brasileiro.

De acordo com o censo, o total de alunos que efetivamente ingressaram no Ensino Superior em 2013 permaneceu estável em relação a 2012, totalizando 2.742.950. No período entre 2003-2013, o número de ingressantes em cursos de graduação aumentou 76,4%. E, em 2013, a rede privada teve uma participação superior a 80% no número de ingressos na graduação.

Apesar disso, o número de concluintes (991.010) em relação ao número de efetivamente ingressantes no Ensino Superior (2.742.950) denota que apenas 36,13% chegam a terminar o curso, em média. De 2012 para 2013, reduziu-se o número de concluintes à razão de 5,7%, notadamente, nos

---

<sup>21</sup> O quinto da população brasileira com renda mais elevada responde por 57% das matrículas em instituições públicas e por 69,3%, em privadas. Essa parcela da população faz parte de apenas 9,6% das famílias brasileiras; enquanto que o quinto mais pobre concentra 30,2% delas. Este quintil possui 2,3% das matrículas nas públicas e 1,2%, nas privadas.

curso de graduação presenciais do setor privado. O percentual de pessoas que frequentam a Educação Superior (ou já concluíram um curso superior) alcança 15,10% da população brasileira na faixa etária de 18 a 24 anos, intervalo teoricamente “adequado” para cursá-la.

Ainda, o censo refere que o Ensino Superior é cursado por 55,5% de mulheres, e dos alunos concluintes, 59,2% são mulheres. Sobre os 10 cursos com maior número de matrículas, que concentram mais da metade do Ensino Superior, Administração (800 mil), Direito (769 mil) e Pedagogia (614 mil) são os cursos que detêm os números mais expressivos de alunos.

Acerca da entrada propriamente dita no Ensino Superior, a maioria das Universidades brasileiras consagra o modelo classificatório como regime de acesso, amparadas na autonomia<sup>22</sup> que a LDB lhes confere para definir seus mecanismos próprios de admissão, conforme o teor do art. 51<sup>23</sup>. Ou seja, cada instituição poderá disciplinar se o acesso dos estudantes se dará apenas por exame vestibular; ou apenas pelo aproveitamento no Ensino Médio; ou, ainda, que parte das vagas se destine aos classificados pelo vestibular e parte mediante os resultados do Ensino Médio (SATO, 2011). A par disso, instituições também poderão reservar parcelas de suas vagas aos candidatos selecionados por meio do sistema de cotas (ou a partir de bonificação na pontuação para ingresso), destinado a afrodescendentes, egressos de escola pública, portadores de necessidades especiais e indígenas.

---

<sup>22</sup> **Art. 207, CF/1988:** As Universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

**§ 1º** É facultado às Universidades admitir professores, técnicos e cientistas estrangeiros, na forma da lei.

**§ 2º** O disposto neste artigo aplica-se às instituições de pesquisa científica e tecnológica.

<sup>23</sup> **Art. 51, LDB:** As instituições de educação superior credenciadas como Universidades, ao deliberar sobre critérios e normas de seleção e admissão de estudantes, levarão em conta os efeitos desses critérios sobre a orientação do Ensino Médio, articulando-se com os órgãos normativos dos sistemas de ensino.

Especificamente a esse respeito, é necessário acrescentar que a implementação das cotas de inclusão em várias Universidades brasileiras nos últimos anos situa-se dentro de uma discussão mais abrangente cujo foco são as políticas públicas. Tais políticas se expandiram no caráter institucional como “políticas de cotas” e no aspecto governamental com o Programa Universidade para Todos (ProUni)<sup>24</sup> – com a previsão de bolsas de estudo para cursar instituições particulares mediante a contrapartida do Estado no desconto em tributos.

No caso do Programa de Ações Afirmativas (PAA)<sup>25</sup>, o debate no seu entorno suscita posições bastante divergentes. O Programa constitui-se num sistema de políticas que objetivam privilegiar grupos específicos, sob a justificativa de corrigir desvantagens sociais, políticas e econômicas provenientes de processos históricos de discriminação. No que tange à definição das políticas de acesso ao Ensino Superior, há sempre questões sensíveis, pois, em resumo, implica estipular critérios para quem teoricamente poderá ter ampliada sua formação. Neste trabalho, é importante que se frise que a ênfase recai sobre a trajetória de alunos das classes populares, sejam eles ingressantes ou não pelo sistema de cotas. Oportunamente, esta situação é debatida a partir da incursão no campo de pesquisa.

Neste quadro do Ensino Superior brasileiro, em que sobreleva a preservação pela raridade da outorga dos títulos universitários, inscreve-se o *locus* de pesquisa em questão: a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente, a UFSC está sediada em cinco *campi*: Florianópolis, Joinville, Curitiba, Araranguá e Blumenau, reunindo 48.603 alunos (de graduação, pós-graduação, educação à distância, educação

---

<sup>24</sup> A Lei n. 11.096/2005 instituiu o Programa Universidade para Todos e regulou a atuação de entidades beneficentes de assistência social no Ensino Superior.

<sup>25</sup> “Até 2010, 88 IES haviam implantado ações afirmativas em seus processos seletivos. Destas, 45 são estaduais, 33 federais e 5 municipais. Com relação às IES federais constata-se que 28 Universidades já possuem PA em seus processos seletivos, das quais 24 adotaram o sistema de cotas e 4 adotaram o sistema de acréscimos de bônus” (NEVES, 2013, p. 284).



básica e ensino técnico), 2.413 docentes de todos os níveis e 3.113 servidores<sup>26</sup>.

A pesquisa da tese centrou-se no *campus* de Florianópolis, o maior e o mais antigo deles<sup>27</sup>. A cidade, capital do Estado de Santa Catarina, segundo o IBGE, tem uma população estimada em 461.524 habitantes em seu território no ano de 2014<sup>28</sup>.

Para contextualizar o cenário da capital em relação ao Estado de Santa Catarina, importante que se tenha em atenção os seguintes indicadores abaixo, apurados nos órgãos oficiais, nas datas mais atualizadas possíveis, com destaque para os indicadores de Ensino Médio, nível que precede a entrada no Ensino Superior:

### Quadro 1 - Indicadores de escolarização em SC

Indicadores de Santa Catarina	Ano	Número	Fonte
População	2010	6.248.436 habitantes	IBGE
Taxa de analfabetismo	2011	10 a 14 anos – 0,1% 15 anos ou mais – 3,9%	IBGE
População em idade escolar de 15 a 17 anos	2010	326.188 adolescentes	IBGE
Matrículas no Ensino Médio	2010	248.209	MEC/INEP
Atendimento na escola de jovens de 15 a 17 anos	2012	79,1%	IBGE/Pnad
Jovens de 19 anos que terminaram o Ensino Médio	2012	64,6%	IBGE/Pnad
Taxa de escolarização do Ensino Médio (líquida)	2011	54,7%	INEP
Taxa de aprovação no Ensino Médio	2012	83%	MEC/INEP

Fonte: IBGE/Pnad e MEC/INEP

<sup>26</sup> Disponível em: <http://dpgi.proplan.ufsc.br/files/2014/08/UFSC-EM-NUMEROS-2004-A-2013-nova-vers%C3%A3o.pdf>. Acesso em 08.out.2014. Dados de 2013.

<sup>27</sup> A UFSC foi criada em 1960, a partir da agregação das faculdades de Direito, Ciências Econômicas, Filosofia, Farmácia e Odontologia, Medicina e Serviço Social. Hoje em dia, reconhecida por ser uma das principais instituições brasileiras de Ensino Superior, abrange 103 cursos de graduação presencial, espalhados pelos cinco *campi*. O *campus* de Florianópolis conta com 11 centros de ensino, pesquisa e extensão, ampla estrutura de laboratórios e bibliotecas.

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em 08.out.2014.

No panorama do Estado, a escolha pela UFSC como *locus* da pesquisa se justifica não apenas por se tratar da capital catarinense, mas também pelo fato de ser a instituição em que esta tese será apresentada, somado ao fato de inexistir até o presente momento, pesquisa acadêmica sobre as trajetórias universitárias das classes populares em seu quadro de alunos. Além disso, a UFSC constitui-se num espaço aferido por alto capital simbólico, vez que não apenas no âmbito estadual, mas também brasileiro, a comunidade conhece e reconhece a qualidade dos títulos por ela concedidos, o que a faz estar qualificada como uma “escola de elite”, se utilizada a terminologia empregada por Bourdieu.

Enquanto instituição escolar, deve-se ter presente que toda Universidade é regida por dois princípios de hierarquização. O primeiro se refere à “hierarquia *no interior* da instituição escolar”, visto que seu valor é posto em comparação com outras instituições, com base em critérios propriamente escolares. O segundo é o da “hierarquia *fora* da instituição escolar”, pelo qual as instituições são classificadas em função da proporção de seu público que representa as frações ricas em capital econômico da sociedade, além da posição deste capital e do poder das profissões a que dão acesso. Ao se observar tais princípios, pode-se constatar que a UFSC tanto é bem posicionada em relação a outras Universidades brasileiras, em termos de relevância da produção científica e de impacto social; quanto também é estimada pelas classes sociais abastadas e referenciada pelas profissões disponíveis em seu quadro de formação.

O *QS World University Ranking 2014*, realizado anualmente pela empresa britânica Quacquarelli Symonds (QS), especializada em avaliação educacional, classifica as melhores instituições de Ensino Superior do mundo, a partir da reputação da Universidade na visão dos estudantes e dos funcionários; da estrutura da instituição, o que inclui a média de estudantes por professor; das citações em trabalhos de pesquisa e da presença de alunos e colaboradores internacionais<sup>29</sup>. Neste ranking, a

---

<sup>29</sup> Disponível em:

<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2014/09/ufsc-esta-entre-as-800-melhores-Universidades-do-mundo-4599516.html> e <http://www.topuniversities.com>. Acesso em: 08.set.2015.

UFSC figura entre as 22 brasileiras que estão entre as 800 melhores do mundo, na posição **651<sup>a</sup>**.

Também há a versão deste ranking ordenado pela QS com as 300 melhores Universidades latino-americanas, com base em sete indicadores: produtividade, impacto das pesquisas, presença on-line, internacionalização, proporção de professores doutores, reputação acadêmica e proporção estudantes/curso. Entre as 50 primeiras, o Brasil tem 17 Universidades. Dentre elas, a UFSC está na **24<sup>a</sup>** posição na classificação geral, sendo que, entre as brasileiras, a UFSC é a **10<sup>a</sup>** e; entre as federais, a **6<sup>a</sup>** colocada<sup>30</sup>.

Nacionalmente, pelo Ranking Universitário, elaborado pela Folha de São Paulo, que classifica as Universidades brasileiras segundo critérios de pesquisa acadêmica, inovação, internacionalização, qualidade de ensino e avaliação de mercado de trabalho, a UFSC consta na **7<sup>a</sup>** posição, tratando-se da **4<sup>a</sup>** melhor instituição federal do país<sup>31</sup>.

Em síntese, tais rankings universitários também dão conta de que a UFSC, sempre bem posicionada, pode gozar do caráter de “escola de elite” e, como tal, ser um chamariz para os candidatos às vagas disponíveis, tanto mais difíceis de serem acessadas, quanto mais bem situado o curso de escolha na hierarquia interna de prestígio da própria instituição.

Além do prestígio de uma Universidade, também se pode constatar sua importância na sociedade ante o fato de representar uma “nova etapa”, uma “nova fase”, para o estudante que a acessa. Ao adentrar o campo universitário, o aluno se submete a um rito de passagem, consagração e legitimação da sua condição. O caminho que deve percorrer até a obtenção do diploma de grau superior acaba por “instituí-lo” num lugar certo, pois, mais do que uma certificação técnica, o “efeito do título” é de uma consagração simbólica perante a sociedade, ainda mais em se tratando de uma trajetória numa “escola de elite”. A influência do diploma se mostra mais intensa, quanto mais estratificado for o sistema educativo, isto é, justamente quando

---

<sup>30</sup> Disponível em: <http://noticias.ufsc.br/2015/06/ranking-de-Universidades-qs-2015-ufsc-sobe-17-posicoes-e-e-24a-na-america-latina>. Acesso em: 08.set.2015.

<sup>31</sup> Disponível em: <http://ruf.folha.uol.com.br/2015/ranking-de-Universidades>. Acesso em: 21.set.2015.

existem habilitações distintas e hierarquizadas. Havendo vinculação entre formações e empregos, como é o caso brasileiro, os diplomas trazem mais vantagens quanto maior for a sua raridade. E daí o impacto também elevado de se passar pelos “ritos de instituição”.

As características mais relevantes de uma escola de elite devem ser compreendidas para além da transformação técnica que operam, pois se trata de um “rito de passagem que, por meio de operações mágicas de *separação* e *agregação*, tende a produzir uma elite *consagrada*, ou seja, não apenas distinta, mas também reconhecida e que se reconhece como digna de sê-lo, numa palavra, *distinguida*” (BOURDIEU, 2015, p. 59).

Quando se fala em “instituir um herdeiro” significa dizer que este rito se presta, enquanto limite arbitrário, a se constituir, simbolicamente, como distintivo legítimo e natural para a diferenciação dos sujeitos. Pelo fato de consagrar a diferença ao instituí-la, o principal efeito do rito seria o fato de se passar despercebido e, desta forma, naturalizar-se no meio social, como se assim fosse por causa do estado natural das coisas. A passagem por um rito de instituição é um divisor de águas na vida social da pessoa, é um verdadeiro ritual de consagração: “a seleção é também ‘eleição’ dos ‘eleitos’, o exame é também ‘provação’, a formação ‘ascese’ e a competência técnica, competência social e qualificação carismática” (BOURDIEU, 2015, p. 59).

Por isso mesmo, Bourdieu (1998, p. 99) sublinha que “a ciência social deve levar em conta o fato da eficácia simbólica dos ritos de instituição, ou seja, o poder que lhes é próprio de agir sobre o real ao agir sobre a representação do real”. Nesta dinâmica, insere-se o efeito de todos os tipos de títulos sociais, dentre eles, o escolar, os quais creditam valor ao portador na medida em que reforçam a crença no respectivo valor. Pelo ato de instituição, pode-se dizer que alguém é notificado a respeito de sua identidade, situação esta que simboliza a imposição de uma essência social, isto é, do que é e do que deve ser, o que Bourdieu designa por “efeito de atribuição estatutária”. Certamente, o ritual de instituição acaba por produzir efeitos naquele que é intimado (ou intimidado?) a responder por uma identidade social definida. O efeito da eleição implica fazer conhecer e reconhecer a excelência dos eleitos, o que confere a força social de uma representação coletiva (BOURDIEU, 2015).

Para Bourdieu esta fronteira que traduz a passagem pelos rituais de instituição tem por função impedir aqueles que se encontram de um lado a atravessarem-na para o outro e, assim, confundir as linhas de divisão e desfazer as posições de privilégios e as de sujeições. Em outros termos, “Uma das funções do ato de instituição seria desencorajar duradouramente a tentação da passagem, da transgressão, da deserção, da *demissão*” (BOURDIEU, 1998, p. 102). O caminho, evidentemente, é naturalizar a diferença, a partir da inculcação e da incorporação sob a forma de *habitus*: é assim que o arbitrário cultural se alça ao *status* de legítimo como “sentido dos limites” e reproduz a dinâmica social para conservar as posições sociais dos agentes.

O grande efeito dos ritos de instituição é que “conseguem fazer crer aos indivíduos consagrados que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor, que sua existência serve para alguma coisa” (BOURDIEU, 1998, p. 108), o que se faz, entretanto, com a rejeição de outros tantos, não eleitos. No caso da presente pesquisa, pode-se indagar: como esse efeito do título é sentido por formandos das classes populares, eleitos para estarem no campo universitário? Se “existir socialmente é também ser percebido, aliás, percebido como distinto” (BOURDIEU, 1998, p. 112), como se percebem esses universitários que estão numa escola de elite como a UFSC?



### 3 A PESQUISA: ALGUMAS EXPLORAÇÕES

A sociologia é um instrumento de auto-análise extremamente poderoso que permite a cada um compreender melhor o que é, dando-lhe uma compreensão de suas próprias condições sociais de produção e da posição que ocupa no mundo social (BOURDIEU, 2004a, p. 118).

A presente pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, situa-se no espectro de estudos do projeto “Educação escolar, justiça social e memória docentes: as múltiplas faces das desigualdades escolares em Santa Catarina” (2015-2018)<sup>32</sup>, coordenado pela Professora Dra. Ione Ribeiro Valle. Tal projeto, apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnologia (CNPq), por meio do Programa de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, desenvolve-se dentro do Grupo de Pesquisa Ensino e Formação de Educadores em Santa Catarina (GPEFESC/UFSC)<sup>33</sup>, que, dentre

---

<sup>32</sup> Este projeto dá continuidade aos seus antecessores; o primeiro iniciado em 2009 e o segundo, em 2012, com a seguinte ênfase: “Memória Docente e Justiça escolar: os movimentos de escolarização e de profissionalização do magistério em Santa Catarina”. A agenda de estudos que vem se desenvolvendo desde 2009 possui como referência uma questão geral norteadora da execução do projeto-matriz e dos subprojetos que o integram, a saber: como passar de uma política de democratização da educação, que tem se configurado fundamentalmente como “demografização” (restrita à ampliação da oferta), a um projeto de justiça escolar? Tal questão impeliu o Grupo a investigar as múltiplas faces das desigualdades escolares em Santa Catarina, ao longo das últimas décadas, de modo a contemplar dimensões políticas, institucionais, profissionais e pedagógicas, a partir de uma das teses centrais da modernidade: a diferenciação social.

<sup>33</sup> Alguns dos trabalhos já desenvolvidos por alunos (de Graduação e de Pós-graduação) e professores deste grupo incluem:

- a dissertação “Um dispositivo meritocrático de seleção para ingressar na UFSC”, de Silvana Rodrigues de Souza Sato (2011);
- a dissertação “Quando os degradados se tornam favoritos: um estudo de trajetórias de estudantes do pré-vestibular da UFSC ingressos em cursos de maior demanda”, de Francini Scheid Martins (2013);

outras abordagens, tem se dedicado a investigar o movimento de escolarização no Estado, com foco na democratização da educação, na meritocracia escolar, nos princípios das políticas educacionais brasileiras e, sobretudo, no direito à educação como medida de justiça social.

Uma vez inscrita no campo acadêmico estrito pertinente, parte-se para a situação desta tese num âmbito mais amplo: o da produção acadêmica nacional. É fato que toda pesquisa pressupõe, como ponto de partida indispensável, o levantamento de informações referentes ao estado da arte do assunto objeto de estudo. Este procedimento busca conferir visibilidade às produções acadêmicas então existentes no país sobre a temática e, além disso, oferece a possibilidade de se construírem, em paralelo, consensos e dissensos melhor fundamentados no âmbito da Pós-graduação, mediante o refinamento das convicções apresentadas pelos pesquisadores.

Segundo Zago (2006, p. 226),

Nas últimas duas décadas, estudos no campo da sociologia da educação produzidos no Brasil e no exterior vêm fornecendo indicadores teóricos importantes para problematizar o que tem sido chamado “longevidade escolar”, “casos atípicos” ou “trajetórias excepcionais” nos meios populares.

Inaugura-se, assim, uma nova tendência nessa disciplina em se começar a estudar casos que não correspondam à reprodução da tendência dominante, assimilada tradicionalmente à noção do “fracasso escolar” nesses meios sociais. Aliás, esta expressão já foi referida como alvo de certo esgotamento quanto

- 
- o trabalho de conclusão de curso “Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): uma tentativa de democratização do acesso ao Ensino Superior”, de Melina Kerber Klitzke (2014);
  - a dissertação “Do Ensino Médio à Educação Superior: caminhos e descaminhos de alunos egressos da escola de Educação Básica de São João Batista/SC”, de Paulo César de Carvalho Jacó (2014);
  - a dissertação “A expansão da educação superior brasileira: diferentes oportunidades segundo a origem social, diferentes percursos segundo o sexo”, de Mariele Martins (2014).



à sua produção de sentido no campo científico, por pesquisadores como Zaia Brandão (1983). Para além dos fatores clássicos de análise na sociologia da educação, como renda, ocupação e trabalho dos pais, parte-se, então, para a reflexão a respeito das práticas de pais e filhos para a constituição de trajetórias escolares bem-sucedidas (ZAGO, 2006, p. 227). Há, por conseguinte, o despontamento de novos temas e questões de pesquisa no campo da sociologia da educação: “Embora com produção ainda pouco expressiva, a realidade desses estudantes vem ganhando visibilidade na produção acadêmica” (ZAGO, 2011b, p. 132).

Em atenção a isso, quando da elaboração inicial do projeto de pesquisa, o recurso à obra “O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)”, coordenada por Marília Pontes Sposito, apontou que a discussão sobre a escolarização de jovens provenientes das classes populares ainda era bastante incipiente no Brasil.

No período analisado naquela obra, existiam apenas 2 teses e 1 dissertação<sup>34</sup> que apresentavam a análise de trajetórias escolares de “sucesso” de alunos das camadas populares, motivo pelo qual se concluiu à época (2011) que a temática ainda carecia de maiores debates, sobretudo, a partir dos trabalhos já realizados com a necessária construção de um diálogo horizontal com os outros pesquisadores, com vistas à acumulação também horizontal do processo de conhecimento sobre a matéria.

Romanelli (2013) também contribuiu no esclarecimento de algumas percepções preliminares para esta tese, visto ter apresentado interessante estudo, intitulado “Levantamento crítico

---

<sup>34</sup> As pesquisas referidas na obra citada são: (1) LACERDA, Wania Maria Guimarães. **Famílias e filhos na construção de trajetórias escolares pouco prováveis: o caso dos iteanos**. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006; (2) PEREIRA, Adriana da Silva Alves. **Sucesso escolar nos meios populares: mobilização pessoal e estratégias familiares**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2005; e, (3) SILVA, Jailson de Souza e. **Por que uns e não outros?** Caminhada de estudantes da maré para a Universidade. 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

sobre as relações entre família e escola”, realizado a partir da leitura de artigos produzidos na área de sociologia da educação publicados em periódicos nacionais, de 1997 a 2011. Por meio dele, foi possível direcionar melhor a pesquisa.

Com essas informações prévias, mas ainda um pouco inespecíficas quanto ao objeto, partiu-se para a realização de novo levantamento, agora a partir de vetores mais precisos. A pesquisa exploratória deste estudo, então, compreendeu dois momentos distintos, sucessivos e complementares. Logicamente, este levantamento também possui limitações, já que não é exaustivo e não consegue esgotar toda a produção acadêmica nacional pertinente. Além disso, foi eleito apenas um veículo de pesquisa, que é a base de dados de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Num primeiro instante, como o estudo se propunha a investigar trajetórias de “sucesso escolar” de jovens provenientes das camadas populares na UFSC, as categorias escolhidas para este levantamento foram: “sucesso escolar” e “camadas/classes populares”.

Num segundo momento, houve um redimensionamento do tema, que passou a se concentrar nas trajetórias universitárias de jovens provenientes de camadas populares na UFSC, e não mais propriamente no “sucesso escolar”. Esta modificação se verificou a partir da constatação de que as trajetórias universitárias, justamente por já terem se iniciado, pressupõem o “sucesso escolar” dos indivíduos ao concluírem a Educação Básica e acessarem o nível superior de ensino. Em outros termos, não se poderia equiparar o sucesso escolar no percurso da Educação Básica com o “sucesso universitário”. Aliás, nem mesmo cabe falar em “sucesso universitário”, pois a presente análise não pretende se reduzir à dicotomização fracasso/sucesso do estudante universitário.

A pesquisa é proposta, por conseguinte, no sentido de identificar os trajetos de estudantes das camadas populares no Ensino Superior, suas eventuais convergências e dissonâncias. Logo, não é o caso de se elencarem fatores ou elementos que definam um suposto “sucesso universitário”, tampouco sua assimilação simplista ao conceito de “sucesso escolar”, já consolidado nas teorias da educação, sobretudo na disciplina de sociologia da educação.

Por exemplo, no livro “Por que uns e não outros?”, decorrente de tese defendida em 1999, o autor define “sucesso escolar” a partir da obtenção do diploma de Ensino Superior (público ou privado) por estudantes das camadas populares (SILVA, 2011, p. 18). Porém, a situação do presente trabalho é diversa desta: problematiza-se aqui esta noção de “sucesso escolar”, bem como se investiga em que termos se dá a passagem destes alunos pela Universidade. Zago já havia iniciado anteriormente esta linha de raciocínio, pois seria redutor considerar o acesso ao Ensino Superior, mesmo sendo público, como uma ilustração do “sucesso escolar”. Assim, questionava a respeito deste termo: “Ele representa o acesso, ou vai além para definir tanto a chamada ‘escolha’ pelo tipo de curso quanto as condições de inserção, ou seja, ‘sobrevivência’ no sistema de ensino”? (ZAGO, 2006, p. 228).

Por essa razão, a referida modificação do foco do estudo incitou um novo levantamento da pesquisa exploratória a partir das categorias: “trajetórias universitárias/escolares” e “camadas/classes populares”.

Assim sendo, faz-se importante referir as informações colhidas em ambos os levantamentos aludidos, de modo a melhor caracterizar o objeto de estudo, a partir da base de dados constante do portal da CAPES (disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/Teses.do>). Nos dois levantamentos, a coleta de informações se deu nos níveis de mestrado e doutorado e compreendeu as produções na área de educação. A seguir, eles serão apresentados em sequência e, neste sentido, devem ser compreendidos como complementaridades.

### **(1) Primeiro levantamento – Assunto: sucesso escolar das classes populares.**

*A priori*, para esta pesquisa, foi analisado todo o período disponível na base citada à época do primeiro levantamento, que se verificou em junho de 2012 –, ou seja, os dados se situam de 1987 a 2010.

Na primeira etapa da pesquisa, foram selecionados resumos a partir da expressão exata “sucesso escolar” na base, com a obtenção de 185 trabalhos ao todo. Ao analisar os resumos, foram selecionados aqueles que mencionam a relação de “sucesso escolar” com “camadas/classes populares”, com o

resultado de 10 trabalhos ao final, sem a distinção do nível de ensino a que se referiam as pesquisas (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Ensino Superior).

Na segunda etapa, foram selecionados mais 35 resumos a partir dos termos “sucesso escolar classes populares”, com o descritor “todas as palavras”. Ao analisar os resumos, foram selecionados aqueles que mencionam a relação de “sucesso escolar” com “camadas/classes populares”, após a retirada daqueles que já apareceram na primeira etapa, o que resultou no acréscimo de mais 2 trabalhos.

Na terceira etapa, foram selecionados mais 33 resumos a partir dos termos “sucesso escolar camadas populares”, também em descritor “todas as palavras”. Destes, restou o acréscimo de mais 2 trabalhos, após a observação daqueles que mencionam a relação de “sucesso escolar” com “camadas/classes populares”, e a subtração dos que apareceram na primeira e segunda etapas.

Ainda, numa quarta etapa, houve a análise da seleção dos 3 trabalhos feita por Sposito (2009), no livro “O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)”. Destes 3 trabalhos, mais 2 vieram a integrar a amostra.

Portanto, ao final, havia 16 resumos a serem analisados. Importa referir que, nesta análise, não foram considerados os resumos que poderiam ser encontrados a partir da pesquisa dos termos “fracasso escolar” (670 trabalhos); “classes populares” (688 trabalhos); e, “camadas populares” (569 trabalhos), que, embora tivessem relação com o assunto deste levantamento, não constituíam seu foco principal, nem apresentavam perspectiva de análise análoga a ora proposta. Ainda, além dos 16 trabalhos componentes da amostra, é interessante mencionar que outros 20 resumos apresentavam temática afim, embora não coincidente (como, por exemplo, aqueles que traziam as representações de professores sobre noções de sucesso escolar de seus alunos). Deste modo, estes 20 resumos também não compuseram a amostra citada, mas merecem tal referência.

A seguir, a amostra dos 16 trabalhos passou a ser analisada com base em seis indicadores previamente estipulados, quais sejam:

**a) Tipo de trabalho (Nível de mestrado ou doutorado)** – Dentre os 16 trabalhos, 11 eram dissertações de mestrado e 5 eram teses de doutorado, o que indica uma concentração expressiva de 68,75% dos trabalhos no âmbito do mestrado.

**b) Locais de produção dos trabalhos** - Os locais de produção dos 16 trabalhos estão geograficamente assim situados:

**Quadro 2 - Distribuição regional da produção de trabalhos – Primeiro levantamento**

ESTADO	QUANT.	INSTITUIÇÃO PÚBLICA	INSTITUIÇÃO PRIVADA
Minas Gerais	6	(1) UFJF – Juiz de Fora (1) UFSJ – São João Del Rei (3) UFMG	(1) PUC-MG
São Paulo	3	(1) USP (1) USP – Ribeirão Preto	(1) PUC-SP
Rio de Janeiro	3	(1) UERJ (1) UFF	(1) UnC-RJ
Distrito Federal – Brasília	2	-	(2) UnC-Brasília
Goiás	1	-	(1) PUC-GO
Santa Catarina	1	-	(1) FURB
TOTAL	(16)	(9)	(7)

Fonte: CAPES

A amostra revela que a maioria dos trabalhos (75%) tem sua produção concentrada na região sudeste do Brasil, dado que também merece ser relativizado se for sopesado que a maioria das Universidades do país também está ali geograficamente situada, o que reforça a maior produção no âmbito da pós-graduação nesta região.

O Estado de Minas Gerais merece destaque neste cenário, pois concentra 37,5% das produções. Outra pontuação a ser feita é que, comparativamente, instituições públicas e privadas concentram as produções de forma equilibrada, com 9 e 7 trabalhos respectivamente.

**c) Anos de produção dos trabalhos (1987 a 2010)** – A produção está assim distribuída conforme o ano de produção:

### Quadro 3 - Distribuição por ano de produção dos trabalhos – Primeiro levantamento

ANO DE PRODUÇÃO	QUANTIDADE
1987 a 1997	0
1998 a 2005	1 por ano
2006	2
2007	1
2008	2
2009	1
2010	2

Fonte: CAPES

Pode-se notar que até 1997 não houve produção de trabalhos sobre esta temática; de 1998 a 2005, encontra-se apenas 1 produção por ano; e a partir de 2006, o interesse na temática aumentou de forma ainda bastante inexpressiva, alternando-se 1 ou 2 produções a cada ano.

Interessa referir que o início das pesquisas nesta área se dá em 1997, ano em que, coincidentemente, o Brasil está diante da expansão do Ensino Superior, com alterações legislativas que passam a autorizar a inserção de instituições privadas, com fins lucrativos, neste espaço. Assim sendo, veja-se que o próprio campo de pesquisa (universitário) também se amplia na medida em que também potencializa o surgimento de novas análises teóricas.

**d) Referenciais teóricos** – Neste particular, embora fosse desejável que todos os resumos contivessem os referenciais teóricos adotados, 6 deles não o fizeram (37,5%). Por sua vez, nos 10 trabalhos que traziam referências, as perspectivas e os autores citados foram os seguintes<sup>35</sup>: Lahire (4), Bourdieu (4), Elias (3), sociologia da educação (3), Portes (2), Laurens (1), Rochex (1), Terrail (1), Zeroulou (1), Thin (1), Paixão (1), Nogueira (1), Viana (1), Zago (1), Pedro Silva (1), psicologia sócio-histórica (1), perspectiva histórica-cultural – Vygotsky (1).

Nota-se, assim, que a maioria dos trabalhos apresenta seus referenciais (62,5%), quando, na verdade, todos os resumos deveriam expressá-los. Merece destaque a referência

<sup>35</sup> O número entre parênteses explicita a quantidade de vezes em que foram citados.

da sociologia da educação francesa, com os expoentes de Lahire e Bourdieu.

**e) Tipos de pesquisa (metodologia)** – Dentre os 16 trabalhos, 14 mencionam o tipo de pesquisa (metodologia) adotado (87,5%). Destes, 4 referem-no como “qualitativo”.

Por sua vez, sobre os instrumentos de pesquisa, as referências foram<sup>36</sup>: entrevistas (8), análise documental (4)<sup>37</sup>, notas etnográficas ou etnografia (3), estudo de caso (3)<sup>38</sup>, análise de histórias de vida (1), pesquisa assistemática – registros (1), questionário (1) e observação participante (1).

Verifica-se, assim, que apenas 2 trabalhos não apresentavam o tipo de pesquisa realizado. Destacam-se, neste indicador, na condição de tipo, a pesquisa qualitativa e, na condição de instrumentos, as entrevistas com pequenos grupos de participantes, que são, preferencialmente, os estudantes alvo das análises.

**f) Temas das pesquisas** – Em geral, os trabalhos situam a definição do sucesso escolar em relação à Educação Básica: 5 deles remetem ao Ensino Fundamental; e, outros 5, ao Ensino Médio. Há 2 trabalhos que não mencionam o nível de ensino nem a série analisada. E apenas 4 trabalhos referem o sucesso escolar no Ensino Superior.

Além disso, grande parte dos trabalhos se propõe a compreender, sob diversos ângulos, as variáveis que oportunizam o bom desempenho escolar de alunos provenientes das classes populares, apesar das condições socioeconômicas desfavoráveis. Nas análises, despontam três categorias fundamentais das pesquisas: a escola, o aluno (filho) e a família.

---

<sup>36</sup> O número entre parênteses explicita a quantidade de vezes em que foram citados.

<sup>37</sup> Nos seguintes termos: análise documental (1), coleta de registros (1), coleta de dados em publicações (1), análise de dados estatísticos do INEP (1).

<sup>38</sup> Nos seguintes termos: estudo de caso (1), estudo de caso com entrevistas e observações (1), estudo de caso com grupos focais e levantamento por amostragem (1).

De forma sintética, a seleção de trabalhos apresentou os seguintes objetivos nas pesquisas, extraídos a partir dos resumos:

- a) descrição e análise de situações de sucesso escolar em meios populares a partir do pressuposto de que tanto o aluno quanto a sua família desempenham um importante papel para que essa situação se configure (PEREIRA, 2005);
- b) descrição e análise do processo educativo de um aluno que conseguiu concluir o primeiro ciclo do Ensino Fundamental ao obter sucesso escolar quando a previsão era de fracasso (CARVALHO, 2006);
- c) exame das dimensões simbólicas que permeiam a construção do sucesso escolar de adolescentes mulheres no Ensino Médio (VASCONCELOS, 2001);
- d) investigação de manifestações e fatores responsáveis pelo fracasso escolar no Ensino Médio, a fim de identificar prováveis caminhos para a consecução do sucesso na rede pública (CAMPOS, 2002);
- e) investigação dos agentes que ingressaram na Universidade pública e alcançaram aproveitamento escolar superior aos estudantes provenientes da rede particular de ensino (TARABOLA, 2010);
- f) compreensão da trajetória escolar de alunos secundaristas dos meios populares na década de 60 e análise dos mecanismos utilizados pelos indivíduos e pelas suas famílias para alcançarem o sucesso escolar (TRAD, 2009);
- g) descrição e análise dos processos de constituição do pensamento categorial em relação com as mediações parentais e docentes, que podem ser determinantes do sucesso escolar de crianças do Ensino Fundamental (SANTOS, 2000);
- h) compreensão do sucesso escolar, estatisticamente improvável, de jovens oriundos de camadas populares, sob três ângulos: a família, o filho-aluno e a escola (VIANA, 1998);
- i) análise das disposições leitoras de jovens de meios populares considerados bem-sucedidos, para se compreender as dinâmicas intrafamiliares, as práticas de socialização primária e os investimentos familiares



- mobilizadores do sucesso escolar e da inserção desses jovens em práticas efetivas de leitura (MELO, 2007);
- j) compreensão do gerenciamento da escolarização dos filhos de famílias com baixo nível de escolaridade e de renda, cujos filhos obtêm resultados escolares bastante diferentes dos esperados (COSTA, 2008);
  - k) análise da dinâmica das práticas educativas desenvolvidas nas famílias de camadas populares e na instituição escolar e a influência que ambas exercem na aprendizagem de crianças do Ensino Fundamental (PEREZ, 2004);
  - l) conhecimento das diferentes estratégias adotadas pelas famílias e as mobilizações no interior do ciclo familiar, como forma de promover a escolaridade dos filhos sem maiores entraves (MACHADO, 2008);
  - m) discussão da universalização do acesso ao ensino básico, no Brasil, a partir do confronto entre a aparência da democratização da educação e a realidade de exclusão em que vivem os filhos de trabalhadores inseridos nos sistemas de ensino; e análise das falas de agentes das camadas populares, relativamente bem sucedidos na escola e em situação de seleção no vestibular, acerca das concepções sobre seus próprios desempenhos escolares (SILVA, 2003);
  - n) investigação dos discursos e das práticas de famílias populares na escolarização de seus filhos (TERTULIANO, 2010);
  - o) estudo das trajetórias escolares bem sucedidas realizadas por jovens moradores de favelas até à Universidade (SILVA, 1999);
  - p) compreensão das variáveis que oportunizaram o ingresso de alunos provenientes de famílias das classes populares em renomada instituição de Ensino Superior (LACERDA, 2006).

**(2) Segundo levantamento – Assunto: trajetórias universitárias das classes populares.**

Como já dito, para esta pesquisa, foi analisado todo o período disponível na base referida, de 1987 a 2011, vez que este levantamento se verificou em agosto de 2012 e, portanto,

época em que a CAPES já havia disponibilizado dados de mais um ano de produção acadêmica (2011)<sup>39</sup>.

Na primeira etapa da pesquisa, foram selecionados resumos a partir do descritor “todas as palavras”, com a expressão “trajetórias universitárias camadas populares”. Foram obtidos 5 trabalhos, dentre os quais foram selecionados 4 resumos para análise.

Na segunda etapa, foram selecionados mais 64 resumos a partir dos termos “trajetórias escolares camadas populares”, com o descritor “todas as palavras”. Ao analisar os resumos, foram selecionados aqueles que mencionam a relação com o Ensino Superior, após a retirada daqueles que já apareceram na primeira etapa, o que resultou no acréscimo de mais 10 trabalhos.

Na terceira etapa, foram selecionados mais 5 resumos a partir dos termos “trajetórias universitárias classes populares”, também em descritor “todas as palavras”. Destes, restou o acréscimo de mais 1 trabalho, após a subtração daqueles já incluídos nas primeira e segunda etapas.

Na quarta etapa, utilizou-se a expressão “trajetórias escolares classes populares” com o descritor “todas as palavras” e sobrevieram mais 83 trabalhos, dos quais apenas 2 vieram a integrar a amostra, após a retirada daquelas produções já selecionadas nas etapas anteriores.

Ao final, havia 17 resumos a serem analisados<sup>40</sup>, também com base nos seis indicadores já explicitados:

**a) Tipo de trabalho (Nível de mestrado ou doutorado)** – Dentre os 17 trabalhos, 15 eram dissertações de mestrado e apenas 2 eram teses de doutorado, o que indica uma concentração expressiva de 88,2% dos trabalhos no âmbito do mestrado.

---

<sup>39</sup> Importa referir que até 2014, ano em que se está revisando a presente investigação, consta a informação no site da CAPES de que a plataforma ainda não passou por atualização, com a inclusão de novos trabalhos desde 2011, pois estão realizando um procedimento de conferência de dados dos trabalhos já disponibilizados.

<sup>40</sup> Dentre os quais, apenas 2 já tinham aparecido no primeiro levantamento: SILVA, 2003 e TARABOLA, 2010. Os demais trabalhos não se repetem nas duas amostras da consulta.

**b) Locais de produção dos trabalhos** - Os locais de produção dos 17 trabalhos estão geograficamente assim situados:

**Quadro 4 - Distribuição regional da produção de trabalhos – Segundo levantamento**

ESTADOS	QUANTIDADE	INSTITUIÇÃO PÚBLICA	INSTITUIÇÃO PRIVADA
Minas Gerais	5	(3) UFMG (1) UFSJ – São João Del Rei	(1) PUC-MG
São Paulo	4	(2) USP (1) UNICAMP	(1) PUC-SP
Rio de Janeiro	3	(1) UERJ (2) UFRJ	-
Espírito Santo	1	(1) UFES	-
Goiás	1	-	(1) PUC-GO
Ceará	1	(1) UFCE	-
Santa Catarina	1	-	(1) FURB
Paraná	1	-	(1) PUC-PR
TOTAL	(17)	(12)	(5)

Fonte: CAPES

A amostra revela que a maioria dos trabalhos (76,5%) tem sua produção concentrada na região sudeste do Brasil e, embora a pesquisa deste segundo momento tenha sido feita com parâmetros diferentes, esta razão da produtividade se manteve de forma muito similar àquela do primeiro levantamento, que foi de 75%. Assim, de fato, este dado merece relativização, ante a concentração de programas de Pós-graduação em Educação na região sudeste do país, o que implica, inevitavelmente, uma maior produção acadêmica.

O Estado de Minas Gerais, mais uma vez, merece destaque, pois concentra 29,4% das produções. Por sua vez, ao se compararem os números das instituições públicas e privadas, nota-se uma prevalência agora das produções daquelas (com 12 trabalhos) em detrimento das produções destas (com 5 trabalhos).

**c) Anos de produção dos trabalhos (1987 a 2011)** – A produção está assim distribuída conforme o ano de produção:

### Quadro 5 - Distribuição por ano de produção dos trabalhos – Segundo levantamento

ANO DE PRODUÇÃO	QUANTIDADE
1987 a 1992	0
1993	1
1994 a 2002	0
2003	1
2004	0
2005	2
2006	0
2007	2
2008	2
2009	3
2010	4
2011	2

Fonte: CAPES

Pode-se notar que até 2002 não houve produção de trabalhos sobre esta temática, com a ressalva de uma única produção de mestrado em 1993. De 2003 em diante, as produções, embora crescentes, ainda são pouco representativas. A partir de 2007, nota-se que as produções aumentaram um pouco mais, porém, ainda assim, são muito descontínuas.

Especificamente no Estado de Santa Catarina, tal como no primeiro levantamento, encontra-se apenas 1 trabalho, na mesma Universidade citada antes.

**d) Referenciais teóricos** – Como dito anteriormente, embora fosse desejável que todos os resumos contivessem os referenciais teóricos adotados, 8 deles não o fizeram (47%), o que caracteriza um montante expressivo. Por sua vez, nos 9 trabalhos que traziam referências, as perspectivas e os autores mencionados foram os seguintes<sup>41</sup>: Bourdieu (6), Lahire (4), Charlot (2), Dubet (2), Zago (2), sociologia da educação (2), Foracchi (1), Sposito (1), Romanelli (1), Batista (1), Portes (1), Souza e Silva (1), Nogueira (1), Viana (1), Freire (1), Saviani (1), Cunha (1), Dubar (1), Martucelli (1), Thin (1), Laureau (1), Elias (1), estudos de gênero (1), Coulon (1), Touraine (1), Marx (1), Gounet (1), Offe (1), Gramsci (1), Williams (1).

<sup>41</sup> O número entre parênteses explicita a quantidade de vezes em que foram citados.

Nota-se, assim, que pouco mais da metade dos trabalhos apresenta seus referenciais (53%). Mais uma vez, destacam-se os referenciais da sociologia da educação, notadamente francesa, com expressividade para Bourdieu e Lahire novamente.

**e) Tipos de pesquisa (metodologia)** – Dentre os 17 trabalhos, 12 mencionam o tipo de pesquisa (metodologia) adotado (70,6%). Destes, 4 referem o tipo de pesquisa como “qualitativa e quantitativa” e 2, como apenas “qualitativa”.

Por sua vez, sobre os instrumentos de pesquisa, as menções foram<sup>42</sup>: entrevistas (10), pesquisa documental (2), pesquisa bibliográfica (1), grupo focal (1), estudo de caso (1), análise de história de vida com característica autobiográfica (1), estudo de caráter exploratório (1), questionário (1) e observação (1).

Verifica-se, por extensão, que 5 trabalhos não referem a metodologia adotada, o que dificulta a compreensão dos objetivos das pesquisas.

Destacam-se, neste indicador, na condição de tipo, a pesquisa qualitativa mais uma vez e, na condição de instrumentos, as entrevistas com pequenos grupos de participantes, regra geral, de universitários.

**f) Temas das pesquisas** – As pesquisas centram-se, especialmente, em analisar as práticas sociais que envolvem os jovens de camadas populares que acessam o Ensino Superior. Há um princípio de discussão acerca da distinção entre a democratização do acesso à Universidade e a democratização da permanência nela, haja vista que esta última situação recobra esforços significativos dos alunos das classes populares (e de suas famílias) para que alcancem a formação acadêmica a que se propuseram quando do ingresso neste nível de ensino.

De forma pontual, a seleção de trabalhos apresentou os seguintes objetivos nas pesquisas, extraídos a partir dos resumos:

- a) investigação da condição juvenil articulada às estratégias utilizadas pelos jovens bolsistas do “Programa Bolsa

---

<sup>42</sup> O número entre parênteses explicita a quantidade de vezes em que foram citados.

- Universitária”, originários de camadas populares, para permanecerem no Ensino Superior em Universidade particular (LOBO, 2007);
- b) análise da trajetória escolar e da experiência universitária de estudantes de cursos superiores de alta seletividade provenientes das camadas populares, e dos sentidos atribuídos por eles próprios, ao ingresso e à permanência no Ensino Superior público (PIOTTO, 2007);
  - c) caracterização das estratégias de aquisição do capital literário por estudantes dos cursos de Letras originários de camadas populares (MAZZONETTO, 2009);
  - d) identificação das estratégias e representações de estudantes de camadas populares egressos da Educação Superior, cujo acesso se deu por meio de políticas afirmativas (GUSMÃO, 2010);
  - e) discussão da universalização do acesso à Educação Básica, no Brasil, a partir do confronto entre a aparência da democratização da educação e a realidade de exclusão em que vivem os filhos de trabalhadores inseridos nos sistemas de ensino; e análise das falas de agentes das camadas populares, relativamente bem sucedidos na escola e em situação de seleção no vestibular, acerca das concepções sobre seus próprios desempenhos escolares (SILVA, 2003);
  - f) análise da situação de sucesso escolar estatisticamente improvável de alunos provenientes de camadas populares, “premiados” com a inserção em um ambiente destinado a jovens originários de meios sociais favorecidos (ZICA, 2011);
  - g) caracterização dos universitários provenientes de camadas populares, estudantes de Universidade pública, e da sua relação, bem como da sua família, com a escola (PORTES, 1993);
  - h) avaliação do “Programa Bolsa Permanência”, decorrente da política de assistência estudantil de Universidade pública, que concede ajuda financeira a alunos de baixo poder aquisitivo, com o intuito de se discutir o direito à inclusão das camadas populares à Educação Superior (BARBOSA, 2010);
  - i) investigação dos agentes que ingressaram na Universidade pública e alcançaram aproveitamento escolar

- superior aos estudantes provenientes da rede particular de ensino (TARABOLA, 2010);
- j) análise do impacto sociocultural do “Programa Universidade para Todos” (ProUni), como política pública de ação afirmativa, na trajetória de bolsistas egressos, oriundos das camadas populares, de Universidade particular (SOUZA, 2011);
  - k) estudo com jovens do “Projeto Universidade para Todos”, cursinho preparatório para o vestibular de instituição pública destinado a egressos de escola pública, a fim de se identificarem mecanismos internos e externos que motivam os jovens a transformarem sua realidade e a buscarem a inserção social através do Ensino Superior (SOARES, 2005);
  - l) problematização do acesso ao Ensino Superior público, a partir da análise da presença das camadas nele e da constituição de trajetórias escolares desenvolvidas por jovens desses setores sociais que, ao superarem condições adversas e alta seletividade, ingressaram nos cursos mais seletos da instituição, a saber, Medicina e Direito (SOUZA, 2009);
  - m) discussão do acesso e da permanência na Universidade pública de mulheres oriundas das camadas populares que levam uma tríplice jornada de trabalho diária, vez que são responsáveis pelo trabalho doméstico e pelo cuidado dos filhos, exercem ocupação profissional como provedoras ou co-provedoras da renda familiar e cursam faculdade no período noturno (AVILA, 2010);
  - n) descrição da trajetória escolar, para além da Educação Básica, de alunos egressos de um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) e que têm em comum o fato de terem chegado ao Ensino Superior (PEREIRA, 2008);
  - o) caracterização da ascensão social de indivíduos em meio à adversidade econômica e cultural (HONORATO, 2005);
  - p) indagação sobre a atual situação social dos indivíduos que passaram por cursinhos populares, ultrapassaram as barreiras do vestibular, vivenciaram os cursos de graduação e estão hoje atuando como profissionais diplomados (SOUZA, 2009);
  - q) investigação das dificuldades de acesso e permanência na Educação Superior de estudantes provenientes de classes

menos favorecidas economicamente, com a intenção de analisar as políticas educacionais para a educação superior e as dificuldades existentes ao acesso e à permanência nesse nível de ensino (MESADRI, 2008).

### **(3) Considerações a partir dos levantamentos da pesquisa exploratória.**

A título de considerações a partir de ambos os levantamentos realizados, destaca-se que, além de propiciarem um redimensionamento da temática da tese, ensejaram que algumas convicções iniciais, embora provisórias, pudessem ser delineadas.

Nota-se que o estudo da trajetória universitária de jovens das classes populares inscreve-se dentre aqueles que se dispõem a questionar os discursos fundados no princípio da meritocracia, vigentes na realidade brasileira. Portanto, o cenário a ser confrontado por este perfil de pesquisa é aquele que naturaliza as desigualdades imanentes ao sistema educacional e tende a creditar ao agente – e somente a ele – a responsabilidade pela efetivação de seu direito à educação, desde os primórdios da incursão na Educação Básica até a conclusão de uma formação em nível superior.

Como visto, ainda são poucos os estudos que se debruçam sobre esta perspectiva de análise e, entre si, parece haver a necessidade de maiores diálogos para o refinamento das teses apresentadas. Também, devem-se buscar maiores aproximações com a realidade do país, pois aparecem, muitas vezes, lacunas consideráveis entre o cruzamento de pesquisas de campo com estudantes brasileiros e referenciais teóricos estrangeiros.

Ademais, como visto nos dados apurados, o tema das trajetórias acadêmicas das camadas populares permanece bastante adstrito às discussões de mestrado, o que permite inferir que a presente abordagem no nível de doutorado pode aprofundá-las ainda mais. O local de origem dos trabalhos também é restrito, já que há notável concentração na região sudeste, o que sugere desigualdades não só no campo de produção, mas também de divulgação do conhecimento.

Em Santa Catarina, até o presente momento, há apenas 2 dissertações de mestrado que versam sobre o assunto, mas nenhuma delas se debruça sobre a realidade existente na maior



Universidade do Estado, a UFSC. Daí não só a importância desta pesquisa, por se dar em nível de Doutorado e no Estado de Santa Catarina, mas a sua justificativa primordial: inaugurar a discussão acerca da condição estudantil das classes populares na UFSC, afora um viés institucionalizado.

Ainda, pela investigação realizada, pode-se perceber que este estudo caminha ao lado de muitas das pesquisas até então realizadas, seja por compartilhar de referenciais teóricos da sociologia da educação, seja por eleger metodologicamente a pesquisa qualitativa, com amparo em análise documental (de questionários) e em entrevistas semi-estruturadas. Também, lança olhares não apenas sobre o ingresso no Ensino Superior das classes populares, como também sobre sua permanência até o momento da efetiva graduação. Veja-se que as discussões existentes gravitam em torno basicamente do ingresso de estudantes neste nível de ensino, contudo, silenciam ou pouco se aprofundam a respeito da saída desses indivíduos da Universidade e suas perspectivas após o momento da formatura, rito simbólico que lhes outorga um título escolar de distinção.

Desta forma, a tese pôde ser mais bem estruturada para analisar a tradição de um sistema educacional que se pauta em critérios meritocráticos para dissimular outros fatores que se entrecruzam durante o processo de escolarização e que, invariavelmente, tornam-se cumulativos nas experiências individuais. Por isso, faz-se tão relevante discutir as estratégias que podem oportunizar aos estudantes oriundos de estratos economicamente desfavorecidos a subida na hierarquia escolar, com a assimilação do capital decorrente da formação universitária e sua conversão em outros tipos de capitais.



## 4 A PESQUISA: ESTRUTURAÇÃO

### 4.1 ALGUMAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

O mal da sociologia é que ela descobre o arbitrário, a contingência, ali onde as pessoas gostam de ver a necessidade ou a natureza (o dom...); e que descobre a necessidade, a coação social, ali onde se gostaria de ver a escolha, o livre-arbítrio (BOURDIEU, 2004a, p. 27).

Para se compreender o viés sociológico do objeto de estudo em questão, é preciso considerar as dinâmicas socializatórias que estiveram presentes na vida dos estudantes até alcançarem o Ensino Superior, bem como aquelas que ocorreram e ainda ocorrem ao tempo em que estão na faculdade. Neste particular, os estudos de Bourdieu ofereceram um ponto de partida para a apreensão teórica do objeto de estudo. Suas concepções referenciaram a pesquisa desde o início e, após a incursão ao campo de pesquisa, mais percepções puderam se somar a estes antecedentes teóricos.

Além das categorias anunciadas nos capítulos anteriores, um dos conceitos que fundam a presente análise refere-se à socialização, ou melhor, aos “processos de socialização” destes universitários provenientes das classes populares. A definição pelo estudo deste grupo, como já dito, deu-se em função da hipótese de que a condição social desprivilegiada destas famílias importaria maiores dificuldades para que seus filhos ingressassem e concluíssem o nível superior.

Desde sempre, o estudante esteve submetido às adversidades do meio social em que foi concebido: o grupo social de origem lhe é preexistente e tem regras próprias de funcionamento. Isso porque as estruturas sociais têm uma influência considerável na determinação das ações individuais, vez que todos os indivíduos constroem seu universo de socialização a partir de categorias preexistentes no mundo. Todo agente carrega em si conformidade na sua própria formação, visto que não só tem a necessidade de obter o reconhecimento do grupo social em que está inserido, mas também passa pela

introjeção de papéis sociais conforme seu pertencimento a determinada classe social.

Daí se dizer que as estruturas de dominação fazem-nos, de princípio, interiorizar uma “violência simbólica”<sup>43</sup>, pois tomam por naturais – ainda que inconscientemente – certas posições já definidas sem o concurso de sua autonomia. A socialização consiste, então, num processo de transmissão e interiorização da cultura existente na constituição do ser social e da identidade pessoal. Desta forma, a construção da identidade pessoal só ocorre na interação, ou seja, ela requer o reconhecimento social para se afirmar. Ao assimilar as estruturas sociais pré-existentes, a capacidade cognitiva do agente é desenvolvida de modo a se constituir em competências sociais. Geração a geração, o que se nota são as interiorizações, a seu tempo, das disposições que as humanizam e as tornam integrantes de grupos sociais. A interiorização destas disposições, que possibilitam a vida em grupo, perpetua-se de modo contraditório, dinâmico e complexo a cada geração: inicia com a inserção na família, passa pela identificação de seu grupo social numa dada sociedade, até que, uma vez adulto, o agente representa em si mesmo as características deste grupo.

Portanto, existem basicamente dois momentos de socialização: a socialização primária, em que o indivíduo, na infância, torna-se membro da sociedade e constrói a noção do outro (aqui há a incorporação do capital cultural, ou seja, trata-se da transmissão da herança cultural de pais para filhos); e a socialização secundária, que compreende uma série de processos ininterruptos, pela qual os indivíduos, de todas as idades, em sociedades complexas, interiorizam papéis, normas e representações diversas, ao longo de toda a sua história.

Sob este enfoque, a socialização coloca-se como uma série incessante de processos pelos quais o indivíduo é construído no seu agrupamento de convívio, a partir da apropriação de modos de ser, fazer e pensar. Por assim dizer, a socialização, enquanto categoria sociológica, é um processo de desenvolvimento de relações humanas, de interações sociais

---

<sup>43</sup> Este conceito será analisado na sequência, porém, deve-se salientar desde já que a violência no sentido simbólico se apresenta como uma imposição de um arbitrário cultural por um poder igualmente arbitrário, contudo, dominante.

inerentes à condição humana de ser. Toda pessoa é objeto da ação de várias instituições especializadas, como família, escola, igreja, mídia etc. na sua apropriação da realidade, pois é no processo de socialização que se transmitem sistemas de valores, crenças, modos de vida, papéis sociais e padrões de comportamento. E essa transmissão, por extensão, varia conforme os universos de socialização de cada um, de acordo com a sua origem social. Na prática, a institucionalização expõe todas as pessoas a “constrangimentos” que condicionam a organização do seu cotidiano, contudo, a depender do seu pertencimento social as constrições atuam de forma diferente sobre os indivíduos.

Note-se que é totalmente ilusório acreditar que a violência simbólica possa ser vencida apenas mediante a tomada de consciência e a manifestação da vontade de mudança, visto que seus efeitos estão duradouramente inscritos em corpos (na forma de predisposições, inclinações, aptidões) e em coisas. Nas palavras de Bourdieu (2011c, p. 11),

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os “sistemas simbólicos” cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a “domesticação dos dominados”.

Neste passo, a objetivação do poder simbólico representa uma economia de estratégias, as quais visam instaurar ou manter relações de dependências interpessoais, custosas em bens materiais, em serviços e/ou em tempo. Portanto,

O sistema de produção dos bens simbólicos ou o sistema de produção dos produtores desempenham, também – isto é, pela lógica mesma de seu funcionamento – funções ideológicas pelo fato de que se mantêm

escondidos os mecanismos pelos quais eles contribuem para a reprodução da ordem social e para a permanência das relações de dominação (BOURDIEU, 2004a, p. 200).

E, realmente, quanto mais dissimulada, mais presente é a violência simbólica no contexto social. Entre a violência aberta e a violência branda e invisível como estratégias de dominação, a “escolha” se orienta pelo estado das relações de força entre as partes, bem como pela integridade ética do grupo que a encampa. Fato é que a dominação branda é mais custosa (não apenas economicamente) para aquele que a exerce do que empreender pela violência explícita.

A mágica operada pelo poder simbólico, por meio da qual os dominados intercedem, mesmo à sua revelia, para sua própria dominação, “assumem muitas vezes a forma de *emoções corporais* – vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa – ou de *paixões* e de *sentimentos* – amor, admiração, respeito” (BOURDIEU, 2011b, p. 51). Para que a concepção (arbitrária) de mundo social de determinada classe prevaleça, há um entrave simbólico com as demais, seja diretamente na vida cotidiana, seja por meio dos especialistas da produção simbólica, a fim de “imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais” (BOURDIEU, 2011b, p. 11).

Obviamente que, num mesmo grupo social, encontram-se experiências heterogêneas, frações de classe, e é exatamente neste ponto que a escolha por estudar os universitários provenientes de classes populares se insere. Isto porque esta origem social das famílias sugere maiores limitações para o prolongamento da escolarização dos filhos, não só pela falta de condições materiais de subsistência, mas também pela falta de afinidade com a cultura escolar. Quer dizer que os agentes não se deslocam no espaço social ao acaso: estão submetidos às forças que configuram sua estrutura, além de que suas características próprias confrontam as forças deste campo. As trajetórias mais prováveis (“possíveis”) estão relacionadas, a princípio, ao volume de capital herdado, mas poderiam ser transformadas em outras? A despeito das dificuldades socioeconômicas, há jovens que se superam para alcançar uma formação de nível superior? Eles devem passar por um

“desenraizamento”, uma ruptura, em relação ao seu meio de origem? Em que medida?

Neste aspecto, Bourdieu auxilia a compreender de que forma o processo de socialização traz em seu bojo as desigualdades sociais, qualquer que seja a sociedade em análise. Sua teoria do *habitus* coloca em voga os aspectos inconscientes do processo de socialização e de seus efeitos, em especial, a noção das desigualdades sociais quando da assimilação de valores, normas e comportamentos. Mas, ainda, precisa ser complementada com a ideia de que o *habitus*, num panorama de sociedade complexa, é múltiplo, isto é, os indivíduos interiorizam inúmeros *habitus* em espaços variados de socialização. Deste modo, sempre resta uma indefinição no que tange à liberdade nas ações individuais e nas interações sociais.

Com base neste aporte teórico, a posição social de origem da pessoa implica certo tipo de socialização e, por consequência, a transmissão de um *habitus* específico. Isto significa que, embora os indivíduos tenham a ilusão de poder escolher, eles agem na medida do *habitus* próprio de sua classe social. A sociedade, ao atuar como mediadora do *habitus*, indica essas ações. Para Bourdieu, essas ações figuram como prováveis tendências a se concretizarem – não como uma determinação absoluta –, de modo que sua transmissão é a via principal pela qual se dá o processo de acumulação de capitais. Segundo ele,

O *habitus* como social inscrito no corpo, no indivíduo biológico, permite produzir a infinidade de atos de jogo que estão inscritos no jogo em estado de possibilidades e de exigências objetivas; as coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras, impõem-se àqueles que, por terem o sentido do jogo, isto é, o senso da necessidade imanente do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las (BOURDIEU, 2004a, p. 82).

Bourdieu, ao explanar sobre as relações indivíduo/sociedade, utiliza não só o conceito de *habitus*, mas também a teoria do “campo”, para evidenciar o que designa de “construtivismo estruturalista” ou “estruturalismo construtivista”. O estruturalismo incita a percepção de que o mundo social

comporta estruturas objetivas independentes da consciência dos agentes, mas que, entretanto, orientam e coagem suas práticas e representações; ao passo que o construtivismo materializa a gênese social, constituída por esquemas de percepção, pensamento e ação (que formam o *habitus* do indivíduo), em meio às estruturas sociais, denominadas de campos (e, particularmente, de classes sociais) – conforme Bourdieu (2004a, p. 149).

Os campos são a exteriorização da interioridade dos processos sociais e, por definição, são dinâmicos e históricos, tais como as instituições sociais que forjam, pois concebidas como configurações de relações entre agentes individuais e coletivos, em permanente construção. Cada campo constitui-se num microcosmo, isto é, em um espaço relativamente autônomo do macrocosmo, dotado de leis próprias. Nele estão inseridos os agentes (indivíduos e instituições) que produzem, reproduzem e difundem uma forma específica de capital (BOURDIEU, 2004b, p. 20). A lógica que impera no campo retraduz, de uma maneira específica, as pressões externas. Quanto mais autônomo for o campo, mais as refrata a seu modo.

Norbert Elias (2011) se apropria também dos conceitos de *habitus* e de campo, que chama de “(con)figurações”, tal como Bourdieu. Elias, dentro de uma teoria evolucionista, fala das relações entre agentes ao descrever “relações de interdependência”, como na obra “O processo civilizador”. Sua peculiaridade (e diferença com Bourdieu) é que analisa processos de longa duração, além de apresentar uma visão mais relativizada desta evolução.

Para Bourdieu (2004b, p. 22), “Todo campo, o campo científico por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças”. Sob este viés, o que determina ou orienta os pontos de vistas insurgentes de um dado campo é a estrutura das relações objetivas entre os agentes, ou seja, a posição que eles ocupam nessa estrutura. Segundo Bourdieu (2004b, p. 24), é assim que “os agentes caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço”.



Quer dizer que cada agente se sujeita à pressão do espaço que se impõe a ele, em maior ou menor medida, a depender da sua posição na estrutura da distribuição do capital<sup>44</sup>.

Em suas palavras, o campo (social) é

um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global de capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto de suas posses (BOURDIEU, 2011c, p. 135).

Se o campo “é um jogo no qual as regras do jogo estão elas próprias postas em jogo” (BOURDIEU, 2004b, p. 29), todo agente tem uma produção simbólica de sua existência, a partir das experiências sociais e materiais que lhe são preexistentes, o que indica que estas configuram em grande medida suas formas de expressão<sup>45</sup>. É claro que o agente também possui um papel ativo neste processo de socialização, visto que através das interações sociais, significa e interpreta as práticas vigentes no mundo. No entanto, resta claro que se confronta sempre com padrões precedentes, o que restringe sua autonomia de ação. No espaço social, os diferentes grupos de agentes se definem a partir do volume global e da composição de diferentes espécies de capital.

Assim, o *habitus* se coloca como o exterior que é interiorizado pelo indivíduo; é o social incorporado pela subjetividade, o que irá orientar e significar a ação humana. A construção do *habitus* principia com as primeiras experiências e

---

<sup>44</sup> Salvo, excepcionalmente, quando um agente redefine os próprios princípios da distribuição do capital, isto é, as próprias regras do jogo.

<sup>45</sup> “Pode-se falar de jogo para dizer que um conjunto de pessoas participa de uma atividade regrada, atividade que, sem ser necessariamente produto da obediência à regra, *obedece a certas regularidades*” (BOURDIEU, 2004a, p. 83).

se prolonga por toda a vida e, por isso, pode ser compreendida como o processo de socialização segundo a sociologia clássica, só que com uma maior dinamicidade, em que as condições objetivas de existência, embora não completamente determinadas ou determinantes, são bastante influentes na trajetória social do agente.

O *habitus* do indivíduo é adquirido a partir da experiência durável no tempo em uma certa posição no mundo social, o que esclarece o fato de o *habitus* conjugar um sistema de esquemas de produção de práticas sociais com um outro de cognição e avaliação de tais práticas. Com efeito, estas disposições – ou inclinações para práticas sociais – são consideradas “duráveis” por Bourdieu, porque estão fortemente enraizadas na experiência social. Embora admita que possam se modificar, as disposições são extremamente resistentes à mudança. O *habitus* permite que se compreendam

os grupos sociais populares (e os outros) não como entidades metafísicas, congeladas no tempo e no espaço, mas como forças sociais que se constituem a partir de posições que ocupam nos diferentes campos onde atuam. As identidades, nesse caso, se constituem de acordo com a posição numa determinada região do espaço social. Esta posição fundamenta a sensação de *pertencimento* em um determinado grupo ou mesmo classe, de acordo com a especificidade da posição e dos campos onde se está situado (SILVA, s/a, p. 04).

É assim que Bourdieu contesta o projeto da modernidade, em que se exalta a liberdade individual e o livre-arbítrio dos agentes, pois a noção do *habitus* deixa transparecer que o mundo social imprime propensões (inclinações) a cada ser humano em suas percepções, apreciações e ações. Por outro lado, como as posições sociais são duráveis e transponíveis, o *habitus* não pode ser assimilado meramente a um sistema de reprodução das estruturas sociais da qual ele mesmo é produto, pois cada prática social é peculiar porque resulta, na realidade, da interação dialética entre uma situação e um *habitus*, ainda que haja uma matriz preexistente.

Em certa medida, Bourdieu polemiza a própria noção de classes sociais, seja pela leitura subjetiva, que leva à luta de classes, seja pela leitura objetiva, que assinala as relações entre classes e estruturas sociais, afinal de contas, quando fala em campos marcados por tipos específicos de capital, coloca-os como uma porção da vida social que se define, progressivamente, a partir das relações sociais e dos interesses específicos, diferentes de outros campos.

Nesta visão, tem-se um campo “de forças”, que é definido pela distribuição desigual de recursos e por relações de força entre grupos sociais. Também, tem-se um campo “de lutas”, pois nele os agentes são provocados a conservar ou transformar, em alguma medida, aquelas relações sociais. Assim, cada campo compila *habitus* específicos, que, uma vez incorporados pelos agentes, marcam sua trajetória individual e sua própria posição dentro do campo.

Sendo assim, não apenas o capital econômico passa a ser considerado fundamental para as explicações acerca das determinações sociais, mas uma pluralidade de posições justapostas dentro dos campos, mais ou menos autônomos, formadores do espaço social para cada agente. Deste modo, se o espaço social é composto por uma infinidade de campos, existem inúmeras formas específicas de dominação em cada um deles nas diversas posições que agregam e, certamente, não é apenas o capital econômico o responsável por conjecturar relações assimétricas entre os agentes ali situados, entre os agentes e os grupos sociais, e entre os variados grupos sociais. As relações assimétricas delineadas entre homens e mulheres e entre as diversas faixas etárias, por exemplo, sintetizam dominações transversais a todos os campos.

Esta noção ilustra, com base em Bourdieu, inspirado na teoria da ação de Max Weber (1864-1920), que a realidade social é um conjunto de relações de força entre os grupos sociais, em constante luta, uns contra os outros. Bourdieu reforça, assim, as relações sociais como relações de sentidos, a exemplo de Weber, com destaque para a dimensão simbólica da realidade social no que tange às relações de dominação, onde impera a noção de violência simbólica, especialmente aquela forjada na esfera da educação e da família, instâncias em que o agente se reconhece e se desconhece, de modo a protagonizar situações de violência simbólica e de legitimação de diversas dominações,

já que as interações face a face escamoteiam as estruturas e relações intersubjetivas na qualidade de atualizações da conjuntura das relações objetivas.

Dáí ser importante a noção de construtivismo estruturalista de Bourdieu para o estudo dos processos de socialização, com enfoque para a tese da reprodução e da violência simbólica no espaço escolar – aqui ampliado para a formação universitária, em continuidade à Educação Básica.

Assim, é de se notar que a Universidade, nos moldes da escola, atua para a disseminação de valores dominantes indispensáveis para a manutenção das estruturas sociais, ainda que não sejam estas absolutamente determinadas e determinantes. Em resumo, a Universidade, enquanto instituição estruturante, instância criadora e disseminadora de *habitus* de classe, representa um exemplo da predominância dos elementos simbólicos da realidade social, em suas nuances estruturais, sobre os estudantes que a ela se submetem.

A instituição escolar amplamente considerada remonta um instrumento dócil da reprodução da sociedade. Foi a partir desta premissa que Bourdieu se lançou, de 1960 em diante, a analisar esta arena onde se digladiam diversos interesses sociais, tantas vezes antagônicos. Este é o objeto de análise de suas quatro obras pilares acerca do sistema de ensino, todas publicadas na França: “Os herdeiros” de 1964; “A reprodução” de 1970; “*Homo Academicus*” de 1984; e, “La noblesse d’État” de 1989 (ainda não traduzida para o português)<sup>46</sup>.

Na obra, “A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino”, escrita em parceria com Passeron, denotam-se os fundamentos de uma “teoria da violência simbólica” no âmbito educacional. O livro retrata o sistema de ensino francês no final da década de 1960, por meio da descrição dos mecanismos aplicados por instituições e seus agentes para exercerem a violência simbólica.

Neste esteio, como entendem a relação pedagógica como uma relação de comunicação, os autores defendem que “**Toda ação pedagógica (AP)** é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário

---

<sup>46</sup> As duas primeiras obras foram escritas em parceria com Jean-Claude Passeron (VALLE, Ione Ribeiro *in* BOURDIEU. *Homo Academicus*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 15).

cultural” (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 20). Isto é, a ação pedagógica deve ser vislumbrada como consolidadora de uma violência simbólica – quer seja exercida pelos membros de uma formação social (educação difusa); quer pelos membros do grupo familiar, aos quais a cultura de uma classe confere essa tarefa (educação familiar); ou pelo sistema de agentes explicitamente convocados para esse fim por uma instituição com função educativa (educação institucionalizada) –, uma vez que visa à reprodução do arbitrário cultural das classes dominantes em detrimento das classes dominadas. Neste sentido, toda formação social descreve um sistema de relações de força e de sentido entre grupos ou classes.

A ação pedagógica, por extensão, reproduz a cultura dominante, “contribuindo desse modo para reproduzir a estrutura das relações de força, numa formação social onde o sistema de ensino dominante tende a assegurar-se do monopólio da violência simbólica legítima” (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 21).

A arbitrariedade da seleção de significações que define objetivamente a cultura de um grupo ou de uma classe como sistema simbólico decorre da proporção em que a estrutura e as funções dessa cultura não podem ser deduzidas de nenhum princípio universal, físico, biológico ou espiritual, vez que não estão unidas por nenhuma espécie de relação interna à “natureza das coisas” ou a uma “natureza humana”.

Neste quadro, a autoridade pedagógica (AuP) dos emissores pedagógicos rege todos os aspectos da relação de comunicação pedagógica e toda ação de violência simbólica se realiza em uma delegação de autoridade. Em outros termos, a ação pedagógica importa a realização de um “trabalho pedagógico” (TP), que se reduz a um trabalho de inculcação – ou seja, à reprodução do sistema – a recair, sob a ordem da classe dominante, sobre a classe subalterna, criando-se um *habitus* “como produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural capaz de perpetuar-se após a cessação da ação pedagógica e por isso de perpetuar nas práticas os princípios do arbitrário interiorizado” (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 44). Defendem os autores que, em dada formação social, o trabalho pedagógico pelo qual se concretiza a ação pedagógica dominante

tem sempre uma função de manter a ordem, isto é, de reprodução da estrutura das relações de força entre os grupos ou as classes, na medida em que tende, seja pela inculcação, seja pela exclusão, a impor aos membros dos grupos ou classes dominados o reconhecimento da legitimidade da cultura dominante, e a lhes fazer interiorizar, numa medida variável, disciplinas e censuras que servem tanto melhor aos interesses, materiais ou simbólicos, dos grupos ou classes dominantes, quanto mais tomam a forma da autodisciplina e da autocensura (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 20).

É assim que o trabalho pedagógico tem sua produtividade medida pelo seu efeito de reprodução, já que produz/reproduz a integração intelectual e moral da classe dominante, sem que esta precise recorrer à repressão externa ou mesmo à coerção física. Quer dizer que o trabalho pedagógico leva as classes dominadas à autodisciplina e à autocensura, de maneira a conservar as relações de força.

Nestes moldes, o sistema de ensino institucionalizado (SE) baseia suas características específicas de estrutura e de funcionamento na ideia de reprodução das condições de existência e persistência que lhe são peculiares, haja vista que a autorreprodução da instituição é basilar ao exercício de sua “função de inculcação”, bem como à realização de sua “função de reprodução” de um arbitrário cultural, reiterando, por meio da reprodução cultural, a manutenção das relações entre grupos e classes (reprodução social). Considerando-se que deve servir às condições institucionais da homogeneidade, o sistema de ensino tende a dotar os agentes encarregados da inculcação de uma formação homogênea e de instrumentos homogeneizados e homogeneizantes.

O momento relacional adstrito ao processo de ensino-aprendizagem ressalta a importância que deve ser reservada à discussão sobre a co-determinação entre individual e coletivo, pois a análise da totalidade (estruturas sociais) não pode perder de vista os agentes que a compõem.

Deste breve aparte, Bourdieu e Passeron localizam no sistema educacional institucionalizado, a partir de sua ação

sistemática como instância de socialização, mecanismos de controle social e de ajustamento das características e aspirações individuais às necessidades da coletividade – necessidades estas que se inscrevem sob o ideário da modernidade e que, muito embora não sejam inflexíveis para determinar os comportamentos individuais, influenciam-nos sobremaneira.

É importante que se ressalte que o projeto de modernidade forjado pelas sociedades ocidentais contemporâneas, com destaque para as mudanças socioculturais ocorridas ao final do século XX, exaltou um ideal de liberdade e igualdade entre os seres humanos, que veio a se contradizer com as condições reais de sobrevivência e com os valores e as práticas do liberalismo econômico em voga. Em outros termos, à luz de toda a tradição preconizada por Durkheim e Marx, teóricos sociais clássicos, esta ambivalência também se traduz na leitura da dicotomia entre o coletivo e o individual: os aspectos macrosociais são definitivamente permeados pelos aspectos individuais na construção das estruturas sociais; ao passo que estes são legitimadores daqueles. Daí porque se falar que a base da reflexão sociológica centra-se no entendimento da co-determinação entre a totalidade (sociedade) e seus elementos (indivíduos), visto que o foco da compreensão é justamente o aspecto relacional entre os pólos que formam o coletivo (as estruturas sociais), sem menoscabar, todavia, a singularidade dos agentes componentes.

De há muito, as ciências sociais voltam-se ao entendimento desta complexa dialética justamente porque o social não se constitui em mera reunião de elementos anteriores, mas num sistema de relações dinâmicas que o reconfiguram pelo simples fato de serem relações. Norbert Elias também fornece uma interessante contribuição teórica neste aspecto e que pode ser conjugada com a vertente teórica de Bourdieu.

Como pressuposto de suas análises, Elias defende que não há abismo entre o indivíduo e a sociedade. Por isso, devem-se prezar modelos conceituais por meio dos quais seja compreensível que os indivíduos, considerados em agrupamento, representam algo maior e diferente de uma mera coleção de sujeitos isolados. Assim é que indivíduo e sociedade coexistem: “Antes de mais nada, na verdade, eles simplesmente existem – o indivíduo na companhia de outros, a sociedade, como uma sociedade de indivíduos” (ELIAS, 1994, p. 18). Cada

indivíduo, por conseguinte, em algum lugar, em algum instante, possui uma função específica na sociedade, segundo uma espécie de ordem invisível, que oferece a ele um montante variável e restrito de funções e modos de comportamento possíveis:

Por nascimento, ele está inserido num complexo funcional de estrutura bem definida; deve conformar-se a ele, moldar-se de acordo com ele e, talvez, desenvolver-se mais, com base nele. Até sua liberdade de escolha entre as funções preexistentes é bastante limitada. Depende largamente do ponto em que ele nasce e cresce nessa teia humana, das funções e da situação de seus pais e, em consonância com isso, da escolarização que recebe (ELIAS, 1994, p. 21).

Nota-se que Elias acredita que, desde o nascimento, a pessoa encontra-se numa rede de dependências que não lhe é possível modificar e romper apenas por vontade própria, mas somente até onde a própria estrutura dessas dependências a possibilite fazê-lo, o que entra em ressonância com os estudos de Bourdieu. Para Elias, haveria uma ordem invisível organizadora das funções que cada sujeito deveria assumir no interior das associações humanas, espaço em que são introduzidos os objetivos individuais, mas que, no entanto, não deve sua origem a uma simples soma de vontades ou a um contrato social.

Elias expõe que quanto mais o processo civilizador se torna difícil do ponto de vista individual, mais longo é o tempo despendido para se prepararem crianças para as funções adultas, sobretudo em escolas e universidades, dada a especialização da divisão de trabalho na atualidade. Em consequência, parece remanescer um campo muito restrito para a manifestação de faculdades e inclinações do indivíduo: “Entre a vida das reservas juvenis e no campo bastante restrito e especializado do trabalho adulto, raramente existe uma verdadeira continuidade. Muitas vezes, a transição entre os dois é uma ruptura brusca” (ELIAS, p. 33). Portanto, em virtude do alto grau de controle dos instintos e das limitações impostas



pelas funções adultas, em que prevalecem competição intensa e tensões variadas entre grupos, o condicionamento do indivíduo é notadamente difícil. De fato, ele até mesmo expõe que toda sociedade grande e complexa tem duas qualidades: é muito firme e é muito elástica. Assim, frequentemente, seriam apresentadas oportunidades que poderiam ser aproveitadas ou perdidas, oportunidades estas que influenciariam o destino pessoal imediato e mesmo o de uma família inteira, grupo ou nação. Mas essas oportunidades, no viés de Elias, não são criadas pela pessoa que deve escolher e sim, são prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas nela exercem. Logo, como este ato de escolha será entremeado por outros, numa sequência de ações, a direção e o resultado provisório não dependerão do indivíduo em questão, mas da distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda a rede humana móvel. Veja-se que “o que caracteriza o lugar do indivíduo na sociedade é que a natureza e a extensão da margem de decisão que lhe é acessível dependem da estrutura e da constelação histórica da sociedade em que ele vive e age” (ELIAS, 1994, p. 49). É assim que, dentro deste quadro teórico de Elias, em consonância com a obra de Bourdieu e seus colaboradores, parte-se para investigar, qual a margem que resta para a iniciativa dos jovens oriundos das classes populares no campo universitário.

#### 4.2 A PESQUISA: EM DUAS ETAPAS

Nada é mais universal e universalizável do que as dificuldades (BOURDIEU, 2011c, p. 18)

Sem perder de vista os conceitos de campo e de *habitus* especialmente, vez que ajudam no entendimento da concepção de identidade e da noção de classe – que é composta a partir de práticas, representações e sensação de pertencimento dos agentes –, adentra-se especialmente no desenvolvimento desta pesquisa. Em atenção ao objetivo de investigar as impressões de estudantes das classes populares a respeito de suas trajetórias na Universidade, constatou-se a necessidade de se realizar uma ampla pesquisa de campo.

Inicialmente, em virtude de prever o contato direto com os estudantes, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de

Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC (CEPSH/UFSC), órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, criado para defender os interesses dos agentes da pesquisa em sua integridade e dignidade, de modo a contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. A autorização foi obtida no ano de 2014, por meio do parecer consubstanciado de n. 882.124, conforme anexo 1, após um longo, desgastante e burocrático processo de submissão. Cumprida esta exigência formal, a pesquisa de campo foi estruturada em duas etapas.

### I. Primeira etapa: aplicação de questionário com os formandos de 10 turmas

A primeira delas consistiu na aplicação de um **questionário** (conforme anexo 2) nos cinco cursos de graduação mais concorridos e nos cinco cursos menos concorridos da Universidade Federal de Santa Catarina, com a totalidade dos alunos formandos destas turmas.

Para a seleção dos cursos mais e menos concorridos, tomaram-se por base as informações constantes do relatório oficial do vestibular do ano de 2014 da UFSC, que especificou a seguinte relação candidato x vaga:

### Quadro 6 - Relação candidato x vaga do vestibular 2014 da UFSC

CURSO / TURNO	CANDIDATO X VAGA	NÚMERO DE VAGAS	NÚMERO DE SEMESTRES
1. Medicina (integral)	104,38	65	12
2. Arquitetura e Urbanismo (integral)	27,46	52	10
3. Engenharia Civil (diurno)	24,49	71	10
4. Engenharia Química (diurno)	23,88	32	10
5. Direito (diurno)	23,62	58	10
-	-	-	-
6. Biblioteconomia (noturno)	1,40	52	8
7. Letras Italiano (bacharelado / licenciatura - diurno)	1,31	26	8
8. Letras Alemão (bacharelado / licenciatura - vespertino)	1,19	26	8

9. Matemática e Computação Científica <sup>47</sup> (bacharelado – vespertino)	0,81	26	8
10. Arquivologia (bacharelado – diurno)	0,64	39	8

Fonte: COPERVE/UFSC

Os alunos que responderam a este instrumento de pesquisa encontravam-se no penúltimo semestre da graduação no momento da colheita de dados em sala de aula, durante o primeiro semestre de 2014.

Desta maneira, formou-se a amostra inicial dos formandos pesquisados com os prováveis formandos do segundo semestre de 2014 daqueles cursos referidos – com exceção do curso de Medicina, cuja amostra foi colhida no oitavo semestre do curso (final do ciclo básico de disciplinas), antes de iniciarem o período de internato (dois anos finais do curso, que são conhecidos como ciclo profissionalizante).

Os questionários respondidos totalizaram 150 participações nos 10 cursos e foram colhidos de 09 a 13 de junho de 2014, conforme relatado no diário de campo constante do anexo 3.

## **II. Segunda etapa: entrevista com formandos selecionados**

A partir dos questionários aplicados, foram selecionados, num primeiro momento, alunos de cada turma que tenham se definido, quando da aplicação do questionário, como provenientes das classes populares, para a realização de entrevista, a fim de descreverem sua trajetória universitária, então no último semestre de graduação, qual seja, o segundo semestre de 2014.

O critério utilizado foi a resposta à pergunta de número 18, em que se questionou a renda familiar mensal aproximada. Neste particular, aqueles que responderam ter renda familiar de até 4 salários mínimos foram selecionados como alunos de classes populares, independentemente do número de pessoas

---

<sup>47</sup> Ao longo da tese, apesar de o nome completo do curso ser “Matemática e Computação Científica”, muitas vezes, apenas será feita a menção como curso de “Matemática”, a fim de simplificar a leitura.

cujos rendimentos vinham a compor esse montante final, ou seja, o critério se deu pela renda global daquele grupo familiar<sup>48</sup>.

Assim, dos 41 alunos (27,88% do total) que se autodefiniram como pertencentes às classes populares, apenas 14 se disponibilizaram a participar da segunda etapa. Porém, quando do posterior contato para o agendamento da entrevista, apenas 5 formandos efetivamente se prontificaram a participar.

Neste momento, com a amostra dos alunos das classes populares definida, procurou-se ampliar o alcance da pesquisa, sobretudo por se vislumbrar a perspectiva relacional de análise. A metodologia escolhida, justamente por trabalhar o objeto da pesquisa a partir deste viés, implicou a utilização do recurso adaptado do “estudo de caso” nesta investigação não só com os alunos das classes populares, mas com a totalidade de alunos que se manifestou pela participação na segunda etapa.

Por isso, foram feitas entrevistas com todos os demais alunos que, apesar de não se incluírem nas classes populares, colocaram-se à disposição da pesquisa. Este contato com os alunos, sejam os de classes populares, sejam os demais, totalizou 60 e-mails enviados para o agendamento da entrevista. Deste total, 33 responderam, concordando em ser entrevistados. Contudo, posteriormente, apenas 21 deles efetivamente vieram a participar (dentre os quais, estavam os 5 alunos de classes populares).

No quadro abaixo, podem-se verificar essas informações de forma esquematizada:

#### Quadro 7 - Resultados da aplicação de questionários

CURSO	Total de questionários respondidos	Questionários de alunos das classes populares	Alunos de classes populares para entrevista	Outros alunos para entrevista
Arquivologia	5	2	-	-
Matemática	8	3	1 (não participou)	2 participações
Alemão	6	1	1 (não participou)	3 adesões, mas apenas 1 participação
Italiano	9	6	1 (não participou)	1 participação

<sup>48</sup> Como as famílias, em média, possuíam de 3 a 5 integrantes, optou-se pelo critério da renda global e não, pela renda *per capita*.

Biblioteconomia	19	13	7 (2 participaram)	3 adesões, mas apenas 1 participação
Medicina	36	4	1	22 adesões, mas apenas 4 participações
Arquitetura	21	5	1	9 adesões, mas apenas 4 participações
Engenharia Civil	17	3	-	3 adesões, mas apenas 1 participação
Engenharia Química	3	-	-	2 adesões
Direito	26	4	2 (1 participou)	4 adesões, mas apenas 2 participações
<b>TOTAL</b>	<b>150 questionários respondidos</b>	<b>41 questionários de alunos das classes populares</b>	<b>14 alunos de classes populares aderiram à entrevista (mas apenas 5 participaram)</b>	<b>49 adesões dos demais alunos à entrevista (mas apenas 16 participaram)</b>

Fonte: base de dados da tese

Vale destacar que no curso de Engenharia Química não houve a identificação de nenhum aluno de classes populares, até mesmo pelo fato da amostra ter sido composta apenas por 3 alunos.

Ainda, houve cursos em que inexistiu aluno das classes populares que aceitasse participar da entrevista, razão pela qual não se puderam aprofundar as informações obtidas preliminarmente por meio das questões objetivas. É o caso do curso de Arquivologia, em que 2 alunos de classes populares (da turma de 5 pessoas) não aceitaram participar da investigação, bem como do curso de Engenharia Civil, em que nenhum dos 3 alunos (da turma de 17 pessoas) concordaram em colaborar com a entrevista.

Outra informação interessante é acerca dos alunos que não se autodeclararam como provenientes das classes populares. Notou-se que alguns daqueles possuíam trajetórias semelhantes às destes. Mas isto será melhor analisado

posteriormente, dentre todas as situações constatadas nas entrevistas.

Na sequência, apresentam-se os dados apurados a partir dos 150 questionários respondidos pelos formandos.

## 5 A AMOSTRA INICIAL: DEZ TURMAS DE FORMANDOS DE 2014 – O perfil de cada turma de formandos: cursos *mais* concorridos

As famílias e as classes reuniam indivíduos que se aproximavam por sua semelhança moral e pela identidade de seu gênero de vida (ARIÈS, 1981, p. 196).

A análise da amostra inicial composta pelas 10 turmas de formandos selecionadas pelo recorte da pesquisa é feita em etapas. Em primeiro lugar, cada uma dessas turmas é descrita individualmente, para que se possa apreender um pouco da realidade de cada curso. Na medida em que se faz isso, também são feitas comparações progressivas entre os cursos.

Em segundo lugar, os cursos são analisados em dois agrupamentos: o dos cursos mais concorridos e o dos cursos menos concorridos. Sobre a relação entre os candidatos inscritos e o número de vagas, observa-se que o curso de Medicina é, de longe, o mais disputado, com mais de 100 candidatos por vaga, fenômeno que se repete há vários anos, sempre com números crescentes de concorrência. Os outros 4 mais concorridos possuem a relação em questão em torno de 20 a 30 candidatos por vaga. Por sua vez, no grupo dos menos concorridos, Biblioteconomia, Italiano e Alemão possuem pouco mais de 1 candidato por vaga; ao passo que Matemática e Arquivologia sequer chegam a ter 1 candidato por vaga<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> Em 2015, os cursos ora analisados apresentaram a seguinte concorrência para classificação geral: Medicina – 118,12 C/V, Arquitetura – 33,93 C/V, Engenharia Civil – 26,75 C/V, Engenharia Química – 27,96 C/V, Direito (diurno) – 27,62 C/V, Biblioteconomia – 1,93 C/V, Letras-Italiano – 1,24 C/V, Letras-Alemão – 1,48 C/V, Matemática – 1,86 C/V e Arquivologia – 1,39 C/V. Veja-se que os cinco cursos mais concorridos continuaram a sê-los em 2015, apenas em ordem diversa: 1) Medicina, 2) Arquitetura, 3) Engenharia Química, 4) Direito, 5) Engenharia Civil. Quanto aos menos concorridos, o único curso que não entrou na lista, por pequena margem, foi Biblioteconomia. O lugar vago foi ocupado pelo curso de Letras-Espanhol. A relação seria a seguinte, do menos concorrido ao mais: a) Letras-Italiano, b) Arquivologia, c) Letras-Alemão, d) Letras-Espanhol e

Em terceiro lugar, reúnem-se todos os 10 cursos para uma análise conjunta dos dados apurados. E, em quarto lugar e por último, analisa-se apenas o grupo de alunos oriundos das classes populares de todos os cursos nesse quadro geral de formandos.

## 5.1 MEDICINA

Após a tabulação dos dados dos 36 alunos participantes, da oitava fase do curso de Medicina, no anexo 4, a sua descrição consta do anexo 5.

Diante da apresentação de cada uma das turmas analisadas, por meio da apuração dos dados quantitativos, é possível delinear um “perfil médio” do aluno de cada curso. Este perfil pode ser vislumbrado justamente porque se evidenciou que cada turma possui uma somatória de certas qualidades específicas, que a diferencia das demais. Portanto, pareceu importante levantar essa espécie de “aluno padrão” de cada turma, a fim de conseguir enxergar a maioria e as minorias de alunos dentro de um mesmo grupo. Evidente que é necessário se discutir a homogeneidade presente nas turmas, o que se fará adiante nesta tese.

No curso de Medicina, encontra-se o seguinte perfil médio:

### Quadro 8 - Perfil médio do formando de Medicina

Característica	Percentual (Quantidade e de alunos)	Observações
<b>i. Sexo feminino</b>	66,66% (24)	
<b>ii. Idade de 20 a 24 anos</b>	69,44% (25)	- Apenas 1 aluno possui mais que 30 anos
<b>iii. Cor branca</b>	88,88% (32)	- Há apenas 2 pardos e 2 negros
<b>iv. Solteiro</b>	94,44% (34)	- Os 2 cônjuges referidos possuem a ocupação de “estudante” e de “analista de sistema”
<b>v. Nascido em SC</b>	63,87% (23)	- Há 1 aluno nascido no exterior (Inglaterra)

e) Matemática. Disponível em: <http://www.vestibular2015.ufsc.br>. Acesso em: 14.jan.2015.



vi. Residia em SC antes de ingressar na UFSC	69,44% (25)	
vii. Reside em Florianópolis atualmente	94,44% (34)	- Apenas 2 não residem: 1 em Palhoça e 1 em Biguaçu
viii. Mora em bairro ao lado da UFSC	88% (32)	- Outros bairros citados: Carianos, Coqueiros, Passa Vinte/Palhoça e São Miguel/Biguaçu
ix. Ingressou na UFSC em 2010.2	94,44% (34)	- Apenas 2 alunos ingressaram em 2010.1
x. Mora com um familiar pelo menos, sendo a maioria com os pais	52,78% (19)	- 7 moram com amigos - 6 moram sozinhos
xi. Pai com Ensino Superior	66,66% (24)	- 7 com Ensino Médio - 5 com Ensino Fundamental
xii. Pai na ocupação <sup>50</sup> de “profissional liberal”, sendo a profissão mais citada a de “Médico” (5 vezes)	41,66% (15)	- Segunda ocupação mais citada foi a de “empresário” (6)
xiii. Mãe com Ensino Superior	66,66% (24)	- 10 com Ensino Médio - 2 com Ensino Fundamental - Maior escolaridade que a dos pais
xiv. Mãe na ocupação de “profissional liberal”, sendo a profissão mais citada a de “Professora” (11 vezes)	52,77% (19)	- Segunda ocupação mais citada foi a de “dona de casa” (8)

<sup>50</sup> Considerando a profusão de respostas dos alunos, segundo seu registro “livre” no questionário, para o quesito “ocupação dos genitores”, buscou-se reduzir esse universo de atividades encontradas a certos grupos de categorias profissionais, a fim de facilitar a compreensão dos dados da família. Fica claro que as dificuldades encontradas para a categorização das profissões são inerentes às mudanças das formas de trabalho que marcam o tempo atual; além das mudanças nos grupos sociais que passaram a frequentar a Universidade. Para fins práticos de classificação das ocupações profissionais referidas, procedeu-se da seguinte forma: observou-se, primeiramente, se a pessoa é profissional liberal (para aqueles que possuem profissão regulamentada por lei, por exemplo, administrador, advogado etc.); após, se é empresário (isto é, se possui atividade econômica organizada, como um proprietário de oficina mecânica, de loja etc.); em terceiro lugar, se é prestador de serviço na iniciativa privada ou autônomo (como mecânico, vendedor etc.); em quarto lugar, se é servidor público; em quinto lugar, se é aposentado ou falecido; e, por fim, a última opção, quando houve a exclusão de todas as categorias anteriores, enquadrado-se a pessoa em “outros” tipos de serviços.

<p><b>xv. Renda familiar mensal acima de 10 salários mínimos</b></p>	<p>55,55% (20)</p>	<p>- 12 referem de 4 a 10 SM - 4 referem de 2 a 4 SM - Nenhum refere até 2 SM <b>- Há 4 alunos das classes populares</b></p>
<p><b>xvi. Cursou Educação Infantil apenas em instituição particular, no turno matutino</b></p>	<p>52,77% (19) e 69,44% (25)</p>	
<p><b>xvii. Cursou Ensino Fundamental apenas em instituição particular, no turno matutino</b></p>	<p>55,55% (20) e 72,22% (26)</p>	
<p><b>xviii. Cursou Ensino Médio apenas em instituição particular, no turno matutino</b></p>	<p>75% (27) e 83,33% (30)</p>	<p>- 1 aluno cursou o EM na Austrália - 7 alunos referiram necessidade de bolsa de estudos (especialmente no EM)</p>
<p><b>xix. Não fez curso técnico, nem supletivo</b></p>	<p>94,44% (34)</p>	<p>- Apenas 1 fez curso técnico (Enfermagem) e 1 fez supletivo</p>
<p><b>xx. Fez curso pré-vestibular, em instituição privada</b></p>	<p>83,33% (30) e 96,66% (29)</p>	
<p><b>xxi. Ingressou na UFSC por vestibular</b></p>	<p>100%</p>	
<p><b>xxii. No ano de ingresso, também passou em outros vestibulares</b></p>	<p>77,77% (28)</p>	<p>- 21 disseram que passaram para outros cursos de Medicina</p>
<p><b>xxiii. Não fez ou faz outra graduação</b></p>	<p>97,22% (35)</p>	<p>- Apenas 1 aluno já é graduado em Medicina Veterinária</p>
<p><b>xxiv. Não trabalha</b></p>	<p>83,33% (30)</p>	<p>- Destes, 12 já disseram ter trabalhado, sendo a maioria em atividades acadêmicas - De 6 alunos que trabalham, apenas 1 não está relacionado com atividade acadêmica</p>
<p><b>xxv. Não precisa trabalhar para ajudar no sustento da família</b></p>	<p>94,44% (34)</p>	
<p><b>xxvi. A família lhe ajuda financeiramente durante a faculdade</b></p>	<p>88,88% (32)</p>	
<p><b>xxvii. Já planejou os objetivos profissionais para o período após a formatura</b></p>	<p>83,33% (30)</p>	<p>- A maioria refere a intenção de cursar a residência (especialização)</p>

Fonte: base de dados da tese

### O que esses dados revelam?

O fato do curso de Medicina ser o mais concorrido da UFSC demonstra, por si só, que, para acessar esta formação, os alunos devem passar por uma rigorosa seleção. Dentre os

curso da Universidade, é neste que o ideal meritocrático mais se realiza. Os dados colhidos na pesquisa comprovam estas informações.

Os alunos selecionados possuem muitas similaridades entre si, entre suas famílias, entre seus percursos escolares e suas trajetórias universitárias. É possível notar que há certa homogeneidade na turma, pois as respostas facilmente se concentraram em uma das opções possíveis.

A turma analisada nesta tese é aquela composta pelos alunos admitidos no segundo semestre de 2010, considerando o transcurso regular das fases de graduação. De fato, como visto, apenas 2 alunos não teriam ingressado neste semestre, contudo, também pertenciam aos vestibulandos do ano de 2010. Provavelmente, se a análise recaísse sobre a turma ingressante no primeiro semestre de 2010, com os 50 primeiros alunos do curso, os dados seriam bastante similares, vez que, na classificação dos 100 vestibulandos admitidos, as notas são bastante próximas e, portanto, o fator de distinção também deve ser pequeno entre os alunos.

De acordo com o Relatório Oficial do Vestibular de 2010, da Comissão Permanente de Vestibular da UFSC<sup>51</sup>, os classificados para o curso de Medicina seriam admitidos em 50 vagas para o primeiro semestre e 50 vagas para o segundo semestre. À época do vestibular, a média da relação entre candidatos e número de vagas foi de 59,77: os não optantes pelo Programa de Ações Afirmativas (PAA) concorreram à razão de 71,14 para 70 vagas; os autodeclarados negros ou pardos, 12,80 para 10 vagas; e os egressos de escola pública, 43,30 para 20 vagas.

Partindo-se do pressuposto de que o perfil do formando de Medicina, em média, é, atualmente, de uma mulher, jovem (de 20 a 24 anos), branca, solteira e catarinense, qual era o perfil do calouro do curso em 2010?

O Relatório Oficial aponta que ingressaram:

---

51

- 63% de homens (e se inscreveram 36,42%) e 38% de mulheres (e se inscreveram 63,59%);
- 69,32% com até 19 anos (índice geral para todos os cursos);
- 85% de brancos, 6% de negros, 9% de pardos e 1 indígena;
- 71% oriundos de SC, 11% do PR, 10% do RS, 4% de SP e 5% de outros estados;
- 63,37% de egressos de Ensino Médio de escolas privadas; e 32,67%, de escolas públicas

Quanto ao sexo, hoje o número de alunas na turma é superior ao de alunos, diferente da época de ingresso, o que denota que as alunas persistiram de forma contínua nas fases do curso.

Quanto à idade, as médias de 2010 e de 2014 são condizentes, pois os alunos que ingressaram com até 19 anos na UFSC, hoje se encontram na faixa dos 24 anos. Isto quer dizer que as trajetórias universitárias pesquisadas foram estruturadas efetivamente desde muito cedo, dando sequência praticamente ininterrupta da Educação Básica à formação em grau superior. E veja-se que mesmo o único aluno da turma que possui um pouco mais de idade (30 anos) não representa propriamente uma exceção, vez que está em sua segunda graduação, pois já é Médico veterinário formado pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Quanto à cor declarada pelo aluno, o percentual dos ingressantes e dos formandos manteve-se praticamente o mesmo: a maioria de cor branca. Os 2 alunos negros e os outros 2 alunos pardos representam 11% da turma atual, o que corresponde à margem inicial que era de 10% no grupo dos calouros.

Quanto ao estado de origem dos alunos, a maioria, desde o ingresso, era de Santa Catarina: foram de 71% para 63,87% na turma de formandos, portanto, com uma pequena redução percentual.

Quanto à Educação Básica, inicialmente, 63,37% dos alunos provieram de instituições particulares. Na turma de formandos este índice sobe para 75%. É de se perguntar o que aconteceu a mais de 11% dos egressos das escolas públicas

para que não tenham acompanhado a sua turma de origem. Estariam em outras fases? Trancaram ou desistiram do curso?

Sobre os demais dados do Relatório Oficial, não se pode traçar um paralelo factível com os dados da tese, vez que tomaram por base a totalidade dos alunos classificados para a UFSC e não apenas os ingressantes do curso de Medicina. De qualquer modo, serviu especialmente a revelar que as mulheres estão mais próximas da formatura e que alunos da escola pública da turma original diminuíram ao final da graduação.

Acerca dos outros dados da pesquisa da tese, há algumas considerações a fazer.

Sobre a moradia dos formandos, todos residem na Grande Florianópolis<sup>52</sup>, sendo que a maioria está no entorno da UFSC, o que facilita sobremaneira o acesso ao *campus*. Ainda, morar com os pais ou, pelo menos, com algum familiar, é um indicativo de que o grupo primário de origem permanece presente na formação do aluno. Aqueles que moram sozinhos ou com amigos provavelmente devem ser aqueles alunos que tiveram que mudar sua residência para Florianópolis quando iniciaram a faculdade.

No que se refere à escolaridade e ocupação dos pais, é significativo o dado de que tanto pais quanto mães possuem, em sua maioria, o Ensino Superior e que, profissionalmente, desempenham as funções de médico e de professora. Definitivamente, os ascendentes possuíam um capital escolar prévio considerável – e o das mães até maior que o dos pais.

Também chama a atenção a renda familiar mensal da maior parte das famílias, que é acima de 10 salários mínimos. E, de acordo com a questão número 19, sobre o número de pessoas que vivem desta renda, as famílias com até 4 pessoas são maioria (80,55%), o que assinala uma renda *per capita* considerável. Ainda, apenas 4 alunos declaram que a renda

---

<sup>52</sup> A região da Grande Florianópolis tem seu núcleo composto a partir da conurbação da capital, Florianópolis, com municípios vizinhos. Compõem tal núcleo: Florianópolis, São José, Palhoça, Biguaçu, Santo Amaro da Imperatriz, Governador Celso Ramos, Antônio Carlos, Águas Mornas e São Pedro de Alcântara. Ao redor deste núcleo, mais 13 municípios formam uma área de expansão, totalizando 22 municípios na região metropolitana: Alfredo Wagner, Angelina, Anitápolis, Canelinha, Garopaba, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, Paulo Lopes, Rancho Queimado, São Bonifácio, São João Batista e Tijucas.

familiar é de 2 a 4 salários mínimos e ninguém disse ter renda menor que 2 salários mínimos.

Embora já referida a escolarização básica dos alunos, ainda cabe mencionar que a migração dos alunos para o ensino privado, conforme o nível de ensino progredia, é visível: 52,77% na Educação Infantil, 55,55% no Ensino Fundamental e 75% no Ensino Médio. Há uma preferência pelos cursos regulares e matutinos, que foram complementados pelo curso de pré-vestibular por 83,33% dos alunos. Todo este percurso não apenas serve para justificar a entrada de todos por meio de vestibular – já que é muito raro o curso de Medicina abrir vagas para as opções de transferência ou retorno –, como também para proporcionar a aprovação em outras instituições (77,77%), sobretudo para o mesmo curso, tradicionalmente de alta competitividade entre os vestibulandos.

O projeto de dedicação aos estudos, a aparente boa situação socioeconômica das famílias e a alta exigência da graduação em Medicina podem ser possíveis explicações para que 83,33% (30 alunos) não desempenhem qualquer atividade remunerada no momento. Mesmo que 12 destes 30 alunos já tenham trabalhado anteriormente, suas atividades estiveram mais focadas na Universidade, como em funções de bolsistas de iniciação científica e de monitores de disciplinas, por curto período de tempo (no máximo, 2 anos). Dos 6 alunos que trabalham atualmente, 5 estão nestas mesmas atividades acadêmicas e apenas 1 disse trabalhar em área não relacionada ao curso (como fotógrafo, há 1 ano).

Há uma óbvia correlação destes 83,33% que não trabalham com os 88,88% que disseram precisar da ajuda da família para o seu sustento; e com os 94,44% que disseram não ter que contribuir para a renda familiar mensal.

Sobre as perspectivas profissionais futuras, a maioria disse ter traçado algumas metas, das quais a residência (especialização) foi a mais referida. Muitos também pretendem começar a trabalhar como “clínico geral”, seja antes do ingresso na residência, seja concomitantemente. Apenas 2 alunos disseram ter interesse na Pós-Graduação. E alguns também fizeram constar o desejo de casar e de constituir família.

Por fim, metade da turma concentrou as respostas sobre a definição da trajetória universitária em cinco palavras: cansativa, dedicação, esforço, persistência e difícil.

## 5.2 ARQUITETURA E URBANISMO

A tabulação dos dados dos 21 alunos da nona fase do curso de Arquitetura e Urbanismo consta do anexo 6, com sua subsequente descrição (anexo 7). Estes dados revelam o seguinte perfil médio do formando:

### Quadro 9 - Perfil médio do formando de Arquitetura

Característica	Percentual (Quantidade de alunos)	Observações
<b>i. Sexo feminino</b>	61,90% (13)	
<b>ii. Idade de 20 a 24 anos</b>	57,14% (12)	- Há 6 alunos de 25 a 29 anos; e 2 de 30 a 39 anos
<b>iii. Cor branca</b>	80,95% (17)	- Há apenas 3 pardos e 1 amarelo. Não há negros
<b>iv. Solteiro</b>	95,23% (20)	- O cônjuge referido possui a ocupação de "designer"
<b>v. Nascido em SC</b>	61,89% (13)	- 10 são da Grande Florianópolis
<b>vi. Residia em SC antes de ingressar na UFSC</b>	61,89% (13)	- 11 já moravam na Grande Florianópolis - 1 aluno morava nos Estados Unidos
<b>vii. Reside em Florianópolis atualmente</b>	85,71% (18)	- Apenas 3 não residem: 2 em São José e 1 em Palhoça
<b>viii. Mora em bairro ao lado da UFSC</b>	61,89% (11)	- Outros bairros citados: Canasvieiras, Ingleses, Rio Vermelho, Lagoa da Conceição, Monte Verde, Coqueiros. Em São José, Barreiros e Floresta. Em Palhoça, Ponte do Imaruim
<b>ix. Ingressou na UFSC em 2009.2</b>	42,85% (09)	- 4 ingressaram em 2009.1, totalizando 61,90% em 2009 - A turma original é de 2010.1 (restaram 2 alunos apenas)
<b>x. Mora com um dos pais pelo menos</b>	61,89% (13)	- Apenas 2 alunos não moram com algum familiar
<b>xi. Pai com Ensino Superior</b>	52,37% (11)	- 7 com Ensino Médio - 3 com Ensino Fundamental
<b>xii. Pai na ocupação de "profissional liberal", sendo a profissão mais citada a de "Médico" (3 vezes)</b>	33,33% (07)	- Ocupações bem diversificadas
<b>xiii. Mãe com Ensino Superior</b>	57,14% (12)	- 7 com Ensino Médio - 2 com Ensino Fundamental

xiv. Mãe na ocupação de “profissional liberal”	33,33% (07)	- Profissionais liberais diversas - Segunda ocupação mais citada foi a de “dona de casa” (5)
xv. Renda familiar mensal acima de 10 salários mínimos	57,13% (12)	- 5 referem de 4 a 10 SM - 4 referem de 2 a 4 SM - Nenhum refere até 2 SM - <b>Há 4 alunos das classes populares</b>
xvi. Coursou Educação Infantil apenas em instituição particular, no turno vespertino	71,42% (15) e 52,37% (11)	- 5 alunos apenas em escola pública
xvii. Coursou Ensino Fundamental apenas em instituição particular, no turno vespertino	61,90% (13) e 47,61% (10)	- 5 alunos apenas em escola pública
xviii. Coursou Ensino Médio apenas em instituição particular, no turno matutino	57,13% (12) e 80,95% (17)	- 6 alunos apenas em escola pública - Apenas 1 aluno referiu necessidade de bolsa de estudos (no EM) - 1 aluno estudou na França
xix. Não fez curso técnico	85,71% (18)	- 3 alunos fizeram o técnico: Técnico em Edificações, Técnico de Meio Ambiente
xx. Não fez supletivo	100%	
xxi. Fez curso pré-vestibular, em instituição privada	80,95% (17) e 94,11% (16)	
xxii. Ingressou na UFSC por vestibular	100%	
xxiii. No ano de ingresso, também passou em outros vestibulares	80,95% (17)	- 6 passaram para outros cursos de Arquitetura e 7 para cursos afins (como Edificações e Design)
xxiv. Não fez ou faz outra graduação	100%	
xxv. Trabalha	80,95% (17)	- 82,35% em estágios - Todos alunos já tiveram alguma experiência profissional
xxvi. Não precisa trabalhar para ajudar no sustento da família	90,47% (19)	
xxvii. A família lhe ajuda financeiramente durante a faculdade	95,23% (20)	
xxviii. Já planejou os objetivos profissionais para o período após a formatura	76,19% (16)	- A maioria refere a intenção de realizar pós-graduação / mestrado; trabalhar em escritório; prestar concurso público

Fonte: base de dados da tese



### **O que esses dados revelam?**

O curso de Arquitetura e Urbanismo, segundo mais concorrido da UFSC, juntamente com os outros três que o seguem, são obviamente bastante seletivos, mas não chegam a ter tantos candidatos por vaga quanto o curso de Medicina, de forma que a disputa seja um pouco mais branda, mas, ainda assim, rigorosa com os inscritos.

A turma analisada também apresenta certo aspecto de homogeneidade, vez que facilmente as respostas contabilizadas se concentraram majoritariamente em uma das opções do questionário.

Como referido, a turma em questão deveria ser composta, a princípio, pelos 40 alunos admitidos no primeiro semestre de 2010, caso tivessem cursado todos os semestre sequencialmente. Contudo, a maior parte dos formandos provem das turmas de 2009, ou seja, com 1 semestre (42,95%) ou 2 semestres (19,04%) a mais que a turma de 2010.1 (9,52%).

De qualquer maneira, como o que interessa é traçar um comparativo com a turma original, o Relatório Oficial do Vestibular de 2010, da Comissão Permanente de Vestibular da UFSC, é o que reúne as informações pertinentes. O Relatório dispôs que os classificados para o curso de Arquitetura seriam admitidos em 40 vagas para o primeiro semestre e 40 vagas para o segundo semestre. À época do vestibular, a média da relação entre candidatos e número de vagas foi de 14,78: os não optantes pelo PAA concorreram à razão de 16,79 para 56 vagas; os autodeclarados negros ou pardos, 2,00 para 8 vagas; e os egressos de escola pública, 14,13 para 16 vagas.

Quanto ao perfil do calouro do curso em 2010, o Relatório aponta que ingressaram:

- 36,25% de homens (e se inscreveram 25,13%) e 63,75% de mulheres (e se inscreveram 74,87%);
- 69,32% com até 19 anos (índice geral para todos os cursos);
- 87,50% de brancos, 8,75% de pardos, 2,50% de amarelos e 1,25% de negros (nenhum indígena);

- 73,75% oriundos de SC, 10% de SP, 7,50% do PR, 6,25% de outros estados e 2,50% do RS;
- 61,25% de egressos de Ensino Médio de escolas privadas (e 28,75% de escolas públicas)

O perfil do formando de 2014 mantém exatamente as mesmas características do perfil do calouro de 2010: de uma mulher, jovem, branca, solteira e catarinense.

Acerca da idade, mais uma vez se nota que a passagem da Educação Básica para o Ensino Superior se deu de forma contínua.

Relativamente à cor descrita pelos alunos, tanto os calouros quanto os formandos apresentam a grande maioria branca. Em números bem menores, seguem os pardos e os amarelos. É interessante notar que na amostra de 2014 não há negros na turma, embora em 2010 tenha ingressado 1 aluno negro.

Sobre o estado de origem, a maioria dos alunos de 2014 é catarinense, assim como os de 2010. A única pequena diferença foi o fato de que Paraná e estados do Sudeste ocupavam o segundo lugar em 2014, seguidas pelo Rio Grande do Sul. Em 2010, São Paulo ocupou o segundo lugar, seguido pelo Paraná, por outros estados do Brasil e, por último, pelo Rio Grande do Sul.

Quanto à Educação Básica, a turma de calouros apresentava 61,25% que cursaram apenas escola particular no Ensino Médio. Já para os formandos, este índice é de 57,14%. Aqueles que cursaram apenas escola pública mantiveram-se praticamente inalterados: 28,75% em 2010 e 28,57% em 2014.

Além destes dados cotejados entre 2010 e 2014, há que se examinar mais algumas situações presentes na turma de formandos.

Especificamente sobre as cidades de origem e as cidades em que residiam antes de ingressar na UFSC, o mesmo percentual se confirmou (61,89%). Nas cidades de origem, percebe-se que 10 alunos nasceram na região da Grande Florianópolis e, nas cidades que residiam antes da faculdade, 11 afirmaram já morar em Florianópolis. Aí está uma explicação para o fato de que os mesmos 61,89% aparecem como o

percentual de alunos que moram com os ascendentes, ou seja, a maioria deles não precisou migrar de outros lugares para a Capital, de modo a continuar na residência da família. Na análise dos bairros, podem-se dividir naqueles que residem em bairros vizinhos à UFSC (11 alunos) e em bairros distantes da UFSC (10 alunos), praticamente em igual proporção. Aqueles que estão mais distantes da Universidade coincidentemente são também, em maior número, os que moram com os ascendentes. Certamente, a proximidade com familiares é fator significativo nesta turma, sendo que apenas 2 alunos não moram com algum familiar (1 mora sozinho e 1 com amigos).

De acordo com os questionários, tanto os pais quanto as mães apresentam índices muito similares quanto à escolaridade e à ocupação profissional. São 52,37% dos pais e 57,14% das mães que possuem Ensino Superior; 33,33% de pais e mães com Ensino Médio; e 14,28% dos pais e 9,52% das mães com Ensino Fundamental. Em termos práticos, a diferença é de 1 mãe a mais com Ensino Superior, ou, 1 pai a mais no Ensino Fundamental. Quanto às ocupações, apareceram diversas funções tanto para pais, quanto para mães, embora predomine, para ambos, o caráter de profissional liberal, em igual razão de 33,33%.

Não surpreende, assim, o fato de que a renda familiar mensal da maior parte está acima de 10 salários mínimos (57,13%). As outras duas faixas de renda citadas são praticamente equivalentes, 23,80% de 4 a 10 salários e 19,04% de 2 a 04 salários, sendo que não houve menção à renda menor que 2 salários mínimos.

Complementando as informações sobre a escolarização dos formandos, embora o acesso exclusivo à instituição privada tenha sido sempre predominante, vê-se que, de acordo com o progresso no nível de ensino, ele diminuiu: 71,42% na Educação Infantil, 61,89% no Ensino Fundamental e 57,14% no Ensino Médio. Assim, alguns alunos foram migrando para a escola pública neste processo. Nos dois primeiros níveis, houve preferência por cursos regulares vespertinos e no Ensino Médio, por regulares e matutinos.

Apesar da migração para o ensino público, verifica-se que os alunos não deixaram de recorrer aos cursinhos pré-vestibulares (80,95%), sendo que, nesta hipótese foram majoritários na escolha de instituições privadas (94,10%).

Logicamente, esta estratégia se correlaciona com a forte concorrência no vestibular, vez que todos disseram ter ingressado por meio dele.

Outrossim, o bom preparo dos estudantes também se revelou na aprovação da maioria (80,95%) para outros cursos superiores, sobressaindo as opções por Arquitetura e cursos afins, como Design, Engenharia, Edificações.

Na questão a respeito do desempenho de atividade remunerada, é de se destacar o fato de que todos os alunos já têm alguma experiência profissional, mesmo a minoria de 4 alunos que atualmente não está trabalhando. Na turma, 80,95% estão desempenhando alguma atividade, sendo que a maioria faz estágio na área de formação (82,35%) – dado relevante, pois vislumbram as possibilidades profissionais após a formatura; apenas 1 aluno não tem ocupação atinente ao curso (Professora de dança).

Até mesmo pelo fato de empregarem boa parte do seu tempo entre faculdade e estágio, a maioria requisita a família para o seu sustento (95,23%).

Para o futuro, 76,19% deles fazem planos, que incluem especialmente: a continuidade dos estudos no âmbito da Pós-Graduação; o trabalho em escritório de Arquitetura (da família, de terceiros ou próprio); e, o estudo para concurso público na área. Apenas 1 aluno pontuou não ter interesse em iniciar a carreira como Arquiteto, por exercer outra atividade profissional.

Muitas descrições apareceram para ilustrar a trajetória no curso, porém, as duas mais citadas foram dedicação e dúvida. As demais, num exercício difícil de compilação, poderiam ser representadas pela palavra esforço.

### **Síntese – A: Medicina e Arquitetura**

Medicina e Arquitetura são cursos que apresentam muito mais concordâncias do que dados dissonantes. Mesmo assim, em relação à Medicina, vale referir que no curso de Arquitetura, notou-se:

- ✓ A ausência de alunos negros;
- ✓ A maioria dos alunos atrasa a formatura em 1 ou 2 semestres;
- ✓ Mais alunos moram com, pelo menos, 1 dos pais;
- ✓ As ocupações de pais e mães são bastante diversificadas;

- ✓ Há uma maior concentração de renda familiar: há uma diminuição de famílias na faixa intermediária e um acréscimo na superior e na inferior;
- ✓ Alguns alunos migraram da escola particular para a pública ao longo da Educação Básica;
- ✓ Alunos de escola pública mantiveram-se no curso, no mesmo percentual, até a formatura;
- ✓ Grande concentração de alunos que cursaram exclusivamente escola particular na Educação Infantil;
- ✓ Os turnos de preferência na Educação Infantil e no Ensino Fundamental é o vespertino;
- ✓ Todos alunos possuem alguma experiência profissional.

### 5.3 ENGENHARIA CIVIL

Com base na tabela contida no anexo 8, apura-se a descrição das informações relativas aos 17 alunos da nona fase de Engenharia Civil no anexo 9, cujo perfil médio se destaca abaixo:

**Quadro 10 - Perfil médio do formando de Engenharia Civil**

<b>Característica</b>	<b>Percentual (Quantidade de alunos)</b>	<b>Observações</b>
<b>i. Sexo masculino</b>	82,35% (14)	
<b>ii. Idade de 20 a 24 anos</b>	88,23% (15)	- Há 2 alunos de 25 a 29 anos
<b>iii. Cor branca</b>	82,35% (14)	- Há apenas 1 pardo - 2 não responderam
<b>iv. Solteiro</b>	94,11% (16)	- O cônjuge referido possui a ocupação de "engenheiro"
<b>v. Nascido em SC</b>	88,23% (15)	- 8 são da Grande Florianópolis
<b>vi. Residia em SC antes de ingressar na UFSC</b>	88,23% (15)	- 7 moravam na Grande Florianópolis
<b>vii. Reside em Florianópolis atualmente</b>	94,11% (16)	- Apenas 1 reside em Palhoça
<b>viii. Mora em bairro ao lado da UFSC</b>	70,59% (12)	- Outros bairros citados: Lagoa da Conceição, Rio Tavares, Jardim Atlântico. Em Palhoça, Barra do Aririú
<b>ix. Ingressou na UFSC em 2010.1</b>	58,82% (10)	- 7 ingressaram em 2009
<b>x. Mora com familiar(es) ou com amigo(s)</b>	52,94% (09) 47,05% (08)	- 29,40% moram com um dos pais, pelo menos

xi. Pai com Ensino Superior	52,94% (09)	- 5 com Ensino Médio - 2 com Ensino Fundamental - 1 analfabeto
xii. Pai na ocupação de “profissional liberal”, sendo a profissão mais citada a de “Engenheiro” (4 vezes)	41,17% (07)	- A outra profissão citada foi a de contador / contabilista (3)
xiii. Mãe com Ensino Superior	70,59% (12)	- 2 com Ensino Médio - 3 com Ensino Fundamental
xiv. Mãe na ocupação de “profissional liberal”, sendo mais citadas as profissionais da educação (5 vezes)	58,82% (10)	- Diversas ocupações citadas
xv. Renda familiar mensal de 4 a 10 salários mínimos	41,17% (07)	- 4 referem de 10 a 20 SM - 3 referem acima de 20 SM - 2 referem de 2 a 4 SM - 1 refere até 2 SM <b>- Há 3 alunos das classes populares</b>
xvi. Cursou Educação Infantil apenas em instituição particular, no turno matutino	52,94% (09) e 64,70% (11)	- 5 alunos apenas em escola pública
xvii. Cursou Ensino Fundamental apenas em instituição particular, no turno vespertino	47,05% (08) e 47,05% (08)	- 6 alunos apenas em escola pública
xviii. Cursou Ensino Médio apenas em instituição particular, no turno matutino	58,82% (10) e 76,47% (13)	- 7 alunos apenas em escola pública - 2 alunos referiram necessidade de bolsa de estudos - 2 alunos estudaram no exterior
xix. Não fez curso técnico	100%	
xx. Não fez supletivo	100%	
xxi. Fez curso pré-vestibular, em instituição privada	64,70% (11) e 90,90% (10)	
xxii. Ingressou na UFSC por vestibular	100%	
xxiii. No ano de ingresso, também passou em outros vestibulares	58,82% (10)	- 5 passaram para outros cursos de Engenharia Civil
xxiv. Não fez ou faz outra graduação	94,11%	- 1 aluno está cursando Administração - 1 aluno cursou Educação Física

<b>xxv. Trabalha</b>	82,35% (14)	- 10 alunos em estágios - Todos alunos já tiveram alguma experiência profissional
<b>xxvi. Não precisa trabalhar para ajudar no sustento da família</b>	88,23% (15)	
<b>xxvii. A família lhe ajuda financeiramente durante a faculdade</b>	76,47% (13)	
<b>xxviii. Já planejou os objetivos profissionais para o período após a formatura</b>	76,47% (13)	- A maioria refere a intenção de trabalhar como engenheiro (p. ex.: em empresa de terceiros, fazer programa de <i>trainee</i> , abrir seu próprio negócio)

Fonte: base de dados da tese

### **O que esses dados revelam?**

O curso de Engenharia Civil, o terceiro mais concorrido da UFSC, por também pertencer às ciências exatas, guarda muitas similaridades com o de Arquitetura anteriormente analisado. Também, pelo fato de ser altamente seletivo, tem vários aspectos parecidos com o de Medicina.

Ainda se nota que as questões quase sempre apresentam respostas que concentram a maior parte dos alunos, sendo fácil visualizar as maiorias.

A turma de formandos analisada foi admitida no primeiro semestre de 2010 com 55 vagas. De fato, a maior parte dos alunos (58,82%) é da turma original, mas nela também se incluem atualmente alunos que ingressaram em 2009, sendo 35,89% no segundo semestre e 5,88% no primeiro.

Ao se conferir o Relatório Oficial do Vestibular de 2010, da Comissão Permanente de Vestibular da UFSC, a relação geral entre candidatos e vagas (110 ao todo) foi de 11,30. Especificamente, para os não optantes pelo PAA foi de 12,55 (para 77 vagas); para os autodeclarados negros ou pardos foi de 1,45 (para 11 vagas); e para os egressos de escola pública foi de 11,86 (para 22 vagas).

O perfil do calouro do curso em 2010, segundo o Relatório, era o seguinte:

- 77,27% de homens (e se inscreveram 69,35%) e 22,73% de mulheres (e se inscreveram 30,65%);

- 69,32% com até 19 anos (índice geral para todos os cursos);
- 86,36% de brancos, 7,27% de pardos, 3,63% de negros e 2,72% de amarelos (e nenhum indígena);
- 71,81% oriundos de SC, 10,90% do PR, 8,18% de SP, 4,54% do RS e 4,54% de outros estados
- 72,73% de egressos de Ensino Médio de escolas privadas (e 25,45% de escolas públicas)

Do perfil do calouro de 2010 para o perfil do formando de 2014, foram poucas as oscilações, entretanto, as características básicas mantiveram-se inalteradas: de um homem, jovem, branco, solteiro e catarinense.

Quanto ao sexo, hoje o número de alunos homens na turma (82,35%) é ainda maior que à época de entrada (77,27%), o que indica que nem todas as mulheres ingressantes se mantiveram na turma até o final do curso.

A respeito da idade, novamente se nota que a passagem da Educação Básica para o Ensino Superior se deu de forma contínua, pois a maioria (88,23%) encontra-se na faixa etária de 20 a 24 anos – inclusive, apenas 2 alunos ali não se enquadram, por terem de 25 a 29 anos. Trata-se de uma turma bastante jovem.

Tanto os calouros quanto os formandos declararam que em sua maioria são brancos, apresentando percentuais parecidos de 86,36% e 82,35% respectivamente. Todavia, interessa destacar que, se na entrada havia alunos pardos (7,27%), negros (3,63%) e amarelos (2,72%); na turma de formandos, além dos brancos, havia apenas 1 pardo (5,88%). Negros e amarelos não foram identificados, mas é preciso lembrar que 2 alunos não responderam a esta questão, de modo que persiste a dúvida se realmente não subsistiram os negros e os amarelos até o final do curso.

Acerca do estado de origem, a maioria dos alunos de 2014 é catarinense, assim como os de 2010. No entanto, chama a atenção o fato deste percentual ter passado de 71,81% para 88,23%, ou seja, praticamente toda a turma é de formandos catarinenses, com exceção de apenas 2 alunos, um paranaense e outro nordestino. Na época do ingresso, na turma, havia mais



paranaenses (10,90%), paulistas (8,18%) e rio-grandenses-do-sul (4,54%).

Na Educação Básica, note-se que a turma de calouros apresentava 72,73% que cursaram apenas escola particular no Ensino Médio. Já para os formandos, este índice é de 58,82%, portanto, menor que o primeiro. Aqueles que cursaram apenas escola pública é que aumentaram percentualmente na turma: de 25,45% para 41,17%. Ademais, na turma de formandos não havia alunos que fizeram este nível de ensino em ambas, enquanto em 2010 havia o pequeno índice de 1,82%. Houve, por conseguinte, uma importante permanência e aumento dos alunos egressos de escola pública até o final do curso. Seriam alunos com semestres “atrasados” em relação ao ingresso na Universidade que se concentraram nesta turma?

Afora estes dados cotejados entre 2010 e 2014, há outros que demandam análise.

No que se refere às cidades de origem dos alunos, apontou-se que a maioria era catarinense. Quando se olham também as cidades em que residiam antes de ingressar na UFSC, o percentual é exatamente o mesmo para os que moravam em cidades de Santa Catarina: 88,23%. Ou seja, somente 2 alunos vieram de outros estados para estudar em Florianópolis. De outras cidades catarinenses, vieram 47,05% dos alunos para a Capital. Ao se cruzar com os dados relativos à residência, vê-se que quase igual percentual ao dos domiciliados na Grande Florianópolis é o daqueles que vivem com algum familiar (52,94%). Praticamente a outra metade da turma foi a que respondeu morar com amigo(s): 47,05%, possivelmente porque são os que tiveram que migrar de cidade.

Atualmente, com exceção de um aluno que reside em Palhoça, todos os demais vivem em Florianópolis. Na análise dos bairros, a maioria mora perto da UFSC, em bairros contíguos: 70,59%, o que deve facilitar o seu acesso ao *campus*.

Sobre a escolaridade dos pais, os alunos disseram que 52,94% deles tinham Ensino Superior. Na outra metade, pela primeira vez, identifica-se a menção a 1 pai que não tem nenhum grau de instrução.

Por sua vez, sobre a escolaridade das mães, constata-se que 70,52% delas possuem o Ensino Superior, número bem mais representativo do que o dos pais. No grupo de mães também não há ninguém sem escolaridade.

Relativamente às atividades desempenhadas pelos pais, a maioria de 41,17% declara que o pai era profissional liberal, exercendo a função de engenheiro ou de contador. Aqui é evidente a presença da influência direta do exemplo dos pais – com nível Superior – na escolha do curso dos filhos.

Já as mães, embora estatisticamente sejam em maioria profissionais liberais – especialmente as da área da educação (como diretora de escola, pedagogas, professora e psicopedagoga) –, também possuem outras diversas ocupações.

No que tange à renda mensal familiar, o mesmo percentual de famílias encontra-se tanto na faixa acima de 10 salários mínimos quanto na faixa de 4 a 10 salários mínimos: 41,17%. Ou seja, há uma presença considerável da classe alta e média no curso. Apenas 3 famílias percebem até 4 salários mínimos e, destas, apenas 1 não ultrapassa 2 salários.

Retomando o aspecto da escolarização dos formandos, viu-se que nos três níveis de ensino há a predominância de alunos que cursaram apenas escolas particulares. Porém, é de se ressaltar que houve um aumento do número de alunos na escola pública ao longo desses três níveis, chegando a 41,17% no Ensino Médio, como visto anteriormente. Há um pequeno detalhe de que, neste nível, ou o aluno estudou exclusivamente na escola pública ou exclusivamente na privada: não há aluno que tenha estudado em ambas. Os turnos de preferência variaram do matutino para o vespertino e, depois, para o matutino novamente.

Apesar do percentual significativo de alunos do Ensino Médio da escola pública na turma de formandos, muitos vieram ainda a cursar o pré-vestibular (64,70%), na modalidade privada (90,90%).

Os alunos também explicitaram que, no ano que antecedeu seu ingresso na UFSC, 58,82% havia passado para outros cursos, a maioria de Engenharia Civil também ou de áreas relacionadas.

Indagados a respeito do desempenho de atividade remunerada, todos afirmaram já ter alguma experiência profissional, mesmo os 3 alunos que atualmente não trabalham (dos quais 2 tinham ocupações vinculadas ao curso). A maioria de 82,35% que disse trabalhar está focada na realização de estágios, antevendo, portanto, as possibilidades de

empregabilidade futura na condição de engenheiro civil recém-formado.

Também por dedicarem boa parte do seu tempo à faculdade e ao estágio/trabalho, a maioria precisa ainda da família para o seu sustento (76,47%). O que confirma o fato de 88,23% não terem que trabalhar para auxiliar na subsistência dos demais familiares.

Para o período após a formatura, 76,47% traçaram metas, que abarcam especialmente iniciar a carreira como engenheiro civil, seja por meio de um programa de *trainee*, seja por meio da contratação por terceiros. Também aventam a hipótese de abrir o próprio escritório e somente 1 deles cogitou a possibilidade de fazer mestrado. Apenas 1 aluno mencionou o desejo de trabalhar em área diversa (com “investimentos”).

Nas descrições sintéticas de suas trajetórias, são bem lembradas as palavras: dedicação, cansativa, foco, maçante e trabalho. Esforço também poderia ser a outra palavra que resumiria as demais citadas: aprendizado, correria, determinação, estudo e superação.

### **Síntese – B: Medicina, Arquitetura e Engenharia Civil**

Os três cursos apresentam várias similaridades, porém, a respeito do curso de Engenharia Civil, destacaram-se estes aspectos:

- ✓ Grande concentração de formandos do sexo masculino;
- ✓ “Ausência” de alunos negros e amarelos;
- ✓ Turma muito jovem, vez que praticamente todos alunos têm até 24 anos;
- ✓ Grande concentração de alunos catarinenses;
- ✓ Na mesma proporção, ou moram com familiares, ou moram com amigos;
- ✓ A maioria dos pais exerce a profissão de engenheiro;
- ✓ As mães apresentam nível de escolaridade bem mais elevado que os pais – e aparece, pela primeira vez, 1 pai sem nenhum grau de instrução;
- ✓ Forte presença de famílias da classe média – e aparece, pela primeira vez, uma família que possui renda de até 2 salários mínimos;
- ✓ Há 3 famílias de classes populares, ao passo que nos outros 2 cursos, havia 4 em cada;

- ✓ Alunos de escola pública, comparado ao seu ingresso, não só se mantiveram no curso, como aumentaram em quantidade até a formatura;
- ✓ O turno vespertino é preferencial apenas no Ensino Fundamental;
- ✓ O índice de aprovados em outros vestibulares é menor que o dos outros dois cursos;
- ✓ Todos os alunos possuem alguma experiência profissional, com concentração quase unânime na área em que estão se graduando.

#### 5.4 ENGENHARIA QUÍMICA

Conforme descrito anteriormente, a colheita de dados mediante a aplicação de questionários na nona fase de Engenharia Química restou prejudicada. Em primeiro lugar, porque a tentativa realizada em junho de 2014, na sala da então nona fase, só conseguiu reunir 3 questionários respondidos, já que a maioria dos alunos encontrava-se fora do país ou da cidade, em estágio. Em segundo lugar, porque as outras 2 tentativas para contatar os alunos por meio dos e-mails fornecidos pela secretaria do curso não tiveram retorno algum. Em terceiro lugar, porque no último semestre dos formandos não é mais possível encontrá-los reunidos em sala, na Universidade, visto que apenas realizam estágios externos.

Como resta inviável caracterizar uma turma de 20 alunos formandos, segundo listagem da secretaria, a partir de 3 deles, apenas serão relatados os dados obtidos, mas sem a pretensão de generalizações e/ou comparações.

Por meio do Relatório Oficial do Vestibular de 2010, da Comissão Permanente de Vestibular da UFSC, foram previstas 25 vagas para cada semestre. A relação geral entre candidatos e vagas foi de 13,66. Para os não optantes pelo PAA foi de 15,77 (para 35 vagas); para os autodeclarados negros ou pardos foi de 3,00 (para 5 vagas); e para os egressos de escola pública foi de 11,60 (para 10 vagas).

O perfil do calouro do curso em 2010, segundo o Relatório, era definido assim:

- 46% de homens (e se inscreveram 43,19%) e 54% de mulheres (e se inscreveram 56,81%);
- 69,32% com até 19 anos (índice geral para todos os cursos);
- 80% de brancos, 8% de pardos, 8% de negros e 4% de amarelos (e nenhum indígena);
- 58% oriundos de SC, 18% de SP, 12% do PR, 8% do RS e 4% de outros estados
- 68% de egressos de Ensino Médio de escolas privadas, 28% de escolas públicas e 4% de ambas.

O único dado que se consegue comparar com a íntegra da turma de formandos é a composição de sexo. Entraram 46% de homens e 54% de mulheres; ao passo que vão se formar 50% de cada. Isto é, ouve uma pequena redução do percentual de mulheres em relação à turma original. Além disso, é a única turma que apresenta os sexos em igualdade dentre as turmas dos 5 cursos mais concorridos.

No mais, o perfil médio do calouro de 2010 era de uma mulher, jovem, branca, catarinense e egressa do Ensino Médio exclusivamente de escola privada.

Por sua vez, os dados apurados dos 3 formandos que participaram da pesquisa são os seguintes:

- ✓ 2 mulheres e 1 homem;
- ✓ 2 com idade de 20 a 24 anos e 1 com idade de 25 a 29 anos;
- ✓ Todos brancos;
- ✓ Todos solteiros;
- ✓ 1 nascido em Santo Amaro da Imperatriz/SC, 1 nascido em Marília/SP e 1 nascido em Sorocaba/SP;
- ✓ Antes de ingressar na UFSC, 1 residia em Anitápolis/SC, 1 em Assis/SP e 1 em Sorocaba/SP;
- ✓ Atualmente, todos residem em Florianópolis, sendo 2 no bairro Trindade e 1 no Córrego Grande;
- ✓ Quanto ao ingresso na UFSC, cada um é de uma turma original diferente: 2010.1, 2009.2 e 2009.1;
- ✓ 2 moram com irmão(s) e 1 mora com amigo(s);
- ✓ 2 pais possuem Ensino Superior (e 1 deles com Pós-Graduação) e 1 pai possui Ensino Fundamental;

- ✓ Cada pai tem uma ocupação diferente: autônomo, empresário (comerciante) e aposentado;
- ✓ Cada mãe possui um nível de escolaridade diferente: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior;
- ✓ Cada mãe tem uma ocupação diferente: profissional liberal (“secretária”), aposentada e dona de casa;
- ✓ Sobre a renda mensal familiar aproximada: 1 família percebe mais de 20 salários mínimos (para 5 pessoas) e as outras 2 famílias percebem de 4 a 10 salários mínimos (para 3 e 5 pessoas, respectivamente);
- ✓ Na Educação Infantil: 1 frequentou apenas escola pública (turno matutino) e 2 apenas privadas (turno vespertino);
- ✓ No Ensino Fundamental: 2 frequentaram apenas escola pública e 1 apenas privada, todos no turno matutino;
- ✓ No Ensino Médio: 1 frequentou apenas escola pública, 1 apenas privada e 1 ambas, todos no turno matutino (1 aluno referiu ter necessitado de bolsa de estudos);
- ✓ Nenhum deles fez curso técnico, nem supletivo ou EJA, nem estudou no exterior;
- ✓ 1 disse ter feito pré-vestibular (privado);
- ✓ Todos ingressaram por vestibular, sendo que 2 tentaram uma vez e 1 tentou duas vezes;
- ✓ Além de passarem na UFSC, 2 passaram em outros vestibulares: 1 para Engenharia Química (UEM e USP) e o outro para Odontologia (UNICAMP e UNESP);
- ✓ Nenhum deles fez ou está fazendo outra graduação;
- ✓ 1 deles não trabalha e nunca trabalhou, enquanto os outros 2 não trabalham atualmente, mas já trabalharam como bolsista de iniciação científica (por 2 anos) e como assistente em escritório contábil (por 1 ano e 5 meses);
- ✓ Apenas 1 deles precisou exercer atividade remunerada durante o curso para auxiliar no sustento da família;
- ✓ Todos necessitaram da ajuda financeira da família durante o curso;
- ✓ 2 planejam o período após a formatura para estudar para concursos e abrir uma empresa;
- ✓ As palavras que descrevem a trajetória deles na Universidade são: “persistência”, “bem-sucedida” e “mágica”.

## 5.5 DIREITO

A tabela do anexo 10 sintetiza a descrição dos dados apresentada no anexo 11, relativa à participação de 26 formandos do curso de Direito, do turno matutino, com o seguinte perfil médio:

**Quadro 11 - Perfil médio do formando de Direito**

Característica	Percentual (Quantidade de alunos)	Observações
i. Sexo feminino	53,84% (14)	
ii. Idade de 20 a 24 anos	76,92% (20)	- Há 3 alunos de 25 a 29 anos; e 3 de 30 a 39 anos
iii. Cor branca	84,61% (22)	- Há apenas 3 negros. Não há pardos ou amarelos
iv. Solteiro	84,61% (22)	- Os cônjuges referidos possuem as ocupações de "administrador", "empregado", "desempregado" e "estudante"
v. Nascido em SC	76,92% (20)	- 12 são de Florianópolis
vi. Residia em SC antes de ingressar na UFSC	88,46% (23)	- 19 já moravam em Florianópolis
vii. Reside em Florianópolis atualmente	88,46% (23)	- Apenas 3 não residem: moram em São José
viii. Mora em bairro ao lado da UFSC (dos que moram em Florianópolis)	56,52% (13)	- Outros bairros citados: Santo Antônio de Lisboa, Cacupé, Centro, Estreito, José Mendes. Em São José: Centro, Campinas e Real Parque
ix. Ingressou na UFSC em 2010.1	69,23% (18)	- 4 ingressaram em 2009; 2 em 2008; 1 em 2010.2 e 1 em 2012.1
x. Mora com um dos pais pelo menos	53,83% (13)	
xi. Pai com Ensino Superior	73,07% (19)	- 4 com Ensino Médio - 1 com Ensino Fundamental - 2 sem escolaridade
xii. Pai na ocupação de "profissional liberal", sendo a profissão mais citada a de "Engenheiro" (3 vezes)	30,76% (07)	- Ao se somar advogados (profissional liberal) com servidores públicos, há 6 pais em carreiras jurídicas
xiii. Mãe com Ensino Superior	65,37% (17)	- 8 com Ensino Médio - 1 com Ensino Fundamental
xiv. Mãe na ocupação de "servidor público"	23,07% (06)	- Diversas ocupações citadas

xv. Renda familiar mensal acima de 10 salários mínimos	61,52% (16)	- 5 referem de 4 a 10 SM - 4 referem de 2 a 4 SM - 1 refere até 2 SM <b>- Há 5 alunos das classes populares</b>
xvi. Coursou Educação Infantil apenas em instituição particular, no turno vespertino	65,38% (17) e 57,69% (15)	- 6 alunos apenas em escola pública
xvii. Coursou Ensino Fundamental apenas em instituição particular, no turno matutino	73,07% (19) e 65,38% (17)	- 6 alunos apenas em escola pública
xviii. Coursou Ensino Médio apenas em instituição particular, no turno matutino	80,76% (21) e 73,07% (19)	- 1 aluno estudou nos Estados Unidos
xix. Não fez curso técnico	96,15% (25)	- 1 aluno fez o técnico em Saneamento
xx. Não fez supletivo	100%	
xxi. Fez curso pré-vestibular, em instituição privada	65,38% (17) e 94,11% (16)	
xxii. Ingressou na UFSC por vestibular	92,30% (24)	- 2 alunos ingressaram por transferência externa
xxiii. No ano de ingresso, também passou em outros vestibulares	80,76% (21)	- Cursos mais citados: Direito e Administração
xxiv. Não faz outra graduação	88,46%	- 3 alunos cursam: Administração, Ciências Contábeis e outro
xxv. Não fez outra graduação	96,15%	- 1 aluno fez Letras
xxvi. Trabalha	69,20% (18)	- 15 estão em estágios - 3 alunos nunca tiveram experiência profissional - 5 não estão trabalhando, mas já trabalharam antes (3 em estágios)
xxvii. Não precisa trabalhar para ajudar no sustento da família	73,07% (19)	
xxviii. A família lhe ajuda financeiramente durante a faculdade	84,61% (22)	
xxix. Já planejou os objetivos profissionais para o período após a formatura	76,92% (20)	- A maioria refere a intenção de: prestar concurso público (9); advogar (6); e fazer Pós-Graduação (4)

Fonte: base de dados da tese



### **O que esses dados revelam?**

O curso de Direito, quinto mais concorrido da UFSC, além de também ser seletivo, destaca-se dos demais pelo fato de ser o que apresenta maiores desigualdades entre os estudantes. Ao se examinar os dados, muito embora se consiga ver que as respostas também se concentram, em geral, numa das opções de resposta do questionário, nota-se que existem dois pólos que concentram os alunos, com características opostas.

Os formandos, em tese, seriam os 45 alunos ingressantes no primeiro semestre de 2010, mas participaram da pesquisa 26 deles. De fato, a maior parte da turma ingressou neste período: 69,23% (18 alunos). Entretanto, interessa notar que os outros 8 alunos vieram de diferentes semestres: 2009.2 (3), 2009.1 (1), 2008.2 (1), 2008.2 (1), 2010.2 (1) e 2012.1 (1). No Direito, o fato de 30% destes alunos não ser da turma original é um dado incomum, pois, tradicionalmente, o costume era observar que as turmas mantinham-se praticamente iguais, do início ao fim do curso, com pequenas variações (de trancamentos, desistências ou novas entradas). O currículo do curso, em geral, dificulta que o aluno possa estar em diferentes fases ao mesmo tempo, pois as matérias, em sua maioria, são sequenciais (como Direito Civil I, Direito Civil II, Direito Civil III etc.), ou seja, se por alguma razão o aluno tem certa disciplina pendente, é difícil prosseguir para a fase seguinte sem que haja choque de horário desta com as demais matérias. Além disso, apesar de não haver dados empíricos para atestar, reprovações nas matérias do Direito não são muito usuais – tal como se sabe, em termos de senso comum, ser diferente no caso das ciências exatas, em que reprovações são mais frequentes. Enfim, por esse conjunto de razões, chama a atenção o fato de haver esta heterogeneidade da turma quanto ao semestre de ingresso.

De acordo com o Relatório Oficial do Vestibular de 2010, da Comissão Permanente de Vestibular da UFSC, à época do vestibular, a média da relação entre candidatos e número de vagas foi de 13,49: os não optantes pelo PAA concorreram à razão de 15,90 para 63 vagas; os autodeclarados negros ou pardos, 4,22 para 9 vagas; e os egressos de escola pública, 9,67 para 18 vagas.

O perfil do calouro em 2010, segundo o Relatório, era o seguinte:

- 48,89% de homens (e se inscreveram 37,15%) e 51,11% de mulheres (e se inscreveram 62,85%);
- 69,32% com até 19 anos (índice geral para todos os cursos);
- 85,55% de brancos, 7,77% de negros, 5,55% de pardos e 1,11% de amarelos (e nenhum indígena);
- 78,88% oriundos de SC, 7,77% do RS, 6,66% de outros estados, 5,55% de SP e 1,11% do PR;
- 74,44% de egressos de Ensino Médio de escolas privadas (e 24,44% de escolas públicas)

O perfil do formando de 2014 também apresenta as mesmas características do perfil do calouro de 2010: de uma mulher, jovem, branca, solteira e catarinense.

O sexo feminino, assim como na entrada da faculdade (51,11%), permaneceu em maioria até o final (53,84%). Contudo, percebe-se que a turma se mostra dividida praticamente pela metade entre os sexos.

Quanto à idade, a maior parte enquadra-se na faixa de 20 a 24 anos, de forma que se pode enxergar uma continuidade direta da Educação Básica para o Ensino Superior.

A respeito da cor declarada pelos alunos, tanto os calouros quanto os formandos apresentam a grande maioria branca: a variação percentual foi bem pequena, de 85,55% para 84,61%. A turma de calouros tinha um índice ligeiramente menor de negros (7,77%), em comparação com o índice dos formandos (11,53%). Contudo, os pardos (5,55%) e amarelos (1,11%) presentes na turma inicial não estão mais na turma de formandos.

Sobre o estado de origem, a maioria dos alunos de 2014 são catarinenses, como são os de 2010, mas em índice ainda mais elevado. Quanto aos outros estados, houve modificações. Em 2010, ingressaram 7,77% do RS, 6,66% de outros estados, 5,55% de SP e 1,11% do PR. Já em 2014, havia mais paulistas (11,53%), igual índice de gaúchos (7,69%) e maior índice de paranaenses (3,84%). Os alunos de outros estados não se encontram mais na turma.

No tocante à escolarização, a turma de calouros apresentava 74,44% que cursaram apenas escola particular no

Ensino Médio. Já para os formandos, este índice é ainda maior: 80,76%. Aqueles que cursaram apenas escola pública eram 24,44% em 2010 e 19,23% em 2014, isto é, uma redução de 5,21% deste grupo ao final do curso.

Além destes dados comparativos entre 2010 e 2014, existem mais circunstâncias a serem discutidas a seguir.

Nas cidades de origem dos alunos, o percentual de catarinenses é expressivo: 76,92% (20 alunos). Também é expressivo o fato de que destes 20 alunos, 12 nasceram em Florianópolis. Em comparação com as cidades em que residiam antes de ingressar na UFSC, o índice de catarinenses é ainda maior: 88,46% ou 23 alunos. E, destes 23 alunos, 20 já moravam na região da Grande Florianópolis, sendo que 19 na própria capital. Ou seja, a maioria da turma estava bastante próxima da UFSC. Este dado também se relaciona ao fato de que 53,83% moram com, pelo menos, um dos ascendentes (com ou sem irmãos) e 15,83% com cônjuges – percentuais que, somados, representam 18 alunos (69,21%) morando com familiares.

Atualmente, 13 dos 23 (56,52%) que disseram residir em Florianópolis, afirmaram viver em bairros vizinhos à UFSC. Os outros 10 alunos residem em bairros mais distantes em Florianópolis e mais 3 alunos residem em bairros de cidade vizinha (São José).

Em relação à escolaridade dos genitores, os pais apresentam alto nível de escolaridade, vez que 73,07% têm Ensino Superior. Em compensação, 7,69% não têm escolaridade alguma e 3,84% até o Ensino Fundamental. No rol de ocupações referidas, a maioria deles é “profissional liberal” (30,76%). Porém, se desta categoria forem subtraídos os 2 advogados citados (7,69%) e somados à categoria dos “servidores públicos” (15,38%), haverá o percentual igual de 23,07% de pais com carreiras jurídicas e 23,06% de pais profissionais liberais.

No caso das mães, nota-se que possuem escolaridade superior menor que a dos pais: 65,37%. Porém, não há nenhuma sem escolaridade, visto que as demais possuem Ensino Fundamental (1) e Médio (8). No que concerne às ocupações, a maior quantidade de mães é de “servidoras públicas”, com carreiras relacionadas ao Direito (23,07%). É inegável reconhecer a influência destes pais e destas mães com experiência profissional no Direito na escolha do curso dos filhos.

Acerca da renda familiar mensal, há 61,52% das famílias com renda superior a 10 salários mínimos; 19,23% na faixa intermediária; e 19,23% nas classes populares (abaixo de 4 salários mínimos). Isto é, há uma grande concentração de famílias na classe de alta renda e uma grande desigualdade desta classe com as demais.

Não surpreende, portanto, o importante recurso das famílias exclusivamente às escolas privadas em todos os níveis de ensino: 65,38% na Educação Infantil; 73,07% no Ensino Fundamental; e, 80,76% no Ensino Médio. Isto é, ao longo da escolarização dos filhos, cada vez mais a escola particular foi utilizada como relevante recurso de formação. E note-se que, apesar de 3 alunos não terem respondido, todos os outros 23 disseram não ter necessitado de bolsa de estudos em sua escolarização.

Muitos ainda recorreram, para complementar os estudos, aos cursos pré-vestibulares, na razão de 65,38%, sendo a maioria do tipo privado (94,11%).

Esta boa preparação escolar se refletiu também na aprovação da maioria (80,76%) para outros cursos superiores, sobressaindo as opções por Direito e Administração.

Aqui também cabe a menção de que, ao contrário dos outros cursos discutidos, nem todos ingressaram por vestibular. No Direito, especialmente nas fases finais, costumam ser abertas algumas vagas para candidatos à transferência. De fato, 2 alunos (7,69%) da turma vieram de outras instituições, por meio de transferência externa.

Sobre o desempenho de atividade remunerada, 69,20% (18 alunos) disseram estar trabalhando atualmente e a maioria deles está ocupada com estágios para complementar a formação acadêmica – no atual estágio, há alunos cuja experiência varia de 3 meses a 4 anos. Em contrapartida, o importante percentual de 30,76% diz não ter nenhuma atividade remunerada no momento. Destes, 19,23% referiram que haviam obtido anteriormente alguma experiência profissional, especialmente por meio de estágios na área (cujo tempo variou de 5 meses a 14 meses). Dos alunos ainda, 11,53% declara nunca ter se envolvido com qualquer tipo de atividade remunerada.

Com exceção de 2 alunos que disseram atuar como servidores públicos, todos os demais que estão trabalhando ou já trabalharam referem apenas os estágios acadêmicos. Há uma

correlação tanto da alta procura por estágios, quanto pelo índice de cerca de 30% não trabalhar, dado o anseio da maioria deles em passar em algum concurso público após a formatura. Provavelmente, muitos alunos passam grande parte do seu tempo estudando, para muito além dos conteúdos da faculdade, vez que os concursos da área, além de muito concorridos, apresentam em geral alto nível de exigência. Ainda, é bom que se diga que, no Direito, as carreiras jurídicas, sobretudo as mais procuradas que são as da Magistratura (Juízes) e as do Ministério Público (Promotores e Procuradores), demandam que o candidato possua, no mínimo 3 anos de atividade jurídica – prazo que apenas começa a contar depois da formatura do bacharel em Direito.

Enfim, pelo fato de empregarem seu tempo majoritariamente entre faculdade e estágio, a maioria precisa de auxílio da família para o seu sustento (84,61%). Também, perguntados se eram/são requisitados para ajudar financeiramente os outros membros da família, apenas 26,92% (7 alunos) disseram que sim – percentual que, comparado aos demais cursos analisados, é o maior.

Para o futuro, 20 alunos (76,92%) fazem planos, os quais se concentram em: passar em concurso público para variadas carreiras (9); advogar (6); e continuar a formação em Pós-Graduação (4). Apenas 2 alunos mencionam não ter a pretensão de continuar na área após a formatura.

Acerca das descrições que os alunos escreveram sobre a sua trajetória universitária até então, as mais citadas foram: decepção, enriquecedora, evolução e paciência. Ao lado da palavra decepção, referida acima, chamam a atenção outras que têm sentido negativo: cansaço, conturbada, desilusão e dificuldade. No mais, referem muito trajetórias que se resumem a esforço e persistência.

### **Síntese – C: Medicina, Arquitetura, Engenharia Civil e Direito**

O Direito, apesar de ter a maioria dos pontos em comum com os demais, apresenta algumas particularidades como:

- ✓ “Suposta” ausência de alunos pardos e amarelos;
- ✓ Grande concentração de alunos catarinenses, maior inclusive que a da Engenharia Civil;
- ✓ Maior quantidade de nascidos em Florianópolis;

- ✓ Maior diversidade de alunos quanto ao semestre de ingresso;
- ✓ Maior percentual de pais com Ensino Superior;
- ✓ Único curso em que a escolaridade dos pais é maior que a das mães no Ensino Superior;
- ✓ Maior quantidade de pais e mães na ocupação de “servidor público”;
- ✓ Maior concentração de renda de todos os cursos: maior quantidade de famílias com renda mensal superior a 10 salários mínimos;
- ✓ Menor percentual de famílias na classe média;
- ✓ Maior quantidade de famílias nas classes populares, isto é, é o curso mais desigual, mais heterogêneo, pois são poucos os alunos das classes médias, de modo a se ter em maioria ou alunos das classes abastadas ou alunos das classes populares;
- ✓ Há 2 alunos que entraram por transferência externa e 3 cursando outra faculdade;
- ✓ Maior concentração de alunos no ensino privado, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio – na Educação Infantil, só é menor que o índice da Arquitetura;
- ✓ Redução do percentual de alunos de escola pública, comparado ao seu ingresso;
- ✓ Com exceção de 2 alunos servidores públicos, o restante que está trabalhando ou já trabalhou refere apenas estágios acadêmicos;
- ✓ Maior percentual de alunos que ajudam financeiramente a família.

## 6 O PERFIL DE CADA TURMA DE FORMANDOS: CURSOS MENOS CONCORRIDOS

### 6.1 BIBLIOTECONOMIA

Conforme os dados do anexo 12, o anexo 13 contém sua descrição a partir das informações relativas aos 19 alunos da sétima fase (penúltima) de Biblioteconomia, cujo perfil médio é exposto abaixo:

**Quadro 12 - Perfil médio do formando de Biblioteconomia**

Característica	Percentual (Quantidade de alunos)	Observações
i. Sexo feminino	78,94% (15)	
ii. Idade acima de 25 anos	52,63% (10)	- Há 9 alunos de 20 a 24 anos; e 6 de 30 a 59 anos
iii. Cor branca	73,68% (14)	- Há apenas 2 pardos e 1 negro. Não há amarelos
iv. Solteiro	63,15% (12)	- Cônjuges referidos possuem ocupação de "vendedor", "autônomo", "cabeleireiro", "padeiro" e "operador de máquina"
v. Nascido em SC	57,89% (11)	- 7 são da Grande Florianópolis
vi. Residia em SC antes de ingressar na UFSC	89,46% (17)	- 15 já moravam na Grande Florianópolis
vii. Reside em Florianópolis atualmente	63,15% (12)	- 7 residem em São José
viii. Mora em bairro distante da UFSC	89,46% (17)	- Apenas 2 moram em bairros vizinhos à UFSC
ix. Ingressou na UFSC em 2011.1	73,68% (14)	- 3 ingressaram em 2010.1 e 2 em 2010.2
x. Mora com um dos pais pelo menos	52,63% (10)	- 5 moram com cônjuge e 5 sozinhos
xi. Pai com Ensino Médio	42,10% (08)	- 6 com Ensino Fundamental - 3 sem escolaridade - 2 com Ensino Superior
xii. Pai aposentado ou na ocupação de "prestador de serviços na iniciativa privada"	47,36% (09)	- Ocupações bem diversificadas
xiii. Mãe com Ensino Médio	36,84% (07)	- 6 com Ensino Fundamental - 5 com Ensino Superior - 1 sem escolaridade

xiv. Mãe na ocupação de “dona de casa”	33,33% (07)	- Diversas ocupações citadas - Segunda ocupação mais citada foi “aposentada” (05)
xv. Renda familiar mensal menor que 4 salários mínimos	68,41% (13)	- 6 referem de 4 a 10 SM - Nenhum refere acima de 10 SM <b>- Há 13 alunos das classes populares</b>
xvi. cursou Educação Infantil apenas em instituição pública, no turno matutino	47,36% (09) e 52,63% (10)	- 5 alunos apenas em escola particular
xvii. cursou Ensino Fundamental apenas em instituição pública, no turno matutino	63,15% (12) e 57,89% (11)	- 5 alunos apenas em escola particular
xviii. cursou Ensino Médio apenas em instituição pública, no turno matutino ou noturno	57,89% (11) e 42,10% (8) / 36,84% (9)	- 5 alunos apenas em escola particular - 2 alunos referiram necessidade de bolsa de estudos (no Fundamental e no Médio)
xix. Não fez curso técnico	73,68% (14)	- 5 alunos fizeram o técnico: Enfermagem (2), Contabilidade, Eletrônica, Magistério e Secretariado
xx. Não fez supletivo	78,94% (15)	
xxi. Fez curso pré-vestibular, e em instituição privada	52,63% (10) e 70% (07)	
xxii. Ingressou na UFSC por vestibular	100%	
xxiii. No ano de ingresso, não fez outros vestibulares	73,68% (14)	- 5 passaram para outros cursos: Administração, Arquitetura, Biblioteconomia, História e Psicologia
xxiv. Não fez outra graduação	94,73% (18)	- 1 fez Educação Física/UFSC
xxv. Não faz outra graduação	100%	
xxvi. Trabalha	100%	- 47,36% em atividades acadêmicas - Ocupações variadas
xxvii. Precisa trabalhar para ajudar no sustento da família	57,89% (11)	
xxviii. A família não ajudou financeiramente durante a faculdade	57,89% (11)	



xxix. Já planejou os objetivos profissionais para o período após a formatura	100%	- A maioria refere a intenção de: fazer concurso público (12), pós-graduação (8) e trabalhar na área (3)
--	------	--

Fonte: base de dados da tese

### O que esses dados revelam?

O curso de Biblioteconomia é o quinto lugar na lista dos menos concorridos da UFSC. Diferente dos outros 5 cursos apresentados, os mais concorridos, o perfil médio do estudante de Biblioteconomia tem várias características divergentes daqueles.

Apesar de ainda se conseguir identificar uma maior quantidade de respostas em determinada opção do questionário, os números que compõem as maiorias, regra geral, são bem menores.

A turma em questão deveria ser composta, a princípio, pelos 40 alunos admitidos no primeiro semestre de 2011. De fato, eles são a maioria da turma (73,68%), que também engloba 15,78% de alunos de 2010.1 e 10,52% de alunos de 2010.2.

Consoante o Relatório Oficial do Vestibular de 2011, da Comissão Permanente de Vestibular da UFSC, foram abertas 80 vagas para o curso, metade para cada semestre. À época do vestibular, a média da relação entre candidatos e número de vagas foi de 1,28: os não optantes pelo PAA concorreram à razão de 1,02 para 56 vagas; os autodeclarados negros ou pardos, 0,57 para 7 vagas; e os egressos de escola pública, 1,50 para 14 vagas – observe-se aqui que a maior concorrência se deu para os estudantes de escola pública. No entanto, foram classificados apenas 55 alunos no total, ou seja, sobraram vagas a ser preenchidas pelo fato dos demais estudantes terem sido desclassificados.

O perfil do calouro em 2011 no Relatório era o seguinte:

- 39,47% de homens (e se inscreveram 27,45%) e 60,53% de mulheres (e se inscreveram 72,55%);
- 69,32% com até 19 anos (índice geral para todos os cursos);
- 83,63% de brancos, 12,72% de pardos e 3,63% de negros (e nenhum amarelo ou indígena);

- 78,18% oriundos de SC, 10,90% do RS, 5,45% do PR, 3,63% de SP e 1,81% de outros estados;
- 63,64% de egressos de Ensino Médio de escolas públicas (e 18,18% de escolas privadas)

O perfil do formando de 2014 conserva as mesmas características do perfil do calouro de 2011: de uma mulher, branca, solteira e catarinense, porém, quanto à idade, o formando é um pouco mais velho (apresenta idades acima de 25 anos).

A questão da idade parece indicar que não houve uma continuidade direta da Educação Básica para o Ensino Superior ou, ainda, que a própria idade de conclusão do Ensino Médio se deu além dos 17-18 anos previstos. De qualquer forma, acima de 25 anos, estão 52,63% dos estudantes e, dentre estes, 60% têm mais de 30 anos.

Relativamente à cor descrita pelos alunos, tanto os calouros quanto os formandos são, em grande maioria, brancos. Em números bem menores, seguem os pardos (2 alunos) e 1 aluno negro. Tanto em 2011 quanto em 2014, esta proporção se manteve.

O estado de origem da maioria dos alunos de 2014 é Santa Catarina, assim como em 2011, porém em índice 20,29% menor. Há diferença também no fato de que, na turma de formandos, logo após as cidades catarinenses, vieram as do Sudeste do país, seguidas pelas do Rio Grande Sul, em maior número que as paranaenses.

Quanto à Educação Básica, a turma de calouros apresentava 63,64% que cursaram apenas escola pública no Ensino Médio. Já para os formandos, este índice diminuiu um pouco, para 57,89%. Aqueles que cursaram apenas escola privada aumentaram ligeiramente: 18,18% em 2011 e 26,31% em 2014.

A par destes dados comparados entre 2011 e 2014, há os demais pesquisados em 2014 que merecem análise.

Assim como as cidades de origem dos formandos são em maior parte as catarinenses, também são as cidades em que residiam antes de ingressar na UFSC. Contudo, há uma diferença peculiar, pois, mais alunos ainda, praticamente 90%, já

moravam em Santa Catarina, com o detalhe de que, com exceção de 2, os outros 15 residiam na Grande Florianópolis. Isto indica que grande parte dos alunos não precisou passar por deslocamentos consideráveis para poder estudar na UFSC, uma vez que moravam em Florianópolis ou em cidade vizinha. Neste aspecto, pode-se antever o fato de que, com exceção de 5 alunos, os demais vivem todos com familiares, seja com os genitores, seja com os cônjuges.

Na análise dos bairros, também se pode notar que a maioria não está localizada nos arredores da UFSC. Quase 90% deles moram em bairros mais distantes da Capital e na cidade vizinha de São José. Mais um indicativo de que possivelmente continuam a morar nos mesmos lugares que residiam antes de ingressar na faculdade.

A respeito da escolaridade de pais e mães, nota-se que a maioria possui instrução até o Ensino Médio. A minoria dos pais possui Ensino Superior e, em relação às mães – apesar da escolaridade superior a delas –, o índice do Ensino Superior apenas não é menor do que o das mães sem escolaridade.

Estes dados majoritários da escolarização dos pais até o Ensino Médio e o Fundamental podem ser entrecruzados com as ocupações e as rendas familiares mensais. Nas ocupações dos pais, a maioria, depois dos aposentados, é prestador de serviços. No caso das mães, depois das donas de casa que são maioria, vêm as aposentadas. Isto se reflete no dado de que a maioria das famílias, quase 70% (13 famílias), se situa nas classes populares, por ter renda de, no máximo, 4 salários mínimos – sendo que 7 delas estão na faixa mais baixa, a de até 2 salários mínimos. Na classe intermediária, com salários de 4 a 10 salários mínimos, estão as demais famílias. E nenhuma família possui renda superior a 10 salários mínimos.

Quanto à escolarização proporcionada aos filhos na Educação Básica, em todos os níveis de ensino, os alunos que cursaram exclusivamente escola pública sempre foram maioria: 47,36% na Educação Infantil, 63,15% no Ensino Fundamental e 57,89% no Ensino Médio. Particularmente no Ensino Médio, destacou-se o fato de que 8 alunos cursaram-no no turno matutino e 7 alunos no noturno. Regra geral, a frequência no noturno indica a necessidade de trabalhar desde a adolescência, paralelamente aos estudos.

Outro dado interessante é o fato de que a maioria dos alunos não foi aprovada em outros vestibulares no ano que antecedeu a entrada na UFSC: 73,68%. Este percentual elevado inclui tanto aqueles que não foram classificados nos outros vestibulares a que se submeteram, como aqueles que sequer chegaram a prestar outros concursos.

A respeito do desempenho de atividade remunerada pelos estudantes, é de se destacar o fato de que todos os alunos atualmente trabalham, subdividindo-se entre: 9 que desempenham atividade acadêmica (estágios, monitoria, iniciação científica), 2 com atividade profissional na área (auxiliar de biblioteca e de documentos) e 8 que exercem funções não relacionadas ao curso. Ou seja, há muitos alunos que se ocupam de trabalhos que não são complementares à formação universitária e, por sua vez, os trabalhos que são complementares se sediam especialmente na própria Universidade.

Este quadro chega a ilustrar porque a maioria deles (57,89%) precisou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso. Por consequência, igual percentual declarou não precisar que a família prestasse qualquer tipo de auxílio financeiro durante a faculdade.

Para o futuro, todos já têm planos e cogitam, especialmente, passar em algum concurso público e continuar os estudos no âmbito da Pós-Graduação.

Sobre sua trajetória universitária, todos referiram palavras positivas, como persistência, gratificante, conhecimento e determinação.

## 6.2 LETRAS – ITALIANO

Os dados relativos às 9 alunas da sétima fase (penúltima) de Letras – Italiano estão compilados na tabela do anexo 14 e descritos no anexo 15. As alunas representam o seguinte perfil médio:

**Quadro 13 - Perfil médio do formando de Letras - Italiano**

Característica	Percentual (Quantidade de alunos)	Observações
i. Sexo feminino	100%	
ii. Idade de 20 a 24 anos	66,66% (06)	- Há 1 aluna de 25 a 29 anos; e 1 de 30 a 39 anos
iii. Cor branca	77,77% (07)	- Há apenas 1 de cor parda. Não há negros e amarelos
iv. Solteiro	100%	
v. Nascido em SC	66,66% (06)	- 3 são da Grande Florianópolis
vi. Residia em SC antes de ingressar na UFSC	77,77% (07)	- 6 já moravam na Grande Florianópolis
vii. Reside em Florianópolis atualmente	77,77% (07)	- 2 residem em Palhoça
viii. Mora em bairro distante da UFSC	55,55% (05)	- Apenas 3 moram em bairros vizinhos à UFSC
ix. Ingressou na UFSC em 2011.1	77,77% (07)	- 1 ingressou em 2010.1 e outra em 2011.2
x. Mora com um dos pais pelo menos	55,55% (05)	- 2 moram sozinhas e 1 com amigo(s)
xi. Pai com Ensino Superior	55,55% (05)	- 3 com Ensino Médio - 1 com Ensino Fundamental
xii. Pai na ocupação de “empresário”	33,33% (03)	- Ocupações bem diversificadas
xiii. Mãe com Ensino Médio	55,55% (05)	- 2 com Ensino Superior - 1 com Ensino Fundamental
xiv. Mãe na ocupação de “dona de casa” ou “empresária”	44,44% (04)	- Diversas ocupações citadas
xv. Renda familiar mensal menor que 4 salários mínimos	66,66% (06)	- 2 referem de 4 a 10 SM - 1 refere de 10 a 20 SM - Nenhuma refere acima de 10 SM <b>- Há 6 alunas das classes populares</b>
xvi. Cursou Educação Infantil apenas em instituição pública, no turno matutino	44,44% (04) e 55,55% (05)	- 3 alunas apenas em escola particular
xvii. Cursou Ensino Fundamental apenas em instituição pública, no turno matutino ou vespertino	44,44% (04) e 88,88% (08)	- 3 alunas apenas em escola particular
xviii. Cursou Ensino Médio apenas em instituição particular, no turno matutino	55,55% (05) e 77,77% (07)	- 4 alunas apenas em escola pública - 3 alunas referiram necessidade de bolsa de estudos (EI, EF e EM)

<b>xix. Não fez curso técnico</b>	100%	
<b>xx. Não fez supletivo</b>	100%	
<b>xxi. Não fez curso pré-vestibular</b>	55,55% (05)	
<b>xxii. Ingressou na UFSC por vestibular</b>	66,66% (06)	- 2 ingressaram por retorno de graduado e 1 por transferência interna
<b>xxiii. No ano de ingresso, não fez outros vestibulares</b>	66,66% (06)	- 3 passaram para outros cursos: Direito, Espanhol, Português/Inglês
<b>xxiv. Não fez outra graduação</b>	77,77% (07)	- 2 fizeram Letras – Português/UFSC
<b>xxv. Não faz outra graduação</b>	100%	- 1 está cursando Pós-Graduação em Letras na UFSC
<b>xxvi. Trabalha</b>	77,77% (07)	- São estagiárias ou professoras
<b>xxvii. Não precisa trabalhar para ajudar no sustento da família</b>	100%	
<b>xxviii. A família ajudou financeiramente durante a faculdade</b>	55,55% (05)	
<b>xxix. Já planejou os objetivos profissionais para o período após a formatura</b>	88,88% (08)	- A maioria refere a intenção de: dar aula (3), fazer pós-graduação (3), fazer outro curso (2) e trabalhar em tradução (2) - 1 diz não ter objetivo profissional

Fonte: base de dados da tese

### **O que esses dados revelam?**

O curso de Letras - Italiano é o quarto lugar na lista dos menos concorridos da UFSC. Muitos dos itens do questionário respondido possuem a maioria das respostas no mesmo sentido que as da Biblioteconomia, mas naquilo que divergem, em geral, o curso de Italiano tem índices mais positivos.

A turma de formandas de Italiano é pequena, tal como usualmente se apresentam as turmas de formandos em Letras da UFSC – tanto que a tradição é uma formatura conjunta de todas as habilitações em Letras.

A maioria delas (77,77% ou 7 alunas) é da turma original, de 2011.1, mas há 2 que ingressaram por meio de “retorno de graduado” de outras habilitações de Letras e 1 aluna que pediu “transferência interna”, também de outra habilitação de Letras – todas da UFSC. Veja-se que não é incomum o fato de os alunos

das diversas habilitações transitarem por vários cursos, inclusive, há muitas disciplinas, especialmente as iniciais, que são comuns às várias habilitações de Letras. Também, por exemplo, veja-se que 1 aluna referiu estar, ao mesmo tempo, na turma de Italiano na graduação e na Pós-Graduação do curso.

Num paralelo com o Relatório Oficial do Vestibular de 2011, da Comissão Permanente de Vestibular da UFSC, foram abertas 40 vagas apenas para o primeiro semestre. À época do vestibular, a média da relação entre candidatos e número de vagas foi de 1,10: os não optantes pelo PAA concorreram à razão de 1,32 para 28 vagas; os autodeclarados negros ou pardos, 0,25 para 4 vagas; e os egressos de escola pública, 0,75 para 8 vagas. No entanto, foram classificados apenas 33 alunos no total, ou seja, sobram vagas a ser preenchidas pelo fato dos demais estudantes terem sido desclassificados.

Pelo Relatório da Coperve, o perfil do calouro de Italiano era assim:

- 27,27% de homens (e se inscreveram 34,09%) e 72,72% de mulheres (e se inscreveram 65,91%);
- 69,32% com até 19 anos (índice geral para todos os cursos);
- 93,93% de brancos e 6,06% de pardos (e nenhum negro, amarelo ou indígena);
- 72,72% oriundos de SC, 15,15% do RS, 6,06% de SP, 3,03% do PR e 3,03% de outros estados;
- 54,55% de egressos de Ensino Médio de escolas públicas (e 30,30% de escolas privadas)

Comparado ao perfil do calouro, o perfil do formando é idêntico: de uma mulher, jovem, branca, solteira e catarinense.

Aliás, quanto ao sexo, em 2014, só se encontram mulheres na sala. Já no ingresso delas, estavam em maioria (72,72%) e, ao longo do curso, não persistiram homens nesta turma.

Relativamente à cor descrita pelos alunos, tanto os calouros quanto as formandas apresentam a grande maioria branca. Os calouros ainda apresentavam maior percentual de brancos (93,93%) em relação a 2014 (77,77%). Em 2011, ingressaram 2 alunos de cor parda, porém, em 2014, só há 1 na

turma. Em ambas as composições da turma, não há negros nem amarelos.

O estado de origem da maioria das alunas de 2014 é Santa Catarina, assim como em 2011. Contudo, em 2014, depois de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e Rio de Janeiro empatam com igual proporção de alunos, não havendo alunos de outra parte do Brasil.

Sobre a Educação Básica, a turma de calouros apresentava 54,55% que cursaram apenas escola pública no Ensino Médio. Já para os formandos, este índice caiu para 44,44%, e aqueles que cursaram exclusivamente escola particular passaram a ser maioria (55,55%), isto é, a sobrevida destes no curso é maior do que a dos egressos da escola pública.

Além deste comparativo com o ingresso da turma em 2011, passa-se a examinar os demais aspectos que aparecem em 2014 a seguir.

No que toca às cidades de origem, sabe-se que a maioria era de catarinenses (66,66% ou 6 alunas). Ocorre que, quando questionadas, 1 aluna a mais disse já estar no Estado antes de ingressar no curso. Das 7 alunas que moravam em Santa Catarina, 6 estavam na região da Grande Florianópolis; de outros Estados, vieram apenas 2 delas. Isto confirma que grande parte das alunas também não precisou passar por deslocamentos para estudar na UFSC. Inclusive, é provável que devam morar no mesmo local e com as mesmas pessoas de antes do início da faculdade, visto que 55,55% moram com pelo menos um dos genitores, e também 55,55% não moram em bairros contíguos à UFSC.

De acordo com as alunas, sobre a escolaridade dos pais, a maioria possui Ensino Superior (55,55% ou 5 pais), seguidos por 3 pais com Ensino Médio. Não há nenhum sem escolaridade. Quanto às ocupações dos pais, as alunas referem diversas, mas a mais citada, por 3 delas, foi a de “empresário”.

Por sua vez, sobre suas mães, afirmaram que a maioria de 55,55% (5 mães) têm escolaridade até o Ensino Médio e outras 2 têm Ensino Superior. Também não há mãe sem escolaridade. Nas ocupações, foram listadas diversas funções, mas a de “dona de casa” e a de “empresária” foram referidas mais de uma vez cada.



Relacionando-se a escolaridade e as atividades dos pais, chega-se até a renda familiar mensal: a maioria (66,66% ou 6 alunas) respondeu estar situada nas classes populares, com famílias que percebem, no máximo, até 4 salários mínimos – destas, 2 estão na faixa mais inferior, de até 2 salários. Na classe média, estão 22,22%, com renda de 4 a 10 salários. Ainda, 1 aluna respondeu ter família com renda de 10 a 20 salários e ninguém referiu valores maiores do que esta faixa.

No que tange à escolarização pregressa das formandas, na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, 44,44% (4 alunas) estiveram em escolas exclusivamente públicas e 33,33% (3 alunas) em escolas exclusivamente privadas. No Ensino Médio, há uma pequena mudança, porque 2 das alunas que estudaram parte em cada rede, passaram para a particular, de modo que a maioria de 55,55% (5 estudantes) acabou por estar exclusivamente em instituições privadas.

Destaque-se o fato de que a maioria (55,55%) não fez pré-vestibular antes de começar a estudar na UFSC, como também a maioria não foi aprovada em outros vestibulares (66,66%).

Indagadas a respeito do desempenho de atividade remunerada, todas disseram ter experiência profissional, contudo, 2 delas não estão trabalhando no momento, mas ambas atuavam como professoras anteriormente. As outras 7 alunas, 77,77%, estão trabalhando, ou estão realizando estágio acadêmico ou estão em sala, dando aulas. Ninguém referiu fazer atividade que não tivesse relação direta com a formação.

Nenhuma das alunas disse ter precisado trabalhar para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso, todavia, a maior parte delas (55,55% ou 5 alunas) solicitou auxílio financeiro durante a faculdade.

Para o futuro, 88,88% têm planos delineados: ser professora (3), fazer Pós-Graduação, realizar outra graduação (2), trabalhar com tradução (2) e fazer concurso público (1). Apenas 1 aluna declarou não ter objetivos profissionais na área, por já estar aposentada.

As trajetórias das alunas foram majoritariamente referidas a partir de palavras positivas, como aprendizado, conhecimento, crescimento etc.

### Síntese – D: Biblioteconomia e Italiano

Embora Italiano seja um curso um pouco menos concorrido que o de Biblioteconomia, existem vários índices diferenciados, mais positivos. Veja-se o comparativo:

- ✓ Italiano tem alunos mais jovens;
- ✓ Italiano só tem alunas mulheres e todas solteiras, ao passo que em Biblioteconomia há alguns alunos casados;
- ✓ Biblioteconomia apresenta elevado percentual (quase 90%) de pessoas que já residiam em SC antes de ingressar na UFSC;
- ✓ Em Biblioteconomia, maior parte de pais e mães têm Ensino Médio e há alguns sem escolaridade, enquanto no Italiano, a maioria dos pais tem Ensino Superior, mais escolaridade que as mães, e não há ninguém sem escolaridade;
- ✓ Italiano tem menos alunos das classes populares;
- ✓ No Ensino Médio, a maior parte das alunas de Italiano esteve no ensino particular;
- ✓ No Italiano, a maioria não fez pré-vestibular;
- ✓ No Italiano, nem todos entraram pelo vestibular: há 2 retornos e 1 transferência;
- ✓ No Italiano, nem todas estão trabalhando no momento;
- ✓ Na Biblioteconomia, a maioria ajuda no sustento da família enquanto que, no Italiano, ninguém.

### 6.3 LETRAS – ALEMÃO

Os dados referentes às 6 alunas da sétima fase (penúltima) de Letras – Alemão são apresentados no anexo 16 e descritos no anexo 17, a partir dos quais se extraiu o seguinte perfil médio:

#### Quadro 14 - Perfil médio do formando de Letras – Alemão

Característica	Percentual (Quantidade de alunos)	Observações
i. Sexo feminino	100%	
ii. Idade de 20 a 24 anos	66,66% (04)	- Há 1 aluna de 25 a 29 anos; e 1 de 30 a 39 anos

iii. Cor branca	83,33% (05)	- Não há negros, pardos e amarelos
iv. Solteiro	83,33% (05)	- O cônjuge referido tem a ocupação de "atendente de restaurante"
v. Nascido em SC	50% (03)	- 1 é de Florianópolis
vi. Residia em SC antes de ingressar na UFSC	66,66% (04)	- 3 já moravam na Grande Florianópolis
vii. Reside em Florianópolis atualmente	66,66% (04)	- 2 residem em São José
viii. Ingressou na UFSC em 2011.1	50% (03)	- 2 ingressaram em 2012.1 e outra em 2012.2
ix. Mora com pai, mãe e irmão(s)	50% (03)	- 1 mora sozinha, 1 com cônjuge e outra não especificou
x. Pai com Ensino Superior e pós-graduado	66,66% (04)	- 1 com Ensino Fundamental - 1 com Ensino Médio
xi. Pai na ocupação de "servidor público" ou aposentado	66,66% (04)	- E mais: 1 pai engenheiro e 1 pai agricultor
xii. Mãe com Ensino Superior e pós-graduada	66,66% (04)	- 1 com Ensino Fundamental - 1 com Ensino Médio
xiii. Mãe na ocupação de "profissional liberal" (professoras)	50% (03)	- E mais: 1 mãe agricultora, 1 mãe servidora pública e 1 mãe aposentada
xiv. Renda familiar mensal ou acima de 20 salários mínimos ou de 4 a 10 salários mínimos	66,66% (04)	- 2 não responderam <b>- Há 1 aluna das classes populares</b>
xv. Cursou Educação Infantil apenas em instituição privada, no turno matutino ou vespertino	66,66% (04) e 50% - 50%	- 2 alunas apenas em escola pública
xvi. Cursou Ensino Fundamental apenas em instituição pública, no turno vespertino	50% (03) e 66,66% (04)	- 2 alunas apenas em escola particular
xvii. Cursou Ensino Médio apenas em instituição particular ou apenas em pública, no turno matutino	50% cada e 66,66% (04)	- 2 alunas referiram necessidade de bolsa de estudos
xviii. Não fez curso técnico	100%	
xix. Não fez supletivo	100%	
xx. Não fez curso pré-vestibular	66,66% (04)	
xxi. Ingressou na UFSC por vestibular	66,66% (04)	- E outras 2 ingressaram por retorno de graduado
xxii. No ano de ingresso, não fez outros vestibulares	83,33% (05)	

<b>xxiii. Não fez outra graduação</b>	66,66% (04)	- 1 fez Biblioteconomia e a outra fez Arquitetura
<b>xxiv. Não faz outra graduação</b>	100%	
<b>xxv. Trabalha</b>	100%	- 4 professoras e 1 é gerente em restaurante
<b>xxvi. Não precisa trabalhar para ajudar no sustento da família</b>	66,66% (04)	
<b>xxvii. A família ajudou financeiramente durante a faculdade</b>	83,33% (05)	
<b>xxviii. Já planejou os objetivos profissionais para o período após a formatura</b>	66,66% (04)	- Referem a intenção de: dar aula (2), fazer pós-graduação (1) e fazer concurso (1)

Fonte: base de dados da tese

### **O que esses dados revelam?**

O curso de Letras – Alemão, que foi o terceiro menos concorrido da UFSC, mostrou-se bastante similar ao curso de Letras – Italiano. A turma, um pouco menor do que a outra, revelou um perfil com algumas características mais positivas, como maior nível de escolaridade dos pais e maior renda familiar mensal.

As formandas de Alemão são, em maior número, da turma original de 2011.1. Das 6 alunas, 4 ingressaram por vestibular e outras 2 por retorno de aluno já graduado.

De acordo com o Relatório Oficial do Vestibular de 2011, da Comissão Permanente de Vestibular da UFSC, foram abertas 40 vagas apenas para o primeiro semestre. À época do vestibular, a média da relação entre candidatos e número de vagas foi de 1,55: os não optantes pelo PAA concorreram à razão de 1,86 para 28 vagas; os autodeclarados negros ou pardos, 0,25 para 4 vagas; e os egressos de escola pública, 1,13 para 8 vagas. Todas as 40 vagas em disputa restaram preenchidas.

Do Relatório da Coperve, extrai-se o perfil do calouro de Alemão:

- 27,50% de homens (e se inscreveram 25,81%) e 72,50% de mulheres (e se inscreveram 74,19%);
- 69,32% com até 19 anos (índice geral para todos os cursos);

- 87,5% de brancos, 7,5% de pardos, 2,5% de negros e 2,5% de amarelos (sem indígena);
- 67,50% oriundos de SC, 5% do RS, 5% de SP, 3% de outros estados e 2% do PR;
- 40% de egressos de Ensino Médio de escolas públicas e 40% de egressos de particular (e 20% em ambas)

Tanto o perfil do calouro quanto o do formando vão no mesmo sentido: de uma mulher, jovem, branca, solteira e catarinense.

Quanto ao sexo, em 2014, nesta turma também só se encontram mulheres na sala. Em 2011, elas já eram maioria considerável quando ingressaram (72,50%).

A respeito da cor autodeclarada pelas formandas, 83,33% afirmaram ser brancas, percentual parecido com o dos ingressantes, que era de 87,50% de brancos. A diferença que se nota é que os alunos de cor parda, negra e amarela que iniciaram o curso, somados em 12,50%, não estão mais na turma.

O estado de origem da maioria dos alunos de 2014 é Santa Catarina, assim como em 2011. Porém, antes estavam em 67,50% e agora em 50%. As outras formandas são de São Paulo ou do Paraná, não havendo mais representante de outros estados.

Na Educação Básica, no nível de Ensino Médio, os calouros estavam divididos em 40% de egressos exclusivamente de escola pública, 40% exclusivamente de particular e 20% de ambas. Em 2014, pública e privada empataram novamente, com 50% de egressos para cada.

Outro dado de 2014 que merece análise é o de que, quando questionadas acerca do local em que residiam antes de ingressar na UFSC, 66,66% (4 alunas) disseram já estar em Santa Catarina e, delas, apenas 1 aluna teve que se deslocar para Florianópolis para estudar. Além dela, 1 estava no Paraná e outra em Brasília. Portanto, 50% das formandas passaram por este deslocamento. Esse dado pode ser correlacionado com as pessoas com quem moram: 50% disse ser com pai, mãe e irmão(s), ao passo que, das outras 3 alunas, 2 moram sozinhas e 1 com cônjuge. Quanto aos bairros de residência, também se

identifica que metade mora em bairros contíguos à UFSC e a outra metade em bairros mais distantes, inclusive 2 no município vizinho de São José.

Relativamente à escolaridade dos pais e das mães, 66,66% (4 formandas) disseram ser de Ensino Superior, com Pós-Graduação. Ou seja, este é um dado interessante a referenciar a escolha das alunas pelo curso.

Quanto às ocupações dos pais, as alunas destacam 2 servidores públicos (33,33%), 2 aposentados (33,33%), 1 engenheiro (16,66%) e 1 agricultor (16,66%).

Para as mães, há 3 delas com formação na área de Educação (50%), 1 servidora pública, 1 aposentada e 1 agricultora.

A escolaridade e as atividades dos pais refletem-se na renda familiar mensal estimada pelas alunas: 2 delas referiram renda na faixa acima de 20 salários; 1 na faixa intermediária de 4 a 10 salários; e, 1 na faixa de 2 a 4 salários – as demais não responderam.

Sobre a escolarização anterior à faculdade, nota-se que, no primeiro nível de ensino, havia maior quantidade de alunas matriculadas apenas em escola particular. Já no nível do Ensino Fundamental, houve um movimento de redução na escola particular, levando mais alunas à escola pública. Por último, no Ensino Médio, houve a equiparação da quantidade de alunas em escolas pública e particular, 50% para cada.

A passagem para a UFSC se deu de forma contínua: a maioria das alunas não fez curso técnico, não fez pré-vestibular e não foi aprovada para outros cursos de graduação.

Quanto à atividade remunerada, todas estão trabalhando no momento e a função que a maioria desempenha é a de professora. Porém, é possível verificar que a maioria trabalha para fins de complementação da formação acadêmica, visto que não precisam auxiliar no sustento de outros membros da família (4 alunas), mas, ao contrário, requisitam-na para lhes ajudar financeiramente (5 alunas).

No que atina aos planos futuros, mencionam a intenção de continuar os estudos no âmbito da Pós-Graduação, de continuar a dar aulas e de fazer concurso público. E, para ilustrar suas trajetórias universitárias até então, citam uma mescla de desafio com incertezas e dúvidas.

### Síntese – E: Biblioteconomia, Italiano e Alemão

No mesmo sentido que se comentaram as diferenças entre Biblioteconomia e Italiano, o Alemão praticamente tem índices análogos aos deste último curso. Assim sendo, as diferenças do Alemão para o Italiano são poucas e mais positivas:

- ✓ Maior parte das mães tem nível superior;
- ✓ Escolaridade dos pais e das mães é exatamente a mesma;
- ✓ Sobre renda familiar, só 4 responderam, de modo que 2 acima de 20 salários mínimos e as outras 2, uma declarou de 4 a 10 salários e a outra de 2 a 4. Logo, só há 1 família de classe popular;
- ✓ Na Educação Infantil, a maioria esteve na rede particular;
- ✓ No Ensino Médio, metade esteve no ensino público e metade no privado;
- ✓ Todas as alunas trabalham atualmente e só 1 refere não estar propriamente na área de formação.

## 6.4 MATEMÁTICA

Os dados contidos no anexo 18 são descritos no anexo 19, a partir das informações declaradas pelos 8 alunos da sétima fase (penúltima) do curso de Matemática, os quais possuem o perfil médio abaixo:

**Quadro 15 - Perfil médio do formando de Matemática**

Característica	Percentual (Quantidade de alunos)	Observações
<b>Sexo feminino ou masculino</b>	50% cada (04)	
<b>Idade de 20 a 24 anos</b>	100%	
<b>Cor branca</b>	100%	- Não há negros, pardos e amarelos
<b>Solteiro</b>	100%	
<b>Nascido em SC</b>	75% (06)	- 6 da Grande Florianópolis
<b>Residia em SC antes de ingressar na UFSC</b>	87,5% (07)	- 6 já moravam na Grande Florianópolis
<b>Reside em Florianópolis atualmente</b>	87,5% (07)	- 1 reside em Santo Amaro da Imperatriz
<b>Ingressou na UFSC em 2011.1</b>	62,5% (05)	- 2 ingressaram em 2010.1 e outro em 2010.2
<b>Mora com, pelo menos, um dos pais</b>	62,5% (05)	- 1 mora sozinho, 1 com amigo(s) e 1 com tio(s)

<b>Pai com Ensino Médio</b>	37,5% (03)	- 2 com Ensino Fundamental - 2 com Ensino Superior - 1 sem escolaridade
<b>Pai na ocupação de “prestador de serviço – iniciativa privada”</b>	50% (04)	- 1 pai professor - 2 pais comerciantes - 1 pai servidor público
<b>Mãe com Ensino Superior e pós-graduada</b>	50% (04)	- 2 com Ensino Fundamental - 2 com Ensino Médio
<b>Mãe na ocupação de “profissional liberal” (3 professoras)</b>	50% (04)	- 1 mãe auxiliar de serviços gerais - 3 mães donas-de-casa
<b>Renda familiar mensal ou de 4 a 10 salários mínimos ou menor que 4 salários mínimos</b>	37,5% (03) e 37,5% (03)	- 2 alunos com renda de 10 a 20 SM - <b>Há 3 alunos das classes populares</b>
<b>Cursou Educação Infantil apenas em instituição privada, no turno matutino</b>	50% (04) e 50%	- 3 alunos apenas em escola pública
<b>Cursou Ensino Fundamental apenas em instituição pública, no turno matutino</b>	62,5% (05) e 62,5%	- 3 alunos apenas em escola particular
<b>Cursou Ensino Médio apenas em instituição particular, no turno matutino</b>	50% (04) e 75% (06)	- 3 alunos apenas em escola pública - 1 aluno referiu necessidade de bolsa de estudos, em todos os níveis
<b>Não fez curso técnico</b>	100%	
<b>Não fez supletivo</b>	100%	
<b>Fez curso pré-vestibular</b>	62,5% (05)	
<b>Ingressou na UFSC por vestibular</b>	100%	
<b>No ano de ingresso, fez outros vestibulares</b>	62,5% (05)	- Cursos em que foram aprovados: Economia, Matemática, Engenharia Ambiental, Engenharia Elétrica, Saneamento e Educação Física
<b>Não fez ou faz outra graduação</b>	100%	
<b>Trabalha</b>	75% (06)	- Todos são bolsistas de pesquisa - 1 nunca trabalhou
<b>Não precisa trabalhar para ajudar no sustento da família</b>	87,5% (07)	
<b>A família ajudou financeiramente durante a faculdade</b>	62,5% (05)	
<b>Já planejou os objetivos profissionais para o período após a formatura</b>	100%	- Todos referem o desejo de prosseguir com o Mestrado.

Fonte: base de dados da tese



### **O que esses dados revelam?**

O curso de Matemática, que apresentou o quarto menor índice de relação candidato x vaga, é composto por 8 formandos, metade de cada sexo. Com base nos dados expostos, a turma apresentou-se com características entre a turma de Biblioteconomia e as de Letras, isto é, trata-se de um perfil intermediário.

Os formandos de Matemática são majoritariamente da turma original, do primeiro semestre de 2011. No entanto, também se incluem nela 2 alunos de 2010.1 e 1 aluno de 2010.2. Todos eles ingressaram no curso por meio de vestibular.

De acordo com o Relatório Oficial do Vestibular de 2011, da Comissão Permanente de Vestibular da UFSC, o curso ofertou 40 vagas para o primeiro semestre naquele ano. À época do vestibular, a média da relação entre candidatos e número de vagas foi de 0,73: os não optantes pelo PAA concorreram à razão de 0,96 para 28 vagas; os autodeclarados negros ou pardos, 0,25 para 4 vagas; e os egressos de escola pública, 0,13 para 8 vagas.

Das vagas ofertadas, apenas foram preenchidas 18 delas, com calouros cujo perfil foi assim delineado pelo Relatório da Coperve:

- 77,78% de homens (e se inscreveram 75,86%) e 22,22% de mulheres (e se inscreveram 24,14%);
- 69,32% com até 19 anos (índice geral para todos os cursos);
- 77,77% de brancos, 16,66% de pardos e 5,55% de negros (sem amarelos e indígenas);
- 72,22% oriundos de SC, 16,66% de SP, 5,55% do RS e 5,55% de outros estados;
- 38,89% de egressos de Ensino Médio de escolas particulares e 33,33% de egressos de públicas (e 27,79% em ambas)

O perfil do calouro e o do formando não coincide quanto ao sexo prevalecente: no primeiro, a amostra continha homens em sua maioria; no segundo, a amostra apresenta igual quantidade de homens e mulheres. Neste sentido, verifica-se que os homens, que ingressaram em quantidade bem superior às

mulheres, diminuíram ao longo do tempo na turma 2011.1. Quanto aos demais aspectos básicos, ambos os perfis estão no mesmo sentido: aluno jovem, branco, solteiro e catarinense.

A estatística referente à origem étnica declarada também mudou a sua configuração: em 2011, havia a maioria de 77,77% de cor branca; ao passo que, em 2014, todos os formandos são brancos. Isto quer dizer que os alunos de cor parda e negra ingressantes no curso não irão se formar nesta turma.

O estado de origem da maioria dos alunos de 2014 e de 2011 é Santa Catarina, em percentual similar, quais sejam: 72,22% e 75%. Todavia os 5,55% de alunos oriundos do Rio Grande do Sul e os 5,55% de outros estados não estão mais na turma. Ao passo que irão se formar menos alunos do Sudeste do Brasil (12,50%) e, ainda, 12,50% do Paraná.

Quanto à Educação Básica, os formandos oriundos do Ensino Médio exclusivamente privado agora estão em maior quantidade: passaram de 38,89% para 50%. Também houve um ligeiro aumento de egressos de escolas públicas, de 33,33% para 37,50%. O percentual que se reduziu foi o dos alunos que estudaram nas duas redes: de 27,79% para 12,50%.

Além destes dados de 2011, que permitem traçar um raciocínio comparativo com os de 2014, ainda existem mais algumas situações deste ano a serem analisadas.

No tocante à questão sobre o local de residência antes de ingressarem no curso, a grande maioria (87,50%) já estava em Santa Catarina, sendo que apenas 1 destes alunos veio de outra cidade para a Capital. Os demais já residiam na Grande Florianópolis, não havendo a necessidade de mudança de residência. No momento, a maioria também reside com, pelo menos, um dos pais em casa (62,50%). Apenas 2 alunos não moram com familiar algum. Quanto aos bairros de residência, também se identifica que metade mora em bairros no entorno da Universidade e a outra metade em bairros mais distantes, especialmente 1 aluno que reside no centro de Santo Amaro da Imperatriz.

Quando indagados a respeito da escolaridade dos pais, 37,50% apontaram o nível do Ensino Médio. Empatados com 25% cada, foram citados o Ensino Fundamental e Superior. E ainda houve a menção de que 1 pai não possuía escolaridade alguma.

Por sua vez, as mães apresentam escolaridade bem superior a dos pais, a começar pelo fato de que não existe mãe sem grau de instrução. No caso delas, 50% possuem o Ensino Superior, todas com Pós-graduação. As demais, ou possuem Ensino Médio (25%) ou possuem Ensino Fundamental (25%).

Esta diferença entre pais e mães também pode ser vislumbrada em suas atuais ocupações. Enquanto a maior parte dos pais (50%) trabalha em funções de prestadores de serviço em empresas privadas; a maior parte das mães (50%) é profissional liberal, sendo que destas 4 mães, 3 têm formação de professora. Se somarmos estas 3 professoras ao pai que foi descrito também como professor, temos 50% da turma como filhos de professores.

As atividades comentadas se relacionam, obviamente, com a renda familiar mensal dos alunos. Na turma, tem-se o mesmo percentual de famílias na classe média (de 4 a 10 salários mínimos) e nas classes populares (abaixo de 4 salários mínimos): 37,50%. Estas são as duas faixas com maior representatividade. Acima delas, existem os outros 25% restantes, que percebem de 10 a 20 salários mínimos.

A maioria (87,50% ou 7 alunos) referiu não precisar auxiliar no sustento de outros membros da família. Contudo, 62,50% (5 deles) ainda requerem o suporte financeiro da família nesta fase de estudos.

Relativamente à escolarização anterior à faculdade, os alunos apontam que, na Educação Infantil, concentravam-se em maior quantidade nas escolas particulares (50%). No Ensino Fundamental, houve uma migração para a rede pública, que passou a conter 62,50% (5 alunos). Por sua vez, no Ensino Médio, conforme referido, os alunos recorrem mais ao ensino privado novamente (50%).

A par deste movimento, os alunos não recorreram a curso técnico, porém, a maioria também complementou seus estudos em curso pré-vestibular (62,50%), distribuídos equitativamente entre instituições públicas e privadas.

Além de ingressarem na UFSC por meio de vestibular, a maioria (62,50%) também foi aprovada em outros cursos no mesmo ano, notadamente para aqueles que se relacionam com a Matemática, como Engenharias e Economia.

Sobre atividades remuneradas, com exceção de 1 aluno que nunca trabalhou e de outro que não está trabalhando mas

exerceu anteriormente a função de auxiliar de escritório, todos os demais possuem experiência como bolsista de pesquisa da UFSC, em períodos que variam de 1 a 2 anos e meio. Portanto, há um vínculo perceptível, bastante estreito, dos formandos com a área de pesquisa universitária. Certamente, esta situação justifica o fato de 100% ter planejado seu futuro após a formatura, a partir do prolongamento dos estudos em cursos de Mestrado.

Acerca das trajetórias universitárias até então, fica evidente que a complexidade e a dificuldade do curso aparecem como características marcantes para os formandos.

### **Síntese – F: Biblioteconomia, Italiano, Alemão e Matemática:**

Como afirmado na análise antecedente, o curso de Matemática apresenta dados em situação intermediária entre o curso de Biblioteconomia e os de Letras, com destaque para os seguintes:

- ✓ Há 50% de alunos de cada sexo;
- ✓ Todos possuem de 20 a 24 anos e são brancos;
- ✓ Como no Italiano, todos são solteiros;
- ✓ Maior quantidade de alunos nascidos em Santa Catarina e na região da Grande Florianópolis;
- ✓ Maior quantidade de alunos residentes em Florianópolis;
- ✓ Como na Biblioteconomia, o grau de instrução da maior parte dos pais é o Ensino Médio; e, os pais se concentram mais na prestação de serviços;
- ✓ Como no Alemão, 50% das mães são profissionais liberais, sobretudo professoras;
- ✓ Igual percentual de famílias na classe média e nas classes populares;
- ✓ Maior percentual de alunos que fez pré-vestibular;
- ✓ Todos os alunos que exercem atividade remunerada são bolsistas na UFSC;
- ✓ Todos os alunos planejam cursar Mestrado após a formatura.

## 6.5 ARQUIVOLOGIA

A sétima fase de Arquivologia é composta por 5 formandos, cujos dados da tabela do anexo 20 são descritos no anexo 21, os quais compõem o seguinte perfil médio:

**Quadro 16 - Perfil médio do formando de Arquivologia**

Característica	Percentual (Quantidade de alunos)	Observações
i. Sexo feminino	80% (04)	
ii. Idade de 20 a 24 anos ou de 40 a 59 anos	40% cada (02)	- Há 1 aluno de 25 a 29 anos
iii. Cor branca	80% (04)	- Não há pardos, negros e amarelos
iv. Solteiro	60% (03)	- Cônjuges referidos possuem ocupação de "administrador" e "engenheiro"
v. Nascido em SC	60% (03)	- Os 3 são da Grande Florianópolis
vi. Residia em SC antes de ingressar na UFSC	80% (04)	- Os 4 já moravam na Grande Florianópolis
vii. Reside em Florianópolis atualmente	80% (04)	- 1 reside em Santo Amaro da Imperatriz
viii. Mora em bairro distante da UFSC	80% (04)	- Apenas 1 mora em bairro vizinho à UFSC
ix. Ingressou na UFSC em 2010.2	60% (03)	- 1 ingressou em 2010.1 e 1 em 2011.1
x. Mora com pai e mãe	60% (03)	- 2 moram com cônjuge e filhos
xi. Pai com Ensino Fundamental ou Superior	40% cada (02)	- 1 sem escolaridade
xii. Pai na ocupação de "prestador de serviços na iniciativa privada"	40% (02)	- E 1 pai empresário e 2 falecidos
xiii. Mãe com Ensino Médio	60% (03)	- 1 com Ensino Superior - 1 sem escolaridade
xiv. Mãe na ocupação de "dona de casa" (4 vezes)	80% (04)	- 1 mãe falecida
xv. Renda familiar mensal ou de 2 a 4 salários mínimos ou de 10 a 20 salários mínimos	40% cada (02)	- 1 refere de 4 a 10 SM <b>- Há 2 alunos das classes populares</b>
xvi. Curso Educação Infantil apenas em instituição pública, no turno matutino	60% (03) e 80% (04)	- 1 aluno apenas em escola particular

<b>xvii. Coursou Ensino Fundamental apenas em instituição pública, no turno matutino</b>	80% (04) e 80% (04)	- Nenhum aluno apenas em escola particular
<b>xviii. Coursou Ensino Médio apenas em instituição pública ou apenas em particular, no turno matutino</b>	40% cada (02) e 60% (03)	- 2 alunos referiram necessidade de bolsa de estudos (no EM e outro não respondeu)
<b>xix. Não fez curso técnico</b>	60% (03)	- 2 alunos fizeram o técnico: Contabilidade e Administração
<b>xx. Não fez supletivo</b>	100%	
<b>xxi. Não fez curso pré-vestibular</b>	80% (04)	
<b>xxii. Ingressou na UFSC por retorno de graduado</b>	40% (02)	- 1 por vestibular - 1 por transferência interna - 1 pelo Sisu
<b>xxiii. No ano de ingresso, não fez outros vestibulares</b>	100%	
<b>xxiv. Já fez outra graduação</b>	60% (03)	- Biblioteconomia, Economia e Pedagogia
<b>xxv. Não faz outra graduação</b>	100%	
<b>xxvi. Trabalha</b>	100%	- Ocupações variadas - Apenas 1 em estágio
<b>xxvii. Não precisa trabalhar para ajudar no sustento da família</b>	60% (03)	
<b>xxviii. A família ajudou financeiramente durante a faculdade</b>	60% (03)	
<b>xxix. Já planejou os objetivos profissionais para o período após a formatura</b>	60% (03)	- Referem a intenção de: fazer concurso público, pós-graduação e trabalhar na área

Fonte: base de dados da tese

### **O que esses dados revelam?**

O curso de Arquivologia consta como o menos concorrido da UFSC. Ao se analisarem os dados levantados por meio das respostas aos questionários, apurou-se que em muitos pontos apresenta-se similar ao curso de Biblioteconomia, o quinto menos concorrido. Esses dois concursos aparecem, diante das informações colhidas, como os menos elitizados.

De acordo com o Relatório Oficial do Vestibular de 2011, da Comissão Permanente de Vestibular da UFSC, a turma em questão foi aberta com 30 vagas para o primeiro semestre e mais 30 vagas para o segundo semestre. Entretanto, destas 60 vagas,

apenas 48 foram preenchidas por meio da aprovação no vestibular. Atualmente, a turma é composta por apenas 5 formandos, dentre os quais, 3 são de 2010.2 e 1 de 2010.1. Da turma original de 2011.1, só restou 1 aluno em sala. Além desta constatação, viu-se que apenas 1 aluno ingressou, efetivamente, por vestibular, enquanto os demais, ou ingressaram via retorno de graduado (2 alunos), ou via transferência interna (1 aluno), ou, ainda, via aprovação pelo Sisu (1 aluno). Ou seja, apesar da turma original ter praticamente se desintegrado, é válido observar como ela foi formada a partir do vestibular de 2011.

No Relatório Oficial, a média da relação entre candidatos e número de vagas foi de 1,45: os não optantes pelo PAA concorreram à razão de 1,17 para 42 vagas; os autodeclarados negros ou pardos, 0,33 para 6 vagas; e os egressos de escola pública, 3,00 para 12 vagas – observe-se aqui que a maior concorrência se deu para os estudantes de escola pública. No entanto, como mencionado, foram classificados apenas 48 alunos no total, cujo perfil era o seguinte:

- 41,18% de homens (e se inscreveram 31,03%) e 58,82% de mulheres (e se inscreveram 68,97%);
- 69,32% com até 19 anos (índice geral para todos os cursos);
- 91,66% de brancos e 8,33% de negros (e nenhum pardo, amarelo ou indígena);
- 81,25% oriundos de SC, 12,50% do RS, 2,08% do PR, 2,08% de SP e 2,08% de outros estados;
- 60,42% de egressos de Ensino Médio de escolas públicas (e 16,67% de escolas privadas)

O perfil do formando de 2014 é similar ao perfil do calouro de 2011, ou seja, uma mulher, branca, solteira e catarinense, porém, quanto à idade, há duas faixas etárias em maioria: a de 20 a 24 anos e a de 40 a 59 anos, com 40% cada (2 alunos).

A questão da idade se correlaciona também com o fato de que 3 dos 5 alunos têm no curso de Arquivologia sua segunda formação superior. Logo, não é de se estranhar que as idades sejam superiores à faixa “ideal” de 20 a 24 anos, o que indicaria

certa continuidade da Educação Básica diretamente para o Ensino Superior.

Acerca da cor descrita pelos alunos, tanto os calouros quanto os formandos são majoritariamente brancos. Na turma de calouros ainda havia negros, porém, na turma de formandos só há brancos dentre aqueles que responderam.

O estado de origem da maioria dos alunos de 2014 é Santa Catarina, assim como em 2011, entretanto, com a redução de 81,25% para 60%. Na turma de 2014, aparecem ainda alunos com origem do Paraná e do Rio Grande do Sul, 20% cada; ao passo que, na turma de calouros, apareciam com 2,08% e 12,50%, respectivamente –, além de ainda haver 2,08% de São Paulo e 2,08% de outros estados.

Na turma de 2011, em relação à Educação Básica, 60,42% dos alunos cursaram apenas escola pública no Ensino Médio. Já para os formandos, este índice diminuiu para 40%, percentual idêntico ao dos alunos que cursaram apenas em escola particular. Ou seja, houve uma diminuição na representação dos egressos de escola pública em 2014.

Após essa comparação preliminar entre 2011 e 2014, examinam-se os outros dados encontrados. Como referido, as cidades de origem dos formandos já eram majoritariamente catarinenses e as cidades em que residiam antes de ingressar na UFSC também, mas em percentual ainda maior. Aliás, só não se pode afirmar que todos já residiam no Estado, precisamente na Grande Florianópolis, porque 1 dos alunos não respondeu a questão. Logo, é praticamente viável a hipótese de que nenhum aluno teve que se deslocar de sua residência em vista do ingresso no curso de Arquivologia. De fato, esta hipótese também se ampara no dado de que 60% dos alunos moram com pai e mãe e os outros 40% com cônjuge e filho(s). Ainda, mais uma informação relevante é de que, na análise dos bairros, nota-se que apenas 1 aluno reside no bairro da Universidade, enquanto os demais, em locais distantes.

A respeito do grau de instrução dos familiares, 40% (2 alunos) responderam que os pais possuem o Ensino Fundamental. Também, 40% afirmaram terem o Ensino Superior. O restante não possui escolaridade alguma. Em termos objetivos, a escolaridade dos pais é baixa, e lembra os percentuais apurados no curso de Biblioteconomia. A ocupação atual dos pais também ilustra esta situação: além dos 40%



falecidos, tem-se 40% de pais como prestadores de serviço, nas funções de mecânico e mestre de obras; e, 20% na de comerciante.

Por seu turno, as mães possuem melhor escolaridade que os pais: são 60% com Ensino Médio e 20% com Ensino Superior, sendo o restante sem escolaridade. Apesar do maior grau de instrução, todas as mães são donas de casa, com exceção de 1, que já é falecida.

Tais dados da escolarização e da ocupação dos pais refletem-se nas rendas familiares mensais, especialmente para aqueles alunos que ainda residem com os pais e deles dependem para sua subsistência. Existem 2 famílias nas classes populares, que recebem de 2 a 4 salários mínimos, e 1 família na faixa intermediária, de 4 a 10 salários mínimos. As outras 2 famílias que estão numa faixa superior, de 10 a 20 salários mínimos, são providas pelo pai de um aluno (empresário) e a outra pelo aluno (servidor público) e seu cônjuge (administrador).

No que concerne à escolarização, os alunos apontaram o seguinte trajeto: escola apenas pública na Educação Infantil (60%), escola apenas pública no Ensino Fundamental (80%), e escola apenas pública ou apenas privada no Ensino Médio (40% cada). Similarmente ao curso de Biblioteconomia, este percurso da maior parte dos alunos se situou mais na rede pública de ensino.

Este também é mais um curso em que a maioria dos alunos não foi aprovada em outros vestibulares no ano que antecedeu a entrada na UFSC: 80%. Este percentual significativo está relacionado ao fato de que a maioria, 60%, ingressou em Arquivologia mediante o expediente de “retorno de aluno graduado”, isto é, inscreveu-se diretamente nas vagas abertas para esta modalidade, apenas com a apresentação do currículo. Também vimos que mais 1 aluna ingressou pela modalidade do Sisu, em que a realização do vestibular também é dispensada e a inscrição se dá com a nota obtida no ENEM. E, ainda, mais 1 aluna disse ter ingressado por meio de transferência interna de outro curso. Todas estas entradas, portanto, não tiveram uma relação direta com o vestibular do curso.

Sobre a questão do desempenho de atividade remunerada, todos os estudantes afirmaram estar trabalhando atualmente, sendo que apenas 1 realiza estágio. Isto é, os demais se encontram empregados em funções com que o curso de

Arquivologia poderá colaborar, como: arquivista, auxiliar administrativo e servidor público.

Apesar de a maioria possuir emprego, 60% (3 estudantes) declararam ainda precisar que a família lhes auxilie financeiramente durante a faculdade. Também, 60% deles pontuaram não ser necessário exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família.

Para o futuro, 60% deles possuem objetivos como trabalhar na área, passar em algum concurso público e continuar os estudos no âmbito da Pós-Graduação.

A trajetória universitária dos alunos, segundo descreveram, foi bastante positiva.

### **Síntese – G: Biblioteconomia, Italiano, Alemão, Matemática e Arquivologia:**

Em diversas questões, o curso de Arquivologia apresentou consonâncias com o quinto curso menos concorrido, Biblioteconomia. Aliás, esses são os dois cursos cujos perfis mais se parecem. Sobre Arquivologia propriamente, há alguns destaques a serem feitos:

- ✓ Maioria dos formandos não é da turma original de 2011.1, mas da turma antecessora (2010.2);
- ✓ Maior percentual de mães que possuem a função de dona de casa – embora com maior escolaridade que os pais;
- ✓ Maioria ingressou na UFSC por “retorno de graduado”. Também, somente neste curso se referiu uma entrada por meio do Sisú;
- ✓ Maioria possui um curso superior concluído;
- ✓ A graduação vem a complementar a atividade desempenhada profissionalmente pela maioria.

## 7 ALGUMAS COMPARAÇÕES

### 7.1 A COMPARAÇÃO: CURSOS MAIS CONCORRIDOS X CURSOS MENOS CONCORRIDOS

Na realidade, as castas se difratam numa longa cadeia de *ranking* ligado a posições, e a manutenção dessas posições é uma questão de honra (DUBET, 2014, p. 55)

A exposição precedente, que enfocou a realidade de cada um dos cursos em separado, oportuniza que se possa, de fato, reuni-los em dois grandes grupos para uma análise comparativa: os cursos mais concorridos em relação aos cursos menos concorridos.

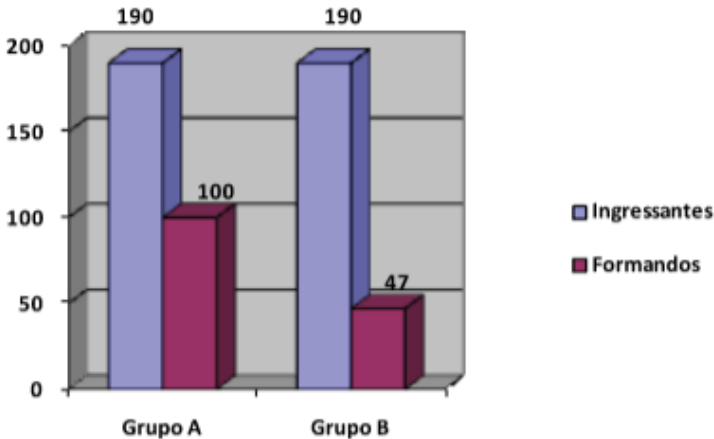
Ainda que se tenha destacado as peculiaridades próprias de cada curso, interessa constituir dois perfis neste momento. No pólo dos cursos mais concorridos (**grupo A**), estão Medicina, Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil, Engenharia Química e Direito. No pólo dos menos concorridos (**grupo B**), estão Biblioteconomia, Letras – Italiano, Letras – Alemão, Matemática e, por último, Arquivologia.

Na tabela constante do anexo 22, estruturaram-se os dados de cada uma das turmas em paralelo às demais. A única turma não elencada no quadro foi a de Engenharia Química, que, por apresentar a participação de apenas 3 alunos nas respostas ao questionário, não pôde ser considerada uma amostra representativa do grupo de formandos, que, segundo a listagem da secretaria do curso, teria 20 alunos no total.

#### **Características gerais dos alunos**

O grupo A conta com 100 alunos no total e o grupo B, com 47 alunos. As turmas de formandos do grupo A, portanto, são mais numerosas que as do grupo B. O grupo A apresentava 190 vagas abertas pelo vestibular, das quais saem os 100 formandos ora analisados (52,63%); ao passo que o grupo B, das também 190 vagas abertas, apenas concentra 47 alunos que chegaram à conclusão do curso (24,73%). É uma diferença considerável entre os grupos, pois se constata que há maior evasão dos alunos nos cursos menos concorridos, como se pode ver no gráfico 1.

**Gráfico 1 – Ingressantes X Formandos**



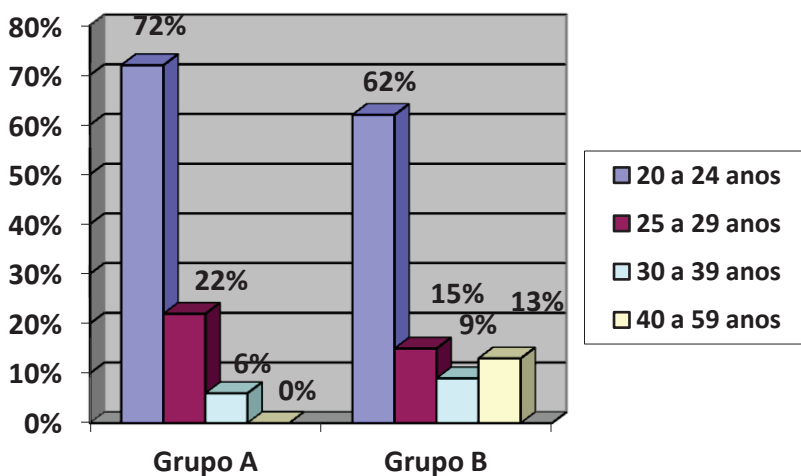
Outra diferença interessante é que no grupo A, encontram-se 54% de mulheres e 46% de homens; enquanto no grupo B, tem-se 80,85% de mulheres e 19,14% de homens. Ou seja, no primeiro grupo, há um relativo equilíbrio entre os sexos; já no segundo, há uma predominância feminina. Isto é, as mulheres permanecem mais concentradas nas graduações consideradas “femininas”<sup>53</sup> – e, diante do mercado de trabalho, nas profissões menos valorizadas em termos gerais e, dentro de cada uma delas, nas posições menos privilegiadas. Por conseguinte, há tão-somente uma igualdade formal entre os homens e as mulheres, vez que “no trabalho, tal como na educação, os

<sup>53</sup> Com base em Bourdieu (2011b, p. 108), “observa-se um forte aumento da representação das mulheres nas profissões intelectuais ou na administração e nas diferentes formas de vendas de serviços simbólicos (jornalismo, televisão, cinema, rádio, relações públicas, publicidade, decoração) e também uma intensificação de sua participação nas profissões mais próximas da definição de atividades femininas (ensino, assistência social, atividades paramédicas)”. Em que pese isso, as graduadas ainda continuam à margem de cargos de autoridade e de responsabilidade, especialmente na política e na economia, ficando mais adstritas a funções intermediárias de níveis médio, como quadros administrativos de nível médio, técnicos, quadros auxiliares médicos e sociais).

progressos das mulheres não devem dissimular os avanços correspondentes dos homens, que fazem com que, como em uma corrida *handicap*, a estrutura das *distâncias* se mantenha” (BOURDIEU, 2011b, p. 110). Quer dizer, mudam-se as condições das mulheres, mas elas permanecem em posições relativas na desvantagem, ou seja, igualar as oportunidades de acesso à educação não implica que as desigualdades desapareçam, pelo contrário, elas persistem na diferenciação entre os níveis escolares e nas carreiras “possíveis” a cada sexo.

Por sua vez, a questão das idades demonstra que a maioria dos alunos em ambos os grupos está situada na faixa de 20 a 24 anos, o que demonstra haver uma continuidade entre a Educação Básica e o Ensino Superior. Contudo, o grupo A possui 72% deles nesta faixa e o grupo B possui 61,70%. O grupo A ainda possui 22% de alunos de 25 a 29 anos e 6% de 30 a 39 anos. O grupo B possui o restante dos alunos assim divididos: 14,89% de 25 a 29 anos; 8,51% de 30 a 39 anos; e, 12,76% de 40 a 59 anos. Ou seja, além dos alunos do grupo B terem uma média de idade mais elevada que a do grupo A, também há aqueles com idade superior a 40 anos, o que não ocorre com o primeiro grupo, conforme o gráfico 2.

**Gráfico 2 – Faixas etárias dos formandos**



A respeito da origem étnica autodeclarada pelos alunos, tem-se respostas bastante semelhantes, que culminam na verificação de que a maioria dos formandos é de cor branca, sendo 85% no grupo A e 80,85% no grupo B. O número de pardos em ambos os grupos é de 6%. Já o grupo de amarelos é representado por 1% no grupo A e é inexistente no grupo B. Os negros são 5% no grupo A e 2,12% no grupo B. E não há indígena nas turmas. Estes dados confirmam que os brancos são os que, maciçamente, mais se formam, e que os negros e pardos (incluindo os beneficiários do PAA) estão em números bem menores que os de entrada.

Os números também identificam que a maioria dos alunos se forma ainda no estado civil de solteiro: 92% no grupo A e 78,72% no grupo B. Os alunos casados ou em união estável somam 8% no grupo A e 17,01% no grupo B. No grupo B, ainda identificam-se 4,25% dos alunos como separados ou divorciados. Nestes termos, note-se que o grupo A é muito mais homogêneo em relação ao estado civil.

Quanto ao semestre de ingresso dos alunos formandos, há que se considerar que, no grupo A, com exceção do curso de Medicina – em que a turma original é a de 2010.2 –, as turmas originais dos demais cursos são de 2010.1. De fato, a maioria dos formandos ingressou no semestre adequado: 64%. Do grupo A, tem-se 31% de alunos que possuem de 1 semestre a 2 anos de atraso em relação a 2010.1 e há 5% de alunos adiantados.

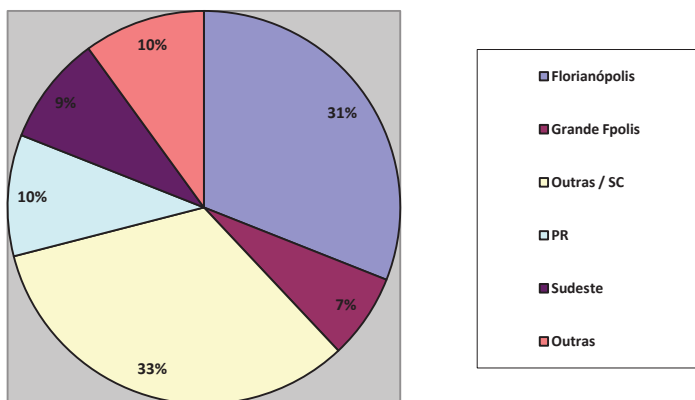
No grupo B, as turmas originais de todos os cursos é a de 2011.1, visto que os cursos têm duração menor, de 4 anos. A maioria dos formandos é também da turma original: 63,82%. Tem-se 27,65% de alunos com atraso de 1 a 2 semestres e 8,49% de alunos adiantados.

### **Geografia dos alunos**

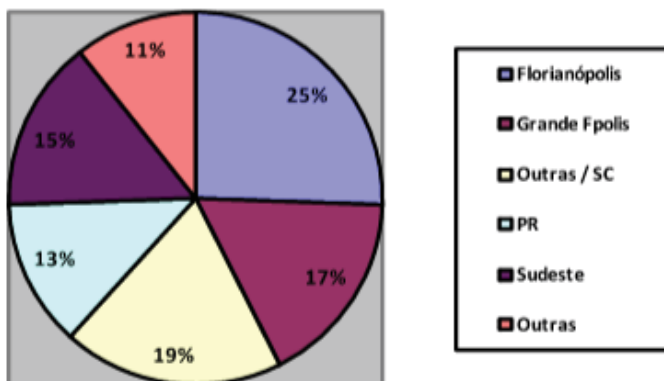
A origem geográfica dos alunos também é diferenciada. No grupo A, tem-se maciçamente a presença de alunos nascidos em Florianópolis (31%) e em outras cidades catarinenses (33%). Estes percentuais somados aos outros 7% nascidos na Grande Florianópolis, totalizam 71% de catarinenses. Em relação a outros estados, tem-se o Paraná com 10% e o restante em percentuais inferiores. Por sua vez, o grupo B não se apresenta tão polarizado: possui 25,53% de alunos de Florianópolis e 19,14% de outras cidades catarinenses, com exceção das

idades pertencentes à região contígua à Florianópolis (que somam 17,02%). Dessa forma, tem-se 61,69% de alunos catarinenses. Ainda tem-se 14,89% dos alunos de cidades do sudeste do Brasil e 12,76% de cidades paranaenses. Os demais estados contam com representação menor que 10%. Estes dados podem ser melhor vislumbrados nos gráficos 3 e 4, respectivamente.

**Gráfico 3 – Origem dos alunos do Grupo A**



**Gráfico 4 – Origem dos alunos do Grupo B**



Antes de ingressarem na UFSC, tanto a maior parte do grupo A (45%) quanto a do grupo B (46,80%) residiam anteriormente em Florianópolis. Em segundo lugar, no grupo A, tem-se 28% de alunos que vieram de outras cidades de Santa Catarina – sem contar os habitantes da Grande Florianópolis (outros 8%). No grupo B, ao contrário, em segundo lugar aparecem os residentes da Grande Florianópolis, com 25,53%, seguidos por 10,63% de alunos de outras cidades catarinenses. O que se pode observar é que 81% no grupo A e 82,96% no grupo B já moravam em Santa Catarina quando começaram a faculdade, sendo que no grupo A houve maior deslocamento de alunos para a Capital, isto é, a aprovação no vestibular implicou que mais alunos do grupo A tivessem que se mudar de cidade.

Interessa destacar que a maioria dos estudantes provém, além de Florianópolis, de cidades do leste e do norte do Estado, pois tem acesso mais fácil ao *campus* da Capital – que concentra a maioria dos cursos da UFSC. Assim, a localização geográfica deste *campus* não é tão acessível aos egressos do Ensino Médio do centro-oeste catarinense, como demonstram os dados.

Sobre a atual residência, a grande maioria dos alunos do grupo A, 91%, mora na própria Capital. Apenas 9% estão nas outras cidades da Grande Florianópolis: São José (5%), Palhoça (3%) e Biguaçu (1%). No grupo B, embora a maioria também resida em Florianópolis, o percentual é menor: 72,34%. Logo, há mais alunos que vivem nas cidades contíguas à Capital: 19,14% em São José; 4,25% em Palhoça; e, 4,25% em Santo Amaro da Imperatriz.

Em ambos os grupos, a maior parte dos alunos respondeu que mora, pelo menos, com um dos genitores – seja com ou sem irmãos. No caso do grupo A, são 41% deles; ao passo que no grupo B, um pouco mais, 48,92%. Aqueles que constituíram sua própria família com cônjuge/companheiro estão em quantidade parecida: 10% no grupo A e 12,76% no grupo B. Ainda, no grupo A, tem-se mais alunos que moram com amigo(s): 17%, sendo que no grupo B apenas 4,25%. O grupo B, por sua vez, possui mais alunos que moram sozinhos: 19,14% – e no grupo A, apenas 10%.



### Escolaridade e ocupação de pais e mães

Quanto à escolaridade dos pais, observa-se que o grupo A possui índices mais positivos que os do grupo B, como se nota no quadro abaixo:

**Quadro 17 - Escolaridade dos pais entre grupos A e B**

<b>Grau de instrução</b>	<b>Grupo A</b>	<b>Grupo B</b>
<b>Nenhum</b>	3%	10,63%
<b>Ensino Fundamental</b>	11%	25,53%
<b>Ensino Médio</b>	23%	31,91%
<b>Ensino Superior</b>	33%	14,89%
<b>Pós-graduação</b>	30%	17,02%

Fonte: base de dados da tese

Com base no quadro, note-se que, no grupo A, 63% dos pais possui Ensino Superior (com preenchimento em cinza) e, no grupo B, apenas 31,91% (em cinza), o que revela uma diferença bastante significativa. No grupo B, tem-se tantos pais com Ensino Médio quanto com Ensino Superior. Ainda, observe-se que os pais que possuem grau de instrução nas demais modalidades que não o Superior estão situados sempre em maior quantidade no grupo B, com destaque para o percentual considerável de 25,53% com Ensino Fundamental e 10,63% sem nenhuma escolaridade.

A escolaridade, por consequência, também se reflete nas atividades remuneradas desempenhadas pelos pais. No grupo A, a maioria se constitui de profissionais liberais (37%) – sendo que no grupo B esta categoria soma apenas cerca de 10%. No grupo B, o que se destaca são os pais prestadores de serviços na iniciativa privada (23,40%), seguidos por aqueles que possuem sua própria atividade econômica organizada (17,82%). Em ambos os grupos, a categoria menos representativa é a de autônomos (4% e 6,38%).

Os pais aposentados estão em maior número no grupo B (17,82%) e o grupo A apresenta maior percentual de pais falecidos (9%).

No caso da escolaridade das mães, acontece a mesma situação identificada com os pais, pois os dados do grupo A são mais positivos novamente, segundo o quadro abaixo:

**Quadro 18 - Escolaridade das mães entre grupos A e B**

<b>Grau de instrução</b>	<b>Grupo A</b>	<b>Grupo B</b>
<b>Nenhum</b>	0%	4,25%
<b>Ensino Fundamental</b>	8%	21,27%
<b>Ensino Médio</b>	27%	38,29%
<b>Ensino Superior</b>	34%	12,76%
<b>Pós-graduação</b>	31%	21,27%

Fonte: base de dados da tese

De início, verifica-se que a escolaridade das mães é superior a dos pais. Em segundo lugar, percebe-se que, ainda que as proporções sejam diferentes, o quadro é praticamente o mesmo que o dos pais.

Novamente, no grupo A, a maioria das mães, 65%, possui Ensino Superior (em cinza) – dado que é bem mais elevado que os 34,03% do grupo B. No grupo B, a maioria possui escolaridade até o Ensino Médio (38,29%, em cinza). O grupo B apresenta sempre percentuais maiores nas categorias com exceção do Ensino Superior. Veja-se ainda que no grupo A, todas as mães possuem algum grau de instrução, o que não acontece com o grupo B: 4,25% delas não têm escolaridade.

Sobre a ocupação das mães, no grupo A, 41%, é de profissionais liberais, tal como o caso dos pais. Porém, no grupo B, após a maioria de 38,29% – que são 18 donas de casa –, há o segundo maior percentual destas mães como profissionais liberais (21,27%). No grupo A é o inverso: a ocupação de dona de casa é que é a segunda mais referida (25%). As outras categorias, tanto no A quanto no B não apresentam nem 10% das mães. Em ambos os grupos, a categoria menos citada também é a de autônomos (2% e 4,25%).

O grupo B apresenta a maior quantidade de mães aposentadas (14,89%) e de mães falecidas (2,12%).

**Ocupação do cônjuge**

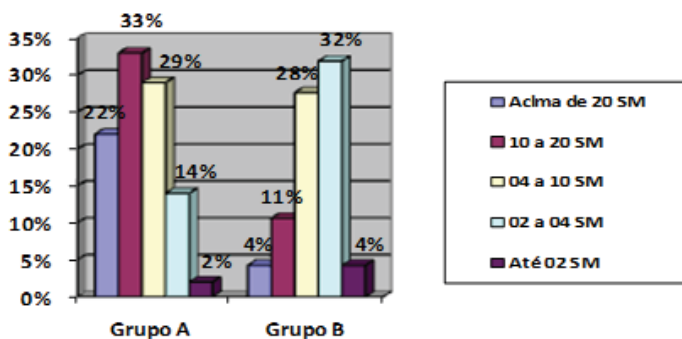
Para a minoria dos formandos (10% no grupo A e 17,03% no grupo B) que possuem cônjuge/companheiro, questionou-se a respeito da ocupação destes. No grupo A, foram citados 2% de profissionais liberais e 2% de prestadores de serviços. Por sua vez, no grupo B, foram mencionados 8,51% como prestadores de

serviço; 6,38% como profissionais liberais; e, 2,12% como autônomos.

### Renda familiar

Quanto à renda mensal das famílias, os grupos apresentam perfis bastante diferentes. Dentre as 5 faixas salariais existentes, o grupo A situa-se majoritariamente naquela de 10 a 20 salários mínimos (33%) e na de 4 a 10 salários mínimos (29%). O grupo B, por sua vez, apresenta 31,91% das famílias na faixa de 2 a 4 salários mínimos e 27,65% na faixa de 4 a 10 salários mínimos. Isto é, inegavelmente, o capital econômico das famílias do grupo A é mais elevado que o das famílias do grupo B, consoante o gráfico 5.

**Gráfico 5 – Renda familiar dos formandos**



Se as 5 faixas salariais forem condensadas para apenas 3, os dados deixam esta constatação ainda mais clara, com destaque para os preenchimentos em cinza:

**Quadro 19 - Renda familiar entre grupos A e B**

Renda	Grupo A	Grupo B
Acima de 10 SM	55%	14,88%
De 4 a 10 SM	29%	27,65%
Abaixo de 4 SM (classes populares)	16%	53,18%

Fonte: base de dados da tese

É nítido que as classes com maior poder aquisitivo estão em maior proporção no grupo A, enquanto o grupo B concentra principalmente as famílias das classes populares. Note-se que,

no início da análise, ressaltou-se que em ambos os grupos foram ofertadas 190 vagas por meio do vestibular – e a proporção de vagas reservadas pelo PAA seguia a mesma regra em todos os cursos.

Agora, deve-se indagar: quais alunos se formam e em que cursos? Onde estão os alunos com menores condições financeiras? A discussão aqui aponta para o fato de que a condição social dos alunos e de suas famílias não apenas influencia a entrada na Universidade e a escolha do curso, mas também a saída desse aluno, agora como profissional graduado. Se o Brasil é uma sociedade em que a reprodução social é marcada, há uma grande probabilidade de que as desigualdades acadêmicas reforcem as posições dos pais na figura dos filhos – e não apenas pela transmissão intergeracional da estimativa de renda, mas também pelos demais tipos de capitais.

### **Percurso escolar e universitário dos formandos**

O percurso dos formandos na Educação Básica também aparece de forma diferenciada para cada grupo. No grupo A, na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, a maioria sempre cursou todos os anos em escola apenas particular: 60%, 60% e 70%, respectivamente. Enquanto a quantidade de alunos matriculados apenas em escola pública manteve-se estável ao longo de todos os níveis (27% a 28%), a opção pelo ensino exclusivamente privado se tornou uma estratégia crescente entre as famílias dos cursos mais concorridos. O turno preferencial sempre foi o matutino.

No grupo B, inversamente, em todos os anos dos 3 níveis de ensino, a maioria se concentrou exclusivamente em escolas públicas: 44,68%, 59,57% e 48,93%. Uma observação interessante é que 12,76% dos alunos deste grupo não passaram pela Educação Infantil; enquanto que, no grupo A, apenas 1% esteve nesta situação. Especialmente no Ensino Fundamental, o recurso ao ensino público foi significativo para grupo B. A frequência apenas a escolas privadas durante a Educação Básica variou de 36,17% para 27,65% e, por fim, para 40,42%. O turno matutino também foi o preferido em todos os níveis, contudo, chama a atenção, no Ensino Médio, a porcentagem de 19,14% de alunos no turno noturno, o segundo mais frequentado, sendo que no grupo A havia apenas 4% de alunos nele e era a menor porcentagem dentre os turnos. Em

geral, o ensino noturno está associado ao fato de os adolescentes já ingressaram no mercado de trabalho e, para conseguirem conciliar com os estudos, passaram a estudar à noite.

Quando questionados sobre a necessidade de auxílio financeiro da instituição – como bolsa de estudos parcial ou integral –, 21,27% do grupo B responderam afirmativamente, enquanto no grupo A, apenas 10%.

No grupo B, também se identificou maior quantidade de alunos que fizeram curso técnico, conceitualmente ofertado para a capacitação célere ao mercado de trabalho: 14,89% dos formandos. No grupo A, este número foi menor: 5%.

O grupo B também apresentou maior índice de alunos que estiveram na Educação de Jovens e Adultos ou curso supletivo (4,25%), embora esse percentual seja bastante pequeno.

Quanto ao preparo para o vestibular, no grupo A, 75% dos formandos frequentou cursos pré-vestibulares, os quais, para 94,66%, foram particulares. Já no grupo B, a maioria não frequentou estes cursos (53,19%) e, daqueles que frequentaram, 54,54% o fizeram em instituições privadas.

Especificamente sobre o ingresso na UFSC, 98% dos formandos do grupo A disseram que se deu mediante a aprovação no vestibular, que, para a maioria de 51,02%, foi prestado apenas uma vez. No grupo B, a maioria também ingressou por vestibular (78,72%), o qual foi prestado uma única vez por 91,89% deles. Contudo, neste grupo, as outras formas de ingresso (transferência externa, transferência interna, retorno e Sisu) somaram 21,26%, com destaque para a opção de “retorno de graduado” (12,76%). No grupo A, as outras opções ficaram restritas apenas à transferência externa, à base de 2%. Ou seja, nos cursos mais concorridos a seleção apresentou-se bastante rigorosa e as vagas para outras opções de ingresso constituem-se em exceções, além de que não havia vaga ociosa após o feito do vestibular.

No ano anterior ao do início da faculdade, 76% do grupo A e 29,78% do grupo B afirmaram que também foram aprovados em outros vestibulares, isto é, os alunos do grupo A tiveram maiores opções de escolha pelo curso superior.

Uma vez na graduação, tanto os alunos do grupo A quanto do grupo B declaram, em sua maioria, não estarem cursando outra faculdade em paralelo, 96% e 97,87%, respectivamente.

Por seu turno, sobre a hipótese de terem curso superior concluído previamente, apenas 3% do grupo A apontaram que sim e uma quantidade maior, 17,02% do grupo B, responderam afirmativamente.

### **Trabalho dos formandos**

Na medida em que se aproximam da formatura do curso, é natural que os alunos se aproximem (mais) do mercado de trabalho. Em ambos os grupos, embora se perceba que a maioria está trabalhando atualmente, existem diferenças a se destacar.

Em primeiro lugar, a porcentagem de alunos que não trabalham e nunca trabalharam é muito maior no grupo A: 21% *versus* 2,12%. Pela leitura dos questionários, os alunos que optaram por não trabalhar, além de terem condições econômicas que permitiram tal escolha, demonstram ter se decidido pela dedicação integral aos estudos como forma de melhorar ainda mais sua formação acadêmica.

Em segundo lugar, dentre aqueles que não trabalham atualmente, mas já trabalharam, o grupo A possui, novamente, maior percentual que o grupo B: 24% *versus* 6,38%. Quando se observam as atividades descritas pelos alunos do grupo A, as experiências que tiveram ocorreram especialmente para complementar os estudos, vez que 49,98% destacaram: bolsas de estudo, estágios, iniciação científica e monitoria acadêmica. No grupo B, as 2 atividades mencionadas foram a de auxiliar de escritório e de professor.

Em último lugar, os alunos que trabalham atualmente são 55% no grupo A e 91,48% no grupo B, ou seja, este grupo apresenta muito mais formandos já inseridos de alguma forma no mercado de trabalho do que aquele.

A respeito das atividades desempenhadas pelo grupo A, tem-se 76% em estágios. A segunda maior citação foi de atividades de pesquisa e extensão na Universidade, como bolsa de estudos, monitoria e PET: 7,25%.

No grupo B, as atividades dividem-se basicamente em três subgrupos: atividades acadêmicas, atividades profissionais relacionadas ao curso e atividades desvinculadas da área de formação. No primeiro caso, prevalece a condição de estudante (como bolsista, estagiário e monitor), com 46,50% das respostas. No segundo subgrupo, estão ocupações como a de auxiliar na área da graduação e professor, com 25,55%. No terceiro

subgrupo, existem variadas ocupações, principalmente as de prestador de serviço na iniciativa privada: 18,56%.

Aqui se nota que a maioria que trabalha em ambos os grupos o faz na forma de estágios acadêmicos, para complementação dos estudos de graduação. Esta discussão será aprofundada nos capítulos seguintes, pois é necessário diferenciar o estudante-trabalhador do trabalhador-estudante. Entretanto, já se pode ter um indicio de quem são os alunos que detêm maior possibilidade de escolha por trabalhar ou não e, também, por desempenhar atividades complementares à sua formação acadêmica, que representa o eixo de suas atividades no momento: os do grupo A majoritariamente.

Por conseguinte, apenas 13% dos formandos do grupo A declararam ter exercido atividade remunerada para ajudar no sustento de outros membros da família durante o curso. No grupo B, esse percentual é bem mais alto, de 34,04%.

De qualquer maneira, fica claro que a maioria de ambos os grupos teve que requisitar o auxílio financeiro da família durante a faculdade, principalmente no grupo A: 87% *versus* 55,31%.

A última questão também foi respondida pelos 2 grupos da mesma forma, vez que grande parte dos alunos já faz planos profissionais para o período após a formatura: assim são 79% do grupo A e 89,36% do grupo B.

## 7.2 O PERFIL MÉDIO DE TODOS OS CURSOS

Além de se apresentar cada curso individualmente e a comparação entre os cursos mais concorridos e os menos concorridos, interessa traçar um perfil médio dos formandos a partir de todos os cursos – com exceção de Engenharia Química, conforme já explicitado. Assim, na tabela abaixo, os dados dos 147 formandos delineiam o seguinte perfil:

**Quadro 20 - Perfil médio dos formandos de todos os cursos**

Característica	Percentual (Quantidade de alunos)
<b>Sexo feminino</b>	62,58%
<b>Idade de 20 a 24 anos</b>	68,70%
<b>Cor branca</b>	83,67%
<b>Estado civil solteiro</b>	87,75%
<b>Nascido em SC</b>	68,02%

<b>Residia em SC antes de ingressar na UFSC</b>	81,61%
<b>Reside em Florianópolis atualmente</b>	85,03%
<b>Mora com, pelo menos, um dos genitores</b>	43,52%
<b>Pai com Ensino Superior</b>	53,06%
<b>Pai na ocupação de “profissional liberal”</b>	28,57%
<b>Mãe com Ensino Superior</b>	55,10%
<b>Mãe na ocupação de “profissional liberal”</b>	34,69%
<b>Renda familiar mensal de 4 a 10 SM</b>	28,57%
<b>Em média, 4 pessoas vivem desta renda</b>	34,69%
<b>Cursou Educação Infantil apenas em escola particular, no turno matutino</b>	52,38% e 53,74%
<b>Cursou Ensino Fundamental apenas em escola particular, no turno matutino</b>	49,65% e 57,82%
<b>Cursou Ensino Médio apenas em escola particular, no turno matutino</b>	60,54% e 72,78%
<b>Não fez curso técnico</b>	91,83%
<b>Não fez supletivo ou EJA</b>	96,59%
<b>Fez curso pré-vestibular, na modalidade particular</b>	65,98% e 85,56%
<b>Ingressou na UFSC por vestibular, com uma tentativa</b>	91,83% e 62,22%
<b>No ano de ingresso, foi aprovado em outros vestibulares</b>	61,22%
<b>Não fez outra graduação</b>	92,51%
<b>Não faz outra graduação</b>	96,59%
<b>Trabalha atualmente</b> - Como Estagiário: 52,04% - Como Bolsista / Monitor / Aluno do PET: 15,30%	66,66%
<b>Não precisa trabalhar para ajudar no sustento da família</b>	80,27%
<b>A família ajudou financeiramente durante a faculdade</b>	76,87%
<b>Já planejou os objetivos profissionais para o período após a formatura</b>	82,31%

Fonte: base de dados da tese

É claro que diante de todas as peculiaridades debatidas, um perfil médio do formando é meramente ideal. Como se vê, a maioria das respostas tendeu a se assimilar àquelas colhidas nos questionários dos cursos mais concorridos, haja vista que a quantidade de formandos deste grupo era maior do que a dos menos concorridos. Mas essas médias interessam, sobretudo, para se conseguir localizar o grupo dos alunos das classes populares neste universo, os quais serão analisados no próximo tópico.



### 7.3 OS ALUNOS DAS CLASSES POPULARES DE TODOS OS CURSOS

À medida que a história avança, estes possíveis tornam-se cada vez mais improváveis, mais difíceis de realizar (BOURDIEU, 2011c, p. 100).

Ao se analisarem todos os cursos, segundo o critério da renda mensal familiar de até 4 salários mínimos, definiu-se a amostra de formandos pertencentes às classes populares, totalizando 41 alunos. Portanto, são 41 alunos ou 27,89% do total de 147 formandos. As classes populares, por conseguinte, tem menor representatividade nas turmas de formandos do que as classes média e alta somadas.

Considerando que o capital cultural herdado e a propensão para investir na educação dos filhos são determinantes para o êxito escolar destes, “compreende-se que a parcela dos alunos oriundos das frações mais ricas em capital cultural será tanto maior em uma instituição escolar, quanto mais elevada ela estiver na hierarquia *propriamente* escolar das instituições de ensino” (BOURDIEU, 2011a, p. 113). Tal é o caso da UFSC, considerada uma escola de elite, quando observada no cenário da educação superior do país. Importa dizer que os filhos das classes populares são menos representados nas altas instituições de ensino como a UFSC, ou seja, “da clientela que frequenta as Universidades gratuitas e de maior reputação não fazem parte, a não ser como exceção, estudantes de famílias de classe operária” (ROMANELLI, 2000, p. 103). Ainda, dentro de Universidades como a Federal, os dados revelam que são menos representados nos cursos mais concorridos e que possibilitam o exercício das profissões “mais rentáveis”.

De fato, dos 41 alunos de classes populares, 16 estavam matriculados nos cursos mais concorridos e 25 nos menos concorridos. Obviamente que, ao reuni-los, cria-se uma média dos dados colhidos, os quais não dão conta das diferenças existentes entre os cursos e, especialmente, entre os próprios formandos. Entretanto, este é o momento em que se faz um exame em extensão, com as informações obtidas a partir das respostas de todos os alunos das classes populares para, em seguida, ser viável um exame em maior profundidade, com o

estudo das entrevistas daqueles que se disponibilizaram a participar desta pesquisa.

Saliente-se que não é possível traçar um exato paralelo entre a porcentagem de formandos das classes populares com a de entrada nos cursos, pois as turmas não se mantêm com a configuração inicial, além de que os alunos das classes populares podem estar presentes também nas vagas de concorrência geral e não apenas nas reservadas aos beneficiários do PAA.

### **Características gerais dos alunos**

A tabela do anexo 23 informa que a maioria dos formandos das classes populares é composta por mulheres: 80,48% (33 alunas), percentual que ultrapassa o índice de 62,58% obtido pelo grupo de todos os alunos (geral) – tabela constante do anexo 24.

Nesta amostra, identifica-se que a maioria dos alunos possui de 20 a 24 anos de idade: 60,95% (25 alunos), o que demonstra a passagem da Educação Básica para o Ensino Superior na idade padrão estimada para a conclusão do Ensino Médio (17-18 anos). Este dado é similar à média geral dos cursos. Apesar disso, constata-se que no grupo específico, existem alunos nas demais faixas etárias: 21,95% de 25 a 29 anos; 9,75% de 30 a 39 anos; e, 7,31% de 40 a 59 anos.

Quanto à cor autodeclarada pelos formandos, a grande maioria, 82,92% ou 34 alunos, respondeu ser branca, similar ao que aconteceu com a amostra geral. Além disso, o segundo maior grupo foi o de negros (9,75%), seguido pelo de pardos (4,87%). Na amostra de todos os cursos, ocorreu o inverso: os pardos foram mais numerosos que os negros.

Acerca do estado civil dos formandos, observa-se que 75,60% (31 alunos) são solteiros; enquanto na amostra anterior havia 87,75%. Ou seja, há mais estudantes que já constituíram família dentre os formandos de classes populares. Ainda, tem-se 19,5% de casados ou em união estável e 4,87% separados ou divorciados.

### **Geografia dos alunos**

A respeito da cidade de nascimento, 46,33% (19 alunos) disseram ser naturais de Florianópolis e região, sendo que os nascidos na Capital integravam esse número com 26,82%. Em

comparação com a amostra geral, têm-se menos alunos nascidos em Florianópolis e mais nascidos nos outros municípios da região. Por seu turno, o percentual de alunos de classes populares nascidos em outras cidades catarinenses é de 26,82% (11 alunos), semelhante aos 28,57% do grupo geral. Nas classes populares, ainda identificam-se 7,31% do Paraná; 7,31% do Rio Grande do Sul; 4,87% de São Paulo; 2,49% de Mato Grosso; 2,49% do Maranhão; e, 2,49% de outro país. Na estatística de todos os grupos, após os catarinenses, têm-se paranaenses e os provenientes de cidades do sudeste brasileiro, ambos em percentuais maiores, e os demais em menor índice.

Por sua vez, a cidade em que a maioria residia antes de ingressar na UFSC era Florianópolis (43,90% ou 18 alunos), tal como no grupo geral (45,57%). Nos demais municípios da região da Grande Florianópolis, residiam 24,39% dos alunos, e em outras cidades catarinenses, 19,51%. Na amostra geral, o percentual da Grande Florianópolis era menor (13,60%) e o do restante de Santa Catarina era maior (22,44%). Isto é, observa-se que, nas classes populares, houve uma menor necessidade de deslocamento de alunos para a Capital em virtude do ingresso na UFSC. Ao se somarem todas as cidades catarinenses, têm-se 87,80% das classes populares e 81,61% da geral, ou seja, o primeiro grupo também possuía menor quantidade de estudantes que residiam em outros estados.

A residência atual da maioria está em Florianópolis (63,41% ou 26 alunos), número menor que o da amostra geral, de 85,03%. Assim, mais um argumento em favor da ideia de que muitos alunos das classes populares não se deslocaram das residências em que estavam antes da entrada na faculdade. Nas demais cidades da Grande Florianópolis, reside o significativo índice de 36,62% dos alunos, na seguinte ordem: São José (9 alunos), Palhoça (3 alunos), Santo Amaro da Imperatriz (2 alunos) e Biguaçu (1 aluno).

Essa distribuição espacial, complementada pela informação dos bairros de residência, indica que a maioria mora em bairros distantes da UFSC: 73,17% (30 alunos), o que demanda um percurso maior diário para chegarem até a Universidade. Destes 30 alunos, apura-se que 10 deles estão nos cursos mais concorridos e os outros 20 nos menos concorridos. Por seu turno, aqueles que moram perto da UFSC, em bairros contíguos, são cerca de um quarto dos alunos ou

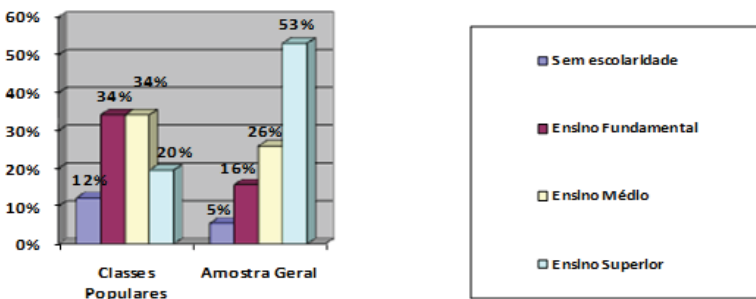
26,82% (11 formandos), sendo que destes, 6 estão nos cursos mais concorridos.

Questionados sobre as pessoas com quem moram, 43,93% (18 alunos) dos formandos afirmaram que residem com, pelo menos, um dos genitores, seja com ou sem irmãos. Outros 24,37% (10 alunos) moram com o cônjuge – e, neste particular, o índice é superior ao da amostra geral (10,88%). Moram sozinhos outros 14,63%. E, ainda, 12,19% moram com amigos e 2,49% em “outras” configurações.

### Escolaridade e ocupação de pais e mães

Relativamente ao grau de instrução dos pais, o percentual com Ensino Fundamental e o percentual com Ensino Médio é o mesmo: 34,14% cada (28 pais no total). Após esses dois níveis, segue o Ensino Superior com 19,50% (8 pais) e, por fim, 12,19% (5 pais) sem escolaridade alguma. Esta informação chama muita atenção, pois é totalmente diferente daquela encontrada junto à amostra geral. Lá, a maioria contava com Ensino Superior (53,06%) e, depois, vinham aqueles com Ensino Médio (25,85%), com Ensino Fundamental (15,64%) e os pais sem escolaridade (5,44%). Estes dados estão ilustrados no gráfico 6 abaixo.

**Gráfico 6 – Escolaridade dos pais**

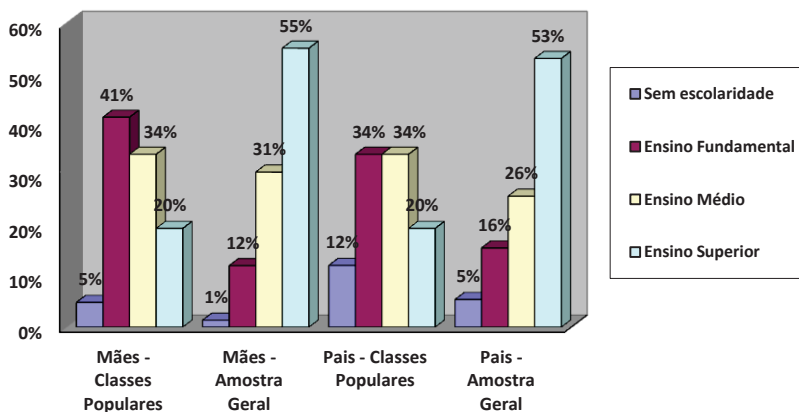


Assim, nas classes populares, nota-se que muitos findaram seus estudos na Educação Básica, sem ter adentrado o nível de ensino em que agora seus filhos se encontram. Também, é alto o percentual de pais sem grau de instrução algum, de modo que

ter os filhos numa faculdade deve representar uma experiência bastante desafiadora para toda a família.

As mães, por seu turno, possuem escolaridade bem semelhante a dos pais, apenas diferindo, positivamente, no aspecto de que possuem menor quantidade delas sem escolaridade e maior quantidade com Ensino Fundamental. A par disso, os índices são parecidos, conforme denota o gráfico 7 a seguir. Nele, a maioria das mães possui Ensino Fundamental (41,46% ou 17 mães), seguidas por 34,14% com Ensino Médio e 19,50% com Ensino Superior. Por último, há 2 mães sem escolaridade (4,87%). Em comparação com a amostra geral, esses números também são totalmente diversos, pois lá a maioria possuía Ensino Superior (55,10%), 30,61% possuía Ensino Médio, 12,14% possuía Ensino Fundamental e apenas 1,36% não era escolarizada.

**Gráfico 7 – Escolaridade das mães (e dos pais)**



A ocupação dos genitores, por certo, reflete a sua escolarização. No caso dos pais, há 34,14% (17 pais) como prestadores de serviço na iniciativa privada. O segundo maior índice é o de pais aposentados e falecidos: 24,38%, portanto, fora do mercado de trabalho. Após, há 12,19% de pais com atividade econômica própria (“empresário”); 9,75% como profissional liberal; 7,31% como autônomo; e, 7,31% como servidor público. No grupo geral de formandos, a ocupação de

pais em maioria foi a de profissional liberal, reflexo também do percentual bem mais considerável de pais com Ensino Superior.

A ocupação majoritária das mães das classes populares é a de dona de casa, com a expressiva quantidade de 41,46% (17 mães). Depois, com 14,63% cada, seguem 6 mães aposentadas e 6 mães prestadoras de serviço na iniciativa privada. As profissionais liberais são 12,19%; as “empresárias” são 7,31%; e, por fim, 4,87% de autônomas e mais 4,87% de servidoras públicas. Para relembrar, no grupo de todos os alunos, a maioria das mães tinha ocupação de profissional liberal (34,69%).

Mais uma vez, pode se fazer a interpretação de que, ao passo que os pais com escolaridade média, encaminham-se mais para a prestação de serviços; as mães com esta escolaridade se tornaram, em sua maioria, donas de casa. Logicamente, a conjunção entre baixa escolaridade e as ocupações apresentadas impactou a renda familiar negativamente, como se verá adiante.

### **Ocupação do cônjuge**

Dos formandos que responderam ter cônjuge/companheiro, 4 disseram que os cônjuges trabalham como prestadores de serviços, nas funções de: atendente de restaurante, cabeleireiro, operador de máquinas e padeiro. Ainda, 2 são estudantes, 1 está desempregado, 1 é vendedor e 1 é autônomo.

### **Renda familiar**

Considerando que já foi feito o recorte da faixa salarial para se determinar as famílias situadas nas classes populares como aquelas que percebem até 4 salários mínimos mensais, agora apenas foram quantificadas em outras duas faixas. As famílias que recebem até 2 salários mínimos são 11, que representam pouco mais de um quarto da amostra (26,82%). Na outra faixa, de 2 a 4 salários mínimos, estão 30 famílias ou 73,17%.

Mais da metade das famílias (53,65%) possuem tais rendas para sustentar de 3 a 4 pessoas, o que significaria, na melhor das hipóteses, R\$ 1.173,33 *per capita*, ao se dividir 4 salários mínimos (máximo) por 3 pessoas (mínimo).

### **Percurso escolar e universitário dos formandos**

No que concerne à experiência dos formandos das classes populares na Educação Básica, diferente das informações da amostra geral – cuja maioria cursou todos os níveis de ensino apenas em escola particular –, sua maior parte estudou apenas em escola pública.

Na Educação Infantil, 51,21% deles (21 alunos) estiveram apenas em escola pública, sendo 48,83% no turno matutino. No Ensino Fundamental, foram 68,29% (28 alunos), sendo 63,46% no matutino. E, no Ensino Médio, foram 58,53% (24 alunos), sendo 56,08% no matutino.

Sublinhe-se que o nível que mais contou com alunos na escola pública foi o Fundamental. Também, dois fatos chamam a atenção: o de 12,19% não ter cursado a Educação Infantil e o de que, no Ensino Médio, quase um quarto dos alunos estudou no turno noturno.

Questionados sobre terem feito curso técnico, 14,63% (6 alunos) responderam afirmativamente e citaram os cursos de: Contabilidade, Enfermagem, Secretariado, Técnico administrativo, Técnico em Edificações e Técnico em Saneamento. E sobre terem feito supletivo ou Educação de Jovens e Adultos, apenas 4,87% (2 alunos) responderam afirmativamente. Ambos os índices, na amostra geral, são um pouco menores (8,16% e 2,04%, respectivamente).

A fim de se prepararem para os concursos vestibulares, a maioria de 58,53% (24 alunos) disse tê-los feito, especialmente em instituições particulares (62,50%). Este dado é importante quando se observa que a grande maioria, 90,24% (37 alunos) iniciou os estudos na UFSC mediante a aprovação no vestibular, percentual também aproximado daquele da amostra geral. Os 4 alunos restantes ingressaram por: transferência interna (1); retorno de graduado (2); e Sisu (1).

No ano que antecedeu o ingresso na UFSC, cerca de metade dos formandos (51,21% ou 21 alunos) também foi aprovada em outros vestibulares. Neste caso, 10% a menos que o índice da amostra geral. As instituições mais citadas nestas aprovações foram: UDESC, IFSC, UNISUL e UNOESC, todas sediadas em Santa Catarina.

Sobre o semestre de ingresso dos alunos, é preciso que se divida a amostra em três partes: a dos alunos de Medicina (curso

de 6 anos); dos demais cursos mais concorridos (cursos de 5 anos); e, dos cursos menos concorridos (de 4 anos).

No curso de Medicina, os 4 alunos das classes populares ingressaram em 2010.2, isto é, vêm cursando todas as fases no tempo previsto.

Nos demais cursos mais concorridos, dentre os 12 alunos, 6 são da turma original de 2010.1 (50%); 3 alunos atrasaram 1 semestre (2009.2); 2 alunos atrasaram 1 ano e meio (2008.2); e, 1 aluno atrasou 2 anos (2008.1).

Nos cursos menos concorridos, dentre os 27 alunos, 17 são da turma original de 2011.1 (62,96%); 3 atrasaram 1 semestre (2010.2); 3 atrasaram 1 ano (2010.1); e, 2 alunos estão adiantados (1 semestre e o outro 1 ano).

Também sobre a formação universitária, 1 aluno (2,49%) afirmou estar paralelamente em outro curso de Ensino Superior e outros 2 alunos (4,87%) disseram estar formados em Biblioteconomia e Letras – Português.

### **Trabalho dos formandos**

No grupo dos alunos das classes populares, o percentual daqueles que nunca trabalharam é diminuto: apenas 4,87% (2 estudantes), número diferente da amostra geral, com 10% a mais que isso. Esses 2 alunos, é importante que se diga, são do curso de Medicina que, como salientado, possui currículo extenso e aulas em período integral, muitas vezes inviabilizando um trabalho no aspecto formal.

Dentre aqueles que não trabalham atualmente, mas já trabalharam, o índice também é baixo: 12,19% ou 5 alunos. Nas atividades descritas pelos alunos, as experiências, ao contrário dos 18,26% da amostra geral, não se deram em complementação aos estudos, haja vista que nenhum deles trabalhou na área de formação ou próxima dela, nem se tratavam de estágios.

Os alunos que trabalham atualmente representam a grande maioria: 82,92% (34 alunos), superando assim os 66,66% da amostra geral. No que tange às atividades desempenhadas pelo grupo, 47,05% (16 alunos) está em estágios, seguida por 20,53% (7 alunos) que desempenham atividades de pesquisa e extensão na Universidade, como bolsa de estudos, monitoria e PET. Depois, há 17,64% de alunos que têm empregos em funções diversas da formação e, por último, 14,70% que



possuem empregos próximos da formação universitária a ser finalizada.

Por último, fica claro que grande parte dos alunos faz planos profissionais para o período após a formatura: 82,92% (34 alunos), índice praticamente idêntico ao índice da amostra geral.

### **Algumas considerações**

A análise das informações acerca dos formandos dos cursos selecionados ofereceu parâmetros para balizar esta pesquisa. Sem dúvidas, o momento em que foram coletadas essas informações também oportunizou que se pudesse vislumbrar a importância que a trajetória acadêmica, com a subsequente outorga de um título universitário, tem na vida de cada aluno.

O título universitário, que reúne o elemento escolar predecessor e o prenúncio de trabalho futuro, é um capital simbólico institucionalizado, dotado do caráter de garantia jurídica, de prerrogativa adquirida por direito, e, por isso, legal e legítimo, já que reconhecido no espaço social. Este título não deixa de encerrar um valor em si mesmo, ao conferir uma série de ganhos simbólicos, não passíveis de monetização direta. Quanto maior a sua raridade simbólica, maior a outorga de distinção ao seu possuidor e melhores as condições de instrumentalizar o valor do trabalho a que se roga o portador capaz de realizar.

No caso da UFSC, cujo prestígio é reconhecido no cenário do Ensino Superior brasileiro, os títulos ali emitidos já possuem um diferencial por este fato singular. Contudo, além disto, conta muito o curso no qual o aluno se gradua, seja pelo grau de seletividade para as vagas, seja pelo quadro de disciplinas ofertadas, pelo corpo docente envolvido e pela infraestrutura disponibilizada para a formação. E, ainda, o título também ganha maior ou menor relevância quando situado no mercado de trabalho, ou seja, quando visualizadas as opções efetivas de se colocar as capacidades técnicas assimiladas no ambiente de estudos em prática, especialmente em virtude das vagas disponíveis, das condições de trabalho existentes e da remuneração a ser percebida. É fato que “Não se pode ignorar também que o diploma continua sendo um ‘tiquete de prioridade’ muito eficaz e que a influência do nível de instrução sobre o estatuto profissional é considerável” (VALLE, 2010, p. 20). Para

Bourdieu (2015, p. 105), em sentido análogo, os títulos “mais prestigiosos, os mais raros e os mais buscados, seja qual for a natureza da competência que garantem ou o interesse dos estudos que sancionam, são os que permitem perpetuar-se na área que leva mais alto e mais longe”.

Já nas escolhas dos cursos, é possível sondar algumas das diferenças que virão a permear o valor do título universitário futuro. Não por acaso, nos cursos mais concorridos, 55% dos estudantes provêm de classes altas e apenas 16% de classes populares. Nos cursos menos concorridos, as classes altas são apenas 14,88%, enquanto a maioria se concentra nas classes populares, 53,18%. Assim, quanto maior a composição de capitais da família (econômico, cultural, simbólico etc.), melhor consegue garantir o acesso de seus filhos ao nível superior, além de orientá-los a seguir carreiras de maior prestígio, em cursos mais seletivos, com possibilidades futuras no mercado de trabalho por posições de melhor remuneração. Para Valle (2013, p. 432), “as habilitações cursadas têm frequentemente uma grande afinidade, continuidade ou concordância estrutural com as posições sociais de origem”. A forte influência da origem social se verifica quando do ingresso na Universidade, “pois a ela estão associados os antecedentes escolares e uma série de investimentos que se transformam em credenciais com peso não negligenciável nos processos seletivos (aulas particulares, viagens, cursos de língua, intercâmbios...)” (ZAGO, 2008, p. 164). Portanto, as desigualdades também são ampliadas na medida em que as famílias passam a investir ainda mais na educação dos filhos.

Nos meios populares,

O Ensino Superior representa para esses estudantes um investimento para ampliar suas chances no mercado de trabalho cada vez mais competitivo, mas, ao avaliar suas condições objetivas, a escolha do curso geralmente recai naqueles menos concorridos e que, segundo estimam, proporcionam maiores chances de aprovação (ZAGO, 2006, p. 231).

Quanto maior o esforço para se igualar o conhecimento de todos, a fim de que possam concorrer de forma mais paritária, mais acirrada fica a competição por uma vaga no Ensino Superior, com famílias mais abastadas se mobilizando em grau crescente para garantir o êxito dos filhos, a partir de elementos que julgam diferenciais. Afinal de contas, ainda que possa ser velada a disputa no interior da Universidade entre os alunos, “seja por melhores notas ou por melhores posições nas hierarquias que vão se estabelecendo e, conseqüentemente, pelos melhores postos de trabalhos a serem oferecidos, é acirradíssima” (PORTES, 2000, p. 79).

A noção de “posição” que é mobilizada por Bourdieu explicita justamente o fato de existir um lugar, uma localização, a partir da qual, sob um ponto de vista relacional, tem-se a graduação em uma ordem. Primeiramente, há que se considerar que “a hierarquia escolar dos estabelecimentos corresponde muito diretamente à hierarquia social dos públicos” (BOURDIEU, 2015, p. 108), ou seja, os alunos que frequentam uma Universidade federal de renome já estão situados num posto inicial de consagração social. A seguir, o lugar ocupado por cada curso numa instituição escolar define não apenas a qualidade da turma em si, mas também de cada um de seus ocupantes. Ou melhor, cada aluno é essencialmente definido pelo espaço que ocupa numa Universidade, seja pela situação da sua turma em relação às demais, seja pela sua própria posição que o distancia dos outros alunos de sua turma. Os espaços ocupados, por seu turno, indicam o poder de acesso (ou a manutenção) de certos bens, abarcados sob a noção de conhecimento escolar. Peregrino (2010, p. 109) pontua que “as ‘melhores’ turmas ocupam os melhores espaços. Os melhores espaços oferecem melhores condições para que os ‘melhores’ mantenham suas posições”.

Pode-se notar, então, que a Universidade tende a favorecer os mais favorecidos, vez que as instituições elitizadas concentram a elite das escolas, que, por sua vez, tendem a compor a elite social. Desde o estágio inicial, esta pesquisa tinha por hipótese o fato de que o capital econômico das famílias possibilitava-as executar estratégias mais ou menos eficazes em benefício dos seus filhos quanto a seus percursos escolares.

Isto ratifica, ao lado da questão da renda familiar, a importância da origem social nos cursos mais concorridos,

eminentemente agregadores de estudantes que tenham cursado o ensino privado (60% na Educação Infantil, 60% no Ensino Fundamental e 70% no Ensino Médio); ao passo que os cursos menos concorridos concentram majoritariamente estudantes oriundos de escolas públicas (respectivamente 44,68%, 59,57% e 48,93%).

Bourdieu e Passeron (2012, p. 216) ajudam a explicar esta situação:

Se os estudantes procedentes das diferentes classes sociais são desigualmente levados a reconhecer *veredictos* do sistema escolar e, em particular, desigualmente dispostos a aceitar sem drama nem revolta os estudos e as carreiras de segunda ordem, é porque as relações entre o sistema escolar e o sistema econômico, isto é, no caso em pauta, o mercado de trabalho, permanecem na relação, mesmo entre aprendizes intelectuais, com a situação e a posição de sua classe social de origem, pelo intermediário do *ethos* de classe como princípio do nível de aspiração profissional.

Diante disto, a “escolha” pelo curso revela-se como uma verdadeira ilusão, já que condições precedentes como a origem social, o capital econômico da família etc. pesam muito nos percursos escolares: “Para a grande maioria não existe verdadeiramente uma escolha, mas uma adaptação, um ajuste às condições que o candidato julga condizentes com sua realidade e que representam o menor risco de exclusão” (ZAGO, 2006, p. 232). Logo, numa sociedade em que os títulos escolares redundam na obtenção de privilégios sociais, o Ensino Superior se coloca a serviço, tal como a Educação Básica, de garantir a sucessão (discreta) dos direitos à classe daqueles privilegiados, para que não apareçam como tais desde o princípio. Nestes moldes, é possível justificar aos deserdados dos privilégios que seu destino escolar (e social) se deve à falta de dons e méritos; enquanto que os bem remunerados estão mais inclinados a considerar que eles próprios são a ‘causa’ do seu sucesso. São, portanto, mais favoráveis ao livre jogo das aptidões (DUBET, 2014, p. 229) e, por assim ser, a elite social se torna a elite

escolar e pode, com boa consciência, acumular vantagens e privilégios, uma vez que supõe ser esta a consequência justa após passarem por uma longa e difícil competição, aberta a todos. Para Dubet (2014, p. 86),

o julgamento escolar é geralmente do tipo moral; é como se o sucesso decorresse do trabalho, da regularidade, da atenção mais do que apenas do talento, que não é plenamente moral porque parece dever-se aos acasos do nascimento e dos genes. Para que o sucesso seja moralmente justo, é preciso que agentes *a priori* iguais tenham “decidido” ser bem-sucedidos. O mérito é apresentado como uma realização da liberdade dada a cada um. É por essa razão que, se o mérito está associado a um sentimento de realização, o fracasso é percebido como uma perda de dignidade, de valor e de autoestima, indo bem além de suas consequências práticas. Sente-se vergonha de ter fracassado nas provas do mérito, e quanto mais essas provações forem justas, mais se tem vergonha.

O fato de um estudante se sentir mais ou menos apto a cursar certo tipo de formação universitária é o que Bourdieu (2011b, p. 90) denomina de “naturalização à determinada posição”, isto é, trata-se da hipótese em que o agente passa a se identificar com certa vocação, distanciando-se das demais opções:

nos casos de *coincidência* mais ou menos perfeita entre a “vocação” e a “missão” – entre a “procura” inscrita quase que de maneira implícita, tácita, até mesmo secreta na posição e a “oferta” oculta nas atitudes – seria inútil procurar distinguir o que nas práticas decorre do efeito das posições e o que decorre do efeito das atitudes introduzidas pelos agentes nessas posições que são próprias para comandar a sua percepção e a sua apreciação de posição,

logo, a sua maneira de manter e, ao mesmo tempo, a própria “realidade” da posição.

Em outros termos, cabe a questão: o formando escolheu o curso em questão ou o curso “escolheu” o formando? Esta pergunta se justifica porque não se pode afirmar que a escolha do curso e da (futura) profissão foi operada de forma neutra, já que, na perspectiva sociológica, o agente não deixa de ser influenciado por todas as suas condições objetivas de sobrevivência. Isto é, os estudantes de diversas origens não se relacionam indiferentemente com este ou aquele tipo de faculdade. Quanto mais se desce na hierarquia social, mais o acesso ao Ensino Superior restringe as “escolhas” dos estudantes pelo seu destino universitário, até o ponto de se relegar a maioria dos estudantes de categorias desfavorecidas para os cursos que, em meio à hierarquia universitária, também se localizam no final da escala.

Um sistema com classificações imprecisas dos títulos dissimula as divisões sociais, pois a confusão das fronteiras entre verdadeiros e falsos diplomas “contribui para impor a eliminação lenta, e a aceitação lenta de tal eliminação, sem deixar de facilitar a instauração – com o futuro objetivo – de uma relação menos realista e menos resignada do que o antigo *senso dos limites*” (BOURDIEU, 2011a, p. 149).

Eis o império do princípio da realidade:

As categorias de percepção do mundo social são, no essencial, produto da incorporação das estruturas objetivas do espaço social. Em consequência, levam os agentes a tomarem o mundo social tal como ele é, a aceitarem-no como natural, mais do que a rebelarem-se contra ele, a oporem-lhe possíveis diferentes, e até mesmo antagonistas: o sentido da posição como sentido daquilo que se pode ou se não pode “permitir-se a si mesmo” implica uma aceitação tácita da posição, um sentido dos limites (“isto não é para nós”) ou, o que é a mesma coisa, um sentido das distâncias, a marcar e a sustentar, a respeitar e a fazer respeitar – e isto, sem dúvida, de modo que

tanto mais firme quanto mais rigorosas as condições de existência e quanto mais rigorosa é a imposição do princípio de realidade (BOURDIEU, 2011c, p. 141).

Esta naturalização do mundo social tal como se apresenta faz parte do jogo de forças pelas posições mais vantajosas dispostas nos mais diversos espaços. Neste passo, a própria entrada na Universidade por meio do vestibular indica a tentativa de dissimular uma transmissão hereditária dos privilégios ao delegar o poder de seleção à própria instituição. A injustiça escolar aparece, então, sediada muito mais nos alunos (e em suas origens) do que propriamente em suas performances. Bourdieu e Passeron (2012, p. 205) apontam que com este procedimento “as classes privilegiadas podem parecer abdicar, em proveito de uma instância perfeitamente neutra, do poder de transmitir o poder de uma geração à outra dos privilégios”. Na verdade, “as categorias superiores pensam que as desigualdades fundadas no esforço e no talento são legítimas” (DUBET, 2014, p. 229). Desta forma, relações de saber vêm a encobrir relações de poder, já que o dispositivo meritocrático justifica as diferenças com base em distinção de capacidades e talentos individuais entre os agentes. Ocorre uma verdadeira inversão das causas e dos efeitos e as instituições escolares passam a outorgar “sob as aparências de um certificado de competência técnica que dá direito a um posto, um direito de acesso a um posto no qual se adquire com frequência o essencial da competência técnica necessária para ocupá-lo” (BOURDIEU, 2015, p. 119).

Por isso, a existência de barreiras que separam os eleitos para o Ensino Superior dos demais. Note-se que

Os exames confirmam o triunfo dos aprovados graças à legitimação objetiva de seu mérito, sendo que os que fracassam devem aceitar seu destino porque não souberam ou não conseguiram se beneficiar da igualdade de oportunidades que, como princípio, fundamenta os modernos sistemas de ensino (VALLE, BARRICHELLO, TOMASI, 2010, p. 395).

Como antes mencionado, o êxito no vestibular inaugura o rito de instituição que separa os eleitos para uma vaga universitária dos excluídos; faz os eleitos tornarem-se conhecidos e reconhecidos pela ordem social, legitimando a força dos veredictos escolares. Uma vez incorporados no Ensino Superior, a preocupação seguinte passa a recair sobre o processo de formação acadêmica e o desejado momento da formatura.

É certo que existe uma vinculação entre formação e emprego, em sua acepção ampla. Ocorre que essa relação é complexa, além de ser determinada pela situação em que se encontra o mercado de trabalho e pela própria questão da oferta e da procura de empregos. Neste quesito, a Universidade, que outorga os diplomas, embora não seja a única instância, é uma das determinantes de seu valor, como já referido. Dubet (2004, p. 549) destaca que

há também uma grande injustiça em deixar os alunos do Ensino Médio e os estudantes universitários envolverem-se em formações desprovidas de utilidade social. A preocupação com a utilidade dos estudos secundários e superiores faz parte, portanto, de uma dimensão da justiça escolar que, como a das competências mínimas, convida a julgar a justiça de um sistema pela maneira como trata os mais fracos.

Bourdieu e Passeron (2012, p. 192) autorizam assim a dizer que os estudantes das classes populares se concentram mais nos cursos menos concorridos não por obra do acaso, visto que ficam relegados a carreiras escolares que, “como se fossem armadilhas, os atraem pela falsa aparência de uma homogeneidade de fachada para encerrá-los num destino escolar mutilado”. Aqui se nota uma transmutação, referendada pelo veredicto escolar, da desigualdade social numa desigualdade propriamente de oportunidades (ou de “êxito”): também a diminuição de oportunidades ulteriores de sucesso é um mecanismo de seleção, de eliminação e de dissimulação desta. A defasagem entre as aspirações embutidas no diploma e a oferta concreta de oportunidades “é um fato estrutural que, em diferentes graus – segundo a raridade dos respectivos diplomas



e segundo sua origem social –, afeta todos os membros de uma geração escolar” (BOURDIEU, 2011a, p. 135).

Dentre os cursos menos concorridos, é de se perguntar: existe justiça ao se deixar inúmeros alunos ingressarem neles, sabendo-se que muitos ficarão “pelo caminho” e que os formados terão dificuldade para converter sua formação em emprego? Já nos cursos mais seletivos e “rentáveis”, não é este o quadro. É imperioso admitir que as desigualdades escolares, por se guiarem pelo princípio meritocrático, não são mais justas que as desigualdades econômicas e sociais. Esse reconhecimento é necessário para que se possa entender a influência dos diplomas nos destinos individuais e, ao mesmo tempo, desmistificar o fato de que aqueles não aumentam (ou mantêm) a injustiça geral da sociedade.

Ao que os dados da pesquisa indicam, deve-se reter o fato de que se tem a maior concentração de alunos das classes populares nos cursos menos concorridos. Isso demonstra que o Ensino Superior também participa da injustiça que é fazer os filhos das famílias desfavorecidas terem maiores chances de conseguirem empregos menos rentáveis, de menor *status* social, a partir dos diplomas obtidos.

Na sequência, parte-se para a outra fase da pesquisa, em que se levou a efeito entrevistas com os formandos dos diversos cursos, a fim de melhor explorar esta hipótese inicialmente alinhada.



## 8 A AMOSTRA FINAL: ENTREVISTAS COM OS FORMANDOS DAS CLASSES POPULARES

A herança, e não só a econômica, é um conjunto de *direitos de preempção sobre o futuro*, sobre as posições sociais passíveis de serem ocupadas e, por conseguinte, sobre as maneiras possíveis de ser homem (BOURDIEU, 2011g, p. 96).

Uma vez que os questionários respondidos pelos formandos das turmas selecionadas foram avaliados, prossegue-se com a etapa da análise das entrevistas, as quais foram concedidas pelos alunos que se disponibilizaram em participar da pesquisa.

Merece registro o fato de ter sido difícil contatar os alunos posteriormente à aplicação dos questionários, apesar de os recursos tecnológicos, teoricamente, estarem à disposição para facilitar esta interação. Ao mesmo tempo em que se tinham endereços de e-mail e números de telefone para contato, as respostas demoraram em ser enviadas – isto quando enviadas obviamente. Nesta pesquisa, as facilidades tecnológicas representaram uma grande barreira para os contatos a serem realizados pessoalmente. Esta não é uma afirmação abstrata, mas uma informação real, verificada pessoalmente no decorrer da elaboração desta tese que, para se concretizar, necessitava da participação voluntária de alunos da UFSC. A cultura social da pressa e da distração também fez a sua parte em dificultar a colheita de dados. Muitos foram os que informaram não “ter tempo”, quando, na verdade, possuíam outras prioridades que não incluíam a colaboração com a pesquisa.

Esta anotação demanda inclusive uma reflexão dos atuais pesquisadores que se propõem a estudar questões que implicam a participação de outras pessoas. Não é fácil contatá-las e convencê-las a dedicar uma parcela do seu tempo para uma pesquisa, voluntariamente – ainda mais no campo das ciências humanas. Por um lado, porque hábitos individualistas têm ganhado cada vez mais adeptos e em maior grau, e a proposta de pesquisas desta natureza é essencialmente colaborativa. Por outro, a maioria das pessoas não tem paciência (e/ou concentração) para se dedicar ao outro. Mais uma vez, não se

trata de conjectura teórica, mas de impressões reais colhidas no campo da pesquisa. Isto causa desânimo e frustração ao pesquisador, entretanto, quem se lança a querer entender melhor o ser humano sempre deve considerar sua complexidade e os desdobramentos que as relações sociais implicam. Feito este registro, continua-se com o relato do estudo.

Conforme já descrito, foram 60 alunos que assinalaram estar disponíveis para a entrevista, contudo, após contato individualizado por e-mail e/ou telefone, apenas 33 deles ratificaram tal disposição. Em novo contato para o agendamento da data da entrevista, apenas 21 dos 33 alunos se propuseram efetivamente a participar, dentre os quais, estavam os 5 alunos de classes populares, que compõem a amostra final. As outras 16 participações, muito embora não sejam de alunos advindos das classes populares, também foram analisadas, como parâmetro comparativo, e serão conjuntamente discutidas quando oferecerem subsídios para a compreensão de trajetórias universitárias.

Evidentemente, a amostra final deve ser considerada em seu aspecto qualitativo, visto que, do ponto de vista quantitativo, a amostra inicial dos questionários é muito mais ampla e representativa do perfil dos formandos. Além desta diferença, o sentimento que perpassou a realização das entrevistas foi de que, muito embora as questões colocadas tenham sido eminentemente de cunho subjetivo, os alunos não se mostraram tão seguramente como nas respostas objetivas dos questionários – lá, parece que a existência de opções certas e determinadas facilitou a precisão das informações. Para Szymanski (2002, p. 13),

trata-se da consideração de estratégias de ocultamento que entram em ação quando o entrevistado esconde informações que supostamente acha que podem ser ameaçadoras ou desqualificadoras para si ou para seu grupo, ou ao contrário, inclui informações que, do seu ponto de vista, podem trazer uma visão mais favorável dos mesmos. Não podemos deixar de considerar o entrevistado como tendo um conhecimento do seu próprio mundo, do mundo do entrevistador e das relações entre eles. Ao

mesmo tempo em que há a representatividade da fala, há os ocultamentos e distorções inevitáveis.

De qualquer forma, as respostas que trouxeram auxiliam a elucidar, ainda mais, as trajetórias universitárias em debate. E, é claro, mais do que as respostas, há a interpretação da entrevistadora, a partir do seu olhar e das suas próprias impressões pessoais, inspirada por um profundo exercício de vigilância epistemológica.

Outro detalhe imprescindível a se ressaltar é que o curso a que se vincula cada um dos alunos é determinante para qualificar seus percursos acadêmicos, ou seja, o perfil do curso circunscreve necessariamente cada uma das trajetórias. Lima (2013, p. 324) reforça essa percepção:

Há trajetórias e perspectivas que se diferenciam segundo a instituição e a carreira de ingresso com vantagens para aqueles que estão nas instituições de maior prestígio e/ou em carreiras com maior *status* e demanda no mercado de trabalho. Esses beneficiários que ingressaram nas instituições melhor avaliadas têm um diferencial de formação e trajetória escolar.

Por isso, a amostra final é composta por todos os alunos das classes populares entrevistados, entretanto, o curso a que cada um se vincula diz muito do seu percurso, caminho este marcado por desvantagens socioeconômicas. Não apenas as exigências periféricas ao aluno, como a necessidade de alimentação, moradia, transporte, material, vestuário, lazer etc., mas também “exigências características de cada curso exercem aí uma forte influência” (PORTES, 2000, p. 65). Este aspecto é importantíssimo, por isso, implica cuidado quando da interpretação das respostas das entrevistas.

Assim, importa considerar que a amostra final dos entrevistados das classes populares compreende:

- ✓ 1 aluno de Medicina (ciências da saúde)
- ✓ 1 aluno de Arquitetura (ciências exatas / humanas)
- ✓ 1 aluno de Direito (ciências sociais aplicadas)
- ✓ 2 alunos de Biblioteconomia (ciências humanas)

As outras 16 entrevistas, com alunos de outras classes sociais, reuniram:

- ✓ 4 alunos de Medicina
- ✓ 4 alunos de Arquitetura
- ✓ 1 aluno de Engenharia Civil
- ✓ 2 alunos de Direito
- ✓ 1 aluno de Biblioteconomia
- ✓ 1 aluno de Alemão
- ✓ 1 aluno de Italiano
- ✓ 2 alunos de Matemática

O cerne da pesquisa é, claramente, o discurso dos 5 alunos das classes populares, identificados, em vez de nomes fictícios, pela abreviação do curso, seguido de um algarismo, como em “**MED-1**”<sup>54</sup>, pois é sempre importante localizar o aluno no interior de seu curso. Quanto às demais entrevistas, de alunos de outras classes, quando for o caso, estas também serão identificadas, principalmente como parâmetro comparativo. Nesta hipótese, para classificação, será usado o nome do curso por extenso, seguido de uma letra, como em “**Medicina A**”.

Para início de apresentação, retorna-se a examinar os questionários respondidos pelos 5 alunos das classes populares entrevistados, a fim de melhor contextualizar suas respostas, segundo o quadro abaixo:

#### Quadro 21 - Dados dos alunos das classes populares entrevistados

DADOS	Aluno MED-1	Aluno ARQUITET-1	Aluno DIR-1	Aluno BIBLIO-1	Aluno BIBLIO-2
<b>Sexo</b>	Feminino	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino
<b>Idade</b>	23	24	23	23	35
<b>Cor</b>	Branca	Branca	Branca	Branca	Branca
<b>Estado civil</b>	Em união estável	Solteiro	Solteiro	Solteira	Casada
<b>Cidade de nascimento</b>	Videira/SC	Braço do Norte/SC	Joaçaba/SC	São José/SC	Jaraguá do Sul/SC
<b>Cidade anterior à UFSC</b>	Fraiburgo/SC	Braço do Norte/SC	Fpolis/SC	São José/SC	São José/SC
<b>Residência atual</b>	Saco dos Limões – Fpolis	Centro – Fpolis	Trindade – Fpolis	Campinas – São José	Barreiros – São José

<sup>54</sup> Quando for o caso, serão utilizadas menções pontuais dos alunos MED-2 e EC-1, a seguir descritos.

<b>Com quem reside</b>	1 irmão e companheiro (estudante)	2 amigos	Mãe e irmã	Pai e mãe	Marido, 1 filho e 1 irmão
<b>Instrução e ocupação do pai</b>	ES / Funcionário público	EM / <i>Falecido</i>	ES / Bancário	EM / Vigilante	EF / Comerciante
<b>Instrução e ocupação da mãe</b>	ES / Dona de casa	EF / Dona de casa	EM / Saladeira	EM / Auxiliar odontológica	ES / <i>Aposentada</i>
<b>Instrução e ocupação dos avós maternos</b>	Vó – Analfabeta / Dona de casa Vô – Analfabeta / Pedreiro	Vó – 4º ano do EF / Vendedora Vô – 4º ano do EF / Encarregado geral	Vó – EF / Dona de casa Vô – EF / Comerciante	Vó – EF / <i>Aposentada</i> Vô – EF / <i>Aposentado</i>	Vó – EF / Comerciante Vô – EM / Comerciante
<b>Instrução e ocupação dos avós paternos</b>	Vó – 2º ano do EF / Dona de casa Vô – EM / Técnico em eletrônica	Vó – ES / Professora Vô – 4º ano do EF / Taxista	Vó – EF / Diarista Vô – EF / Pedreiro	Vó – EF / Dona de casa Vô – EF / <i>Aposentado</i>	Vó – EF / Dona de casa Vô – EF / Padeiro
<b>Instrução e ocupação de irmão(s)</b>	Irmão.1 – EM, não trabalha, 19 anos Irmão.2 – cursando EM, não trabalha, 15 anos	-	Irmã – cursando ES (Design gráfico/UEDESC), não trabalha, 20 anos	-	Irmão.1 – EM, Operador de caixa, 37 anos Irmão.2 – EM, Garçom, 32 anos
<b>Educação Infantil</b>	Pública e Particular Vespertino	Particular Matutino	Pública Vespertino	Pública Vespertino	Pública Matutino
<b>Ensino Fundamental</b>	Particular Matutino Início: 5 anos	Particular Matutino Início: 7 anos	Pública Matutino Início: 6 anos	Pública Matutino Início: 6 anos	Pública Vespertino Início: 7 anos

<b>Ensino Médio</b>	Particular Integral Início: 14 anos	Particular Matutino Início: 15 anos	Particular Matutino Início: 14 anos	Pública Matutino Início: 15 anos	Particular Noturno Início: 16 anos
<b>Informações sobre Educação Básica</b>	- Nunca parou de estudar - Nunca reprovou - Nunca precisou de bolsa de estudos	- Nunca parou de estudar - Nunca reprovou - Precisou de bolsa de estudos no EM	- Nunca parou de estudar - Nunca reprovou - Nunca precisou de bolsa de estudos	- Nunca parou de estudar - Nunca reprovou	- Já parou de estudar - Já reprovou no 5º ano do EF - Nunca precisou de bolsa de estudos
<b>Desempenho na EB</b>	Muito bom	Muito bom	Ótimo	Razoável	Bom
<b>Curso técnico / Supletivo / EJA</b>	-	-	-	-	- Fez Técnico em Enfermagem - Fez supletivo
<b>Pré-vestibular</b>	Particular – Fpolis	Particular – Fpolis	Particular – Fpolis	Particular – Fpolis	-
<b>Ingresso na UFSC</b>	Vestibular (3x)	Vestibular (3x)	Vestibular (3x)	Vestibular (1x)	Vestibular (1x)
<b>Semestre de ingresso</b>	2010.2	2009.2	2010.1	2010.1	2011.1
<b>Atividade remunerada</b>	Não trabalha e nunca trabalhou	Estágio (6 meses)	Estágio (3 meses)	Atendente de cartório (1 ano e 7 meses)	Monitora de disciplina na UFSC
<b>Ajuda no sustento da família</b>	Não	Não	Não	Não	Sim
<b>Ajudado financeiramente pela família</b>	Sim	Sim	Sim	Não	Não
<b>Objetivos profissionais</b>	<i>Trabalhar por 6 meses, estudar para a residência e ingressar na residência.</i>	<i>Trabalhar em algum escritório e talvez seguir mestrado.</i>	<i>Ser advogado na área previdenciária. Fazer pós-graduação em Direito.</i>	<i>Concurso público.</i>	<i>Continuidad e nos estudos.</i>

Fonte: base de dados da tese

Embora apenas estes 5 alunos dos 21 entrevistados tenham se enquadrado, pelo critério econômico, como pertencentes a famílias de classes populares, outros 2 alunos



apresentaram histórias de vida com muitas similaridades às daqueles.

Nos questionários da primeira fase de pesquisa, estes 2 alunos declararam que a renda mensal familiar era estimada entre 4 a 10 salários mínimos, isto é, situada na faixa da classe média. Obviamente, o dado declarado não pode ser alterado, tampouco se podem incluir os alunos nas classes populares. Porém, num esforço de interpretação de suas trajetórias, pode-se enxergá-los como pertencentes a famílias cuja renda deve se constituir no limiar de 4 salários mínimos. E, não apenas pela modesta situação financeira, mas também pelas demais informações colhidas, como escolaridade dos familiares e suas respectivas ocupações, há que se analisá-los de forma próxima à amostra dos alunos das classes populares.

Destes 2 alunos, o primeiro é estudante do curso de Medicina, aqui denominado de MED-2. Ele apresenta o seguinte perfil: sexo feminino, 23 anos, solteira, cor parda, nascida em Umuarama/PR e residia em Pérola/PR antes de ingressar na UFSC. Atualmente, mora no bairro Trindade, em Florianópolis, com 1 irmã. O pai possui escolaridade até o Ensino Médio e trabalha como pecuarista. Os avós paternos possuem escolaridade até o 4º ano do Ensino Fundamental e ambos são agricultores. A mãe é graduada no Ensino Superior e trabalha como professora. Quanto aos avós maternos, a aluna não soube informar a escolaridade, mas refere a avó como costureira e o avô como caminhoneiro. Possui 2 irmãos, de 14 e de 20 anos, o primeiro, estudante, cursando o Ensino Fundamental e o segundo, com Ensino Médio completo, ainda estudando para passar no vestibular.

MED-2 estudou em todos os níveis de ensino em escola pública, no turno matutino, e teve um desempenho “muito bom”. Nunca parou de estudar nem reprovou. Cursou pré-vestibular em instituição privada, em Umuarama/PR, e ingressou na UFSC em 2010.2, por meio de vestibular, na segunda tentativa. Trabalhou antes dos 18 anos, como secretária. Não precisa ajudar no sustento da família, mas é por ela ajudado a se manter em Florianópolis. Como objetivos profissionais, menciona “trabalhar e fazer residência”.

Já o outro aluno, aqui denominado de EC-1, é estudante de Engenharia Civil, do sexo feminino, 21 anos, solteira, cor branca, nascida em Caibi/SC, mesma cidade em que morava

antes de cursar faculdade. Atualmente, reside no bairro Carvoeira, em Florianópolis, com amigas. O pai cursou Ensino Superior e trabalha como contador. Os avós paternos possuem escolaridade até o 4º ano do Ensino Fundamental e ambos são comerciantes. A mãe possui Ensino Superior e trabalha como vendedora. Quanto aos avós maternos, a avó cursou Magistério e trabalhou como professora, já o avô fez apenas o 1º ano do Ensino Fundamental e é agricultor. Possui 1 irmão, de 17 anos, cursando o Ensino Médio.

EC-1 estudou em todos os níveis de ensino em escola pública e teve um desempenho “excelente”. Diz ter sido uma boa aluna, “tirando boas notas e atingindo os objetivos determinados pelos professores”. Não fez cursinho e ingressou na UFSC em 2010.1, por meio de vestibular, que prestou apenas 1 vez. Trabalhou antes dos 18 anos, como vendedora em loja de informática e celulares. Hoje em dia, não precisa ajudar na subsistência da família, mas a requisita para seu sustento. Refere que ainda não formulou seus objetivos profissionais.

Feitas as considerações também para se situar estes últimos alunos, MED-2 e EC-1, adentra-se na ponderação das entrevistas, agora devidamente contextualizadas. As respostas colhidas podem ser enquadradas em algumas categorias de análise, quais sejam:

- ✓ **Características gerais dos entrevistados**
- ✓ **Geografia dos entrevistados**
- ✓ **Escolaridade e ocupação dos familiares**
- ✓ **Percurso dos entrevistados na Educação Básica**
- ✓ **Percurso dos entrevistados no Ensino Superior:**
  - Ambiente universitário
  - Hábitos
  - Formação acadêmica
  - Atividade remunerada atual
  - Mercado de trabalho
  - Perspectivas futuras

Por certo, é a última categoria que recebe maior enfoque justamente por ser o objeto da tese, pouco explorado ainda no âmbito da Pós-graduação brasileira. No entanto, muito bem se sabe que não seria viável alcançar esta análise não fosse o exame conjunto das demais variáveis deduzidas nas outras categorias.

### **Características gerais dos entrevistados**

Quanto aos dados gerais dos formandos, a intenção aqui não é mais quantificá-los, mas sim, interpretá-los à luz de todas as estatísticas já apresentadas, nos pontos que agora interessam.

A respeito da idade, considerando que a maioria da amostra é de jovens, percebe-se que muitos deles convivem, ao mesmo tempo, com situações típicas da juventude e da vida adulta, ainda mais pelo fato de o contexto socioeconômico ser de famílias desfavorecidas economicamente. É claro que a margem etária entre adolescência e a vida adulta, a depender da história de vida pessoal de cada um, é mais alargada para uns e mais reduzida para outros. Entretanto, o que se nota é que as diferenças entre adolescência e fase adulta inicial encontram-se bastante diluídas.

Aos poucos, estes jovens vieram forjando, com suas atitudes e pensamentos, uma cultura que lhes é própria, pois é na interação com os pares e com os demais, que exprimem a sua própria cultura societal (juvenil), com formas específicas de compreensão e simbolização do mundo (SARMENTO, 2008).

Na medida em que se aproxima o término dos estudos superiores (e a entrada “oficial” na vida adulta), cinco fatos tornam-se perceptíveis: (a) os planos profissional e familiar mais definidos; (b) a formação da identidade a partir de características pessoais e padrões sócio-culturais; (c) a definição de sua sexualidade e seu estilo de relações afetivas; (d) a busca pelo espaço pessoal, social e profissional; e, (e) a predisposição para o exercício da cidadania e a participação associativa (NOVAES, 2000, p. 532).

Se é certo que a vivência em grupo(s) oportuniza que o jovem adulto afirme sua própria identidade diante dos padrões sociais existentes, a família de origem ainda lhe é muito importante. Em cada família, afóra os padrões sociais gerais, convencionam-se certas normas de vida e, em geral, são elas que regem todos os membros do núcleo. Como agentes sociais históricos que são, suas experiências coletivas constroem suas identidades individuais e sociais. Por isso, o estabelecimento de regras, explícitas ou não, contribui para a formatação dos trajetos individuais de vida, numa expressão do próprio sentimento de “afeição necessária” entre os membros (ARIÈS, 1981).

Logicamente, o modo como se estrutura o núcleo familiar também conta neste processo. Daí a relevância de os pais terem a consciência de preparar o filho,

no convívio familiar e social, para posicionar-se diante dos acontecimentos que lhe dizem respeito, para optar de acordo com sua vontade consciente, como agente de sua história e de seu futuro. Neste sentido, precisa aprender, também, que as normas e decisões mais corretas não são, necessariamente, as que lhes foram ou estão sendo impostas, nem as que já estavam definidas quando ele nasceu (FROTA, 2000, p. 311).

Veja-se, portanto, que o fator etário não implica apenas uma dependência financeira do núcleo familiar, mas principalmente nas orientações de vida recebidas, sejam elas expressas ou implícitas nesta convivência. Aliás, o apoio emocional é muito mencionado pelos alunos como determinante na perseguição de seus objetivos.

Com exceção de 1 dos entrevistados das classes populares – que reside atualmente com amigos –, os demais moram, pelo menos, com 2 familiares (dentre pai, mãe, irmão, companheiro e filho). Isto é, não há como negar que a família de origem e suas regras se encontram presentes em seu dia-a-dia – mesmo para os 2 entrevistados que já constituíram novo núcleo familiar.

### **Geografia dos entrevistados**

Todos os entrevistados são catarinenses, sendo que apenas 1 deles é nascido na região da Grande Florianópolis e os demais são nascidos no interior do Estado.

Antes mesmo de ingressarem na UFSC, 3 dos 5 disseram residir na Grande Florianópolis. Porém, após a entrevista, verificou-se que os outros 2 alunos também moravam na Grande Florianópolis antes de começarem a faculdade, pois já tinham se mudado para realizar curso pré-vestibular. Veja-se que fator geográfico e fator social de desigualdade cultural estão relacionados intimamente, vez que, ao residir em cidade de maior porte, maiores são as possibilidades de acesso ao ensino

e à cultura; possibilidades estas que aumentam na medida em que também se ascende na hierarquia social. Então, essa situação desenha o esforço de deslocamento que esses 2 últimos alunos, que eram candidatos aos cursos mais concorridos, fizeram para acessar o Ensino Superior especificamente na UFSC<sup>55</sup>. Eles passaram a morar em cidades diversas daquelas dos pais assim que optaram pelo curso nesta Universidade. E, além disso, os 3 alunos dos cursos mais concorridos persistiram por 3 anos nas tentativas de acesso pelo vestibular até o ingresso pela última delas.

Dos 5 alunos, 3 moram em bairros próximos à UFSC e enfatizam apreciar a localização do *campus* central. Os outros 2 alunos, que moram no município vizinho de São José, ressaltam que a distância da UFSC, apesar de não tê-los impedido de fazer o curso, dificultou extremamente a locomoção diária. No entanto, explicam que não teriam condições de viver em local mais próximo, especialmente pela questão da dependência financeira em relação à família.

### **Escolaridade e ocupação dos familiares**

A escolaridade e a ocupação dos familiares são dados muito importantes não apenas para contextualizar a classe social a que pertencem os formandos, mas também para entender a relevância que os estudos dos filhos representam naquele espaço.

O fato é que a escolarização dos filhos tem importância para todas as famílias. Entretanto, a origem social é bastante considerável para se determinar qual o significado para cada uma delas. O pressuposto evidenciado é que todas elas possuem expectativas quanto à escola e, em algum grau, mobilizam-se no processo de escolarização dos filhos, conforme os recursos que possuem, ainda que possa ser de forma precária.

E como não se lembrar da própria trajetória escolar quando se está diante daquela do seu filho? As experiências relativas aos estudos e às oportunidades que deles decorreram estão impressas em cada um dos familiares. Neste contexto, para Tomizaki (2013, p. 102), “não somente os filhos avaliam suas

---

<sup>55</sup> Também, MED-2 e EC-1 vieram de cidades do interior do Paraná e de Santa Catarina, respectivamente, para estudarem em Florianópolis.

posições de acordo com a trajetória de seus pais e avós, mas também os pais avaliam seu percurso social de acordo com a posição que conseguiram ‘transmitir’ aos seus filhos”.

Os entrevistados dos cursos mais concorridos tinham os pais com escolaridade de Ensino Superior (2 deles) e de Ensino Médio (1 deles). Os pais com graduação desempenham atualmente as funções de funcionário público e bancário. O outro aluno, cujo pai possuía Ensino Médio, não soube informar a última ocupação do pai, visto ter falecido.

Os entrevistados dos cursos menos concorridos possuem pais com Ensino Médio e Ensino Fundamental, sendo que o primeiro trabalha como vigilante e o segundo, como comerciante. Nota-se, portanto, que o capital escolar dos 3 primeiros alunos, embora pertencentes a mesma classe que os outros 2, é diferenciado e maior, inclusive pelo fato de 2 pais terem passado pelo Ensino Superior.

Quanto às mães, a situação não se apresenta da mesma forma. Os alunos dos cursos mais concorridos possuem mães com Ensinos Superior, Fundamental e Médio, sendo que as primeiras são donas de casa e a última trabalha como “saladeira”. Por sua vez, os 2 alunos dos cursos menos concorridos possuem mães com níveis Superior e Médio, a primeira aposentada e a última trabalha como auxiliar odontológica.

Quando se passa a analisar a geração anterior à dos pais, surgem algumas informações interessantes. A maioria dos avós maternos teve instrução até o Ensino Fundamental (7 avós, sendo que 2 cursaram apenas até o 4º ano). As últimas ocupações referidas para os avós foram de: encarregado geral, comerciante e “aposentado”. Para as avós, foram de: vendedora, dona de casa, “aposentada” e comerciante. O grau mais elevado de escolaridade é de 1 avô com Ensino Médio, que trabalhava como comerciante. E o grau mais baixo é de 1 avô e de 1 avó, casados entre si, analfabetos, com as ocupações de dona de casa e pedreiro. Em resumo, destas 5 famílias, provieram 2 mães com Ensino Superior.

No caso dos avós paternos, a escolaridade é relativamente melhor. Tem-se a maioria também com instrução até o Ensino Fundamental (8 avós, sendo que 1 cursou apenas até o 2º ano e outro até o 4º ano). Porém, além disso, há 1 avô com Ensino Médio (técnico em eletrônica) e 1 avó com Ensino Superior

(professora). Não apareceram analfabetos. As ocupações das avós com Ensino Fundamental foram: dona de casa (3 menções) e diarista (1 menção). Já as ocupações dos avós foram: taxista, pedreiro, “aposentado” e padeiro. Destas famílias, proveio apenas 1 pai que veio a cursar o Superior.

O que isto tudo significa? Em primeiro lugar, que a geração dos pais e das mães aumentou o nível de escolaridade em relação a seus próprios pais, no sentido de terem ido adiante na gradação do sistema de ensino. Em segundo lugar, mesmo que a geração dos avós paternos tivesse capital escolar maior do que dos avós maternos, a geração seguinte, dos pais, não superou a das mães. Ou seja, a suposta “vantagem” dos avós paternos não veio a se consolidar na geração dos filhos (pais dos formandos). Agora, com relação aos formandos, podemos notar que, à exceção de 1 deles, que será graduado como ambos os pais, os outros adquiriram maior capital escolar que a família de origem, seja em relação a um ou a ambos os pais.

Quando perguntados sobre os irmãos, 3 dos 5 formandos disseram tê-los. A aluna MED-1 possui 2 irmãos, com 15 e 19 anos, um cursando e o outro com o Ensino Médio concluído – e ambos não trabalham. O aluno DIR-1 disse ter 1 irmã no Ensino Superior, com 20 anos, que ainda não trabalha. E a aluna BIBLIO-2 possui 2 irmãos, ambos com Ensino Médio, sendo o de 37 anos operador de caixa e o de 32 anos garçom. Não se pode supor se todos estes irmãos também se graduarão como os formandos da pesquisa, mas se antevê tal possibilidade, até mesmo no último caso, haja vista que a aluna BIBLIO-2 também está se graduando aos 35 anos<sup>56</sup>.

Observe-se que, além dos 3 alunos que têm irmãos, EC-1 e MED-2 também disseram tê-los, 2 e 1, respectivamente. Portanto, em média, as famílias em questão possuem de 1 até 3 filhos, o que representa uma taxa de fecundidade pequena, em se tratando das categorias populares – cuja reprodução biológica, enquanto estratégia, historicamente desempenha a função de aumentar os membros da família para comporem especialmente força de trabalho, sem a preocupação com investimentos educativos que visem à ascensão social. Boudon

---

<sup>56</sup> Observação: Quanto à ocupação, a aluna MED-1 ainda referiu que seu companheiro é estudante do curso de Medicina e a aluna BIBLIO-2, que o cônjuge é operador de máquinas.

(1981) já registrava o fato de uma família pouco numerosa, de 1 a 3 filhos, influenciar positivamente as probabilidades de continuidade dos estudos destes. Sobre as famílias que projetam sua ascensão social, Romanelli (2013, p. 50) também atesta que

A consulta à literatura nacional torna patente que o tamanho da família influi na escolarização dos filhos, cuja escolaridade média tende a diminuir se há outros irmãos na família e evidencia que estratégias de redução da prole contribuem para ampliar a possibilidade de sucesso escolar.

Por isso, ainda que as famílias em análise se situem nas classes populares, apresentam a particularidade de terem pequena taxa de fecundidade. Com menor número de filhos por casal, uma família tem a oportunidade de destinar maiores recursos para a educação dos filhos, já que pode concentrá-los em virtude da menor quantidade de pessoas.

O que se nota de maneira especialmente forte na história dos entrevistados é que a vivência em redes de relações sociais distintas do ambiente de socialização primária (família de origem) tem permitido a assimilação de novos modos de vida, com o conhecimento de práticas socioculturais diversificadas; algumas poucas se somam às familiares e outras tantas com elas rivalizam. Na primeira hipótese, nota-se um reforço da noção do prolongamento escolar; na segunda, a apresentação de novas disposições e práticas ao agente que, a princípio, tinha baixas expectativas quanto à sua presença no Ensino Superior. E é neste último caso em que se identifica o rompimento com o meio de origem, pois a aquisição de um novo *habitus*, a partir da socialização secundária, oportuniza que o agente venha a assumir novas disposições que reforcem estratégias escolares de êxito, isto é, que passe a melhor compreender as regras do jogo no campo escolar.

Ainda que as famílias de origem popular não possuíssem um projeto de escolarização dos filhos definido a longo prazo, é perceptível que se valeram da rede de relações com que podiam contar na tentativa de melhor orientar os filhos, estimulando-os à superação das desvantagens sociais por meio da educação formal. Certamente, quanto maior o respaldo familiar, maior a



tendência para que o estudante se sinta estimulado a prolongar seus estudos. É lógico que, somado a isso, percebe-se a mobilização individual de cada um dos alunos, como adiante se verá.

### **Percurso dos entrevistados na Educação Básica**

A trajetória universitária dos formandos foi precedida, necessariamente, pelo êxito em concluir a Educação Básica. Todos os entrevistados, ao seu modo, passaram satisfatoriamente pelos três níveis de ensino.

Na realidade, não se pode olvidar que este perfil de passado escolar para um formando, assim como os critérios de idade, sexo etc., foi selecionado no próprio curso da escolaridade básica, aliás, “superselecionado”, pois se verifica que se tratam dos alunos menos desfavorecidos das classes mais desfavorecidas. Isto implica dizer que o resultado da aprovação no vestibular da UFSC não é apenas um feito dos entrevistados caracterizados por um passado escolar muito satisfatório, porém, “da categoria que, pelo próprio fato de ser dotada do conjunto dessas características, não sofreu a eliminação no mesmo grau que uma categoria definida por outras características” (BOURDIEU; PASSERON, 2012, p. 95), como a dos alunos que não tiveram um rendimento regular na Educação Básica e pertenciam igualmente às classes populares.

Para os autores, em situações de improbabilidade do filho de pais das classes populares percorrer o Ensino Superior,

É necessário levar em conta o conjunto das características sociais que definem a situação de distribuição dos originários das diferentes classes para compreender as probabilidades diferentes que têm para elas os diferentes destinos escolares e o que significa, para os indivíduos de uma categoria dada, o fato de encontrar-se numa situação mais ou menos provável para sua categoria (BOURDIEU; PASSERON, 2012, p. 95).

Neste passo, à força do destino social e da sina escolar de sua classe, que são limitadoras de suas possibilidades, tais alunos opõem uma ambição enorme em estudar e uma energia

de muita dedicação neste percurso. Assim, ao “ignorar” sua relativa desvantagem no que concerne às suas chances escolares, preservam-se “de uma das desvantagens mais reais de sua categoria: o reconhecimento resignado para perseguir estudos ‘impossíveis” (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 44).

A seguir, pode-se notar que os percursos dos formandos, desde cedo, estiveram submetidos fortemente a um grau rigoroso de seleção (ou de “superseleção”) para que viessem a progredir na condição de universitários. Quer dizer que os estudantes originários das classes populares que alcançaram o Ensino Superior diferem profundamente, nesta relação com o ensino formal, dos demais indivíduos de sua categoria. Logicamente, para problematizar ainda mais esta percepção, ainda deve ser lembrado que o acesso ao Ensino Superior se deu também de forma diferente para os alunos pesquisados conforme o curso eleito.

A formanda MED-1 passou pela Educação Infantil em escola particular e em escola pública, depois permaneceu em escola particular pelos demais níveis. Nunca precisou de bolsa de estudos. Começou o Fundamental com 5 anos e o Médio com 14 anos. Referiu que nunca parou de estudar durante a Educação Básica, nem reprovou neste período. Sobre o seu desempenho, respondeu: “Muito bom. Durante toda a Educação Básica fui uma aluna dedicada, sempre obtive boas notas e nunca peguei uma recuperação”.

O formando ARQUITET-1 cursou todos os níveis em escola particular. O Fundamental iniciou com 7 anos e o Médio com 15 anos. Nunca parou de estudar, nunca reprovou, mas precisou de bolsa de estudos para cursar o Médio. De modo geral, apontou que seu desempenho na Educação Básica “Foi muito bom”.

O formando DIR-1 cursou a Educação Infantil e o Ensino Fundamental em instituição pública, depois passou para escola particular no Médio, para reforçar seus estudos. O Fundamental iniciou com 6 anos e o Médio com 14 anos. Nunca interrompeu os estudos, não teve reprovação, tampouco fez uso de bolsa. Segundo ele, seu desempenho foi “ótimo”.

A formanda BIBLIO-1 esteve em instituição pública nos três níveis. Entrou no Fundamental com 6 anos e no Médio com 15 anos. Não interrompeu os estudos e também nunca foi reprovada. Na avaliação de seu desempenho, comentou que foi

“Razoável, pois a Educação Básica ultimamente está um ensino muito fraco [sic]”.

Por último, a formanda BIBLIO-2 explicou que cursou os níveis Infantil e Fundamental em escola pública. No Médio, passou para o ensino particular, no período noturno, e não fez uso de bolsa de estudos. Iniciou o Fundamental com 7 anos e o Médio com 16 anos. Afirmou que parou de estudar por uma vez na Educação Básica, em virtude de certa “dificuldade na aprendizagem”. Também disse que teve uma reprovação no 5º ano. Contudo, avaliou que: “Entre regular, bom e ótimo, meu desempenho foi bom”. Acrescentou, ainda, que fez supletivo no Ensino Médio para recuperar o tempo “perdido” na reprovação e, após, curso técnico em Enfermagem.

Com exceção de BIBLIO-2, todos os outros alunos fizeram curso pré-vestibular em instituição particular quando concluíram a Educação Básica.

O que esses percursos revelam? Vê-se que 4 dos 5 entrevistados afirmaram que foram excelentes alunos na Educação Básica, sem apresentar qualquer dificuldade. Outro detalhe a notar é que houve uma predileção dos alunos e de suas famílias pelas escolas particulares, especialmente no Ensino Médio e para aqueles que hoje estão nos cursos mais concorridos. O fato de buscarem a complementação da Educação Básica em cursinhos preparatórios também foi uma estratégia dessas famílias, até porque os 3 alunos dos cursos mais concorridos disseram ter ingressado na UFSC apenas após a terceira tentativa no vestibular. As 2 alunas de Biblioteconomia, por sua vez, ingressaram logo após a primeira tentativa. Assim, pode-se dizer que “em síntese, as cartas são jogadas muito cedo” (BOURDIEU, 2011e, p. 52), visto que a entrada no Ensino Superior e as escolhas nele feitas, necessariamente, remetem ao passado escolar mais longínquo de todos os alunos.

É interessante notar que, a despeito destas trajetórias iniciais de êxito, alguns não reconhecem a devida importância da escolarização anterior ao Ensino Superior. Particularmente, é interessante observar como os estudantes relativizam e mesmo minimizam a formação que tiveram para acessar a Universidade, mesmo sabendo, muitas vezes, que puderam contar com boas condições de formação. Isto se deve muito ao fato de que, ao terminarem a Educação Básica, não se sentiam preparados para o vestibular:

“Apesar de ter estudado em escola privada durante toda a Educação Básica, a qualidade do ensino não foi boa o suficiente para a entrada na UFSC, sendo necessário 1 ano e meio de curso pré-vestibular após o término do Ensino Médio” (MED-1).

“Para a entrada na UFSC, minha escolarização foi insuficiente, tendo que fazer um ano de curso pré-vestibular. Na UFSC, praticamente não utilizei os conhecimentos anteriormente adquiridos” (DIR-1).

“Não obtive preparação durante o ensino escolar para entrada na Universidade, somente entrei com curso pré-vestibular” (ARQUITET-1).

A respeito da questão da preparação recebida pela escola, as outras 2 entrevistadas de classe limítrofe à popular e que estudaram em todos os níveis de ensino em escola pública, mesmo admitindo que a escola foi de extrema relevância, comentaram:

“Mesmo estudando em uma escola pública relativamente boa, não consegui entrar numa faculdade logo nas primeiras tentativas. Tive que procurar um cursinho que me desse pelo menos metade de uma bolsa pra poder ter alguma chance de passar no vestibular” (MED-2).

“Devido ao fato de ser ensino público, penso que algumas vezes [a escola] deixou a desejar se comparada com o ensino privado. Apesar de ter bons professores, certas vezes a falta de recursos impossibilitava o desenvolvimento pleno das atividades, sobretudo no que diz respeito à qualidade do material” (EC-1).

No discurso dos alunos, ressoa o que Bourdieu e Champagne (1998) identificaram como mecanismos de

“eliminação branda”. A baixa qualidade do ensino ofertado é algo com que esses alunos lidaram ao longo de sua formação, de modo que as lacunas cumulativas que vão se produzindo ante as deficiências venham, em algum momento, a ser compensadas ou minimizadas – oportunizando, por exemplo, o ingresso numa Universidade pública reconhecida.

Sobre a importância de “ter sido um bom aluno na escola” e de “ter cursado uma boa escola”, DIR-1 foi bem contundente: “Sinceramente? Acho quase irrelevante esse aspecto”. Ao contrário, MED-1 foi a única a expressar que “ter sido uma boa aluna na escola permitiu que tivesse a possibilidade de ingressar na Universidade”, além de que “a boa escola me deu oportunidades de aprendizado diferentes e incentivo a correr atrás dos meus sonhos”.

No grupo dos demais 14 entrevistados pertencentes às outras classes, a impressão a respeito da escola é bastante diferenciada, pois a ela creditam também sua boa formação universitária:

“Sem as bases sólidas de educação que tive, não conseguiria ter ingressado no vestibular, tampouco conseguido acompanhar os conteúdos da faculdade” (Arquitetura\_A).

“Tive a sorte de sempre ter tido a oportunidade de estudar em bons colégios e acredito que isto tenha feito toda a diferença na minha preparação para o vestibular, que é o começo de tudo” (Medicina\_C).

“Ter sido uma boa aluna na escola me ajudou a ser uma boa aluna na faculdade. Ter cursado uma boa escola, ter um preparo melhor” (Medicina\_B).

“Ter estudado em escola particular e com excelente nível de ensino foi de grande valia para meu crescimento educacional. Foi a base bem construída” (Biblioteconomia\_A).

Ou seja, no geral, embora alguns formandos não admitam, a escolarização anterior à entrada na vida acadêmica é constitutiva do próprio processo posterior de formação

universitária. Logicamente, a Educação Básica não se deu da mesma forma para todos os jovens ingressantes no Ensino Superior, razão pela qual alguns notam essas lacunas em sua formação. O vestibular da UFSC em si é tomado também como um grande “medidor” de êxito, visto que uma boa formação escolar deveria endossar, na opinião dos formandos, a aprovação imediata para a Universidade. Essa ótica denota que, de fato, o vestibular ainda é assimilado como “o exame” para qualificar o estudante ou, nas palavras de Bourdieu, como o “milagre da eficácia simbólica”, que separa os classificados dos excluídos. Dessa forma, o dispositivo também se presta a cumprir a sua função social de conservação, conforme se pode observar no discurso dos formandos.

Quando questionados se consideravam o vestibular uma forma justa de acesso às vagas da Universidade, os alunos das classes populares se dividiram em suas respostas. Para MED-1, o vestibular é absolutamente injusto porque

“é uma prova que tenta qualificar todo o estudo de anos de forma imediata, não leva em consideração adversidades. Além disso, a Educação Básica brasileira acaba favorecendo apenas aqueles que tiveram acesso a escolas particulares e cursos pré-vestibulares acessem a Universidade. O vestibular é seletivo aos mais abastados e aos mais psicologicamente centrados naquela data específica” (MED-1).

ARQUITET-1 defende argumentação similar, pois acredita que “a avaliação deveria ser feita com base nos estudos anteriores, senão de nada serve o estudo fundamental e médio para ingresso na Universidade”.

DIR-1 pondera ser difícil julgar a justiça do vestibular, já que, a seu ver, “muitos candidatos qualificados não entram por falta de vagas oferecidas nos cursos mais concorridos e, em cursos nem tão ‘populares’, muitas vezes entram alunos que simplesmente não ‘zeraram’ em suas provas”. Para ele, de qualquer forma, deveria ser exigido um “mínimo” de acertos para todos os candidatos, impedindo que os últimos ingressassem desta maneira.

BIBLIO-1 e BIBLIO-2 são sucintas em opinar que o vestibular é um mecanismo justo de seleção, pois é “uma forma de avaliar o nível de estudos das pessoas” e “é necessária alguma forma de avaliação dos candidatos” como esta, respectivamente.

Os outros 16 entrevistados também se dividiram igualmente em suas percepções sobre a justiça do vestibular. Os que defendem a sua necessidade argumentam, por exemplo: que devem ser “selecionados os alunos mais bem preparados” (EC-1); que se “não existem condições para que todos ingressem numa Universidade pública, então é necessário algum processo seletivo” (Matemática\_A); que “é uma forma de peneirar” (Biblioteconomia\_A); que “há a necessidade de uma prova que possa avaliar o conhecimento e o amadurecimento dos futuros graduandos” (Italiano\_A); que “como não há vagas para todos, é justo que seja realizada uma prova para selecionar os candidatos” (Medicina\_C) etc.

Um dos alunos sintetiza absolutamente a visão meritocrática da seleção:

“Acredito no esforço e na ambição individual. Ademais, há inúmeros casos de vestibulandos sem condições financeiras ou que não dispuseram de um bom ensino básico que conseguiram vencer o exame vestibular. O interesse pelo conhecimento e a disposição de cada um, a meu ver, são mais importantes do que facilitar a entrada” (Direito\_A).

Em contrapartida, alguns revelam estar convencidos de que o vestibular não seria o melhor mecanismo para esta avaliação, porém, como não enxergam outra possibilidade, saem em sua defesa. Como diria Direito\_B:

“Acho que a grande diferença da UFSC em relação às outras Universidades é a ‘peneira’ que ela faz com o vestibular. Estudei por 2 anos em particular e não percebi diferenças no nível de ensino. Percebi diferenças na atenção dos professores e na facilidade que

os alunos da UFSC têm de aprendizado (Direito\_B).

Por seu turno, há outros alunos que criticam esta forma de seleção para o ingresso no Ensino Superior:

“O vestibular não mede nada, é apenas um método conveniente. Estimula uma competitividade quase patológica, propõe-se a medir coisas imensuráveis e se propõe a ser meritocrático, mesmo sabendo que isso é impossível” (Arquitetura\_B).

“Não é justo, pois não avalia todo o conhecimento do aluno. É um teste de habilidade de repetição de questões e de controle do estresse” (Medicina\_B).

Nota-se, assim, que não há consenso pela justiça do vestibular. A fala mais repetida é de que ele se apresenta como um “mal necessário” para organizar a entrada no Ensino Superior brasileiro, dada a falta de vagas para todos os concluintes da Educação Básica, além da necessidade de que as pessoas se “esforcem mais” caso queiram se graduar. Observe-se, contudo, que o público entrevistado é composto apenas pelos “selecionados”, aqueles que justamente foram escolhidos para se submeter aos ritos de instituição. Logo, para quem é efetivamente aprovado no vestibular não é de surpreender que dêem tanto valor à performance individual, devidamente legitimada pelo veredicto escolar. Bourdieu e Passeron (2012, p. 195) explicam que

a eliminação submissa às normas da equidade escolar, portanto, formalmente irrepreensível, que o exame opera e assume, dissimula a realização da função do sistema escolar, obnubilando pela oposição entre os aceitos e os recusados a relação entre os candidatos e todos os que o sistema exclui *de facto* do número de candidatos, e dissimulando assim os laços entre o sistema escolar e a estrutura das relações de classe.



Ora, mostrou-se evidente que a origem social também atua nos destinos no Ensino Superior, visto que as vantagens e desvantagens sociais se refazem, ao longo do tempo, em vantagens ou desvantagens de caráter escolar. Assim, “seria suficiente comparar a taxa de êxito no exame de estudantes que reúnem as características mais improváveis para sua classe de origem?” (BOURDIEU; PASSERON, 2012, p. 196), isto é, de filhos de famílias que diferem da média de sua categoria, inclusive quanto ao nível cultural global? E mais, seria aceitável que os próprios classificados, formandos no momento, questionassem o mecanismo seletivo pelo qual suas trajetórias puderam se iniciar?

O raciocínio desta superseleção parece ser o seguinte: os estudantes das classes populares, por falta de uma somatória de capitais, têm chances menores que os demais de construir trajetórias escolares de excelência; por isso, empenham-se em demonstrar um êxito excepcional para entrarem na faculdade. Assim, quanto mais elevada a instituição universitária na hierarquia dos estabelecimentos e, dentro dela, quanto mais distinto o curso, mais atua o mecanismo da superseleção. São fatos que a sociedade precisa desvelar e não mais encobrir sob o véu da meritocracia.

Sobre outro assunto polêmico, a reserva de vagas nas Universidades públicas para afrodescendentes, egressos de escola pública ou outro grupo social específico<sup>57</sup>, todos os formandos das classes populares disseram ser favoráveis. Contudo, essa afirmação se dá de modo genérico, posto que alguns apõem certas restrições a este tipo de admissão. Importa lembrar que a UFSC não disponibiliza o acesso às informações sobre a identidade dos alunos cotistas, visto que desde sua inscrição este dado é sigiloso, o que, de fato, impossibilita o reconhecimento deste aluno cotista a menos que assim se declare ao pesquisador.

---

<sup>57</sup> A UFSC oferta opções de programas de assistência estudantil financeira como: a “bolsa-permanência”, a isenção no Restaurante Universitário, a moradia estudantil (ou “auxílio-moradia”) bolsa de estudo para língua estrangeira extracurricular, aulas de apoio pedagógico (em parceria com o Pré-Vestibular gratuito da Universidade), auxílio para aquisição de material didático, atendimento psicológico etc.

O aluno ARQUITET-1 concorda com a reserva de vagas, mas enfatiza que “para isso, a Universidade não deve se adaptar a eles, senão os cursos podem baixar de qualidade, uma vez que eles têm cotas porque não conseguem a pontuação desejada para ingressar na Universidade”. Ou seja, admite que existam vantagens para esse grupo ser admitido, mas não para cursar a graduação. BIBLIO-2 ressalta que este mecanismo é necessário em vista de que “a educação das escolas públicas está muito fraca e os alunos não adquirem o conhecimento necessário para ingressar em uma boa faculdade”.

DIR-1 defende que apenas este sistema de reserva de vagas não dá conta de resolver os problemas sociais do país, pois considera que o mais adequado seria investir em uma educação pública de melhor qualidade. Contudo, é favorável às cotas apenas para hipossuficientes econômicos, pois “não vejo motivos para tal reserva a alunos afrodescentes ou de qualquer outra etnia”.

Com parcimônia, MED-1 explica que

“Se vivêssemos em um país realmente democrático e bem estruturado, a reserva de vagas não seria algo necessário. Mas, tendo em vista o Brasil como ele é, com estudo básico deficiente, preconceitos explícitos em qualquer lugar, a reserva de vagas permite que qualquer um tenha o direito de estudar em uma boa Universidade” (MED-1).

Desta forma, observa-se que os alunos se colocam de forma bastante receptiva ao Programa de Ações Afirmativas, ainda que façam pequenas ressalvas. Entretanto, quando perguntados, expressamente, se foram beneficiários do PAA para a entrada na UFSC, 3 deles negaram prontamente e 2 não quiseram responder. DIR-1 ainda fez questão de enfatizar que, apesar de não ser beneficiário, “os alunos desconhecem quem entrou na UFSC pelo sistema de cotas, não sendo observado, por mim, preconceito nesse sentido”.

Ou seja, todos se dizem favoráveis às cotas e todos pontuam que é uma exceção que se faz necessária para alunos que, de outra forma, não conseguiriam ingressar na UFSC. Mas, então, surge a pergunta: dado o perfil dos entrevistados, nenhum deles seria realmente beneficiário do PAA?

Enfim, se todos realmente ingressaram pela seleção geral do vestibular, o que isto significa? Que esses alunos, em que pese o perfil socioeconômico desfavorável, foram hábeis a entrar na Universidade a despeito do sistema de cotas que foi instituído, isto é, mesmo que não houvesse PAA, eles passariam no vestibular para ingresso ao Ensino Superior.

Bourdieu e Passeron (2012, p. 199) sintetizam a ideia:

Nada é mais adequado que o exame para inspirar a todos o reconhecimento da legitimidade dos *veredictos* escolares e das hierarquias sociais que eles legitimam, já que ele conduz aquele que é eliminado a se identificar com aqueles que malogram, permitindo aos que são eleitos entre um pequeno número de elegíveis ver em sua eleição a comprovação de um mérito ou de um “dom” que em qualquer hipótese levaria a que eles fossem preferidos a todos os outros.

E a seleção dos candidatos é tanto mais rigorosa quanto mais os seus valores de origem se afastam daqueles consagrados pelo ideal meritocrático do sistema de ensino institucionalizado. O vestibular, para que outorgue validade à sua função de legitimação da herança cultural e do *status quo* vigente, surge definitivamente como um concurso nacional e anônimo, sob a aparência de neutralidade e cientificismo. Assim, em vez de medir a aptidão de indivíduos para as futuras profissões, o exame apenas escolhe aqueles que foram para elas socialmente qualificados, adaptados às exigências da economia. É o que Bourdieu e Passeron definem como o “efeito de certificação”. Estes autores (2012, p. 133) oferecem uma explicação plausível para esta situação:

Para escapar à cilada que arma o sistema escolar ao revelar ao observador apenas uma população de sobreviventes, seria preciso separar desse objeto pré-construído o objeto verdadeiro da pesquisa, isto é, os princípios segundo os quais o sistema escolar seleciona uma população cujas propriedades pertinentes são tanto mais completamente o efeito de sua ação de

formação, de orientação e de eliminação quanto mais se eleva no curso.

Certamente que as classes que detêm o monopólio da cultura dominante estão mais predispostas a usufruir do efeito de certificação e, por isso mesmo, a defender a ideologia de uma legitimação dissimulada. Não por acaso, “Quanto mais os indivíduos são diplomados, mais eles consideram que a escola é justa” (DUBET, 2014, p. 70).

Esta informação é bastante importante quando a proposta é justamente estudar percursos universitários de alunos das classes populares: foram, então, eles que “escolheram” seu trajeto acadêmico ou foram por ele escolhidos? Se o sistema de ensino compreende instituições que reproduzem a cultura legítima<sup>58</sup>, inclusive com a determinação do modo legítimo de imposição e inculcação da cultura escolar, fica patente que as classes sociais submetem-se, em distâncias desiguais, a esta, vez que possuem disposições diferentes para reconhecê-la e apreendê-la.

Prosseguindo com a análise das respostas dos outros 16 alunos entrevistados sobre a entrada na Universidade por meio do PAA, as posturas são diferentes. Eles começam espontaneamente a categorizar e apartar as cotas. Isto é, a maioria é a favor das cotas para escola pública, por se convencerem de que seus alunos, de fato, não teriam condições de competir com egressos de particulares; e, por outro lado, a maioria é contra as cotas raciais, porque acreditam que seria uma espécie de preconceito de etnia inverso. Abaixo, seguem algumas opiniões que sintetizam essas impressões:

“Acho que para escola pública é justo, pois sabemos como o ensino público é defasado, salvo exceções, mas para afrodescentes, tenho a sensação de ser algo preconceituoso, como se esses não tivessem a mesma capacidade cognitiva que os brancos” (Italiano\_A).

---

<sup>58</sup> “A cultura legítima como um *princípio de ordem* sem necessidade de demonstrar sua utilidade prática para ser justificado” (BOURDIEU, 2011a, p. 361).

“Contra. Pois evidentemente eles não conseguem acompanhar o curso, a base é importante. E porque vejo isso como discriminação e vai contra a meritocracia” (Arquitetura\_C).

“Sou a favor apenas de cotas sociais referentes à renda e de maneira paliativa, com prazo para acabar. O ensino básico é que merece maior atenção. Forçar a entrada de pessoas despreparadas e, pior ainda, forçar a permanência destas mesmas pessoas na Universidade, ainda que tenham um péssimo desempenho, apenas levarão ao sucateamento das Universidades públicas do país. Diploma por diploma não vale absolutamente nada” (Direito\_A).

“Sou a favor, porque não acredito em meritocracia. Não é como se o vestibular fosse justo de qualquer modo. Dar a mesma chance a todos é uma imensa falácia, então não são as cotas que vão torná-lo mais ou menos justo. Acredito que seja correto dar mais chances àqueles que, por questões históricas e político-econômicas, jamais terão a mesma chance. Por outro lado, enxergo como medidas paliativas, que são bem-vindas, mas não devem ser vistas como definitivas. Sou inteiramente contra técnicas de medição de quantidade de conhecimento totalmente subjetivas e arbitrárias como método de selecionar quem deve ingressar no Ensino Superior” (Arquitetura\_B).

“A favor. Trata-se de uma reparação histórica com um grupo social que foi historicamente subjugado ao longo do desenvolvimento da sociedade brasileira (negros). No caso da escola pública, é uma medida altamente paliativa que não pode ser vista como solução, mas acredito que deve ser defendida por resultar em uma significativa alteração no quadro social da Universidade pública, deselitizando-a” (Matemática\_B).

Agora, quando este grupo foi perguntado se alguém seria beneficiário do PAA, 14 alunos disseram que não e 2 alunos disseram que sim – no caso, exatamente MED-2 e EC-1, que foram aquelas alunas que, em alguns pontos, equiparavam-se aos das classes populares.

Daqueles não beneficiários, 2 alunos disseram que não sentiam diferença alguma na forma de tratamento dos cotistas por parte de professores e colegas. Porém, outro deles asseverou que conhece “muitos casos de discriminação” (Matemática\_B).

Já as únicas formandas que se assumiram cotistas da escola pública, MED-2 e EC-1, foram categóricas em enunciar que são alvo de preconceitos:

“Já sofri preconceito por parte de uma professora do Departamento de Engenharia Civil, a qual falou claramente que alunos de escolas públicas não ‘acompanham’ a turma, em geral” (EC-1).

“*[Recebi tratamento diferenciado]* dos colegas sim. Eles achavam que cotistas não acompanhariam as aulas. *[Porém]*, como cotista, vi o quanto nosso aprendizado é pífio nas escolas públicas e como os alunos oriundos de escola particular tem muito mais conhecimento do que nós” (MED-2).

Estas assertivas confirmam o que anunciavam Bourdieu e Passeron (2014, p. 45) já na década de 60:

Os mecanismos que asseguram a eliminação das crianças das classes inferiores e médias agiriam quase tão eficazmente (mas mais discretamente) no caso de uma política sistemática de bolsas de estudos ao tornar formalmente iguais diante da escola os agentes de todas as classes sociais; poder-se-ia, portanto, com mais justificativas do que nunca, imputar à desigualdade dos dons ou à aspiração desigual à cultura a representação

desigual das diferentes camadas sociais nos diferentes níveis de ensino.

Diante de todas estas falas, há o prenúncio da apresentação de uma realidade: de que os formandos não ocupam as mesmas posições no campo universitário. Há diferenças que se somam àquela da desigualdade econômica, a saber, por exemplo: no critério de escolha do estabelecimento da Educação Básica; na utilização do capital de informação sobre o sistema de ensino; na intervenção direta dos pais na escolarização (mediante acompanhamento regular dos deveres, contato com professores, controle do tempo despendido em atividades extraclasses etc.); na formação escolar propriamente dita obtida na Educação Básica; na possibilidade de recorrer a complementações (como cursos de línguas estrangeiras e envolvimento em atividades culturais diversas) e a reforços (como pré-vestibulares e aulas particulares); no investimento de capital social (profissional) dos pais na formação; na repetição de tentativas para ingressar numa Universidade pública; etc. A seguir, mais constatações discutem esta hipótese inicial.





## 9 TRAJETÓRIAS UNIVERSITÁRIAS DE ALUNOS DAS CLASSES POPULARES

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva; este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (Maurice Halbwachs)

\*

Para uns, a aprendizagem da cultura da elite é uma conquista pela qual se paga caro; para outros, uma herança que compreende ao mesmo tempo a facilidade e as tentações da facilidade (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 42).

Ao se partir da hipótese de que os universitários alcançam o Ensino Superior em “posições” diferentes, a perspectiva desta tese é examinar como se projetam essas trajetórias que, apesar de se desenvolverem em meio a condições socioeconômicas desfavoráveis, chegam a um termo com a formatura. Por trás da obtenção do diploma, existem estratégias, materiais e simbólicas, adotadas pelo estudante das classes populares e por sua família. Por isso, conseguiu-se delinear que há diferenças na composição de capitais detida por cada formando, o que implicou condições diversas também para a sua formação universitária.

É importante registrar que, por parte dos formandos, não há uma menção muito destacada às dificuldades para suprir suas necessidades econômicas, tampouco à admissão de que o concurso de terceiros se faz necessário para o auxílio material. Situação similar foi constatada na pesquisa de Portes (2001, p. 181) com universitários:

As necessidades acarretam nesses sujeitos um sentimento de injustiça por não poderem participar de forma mais digna de todo um universo de possibilidades que se oferece ou mesmo não poderem dar respostas àquelas necessidades mais elementares. É como se o universitário fosse obrigado a desenvolver um sistema de contenção, fosse obrigado a

não pensar na existência de coisas simples, mas que dão prazer, como sair com os colegas, ir ao cinema, ao centro esportivo universitário, tomar cerveja, comprar um livro, uma roupa, um calçado, frequentar churrasco da turma. Por outro lado, se "caem na tentação" e prejudicam o orçamento e ficam acometidos de um sentimento de culpa, tornam-se possuídos de um sentimento de ter gasto com prazeres supérfluos.

A limitação das condições materiais influencia certamente as experiências universitárias, assim como intervieram na infância e na adolescência destes alunos. São questões ensejadoras de angústia e apreensão neles, apesar de, no discurso, contornarem com relativa facilidade.

Anteriormente, os dados estatísticos e as diversas comparações realizadas traçaram o campo desta pesquisa. Agora, para complementar essas informações, é o momento de trazer especialmente as impressões dos entrevistados acerca de sua vivência no Ensino Superior.

### **Ambiente universitário**

Os entrevistados não souberam especificar bem ao certo como conheceram a UFSC ou em que momento ouviram falar dela pela primeira vez. Prevalece uma sensação de que as informações a respeito da instituição lhes chegaram de forma difusa. A aluna MED-1 explicou que não se recordava, mas referiu: "como minha mãe é de Palhoça e meu pai estudou na UDESC aqui em Florianópolis, a ideia de estudar na UFSC sempre foi presente". Da mesma forma, BIBLIO-2 mencionou seus familiares: "A primeira vez que ouvi falar foi em minha casa mesmo, com a família". Já ARQUITET-1 teve conhecimento da UFSC em sua escola e DIR-1 explicou que "Conhecia genericamente por ser a Universidade Federal do Estado".

Na escolha pela UFSC, os formandos são unânimes em reconhecer a boa qualidade dos cursos e também o fato de ser gratuita. As falas se dão em sentido bastante análogo, como as seguintes<sup>59</sup>:

---

<sup>59</sup> MED-2 explica que escolheu estudar na UFSC "Pela fama; por não ter tido muitas outras opções e por saber mais sobre o curso através de um

“Escolhi a UFSC por ser uma instituição notoriamente conhecida no Estado por ter uma boa qualidade e professores qualificados. Também por ser um ensino gratuito, público. Ademais, escolhi primeiramente o curso que iria fazer, Direito, para depois verificar quais as Universidades que o ofereciam” (DIR-1).

“Ensino de qualidade, maiores oportunidades de complementação aos estudos, melhor estrutura para atender ao aluno” (BIBLIO-2).

Quanto à localização da Universidade, apenas BIBLIO-1 diz que não lhe é favorável, pois mora em São José e passa por um longo deslocamento diário para estudar. Os demais entendem a localização como um fator positivo, pois estão mais próximos de familiares e em seu Estado de origem.

A exploração do campo universitário iniciou com reticências; por um lado, os alunos estavam curiosos e motivados por iniciarem uma nova etapa na vida; por outro, estavam inseguros pela sensação de que a comunicação com a Instituição era frágil e falha, o que teria dificultado, muitas vezes, o acesso às oportunidades e causado um sentimento de isolamento.

No ambiente universitário, os formandos enxergam oportunidades de crescimento pessoal que extrapolam os limites da sua própria graduação. Dizem que prezam pela “Liberdade de expressão, a diversidade de pessoas e culturas, o ambiente agradável que mescla as salas de aula e a natureza” (MED-1), além de reconhecerem “A possibilidade de desenvolvimento ou

---

colega que já estudava lá”. Do outro grupo, Medicina\_C diz que, além do tamanho do *campus*, da diversidade de estudantes e da “cara de Universidade mesmo”, o primeiro motivo pela escolha “foi por indicação da minha mãe, que era professora da UFSC e sempre me disse que era uma boa faculdade. O segundo foi por saber que o curso que queria era bom nesta Universidade. O terceiro foi por conveniência. Eu nasci em Florianópolis e praticamente toda a minha família mora aqui. Se estudasse aqui, poderia continuar morando com os meus pais e continuar próxima da minha da minha família”.

crescimento como ser humano através de inúmeros cursos, oficinas, esporte, cultura etc” (BIBLIO-2).

Pode-se notar que este espaço lhes traz perspectivas diferenciadas em relação ao seu próprio meio de origem e, como dito, não apenas em termos de aquisição de capital escolar. A Universidade, para eles, é um lugar que lhes permite assimilar uma série de capitais associados à educação e reorganizar, no plano subjetivo, práticas, sentimentos e representações. Ocorre, em verdade, um “multipertencimento social” (LAHIRE, 1997), fenômeno que acontece quando o agente está inserido em grupos sociais variados, cujos sistemas simbólicos apresentam descontinuidades e rupturas. É de onde se pode extrair, também, a oportunidade de “desenraizamento” de seu meio de origem:

Quando as disposições consideradas *naturais*, no grupo social de origem, deixam de ser percebidas como tais e o que é *natural*, na Universidade, ainda não foi incorporado completamente, instala-se o *desenraizamento*. O processo continuado, de incorporação de práticas adequadas aos novos campos sociais gera a constituição de um novo *habitus*, no qual variadas práticas típicas das redes sociais de origem foram substituídas – no plano da fala, das preferências estéticas e afetivas, das formas de lazer, dentre outras. A dificuldade em exercitar, nas áreas populares, essas novas disposições é que geram o sentimento de *distanciamento* desse espaço (SILVA, 2011, p. 137).

Ao passo que reconhecem o processo de distanciamento do meio de origem, os alunos também desenvolvem certo conhecimento prático da sua posição no campo universitário, o que Bourdieu (2001) define como *sense of one's place* (sentido de limites) e Goffman (2001), como “sentido do seu lugar”. Quer dizer, há um sentido da colocação no espaço social que orienta a experiência do lugar ocupado, segundo uma perspectiva relacional, que comanda os comportamentos para “ficar no lugar” de universitário, o que tantas vezes conflita com as orientações do seu meio social de origem.

Questionados sobre a adaptação ao ambiente do Ensino Superior, os estudantes apontam, resumidamente, que se familiarizaram rapidamente, “sem maiores dificuldades”. Entretanto, quando instados a falar sobre os aspectos que menos lhes agradam na UFSC, surge a informação de que a falta de interação entre os alunos é algo recorrente a lhes incomodar:

“A segregação é o ponto principal. O que ocorre hoje dentro do ambiente universitário é a segregação entre os alunos de diferentes centros. Não se vê a interação de alunos do CCS com os do CFH, por exemplo, e mesmo dentro do próprio centro a integração é dificultosa [sic] e não é considerada importante. Posso citar aqui o distanciamento das pessoas da Medicina dos demais cursos da saúde, sem que haja nenhum interesse das partes envolvidas em retomar essa relação. Isso é extremamente danoso” (MED-1).

Ou seja, há um reconhecimento de que o acolhimento dos alunos entre si não é uma prática difundida, sobretudo, em se tratando de cursos e de centros diferentes. Há um sentimento de exclusão e solidão, que pode ser maior ou menor a depender do curso, pois, segundo Zago (2006, p. 235), “Os sentimentos de pertencimento/não pertencimento ao grupo dependem muito do curso, da configuração social dos estudantes de uma determinada turma”.

Especialmente para aqueles cursos de maior concorrência, a adaptação dos alunos das classes populares lhes exige mais dedicação, justamente porque se observa a maior concentração de alunos das outras camadas. É o que se denomina de “democratização segregativa” (DURU-BELLAT, 2003), pois há cursos cujo público tende a se homogeneizar (como Letras, Pedagogia...), diferentemente dos cursos de alta seletividade, em que o esforço de adaptação e convivência das classes populares é maior, isso porque as habilitações e formações mais prestigiosas permanecem reduto das classes mais privilegiadas, enquanto que as mais curtas e menos rentáveis, ainda reúnem os menos favorecidos em sua maioria.

O sentimento de exclusão também é extensivo para o ambiente externo à Universidade. Segundo ARQUITET-1, há uma “falta de uso extraclasse da comunidade e alunos”, isto é, as pessoas, de certa forma, parecem não se misturar entre elas, inclusive no exterior da Universidade. No outro grupo de entrevistados, a informação é referendada, de fato: “há enormes dificuldades de socialização, de modo que fiquei por três semestres praticamente sem falar com ninguém” (Arquitetura\_B).

Apesar disso, os formandos dizem que fazem um bom uso da estrutura oferecida. Todos frequentam a biblioteca central e as bibliotecas setoriais, além de laboratórios de informática e do restaurante universitário. As alunas de Biblioteconomia e de Medicina sublinham que também comparecem ao centro acadêmico de seu curso, de vez em quando, e DIR-1 e BIBLIO-1 dizem que estudam no curso de línguas estrangeiras da própria Universidade.

Do outro grupo de entrevistados, Biblioteconomia\_A compartilha que tem ressalvas quanto à estrutura da UFSC, pois “para quem estuda no período noturno, as oportunidades para aproveitar o que a Universidade oferece são bem restritas. Deveriam repensar e estender as oportunidades para além do horário comercial”. Aliás, para a maioria dos alunos deste grupo, os aspectos que mais desagradam na UFSC estão relacionados com a infraestrutura: consideram-na mal aproveitada e obsoleta, em especial, no que tange à qualidade dos materiais/serviços utilizados e à insegurança do *campus*. Por que será que os alunos de classes populares não parecem tão preocupados com essas eventuais deficiências na estrutura física como os de outras classes, tampouco se apresentam tão inseguros quanto à violência? Estariam mais acostumados à falta de recursos materiais e de segurança em seus meios de origem?

### **Hábitos**

Sabe-se que o “gosto”, enquanto sistema de esquemas de classificação, é objetivamente apreendido dos condicionamentos sociais que o forjaram. Implica dizer que os agentes se “autoclassificam”, ou seja, eles mesmos recorrem à classificação ao definirem seus gostos (na preferência por certas atividades culturais, amizades, alimentação, vestimentas, músicas, práticas esportivas etc.) segundo o que melhor convenha à sua posição social. Assim, a lógica é de

“escolherem, no espaço dos bens e serviços disponíveis, bens que ocupam uma posição homóloga à posição que eles ocupam no espaço social. Isso faz com que nada mais classifique uma pessoa do que suas classificações” (BOURDIEU, 2004a, p. 159).

Por isso mesmo, o espaço social tende a se definir como um campo simbólico, permeado por distintos estilos de vida. A regra da desigualdade dos signos de distinção ou do “desvio diferencial” (BOURDIEU, 2004a) organiza o mundo social enquanto sistema simbólico, por mais que seus elementos sempre contenham uma porção de indeterminação. A título de exemplo, um aluno que possua o domínio de várias línguas estrangeiras tem mais probabilidade de ser um apreciador de músicas estrangeiras do que aquele que não desenvolveu esta habilidade, o que não significa que este não possa apresentar semelhante gosto musical, visto que se trabalha com o horizonte de tendências.

Se “as necessidades culturais são produtos da educação”, significa dizer que as práticas e preferências em matéria de cultura estão relacionadas “ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar e pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social” (BOURDIEU, 2011a, p. 09). Daí porque Bourdieu considera os gostos como “marcadores privilegiados de classe”, ou seja, desempenham função social de legitimação das diferenças sociais. Por esta análise, os gostos não são fruto do trabalho escolar propriamente dito, visto que, na maior parte das vezes, resulta de aprendizagens não intencionais, em meio ao convívio familiar e à experiência escolar da chamada cultura legítima.

O fato é que não se pode explicar completamente a função exercida pelo diploma como passaporte para o universo da cultura legítima, sem considerar a inculcação dissimulada desta pelo aparato escolar:

Portanto, na definição tácita do diploma, ao assegurar *formalmente* uma competência específica (por exemplo, um diploma de engenheiro), está inscrito que ele garante *realmente* a posse de uma “cultura geral”, tanto mais ampla e extensa quanto mais prestigioso esse documento; e, inversamente, que é impossível exigir qualquer garantia real sobre que ele garante

formal e realmente, ou, se preferirmos, sobre o grau que é a garantia do que ele garante (BOURDIEU, 2011a, p. 29).

Também a origem social é determinante na formação das preferências culturais, pois a disposição estética de uma pessoa é influenciada diretamente pelas suas condições materiais de existência, passadas e presentes. Neste sentido, o acúmulo de capital cultural “só pode ser adquirido mediante uma espécie de retirada para fora da necessidade econômica”, vez que “o poder econômico é, antes de tudo, o poder de colocar a necessidade econômica à distância” (BOURDIEU, 2011a, p. 55). À medida que esta distância aumenta, o estilo de vida assume certa “estilização” (conforme Weber), ao se liberar das urgências comuns e poder se voltar para contingências de maior qualidade, conforto, luxo, ostentação etc.

É assim que o “senso de distinção” marca uma posição privilegiada no espaço social: “os gostos são a afirmação prática de uma diferença inevitável” (BOURDIEU, 2011a, p. 56)<sup>60</sup>. Evidencia-se, desta maneira, que as lutas pela apropriação de bens econômicos e culturais são lutas simbólicas pela apropriação ou conservação desses sinais distintivos, os quais, enquanto bens e práticas, são classificados e classificadores no espaço social.

Por este viés, compreende-se que os hábitos declarados (“classificados”) pelos formandos estão, na maior parte das vezes, justificados de acordo com a sua posição social de origem. Em alguns momentos, referem a necessidade de se desvencilhar (ou se “desenraizar”) de costumes praticados até a entrada na Universidade, o que, contudo, não consiste num processo fácil ou simples, visto que todos os formandos – à exceção de um – ainda convivem com familiares e, portanto, ainda estão imersos nas regras daquele grupo. Há, portanto, um

---

<sup>60</sup> “O verdadeiro princípio das diferenças que se observam no campo do consumo, e muito além dessa área, é a oposição entre os *gostos de luxo* (ou *de liberdade*) e os *gostos de necessidade*: os primeiros caracterizam os indivíduos que são o produto de condições materiais de existência definidas pela *distância da necessidade*, pelas liberdades ou, como se diz, às vezes, pelas *facilidades* garantidas pela posse de um capital; por sua vez, os segundos exprimem, em seu próprio ajuste, as necessidades de que são produto” (BOURDIEU, 2011a, p. 169).



processo incessante, cheio de contrariedades, para se encontrar num novo espaço:

A preocupação em concentrar esforços e reduzir os custos leva a romper laços – até os familiares – que venham opor-se à ascensão individual: não há tempo, nem meios, tampouco gosto para manter relações com os outros membros da família que não souberam “se virar”. A pobreza tem seus círculos viciosos e os deveres de solidariedade que contribuem para acorrentar os menos desprovidos (relativamente) aos mais carentes fazem da miséria um eterno recomeço. A “decolagem” pressupõe sempre uma *ruptura*, sendo que a rejeição dos antigos companheiros de infortúnio não representa senão um de seus aspectos. O que é exigido do trânsfuga é uma derrubada da escalada dos valores, uma conversão de toda a atitude (BOURDIEU, 2011g, p. 106).

Assim é que os estudantes, várias vezes, buscam atenuar essa dificuldade de rompimento com os padrões até então existentes, especialmente ao considerar a convivência com a família como um fator positivo (“de apoio moral”) para suas trajetórias, por mais que não tenham intervindo diretamente no percurso acadêmico, para seu melhor aproveitamento.

Para além da família, os universitários comentam a rede de ligações que possuem com outros indivíduos e a relação com a sua ambientação universitária. Eles ressaltam a importância da proximidade com amigos da própria Universidade, a quem recorrem para compartilhar as experiências:

“Na maioria das vezes, dividi apartamento com pessoas do mesmo curso, inclusive meu namorado, portanto, meus estudos eram afetados positivamente, já que dividíamos as preocupações, as dúvidas e os estresses do curso” (MED-1, *hoje mora com irmão e companheiro*).

“Troca de conhecimento é sempre bem-vinda, ainda mais em casa. Foram muito

boas as convivências” (ARQUITET-1, *morou desde o início da faculdade com colegas*)

No mesmo sentido, MED-2 faz a seguinte confissão: “Fiz novos amigos, com pensamentos completamente diferentes dos meus antigos amigos”. Ainda, os alunos declaram que acreditam ter formado uma rede de relacionamentos relevantes “com os colegas de curso, amigos íntimos e alguns professores em particular” (MED-1), apesar de aceitarem que “após a formação, muitos perderão contato uns com os outros” (DIR-1). Ou seja, na relação com os amigos, os formandos prezam especialmente os colegas de curso, com quem passaram a compartilhar a formação desde o ingresso na UFSC. Observe-se que se sentem, sobretudo, apoiados por aqueles com quem estreitaram os laços de amizade durante a faculdade e que os acompanharam pela formação universitária.

Aqui é possível mobilizar a noção de capital social para entender a referência feita pelos estudantes a essa “nova” rede de relacionamentos formada. No caso deles, reconhecem muito mais o apoio dos pares durante o percurso universitário do que a possibilidade de terem iniciado uma rede durável de relações para o futuro, notadamente quando estiverem inseridos no mercado de trabalho. Percebe-se que, quando da entrada na Universidade, o volume de capital social possuído por tais agentes era mínimo, quando não insignificante em termos profissionais. Com o decurso do tempo, os estudantes parecem não ter se dedicado também a essa acumulação. Apesar de o capital social não ser relativamente reduzido na qualidade de capital econômico e cultural, não é deles independente: requer contrapartida ativa do agente. Assim é que “os lucros que o pertencimento a um grupo proporciona estão na base da solidariedade que os torna possível” (BOURDIEU, 2011f, p. 67). Por isso, para esses alunos e suas famílias, é previsível o fato de não ter havido e nem haver investimentos sociais para a configuração de uma rede de ligações (de parentesco, vizinhança, trabalho etc.) que pudesse consolidar obrigações posteriores, de direitos, reconhecimento, respeito, amizade, dentre outras. O capital social está em ressonância com o trabalho de sociabilidade despendido pelos agentes, com aporte de tempo, esforço e, frequentemente, de capital econômico. Esta herança, contudo, é presente – e em grau maior – entre os

alunos da outra amostra, que são aqueles não provenientes das classes populares.

O capital social das classes abastadas oportuniza o rendimento econômico e máximo dos diplomas em vista no mercado e, ainda, minimiza as perdas na eventual hipótese de fracasso. As redes de proteção certificam segurança para que os filhos da elite possam alçar trajetórias de altos investimentos no estudo e no trabalho: são as chamadas “chances apropriadas”, segundo Bourdieu.

No grupo dos outros entrevistados, Medicina\_C esboça a consciência de que “Ter familiares, amigos e conhecidos influentes pode ter relevância na hora de conseguir um emprego em algum local específico”. Na mesma linha, Direito\_B orgulha-se do *networking* feito durante o curso: “Acredito que formei uma pequena rede, mais pelos estágios e eventos que frequentei do que pelo próprio curso. Conheci professores de Universidades de fora do Brasil e membros de órgãos que me interessam atuar”. Sobre oportunidades de emprego, também refere: “Me foram oferecidas oportunidades em escritórios de advocacia, e recebi indicações também”. E complementa: “Não sei bem ao certo a diferença que isso irá fazer... Tenho familiares influentes, mas nunca fiz uso de nomes”.

Já nas classes populares é diferente. O “princípio da realidade” se impõe com a ausência de exemplos ou ante poucos modelos de sociabilidade disponível em seu meio de origem, que possam lhes dar uma sensação de proteção. Afinal, “a avaliação que cada indivíduo é capaz de fazer sobre seu ‘lugar’ no mundo social, bem como as estratégias que pode lançar mão para fazer frente aos desafios da realidade estão diretamente relacionadas com sua linhagem familiar” (TOMIZAKI, 2013, p. 96). Pelo menos, pode-se notar um incipiente afinco para se mostrarem mais abertos a novas relações sociais, distintas do que estão originalmente acostumados.

A respeito de outros hábitos dos universitários, quando aludido como empregam o tempo para os estudos fora da Universidade<sup>61</sup>, os alunos mencionam disposições bastante variáveis: cerca de 1 hora para DIR-1, ARQUITET-1 e BIBLIO-1; 3 horas para BIBLIO-2; e de 4 a 6 horas para MED-1.

---

<sup>61</sup> Para estudar, todos disseram usar o espaço do próprio quarto em casa, principalmente porque o fazem sozinhos.

Além da graduação, todos se envolveram, ao mesmo tempo, com outras atividades e funções. No caso de BIBLIO-1, BIBLIO-2, DIR-1 e ARQUITET-1, eles desenvolvem estágios não-obrigatórios em sua área de formação; enquanto MED-1 está vinculado apenas ao próprio estágio obrigatório em unidades de saúde.

A par dos estágios, destacam:

“Faço curso de idiomas (Francês) desde o 3º ano da faculdade. Acho fundamental você dominar outra língua e como já fiz curso de inglês optei pelo francês para ser minha segunda língua estrangeira. Dentre os meus hobbies, estão a leitura e o cinema. Sempre que possível lia livros não relacionados ao curso esses foram momentos não muito frequentes na minha formação, ficando a leitura acumulada para o recesso escolar” (MED-1).

“Gosto de ler, muitas vezes, sem compromisso, pegar o livro e não ler em sequência. No caminhar, também gosto de sair sem destino, no momento decido onde ir” (BIBLIO-2).

Em que pesem as atividades anteriores também se definirem como atividades culturais, os alunos destacaram 5 delas na pergunta específica sobre o assunto:

- filmes (MED-1, ARQUITET-1, DIR-1) = 3 menções
- músicas (ARQUITET-1, DIR-1, BIBLIO-2) = 3 menções
- teatro (MED-1) = 1 menção
- shows (MED-1) = 1 menção
- leitura (MED-1) = 1 menção

Veja-se que o repertório de atividades não é muito extenso, nem muito diversificado e, inclusive, houve aluno que disse não apreciar nenhuma delas (BIBLIO-1). No grupo dos 16 outros entrevistados, as atividades culturais mencionadas foram:

- filmes / cinema (EC-1, MED-2, Medicina\_C, Medicina\_B, Arquitetura\_C, Matemática\_B, Alemão\_A, Italiano\_A, Direito\_A, Direito\_B) = 10 menções
  - músicas (Medicina\_B, Medicina\_A, Alemão\_A) = 3 menções
  - teatro (MED-2, Medicina\_C, Medicina\_B, Arquitetura\_D, Arquitetura\_A, Biblioteconomia\_A, Alemão\_A, Italiano\_A, Direito\_B) = 9 menções
  - shows / concertos (Arquitetura\_D, Arquitetura\_B, Arquitetura\_A, Matemática\_B, Italiano\_A, Direito\_A, Direito\_B) = 7 menções
  - leitura (Arquitetura\_C, Biblioteconomia\_A) = 2 menções
- \*
- esportes (Medicina\_A, Arquitetura\_A, Matemática\_A) = 3 menções
  - exposições / centros culturais / museus (Biblioteconomia\_A, Alemão\_A, Italiano\_A) = 3 menções
  - dança (Arquitetura\_D, Arquitetura\_A) = 2 menções
  - artesanato (Arquitetura\_A) = 1 menção
  - mostra gastronômica (Arquitetura\_A) = 1 menção
  - bares / happy hours (Matemática\_B) = 1 menção

Note-se que no segundo grupo, em que pese a maior quantidade de entrevistados, eles apreciam uma maior quantidade de atividades, bem como numa diversidade maior. Ou seja, “Enquanto estes exprimem seu ecletismo real ou pretendido e seu diletantismo mais ou menos frutuoso pela grande diversidade de seus interesses culturais, os outros revelam uma maior dependência em relação à Universidade” (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 31). Estas diferenças marcadas pela origem social podem se justificar tanto pelos diferentes modos de aquisição do capital cultural atualmente possuído, quanto pelo grau de reconhecimento deste capital pelo diploma, vez que “é possível que uma fração, mais ou menos importante, do capital efetivamente possuído não tenha recebido a sanção escolar por ter sido herdado diretamente da família, e

até mesmo, adquirido escolarmente” (BOURDIEU, 2011a, p. 78). De certo, as famílias de onde provêm estes demais entrevistados ofertaram uma vantagem aos seus filhos em matéria de cultura: trata-se do “capital cultural incorporado” ou “capital estatutário de origem”, que representa a precocidade na aquisição da cultura legítima e a diversidade de atividades para o aproveitamento do tempo. Para Bourdieu (2011e, p. 45),

Em todos os domínios da cultura, teatro, música, pintura, jazz, cinema, os conhecimentos dos estudantes são tão mais ricos e extensos quanto mais elevada é a sua origem social. Mas é particularmente notável que a diferença entre os estudantes oriundos de meios diferentes seja tanto mais marcada quanto mais se afasta dos domínios diretamente controlados pela escola.

Num cenário em que são recebidos no sistema de ensino, cada vez mais, estudantes das classes populares que não dominam a herança cultural que era possuída por seus veteranos; bem como estudantes das classes tradicionalmente escolarizadas – cuja seleção, portanto, decaiu –, há de se perguntar o que tem mudado na experiência universitária propriamente dita a partir dessas inclusões? Alguns falam numa suposta “queda de nível” do Ensino Superior com sua abertura a uma maior quantidade de universitários. Quais os efeitos disto a longo prazo? Esta questão mereceria maiores debates por parte da sociedade.

Quanto ao tempo extrauniversitário dos estudantes, também se constata diferenças entre eles segundo suas origens sociais, assim como na frequência à Universidade (e dependência dela), que seria o tempo “organizado” da vida estudantil. Bodin e Orange (2014, p. 09) explicam as diferentes formas de gerenciar o tempo que podem ser percebidas entre os universitários:

A diferença se dá também no nível da “cultura livre”, ou seja, de todas essas práticas extrauniversitárias que vêm nutrir, sem nada dizer, o trabalho universitário, e particularmente a capacidade para empregar

seu tempo livre com discernimento, de maneira proveitosa para os estudos (para se cultivar, para se envolver numa associação etc.). Aqueles que pensam que somente a assiduidade e a conformidade com o tempo de curso contam se enganam. Eles são implicitamente muito mais julgados pela comunidade universitária, pelo que fazem no e do seu tempo livre, assim como já haviam mostrado Bourdieu e Passeron em *Os herdeiros*. Esse uso adequado do tempo extrauniversitário é socialmente situado: as categorias abastadas o empregam em lugares reservados ou privados, enquanto as categorias modestas o empregam mais no espaço público, à vista e sob o julgamento de todo o mundo.

De fato, as respostas dos formandos corroboram essa interpretação, pois as trajetórias dos alunos de classes populares estão focadas principalmente em atividades da graduação, num tempo academicamente organizado em sala de aula ou em estágios complementares. Ora, “em tudo que define a relação que um grupo de estudantes estabelece com seus estudos, exprime-se a relação fundamental que sua classe mantém com a sociedade global, com o sucesso social e com a cultura” (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 38). Quer dizer, para as classes populares, as atividades culturais parecem estar sempre na subordinação ao tempo universitário, como MED-1 esclareceu quanto a uma das atividades preferidas: “o cinema acabou sendo restringido a uma ida ao mês dependendo do calendário acadêmico”. E MED-2 falou que não conseguiu desempenhar outras atividades durante o curso, porque “Não tinha tempo para nada”. MED-1 ainda detalha esta situação:

“O curso em si suga nossas energias, tira nossas noites de sono e nossa vida social. Sendo o curso de dedicação integral temos apenas o período noturno para todas as demais atividades, que devem incluir: estudar, atividade física, preparar boa alimentação, ir às compras, sair com amigos, tomar banho, lavar roupa, arrumar a casa,...

Resumindo, não dá tempo, então a maioria opta por estudar, que já toma boa parte da noite, e abdica as demais atividades. Vida social acaba se restringindo a atividades com os colegas de turma e curso” (MED-1).

Os alunos focam intensamente as experiências de cunho escolar até mesmo porque, como já visto, foram superselecionados pelo sistema de ensino. Dessa forma, se eles se afastam dos domínios culturais não ensinados na escola; podem se aproximar com mais propriedade, ao revés, pelo efeito da superseleção, dos conteúdos acadêmicos – especialmente se situados nos cursos universitários mais distintos. Essa parece ser a lógica presente na transmutação da herança social em herança escolar segundo as diferentes classes.

Ainda, muitas das experiências culturais dos alunos não são compartilhadas com a geração anterior, dos pais. Não obstante a vida cultural dos jovens não seja intensa e diversificada, alguns sugerem que os pais envolvem-se com menos atividades ainda. Assim, há uma espécie de descontinuidade cultural entre a geração dos pais e dos filhos (TERRAIL, 1990), ou seja, um distanciamento cultural entre os pais e os filhos universitários, que preferem vivências ao lado de outros universitários especialmente.

### **Formação acadêmica**

Ao final da graduação, os entrevistados conseguem melhor situar a formação acadêmica que receberam. A sala de aula, o(s) estágio(s) e o contato com professores, outros profissionais da área e colegas são vetores da opinião que formulam a respeito do perfil do aluno de seu curso.

Os motivos pelos quais escolheram sua graduação são diversos. Para as formandas de Biblioteconomia, contaram o “fácil ingresso” (BIBLIO-1) e “a grade curricular interessante, interdisciplinar” (BIBLIO-2). Note-se que ambas as alunas se detiveram, especialmente, ao período de duração do próprio curso, sem mencionar perspectivas posteriores expressamente quando desta opção.



Os demais motivaram a escolha de acordo com o tipo de trabalho a ser desenvolvido após a formação<sup>62</sup>:

“Quero poder desenvolver a cidade, modificar a paisagem, trazer a alegria da mudança para as pessoas” (ARQUITET-1).

“Escolhi o curso pela aparente variada possibilidade de empregos futuros, remuneração, prestígio social. Não tinha muita certeza no momento da escolha, mas descobri que realmente gosto do Direito ao longo do curso” (DIR-1).

“Sempre tive fascinação pelo corpo humano e sua fisiologia, isso foi o que me chamou a atenção para essa área ainda no Ensino Fundamental; cuidar de pessoas foi outro motivo, gosto muito de me relacionar com as pessoas e de poder fazer algo para ajudar; e experiências. Quando minha avó faleceu, com AVC isquêmico, eu não entendia o porquê dela ter morrido, o porquê de não terem feito nada no caso dela. Hoje eu entendo o porquê, mas naquela época fiquei tentada a achar respostas. Eu queria ser alguém que pudesse fazer tudo dentro dos limites da medicina restaurativa e paliativa para qualquer pessoa, queria dar conforto para a família e acabei querendo ser médica porque eu queria ser essa pessoa que fica do lado do paciente e de sua família até o último momento, para dividir as felicidades das curas e as tristezas das progressões de doenças incuráveis. (...). Só que não posso ser hipócrita de acreditar que mais da metade das pessoas que cursa medicina não está sendo motivado por um salário alto, porque está, e muitos dos que tentam entrar

---

<sup>62</sup> Também a maioria dos formandos entrevistados no outro grupo esboçou a motivação da escolha com base em projeções futuras da profissão (como opções de emprego economicamente viáveis), de acordo com as habilidades que julgaram ter.

na Universidade para cursar medicina entram com a ideia de ‘ser rico’ (MED-1).

Todos eles afirmam que o curso escolhido era, de fato, sua primeira opção quando decidiram fazer o Ensino Superior<sup>63</sup>. Se pudessem retornar ao momento anterior ao início da faculdade, apenas BIBLIO-1 referiu que faria outra escolha (como Enfermagem) – e ARQUITET-1 fez questão de registrar que, ante “a desvalorização da profissão, faria pensar 2 vezes antes de cursá-la”.

Na escolha do curso, para 3 deles, os familiares chegaram a participar diretamente<sup>64</sup>. DIR-1 lembra que “A opção pelo curso de Direito foi sugestão da minha mãe. Gostei da ideia, analisei o curso e decidi optar pelo mesmo – e não me arrependi. Ainda!”. Por seu turno, BIBLIO-1 conta que a tia já fazia o curso e acabou por indicá-lo. E também MED-1 fala que seus pais foram muito participativos:

“Quando escolhi fazer medicina meus pais tentaram me mostrar a realidade por trás do estetoscópio e do jaleco branco. Acompanhei médicos, pedi opiniões, pesquisei, conheci a Universidade e tudo porque meus pais se dispuseram a me mostrar essa realidade. E apesar de tudo e por causa de tudo, acabei confirmando minha escolha” (MED-1).

Claro que, dentro das suas possibilidades, as famílias tentaram orientar seus filhos e esta dedicação foi decisiva na trajetória deles – a família de MED-1 aparenta ser a que mais se empenhou nesse processo. Veja-se que em famílias dotadas de poucos capitais, por desconhecerem o modelo meritocrático escolar ou por terem com ele pouca familiaridade, apresentam também uma maior reverência a códigos, normas e regras escolares, o que acaba por estimular a formação dos filhos,

---

<sup>63</sup> Para 4 entrevistados do outro grupo, o curso atual não foi a primeira opção: MED-2 (Biomedicina), Arquitetura\_B (Jornalismo), Biblioteconomia\_A (História), Direito\_A (Medicina).

<sup>64</sup> No outro grupo, quanto às pessoas que os referenciaram para optar pelo curso: 4 assinalaram expressamente a influência dos pais, 2 de parentes, 2 de professores e 1 de namorado.

ainda que não seja simples ou fácil passar pelo processo. Essas famílias, inclusive, chegam ao ponto de reconhecer sua própria incompetência para gerir os estudos dos filhos e deixá-los, então, fazer suas próprias escolhas (porque mais “escolarizados/informados”) ou, ainda, aconselhem-se com pessoas com maior conhecimento sobre as regras de funcionamento da Universidade, como foi o caso dos formandos de Biblioteconomia e Medicina. De qualquer forma, é identificável o envolvimento das famílias populares na escolarização dos filhos de forma peculiar, mesmo que periférica ao estritamente escolar e cingida à defesa de uma “ordem moral doméstica” (PORTES, 2000), ou seja, um “tipo particular de presença familiar” (VIANA, 2000), mas, de qualquer forma, uma presença, por mais que as disposições capazes de produzir uma certa carreira escolar não sejam praticadas de modo consciente e intencional (LAHIRE, 1997).

Lahire (1997, p. 233) acrescenta que, para um pai,

O sacrifício é, inicialmente e antes de tudo, financeiro. Priva-se a si mesmo para comprar para os filhos tudo aquilo de que têm necessidade (para a escola ou para seu conforto pessoal). Recusa-se que eles sofram as consequências de uma situação econômica difícil ou modesta, e faz-se de tudo para colocá-los em posição de privilegiados.

O que está embutido nesta mobilização é o fato de que a vontade parental é sempre a de resguardar os filhos das dificuldades, quaisquer que sejam elas, para que possam atingir seus objetivos – o que assume a forma de uma verdadeira doação de si, um sacrifício em favor dos filhos e de seu futuro.

Sobre a participação dos pais, durante todo o curso, BIBLIO-1 assevera que foi muito importante, pois a fizeram não desistir da faculdade, embora a enxergassem desmotivada. Já MED-1 é extremamente agradecida aos pais, conforme narra:

“meus pais sempre me apoiaram em tudo. Aguentaram o meu estresse pré-prova, tranquilizaram-me quanto aos meus questionamentos de ser ou não uma boa

profissional, compraram os livros que eu precisei durante a graduação, os jalecos, as ferramentas de trabalho. Simplesmente tem dedo deles em toda a minha graduação! (...) E a expectativa deles é grande. Sempre comentam de como serei boa profissional e etc., e isso me dá medo de decepcionar, uma insegurança sem tamanho. Mas meu pai sempre diz que a insegurança nos permite entender que não sabemos tudo e nem precisamos saber tudo, mas termos humildade para reconhecer e correr atrás” (MED-1).

ARQUITET-1 conta que seus pais não participaram diretamente da sua graduação, mas o vêem como “alguém que estudou muito para chegar a se formar”. DIR-1 e BIBLIO-2 também dizem que seus pais não estiveram muito presentes, porém, o primeiro descreve “que eles sentem orgulho de mim pela formação que tive” e a segunda fala que os pais enxergam-na como “uma pessoa mais determinada e que buscará conquistar novos objetivos”.

Nota-se que os pais das camadas populares, por mais que não tenham uma interferência direta no processo pedagógico, demonstram cultivar uma persuasão afetiva para que os filhos se importem com o prolongamento dos estudos – o que confirma que “o tema da omissão parental é um mito” (LAHIRE, 1997, p. 334). Além disso, os pais mobilizam esforços para que os filhos não tenham que trabalhar para prover suas demandas básicas enquanto estudam, como também constatou VIANA (2000), já que “não são indiferentes aos comportamentos e aos desempenhos escolares” (LAHIRE, 1997, p. 335). A família parece ser o “refúgio necessário para o jovem no decorrer de sua trajetória escolar e universitária. É na família que ele irá buscar energia, sustentação para enfrentar situações difíceis de serem vivenciadas” (PORTES, 2000, p. 70).

Isto seria presumível ao se considerar que, quanto mais forte o vínculo entre pais e filhos, melhor o desempenho acadêmico destes. Nas classes populares, o apoio afetivo tem um simbolismo profundo para os filhos, como se os pais se solidarizassem com as dificuldades do campo universitário, haja vista que a intervenção direta nos estudos, com investimentos

certos e estratégias determinadas, é pequena. Segundo Lahire (1997), é possível que a transmissão do capital cultural aos descendentes não aconteça de forma mecânica e linear, por isso mesmo, é viável que os filhos consigam adquirir novos capitais escolares e simbólicos por si mesmos, mas com o apoio da família, que pode ajudá-los a formular um desejo para a superação da situação de origem. As famílias com pouco (ou inexistente) capital escolar, podem, muito bem, exercer um papel fundamental: “através do diálogo ou através da reorganização dos papéis domésticos, [podem] atribuir um *lugar simbólico* (nos intercâmbios familiares) ou um *lugar efetivo* ao ‘escolar’ ou ‘à criança letrada’ no seio da configuração familiar” (LAHIRE, 1997, p. 343).

No grupo dos outros 16 entrevistados, a menção à participação dos pais na formação acadêmica é muito mais vigorosa. Os alunos apontam que os pais estiveram próximos deles durante os estudos, não apenas por meio do suporte financeiro, mas com o apoio psicológico e afetivo, além de se envolverem em atividades do curso (“até me ajudando a fazer maquetes”, Arquitetura\_C), sem falar na cobrança e vigilância para o bom andamento dos estudos desde a Educação Básica. Nas falas desses formandos, é possível notar que, ao mesmo tempo em que seus pais estão seriamente interessados em promover sua educação, nutrem uma grande expectativa quanto ao futuro profissional:

“Sempre sentiram muito orgulho, o que por vezes faz com que eu sinta medo de não superar as expectativas” (EC-1)

“Minha família queria que eu fizesse algum concurso público. Ainda não aceitam bem que quero advogar e tem sido um árduo trabalho fazer com que as interferências nesse sentido cessem” (Direito\_B)

“Acredito que apenas com o tempo vão conseguir me ver como uma profissional de verdade” (Arquitetura\_D)

“Meus familiares me enxergam como uma pessoa confusa e indecisa, por ter outra

formação e não saber bem pra que lado seguir, em que área do conhecimento se firmar: na Arquitetura ou nas Letras - Alemão e Literatura. Eu penso em conciliar as duas áreas, lógico, mas acho que eles acham que, de alguma forma, estou 'jogando fora' a minha formação anterior" (Alemão\_A).

"Dou o máximo de mim, apesar de que muitas vezes não parece suficiente" (Arquitetura\_C).

"Estou realizando um sonho pessoal e de meus pais, pois sempre queriam que eu tivesse como ser independente e tivesse uma ocupação prazerosa. Trata-se de uma mudança bastante significativa, visto que saí de uma cidade pequena e que, na minha família, serei a primeira a ter graduação. Isso traz muito orgulho para a minha família, que é toda de uma cidade do interior, sempre trabalhando como empregados assalariados ou donas de casa" (Arquitetura\_A).

Assim, o impacto dessas interferências familiares na vida dos estudantes é considerável. Neste grupo, os pais parecem se sentir mais autorizados a intervir na educação dos filhos, inclusive com cobranças maiores pelo retorno da graduação e pelo investimento nela realizado.

Retornando ao grupo das classes populares, ainda, sobre a relação dos familiares com os estudos universitários, 3 dos 5 citam que possuíam referência na família de alguém que já havia feito o mesmo curso<sup>65</sup>, no entanto, em razão do contato não ser muito próximo – com exceção de BIBLIO-2 –, não houve influência decisiva destes outros familiares em sua graduação<sup>66</sup>.

---

<sup>65</sup> No mesmo curso, DIR-1 teve um tio e uma prima; BIBLIO-2 teve uma tia; e ARQUITET-1 não soube especificar, apenas dizer que alguém já havia cursado, mas era distante.

<sup>66</sup> No outro grupo de formandos, 6 afirmaram que algum familiar já havia feito ou está fazendo o mesmo curso em que se graduam agora (Medicina\_A, Medicina\_B, Medicina\_C, MED-2, Direito\_A, Direito\_B).

Entre o momento de entrada na Universidade e o momento de formatura, alguns puderam confirmar a predileção pela faculdade eleita:

“Ao ingressar no curso ainda não tinha muita certeza se seguiria carreira nessa área. Ao longo do curso, descobri que realmente gosto do Direito. Pretendo advogar e especializar-me” (DIR-1).

“No início, as expectativas eram boas, pois o *currículum* possui disciplinas com as quais me identificava. Com o decorrer do curso me interessei ainda mais ao descobrir o quanto a área da Biblioteconomia é abrangente” (BIBLIO-2).

Outro aluno confessa ter se decepcionado um pouco, pois, segundo ele, “A impressão que eu tinha no começo era de que eu teria um estudo acadêmico, mas que também preparasse para o mercado de trabalho! E ter mais disciplinas práticas, não somente teóricas... O currículo do curso também desagradou bastante” (ARQUITET-1).

Por sua vez, houve quem dissesse que as expectativas desde o início da faculdade não mudaram, ainda que se desanimasse com a maioria dos colegas que veio a conhecer:

“Por incrível que pareça minhas expectativas ainda são as mesmas. Entrei com aquela ideia utópica de ser alguém que pudesse, como médica, mudar o mundo. Ainda penso assim, claro que não em uma visão tão ampla, mas ainda quero me formar essa menina utópica que acredita em um mundo melhor e fazer a minha parte, dentro das minhas possibilidades, cuidando da saúde das pessoas. Por vezes me frustrei dentro do curso por achar que essas expectativas não eram compartilhadas por mais ninguém, mas dou graças por ter amigos (e namorado) que pensem como eu e estejam dispostos a trabalhar por um futuro melhor” (MED-1).

Sobre as dificuldades que enfrentaram no curso, os formandos buscaram o auxílio de professores e de outros colegas, isto é, pessoas com quem compartilham o mesmo ambiente acadêmico:

“Nas dificuldades sempre recorri aos professores e colegas de fases mais avançadas para me informar. Temos a vantagem hoje na medicina de ter coordenadores do curso que são acessíveis para que possamos debater nossas dúvidas” (MED-1).

“Ao perceber dificuldades, procurei e fui auxiliada pelos monitores” (BIBLIO-2).

Já no grupo dos 16 formandos de outras classes, as dificuldades eventualmente advindas na graduação costumaram ser sanadas diretamente com professores, além de compartilharem-nas com amigos e familiares. Nota-se, portanto, uma abertura maior do meio de origem para acolher essas dificuldades e amparar os estudantes. Alguns também aludem que se sentiram confiantes para resolverem sozinhos os problemas: “Fui, em 100% das vezes, um autodidata” (Direito\_A) e “Tenho sido meio autodidata em meio às dificuldades” (Arquitetura\_C).

Por sua vez, no grupo das classes populares, ainda relataram dificuldades com os trâmites oficiais da Universidade, como afirma ARQUITET-1: “Dificuldade é em validar estágio obrigatório, tamanha a burocracia exigida!”.

Para ter um bom desempenho no Ensino Superior, os formandos declaram que é preciso haver muita dedicação, e não apenas no tempo em que estão em sala de aula. DIR-1 defende que a formatura só se concretiza com “Dedicação, comprometimento, responsabilidade e perseverança”. MED-1 acrescenta “motivação e entusiasmo, engajamento e caráter”. E, ainda, BIBLIO-2 complementa com a necessidade do “interesse do aluno, mas para isso necessita de bons professores, apoio familiar, persistência, curiosidade. É fundamental que o aluno goste de estudar”. Isto é, os alunos das classes populares são particularmente exigentes com o seu bom desempenho, por isso são rigorosos consigo e estão sempre vigilantes com seu



rendimento. De certo modo, não querem deixar dúvidas de que são merecedores de seu lugar na Universidade. Os Índices Acadêmicos Acumulados (IAA – nomenclatura para a média geral das notas em todas as disciplinas cursadas) revelam percursos de alta performance:

- ✓ MED-1: 8,61
- ✓ ARQUITET-1: 7,95
- ✓ DIR-1: 9,41
- ✓ BIBLIO-1: 8,00
- ✓ BIBLIO-2: 8,83

A partir desses índices, os alunos asseveram que, durante a faculdade, seu desempenho foi “bom” (ARQUITET-1), “muito bom” (DIR-1 e MED-1), “acima da média” (BIBLIO-2) e, no mínimo, “razoável” no caso de BIBLIO-1. Por trás das falas, o êxito na faculdade é muito creditado ao próprio esforço individual de cada um deles. A dedicação que esses formandos exprimem, sem dúvidas, é o grande fio condutor de suas trajetórias.

No caso dos demais 16 entrevistados, além de ressaltarem a relevância de seu próprio mérito (com esforço, interesse, disciplina e responsabilidade), identificam uma conjunção de fatores a influir no bom desempenho na Universidade, como: dedicação e qualificação dos professores, estrutura universitária com condições físicas adequadas, material adequado ao curso e local próprio para estudos – ou, como bem disse Matemática\_B: “Condições materiais para o aluno poder reproduzir sua vida e poder dedicar-se aos estudos e, ainda, afinidade com o curso”.

Na hipótese dos formandos de classes populares, o fato é que eles, na maioria das vezes, tiveram de empreender estratégias por si mesmos para seguirem com seus percursos escolares. A ênfase de seu discurso é no esforço pessoal, o que não se verifica por acaso, visto que

parecem ter interiorizado, precocemente – por razões de singular economia socioafetiva que a análise sociológica das relações de interdependência tenta reconstruir – o “sucesso” escolar como uma *necessidade interna, pessoal*, um motor interior. Assim, eles têm menos necessidade de solicitações

e de advertências externas do que os outros, e até parecem, às vezes, mais mobilizados do que os pais (LAHIRE, 1997, p. 285).

A autodeterminação é característica presente em todos eles, até porque tiveram de assimilar, com maior ou menor custo, a cultura vigente na escola e, posteriormente, na Universidade. A sua adesão às normas e valores preconizados pelo Ensino Superior foi indispensável para que chegassem à conclusão do curso. Muitas vezes, a distância entre as lógicas de socialização familiar e escolar somente foi superada em virtude da perseverança destes alunos, ainda mais em nível universitário, em que se nota uma ruptura maior com os costumes do meio de origem. Segundo Viana (2000, p. 52), “essas trajetórias supõem um *querer* e uma *autodeterminação* imbatíveis, condição *sine qua non* de produção de sobrevida escolar em meios populares”.

Assim, é perceptível que a mobilização individual faça a diferença na determinação desses trajetos: os alunos desenvolvem um *habitus* resistente às desvantagens sociais que lhes prejudicariam ou mesmo impediriam a formação universitária, recorrendo ou não a ajuda de terceiros, conforme o grau de suas demandas. Isto se relaciona ao fato de que

Forçados a um projeto profissional mais realista, os estudantes originários das classes baixas nunca podem abandonar-se completamente ao diletantismo ou prender-se aos prestígios ocasionais de estudos que, para eles, permanecem antes de tudo uma oportunidade que deve ser apreendida, de se elevar na hierarquia social (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 85).

Por mais que reconheçam sua mobilização, os alunos das classes populares apresentam um “sentido do seu lugar”, que os leva a desenvolver, de certo modo, a estratégia de construção de um futuro conformado às suas possibilidades objetivas. Eles estimam “até onde podem chegar”, ou seja, tendem a colocar um limite em seus objetivos de vida.

Na rotina semanal dos alunos em função da faculdade, mais uma vez, depreende-se um pouco mais das cobranças que se impõem ante a realidade dos cursos em que estão inseridos,

os quais, como já apresentado, possuem características bastante peculiares:

“Como estou na 9ª fase (internato) minha rotina mudou um pouco, já que teoricamente terminou-se a parte teórica do curso. No momento estou na Pediatria no HU, então começo as 8:00 e termino às 16:00 e faço plantões das 16:00 à 00:00 nos dias de semana e das 8:00-16:00 ou 16:00-00:00 nos finais de semana. Minha rotina é ir ao HU todo dia, o que não mudou muito das outras fases, e a noite estudar o que foi visto no dia. Esse estudo é sem cobrança de outrem, é mais por cobrança própria de buscar conhecimento para poder aplicar no dia-a-dia, o que funciona bem mais porque você aprende” (MED-1).

“Hoje tenho aulas nas manhãs de segunda a quarta e estágio no Escritório Modelo de Assistência Jurídica às segundas de tarde. Estagio em um escritório de advocacia à tarde. No meu tempo livre, assisto televisão, leio sobre informativos jurisprudenciais e estudo na área em que estou estagiando. Já defendi o TCC na 8ª fase e já passei na OAB no início de 2014” (DIR-1).

“Tenho aula em quase todas as manhãs e, durante os períodos vagos, faço estágio, isso desde a primeira fase” (ARQUITET-1).

“No momento cumpro a carga horária do estágio obrigatório 20h e sou monitora 12h. Esporadicamente temos aulas teóricas, pois as disciplinas já foram em maioria concluídas” (BIBLIO-2).

A partir das falas citadas, os trechos sublinhados dão conta da rotina rigorosa a que se submetem estes estudantes: estudam mais e se dedicam a assuntos extras por interesse próprio; antecipam a defesa do trabalho de final de curso; adiantam-se em conseguir estágios desde os semestres iniciais e em passar

nos exames preparatórios para o exercício da carreira futura; e, buscam por atividades complementares para enriquecer a formação acadêmica.

A despeito das diferentes exigências em cada curso, à exceção de BIBLIO-1, que afirmou não gostar do curso, os outros sintetizam trajetórias de muito empenho individual. Mesmo esta formanda de Biblioteconomia que está insatisfeita, diz que foi até o final do curso com os pais “dando apoio para não desistir”, apesar da desmotivação.

O percurso dos entrevistados não se deu da mesma forma em seus respectivos cursos. Dentre os alunos, apenas ARQUITET-1 parou de estudar por alguns semestres (do 5º ao 10º). Assim, ele justifica o trancamento:

“O engessamento dos professores e o fechamento para novas idéias batem de frente com os alunos e não nos deixam buscar algo diferente ao que eles estão acostumados desde quando entraram na Universidade, nas décadas de 70, 80. A pressão pela entrega de trabalhos também é um ponto contra do curso, disciplinas isoladas que não se conectam, possibilitando menos trabalhos, porém com mais qualidade e interligados” (ARQUITET-1).

ARQUITET-1 também reprovou em disciplina do 8º semestre e BIBLIO-1 em matéria da 4ª fase. Durante a graduação, ARQUITET-1 admite que pensou em trocar de curso, “Pelos motivos citados [*acima*] e por não me ver mais trabalhando com Arquitetura”. BIBLIO-1 também pensou em mudar de curso, “pois, por não gostar, fazia com que eu ficasse desinteressada nos assuntos”. Até o formando DIR-1 chegou a cogitar a ideia da troca de curso, porque “Na 2ª fase, as disciplinas pareciam muito teóricas, distantes da noção de Direito que tinha. Com o início dos estudos ‘propriamente jurídicos’, esse pensamento se afastou”.

Esses 3 formandos também não se mostram muito satisfeitos com a formação acadêmica recebida. BIBLIO-1 por não gostar da graduação, ARQUITET-1 por achar principalmente professores e suas metodologias de ensino inadequadas e DIR-1 porque o currículo “proporciona uma visão muito básica do

Direito”. Neste aspecto, MED-1 também revela um pouco de insatisfação, porque

“Na medicina temos muitos médicos que se dizem professores, mas não o são. Dessa forma o ensino fica prejudicado. Além disso, faltam professores, principalmente para aulas práticas. Já participei de aulas práticas à beira do leito com mais de 11 alunos, o professor em um quarto com 4 pacientes, onde apenas 1 era o que contribuía para a aula. Isso não é produtivo para nós como alunos e é um transtorno para os pacientes. Muitos assuntos importantes foram deixados de lado pelo fato de aquele professor em particular não achar importante e/ou não querer falar sobre isso. Quando entramos no internato sentimos falta dessas aulas não dadas, ou mal dadas, e temos que nos virar sozinhos” (MED-1).

Esse sentimento de insatisfação, tal como o grifado na resposta acima, talvez possa ser entendido num contexto em que a Universidade busca oferecer diplomas com um valor utilitário aos alunos. Um diploma que contenha, especialmente, oportunidades de emprego a que os agentes possam almejar, que possam vir a cumprir uma função social produtiva. Logicamente que a dimensão cultural do diploma também não pode ser ignorada. Mas o que se quer dizer é que alguns diplomas terão grande utilidade, enquanto outros a terão de forma bem mais restrita. Nas palavras de Dubet (2004, p. 548),

Evidentemente, seria uma ilusão imaginar que todos os diplomas têm a mesma utilidade, mas é escandaloso observar que certos diplomas não têm quase nenhuma utilidade, especialmente os que provêm de cursos de formação geral mais fraca, que não oferecem uma profissão, nem um nível de qualificação capaz de fazer diferença no mercado de trabalho. Com muita frequência, esses cursos “vendem” algum tipo de ilusão e certos trabalhos sociológicos já mostraram que estudantes que os frequentam

descobrem tardiamente e com muita amargura que caíram numa “cilada”.

Seria esta a impressão da aluna BIBLIO-1<sup>67</sup>? E os outros 3 alunos teriam percebido que tão-somente a formação “prometida” na Universidade não dá conta de garantir a utilidade plena de seus diplomas? E os demais estudantes dos cursos de “formação geral mais fraca” notam que, a despeito do seu desejo de ascensão profissional, o diploma de graduação que irão adquirir tem pouco prestígio social? E que muitas vezes sequer ajudarão a progredir no trabalho desempenhado durante a faculdade<sup>68</sup>?

O aluno DIR-1 expressa que nunca faria cursos como Filosofia, História e Biblioteconomia, pois tem “dificuldade em ver sua utilidade e possibilidade de empregos nessa área, que não seja de professor”. ARQUITET-1 também tece comentário em sentido parecido: diz que jamais cursaria as áreas da licenciatura como Matemática, Química, Física e Letras, em virtude de “empregos escassos e remuneração baixa”.

De certo modo, todos desmistificaram, ao longo do Ensino Superior, que o mero acesso a uma graduação lhes garantiria, por si só, mudanças em suas posições sociais. ARQUITET-1 já reconhece que um futuro arquiteto deve estar comprometido com

---

<sup>67</sup> Biblioteconomia\_A entende que os alunos de Biblioteconomia “de um modo geral, ainda estão bastante perdidos. Apesar de que boa parte seja mais madura e que tenha optado por um curso noturno em razão da necessidade de trabalhar para sobreviver, o que já torna o perfil diferente da maioria dos alunos diurnos da UFSC. Mas acho que falta base cultural, falta interesse político, falta educação”.

<sup>68</sup> Italiano\_A traz uma percepção importante sobre o aluno de Letras: “Observo que os alunos, no geral, de meu curso seguem o seguinte perfil (embora não me enquadre no mesmo): é um curso muito frequentado por pessoas mais velhas que, geralmente por questão de descendência italiana o escolhem, e que no futuro não pretendem trabalhar na área, algumas dessas pessoas são muito comprometidas com o curso, mas outras parecem levar de ‘qualquer jeito’ já que não pretendem trabalhar; alunos deste perfil geralmente não realizam estágios e devido a esse ‘descomprometimento’ acabam se tornando aqueles colegas que atrapalham as aulas”. E Alemão\_A complementa: “Considerando que não são muitos alunos que terminam o curso, os que assim o fazem é porque realizaram-no com muita dedicação e desejam seguir nesta área de trabalho”.

o trabalho e “para isso, o estágio é muito importante, pois a faculdade não prepara para trabalhar, somente para ser professor”. Ou seja, é preciso muita autodeterminação para atravessar os semestres e, mais do que isso, os estudantes devem, por si mesmos, tentar suprir as lacunas da formação a partir de outras alternativas que não o ensino acadêmico estrito.

Quando solicitados a avaliar alguns aspectos da formação acadêmica como infraestrutura universitária, corpo docente, grade curricular do curso e perfil da profissão, os jovens apresentaram as seguintes respostas:

### Quadro 22 - Respostas de avaliação da UFSC

Critério	Insuficiente / Inadequado / Ruim	Regular	Bom	Excelente / Adequado
Conhecimento dos professores quanto ao conteúdo das aulas		ARQUITET-1	MED-1 DIR-1 BIBLIO-1	BIBLIO-2
Conhecimento dos professores quanto à didática para transmitir os conteúdos	ARQUITET-1	MED-1 DIR-1 BIBLIO-1		BIBLIO-2
Dedicação dos professores para preparar aulas	ARQUITET-1	MED-1 BIBLIO-1	DIR-1	BIBLIO-2
Dedicação dos professores para atender os estudantes	ARQUITET-1	DIR-1 BIBLIO-1	MED-1	BIBLIO-2
Localização do curso no campus central da UFSC	BIBLIO-1		DIR-1	MED-1 ARQUITET-1 BIBLIO-2
Segurança no campus central da UFSC	MED-1 BIBLIO-1	ARQUITET-1 DIR-1 BIBLIO-2		
Condições das salas de aula	DIR-1	BIBLIO-1	MED-1 ARQUITET-1 BIBLIO-2	
Dedicação dos servidores administrativos do seu curso no atendimento dos alunos	BIBLIO-1		MED-1 DIR-1 BIBLIO-2	ARQUITET-1
Carga horária do seu curso	ARQUITET-1	MED-1	DIR-1 BIBLIO-1	BIBLIO-2
Horário do curso	ARQUITET-1	BIBLIO-1	MED-1	DIR-1 BIBLIO-2
Qualidade das disciplinas optativas oferecidas		DIR-1	MED-1 ARQUITET-1 BIBLIO-1	BIBLIO-2
Quantidade das disciplinas optativas oferecidas	ARQUITET-1	MED-1	BIBLIO-1	DIR-1 BIBLIO-2

Processos de avaliação (controle de frequência, provas, trabalhos individuais e em grupo etc)	ARQUITET-1	MED-1 DIR-1	BIBLIO-1	BIBLIO-2
Estágio obrigatório, caso o seu curso possua	ARQUITET-1	DIR-1	BIBLIO-1	MED-1 BIBLIO-2
Relacionamento com os colegas da faculdade			DIR-1 BIBLIO-1	MED-1 ARQUITET-1 BIBLIO-2
Reconhecimento social da profissão	BIBLIO-1	ARQUITET-1	DIR-1	MED-1 BIBLIO-2
Retorno financeiro da profissão	ARQUITET-1 BIBLIO-1	DIR-1		MED-1 BIBLIO-2
Oportunidades de emprego	ARQUITET-1 BIBLIO-1	DIR-1		MED-1 BIBLIO-2
Competência profissional adquirida na Universidade	ARQUITET-1	DIR-1 BIBLIO-1		MED-1 BIBLIO-2

Fonte: base de dados da tese

\* *Células em destaque cinza concentram maior frequência de respostas.*

É difícil estabelecer uma comparação entre as respostas subjetivas dos formandos, especialmente porque focalizam a realidade universitária a partir do viés do seu próprio curso, todavia, ao se enquadrarem as respostas na tabela, pode-se perceber quais as valorações mais referidas. Quanto ao corpo docente, as avaliações se situam especialmente entre “regular” e “bom”. Acerca da infraestrutura da UFSC e do pessoal administrativo, a avaliação que predomina é “bom”. Quanto ao curso especificamente, as avaliações se concentram de “bom” a “excelente”. E a respeito das condições da profissão, as respostas são bem divergentes, chegando a se polarizarem em “ruim/regular” e em “excelente”.

Este último aspecto é bem retomado pelos alunos MED-1 e DIR-1, quando explicam a respeito do perfil do aluno que se forma em seu curso:

“[\* *Sobre comprometimento*<sup>69</sup>.] Total. Aqui não desmereço os demais cursos, mas acho que a pessoa que se dispõe a ser médico deve ter em mente que vai lidar com outras pessoas e, de certa forma, será importante na vida delas. De nada adianta você querer

<sup>69</sup> Entre colchetes, constam os tópicos citados nas respostas dos alunos, para fins de melhor compreensão na leitura.



ser médico e não gostar de trabalhar com pessoas, a medicina é fácil, o difícil é criar laços, manter uma relação médico-paciente eficaz para que a consulta seja uma promoção de saúde e não apenas um tratamento de doenças.

[\* *Sobre dedicação aos estudos:*] Importantíssima! É fundamental manter-se atualizado, até porque muitos protocolos mudam em pouco tempo e é de nossa responsabilidade estar atualizado para oferecer a melhor evidência existente para cuidar da saúde daquela pessoa. A dedicação aos estudos é algo que ultrapassa a boa nota e o bom Índice de Aproveitamento, faz com que você seja um profissional qualificado para a profissão que escolheu, e a medicina exige que você seja bem informado.

[\* *Sobre a formação básica:*] Aqui não convém falar de ensino básico, até porque a base é necessária para que você acompanhe o curso. A formação pré-universitária que eu gostaria de frisar aqui é a moral. Nem todo estudante de medicina é comprometido e está apto a profissão. É necessário um caráter íntegro e uma boa conduta moral, sem preconceitos e com um bom entendimento que a sua liberdade tem um limite.

[\* *Sobre engajamento político:*] São poucos os que, dentro da medicina, são engajados politicamente. O que mais eu vejo são pessoas com mentes e ideias prontas formadas pela mídia e, o mais triste, o 'umbiguismo'. O pensamento na coletividade acaba sendo apenas quando você faz parte do coletivo, caso contrário é muito mais interessante o que beneficia você. Não compactuo com essa ideia e sou totalmente avessa a esse tipo de 'engajamento político', assim como meus amigos mais próximos. Por essas e outras, o convívio dentro da medicina é difícil porque o umbiguismo é praticado com frequência e sem o menor

questionamento e, quando questionado, se é compreendido.

[\* *Sobre motivação.*] É comum as pessoas dentro da medicina serem motivadas pelas boas notas e pelo futuro salário. Chega a ser desconfortável essa situação, pois o meu perfil de motivação dentro da medicina ainda é ter saúde, mas não a saúde em conceitos gerais. Independentemente de qualquer coisa, a motivação para se cursar medicina deveria ser o bem-estar das pessoas, a felicidade das pessoas, a saúde das pessoas. Não desmereço o salário, mas ele não é tudo. Não entrei na medicina por isso e, como aluna da 9ª fase (internato) descobri que posso fazer vários plantões seguidos, estar cansada, mas se eu conseguir fazer a diferença na vida de alguém, arrancar um sorriso daquela criança doente e me emocionar com um parto, etc., eu tenho tudo o que busquei dentro da medicina: realização.

[\* *Sobre estágios.*] Apesar de toda carga horária teórica a medicina é aprendida e fixada com a prática. Os estágios nos possibilitam uma carga horária prática extra, que sim, faz toda a diferença no aprendizado. São poucos os que não fazem estágios extracurriculares ao longo do curso porque é inquestionável a importância da prática dentro do curso.

[\* *Sobre hábitos em geral.*] O mais tragicômico dentro da medicina é que, como profissionais que prezam pela saúde de outrem, somos os que menos se preocupam com a própria saúde. E não é por falta de vontade de se cuidar, fazer uma atividade física e ter uma alimentação saudável, é por falta de tempo. O curso em si suga nossas energias, tira nossas noites de sono e nossa vida social.

[\* *Sobre assiduidade às aulas.*] Não sou a favor de que a presença nas aulas seja extremamente necessária até porque, dependendo da aula e do professor, aquele

tempo se perde, podendo ter sido muito melhor aproveitado se tivesse ido à biblioteca e lido sobre o assunto. Mas na medicina a presença nas aulas é obrigatória, portanto acaba que a assiduidade chega a quase 90% no semestre” (MED-1)<sup>70</sup>.

“Vejo que tal perfil [*do profissional do Direito*] é muito variado. Se fosse para definir um perfil genérico, diria que vejo o pessoal comprometido já com assuntos na área profissional, não se preocupando tanto com o meio acadêmico. A formação anterior à UFSC é muitas vezes desconhecida por parte dos demais estudantes. As orientações políticas são fortes e evidentes desde o início do curso. Orientações religiosas não se acentuam tanto. A maior parte dos alunos já estagia ou estagiou e parece haver a necessidade de sair da Universidade já adentrando no mercado de trabalho – principalmente, por meio de estágio e posterior efetivação e contratação. Muitos também pensam em fazer concursos públicos. A assiduidade e pontualidade às aulas, em geral, restringem-se a ‘pegar a chamada’, estando muitos alunos apenas ‘fisicamente presentes’ nas aulas” (DIR-1).

Não há como desconsiderar o quanto os alunos relacionam a formação no Ensino Superior com a sua imediata aplicação ao mundo do trabalho. Afinal, o rito de passagem pela Universidade não só lhes proporciona um diploma como certificação técnica, mas, sobretudo, uma consagração simbólica de distinção, que os questiona sobre sua posição social, agora a partir da condição de

---

<sup>70</sup> Em complementação, a visão de Medicina\_B acerca do perfil do estudante de seu curso é a seguinte: “Um aluno dedicado, com muitas horas extras de estudos, que durante a formação básica era um aluno destaque, nem sempre com engajamento político. Realiza muitos estágios durante o curso, nenhum deles remunerado, mas que tem importância para o currículo a fim de conseguir uma vaga na residência médica”.

graduado. Quando falam de seu curso, acabam por revelar quem pretendem vir a ser assim que estiverem graduados:

“[Ser *biblioteconomista* é] ser um profissional especializado na área da ciência da informação” (BIBLIO-1).

“Ser bibliotecária é atender as necessidades do usuário, porém, deve-se encantá-lo no sentido de superar suas expectativas, a fim de fidelizar e captar potenciais usuários” (BIBLIO-2).

“A figura do profissional do Direito, pessoalmente, relaciona-se muito a do advogado, profissional com o qual tive mais contato ao longo do curso (professores, estágio...) e carreira na qual pretendo seguir. Em minha opinião, ser advogado não é apenas uma profissão. É um meio de vida. Influencia nas relações com amigos e familiares, no período de descanso” (DIR-1).

“[Ser *arquiteto* é] ter um papel importante para a sociedade e não pode estar desvinculado e isolado uns dos outros” (ARQUITET-1).

“Ser médico é fascinante. É poder ser alguém que pode fazer tudo dentro dos limites da medicina restaurativa e paliativa para qualquer pessoa, tratar ou controlar as enfermidades, dar conforto para familiares, promover saúde, sem julgamentos, sem preconceitos, simplesmente por amor à vida do próximo” (MED-1).

Enfim, são muitas as expectativas dos formandos. Afinal, a obtenção do diploma ao fim do curso representa, por si, um fato simbólico, um rito, que, como tal, tem uma eficácia própria. Por mais que já tenham vivenciado alguma experiência no mercado de trabalho, os alunos nutrem expectativas pela condição de formado e se perguntam: “o que farei realmente a partir deste grau recebido”?

### **Mercado de trabalho**

Nas famílias de classes populares, é comum se notar a grande importância que se dá ao trabalho<sup>71</sup> desde cedo para os jovens. Em primeiro lugar, porque a contrapartida financeira é relevante para o sustento da família. Contudo, não apenas a questão econômica é determinante para o ingresso no mercado de trabalho. Há outros motivos a se considerar:

Nesta faixa de idade, os fatores individuais, como querer ter seu próprio dinheiro, ser mais livre, ter ocupação ou qualificação se somam aos culturais, como a crença de que filho de pobre tem que trabalhar ou que o trabalho é disciplinador, e aos fatores econômicos, como a necessidade de ajudar no orçamento familiar. É comum o próprio adolescente tomar a iniciativa de trabalhar, no que é incentivado pela família (RIZZINI, 2004, p. 387).

Quer dizer, ao mesmo tempo em que alguns podem viver sua juventude, porque amparados pela família, continuam a estudar e podem ingressar mais tranquilamente e mais tardiamente no mercado de trabalho; outros tantos jovens sobrevivem precariamente, sem acesso ou com acesso limitado aos estudos e incorporados desde muito cedo ao mundo do trabalho, em especial, em subempregos, empregos informais e empregos formais cuja exigência de qualificação seja mínima ou mesmo nenhuma. Esta última realidade é o retrato típico da juventude popular e é claro que as condições de viver desta juventude não são as mesmas que as da primeira.

---

<sup>71</sup> A noção de trabalho é utilizada na perspectiva de Alves e Antunes (2004, p. 342): “para se compreender a nova forma de ser do trabalho, a classe trabalhadora hoje, é preciso partir de uma concepção ampliada de trabalho. Ela compreende a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho, não se restringindo aos trabalhadores manuais diretos, incorporando também a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo que vende sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário”.

Essas juventudes diferenciam-se e distanciam-se em suas formas de viver. É a adolescência popular que se atormenta com a inserção no mundo do trabalho como forma de superação de situações de exclusão social. Aliás,

Para os coletivos populares atolados na pobreza extrema massificada que avança e se acelera com o desemprego dos adultos, o trabalhar, o sobreviver, lutar pela vida, pela materialidade mais elementar do viver, é uma condição que dilui as fronteiras entre as gerações, entre os tempos do não-ser, da preparação para o ser gente, adulto (ARROYO, 2009, p. 05).

E como pensar a juventude significa pensar a própria sociedade, essas percepções merecem ser desnaturalizadas em face das informações coletadas com a pesquisa de campo desta tese.

Preliminarmente, é preciso diferenciar duas situações específicas no que concerne ao mundo do trabalho. A primeira situação delineada é a do jovem que ingressa no mercado de trabalho, a fim de garantir o seu sustento ou, ao menos, de melhor provê-lo. Neste caso, os empregos a que os jovens recorrem muitas vezes não exigem qualificação alguma ou demandam uma qualificação mínima (escolaridade de Ensino Fundamental ou Ensino Médio, por exemplo). A hipótese aqui é de que precisam trabalhar para sobreviver, por isso, pouco importa se a função atual venha ou não a ter alguma relação direta com a graduação que eventualmente cursem no futuro. A categoria para enquadrar este cenário já foi apresentada por Foracchi (1977) na década de 60, como de “trabalhador estudante”.

Por outro lado, situação diversa é aquela do jovem que incursiona no mundo do trabalho para fins de experimentá-lo. Ele deseja uma certa autonomia em relação à família e, ainda, formatar um currículo mais favorável para o mercado profissional. Ou seja, ele não depende do emprego em questão para o seu financiamento, por isso, há maior liberdade para escolher uma função que tenha interesse em desempenhar. A motivação, em geral, é adquirir experiência e, quando num curso de Ensino Superior, vir a complementar os conhecimentos acadêmicos.

Esta é a categoria definida por Foracchi como de “estudante trabalhador”. Neste quadro, encaixam-se os diversos tipos de estágios que os jovens desenvolvem e, também, a condição de bolsistas de pesquisa, monitores de disciplinas etc.

O fato é que cumular os estudos com trabalho não é indicadora, por si só, de uma condição menos privilegiada na formação universitária, tampouco se atribui apenas aos estudantes das classes populares. Ainda, como visto, não se relaciona exclusivamente à necessidade de sobrevivência, vez que também se associa ao ideal de independência em relação à família e à preocupação em ter experiências significativas no mercado de trabalho que venham somar aos currículos.

Feita esta diferenciação necessária, parte-se para as informações colhidas nas entrevistas dos formandos. A princípio, poderia se pensar que todos os entrevistados, em vista das modestas condições econômicas, estiveram desde cedo, antes mesmo dos 18 anos, desempenhando algum tipo de atividade remunerada. Porém, verifica-se que nenhum deles trabalhava. Apenas BIBLIO-2 referiu, quando adolescente, ajudar no comércio que a família possuía, porém, informalmente.

Antes de ingressar no Ensino Superior, apenas BIBLIO-2 também disse ter trabalhado, em função de atendimento ao público. Os demais adentraram na UFSC sem nenhum contato prévio com o mercado de trabalho, visto que se dedicavam integralmente aos estudos. E, quanto às 2 jovens cujas características aproximam-se daqueles das classes populares, observa-se que MED-2 já havia trabalhado antes dos 18 anos, como secretária, e a aluna EC-1 descreve que trabalhou antes dos 18 anos “em uma loja de informática e celulares no 1º ano do Ensino Médio”.

Isto significa que as famílias se esforçaram para que, até o término do Ensino Médio, o filho não precisasse trabalhar e pudesse se dedicar apenas aos estudos. Ademais, lembre-se que, em meio às classes populares, as famílias destes formandos compõem sua parcela menos desprivilegiada.

Uma vez matriculados no curso de graduação, poderia se pensar que os entrevistados tiveram de cumular os estudos com outros trabalhos, que lhes rendessem o próprio sustento ou mesmo que tivessem ainda de ajudar a família de origem – nos moldes conforme descrito na primeira opção de ingresso no mercado de trabalho (como “trabalhador estudante”). Contudo,

não é isso que se constatou. As famílias continuam dando o suporte econômico para os estudantes. Embora essa postura contradiga as necessidades econômicas, para a família, “a entrada no mundo do trabalho parece significar um desvio de rota quase irrecuperável, danoso, no futuro, quanto à esperança de se conseguir algo mais leve como ocupação” (PORTES, 2001, p. 254). E essa posição persiste ao longo da duração da faculdade e, não raro, causa conflitos intrafamiliares. Aqui se nota uma atuação simbólica da família muito significativa, pois sustentar o filho é sinônimo de apoio para que ele possa seguir adiante, para além de seus pais no seu projeto de vida, algo que se faz com dificuldade e persistência, amor e solidão, num esforço de proteção. Os pais acreditam que o filho conseguirá demonstrar sua capacidade de superação frente às adversidades e reconhecer todo esse seu empenho.

À exceção de MED-1 (e de MED-2) – que realizam estágio obrigatório (internato) –, os demais apenas realizaram estágios na área de formação, especialmente para complementarem os estudos universitários e não, para a subsistência, mesmo que houvesse remuneração. Aí resta evidente que a realização de estágios e de pesquisas na Universidade não representa, ainda, a entrada formal no mercado de trabalho, mas sim, apenas um preparo para esta etapa<sup>72</sup>. Ademais, a remuneração por essas experiências de estágio, mesmo que pequena, contribui para uma defesa da ética do “trabalho duro”, muito notada nos meios populares, como uma obrigação moral.

A aluna EC-1, que, durante a faculdade, ocupou-se apenas de monitorias e estágios, assim justificou tais atividades:

“As monitorias consistiam unicamente em auxílio aos demais graduandos. Permitiam um estudo extra, o que fixou determinados conteúdos. Os estágios foram mais importantes porque possibilitaram a realização de atividades reais do dia-a-dia de

---

<sup>72</sup> No outro grupo de entrevistados, com exceção de 1 aluno, os demais não trabalharam antes dos 18 anos. Por sua vez, 50% deles já haviam trabalhado antes de ingressar na UFSC, em geral, em empregos provisórios, como vendedor em loja por tempo determinado. Durante a graduação, a maioria dos alunos desempenhou atividade remunerada, que se enquadrava na categoria de estágio.



um engenheiro civil, aproximando o que foi aprendido em aula com a realidade da profissão” (EC-1).

Em suma, os alunos apontam que o recurso aos estágios se dá pela importância de se preparar para uma função futura quando formado (como “adquirir experiência” – BIBLIO-1) e, em parte, para complementar a subsistência, pois apenas a remuneração percebida não custearia seus gastos, sendo preciso requisitar o apoio financeiro da família. Na realidade, a subsistência a que se referem aqui os estagiários se dá mais no sentido de possuírem pequenos recursos próprios, para gastos pessoais, que não precisariam mais ficar a cargo dos pais. No grupo paralelo de entrevistados, Arquitetura\_B fez uma consideração relevante ao apontar que

“Todos os alunos possuem necessidade de fazer estágio por questões de exigência da grade curricular. 60% dos alunos estagiam, tanto em escritórios particulares quanto na própria Universidade, mas desconheço algum aluno que tenha necessidade financeira de estagiar” (Arquitetura\_B).

Para aprender a exercer o futuro trabalho, todos os formandos mencionaram ser fundamental, em primeiro lugar, “adquirir experiência com a própria prática profissional” e “trocar idéias com colegas no grupo de trabalho”. Depois, o exercício da profissão deveria vir acompanhado pela realização de “cursos de atualização” e pela leitura de “revistas e livros da área”.

Nesta análise, não se pode desconsiderar o perfil de cada curso, com níveis de exigência e cargas horárias diferenciadas, oportunizando, em maior ou menor medida, a dedicação aos estágios. A partir destes, os estudantes conseguem estimar tipos de empregos futuros, suas condições de exercício (local, infraestrutura etc.), remuneração, carga horária e contribuição direta da área acadêmica para a prática.

Há que se considerar, ainda, que na medida em que o curso se encaminha para a sua conclusão, mais próximos do mercado de trabalho os estudantes procuram estar. Dessa forma, sejam de classes populares ou não, há um acréscimo na porcentagem de estudantes que estão no mercado de trabalho,

mesmo que na condição de estagiário. Destarte, os alunos de classes populares aqui pesquisados, certamente, compõem a parcela mais “privilegiada” dentro deste espectro, visto que as condições econômicas são modestas, mas ainda assim lhes permitem um grau de disponibilidade quanto à continuidade dos estudos e a preponderância destes em relação ao trabalho como modo de sobrevivência.

Nesta tese, na fase de entrevistas, não se notou a presença de “trabalhadores estudantes” das classes populares, muitos dos quais exerceriam atividade remunerada na maior parte de seu dia (e de seus esforços), rivalizando com o período de estudos. Seria a primeira hipótese de ingresso no mundo do trabalho apontada anteriormente. Neste caso, a dedicação ao trabalho, muitas vezes, afastaria o estudante da participação de eventos acadêmicos, de grupos de pesquisa e mesmo de interação com sua própria turma, seja para realizar um trabalho em grupo, seja para confraternizar em momentos de lazer.

Porém, os formandos entrevistados estão focados eminentemente na conclusão do Ensino Superior para, então, acessarem o mercado de trabalho na condição de graduados. Ou seja, eles recorrem a segunda hipótese de entrada no mundo do trabalho enquanto ainda na faculdade. Na família, é importante que se veja que “isto implica não apenas a valorização do estudo, mas o franqueamento de condições para que, se não todos, pelos menos aqueles dos filhos que apresentem mais condições se dediquem integralmente aos estudos” (D’AVILA, 1998, p. 06).

Como dito, os formandos realizam apenas estágio de iniciação científica na Universidade ou estágio externo de meio período. Explicam que iniciaram o estágio mediante o envio de currículo (BIBLIO-1 e DIR-1), por indicação de conhecidos (ARQUITET-1) ou por seleção pública (BIBLIO-2). E, como estimam que suas cargas horárias são de 4h (DIR-1 e BIBLIO-2) ou de 6h (BIBLIO-1 e ARQUITET-1), conseguem destinar um tempo maior aos estudos, estar mais vinculados ao meio acadêmico em si e, diversas vezes, usufruir do próprio espaço de trabalho para poder estudar. Desta forma, também conseguem melhor assimilar a cultura acadêmica.

### Perspectivas futuras

Com a formatura muito próxima, todos os entrevistados já esboçam alguns planos para o período posterior à saída da Universidade. MED-1 e DIR-1 pretendem prosseguir com a formação acadêmica (residência e especialização, respectivamente), juntamente com a entrada no mercado de trabalho em sua área<sup>73</sup>. Já ARQUITET-1 antevê a possibilidade de progredir no atual trabalho após a formatura. BIBLIO-1 e BIBLIO-2 se planejam para realizar concursos públicos e, além disso, BIBLIO-1, que está insatisfeita com o curso, também quer tanto buscar outra formação acadêmica quanto encontrar um novo trabalho em área distinta da de formação.

MED-1 comenta a importância destas perspectivas para a sua vida:

“Começar a trabalhar na área em que me formei e conseguir ter um salário que supra as minhas despesas é importante, porque durante o curso dependi, e dependo, exclusivamente do salário do meu pai e fiz com que ele abdicasse de muitas coisas para me sustentar. Quero muito poder ganhar o meu dinheiro e conseguir retribuir isso, seja ajudando na formação dos meus irmãos ou ajudando os meus pais diretamente. Como gosto do ambiente acadêmico, pretendo progredir minha formação com Pós-Graduação, Mestrado, Doutorado, para poder, quem sabe, ser professora universitária um dia e passar um pouco do que aprendi para quem está começando” (MED-1).

A formanda EC-1 também ressalta o desejo de permanecer no ambiente acadêmico. Planeja dar continuidade à formação acadêmica atual, com o ingresso no Mestrado, antes de começar a trabalhar. Para ela, “O ingresso no Mestrado parece mais próximo da realidade, visto que o mercado de trabalho encontra-se em situação complicada. Essa opção seria

---

<sup>73</sup> MED-2 também tem esta pretensão e afirma: “meus pais não têm condição financeira de me manter por muito mais tempo. Preciso começar a trabalhar o quanto antes”.

uma saída pra conseguir independência financeira (com a bolsa de estudos) e continuar estudando, no aguardo de oportunidades melhores”.

Os formandos entrevistados do outro grupo basicamente dividem-se naqueles que pretendem prosseguir com a formação acadêmica atual (especializações) juntamente com a entrada no mercado de trabalho; e, naqueles que ainda buscam progredir tal formação antes de exercerem a profissão. Aliás, esta última opção parece uma perspectiva bastante realizável para grande parte deles, que ainda se sente desencorajada a procurar um emprego em sua área. Tais alunos ainda consideram uma alternativa plausível prolongar um pouco mais os estudos, já que não estão, propriamente, sendo impelidos a trabalhar por questão de sobrevivência e julgam carecer de qualificação ainda maior para estarem no mercado. Para as classes populares, as necessidades materiais contribuem mais para que busquem opções profissionais com a possibilidade de um retorno financeiro mais imediato.

Esta diferença quanto às perspectivas futuras entre as classes sociais é explicada por Bourdieu e Passeron (2014, p. 85):

A relação que os estudantes mantêm com seu futuro, isto é, com seus estudos, tem a ver diretamente com as chances objetivas que os indivíduos de sua classe têm de acesso ao Ensino Superior, os estudantes das classes altas podem se contentar com projetos vagos pois nunca tiveram que escolher verdadeiramente fazer o que fazem, coisa banal em seu meio e mesmo em sua família, enquanto os estudantes das classes baixas não podem deixar de se interrogar sobre o que fazem porque têm menos chances de esquecer que não poderiam fazê-lo.

Nas classes populares, todos os formandos reconhecem que a principal diferença que a passagem pelo Ensino Superior fará em suas vidas é torná-los portadores de um título

reconhecido<sup>74</sup>. Também, admitem a aquisição de cultura geral, de uma formação profissional e do reconhecimento familiar e social. ARQUITET-1 e BIBLIO-2 acreditam que terão melhores perspectivas de ganhos materiais. E, para MED-1 e BIBLIO-2, que já possuem família constituída, a formatura importa ter melhores condições de auxiliá-la, além de MED-1 pretender ajudar a família de origem.

Na visão dos formandos, as três coisas que consideram mais importantes num trabalho são: boas relações profissionais/pessoais; possibilidade de crescimento e aperfeiçoamento na carreira; e, desempenho de função que esteja de acordo com sua formação acadêmica. Em grau menor, também apontam para a relevância social do trabalho e para o salário. Paralelamente, no outro grupo de entrevistados, as respostas mais mencionadas também foram as três primeiras, acrescidas da importância ao salário.

BIBLIO-1 valoriza o fato de passar a “ser vista com ‘outros olhos’ perante o mercado de trabalho”. Ao que BIBLIO-2 complementa:

“Será um grande passo para a minha vida. Adquiri muitos conhecimentos e o mais importante foram as mudanças positivas, no sentido de se compreender capaz de realizar coisas grandiosas, antes consideradas praticamente impossíveis” (BIBLIO-2).

Embora nem todos se sintam devidamente preparados para enfrentar o mercado de trabalho como profissionais, o sentimento que possuem é de que devem passar pela fase inicial de “inexperiência de recém-formado” (BIBLIO-2), para que ganhem segurança e maturidade profissional com o tempo. A aluna EC-1 explica que essa falta de preparação sentida revela-se porque ainda prescindem de muitos conhecimentos práticos,

---

<sup>74</sup> No outro grupo de entrevistados, também há quem valorize o porte do título, sem olvidar as peculiaridades do curso em que se gradua: “Acredito que com um diploma de Ensino Superior é mais fácil e garantido conseguir um bom emprego no mercado de trabalho. Como escolhi uma profissão específica, fazer faculdade é de extrema importância para adquirir o conhecimento teórico e prático necessário” (Medicina\_C).

sobretudo porque, mesmo realizando estágios, estes não se fazem “suficientes para mostrar a realidade da profissão”. Esta impressão não é exclusiva do grupo de formandos das classes populares, visto que a maioria do outro grupo de entrevistados também demonstra não se sentir preparada para o exercício de sua profissão a partir dos estudos universitários.

A resposta de EC-1 aponta decepção quanto às perspectivas futuras:

“A expectativa era de que houvesse fartura de oportunidades de emprego, o que garantiria um futuro ‘dos sonhos’. Hoje, entretanto, vejo que o cenário está bastante complicado. Dos formados nos últimos anos, poucos foram contratados como engenheiros. Vejo que, pelo menos em Florianópolis, o mercado para engenheiro civil não está em conformidade com as propagandas vistas nas reportagens de televisão” (EC-1).

Na verdade, os estudantes começam a se dar conta de que o valor dos diplomas depende das relações entre sistema escolar e sistema econômico:

Recrutando os indivíduos em função de seu nível de formação, os empregadores se preocupariam menos com suas competências específicas do que com suas atitudes gerais. Assim, constata-se que raramente o emprego ocupado mobiliza verdadeiramente os conhecimentos e as competências adquiridas na escola (DUBET, 2008, p. 101).

Para melhor se qualificarem para o futuro trabalho, os alunos das classes populares afirmaram ter estudado além das exigências do curso (MED-1, BIBLIO-2); buscado oportunidades de trabalho durante o curso (BIBLIO-2, ARQUITET-1); pesquisado informações nos meios de comunicação (MED-1, ARQUITET-1); e, realizado formação complementar (MED-1).

De mais a mais, acreditam não estar sozinhos nesta empreitada. Perante a família, com a formatura, os alunos

prevêem o reconhecimento e a autonomia financeira que obterão:

“Minha família perceberá que sou forte, determinada e que poderei ajudá-los caso necessitem” (BIBLIO-2).

“[A *faculdade*] representará independência, tanto financeira como emocional. Com ela, eu cresci, deixei a adolescente para trás e me formei adulta, capaz de tomar as próprias decisões e apta a auxiliar a família sempre que necessário” (MED-1).

“[A *faculdade*] será motivo de muito orgulho perante meus familiares” (EC-1).

“A diferença que a faculdade fará é que poderei ajudá-los e eles não terão mais gastos comigo” (MED-2).

“Autonomia econômica” (ARQUITET-1).

“Possuir um nível superior” (BIBLIO-1).

O único que não esboça sentir diferença relevante neste sentido é DIR-1, muito embora, em outros momentos da entrevista, tenha expressado a aprovação da família.

Apenas para fazer um paralelo, no outro grupo de entrevistados, dos alunos não pertencentes às classes populares, importa destacar que a autonomia financeira também é considerada fator indispensável ao êxito na profissão escolhida:

“A diferença que a faculdade fará é dar a chance de me sustentar sozinho” (Matemática\_A).

“Um bom futuro é conseguir me manter interessada pelo que faço, seja lá o que vier a fazer, e conciliar os interesses todos, além de conseguir me manter financeiramente” (Alemão\_A).

“No futuro, pretendo trabalhar com satisfação e ter uma remuneração que atenda minhas necessidades” (Biblioteconomia\_A).

“Quero ter uma condição um pouco melhor que meus pais e poder ajudá-los também. Um bom futuro é ter independência financeira, conforto e tempo para me dedicar à minha família” (Medicina\_A).

“A formação em Medicina é o meu principal objetivo, mas também é claro que essa carreira me proporciona uma oportunidade de retribuir a minha família tudo que foi investido. Essa faculdade vai deixar meus pais mais tranquilos financeiramente. No futuro, vou exercer a profissão com reconhecimento, estar financeiramente bem, com uma família” (Medicina\_B).

“Em meu curso, desconheço qualquer pessoa recém-formada que recebe o piso salarial da categoria ou tem carteira de trabalho assinada. Já sei que é uma profissão pouco reconhecida, que tem muito trabalho e não tem uma média salarial alta. Tenho perspectiva de fazer mestrado, continuar trabalhando como autônoma e fazer concursos públicos. [Quero] conseguir independência financeira feliz com meu trabalho. Posteriormente, desejo constituir família” (Arquitetura\_D).

“Quero começar a trabalhar na minha área profissional, conseguir ter uma vida tranquila financeiramente, podendo viver confortavelmente e viajar de vez em quando” (Arquitetura\_A).

“Serei a primeira filha a se graduar. Minha família ficará muito feliz. Estar formada irá me trazer maior independência financeira, o que irá me ajudar e ajudar minha família também” (Direito\_B).



“Bom futuro é aquele em que minha felicidade seja prioritária e mantida e onde a questão financeira seja controlada e estável” (Direito\_A).

Isto é, no grupo dos demais entrevistados, o retorno financeiro da profissão escolhida é muito mais aguardado do que no primeiro grupo. Talvez se possa relacionar esta expectativa com a própria condição de classe da família: a maioria destes entrevistados é de classe média e os pais apostaram alto e estrategicamente em sua longevidade escolar. O reconhecimento social também aparece como consequência de bons ganhos materiais depois da formatura, como forma de endossar o investimento pregresso nos estudos.

Retornando aos formandos das classes populares, sobre propostas de emprego após a formatura, 2 dos alunos (DIR-1 e BIBLIO-2) adiantam que já possuem oportunidade de emprego concreta para esse período, um porque está em vias de ser efetivado no escritório em que estagia, como advogado, e o outro porque aguarda ser convocado a assumir vaga para que foi previamente selecionado.

Regra geral, os formandos acreditam que, uma vez graduados, devem continuar morando na Grande Florianópolis – com exceção de BIBLIO-2, que ainda tem dúvidas sobre a futura residência<sup>75</sup>. Como justificativa, falam que sempre moraram na cidade (BIBLIO-1), gostam da cidade (ARQUITET-1), “devido ao mercado de trabalho e à possibilidade de ingressar em um curso de especialização” (DIR-1) e para “continuar estudando e prestar provas de residência”, apesar de estar “aberta a outros lugares, principalmente oportunidades de emprego próximo à cidade dos pais” (MED-1).

Em síntese, a expectativa para o período após formatura é se realizar pelo trabalho na área de formação, esteja ele acompanhado ou não de futuros estudos de especialização, com a ressalva da aluna BIBLIO-1, que ambiciona “procurar outros rumos”. Neste particular, como em tantos outros trechos das

---

<sup>75</sup> MED-2 pretende retornar ao Paraná, pois estima o custo de vida muito alto em Florianópolis. EC-1 gostaria de continuar morando na Capital, haja vista sua boa adaptação, entretanto, dispõe-se também a se mudar se for necessário.

entrevistas, transparece o desejo dos formandos em retribuir todo o empenho da família por sua formação. Observe-se a fala de EC-1: “Espero que a situação melhore, conseguindo um bom emprego. Isso para que seja possível retribuir, de certa forma, o esforço despendido pela minha família ao longo da minha graduação”.

De forma geral, ressoa o desejo dos formandos – notadamente dos cursos mais concorridos – para que o diploma seja um instrumento para a melhoria da posição social. Também acreditam que a realização do curso tenha ampliado suas referências culturais, seus campos de atuação profissional e a possibilidade de retorno financeiro.

Após 5 anos da formatura, todos se vêem trabalhando em um bom emprego, o que consideram fundamental para seu futuro cumprir a atual qualificação de “promissor”. A estabilidade financeira também é apontada como essencial nesse futuro “ideal”. Na visão deles, um “bom futuro” agregaria:

“Trabalhar com o que gosta, ter uma boa companhia ao seu lado, formar uma família, ser realizado profissional e amorosamente” (MED-1).

“Fazendo o que mais gosto na minha profissão” (ARQUITET-1).

“Quero ser advogado e ver-me satisfeito com meus conhecimentos, seguro em minha atuação e com estabilidade financeira” (DIR-1).

“Família e estabilidade” (BIBLIO-1).

“Estar com minha família, todos saudáveis e com estabilidade financeira” (BIBLIO-2).

“Ter meus bens, poder ajudar meus pais, conseguir me realizar profissionalmente” (MED-2).

“Estar exercendo a profissão que escolhi, ao lado das pessoas que amo” (EC-1).

Com tais perspectivas, deduz-se a alta importância que creditam a sua profissão para que venham a se sentir realizados e financeiramente estáveis, na companhia de suas famílias. Os alunos possuem um otimismo considerável. Porém, conforme já advertido, o fato de simplesmente inserir-se no mercado de trabalho e “a conclusão do Ensino Superior não são garantias de mobilidade social positiva. Muitos indivíduos permanecem em desemprego ou mesmo ocupando vagas de exigências e remuneração inferior à sua qualificação profissional” (NEVES, 2013, p. 306).

### **Uma última síntese**

As trajetórias universitárias dos formandos das classes populares da UFSC permitiram que algumas constatações fossem formuladas sinteticamente:

- a) Os alunos tiveram bom desempenho escolar na Educação Básica;
- b) Os alunos recorreram frequentemente aos cursos pré-vestibulares privados antes do ingresso na Universidade;
- c) Os alunos possuem importante capital escolar no sentido estrito (proveniente da escola), pois são alunos superselecionados, que apresentam o sentido de “ofício de aluno” introjetado em si. Esse comportamento também é evidenciado na Universidade;
- d) Destaca-se um tipo particular de presença da família durante os estudos, sobretudo, em termos de apoio afetivo e custeio das necessidades básicas. Não há um modelo de atuação familiar orientado sistematicamente para empreender a trajetória acadêmica dos filhos. Na maioria das vezes, não há intervenção direta no processo pedagógico, mas acompanhamento e vigilância dos filhos, especialmente, para que persistam na obtenção do título escolar e para que a família com eles se solidarize nas dificuldades;
- e) As famílias de origem estão estruturadas em núcleos com poucos membros, especialmente, com número reduzido de filhos;
- f) As famílias se constituem na porção menos desprivilegiada das classes populares;
- g) Os alunos das classes populares tendem a se concentrar nos cursos de graduação menos prestigiosos e menos

- rentáveis; ao passo que nos cursos de alta seletividade e maior *status* ainda são exceções;
- h) Há uma responsabilização, em alto grau, por parte do aluno pelo seu destino escolar, o que demanda elevado investimento pessoal e autodeterminação;
  - i) Ausência da necessidade dos filhos trabalharem para sustentar a própria subsistência, vez que as famílias dão o suporte econômico durante a Educação Básica e o Ensino Superior;
  - j) Os alunos tendem a realizar estágios durante a faculdade, o que denota a preocupação quanto ao enriquecimento do currículo universitário, em detrimento da entrada no mercado de trabalho por necessidade econômica (em atividades não correlacionadas com a formação);
  - k) Os alunos priorizam o tempo “universitário”, academicamente organizado, em detrimento do tempo “extrauniversitário”;
  - l) Há a formação de um grupo de apoio para o aluno a partir das relações com outros universitários, o que viabiliza certo distanciamento do meio social de origem;
  - m) Os alunos experienciam o multipertencimento social entre o meio de origem e o campo universitário e se deparam com a oportunidade do “desenraizamento”. Contudo, também desenvolvem um sentido da sua posição, de seus limites;
  - n) Os alunos tendem a esconder/relativizar a origem popular da família, ou seja, dissimulam a real condição financeira desfavorável, de modo a evitar a submissão ou a necessidade de humilhação ao pedir ajuda a terceiros;
  - o) Após a adaptação na graduação, a condição de universitário confere certo “conforto” ao estudante, pois consideram que no campo acadêmico estão mais resguardados de certas desvantagens do que em seu meio de origem. Eles enxergam o “estar estudante” como uma proteção. À medida que a formatura se aproxima, sentem-se fragilizados com o desligamento da comunidade universitária – que os impele à assunção de responsabilidades da fase adulta e à necessidade urgente da independência financeira;
  - p) Os alunos demonstram consciência (embora frágil) da competição por melhores posições na hierarquia

universitária, com vistas à entrada futura no mercado de trabalho na área de formação. Entendem que ampliaram os capitais cultural e social, seus campos de atuação profissional futura e sua possibilidade de retorno financeiro; porém, sentem-se menos “habilitados” à realização profissional que os colegas de classes mais favorecidas;

- q) Os alunos reconhecem parcialmente os limites que a sua herança de origem popular impõe à rentabilização do diploma. Assim, para o período após a formatura, buscam opções profissionais com a possibilidade de retorno financeiro mais concreto e imediato;
- r) A conquista do título universitário, provoca a sensação de superação (das adversidades) e do reconhecimento da família nos estudantes.



## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A permanência pode ser garantida pela mudança e a estrutura perpetuada pelo movimento (BOURDIEU, 2011a, p. 158).

\*

Os que a Escola distingue e consagra como seus 'eleitos' já eram distintos (BOURDIEU, 2015, p. 72).

Em primeiro plano, antes de adentrar propriamente nas últimas considerações, deve-se salientar que a presente pesquisa, que retrata as trajetórias universitárias de formandos das classes populares numa instituição de elite, difere muito de outras pesquisas que enfocaram o percurso de estudantes destas classes na Educação Básica. Uma vez no Ensino Superior, a grande maioria dos alunos já empreendeu um caminho de distinção até então, com bons resultados. Também, já passaram pelo crivo do dispositivo meritocrático do vestibular, especialmente rigoroso em se tratando de uma Universidade de renome como a UFSC – e, ainda mais rígido nos cursos de alta concorrência. Não bastassem todos estes filtros para constituírem o recorte da tese, ainda se soma o fato de os participantes serem formandos, isto é, estarem próximos da obtenção de seu diploma de nível superior. Esta situação trouxe constatações bem específicas, que se distanciam de outras investigações cujas conclusões se pautaram genericamente na condição de “estudante” de um jovem das classes populares na Educação Básica. Por exemplo, ainda que se analisem famílias desprivilegiadas, as dos formandos são “menos desprovidas” que as demais deste quadro. Desde o fato de terem desenvolvido estratégias benéficas à escolarização básica – regular, ininterrupta, num projeto breve de longevidade escolar – até o de ainda sustentarem os filhos durante a faculdade, as famílias contribuíram para que os filhos fossem “superselecionados” pelo sistema de ensino e assim se distinguissem de outros estudantes, igualmente menos abastados. Obviamente, não significa dizer que ocupam as mesmas posições que os estudantes de outras classes nem usufruem das mesmas possibilidades de rentabilização do diploma.

Outra constatação digna de nota se refere ao referencial teórico e à metodologia empregada. Quanto ao referencial, praticamente a totalidade dos trabalhos se inspira na construção teórica de Bourdieu, porém, analisam poucas obras do autor e, sobretudo, concentram-se naquelas que perfilham o aspecto mais reprodutivista da educação. Assim, perdem de vista as nuances de todo o contexto da obra do autor e ignoram, tantas vezes, sua produção concernente especificamente ao Ensino Superior.

Já quanto à metodologia, em muitos trabalhos, verifica-se que o pesquisador “escolhe” as pessoas que compõem a sua amostra, seja por indicação de terceiros, seja por sua própria triagem. O que impera é uma seleção apriorística de indivíduos que já se enquadram nas hipóteses previamente formuladas. Há um direcionamento tendencioso muito característico. Como também, comumente, o pesquisador não situa os universitários em seus cursos e respectiva instituição (ou seja, a ausência de parâmetros comparativos é um fato). Assim sendo, pelo caminho que esta tese trilhou, as conclusões também restam autorizadas a serem distintas daquelas. Esses pontos ressaltados merecem destaque porque são cruciais para a sustentação da tese.

\*

Numa sociedade democrática, a “igualdade de oportunidades” tem sido categorizada como diretriz indicativa de que há algo igual em todas as pessoas: o fato de ter livre-arbítrio para se conduzir pela vida. É isso que se nota quando princípios de justiça são mobilizados na área da educação. Quer se sugerir que todo aluno tem a liberdade de construir seu próprio caminho escolar. Contudo, ele é enredado por uma ficção, a chamada ficção do mérito, que o incita a pensar que cabe a si a definição de seu valor em relação aos outros. Por isso, a defesa inabalável da igualdade de acesso aos estudos; pois, como poderia o mérito de cada um distingui-lo dos demais, se todos não estivessem postos na competição?

Teoricamente, com a expansão do ensino para a ampliação da concessão de títulos escolares, todas as pessoas se colocariam como iguais e, ao longo do percurso, tornar-se-iam diferentes em função do seu mérito, isto é, de suas próprias capacidades individuais. Isto faria com que as desigualdades



sociais pudessem ser justificadas na prática. Porém, como dito, o postulado moral da meritocracia é uma ficção, um mito; assim como também não passa de uma ilusão levar as pessoas a acreditarem que seu êxito escolar (e as benesses advindas disto) apenas depende de suas ações, pouco importando o contexto circundante. Ora, o fato de creditar o sucesso apenas a si mesmo tem o lado reverso: o de acreditar que o fracasso passa a ser sua própria insuficiência, e não reflexo das injustiças sociais. Essa norma de internalização, pela qual o agente chama a si a responsabilidade pelas suas ações, descolando-as das condições em que fabrica a realidade social, realiza uma perversa modalidade de controle social<sup>76</sup>. Abre-se a competição pelo título, mas os alunos partem da mesma posição? Esta foi a discussão proposta nesta pesquisa que se imiscuiu no ambiente universitário e os dados foram contundentes: “Uns farão parte da elite haja o que houver, outros não. Nesse caso, a qualificação escolar tem um efeito acelerador das desigualdades” (DUBET, 2008, p. 98).

Como referido, o crescimento da população escolarizada tem provocado a desvalorização dos títulos escolares e, também, a transformação do próprio sistema de ensino, que se defronta com as mudanças (sociais) de seu público. A desvalorização dos títulos escolares (ou das posições a que estes dão acesso) acaba por representar a diferenciação estrutural entre as aspirações estatutárias e as chances efetivamente asseguradas por esses títulos. Este fenômeno é ainda mais particularmente intolerável para os mais favorecidos, que logo rearticulam estratégias para sua diferenciação.

Assim, se as aspirações tendem a diminuir tal como as oportunidades objetivas, também se contam mecanismos que procuram mascarar esta desvalorização. Bourdieu (2011d, p. 212) explica que

A ascensão parcialmente fictícia do milagroso que chega a uma posição pouco provável para os membros de sua classe de origem num momento em que esta posição

---

<sup>76</sup> Para Boudon (1977, p. 14), na perversidade referida subsistiriam “ações que contribuem para agravar uma situação que se busca superar”.

está desvalorizada pelo efeito de translação, isto é, desclassificada, é fundamentalmente diferente, apesar das analogias, do declínio mais ou menos marcado daquele que, originário da classe dominante, não consegue dotar-se dos títulos necessários para manter sua posição, tal como o filho de médico que se tornou estudante de letras modernas ou educador.

Implica dizer que as experiências ligadas à desclassificação diferem muito entre si, especialmente em razão da classe social de origem do estudante. A utilidade do título não depende apenas da instituição escolar, mas também das condições do mercado de trabalho e da relação entre formação e estrutura dos empregos. Os efeitos da desvalorização cingem mais as oportunidades para aqueles que, não fosse o crescimento da população escolarizada, provavelmente teriam sido excluídos do sistema, no estado anterior. Logo, tais efeitos não se dão de modo homogêneo, vez que se diferem na medida em que se distanciam as posições dos agentes que os assimilam, ou seja,

Seria preciso poder descrever as diferentes formas de que se reveste, em função principalmente da origem social e das disposições correlatas em relação ao sistema de ensino, o processo de ajustamento das esperanças às oportunidades, das aspirações às realizações, e em particular o trabalho de desinvestimento necessário para aceitar o menor sucesso ou o fracasso (BOURDIEU, 2011d, p. 215).

Um processo de ajustamento das esperanças às oportunidades seria, no caso dos estudantes das classes populares, um trabalho de convencimento para assimilarem o “sucesso menor” ou mesmo o fracasso, em que pese a obtenção de um título escolar. O crescimento da taxa de escolarização universitária dissimula, portanto, o fato destes estudantes pagarem, como contrapartida ao acesso no Ensino Superior, com o encurtamento da dimensão das possibilidades futuras – e, dentre essas, regra geral, enquadram-se nas menos

prestigiosas. Porém, aqueles que, nestas condições, conseguem obter um sucesso excepcional, divergindo do seu destino coletivo, acabam por ser cooptados a confirmarem a legitimidade da seleção universitária. Eles passam a personificar, ainda mais, a ideologia do dom, quando mostram aos demais que o sucesso adviria simplesmente de “muito trabalho” e de seus “talentos naturais”. E, uma vez mais, o sistema de ensino conserva os privilégios sem que os privilegiados tenham de se servir dele ou, com base nele, terem de justificar desigualdades que nada têm de naturais.

Logicamente, o ajustamento das perspectivas às oportunidades se desenrola num tempo longo, até mesmo para escamotear as percepções fracionadas dos agentes das classes populares que, a princípio, concentram-se nas vantagens do estado presente em relação ao anterior, no qual sequer poderiam contar com o valor simbólico de um título escolar<sup>77</sup>.

Esse modo individual de interpretar as próprias experiências dificulta, num primeiro momento, a apreensão de um cenário que é mudado “para continuar igual”, desclassificando (mais) aqueles que outrora seriam totalmente excluídos do sistema de ensino<sup>78</sup>. De certa forma, subsiste até mesmo um trabalho psicológico importante sobre os estudantes de classes sociais “improváveis” nas posições que ocupam para que se “contentem” com o seu destino, mesmo que inexpressivo, no sentido de trazerem poucos (ou ínfimos) retornos benéficos face ao investimento realizado. Estes estudantes encontram-se,

---

<sup>77</sup> “No caso dessas espécies de milagrosos que são os estudantes (ou os mestres) oriundos de categorias sociais especialmente improváveis nas posições que eles ocupam, unicamente o fato de estar presente nessas posições, mesmo desvalorizadas – e por sua própria presença – constitui uma forma de retribuição simbólica” (BOURDIEU, 2011c, p. 216).

<sup>78</sup> Para Dubet (2014, p. 232), “as desigualdades inscritas na estrutura social não comandam por si mesmas os sentimentos e as concepções de justiça desenvolvidas pelos atores. Estes julgam primeiramente sua situação pessoal e a partir daí constroem as imagens normativas da sociedade justa que confere um sentido positivo à sua experiência. Quanto às expressões mais tipicamente associadas a determinados grupos sociais, elas encontram sua explicação não numa representação comum da estrutura social, mas na similaridade das situações em que se enraízam os julgamentos dos membros desses grupos”.

portanto, diante da distância entre a realidade e a representação (projeção) que criaram de si mesmos e de seu futuro (ou que foram levados a criar).

Já numa compreensão categorial, consegue-se superar as histórias individuais e focalizar a totalidade do processo, que está inscrito numa instituição universitária que, como aparato do sistema de ensino, está comprometida com a reprodução social e a defesa de um arbitrário cultural dominante. Isto é, não foi estruturada para abolir a ordem das coisas; nem a hierarquia dos privilégios entre os homens; tampouco o desajustamento entre aspirações (promessas) e realidade (oportunidades objetivas).

Pode-se apontar que as estratégias empregadas pelos alunos desenvolvem-se em virtude das exigências do campo universitário, de modo que são, ao mesmo tempo, produto de toda história individual, bem como de toda a história coletiva da família e da classe, que lhes imputou condicionamentos econômicos e sociais a influenciarem *habitus* diferentes.

É inegável que, como visto, há uma relação estabelecida entre a composição de capitais na origem e a composição na chegada dos alunos durante a trajetória universitária. Isto não quer dizer que tais alunos não possam empreender um percurso distinto daquele estimado para os que ocupam a mesma posição, em determinado momento, no espaço social:

A afirmação de que os membros de uma classe que, na origem, dispunham de determinado capital econômico e cultural estão votados, com determinadas probabilidades, a uma fração da classe – que não pode ser determinada *a priori* nos limites do sistema explicativo considerado – está destinada a desviar-se em relação à trajetória mais frequente para a classe no seu todo, empreendendo a trajetória, superior ou inferior, que era a mais provável para os membros de outra classe, e desclassificando-se, assim, pelo alto ou por baixo (BOURDIEU, 2011a, p. 105).

Ou seja, devem-se considerar dois efeitos que atuam na relação entre uma prática e a origem social: o “efeito de inculcação”, a carga da família, cingida pelas condições iniciais

de existência; e o “efeito de trajetória social propriamente dita”, “exercido sobre as disposições e opiniões da ascensão social ou do declínio – nesta lógica, a posição de origem é apenas o ponto de partida de uma trajetória, a referência em relação à qual define-se o *sentido* da carreira social” (BOURDIEU, 2011a, p. 105).

Em que pese esta noção, mesmo com a maior abertura do Ensino Superior para alunos dos extratos sociais populares, não se pode dizer que a Universidade se tornou mais justa, especialmente porque, não tem se comprometido com a diminuição das diferenças quanto aos resultados favoráveis entre as classes sociais. Formalmente, até se pode dizer que, a depender dos resultados escolares<sup>79</sup>, todos poderiam competir pelo acesso ao Ensino Superior. Entretanto, as condições materiais efetivas para essa entrada, para a permanência e a saída da Universidade ainda são muito distintas entre as classes sociais. Neste sentido,

Fundamentalmente a Sociologia da Educação mostra que a abertura de um espaço de competição escolar objetiva não elimina as desigualdades entre as pessoas, pois, desde a escola elementar, as diferenças de desempenho entre alunos que pertencem às mesmas categorias sociais são evidentes. Depois, as desigualdades entre os sexos e entre os grupos sociais persistem e, desde o início, os mais favorecidos têm vantagens decisivas. Essas desigualdades estão ligadas às condições sociais dos pais, mas também ao seu envolvimento com a educação, ao apoio que dão aos filhos, bem como à sua competência para acompanhá-los e orientá-los. Em resumo, as desigualdades sociais pesam muito nas desigualdades escolares (DUBET, 2004, p. 542).

---

<sup>79</sup> “Sendo assim, a escola é menos útil pelo que nela se aprende do que por sua simples função de seleção, sejam quais forem os critérios dessa seleção” (DUBET, 2008, p. 101).

Isto quer dizer que mesmo que certos membros de uma classe possam ter empreendido uma trajetória individual diversa daquela dos demais pertencentes ao grupo original, suas práticas não deixam de estar marcadas pelo destino coletivo, ou seja, o seu capital da partida sempre estará situado em função da posição ocupada por sua classe, de modo que o capital de chegada nunca terá iniciado de outro ponto que não aquele. Significa dizer que as estratégias de escolarização que focalizam as disposições de um indivíduo para o futuro dependem não só da classe social e de sua posição nela, como também do sentido da trajetória coletiva de seu grupo e do sentido nela inscrito da sua própria trajetória particular.

Em continuidade, esta noção se confirma pelas desigualdades da formação universitária. Sim, é verdade que o fator classe social não é terminativo para explicar a inserção diferenciada de cada agente no campo universitário. Mas é verdade também que é preciso lidar com a noção de frações de classe, para localizar onde estão esses alunos. As trajetórias escolares e as estratégias familiares são indissociáveis: resta claro que, para entender trajetórias, é necessária a referência à posição social e às histórias de vida particulares das famílias.

No Ensino Superior, a desigualdade entre as classes começa pelo fato de serem desigualmente representadas. Prossegue sob formas escamoteadas, como a destinação dos filhos das classes populares a certos cursos “menos rentáveis” e o atraso nos estudos. Regra geral, os mais desfavorecidos não descobrem os cursos mais cotados com a antecedência necessária para lhes garantir vantagens, de modo que, quando o fazem, a demora implica ingressar em habilitações alvo de desvalorização. Também, apura-se que as mulheres das classes populares possuem ligeira desvantagem em relação aos homens quanto à restrição da escolha de seus estudos – com influência direta dos modelos tradicionais de divisão de trabalhos entre os sexos<sup>80</sup>.

Todo este cenário faz parte das “estratégias de condescendência” das classes dominantes: a dissimulação das condições de existência das classes subalternas é um artifício

---

<sup>80</sup> Em relação à totalidade de formandos das classes populares, 80,48% são mulheres. Elas se concentram nos cursos menos concorridos, onde estão 69,7% delas.

para que a distância entre as classes seja mantida na prática, mesmo que admitida a interação entre elas. As estratégias de condescendência dos agentes dominantes, de acordo com Bourdieu, redundam na negação simbólica da distância social,

que nem por isso deixa de existir, garantindo assim as vantagens do reconhecimento concedido a uma denegação puramente simbólica da distância (“ele é uma pessoa simples”, “ele não é orgulhoso”) que implica o reconhecimento da distância (as frases que citei implicam sempre um subentendido: “ele é uma pessoa simples, para um duque”, “ele não é orgulhoso, para um professor de faculdade”) (BOURDIEU, 2004a, p. 154).

Ao se admitirem as vantagens da distância social, as pessoas ditas mais “humildes” e “modestas” são mantidas “discretamente” em seus lugares, sem ultrapassarem as distâncias, já que ajustadas em sua posição de origem. Os dominantes, uma vez nascidos em posições positivamente distintas, possuem uma natureza socialmente constituída, ou seja, um *habitus* que, de imediato, ajusta-se às exigências do jogo em que estão inseridos os seus destinos, ainda que não empreguem algum esforço consciente em fazê-lo. A naturalidade em questão marca a chamada distinção “natural”: “basta-lhes ser o que são para ser o que é preciso ser, isto é, naturalmente distintos daqueles que não podem fazer a economia em busca da distinção” (BOURDIEU, 2004a, p. 24). Não é por acaso que

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida dessas distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Este efeito ideológico, produ-lo a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de

comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante (BOURDIEU, 2011c, p. 11).

A distinção entre as classes, por conseguinte, faz-se presente durante o processo de formação universitária. As famílias mais abastadas vislumbram que quanto mais completa for a formação oportunizada, maiores impactos positivos o diploma trará em termos de riqueza, poder e prestígio aos seus filhos. Estas famílias, que concebem com maior clareza as regras do jogo educativo (a operação da *illusio*<sup>81</sup>), articulam mecanismos para que seus descendentes respondam com maior habilidade ao que as instituições educacionais esperam, o que se reflete nas diferenças não apenas no desempenho da vida acadêmica, como também na própria composição social dos cursos.

Já em relação aos alunos menos favorecidos, tal como nos moldes do discurso presente na escola, prevalece a ideia de que são responsáveis por suas más posições sociais – ou não tão boas quanto às dos filhos mais abastados – após a formatura, recaindo a justificativa na falta de “dom, talento e vocação”, o que os faria menos merecedores das melhores oportunidades. Assim, é um engano pensar que, garantido o acesso ao Ensino Superior até o momento de sua conclusão às classes populares, estariam elas saindo da Universidade nas mesmas condições que os demais, vez que apenas a formação superior não é capaz de, por si só, alavancá-los em todas as dimensões do espaço social, embora possa fazer sua condição preexistente progredir. Há outras facetas da exclusão que não podem ser ignoradas: a expansão do Ensino Superior não traz como corolário direto as mudanças, para melhor, de posições sociais precedentes. Na medida em que os investimentos escolares dependem das

---

<sup>81</sup> A *illusio* representaria este “investimento no jogo, ligado a interesses e vantagens específicos, característicos desse campo e dos alvos particulares que estão em jogo nele” (BOURDIEU, 2004a, p. 109) – uma espécie de sentimento de pertencimento ao jogo.



chances de êxito em perspectiva para cada categoria, a reprodução da posição dessa classe depende do capital escolar como espécie socialmente legítima do capital cultural. Se quanto menos uma classe depende do êxito escolar é porque mais detém capital econômico; por outro lado, são o capital econômico e social detidos que podem rentabilizar os títulos em que o êxito escolar se materializa.

O que esta pesquisa evidencia é justamente o fato de o volume e a composição de capitais desses alunos das classes populares estarem insuficientemente presentes em sua herança para que possam, verdadeiramente, vir a melhorar sua posição na estrutura social – situação que limitou e continuará a limitar tanto os investimentos escolares quanto os desdobramentos profissionais do êxito acadêmico.

É fato que, no mercado de trabalho, o diploma submete-se a uma possível desvalorização quando o crescimento do número de seus titulares é mais rápido que o crescimento do número de posições a que os títulos garantem acesso (por exemplo, o que ocorre a partir da ampla disseminação dos cursos de Direito: há mais portadores do certificado do que postos a serem ocupados por eles). Isso porque “a inflação dos diplomas desencadeou um processo de desclassificação que gera uma distância crescente entre as qualificações e as esperanças escolares de um lado, e as vagas oferecidas, de outro” (DUBET, 2014, p. 92). Ademais, também há que se observar a desvalorização advinda do fato de que as posições em questão podem ter perdido seu valor de distinção (mesmo que diplomas e cargos tenham crescido de forma similar – como no caso das licenciaturas para atuação na Educação Básica). Assim é que o mérito escolar distancia-se do mérito profissional.

Ainda, importa destacar que fora do mercado propriamente escolar, o valor do detentor, do ponto de vista econômico e social, é o que vale seu diploma: “nesse caso, o rendimento do capital escolar depende do capital econômico e social que pode ser reservado à sua valorização” (BOURDIEU, 2011a, p. 127). Ou seja, “o diploma funciona menos como um indicador de competência do que um marcador de dignidade e de *ranking*” (DUBET, 2014, p. 56). Implica dizer que quanto mais elevada a origem social, maiores as chances de ocupar posições de trabalho com distinção: melhor retorno financeiro, maior *status*, melhores condições de trabalho etc. Ou seja, os mais

desprovidos de heranças, ainda que com o *mesmo* título, são expostos, de um jeito ou de outro, à sua desvalorização. E, quanto mais desenvolvem estratégias para sua superação, tanto em sua própria carreira, quanto na escolarização dos filhos, mais contribuem para a desvalorização dos diplomas, mediante o crescimento das titulações.

Desta maneira, a desclassificação e a reclassificação se colocam em todos os processos sociais: na educação, se as classes dominadas avançam postos, tanto ou mais fazem os dominantes. Para Bourdieu (2011a, p. 158),

Ao situar a diferença entre as classes na ordem das sucessões, a luta da concorrência instaura uma diferença que, à maneira daquela que separa o *predecessor* do *sucessor* em uma ordem social regulamentada por leis sucessórias bem estabelecidas, é, ao mesmo tempo, a mais absoluta e a mais intransponível, e a mais irreal, a mais evanescente, já que a pessoa sabe que, de qualquer modo, conseguirá, se souber esperar, aquilo a que está destinada pelas leis inelutáveis da evolução. Em suma, em vez de condições diferentes, a luta de concorrência eterniza a *diferença das condições*.

Assim, quando teoricamente se ofertam as “mesmas” oportunidades de obtenção de diplomas a todas as classes sociais, a superprodução de títulos tende a desvalorizá-los e, neste momento, despontam (novas) estratégias para a diferenciação. Se a entrada das classes populares é facilitada no sistema de ensino, sobrevivem mecanismos – na maior parte das vezes, dissimulados – que continuam a eliminá-los progressivamente:

o *atraso* (ou a *repetência*) como eliminação diferida; a *relegação* para os ramos de ensino de segunda ordem que implica um efeito de marcação e *estigmatização*, propício a impor o reconhecimento antecipado de um destino escolar e social; e,

por último, a *outorga de diplomas desvalorizados* (BOURDIEU, 2011a, o. 148).

Incentivar a entrada das classes populares no Ensino Superior a qualquer preço como se pudesse ser garantida a sua movimentação na estrutura social, sem que os demais agentes se movessem ignora o princípio básico de que toda a mudança na relação entre patrimônio (em volume e composição) e os instrumentos de reprodução social tende a provocar uma reestruturação de todo o sistema. Como observado, as classes mais abastadas conseguem conservar sua posição de dominância a partir de estratégias de reconversão dos capitais possuídos em outras espécies que possam resgatar as suas chances de lucro originais. O jogo nunca acaba.

Quando se fala nas estratégias que orientam a ação de cada grupo para manter ou modificar sua posição na estrutura social, a reconversão de capitais se põe a caminho de “mudar para conservar”. As oportunidades de acesso ao Ensino Superior, bem como as de entrada e permanência no mercado de trabalho são, nesta sugerida translação da estrutura de distribuição entre classes, bens em disputa, objetos de concorrência incessante. Ao passo que os grupos menos privilegiados perseguem bens ou diplomas que já estão em propriedade dos grupos abastados, estes compensam o movimento com tanto ou maior esforço para resguardarem a distinção e a raridade de suas propriedades. Ou seja, esse mecanismo ideológico ganha eficiência na medida em que se propaga a ilusão aos desprivilegiados de que lhes basta “aguardar” que os resultados positivos estão previstos na ordem do dia. A decepção a que ficam sujeitos os menos privilegiados é intensa e estigmatizante, especialmente porque, em aparência, deveriam ter aproveitado ou usado melhor a chance da escolarização longa que tiveram. As estatísticas que demonstram um aumento de egressos do Ensino Superior não se prestam, verdadeiramente, a comprovar a superação de desigualdades educacionais e, além disso, democratização efetiva do ensino.

Há que se questionar, portanto, as ditas “desigualdades justas”, que, nas sociedades contemporâneas, sobretudo por meio das convenções, restam referendadas por todo o aparato escolar. Como visto, a meritocracia quando se esconde sob as “igualdades de oportunidades”, acaba por reforçar os privilégios

dos nascidos favorecidos. Logo, não se trata da defesa da “igualdade de chances” para todos; mas, da “igualdade de posições” – que, no caso dos formandos, abarca o melhor aproveitamento da experiência universitária, o reconhecimento profissional posterior, as condições de trabalho futuras, a remuneração prevista etc. –, pois as posições determinam as oportunidades e, por isso, não adianta apenas se colocar na defesa da igualdade destas oportunidades. Se o jogo nunca acaba, já seria um grande passo acabar com as mentiras a seu respeito.

Atualmente, as diferenças de posições entre as classes sociais permanecem – como referendado pelos dados apurados nesta tese – quase as mesmas da época em que não se tinha a inclusão de todos na escola e dos representantes das classes populares na Universidade. Assim, em que pese tal pesquisa desvelar as nuances segregadoras do modelo educativo atual também no âmbito universitário, os indivíduos não restam desobrigados de perseguirem o ideal da educação como um bem de justiça ou, melhor ainda, como um bem menos injusto possível.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005.

ACCARDO, Alain. Sina escolar. *In*: BOURDIEU, Pierre (Coord.). **A miséria do mundo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. **USP para todos?** – estudantes com desvantagens socioeconômicas e educacionais e fruição da Universidade pública. São Paulo: Musa/FAPESP, 2009.

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ANDRADE, Joelma Marçal de. **Profissão docente e escolarização dos filhos**. 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *In*: **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 333-351, mai./ago. 2004.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **A juventude popular na agenda da pesquisa e da extensão**, 2009. Disponível em: <http://promenino.homedns.org/Ferramentas/DireitosdasCriancaseAdolescentes/tabid/77/Conteudold/5a8f4719-7bd0-4682-a095-6c5e0dc76501/Default.aspx>. Acesso em: 01.fev.2015.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é sociologia da infância**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

BODIN, Romuald; ORANGE, Sophie. Novos alunos e apropriações heréticas na Universidade na França. *In: Revista Linhas*, v.15, n. 29, p. 01-16, 2014.

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BOUDON, Raymond. **Efeitos perversos e ordem social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

\_\_\_\_\_. **A desigualdade das oportunidades**: a mobilidade social nas sociedades industriais. Brasília: UnB, 1981.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. 2. ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2011a.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011b.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

\_\_\_\_\_. (Coord.). **A miséria do mundo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão do sociólogo**: preliminares epistemológicas. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1975.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004a.

\_\_\_\_\_; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. *In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura.** 1. ed. Florianópolis: UFSC, 2014.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico.** 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011c.

\_\_\_\_\_. **Homo academicus.** 1. ed. Florianópolis: UFSC, 2011d.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** s. ed. São Paulo: UNESP, 2004b.

\_\_\_\_\_. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos.** 2. ed. São Paulo: Zouk, 2004c.

\_\_\_\_\_. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_; WACQUANT, Loïc. **Um convite à sociologia reflexiva.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

\_\_\_\_\_. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In:* NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação.** Petrópolis: Vozes, 2011e.

\_\_\_\_\_. O capital social – notas provisórias. *In:* NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação.** Petrópolis: Vozes, 2011f.

\_\_\_\_\_. Futuro de classe e causalidade do provável. *In:* NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação.** Petrópolis: Vozes, 2011g.

\_\_\_\_\_. Provação escolar e consagração social: as classes preparatórias para as grandes escolas. **Revista Tempos e Espaços em Educação,** São Cristóvão, v. 8, n. 15, p. 19-120, jan./abr. 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** 46. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BRANDÃO, Zaia; BAETA, Anna Maria; ROCHA, Any Dutra. **Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão**. 1. ed. Rio de Janeiro: Achiame, 1983.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CURY, Munir (Coord.). **Estatuto da Criança e do Adolescente comentado: comentários jurídicos e sociais**. 9. ed. São Paulo: Malheiros, 2008.

D'AVILA, José Luis Piôto. Trajetória escolar: Investimento familiar e determinação de classe. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 62, p. 31-63, abr. 1998.

DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das crianças no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DUBET, François. **Injustiças: a experiência das desigualdades no trabalho**. Florianópolis: UFSC, 2014.

\_\_\_\_\_; DURU-BELLAT, Marie; VÉRÉTOUT, Antoine. As desigualdades escolares antes e depois da escola: organização escolar e influência dos diplomas. *In: Revista Sociologias*, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 22-70, jan./abr. 2012.

\_\_\_\_\_. **O que é uma escola justa? A escola das oportunidades**. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. O que é uma escola justa? *In: Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004.

\_\_\_\_\_. Mutações cruzadas: a cidadania e a escola. *In: Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 47, p. 289-305, mai./ago. 2011.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2002.



DURU-BELLAT, Marie. **Les inégalités sociales à l'école: gênese et mythes**. 2. ed. Paris: PUF, 2003.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. v. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. "Branco demais" ou... Reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas acerca da pesquisa *com* crianças. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. (Orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 10, p. 58-78, jan./abr. 1999.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo *et alli*. **Cuidado, escola! – desigualdade, domesticação e algumas saídas**. 35. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 44. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FROTA, Telma. O adolescente e o despertar da vocação: o papel da família e a orientação educacional. *In*: PEREIRA, Tânia da Silva (Coord.). **O melhor interesse da criança: um debate interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Renovar, 2000.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOFFMAN, Erving. **As representações do eu na vida cotidiana**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

HASENBALG, Carlos. A transição da escola ao mercado de trabalho. *In*: HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle (Orgs.). **Origens e destino: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

LACERDA, Wânia Maria Guimarães. Percursos escolares atípicos: o possível contra o provável. *In*: **Revista de Ciências Humanas**, v. 06, n. 02, p. 171-195, jul./dez. 2006.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LIMA, Márcia. As novas políticas de inclusão escolar e as famílias: o caso dos beneficiários do ProUni na região metropolitana de São Paulo. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola: novas perspectivas de análise**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). **Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude**. São Paulo: Cortez, 2006.

MICELI, Mariana Sant'Ana. **Por uma teoria do fazer: Pedagogia do (RE)conhecimento: educar para "crescer direito"**. 2010. 426 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MICELI, Sérgio. A emoção raciocinada. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 7-20.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta. Trajetórias escolares, famílias e políticas de inclusão social no Ensino Superior brasileiro. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola**: novas perspectivas de análise. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. RAIZER, Leandro; FACHINETTO, Rochele Fellini. Acesso, expansão e equidade na educação superior: novos desafios para a política educacional brasileira. *In*: **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 09, n. 17, p. 124-157, jan./jun. 2007.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Família e escola**: novas perspectivas de análise. Petrópolis: Vozes, 2013.

NOGUEIRA, Maria Alice. Tendências atuais da Sociologia da Educação. *In*: II Seminário Catarinense de Sociologia da Educação – **Leituras & Imagens**. Florianópolis: UDESC, jun. 1995, p. 23-43.

NOVAES, Maria Helena. O “maior interesse” da criança e do adolescente face às suas necessidades biopsicossociais: uma questão psicológica. *In*: PEREIRA, Tânia da Silva (Coord.). **O melhor interesse da criança**: um debate interdisciplinar. Rio de Janeiro: Renovar, 2000.

PEREGRINO, Mônica. **Trajetórias desiguais**: um estudo sobre os processos de escolarização pública de jovens pobres. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

PERRENOUD, Philippe. **O ofício de aluno e o sentido do trabalho escolar**. Porto: Porto Editora, 1995.

PETITAT, Andre. **Produção da escola/produção da sociedade**: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PORTES, Écio Antônio. **Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG: um estudo a partir de cinco casos.** 2001. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

PORTES, Écio Antônio. O trabalho escolar em famílias de camadas das famílias populares. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares.** Petrópolis: Vozes, 2000.

POULANTZAS, Nicos. **O Estado, o poder, o socialismo.** 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

PRADO, Berenice Schelbauer do. **O ingresso no Ensino Superior de egressos da Educação Básica pública: o sistema de cotas na Universidade Federal do Paraná.** 2008. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RIZZINI, Irma. Pequenos trabalhadores do Brasil. *In*: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das crianças no Brasil.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ROMANELLI, Geraldo. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos – o estudante-trabalhador. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares.** Petrópolis: Vozes, 2000.

ROMANELLI, Geraldo. Levantamento crítico sobre as relações entre família e escola. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola: novas perspectivas de análise.** Petrópolis: Vozes, 2013.

SANTOS, Jocélio Teles dos. (Org.). **O impacto das cotas nas Universidades brasileiras (2004-2012).** Salvador: CEAQ, 2013.

SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. (Orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais.** Petrópolis: Vozes, 2008.

SATO, Silvana Rodrigues de Souza. **Concurso vestibular:** um dispositivo meritocrático de seleção para ingressar na Universidade Federal de Santa Catarina. 2011. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SAVIANI, Demerval. **escola e democracia:** teorias da educação; curvatura da vara; onze teses sobre a educação política. 41. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2009.

SILVA, Mariléria Maria da. **Inserção profissional e condição social:** trajetórias de jovens graduados no mercado de trabalho. 2004. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, Jailson de Souza e. A pluralidade de identidades no bairro Maré – RJ. *In:* Revista GEOgraphia, v. 03, n. 05, p. 01-13, 2001.

\_\_\_\_\_. **Por que uns e não outros?** Caminhada de jovens pobres para a Universidade. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

SIROTA, Régine. **A escola primária no cotidiano.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SNYDERS, George. Entrevista por Lourdes Stamato de Camillis. *In:* **Revista Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 08, n. 13, p. 159-164, jan.jun. 2006.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. *In:* ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro M. (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira:** análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005.

\_\_\_\_\_. (Coord.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006).** v. 1 e 2. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

\_\_\_\_\_. **O povo vai à escola:** a luta popular pela expansão do ensino público em São Paulo. São Paulo: Loyola, 1984.

SZYMANSKI, Heloísa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. *In:* SZYMANSKI, Heloísa (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação:** a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002. p. 09-61.

TERRAIL, Jean-Pierre. **Destins ouvriers: la fin d'une classe?** Paris: PUF, 1990.

TOMÁS, Catarina; SOARES, Natália. O cosmopolitismo infantil: uma causa (sociológica) justa. *In:* **V Congresso Português de Sociologia – Sociedades contemporâneas:** reflexividade e acção. Cidade do Porto: Universidade do Minho, 2004.

TOMIZAKI, Kimi. Abordagem geracional no estudo das relações entre família e escola. *In:* NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Família e escola:** novas perspectivas de análise. Petrópolis: Vozes, 2013.

VAHL, Teodoro Rogério. **O acesso ao Ensino Superior no Brasil.** Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1980.

VALLE, Ione Ribeiro. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. *In:* **Educação e Pesquisa.** São Paulo: FEUSP, v. 33, n. 1, jan./abr. 2007, p. 117-134.

\_\_\_\_\_. Justiça na escola: das desigualdades justas à igualdade sem adjetivos! *In:* VALLE, Ione Ribeiro; SILVA, Vera Lúcia Gaspar da; DAROS, Maria das Dores (Orgs.). **Educação escolar e justiça social.** Florianópolis: NUP, 2010.

\_\_\_\_\_. O lugar da educação (escolar) na sociologia de Pierre Bourdieu. *In:* **Revista Diálogo Educacional,** Curitiba, v. 13, n. 38, p. 411-437, jan./abr. 2013.

\_\_\_\_\_; BARRICHELO, Fernanda; TOMASI, Juliane. Seleção meritocrática *versus* desigualdades sociais: quem são os inscritos e os classificados nos vestibulares da UFSC (1998-2007)? *In: Revista Linhas Críticas*, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 391-418, jul./dez. 2010.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da educação**: currículo e saberes escolares. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares – algumas condições de possibilidades. *In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs.). Família e escola*: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis: Vozes, 2000.

WACQUANT, Loïc. Lendo o “capital” de Bourdieu. *In: Educação & Linguagem*, ano 10, n. 16, jul./dez., 2007, p. 37-62.

ZAGO, Nadir. Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. *In: Revista do Centro de Ciências da Educação – Perspectiva*, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 149-174, jan./jun. 2008.

\_\_\_\_\_. Do acesso à permanência no Ensino Superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *In: Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 11, n. 32, p. 226-237, mai./ago. 2006.

\_\_\_\_\_. Fracasso e sucesso escolar no contexto das relações família e escola: questionamentos e tendências em Sociologia da Educação. *In: Revista Luso-Brasileira Sociologia da Educação*, Rio de Janeiro, ano 02, n. 03, p. 57-83, mar. 2011a.

\_\_\_\_\_. Prolongamento da escolarização nos meios populares e novas formas de desigualdades educacionais. *In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Orgs.). Sociologia da educação*: pesquisa e realidade brasileira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011b.





## ANEXOS

### ANEXO 1 - Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** TRAJETÓRIAS UNIVERSITÁRIAS DE JOVENS PROVENIENTES DAS CLASSES POPULARES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

**Pesquisador:** Ione Ribeiro Valle

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 35683814.3.0000.0121

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 882.124

**Data da Relatoria:** 23/11/2014

##### Apresentação do Projeto:

A pesquisa intitulada "TRAJETÓRIAS UNIVERSITÁRIAS DE JOVENS PROVENIENTES DAS CLASSES POPULARES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA" é desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFSC, no nível de Doutorado, pela estudante Mariana Sant'Ana Miceli, sob a orientação da Professora Dra. Ione Ribeiro Valle. Propõe-se a investigar quais ações (materiais e simbólicas) adotadas pelo estudante das classes populares e por sua família que caracterizam sua trajetória universitária.

##### Objetivo da Pesquisa:

**Objetivo Primário:**

Analisar as estratégias adotadas pelo estudante das classes populares e por sua família, que caracterizam sua trajetória universitária.

**Objetivo Secundário:**

- a. Descrever a(s) juventude(s) como categoria social do tipo geracional e as distintas trajetórias de socialização de tais sujeitos, com especial enfoque às desigualdades e diversidades sociais, econômicas, políticas e culturais relativas a tais processos;
- b. Investigar as impressões dos estudantes das classes populares a respeito de suas trajetórias universitárias;

**Endereço:** Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima

**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-900

**UF:** SC **Município:** FLORIANÓPOLIS

**Telefone:** (48)3721-9206

**Fax:** (48)3721-9696

**E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br

Continuação do Parecer: 882.124

c. Descrever pesquisa de campo, sob a perspectiva comparativa, nos cinco cursos de graduação mais concorridos e nos cinco cursos menos concorridos da UFSC, a partir da aplicação de questionários com a totalidade dos alunos formandos destas turmas (isto é, que cursam o penúltimo semestre da graduação no momento da colheita de dados).

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

A pesquisa não oferece riscos aos participantes.

Benefícios:

Esta pesquisa almeja refletir acerca das trajetórias universitárias dos jovens das camadas populares, a partir da compreensão das estratégias específicas (materiais e simbólicas) adotadas por parte da família e pelo próprio sujeito neste processo de formação. Como benefício, promoverá a necessária construção de um diálogo horizontal com outros pesquisadores e com a sociedade em geral, com vistas à acumulação também horizontal do processo de conhecimento sobre a matéria. Na prática, investigará como os universitários têm se mobilizado para garantir a efetivação do direito à educação em sua plenitude, apesar de toda a sorte de adversidade a que estão expostos, especialmente, no que tange às precárias condições materiais de sua subsistência.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa apresenta pertinência, clareza em seus objetivos e uma vez obtido os dados conclusivos proporcionará um perfil claro da situação em que se encontram os participantes da pesquisa, seus desafios, adversidades e sucessos ao longo da trajetória acadêmica. O CEPESH tomou ciência da alteração da pesquisadora responsável pelo projeto.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os documentos estão de acordo com as solicitações do CEPESH.

**Recomendações:**

Não se aplica.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Foram constatadas as alterações pontuais no TCLE não havendo inadequações, ou impedimentos a realização da pesquisa.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Endereço:** Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-900  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-9206 **Fax:** (48)3721-9696 **E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 882.124

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

FLORIANOPOLIS, 24 de Novembro de 2014

---

**Assinado por:**  
**Washington Portela de Souza**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-900  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-9206 **Fax:** (48)3721-9696 **E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br

## **ANEXO 2 - Instrumento do questionário aplicado a todos os formandos**

Prezado aluno,

Você está sendo convidado a participar de um estudo, por meio de respostas a este questionário, desenvolvido em Programa de Pós-Graduação da UFSC. O intuito principal da pesquisa é contribuir para a reflexão sobre as trajetórias universitárias de alunos formandos no ano de 2014.

Sua participação é voluntária neste procedimento, que não inclui qualquer risco à sua integridade. A sua identidade será preservada quando da análise dos dados na pesquisa.

Assim, solicita-se sua autorização no tocante ao uso dos dados coletados por meio de questionário e/ou entrevista, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Obrigada pela contribuição!

Profa. Dra. Ione Ribeiro Valle (Orientadora)

Doutoranda Mariana Sant'Ana Miceli

Contato: miceli.mariana@gmail.com

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Eu, (*nome por extenso*) \_\_\_\_\_  
declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos da pesquisa e que recebi, de forma clara e objetiva as explicações pertinentes ao uso das informações colhidas, as quais terão caráter sigiloso em seu tratamento para utilização de fins acadêmicos e científicos.

Florianópolis, / / 2014.

Assinatura:

---

**INSTRUMENTO PARA A COLETA DE DADOS DOS ALUNOS****1- Gênero:**

- Feminino  
 Masculino

**2- Idade:** \_\_\_\_\_ anos

**3 - Origem étnica (cor):** \_\_\_\_\_

**4- Estado civil:**

- solteiro  
 casado  
 em união estável  
 separado/divorciado  
 viúvo

**5- Data de nascimento:** \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**6- Cidade de nascimento:** \_\_\_\_\_

**7- Cidade em que residia antes de ingressar na UFSC:**

\_\_\_\_\_

**8- Onde reside atualmente?**

Cidade: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

**9- Curso de graduação:** \_\_\_\_\_

**10- Ano e semestre de ingresso na UFSC:** 20\_\_\_\_ / \_\_\_\_  
semestre

**11- Ano e semestre (previsto) da conclusão do curso:** 20\_\_\_\_ / \_\_\_\_  
semestre

**12- Indique as pessoas com que reside atualmente:**

- pai  
 mãe  
 irmão(s) – Quantos? \_\_\_\_\_  
 cônjuge / companheiro(a)

- ( ) filho(s) – Quantos? \_\_\_\_\_  
( ) avós – Quantos? \_\_\_\_\_  
( ) outros. Especifique: \_\_\_\_\_

**13- Qual é o grau de instrução do seu pai?**

- ( ) nenhum  
( ) ensino fundamental  
( ) ensino médio  
( ) ensino superior  
( ) pós-graduação/especialização/MBA/mestrado/doutorado

**14- Qual a ocupação atual do seu pai? Especifique:**

\_\_\_\_\_

**15- Qual é o grau de instrução da sua mãe?**

- ( ) nenhum  
( ) ensino fundamental  
( ) ensino médio  
( ) ensino superior  
( ) pós-graduação/especialização/MBA/mestrado/doutorado

**16- Qual a ocupação atual da sua mãe? Especifique:**

\_\_\_\_\_

**17- No caso de possuir cônjuge/companheiro(a), qual é a ocupação profissional atual dele(a)? \_\_\_\_\_**

**18- Qual a sua faixa de renda mensal familiar aproximada? (Inclua o salário de todos aqueles que compõem seu núcleo familiar atual e desempenham qualquer atividade remunerada) *Observação: o valor do salário mínimo atual é R\$ 724,00***

- ( ) Acima de 20 salários mínimos  
( ) De 10 a 20 salários mínimos  
( ) De 04 a 10 salários mínimos  
( ) De 02 a 04 salários mínimos  
( ) De até 02 salários mínimos

**19- Qual o número de pessoas que vivem desta renda familiar mensal? (Inclua você) \_\_\_\_\_ pessoas.**

**20- Cursou a educação infantil:**

- somente em escola pública
- em escola pública e em escola particular
- somente em escola particular
- não frequentei

**21- Turno da educação infantil (considere o período em que possuiu sua maior frequência):**

- matutino
- vespertino
- integral

**22- Cursou o ensino fundamental:**

- somente em escola pública
- em escola pública e em escola particular
- somente em escola particular

**23- Turno do ensino fundamental (considere o período em que possuiu sua maior frequência):**

- matutino
- vespertino
- integral

**24- Cursou o ensino médio:**

- somente em escola pública
- em escola pública e em escola particular, sendo o maior tempo de estudo na pública
- em escola pública e em escola particular, sendo o maior tempo de estudo na particular
- somente em escola particular

**25- Turno do ensino médio (considere o período em que possuiu sua maior frequência):**

- matutino
- vespertino
- integral
- noturno

**26- Fez curso técnico?**

- ( ) Sim. Qual? \_\_\_\_\_  
 Cidade: \_\_\_\_\_  
 Instituição: \_\_\_\_\_
- ( ) Não

**27- Fez supletivo ou Educação de Jovens e Adultos (EJA)?**

- ( ) Sim. Qual? \_\_\_\_\_  
 Cidade: \_\_\_\_\_  
 Instituição: \_\_\_\_\_
- ( ) Não

**28- No caso de ter cursado educação infantil, ensino fundamental e ensino médio em escola particular, você precisou em algum momento de auxílio financeiro da instituição (como bolsa de estudo parcial ou integral)?**

- ( ) Sim. Em qual(is) ano(s) \_\_\_\_\_ ( ) Não

**29- Cursou algum dos anos de estudo da educação básica em país estrangeiro?**

- ( ) Sim.  
 Que ano(s)? \_\_\_\_\_  
 Onde? \_\_\_\_\_
- ( ) Não

**30- Fez curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC?**

- ( ) Sim... De que tipo? ( ) Público OU ( ) Privado  
 Cidade: \_\_\_\_\_  
 Instituição: \_\_\_\_\_
- ( ) Não

**31- Forma de ingresso na UFSC:**

- ( ) vestibular. Quantas vezes prestou vestibular para este curso? \_\_\_\_\_
- ( ) transferência externa. De qual instituição? \_\_\_\_\_
- ( ) transferência interna. De qual curso anterior? \_\_\_\_\_
- ( ) retorno de graduado. De qual curso retornou? \_\_\_\_\_
- ( ) outro. Especifique: \_\_\_\_\_

**32- No ano em que antecedeu o ingresso na UFSC, também foi aprovado em outros vestibulares?**



( ) Sim. Qual o curso e a respectiva instituição? \_\_\_\_\_ ( ) Não

**33- Está cursando outro curso superior?**

( ) Sim.

Curso: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

( ) Não

**34- Já possui um curso superior concluído?**

( ) Sim

Curso: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

( ) Não

**35- Você exerce atividade remunerada? (pode ser trabalho – formal / informal – ou estágio)**

( ) Não trabalho atualmente e nunca trabalhei

( ) Não trabalho atualmente, mas já trabalhei

– Qual foi o último trabalho? \_\_\_\_\_

– Por quanto tempo? \_\_\_\_\_

( ) Sim

– Qual é o trabalho atual? \_\_\_\_\_

– Há quanto tempo? \_\_\_\_\_

**36- Precisou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso?**

( ) Sim

( ) Não

**37- Houve a necessidade de que a sua família lhe ajudasse financeiramente durante a faculdade?**

( ) Sim

( ) Não

**38- Escreva uma palavra que represente a sua trajetória universitária até então: \_\_\_\_\_**

**39- Já traçou objetivos profissionais para o período após a sua formatura?** (Responda de forma objetiva)

---

---

---

**40- Gostaria de ser entrevistado acerca de sua trajetória universitária futuramente?** (O contato será feito por meio de e-mail e o aluno será convidado a responder algumas questões subjetivas, o que poderá ser feito também virtualmente)

( ) Não

( ) Sim

- Nome: \_\_\_\_\_

- E-mail: \_\_\_\_\_

- Telefones:

Celular – ( ) \_\_\_\_\_

Fixo – ( ) \_\_\_\_\_

Comercial, se puder ser contatado neste local

– ( ) \_\_\_\_\_ [Horário: de \_\_\_\_\_ até \_\_\_\_\_ ]

## ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA FEITA COM FORMANDOS

### ENTREVISTA

Nome: \_\_\_\_\_

Curso: \_\_\_\_\_

### INFORMAÇÕES GERAIS

**1. Com qual idade entrou no primeiro ano do ensino fundamental? \_\_\_\_\_**

**2. Com qual idade entrou no primeiro ano do ensino médio? \_\_\_\_\_**

**3. Alguma vez parou de estudar durante a educação básica?**

( ) sim. Por qual razão? \_\_\_\_\_

( ) não

**4. Alguma vez reprovou durante a educação básica? Em qual(is) série(s)?**

( ) sim. Em qual(is) ano(s)? \_\_\_\_\_

( ) não

**5. Como você avalia o seu desempenho escolar na educação básica?**

R.

**6. Qual a escolaridade e a (última) ocupação profissional dos seus avós e irmãos?**

Avó materna – Escolaridade: \_\_\_\_\_ //

Ocupação (última): \_\_\_\_\_

Avô materno – Escolaridade: \_\_\_\_\_ //

Ocupação (última): \_\_\_\_\_

Avó paterna – Escolaridade: \_\_\_\_\_ //

Ocupação (última): \_\_\_\_\_

Avô paterno – Escolaridade: \_\_\_\_\_ //

Ocupação (última): \_\_\_\_\_

Irmã(o) – Escolaridade: \_\_\_\_\_ // Ocupação  
(última): \_\_\_\_\_ // Idade: \_\_\_\_\_

Irmã(o) – Escolaridade: \_\_\_\_\_ // Ocupação  
(última): \_\_\_\_\_ // Idade: \_\_\_\_\_

Irmã(o) – Escolaridade: \_\_\_\_\_ // Ocupação  
(última): \_\_\_\_\_ // Idade: \_\_\_\_\_

### 7. Possui alguma orientação religiosa?

( ) sim. Qual? \_\_\_\_\_

( ) não

## UNIVERSIDADE

### 8 . Como definiria a importância da sua escolarização anterior para a entrada na UFSC?

R.

### 9 . Como conheceu a UFSC? (Quando, onde e por quem ouviu falar nela?)

R.

### 10 . Como foi se adaptar ao ambiente universitário? Teve alguma dificuldade?

R.

### 11. Cite e comente, pelo menos, três motivos pela escolha de estudar na UFSC.

R.

### 12. Quais aspectos mais agradam na UFSC?

R.

### 13. Quais aspectos menos agradam na UFSC?

R.

### 14. Utilizou algum serviço da UFSC?

- ( ) Curso de língua estrangeira
- ( ) Moradia Estudantil
- ( ) Restaurante Universitário

- Laboratório de informática
  - Biblioteca central
  - Biblioteca setorial
  - Diretório Central dos Estudantes (DCE)
  - Centro Acadêmico do curso (CA)
  - Outro(s). Qual(is)?
- \* Gostaria de comentar algum(ns) dele(s)?  
R.

## HÁBITOS

### 15. Onde morou durante a faculdade?

- Bairro: \_\_\_\_\_
- Com quem? \_\_\_\_\_
- Como isso afetou os seus estudos? (Ex. facilidades, dificuldades etc.) R.

### 16. Possui local para estudos em casa?

- sim. Local: \_\_\_\_\_
- não

### 17. Onde costuma estudar na maior parte das vezes?

R.

### 18. Quanto tempo (horas) em média dedica aos estudos por dia (além do horário das aulas)?

R.

### 19. Quais atividades culturais mais aprecia?

R.

### 20. Que outras atividades ou funções desempenhou durante o curso?

- trabalho formal ou informal / estágio
- maternidade/paternidade
- formação complementar
- hobby. Qual(is)?
- outro(s). Qual(is)?

\* Comente essas atividades:

R.

## FORMAÇÃO ACADÊMICA

**21. Qual o perfil do aluno que se forma no seu curso?**  
*(Explique como pensa que devam ser: a. comprometimento; b. dedicação aos estudos; c. formação básica / pré-universitária; d. engajamento político; e. motivação; f. necessidade de efetuar estágio; g. hábitos em geral; h. assiduidade em sala; i. outras características e qualidades que considera “típicas” do estudante do seu curso...)*

R.

**22. Cite e comente, pelo menos, três motivos pela escolha deste curso.**

R.

**23. Este curso foi a sua primeira opção de escolha?**

( ) sim

( ) não. Qual era sua primeira opção? \_\_\_\_\_  
Por que não cursou? R.

**24. Seus pais participaram da escolha deste curso?**

( ) sim. Como?

( ) não

**25. Outra(s) pessoa(s), com exceção dos seus pais, influenciou a sua escolha pelo curso?**

( ) sim. Quem? // De que forma?

( ) não

**26. Quais eram suas expectativas quando ingressou no seu curso? Mudaram agora que você está prestes a se formar?**

R.

**27. No caso de dificuldades com o curso** (Ex. orientação quanto às disciplinas do seu curso; estágio...), **quais foram as principais delas e a quem recorreu para auxílio** (Ex. professores; profissionais da área; parentes; amigos...)?

R.

**28. Qual seu IAA (Índice Acadêmico Acumulado)?**

R.

**29. Qual a sua carga horária semanal de atividades? Conte um pouco a respeito da sua rotina (universitária e extra-universitária).**

R.

**30. Qual o turno do seu curso?**

R.

**31. Na sua opinião, quais aspectos contribuem para que o aluno apresente um bom desempenho na Universidade?**

R.

**32. Alguma vez parou de estudar (trancamento) durante esta graduação?**

( ) sim. Em qual fase? // Por qual razão?

( ) não

**33. Alguma vez reprovou durante esta graduação? \_\_\_\_\_**

( ) sim. Em qual disciplina e em que fase estava?

( ) não

**34. Durante a graduação, chegou a pensar em trocar de curso?**

( ) sim. Por quê?

( ) não

**35. Como você avalia o seu desempenho universitário?**

R.

**36. Você está satisfeito com a formação recebida no seu curso até o momento?**

R.

**37. Acredita que o seu nível de satisfação com o curso tenha influenciado o seu desempenho? Por quê?**

R.

**38. Seus pais participaram da sua formação acadêmica?**

( ) sim. Como?

( ) não

**39. Como seus pais, familiares e amigos enxergam você ao final da sua formação?**

R.

**40. Possui parentes que cursam ou já cursaram a mesma graduação que você? Se sim, em que Universidade estudaram?**

R.

**41. Você é a favor ou contra a reserva de vagas nas Universidades públicas para afrodescendentes, alunos egressos de escolas públicas ou outro grupo social específico? Por quê?**

R.

**42. Na hipótese de você ser beneficiário do programa de ações afirmativas (PAAs / cotas / reserva de vagas), acha que por essa razão recebeu algum tratamento diferente por parte dos professores e dos colegas?**

R.

**43. Você considera o “vestibular” uma forma justa de acesso às vagas da Universidade? Por quê?**

R.

**44. Avalie:**

<b>Critério</b>	<b>Insuficiente / Inadequado / Ruim</b>	<b>Regular</b>	<b>Bom</b>	<b>Excelente / Adequado</b>
Conhecimento dos professores quanto ao <b>conteúdo</b> das aulas				
Conhecimento dos professores quanto à <b>didática</b> para transmitir os conteúdos				
Dedicação dos professores para preparar aulas				
Dedicação dos professores para atender os estudantes				



Condições das salas de aula				
Dedicação dos servidores administrativos do seu curso no atendimento dos alunos				
Carga horária do seu curso				
Horário do curso				
Qualidade das disciplinas optativas oferecidas				
Quantidade das disciplinas optativas oferecidas				
Processos de avaliação (controle de frequência, provas, trabalhos individuais e em grupo etc)				
Estágio obrigatório, caso o seu curso possua				
Localização do curso no campus central da UFSC				
Segurança no campus central da UFSC				
Relacionamento com os colegas da faculdade				
Reconhecimento social da profissão				
Retorno financeiro da profissão				
Oportunidades de emprego				
Competência profissional adquirida na Universidade				
Outro:				
Outro:				

## MERCADO DE TRABALHO

**45. Exerceu atividade remunerada, formal ou informal, antes dos 18 anos? Qual(is)?**

R.

**46. Exerceu atividade remunerada antes de ingressar na UFSC? Qual(is)?**

R.

**47. Exerceu atividade remunerada durante o curso?**

Qual(is)? Onde? \_\_\_\_\_

Estava ligada à sua atividade de formação?

( ) sim

( ) não

Explique como era o trabalho desempenhado e o seu grau de satisfação com ele.

R.

Este trabalho atual poderia ser definido:

- pela importância de se preparar para uma função futura (quando formado)
- pela necessidade atual de subsistência
- por outra razão: \_\_\_\_\_

**48. No caso de já possuir ocupação profissional, você conseguiu este trabalho/estágio por meio de:**

- indicação familiar
- indicação de amigos/conhecidos
- envio de currículo
- agência de empregos
- concurso público ou seleção pública
- sou autônomo
- outro. Especificar: \_\_\_\_\_

**49. Sua jornada de trabalho/estágio diária é de:**

- quatro horas
- seis horas
- oito horas
- mais de oito horas

**50. Quais fontes você julga fundamentais para aprender a exercer seu futuro trabalho?**

- observar o comportamento dos colegas
- ter sólida formação escolar de base
- adquirir experiência com a própria prática profissional
- fazer cursos de atualização na área
- ler revistas e livros da área
- trocar idéias com colegas no grupo de trabalho
- observar o comportamento dos pais
- experiência pessoal e familiar
- outra: \_\_\_\_\_

**51. Quais perspectivas parecem mais realizáveis após a futura formatura?**

- encontrar novo trabalho na área de formação
- progredir no atual trabalho após a formatura
- encontrar novo trabalho, em área distinta da de formação
- buscar outra formação acadêmica (novo curso de graduação)
- progredir a formação acadêmica atual, antes de entrar no mercado de trabalho (Ex. Pós-Graduação, Especialização, Mestrado, MBA)
- progredir a formação acadêmica atual, juntamente com a entrada no mercado de trabalho em sua área (Ex. Pós-Graduação, Especialização, Mestrado, MBA)
- abrir negócio próprio
- fazer concurso público
- outra: \_\_\_\_\_

\* Comente a importância destas perspectivas para a sua vida:

R.

**52 . Tem pretensão de continuar morando em Florianópolis após a formatura? Por quê?**

R.

**53. Acredita ter formado uma rede de relacionamentos relevantes durante o curso (*networking*)? Com quem?**

R.

**54. Que diferença esta faculdade fará na sua vida?**

- obtenção de um título/diploma de nível superior
- aquisição de cultura geral
- aquisição de formação profissional / técnica
- melhores perspectivas de ganhos materiais
- reconhecimento familiar e social
- melhor oportunidade para constituir sua família
- melhor condição para auxiliar a família de origem (ou a sua família atual já constituída)
- outra: \_\_\_\_\_

\* Comente a importância destas mudanças para a sua vida:

R.

**55. Que diferença esta faculdade fará para você perante a sua família?**

R.

**56. Que diferença esta faculdade fará / está fazendo na relação com os seus amigos?**

R.

**57. O que significa ser “MÉDICO / ENGENHEIRO / ARQUITETO / PROFISSIONAL DO DIREITO / ARQUIVOLOGISTA / BIBLIOTECONOMISTA / LICENCIADO / Etc.” para você? (Especifique a resposta de acordo com o seu curso)**

R.

**58. Já possui alguma proposta ou oportunidade de emprego concreta após a formatura? Qual(is)?**

R.

**59. O que considera mais importante num trabalho (ordene do mais importante “1” ao menos importante “7”)**

- ( ) salário
- ( ) boas relações profissionais/pessoais
- ( ) ascensão social
- ( ) possibilidade de crescimento e aperfeiçoamento profissional na carreira
- ( ) desempenhar função que esteja de acordo com sua formação acadêmica
- ( ) relevância social do trabalho
- ( ) prestígio social / *status*
- ( ) outro(s). Qual(is)?
- ✓ ( ) \_\_\_\_\_
- ✓ ( ) \_\_\_\_\_
- ✓ ( ) \_\_\_\_\_

**60. Você se sente preparado para enfrentar o mercado de trabalho (na sua área de formação)?**

- ( ) sim
- ( ) não

\* Por quê?

R.

**61. Em caso afirmativo, o que fez para melhor se preparar?**

- estudou mais, além das exigências regulares do curso
- fez outro(s) curso(s) / formação complementar. Qual(is)?
- buscou oportunidades de trabalho (por exemplo, entregando currículo em empresas/instituições; entrando em contato com potenciais empregadores; etc)
- buscou informações nos meios de comunicação em geral
- não fez nada específico, além de cursar a graduação em si
- outro(s). Qual(is)? \_\_\_\_\_

\* Comente: R.

**62. Qual curso universitário nunca faria? Por quê?**

R.

**63. Há algum outro curso de graduação que gostaria de fazer? Por quê?**

R.

**64. Se você pudesse retornar ao momento anterior ao início da sua faculdade, ainda teria escolhido o mesmo curso? Por quê?**

R.

**65. Qual a sua expectativa para o período após a formatura?**

R.

**66. Como se imagina cinco anos após a sua formatura?**

R.

**67. Na sua opinião, o que é um “bom futuro” para a sua vida?**

R.

**68. Dentro do que você considerou um “bom futuro” para a sua vida, comente a importância dos fatores abaixo listados:**

a- Ter sido um bom aluno na escola:

b- Ter sido um bom aluno na faculdade:

c- Ter cursado uma boa escola:

d- Ter cursado uma boa faculdade:

e- Ter conhecimentos profissionais práticos e úteis:

- f- Ter conhecimento geral amplo:
- g- Ter apoio afetivo da família:
- h- Ter apoio econômico da família:
- i- Ter familiares, amigos e conhecidos influentes:
- j- Ter sorte na vida:
- k- Ser trabalhador:
- l- Ser generoso e solidário com os outros:
- m- Ter fé e seguir ensinamentos religiosos específicos:
- n- Outro (Qual?):

### ANEXO 3 - Diário de campo

#### **Aplicação dos questionários nas turmas de graduação**

##### **Dia 09.06.2014, segunda-feira**

Iniciei pelo curso de **Medicina**, onde pude entrar no primeiro período da manhã e explicar a pesquisa. Como a turma realizaria prova na sequência, o quórum da sala era alto e praticamente todos os alunos participaram. Os alunos da Medicina foram muito atenciosos, a professora da disciplina foi muito gentil na minha recepção, a aplicação da pesquisa foi tranquila e, ao final da avaliação dos alunos, entregaram-me as questões preenchidas. A localização da turma no CCS foi fácil, exatamente conforme explicado pela secretaria<sup>1</sup> em contato telefônico anterior.

\*

Na sequência, segui para o curso de **Letras-Italiano**, contudo, no horário previsto para a aplicação, a turma não estava presente, em virtude de um evento que estava ocorrendo no espaço do CCE. Não pude prever esta situação antes, pois, em contato telefônico com a secretaria na semana anterior, não mencionaram a ocorrência do Congresso, tampouco os horários da grade curricular. Tive de recorrer às informações constantes do site para tentar encontrar as disciplinas da sétima fase, mas, como referido, não consegui me encontrar com a turma neste dia.

\*

Após, fui ao curso de **Engenharia Civil**, que estava em aula no departamento de Arquitetura. Depois de percorrer inúmeras salas, localizei a turma da nona fase com aula já em curso, que pude interromper para aplicar os questionários. Nesta aplicação, como alguns alunos eram de outras fases, deixaram de participar da coleta de dados. A professora que me recebeu foi bastante solícita e a pesquisa foi de aplicação rápida na turma.

---

<sup>1</sup> Importa destacar a dificuldade em se conseguir acessar as secretarias dos cursos em razão da greve de servidores públicos que persistiu ao longo de todo o primeiro semestre de 2014. Alguns servidores trabalhavam apenas em certos horários; outros não atendiam ao público externo; outras secretarias encontravam-se totalmente fechadas. Este fato acarretou muitas dificuldades para a consecução da aplicação de questionários.

\*

Depois, dirigi-me à nona fase do curso de **Engenharia Química**, que estava em aula juntamente com a turma de Engenharia de Alimentos. Segundo o professor, sua disciplina, excepcionalmente, contava com poucos alunos, visto que nas fases finais destes cursos, a maioria dos alunos encontrava-se fora do país, em estágio principalmente pelo Programa Ciências Sem Fronteiras, do governo federal. Assim, nesta matéria, estavam matriculados apenas 13 alunos, de ambos os cursos, porém, nem todos estavam presentes no dia. Conforme o professor, tradicionalmente, os cursos de Engenharia enviam muitos estudantes do final do curso para estágios no exterior, contudo, com a atual configuração do Programa Ciências Sem Fronteiras, ampliou-se esta saída, razão pela qual as fases finais (nona e décima particularmente) possuem pouquíssimos alunos matriculados na UFSC. Inclusive, a turma em que apliquei o questionário possuía somente 3 formandos no momento. Em conversa com os alunos presentes, avisaram-me que outros possíveis formandos poderiam fazer outra disciplina às quartas-feiras. Por isso, deixei alguns questionários em branco com uma aluna para que os demais pudessem participar<sup>2</sup>.

\*

Ainda, nesta manhã, fui ao curso de **Arquivologia**, cuja sétima fase não se encontrava em sala na disciplina prevista para o horário. Deste modo, ao procurar pela secretaria do curso, encontrei a coordenadora de estágios do curso, que também era a professora da disciplina em questão. Exposta a pesquisa, a professora se encarregou de aplicá-la junto aos seus alunos que totalizavam apenas 5 formandos.

\*

No período da noite de segunda-feira, ainda apliquei os

---

<sup>2</sup> No segundo semestre de 2014, tentou-se, por mais uma vez, localizar os alunos do curso de Engenharia Química, cuja maioria dos alunos se encontrava ausente no dia de aplicação dos questionários, em virtude da realização de estágios externos à UFSC e de intercâmbio em outros países. Por meio de contato com a Secretaria do curso, a lista de formandos foi obtida, com seus respectivos e-mails. Entretanto, após duas tentativas por e-mail, nenhum dos alunos se prontificou em responder o questionário, razão pela qual a amostra desta turma restou composta por apenas 3 formandos.



questionários na turma de sétima fase de **Biblioteconomia**, que, ao contrário do que supus, possuía até um número considerável de alunos (mais de 20 alunos em sala). O professor me recebeu bem e, de forma irônica, inclusive perguntou “o que ganhariam os alunos com esta pesquisa”. Respondi que ganhariam em “conhecimento” e um aluno da turma retrucou que o ideal mesmo seria “ganhar em dinheiro” – isto sim, segundo ele, “valeria mais que conhecimento”. Segui com a aplicação do questionário e praticamente a totalidade dos alunos aderiu à pesquisa.

#### **Dia 10.06.2014, terça-feira**

Nesta manhã, o planejamento era fazer a pesquisa com os alunos da **Matemática**, contudo, na sala indicada pela secretaria do curso, não era a disciplina da sétima fase que ocupava o espaço. Ainda procurei em praticamente todas as salas do CFM, mas pouquíssimas aulas estavam sendo dadas neste período e não consegui encontrar os alunos. Fui à secretaria para me informar, mas estava fechada e não consegui localizar mesmo a turma neste dia.

\*

À noite, estive na nona fase de **Arquitetura e Urbanismo**, que estava completamente lotada, com mais de 40 alunos. Quando o professor me permitiu entrar na sala, apresentei a pesquisa, com a especificação de que a amostra seria composta pelos prováveis formandos de 2014.2. Neste momento, os alunos se agitaram e insinuaram que a “certeza” da formatura ainda lhes era muito distante. Dessa forma, acabei por me dar conta de que o ideal seria aplicar o questionário com todos os alunos presentes e cogitei, na hipótese de alguns deles não se formarem em breve, que seria mais fácil desconsiderar tais questionários, do que excluí-los de antemão. Apesar de ser uma turma numerosa, a aplicação dos questionários correu bem e o professor me deixou à vontade com a turma.

#### **Dia 11.06.2014, quarta-feira**

Na manhã de quarta, estive no curso de **Direito**, cuja nona fase era composta majoritariamente por ex-alunos da disciplina de Teoria do Processo, que ministrei em 2011.2, na então quarta

fase do curso. Por consequência, e também por apresentar o questionário ao final da disciplina de Direito Tributário I, cujo professor havia me dado aulas na graduação e no mestrado em Direito, a recepção foi muito boa. A postura dos alunos foi bastante positiva e a adesão aos questionários permitiu compor uma amostra representativa.

#### **Dia 12.06.2014, quinta-feira**

Não houve aplicação de questionários, pois a maioria das turmas foi dispensada das aulas na UFSC, em razão do jogo de futebol da seleção brasileira na Copa do Mundo.

#### **Dia 13.06.2014, sexta-feira**

Pela manhã, depois do desencontro da última terça-feira, retornei ao Centro de Ciências Físicas e Matemáticas (CFM) para tentar aplicar os questionários com a turma de **Matemática**, conforme combinado previamente por e-mail com outro professor, que ministraria a primeira disciplina das sextas-feiras. Entretanto, ao chegar à sala, não encontrei ninguém e, em seguida, fui até a secretaria do curso, para tentar localizar a turma da sétima fase. Apenas um estagiário estava presente na secretaria e reafirmou que a sala era aquela em que estive antes e não saberia informar onde poderiam estar os alunos. Neste momento, dois alunos de Matemática da terceira fase entraram e perguntei a eles se sabiam onde a turma da sétima poderia estar. Disseram que deveriam ter a próxima aula no laboratório de computação anexo e que poderiam tentar localizar por telefone uma das alunas. Neste meio tempo, fui até o laboratório e encontrei um aluno da sétima fase, que confirmou que teriam aula e se dispôs a chamar os demais colegas que estavam na UFSC para participarem da pesquisa. Com a chegada de mais alguns alunos, eles se mobilizaram para ajudar a encontrar os outros colegas na UFSC, além de fornecerem os contatos pessoais dos alunos faltantes. Dessa forma, a aplicação do questionário foi feita com os 8 alunos presentes. Durante a aplicação, cabe registrar o comentário do professor da disciplina de que “para saber como é o final do curso para os alunos”, não precisaria ser feita pesquisa alguma, pois todo mundo “sabe o que acontece”. De certa forma,

aludiu que os alunos que se formam na graduação em Matemática, continuam estudando no âmbito da pós-graduação para “ter algum futuro” (vez que as bolsas de pesquisa de mestrado e doutorado teriam valor remuneratório maior do que o trabalho em sala de aula, como professor na Educação Básica). Aquela turma da sétima fase, por exemplo, contaria com alunos que, em sua maioria, estariam planejando este prolongamento de seus estudos, segundo o professor. De forma geral, a turma de Matemática teve boa adesão ao questionário e se mostrou muito solícita em encontrar os demais alunos da turma para participarem da pesquisa antes de iniciarem a aula.

\*

Após, fui até o curso de **Letras-Italiano** e solicitei à professora da turma de sétima fase, com licenciandos e bacharelandos reunidos, alguns minutos para a aplicação da pesquisa. Ela me orientou a aguardar até o intervalo, para que, nos minutos finais, pudesse conversar com os alunos. Quando entrei na sala, orientei o preenchimento dos dados do questionário e contei com a adesão de toda a turma, com exceção de um aluno que disse precisar sair para trabalhar com urgência. Segundo informação de uma das alunas, seria esta a quantidade regular de alunos na disciplina. A turma foi receptiva, esclareceu algumas dúvidas no preenchimento das questões e, ao final, uma das alunas mencionou que o sentimento que deveria ser mais “intenso” nos alunos de Letras seria o “preconceito” por parte dos demais cursos da Universidade.

\*

Durante a tarde, estive no curso de **Letras-Alemão**, em que a sétima fase se preparava para iniciar a aula. O professor da disciplina permitiu minha entrada e disse para me sentar no semicírculo com as alunas que, após me ouvirem, responderam o questionário prontamente. Enquanto isso, o professor perguntou se também poderia olhar o questionário. Em seguida, perguntou se havia autorização do Comitê de Ética para a pesquisa. Além disso, questionou porque as perguntas não foram feitas “virtualmente” para os alunos apenas preencherem “online”. Não quis entrar em muitos detalhes da pesquisa propriamente com o professor, pois não queria influenciar as alunas que ouviam a conversa e respondiam às perguntas. Mas respondi que a minha pesquisa necessitava do contato pessoal com os estudantes, além de que o recurso “virtual” para

preenchimento poderia ser facilmente ignorado/descartado pelos alunos. Por fim, o professor expressou que desejaria receber o resultado da pesquisa posteriormente. Logo em seguida, as alunas me entregaram as respostas e finalizei a aplicação de questionários com as 10 turmas componentes da amostra, totalizando 150 questionários respondidos.

## ANEXO 4- Dados do curso de Medicina

<b>CURSO: MEDICINA</b>	<b>TOTAL</b>	<b>% TOTAL</b>
Participaram da pesquisa	36	100%
<b>1. Gênero</b>		
A. Feminino	24	66,66%
B. Masculino	12	33,33%
<b>2. Idade</b>		
A. De 20 a 24 anos	25	69,44%
B. De 25 a 29 anos	10	27,77%
C. De 30 a 39 anos	1	2,77%
D. De 40 a 59 anos	0	0%
E. 60 anos ou mais	0	0%
<b>3. Origem étnica (cor)</b>		
A. Caucasiano (Branco)	32	88,88%
B. Pardo (Moreno)	2	5,55%
C. Amarelo (Asiático)	0	0%
D. Negro (Afrodescendente / Preto)	2	5,55%
E. Indígena	0	0%
F. Não responderam	0	0%
<b>4. Estado civil</b>		
A. Solteiro	34	94,44%
B. Casado	1	2,77%
C. Em união estável	1	2,77%
D. Separado / Divorciado	0	0%
E. Viúvo	0	0%
F. Não responderam	0	0%
<b>5. Cidade de nascimento</b>		
A. Florianópolis	6	16,66%
B. Grande Florianópolis	2	5,55%
C. Outra cidade de SC	15	41,66%
D. Cidade no PR	5	13,88%
E. Cidade no RS	2	5,55%
F. Cidade no Sudeste	3	8,33%
G. Cidade no Centro-Oeste	2	5,55%
H. Cidade no Nordeste	0	0%
I. Cidade no Norte	0	0%

J. Outro país Inglaterra - 1	1	2,77%
K. Não responderam	0	0%
<b>6. Cidade em que residia antes de ingressar na UFSC</b>		
A. Florianópolis	10	27,77%
B. Grande Florianópolis	3	8,33%
C. Outra cidade de SC	12	33,33%
D. Cidade no PR	5	13,88%
E. Cidade no RS	3	8,33%
F. Cidade no Sudeste	2	5,55%
G. Cidade no Centro-Oeste	1	2,77%
H. Cidade no Nordeste	0	0%
I. Cidade no Norte	0	0%
J. Não responderam	0	0%
<b>7. Onde reside atualmente</b>		
A. Florianópolis	34	94,44%
B. Biguaçu	1	2,77%
C. Palhoça	1	2,77%
D. Não responderam	0	0%
<b>8. Bairro onde reside atualmente</b>		
A. Bairros de Florianópolis Agronômica - 2 Carianos - 1 Carvoeira - 5 Centro - 2 Coqueiros - 1 Córrego Grande - 4 Itacorubi - 2 Pantanal - 2 Saco dos Limões - 3 Serrinha - 2 Trindade - 10	34	94,44%
B. Bairros de Biguaçu São Miguel - 1	1	2,77%
C. Bairros de Palhoça Passa Vinte - 1	1	2,77%
<b>9. Ano e semestre de ingresso na UFSC</b>		
A. 2010/1	2	5,55%
B. 2010/2	34	94,44%
C. Não responderam	0	0%

<b>10. Com quem mora</b>		
A. Apenas pai e mãe	2	5,55%
B. Apenas pai ou apenas mãe	3	8,33%
C. Mãe, pai e irmãos	4	11,11%
D. Mãe ou pai e irmãos	1	2,77%
E. Com irmãos	4	11,11%
F. Com cônjuge	2	5,55%
G. Com cônjuge e filhos	1	2,77%
H. Com amigo(s)	7	19,44%
I. Sozinho	6	16,66
J. Outros Irmão e amigo - 1 Irmão e cônjuge - 2	3	5,55%
K. Não responderam	3	8,33%
<b>11. Qual é o grau de instrução do seu pai?</b>		
A. Nenhum	0	0%
B. Ensino Fundamental	5	13,88%
C. Ensino Médio	7	19,44%
D. Ensino Superior	11	30,55%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	13	36,11%
F. Não responderam	0	0%
<b>12. Qual a ocupação atual do seu pai?</b>		
A. Profissional liberal Administrador - 4 Advogado - 1 Agrônomo - 1 Contador - 1 Engenheiro - 1 Médico - 5 Professor - 1	15	41,66%
B. Autônomo	0	0%
C. Empresário (quem tem atividade econômica organizada) Agricultor – 1 Empresário/Autônomo – 1 Pecuarista – 1 Proprietário de comércio – 1	6	16,66
D. Prestador de serviços - iniciativa privada Aeroviário – 1 Bancário – 3 Gerente de vendas – 1 Pastor Evangélico – 1 Técnico supervisor em manutenção de helicópteros - 1	7	19,44%

E. Servidor público Advogado / Procurador Municipal – 1 Auditor Fiscal – 1	4	11,11%
F. Aposentado	2	5,55%
G. Falecido	2	5,55%
H. Não sabe / Não responderam / Não Possui	0	0%
<b>13. Qual é o grau de instrução da sua mãe?</b>		
A. Nenhum	0	0%
B. Ensino Fundamental	2	5,55%
C. Ensino Médio	10	27,77%
D. Ensino Superior	13	36,11%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	11	30,55%
F. Não responderam	0	0%
<b>14. Qual a ocupação atual da sua mãe?</b>		
i. Profissional liberal Artista Plástica - 1 Bioquímica - 1 Contadora - 1 Escritora - 1 Fisioterapeuta - 1 Pedagoga - 1 Professora - 10 Psicóloga - 2 Vendedora - 1	19	52,77%
ii. Autônomo Costureira - 1	1	2,77%
iii. Empresário (quem tem atividade econômica organizada) Gerente de comércio do esposo - 1	3	5,55%
iv. Prestador de serviços - iniciativa privada Balconista - 1 Cozinheira - 1 Técnica de Laboratório - 1	3	5,55%
v. Servidor público	0	0%
vi. Aposentado	1	2,77%
vii. Falecido	1	2,77%
viii. Não sabe / Não Possui Dona de casa - 8	8	
ix. Não responderam	0	0%



<b>15. No caso de possuir cônjuge / companheiro(a), qual é a ocupação profissional atual dele (a)?</b>		
A. Profissional liberal (com ensino superior): engenheiro, médico, advogado, contador, etc	0	0%
B. Autônomo	0	0%
C. Empresário	0	0%
D. Prestadores de serviços - iniciativa privada Analista de sistemas – 1	1	50%
E. Não sabe / Não Possui Estudante – 1	1	50%
F. Não possuem cônjuge / união estável	34	-
<b>16. Qual a sua faixa de renda mensal familiar aproximada?</b>		
A. Acima de 20 salários mínimos	8	22,22%
B. De 10 a 20 salários mínimos	12	33,33%
C. De 04 a 10 salários mínimos	12	33,33%
D. De 02 a 04 salários mínimos	4	11,11%
E. De até 02 salários mínimos	0	0%
<b>17. Qual o número de pessoas que vivem desta renda familiar mensal?</b>		
A. 1 Pessoa	0	0%
B. 2 Pessoas	4	11,11%
C. 3 Pessoas	8	22,22%
D. 4 Pessoas	17	47,22%
E. 5 Pessoas	7	19,44%
F. 6 ou mais pessoas	0	0%
<b>18. Coursou a educação infantil</b>		
A. Somente em escola pública	11	30,55%
B. Em escola pública e em escola particular	6	16,66%
C. Somente em escola particular	19	52,77%
D. Não frequentei	0	0%
<b>19. Turno da educação infantil</b>		
A. Matutino	25	69,44%
B. Vespertino	10	27,77%
C. Integral	1	2,77%
<b>20. Coursou o ensino fundamental</b>		
A. Somente em escola pública	11	30,55%
B. Em escola pública e em escola particular	5	13,88%

C. Somente em escola particular	20	55,55%
D. Não frequentei	0	0%
<b>21. Turno do ensino fundamental</b>		
A. Matutino	26	72,22%
B. Vespertino	10	27,77%
C. Integral	0	0%
<b>22. Cursou o ensino médio</b>		
A. Somente em escola pública	9	25%
B. Em escola pública e em escola particular	0	0%
C. Somente em escola particular	27	75%
D. Não frequentei	0	0%
<b>23. Turno do ensino médio</b>		
A. Matutino	30	83,33%
B. Vespertino	1	2,77%
C. Noturno	1	2,77%
D. Integral	4	11,11%
<b>24. Fez curso técnico?</b>		
A. Sim Enfermagem / Campinas – SP / UNICAMP	1	2,77%
B. Não	35	97,22%
C. Não responderam	0	0%
<b>25. Fez supletivo ou Educação de Jovens e Adultos (EJA)?</b>		
A. Sim COOEPE – Florianópolis	1	2,77%
B. Não	35	97,22%
C. Não responderam	0	0%
<b>26. No caso de ter cursado educação infantil, ensino fundamental e ensino médio em escola particular, você precisou em algum momento de auxílio financeiro da instituição (como bolsa de estudo parcial ou integral)</b>		
A. Sim	7	19,44%
A.1. Todos	2	-
A.2. Ensino fundamental e Ensino Médio	2	-

A.3. <i>Ensino médio</i>	3	-
B. Não	19	52,77%
C. Não responderam	10	27,77%
<b>27. Coursou algum dos anos de estudo da educação básica em país estrangeiro?</b>		
A. Sim	1	2,77%
A.1. <i>Educação infantil</i>	0	-
A.2. <i>Ensino fundamental</i>	0	-
A.3. <i>Ensino médio</i>	1	-
<i>País: Austrália</i>	1	-
B. Não	35	97,22%
C. Não responderam	0	0%
<b>28. Fez curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC?</b>		
A. Sim	30	83,33%
A.1. Público	1	3,33%
A.2. Privado	29	96,66%
<i>Cidade/Estado:</i>		
<i>Blumenau – SC</i>	1	-
<i>Campinas – SP</i>	1	-
<i>Campo Grande – MS</i>	1	-
<i>Cascavel – PR</i>	1	-
<i>Criciúma – SC</i>	1	-
<i>Curitiba - PR</i>	1	-
<i>Florianópolis - SC</i>	15	-
<i>Joinville – SC</i>	1	-
<i>Londrina – PR</i>	1	-
<i>Palhoça – SC</i>	1	-
<i>Porto Alegre – RS</i>	1	-
<i>Santa Maria - RS</i>	1	-
<i>São Paulo – SP</i>	2	-
<i>Umuarama – PR</i>	2	-
<i>Não responderam a cidade</i>	1	-

<i>Instituição:</i>		
<i>Alfa</i>	3	-
<i>Anglo</i>	2	-
<i>Ateneu</i>	1	-
<i>CEV</i>	1	-
<i>Energia</i>	14	-
<i>Exathum</i>	1	-
<i>Fleming</i>	1	-
<i>Poliedro</i>	1	-
<i>Positivo</i>	1	-
<i>Pré-vestibular UFSC</i>	1	-
<i>Tendência</i>	1	-
<i>Universitário</i>	1	-
<i>Não responderam a instituição</i>	4	-
B. Não	6	16,66%
C. Não responderam	0	0%
<b>29. Forma de ingresso na UFSC:</b>		
A. Vestibular. Quantas vezes prestou vestibular para este curso?	36	100%
A.1. Uma vez	10	27,77%
A.2. Duas vezes	11	30,55%
A.3. Três vezes	7	19,44%
A.4. Quatro vezes	5	13,88%
A.5. Cinco vezes	2	5,55%
A.6. Não responderam o número de vezes	1	2,77%
B. Transferência externa. De qual instituição?	0	0%
C. Transferência interna. De qual curso anterior?	0	0%
D. Retorno de graduado. De qual curso retornou?	0	0%
E. Outro. Especifique:	0	0%
<b>30. No ano em que antecedeu o ingresso na UFSC, também foi aprovado em outros vestibulares?</b>		

A. Sim	28	77,77%
<i>Cursos:</i>		
<i>Administração Empresarial ou Pública</i>	1	-
<i>Direito</i>	1	-
<i>Enfermagem</i>	2	-
<i>Engenharia Civil</i>	1	-
<i>Engenharia de Automação</i>	1	-
<i>Engenharia de Mobilidade</i>	1	-
<i>Engenharia Eletrônica</i>	1	-
<i>Farmácia</i>	1	-
<i>Fisioterapia</i>	5	-
<i>Fonoaudiologia</i>	1	-
<i>Medicina</i>	21	-
<i>Medicina Veterinária</i>	1	-
<i>Música</i>	1	-
<i>Radiologia Médica</i>	1	-
<i>Instituição:</i>		
<i>ACAFE</i>	1	-
<i>ESAG</i>	1	-
<i>FEPAR</i>	1	-
<i>Fundação de Medicina de Porto Alegre</i>	1	-
<i>FURB</i>	5	-
<i>FURG</i>	1	-
<i>IFSC</i>	1	-
<i>PUC</i>	3	-
<i>U. Ciências da Saúde de Porto Alegre</i>	1	-
<i>UDESC</i>	7	-
<i>UFMS</i>	1	-
<i>UFPEL</i>	4	-
<i>UFRG</i>	1	-
<i>UFSC</i>	3	-

UNESC	1	-
UNIFESP	2	-
UNINOVE	1	-
UNIRIO	1	-
UNISA	1	-
UNISUL	7	-
UNIVALI	4	-
UNIVILLE	1	-
UNOCHAPECÓ	1	-
UPF	1	-
B. Não	8	22,22%
C. Não responderam	0	0%
<b>31. Está cursando outro curso superior?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	36	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>32. Já possui um curso superior concluído?</b>		
A. Sim Medicina Veterinária – UEM	1	2,77%
B. Não	35	97,22%
C. Não responderam	0	0%
<b>33. Você exerce atividade remunerada?</b>		
A. Não trabalho atualmente e nunca trabalhei	18	50%
B. Não trabalho atualmente, mas já trabalhei	12	33,33%
<i>Qual foi o último trabalho</i>		
<i>Auxiliar Administrativo (1 ano)</i>	2	-
<i>Bolsista de Pesquisa / Iniciação científica (4 meses, 6 meses, 1 ano, 2 anos)</i>	4	-
<i>Monitoria (2 anos)</i>	1	-
<i>Professor de Inglês (3 anos)</i>	1	-
<i>Secretária (3 meses, 6 meses)</i>	2	-
<i>Vendedora (8 meses, 1 ano)</i>	2	-
C. Sim	6	16,66%

<i>Qual é o trabalho atual?</i>		
<i>Bolsista (1 ano)</i>	1	-
<i>Estágio: 6 meses (2), 2 anos</i>	3	-
<i>Fotógrafo (1 ano)</i>	1	-
<i>PET (8 meses)</i>	1	-
D. Não responderam	0	0%
<b>34. Precizou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso?</b>		
A. Sim	2	5,55%
B. Não	34	94,44%
C. Não responderam	0	0%
<b>35. Houve a necessidade de que a sua família lhe ajudasse financeiramente durante a faculdade?</b>		
A. Sim	32	88,88%
B. Não	4	11,11%
C. Não responderam	0	0%
<b>36. Uma palavra que represente a sua trajetória universitária até então:</b>		
Agradável	1	2,77%
Aprendizado	1	2,77%
Cansativa	5	13,88%
Complexa	1	2,77%
Conquista	1	2,77%
Corrida	1	2,77%
Dedicação	4	11,11%
Desafiadora	1	2,77%
Desgastante	1	2,77%
Difícil	2	5,55%
Esforço	4	11,11%
Estudo	1	2,77%
Jornada	1	2,77%
Longa	1	2,77%
Luta	1	2,77%

Persistência	3	8,33%
Puxada	1	2,77%
Responsabilidade	1	2,77%
Sacrifício	1	2,77%
Satisfação	1	2,77%
Sucesso	1	2,77%
Não responderam	2	5,55%
<b>37. Já traçou objetivos profissionais para o período após a sua formatura?</b>		
<p>A. Sim</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Trabalhar por seis meses, estudar para prova de residência e ingressar na residência.</li> <li>- Fazer especialização no exterior.</li> <li>- Trabalhar dois anos e depois fazer residência.</li> <li>- Residência médica (2 vezes essa resposta).</li> <li>- Trabalhar, não depender financeiramente dos pais, fazer coisas que gosto.</li> <li>- Mestrado e Doutorado.</li> <li>- Fazer a residência médica.</li> <li>- Trabalhar e fazer residência.</li> <li>- Fazer residência (especialização).</li> <li>- Trabalhar alguns meses e fazer residência em 2017.</li> <li>- Pretendo trabalhar e estudar até passar na prova de residência, provavelmente em local próximo a minha família.</li> <li>- Realizar especialização na área que eu escolher e realizar parte fora do Brasil.</li> <li>- Realizar residência médica.</li> <li>- Vou para Blumenau fazer residência e casar.</li> <li>- Trabalhar em POA e prestar prova de residência lá.</li> <li>- Possíveis residências médicas.</li> <li>- Trabalhar, fazer residência, construir família (casamento, filhos).</li> <li>- Fazer residência em Pediatria.</li> <li>- Primeiramente pretendo ingressar em algum programa de Residência.</li> <li>- Pretendo fazer prova para residência médica assim que me formar.</li> <li>- Trabalhar. Casar. Continuar estudando. Mudar a realidade ao meu redor.</li> <li>- Graduação -&gt; Residência Médica -&gt; Mestrado -&gt; Doutorado.</li> <li>- Realizar plantões para juntar dinheiro e estudar para Residência.</li> <li>- Residência.</li> <li>- Residência e PSF.</li> <li>- Trabalhar em emergência.</li> <li>- Pretendo fazer residência, mas ainda não decidi em</li> </ul>	30	83,33%



que área. - Residência médica em cardiologia em SP. - Fazer especialização.		
B. Não - Não me sinto preparado com o que foi passado na universidade.	5	13,88%
C. Não responderam	1	2,77%
<b>38. Gostaria de ser entrevistado acerca de sua trajetória universitária futuramente?</b>		
A. Sim	23	63,88%
B. Não	13	36,11%
C. Não responderam	0	0%

## ANEXO 5 - Descrição dos dados do curso de Medicina

Conforme a tabela acima, na oitava fase do curso de Medicina, 36 alunos participaram da pesquisa, dentre os quais 24 (66,66%) eram do sexo feminino e 12 (33,33%) do sexo masculino.

Com exceção de 2 alunos que ingressaram no primeiro semestre de 2010, os demais 34 ingressaram no segundo semestre de 2010.

Quanto à faixa etária dos formandos, a maioria, isto é, 69,44% (25 alunos) possuíam de 20 a 24 anos; 27,77% (10 alunos) possuíam de 25 a 29 anos; e, apenas 1 aluno (2,77%) possuía mais de 30 anos.

No tocante à origem étnica, 88,88% (32 alunos) responderam ser de cor branca; 5,55% (2 alunos), de cor parda; e, 5,55%, de cor negra.

Sobre o estado civil, 94,44% (34 alunos) responderam ser solteiros; 1 respondeu ser casado e outro respondeu conviver em união estável.

Na questão acerca da cidade de nascimento, identifica-se que a maioria de 41,66% (15 alunos) é nascida em outras cidades catarinenses que não a região da Grande Florianópolis<sup>1</sup>. Nesta, nasceram 8 dos alunos; seguidos por 5 que nasceram em cidades paranaenses; 2 em cidades do Rio Grande do Sul; 3 em cidades do Sudeste do Brasil; 2 do Centro-oeste; e 1 aluno que nasceu em outro país (Inglaterra).

Os números se mantiveram parecidos a respeito da cidade em que residiam antes de ingressar na UFSC: 13 disseram morar na região da Grande Florianópolis; 12 vieram de outras cidades catarinenses; 5 do Paraná; 3 do Rio Grande do Sul; 2 de cidades do Sudeste brasileiro e 1 do Centro-Oeste do país.

---

<sup>1</sup> A região da Grande Florianópolis tem seu núcleo composto a partir da conurbação da capital, Florianópolis, com municípios vizinhos. Compõem tal núcleo: Florianópolis, São José, Palhoça, Biguaçu, Santo Amaro da Imperatriz, Governador Celso Ramos, Antônio Carlos, Águas Mornas e São Pedro de Alcântara. Ao redor deste núcleo, mais 13 municípios formam uma área de expansão, totalizando 22 municípios na região metropolitana: Alfredo Wagner, Angelina, Anitápolis, Canelinha, Garopaba, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, Paulo Lopes, Rancho Queimado, São Bonifácio, São João Batista e Tijucas.

Atualmente, a totalidade mora na região da Grande Florianópolis. Todos moram na cidade de Florianópolis, com exceção de 1 aluno que mora em Biguaçu e de outro que mora em Palhoça. Sobre os bairros em que residem, a maioria (32 alunos – 88,88%) se concentra em locais próximos à UFSC; 1 em bairro do sul da Ilha (Carianos); 1 em bairro do continente (Coqueiros); 1 no bairro São Miguel de Biguaçu; e 1 no bairro Passa Vinte de Palhoça.

Quando perguntados com quem residiam, nota-se que a maioria (10 alunos – 27,77%) reside com os ascendentes (pai e/ou mãe, com ou sem irmãos); seguidos por 7 que moram apenas com amigos; 6 que moram sozinhos; 4 que moram apenas com irmãos. Ainda, 3 disseram morar com irmão e amigo ou cônjuge; 3 não responderam; e, 2 moram com o cônjuge.

De acordo com os alunos, a maioria de 24 alunos (66,66%) possuía o pai com grau de instrução no Ensino superior, sendo que destes, 13 pais possuíam alguma Pós-Graduação *lato sensu*. Com Ensino Médio, havia 7 pais e apenas com Ensino Fundamental, havia 5 pais.

Quanto à ocupação do pai<sup>2</sup>, 15 alunos (41,66%) apontaram a de “profissional liberal”, como administrador, advogado, agrônomo, contador, engenheiro, médico e professor. Outros 6 pais foram definidos como “empresários”, como agricultor, pecuarista e proprietário de comércio. Como “prestadores de serviços na iniciativa privada”, foram contabilizados 7 pais, nas funções de: aeroviário, bancário, gerente de vendas, pastor evangélico, técnico em manutenção de helicópteros. Também, havia 4 pais caracterizados como “servidores públicos” e 2 aposentados.

Em relação à mãe, também 24 alunos (66,66%) disseram que possuía Ensino superior, sendo 11 com qualificação em

---

<sup>2</sup> Para classificar as ocupações profissionais, utilizou-se o critério por exclusão. Primeiro, verifica-se se é “profissional liberal” para quem tem profissão regulamentada por lei; depois se enquadra como “empresário” se possuir atividade econômica organizada; e, após como “autônomo” ou “prestador de serviço” na iniciativa privada. Ainda, foram criadas as categorias específicas para “servidor público”, “aposentado”, “falecido” e “outros” (para aqueles que não se enquadraram em nenhuma das anteriores).

alguma Pós-Graduação. Ainda, 10 mães tinham escolaridade até o Ensino Médio e apenas 2 até o Ensino Fundamental.

Conforme os alunos, 19 mães (52,77%) seriam “profissionais liberais”, como: artista plástica, bioquímica, contadora, escritora, fisioterapeuta, pedagoga, professora, psicóloga e vendedora. Ainda, 8 mães foram definidas como donas de casa; 3 como empresárias; 3 como “prestadoras de serviços na iniciativa privada” (como balconista, cozinheira e técnica em laboratório); 1 aposentada, e 1 falecida.

Acerca dos 2 alunos que disseram ter cônjuge/companheiro, as ocupações profissionais citadas foram de analista de sistemas (“prestador de serviços na iniciativa privada”) e estudante.

Na questão que se referia à faixa de renda mensal familiar aproximada, 12 alunos (33,33%) estimaram a renda de 10 a 20 salários mínimos; 12 alunos (33,33%) de 4 a 10 salários mínimos; 8 alunos (22,22%), acima de 20 salários mínimos; e 4 alunos (11,11%) de 2 a 4 salários mínimos. A maioria dos alunos, 47,22%, disse que 4 pessoas viveriam da renda familiar apontada.

Ao descreverem sua escolaridade, todos disseram ter cursado a Educação Infantil, sendo a maioria no turno matutino (69,44%). Ainda, a maioria (52,77% – 19 alunos) disse ter cursado a Educação Infantil somente em escola particular. Somente em escola pública, foram 30,55% e em escolas pública e particular, 16,66%.

No Ensino Fundamental, os dados se mantiveram parecidos: 55,55% cursou apenas em escola particular; 30,55% apenas em escola pública; e 13,88% em escolas pública e particular. O turno matutino do Ensino Fundamental foi o mais frequentado (72,22%).

No Ensino Médio, a grande maioria cursou-o apenas em escola particular (75% ou 27 alunos), sendo que os outros 25% cursaram apenas em escola pública. A maioria (83,33%) fez o Ensino Médio no turno matutino.

Dentre aqueles que cursaram qualquer nível de ensino em escola particular, 19,44% disseram ter precisado, em algum momento, de auxílio financeiro da instituição, como bolsa estudos parcial ou integral, sendo a maioria necessária para o Ensino Médio.

Importa destacar que apenas 1 aluno disse ter feito curso técnico (Enfermagem na UNICAMP – Campinas/SP); 1 aluno disse ter feito supletivo no Ensino Médio (COOPE – Grande Florianópolis); e 1 aluno disse ter cursado o Ensino Médio no exterior (Austrália).

Quando perguntados se fizeram curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC, 83,33% (30 alunos) disseram que sim, sendo que 29 deles fizeram-no em instituição privada.

Sobre a forma de entrada na UFSC, todos responderam que prestaram vestibular: 27,77% fizeram-no uma vez; 30,55%, duas vezes; 19,44%, três vezes; 13,88%, quatro vezes; 5,55%, cinco vezes; e 2,77% não responderam.

No ano que antecedeu ao ingresso da UFSC, 28 alunos (77,77%) afirmaram também terem sido aprovados em outros vestibulares, sendo que 21 deles também foram aprovados no curso de Medicina em outras faculdades.

No momento da pesquisa, nenhum aluno estava cursado outro curso superior e apenas 1 já possuía outro curso superior concluído (Medicina Veterinária na UEM – Maringá/PR).

Acerca do desempenho de atividade remunerada, metade deles (18 alunos) respondeu não trabalhar atualmente e nunca ter trabalho antes. Outros 12 alunos (33,33%) também não trabalham atualmente, mas tiveram experiências anteriores de trabalho por curtos períodos (de 4 meses a 3 anos, no máximo), nas funções de: auxiliar administrativo, bolsista de iniciação científica, monitoria, professor de inglês, secretária e vendedor. Apenas 6 alunos (16,66%) disseram trabalhar atualmente, como bolsista, estagiário, fotógrafo e aluno do PET (Programa de Educação Tutorial).

Quando indagados se precisam trabalhar para ajudar no sustento dos outros membros da família, 34 alunos (94,44%) responderam negativamente. Ao passo que 32 alunos (88,88%) responderam que, ao contrário, precisam da ajuda financeira da família durante a faculdade.

A respeito dos objetivos profissionais para o período após a formatura, 30 alunos (83,33%) disseram ter planejamentos a respeito e descreveram os seguintes planos:

- ✓ Trabalhar por seis meses, estudar para prova de residência e ingressar na residência.
- ✓ Trabalhar dois anos e depois fazer residência.
- ✓ Fazer a residência médica. [6 vezes essa resposta]

- ✓ Trabalhar e fazer residência.
- ✓ Trabalhar alguns meses e fazer residência em 2017.
- ✓ Pretendo trabalhar e estudar até passar na prova de residência, provavelmente em local próximo a minha família.
- ✓ Realizar especialização na área que eu escolher e realizar parte fora do Brasil.
- ✓ Trabalhar em POA e prestar prova de residência lá.
- ✓ Possíveis residências médicas.
- ✓ Fazer residência em Pediatria.
- ✓ Primeiramente pretendo ingressar em algum programa de Residência.
- ✓ Pretendo fazer prova para residência médica assim que me formar.
- ✓ Realizar plantões para juntar dinheiro e estudar para Residência.
- ✓ Residência e PSF.
- ✓ Pretendo fazer residência, mas ainda não decidi em que área.
- ✓ Residência médica em cardiologia em SP.
- ✓ Fazer especialização.
- ✓ Fazer especialização no exterior.
- ✓ Mestrado e Doutorado.
- ✓ Graduação -> Residência Médica -> Mestrado -> Doutorado.
- ✓ Trabalhar. Casar. Continuar estudando. Mudar a realidade ao meu redor.
- ✓ Vou para Blumenau fazer residência e casar.
- ✓ Trabalhar, fazer residência, construir família (casamento, filhos).
- ✓ Trabalhar, não depender financeiramente dos pais, fazer coisas que gosto.
- ✓ Trabalhar em emergência.

Para resumir sua trajetória universitária até então, as palavras referidas mais de uma vez pelos alunos foram: cansativa (5), dedicação (4), esforço (4), persistência (3) e difícil (2). Também apareceram as seguintes palavras citadas apenas uma vez: agradável, aprendizado, complexa, conquista, corrida, desafiadora, desgastante, estudo, jornada, longa, luta, puxada, responsabilidade, sacrifício, satisfação e sucesso.

## ANEXO 6 - Dados do curso de Arquitetura

<b>CURSO: ARQUITETURA</b>	<b>TOTAL</b>	<b>% TOTAL</b>
Participaram da pesquisa	21	100%
<b>1. Gênero</b>		
A. Feminino	13	61,90%
B. Masculino	8	38,09%
<b>2. Idade</b>		
A. De 20 a 24 anos	12	57,14%
B. De 25 a 29 anos	7	33,33%
C. De 30 a 39 anos	2	9,52%
D. De 40 a 59 anos	0	0%
E. 60 anos ou mais	0	0%
<b>3. Origem étnica (cor)</b>		
A. Caucasiano (Branco)	17	80,95%
B. Pardo (Moreno)	3	14,28%
C. Amarelo (Asiático)	1	4,76%
D. Negro (Afrodescendente / Preto)	0	0%
E. Indígena	0	0%
F. Não responderam	0	0%
<b>4. Estado civil</b>		
A. Solteiro	20	95,23%
B. Casado	1	4,76%
C. Em união estável	0	0%
D. Separado / Divorciado	0	0%
E. Viúvo	0	0%
F. Não responderam	0	0%
<b>5. Cidade de nascimento</b>		
A. Florianópolis	7	33,33%
B. Grande Florianópolis	3	14,28%
C. Outra cidade de SC	3	14,28%
D. Cidade no PR	3	14,28%
E. Cidade no RS	2	9,52%
F. Cidade no Sudeste	3	14,28%
G. Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H. Cidade no Nordeste	0	0%
I. Cidade no Norte	0	0%

J.	Não responderam	0	0%
<b>6.</b>	<b>Cidade em que residia antes de ingressar na UFSC</b>		
A.	Florianópolis	11	52,38%
B.	Grande Florianópolis	2	9,52%
C.	Outra cidade de SC	5	23,80%
D.	Cidade no PR	0	0%
E.	Cidade no RS	2	9,52%
F.	Cidade no Sudeste	0	0%
G.	Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H.	Cidade no Nordeste	0	0%
I.	Cidade no Norte	0	0%
J.	Outro país	1	4,76%
EUA			
K.	Não responderam	0	0%
<b>7.</b>	<b>Onde reside atualmente</b>		
A.	Florianópolis	18	85,71%
B.	São José	2	9,52%
C.	Palhoça	1	4,76%
D.	Não responderam	0	0%
<b>8.</b>	<b>Bairro onde reside atualmente</b>		
A.	Bairros de Florianópolis Canasvieiras – 1 Carvoeira - 2 Centro - 2 Coqueiros – 1 Córrego Grande - 3 Ingleses – 2 Lagoa da Conceição - 1 Monte Verde - 1 Pantanal - 1 Rio Vermelho – 1 Trindade – 3	18	85,71%
B.	Bairros de São José Barreiros – 1 Floresta - 1	2	9,52%
C.	Bairros de Palhoça Ponte do Imaruim – 1	1	4,76%
<b>9.</b>	<b>Ano e semestre de ingresso na UFSC</b>		
A.	2008/1	2	9,52%
B.	2008/2	1	4,76%
C.	2009/1	4	19,04%
D.	2009/2	9	42,85%



E. 2010/1	2	9,52%
F. 2010/2	3	14,28%
G. Não responderam	0	0%
<b>10. Com quem mora</b>		
A. Apenas pai e mãe	3	14,28%
B. Apenas pai ou apenas mãe	2	9,52%
C. Mãe, pai e irmãos	5	23,80%
D. Mãe ou pai e irmãos	2	9,52%
E. Com irmãos	2	9,52%
F. Com cônjuge	2	9,52%
G. Com cônjuge e filhos	0	0%
H. Com tio(s)	0	0%
I. Com amigo(s)	1	4,76%
J. Sozinho	1	4,76%
K. Outros Pai, mãe e cônjuge – 1 Avó e tio - 1	3	14,28%
L. Não responderam	0	0%
<b>11. Qual é o grau de instrução do seu pai?</b>		
A. Nenhum	0	0%
B. Ensino Fundamental	3	14,28%
C. Ensino Médio	7	33,33%
D. Ensino Superior	9	42,85%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	2	9,52%
F. Não responderam	0	0%
<b>12. Qual a ocupação atual do seu pai?</b>		
A. Profissional liberal Administrador - 2 Arquiteto - 1 Engenheiro - 1 Médico - 3	7	33,33%
B. Autônomo	2	9,52%
C. Empresário (quem tem atividade econômica organizada)	2	9,52%
D. Prestador de serviços - iniciativa privada Motorista – 1 Pedreiro – 1	2	9,52%
E. Servidor público	1	4,76%
F. Aposentado	5	23,80%
G. Falecido	2	9,52%

H. Não sabe / Não responderam / Não Possui	0	0%
<b>13. Qual é o grau de instrução da sua mãe?</b>		
A. Nenhum	0	0%
B. Ensino Fundamental	2	9,52%
C. Ensino Médio	7	33,33%
D. Ensino Superior	7	33,33%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	5	23,80%
F. Não responderam	0	0%
<b>14. Qual a ocupação atual da sua mãe?</b>		
i. Profissional liberal Administradora - 2 Contadora - 1 Farmacêutica - 1 Médica - 1 Pedagoga - 1 Professora - 1	7	33,33%
ii. Autônomo	1	4,76%
iii. Empresário (quem tem atividade econômica organizada)	1	4,76%
iv. Prestadores de serviços - iniciativa privada Gerente - 1	1	4,76%
v. Servidores públicos	1	4,76%
vi. Aposentado	3	14,28%
vii. Falecido	0	0%
viii. Não sabe / Não Possui Dona de casa - 5 Estudante - 1	6	28,57%
ix. Não responderam	0	0%
<b>15. No caso de possuir cônjuge/companheiro(a), qual é a ocupação profissional atual dele (a)?</b>		
A. Profissional liberal (com ensino superior): engenheiro, médico, advogado, contador, etc	0	0%
B. Autônomo	0	0%
C. Empresário	0	0%
D. Prestadores de serviços - iniciativa privada Designer - 1	1	100%
E. Não possuem cônjuge / união estável	20	-
<b>16. Qual a sua faixa de renda mensal familiar aproximada?</b>		
A. Acima de 20 salários mínimos	3	14,28%
B. De 10 a 20 salários mínimos	9	42,85%
C. De 04 a 10 salários mínimos	5	23,80%

D. De 02 a 04 salários mínimos	4	19,04%
E. De até 02 salários mínimos	0	0%
<b>17. Qual o número de pessoas que vivem desta renda familiar mensal?</b>		
A. 1 Pessoa	1	4,76%
B. 2 Pessoas	3	14,28%
C. 3 Pessoas	4	19,04%
D. 4 Pessoas	7	33,33%
E. 5 Pessoas	4	19,04%
F. 6 ou mais pessoas	2	9,52%
<b>18. Cursou a educação infantil</b>		
A. Somente em escola pública	5	23,80%
B. Em escola pública e em escola particular	1	4,76%
C. Somente em escola particular	15	71,42%
<b>19. Turno da educação infantil</b>		
A. Matutino	8	38,09%
B. Vespertino	11	52,38%
C. Integral	2	9,52%
<b>20. Cursou o ensino fundamental</b>		
A. Somente em escola pública	5	23,80%
B. Em escola pública e em escola particular	3	14,28%
C. Somente em escola particular	13	61,90%
<b>21. Turno do ensino fundamental</b>		
A. Matutino	9	42,85%
B. Vespertino	10	47,61%
C. Integral	2	9,52%
<b>22. Cursou o ensino médio</b>		
A. Somente em escola pública	6	28,57%
B. Em escola pública e em escola particular	3	14,28%
C. Somente em escola particular	12	57,14%
<b>23. Turno do ensino médio</b>		
A. Matutino	17	80,95%
B. Vespertino	3	14,28%
C. Integral	1	4,76%

<b>24. Fez curso técnico?</b>		
A. Sim Técnico de Edificações / Florianópolis - 1 Técnico Meio Ambiente / Florianópolis / IFSC - 1 Não respondeu curso / cidade / instituição - 1	3	14,28%
B. Não	18	85,71%
C. Não responderam	0	0%
<b>25. Fez supletivo ou Educação de Jovens e Adultos (EJA)?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	21	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>26. No caso de ter cursado educação infantil, ensino fundamental e ensino médio em escola particular, você precisou em algum momento de auxílio financeiro da instituição (como bolsa de estudo parcial ou integral)</b>		
A. Sim	1	4,76%
A.1. Ensino médio	1	-
B. Não	16	76,19%
C. Não responderam	4	19,04%
<b>27. Cursou algum dos anos de estudo da educação básica em país estrangeiro?</b>		
A. Sim	1	4,76%
A.1. França, mas não respondeu qual etapa da educação	1	-
B. Não	20	95,23%
C. Não responderam	0	0%
<b>28. Fez curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC?</b>		
A. Sim	17	80,95%
A.1. Público	1	5,88%
A.2. Privado	16	94,11%
Cidade/Estado:		
Balneário Camboriu	1	-
Florianópolis	13	-
Joinville	1	-

<i>Não responderam a cidade</i>	2	-
<i>Instituição:</i>		
<i>Energia</i>	10	-
<i>Só exatas</i>	1	-
<i>Tendência</i>	4	-
<i>Não responderam a instituição</i>	2	-
B. Não	4	19,04%
C. Não responderam	0	0%
<b>29. Forma de ingresso na UFSC:</b>		
A. Vestibular. Quantas vezes prestou vestibular para este curso?	21	100%
A.1. Uma vez	11	52,38%
A.2. Duas vezes	5	23,80%
A.3. Três vezes	4	19,04%
A.4. Não respondeu o número de vezes	1	4,76%
B. Transferência externa. De qual instituição?	0	0%
C. Transferência interna. De qual curso anterior?	0	0%
D. Retorno de graduado. De qual curso retornou?	0	0%
E. Outro. Especifique:	0	0%
<b>30. No ano em que antecedeu o ingresso na UFSC, também foi aprovado em outros vestibulares?</b>		
A. Sim	17	80,95%
<i>Cursos:</i>		
<i>Administração Empresarial ou Pública</i>	2	-
<i>Arquitetura</i>	6	-
<i>Construção de Edifícios</i>	1	-
<i>Design</i>	2	-
<i>Design Gráfico</i>	1	-
<i>Design Industrial</i>	2	-
<i>Economia</i>	1	-
<i>Edificações</i>	1	-
<i>Engenharia Elétrica</i>	1	-
<i>Sistemas Digitais</i>	1	-

<i>Não responderam o curso</i>	2	-
<i>Instituição:</i>		
<i>ACAFE</i>	1	4,76%
<i>IFSC</i>	4	19,04%
<i>UDESC</i>	8	38,09%
<i>UFPEL</i>	1	4,76%
<i>UNISUL</i>	2	9,52%
<i>UNIVALI</i>	1	4,76%
<i>Não responderam a instituição</i>	2	9,52%
B. Não	4	19,04%
C. Não responderam	0	0%
<b>31. Está cursando outro curso superior?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	21	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>32. Já possui um curso superior concluído?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	21	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>33. Você exerce atividade remunerada?</b>		
A. Não trabalho atualmente e nunca trabalhei	0	0%
B. Não trabalho atualmente, mas já trabalhei	4	19,04%
<i>Qual foi o último trabalho</i>		
<i>Estágio (1 mês, 7 meses, 10 meses)</i>	3	75%
<i>Músico</i>	1	25%
C. Sim	17	80,95%
<i>Qual é o trabalho atual?</i>		
<i>Administrador (5 anos)</i>	1	5,88%
<i>Bolsista</i>	1	5,88%
<i>Estágio: 1 mês, 3 meses (2), 4 meses, 6 meses, 1 ano e 6 meses (2), 2 anos (3), 3 anos, 4 anos</i>	14	82,35%
<i>Professora de dança (2 anos)</i>	1	5,88%

<i>Técnico da prefeitura (1 anos e 3 meses)</i>	1	5,88%
D. Não responderam	0	0%
<b>34. Preciou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso?</b>		
A. Sim	2	9,52%
B. Não	19	90,47%
C. Não responderam	0	0%
<b>35. Houve a necessidade de que a sua família lhe ajudasse financeiramente durante a faculdade?</b>		
A. Sim	20	95,23%
B. Não	1	4,76%
C. Não responderam	0	0%
<b>36. Uma palavra que represente a sua trajetória universitária até então:</b>		
Adaptação	1	4,76%
Aprendizado	1	4,76%
Café	1	4,76%
Dedicação	2	9,52%
Determinação	1	4,76%
Dificuldade	1	4,76%
Dúvida	2	9,52%
Empenho	1	4,76%
Esforço	1	4,76%
Exaustão	1	4,76%
Inconstante	1	4,76%
Longa	1	4,76%
Motivação	1	4,76%
Superação	1	4,76%
Tédio	1	4,76%
Trabalhosa	1	4,76%
Não responderam	3	14,28%

<b>37. Já traçou objetivos profissionais para o período após a sua formatura?</b>		
A. Sim - Trabalhar em algum escritório e talvez seguir mestrado. - Talvez faça mestrado. - Mestrado. - Trabalhar em escritório, mas precisamente em campo. - Concursos públicos. - Direcionamento em questões técnicas, para facilitar o nicho de atuações. - Continuar meus projetos já iniciados e expandir para projetos que só posso iniciar com diploma. Escritório próprio, sócia com amiga. - Carreira acadêmica, ou concurso público para alguma instituição pública. - Prestar concurso público. - Mais ou menos, mas nada certo. - Já pensei em várias alternativas, pós fora do país, ser efetivada no estágio. Ainda nenhuma decisão. - Trabalhar em empresa da família. - Tenho envolvimento com a dança portanto não pretendo exercer a profissão como arquiteta. - Concurso público para arquitetos. - Buscar aperfeiçoamento em outro estado ou país.	16	76,19%
B. Não	4	19,04%
C. Não responderam	1	4,76%
<b>38. Gostaria de ser entrevistado acerca de sua trajetória universitária futuramente?</b>		
A. Sim	7	33,33%
B. Não	13	61,90%
C. Não responderam	1	4,76%



## **ANEXO 7 - Descrição dos dados do curso de Arquitetura**

A tabela anterior contém as informações relativas aos 21 formandos da nona fase do curso de Arquitetura e Urbanismo, sendo 13 (61,90%) do sexo feminino e 8 (38,09%) do masculino.

No que se refere à idade, a maioria de 57,14% (12 alunos) possuía de 20 a 24 anos; 33,33% (7 alunos) tinham de 25 a 29 anos; e apenas 2 alunos (9,52%) possuía entre 30 a 39 anos.

Acerca da origem étnica, 80,95% (17 alunos) responderam ser de cor branca; 14,28% (3 alunos) de cor parda; e 4,76% (1 aluno) de cor amarela.

Quanto ao estado civil, apenas 1 aluno (4,76%) disse ser casado, enquanto os demais são solteiros (95,23%).

Sobre a cidade de nascimento, a maioria de 33,33% (7 alunos) nasceu em Florianópolis; 14,28% (3 alunos) em cidades da Grande Florianópolis, com exceção da capital; e 14,28% (3 alunos) em outras cidades catarinenses. Somando os dados, tem-se 61,89% (13) de alunos catarinenses. Os demais são nascidos no Paraná (3 alunos); no Rio Grande do Sul (2 alunos); e em cidades do sudeste brasileiro (3 alunos).

Em relação à cidade em que moravam antes de ingressar na UFSC, novamente 13 alunos (61,89%) disseram morar na região da Grande Florianópolis, sendo que apenas 2 alunos (9,52%) não residiam na Capital. De outras cidades catarinenses, vieram 23,80% (5 alunos). Do Rio Grande do Sul, vieram 9,52% (2 alunos). E, ainda, 1 aluno (4,76%) morava no exterior (Estados Unidos).

Atualmente, 18 alunos (85,71%) residem em Florianópolis, sendo 11 deles em bairros próximos a UFSC. Ainda, 2 alunos (9,52%) moram em São José (bairros Barreiros e Floresta) e 1 aluno (4,76%) no bairro da Ponte do Imaruim em Palhoça.

Na questão para apontar com quem residiam, a maioria (13 alunos – 61,89%) reside com os ascendentes (pai e/ou mãe, com ou sem irmãos); 2 moram com irmão(s); 2 moram com cônjuge; 1 mora com amigo(s); 1 mora sozinho; e outros 2 em “outras configurações”.

Sobre o grau de instrução do pai, 11 alunos (52,37%) disseram que o pai possuía Ensino superior, sendo 2 com Pós-Graduação. A outra metade se divide em: 3 pais com Ensino Fundamental (14,28%) e 7 pais com Ensino Médio (33,33%).

De acordo com os alunos, 7 pais seriam “profissionais liberais”, como administrador, arquiteto, engenheiro e médico; 2 seriam “autônomos”; 2 seriam “empresários”; 2 seriam “prestadores de serviços na iniciativa privada”, como motorista e pedreiro; e 1 seria “servidor público”. Os demais são aposentados (5) ou são falecidos (2).

Sobre a escolaridade das mães, as informações foram bem parecidas com as dos pais: 57,14% (12 mães) possuem Ensino superior e 5 delas com Pós-Graduação; 33,33% (7 mães) com Ensino Médio; e 9,52% (2 mães) com Ensino Fundamental.

As ocupações das mães são bastante diversificadas: 33,33% (7 mães) seriam “profissionais liberais” como administradora, professora, contadora, farmacêutica e médica. Nas categorias de “autônomo”, “empresário”, “prestador de serviço” e “servidor público”, apareceu a menção a 1 mãe para cada (4,76%). Ainda, 3 mães estão aposentadas e 6 mães não trabalham (sendo 5 delas donas de casa e 1 estudante).

O aluno que disser ter cônjuge/companheiro apontou que a ocupação deste seria de “prestador de serviços”, como designer.

No que se refere à faixa de renda mensal familiar aproximada, 9 alunos (42,85%) estimaram a renda de 10 a 20 salários mínimos; 5 alunos (23,80%) de 4 a 10 salários mínimos; 4 alunos (19,04%) de 2 a 4 salários mínimos; e, 3 alunos (14,28%), acima de 20 salários mínimos. A maioria dos alunos, 33,33%, disse que 4 pessoas viveriam da renda familiar apontada.

No tocante à escolaridade, todos disseram ter cursado a Educação Infantil, sendo a maioria no turno vespertino (52,38%). Ainda, a maioria (71,42% - 15 alunos) disse ter cursado a Educação Infantil somente em escola particular. Somente em escola pública, foram 23,80% e em escolas pública e particular, 4,76%.

No Ensino Fundamental, o percentual de alunos que estudaram em instituição privada decresce para 61,90% (13 alunos); ao passo que na escola pública o percentual se manteve o mesmo (23,80%); e em ambas, aumentou para 14,28%. O turno vespertino do Ensino Fundamental também foi o mais frequentado (47,61%).

No Ensino Médio, mais uma vez se reduz o percentual de alunos que estudaram em escolas privadas apenas, agora para 57,14% (12 alunos), e se aumenta o percentual da escola pública

para 28,57%. O restante (14,28%), tal como no Ensino Fundamental, estudaram em escolas privada e pública. A maioria (80,95%) fez o Ensino Médio no turno matutino.

Dentre aqueles que cursaram qualquer nível de ensino em escola particular, apenas 1 aluno (4,76%) disse ter necessitado de auxílio financeiro da instituição – nesta hipótese, bolsa de estudos para cursar o Ensino Médio.

De acordo com a turma, 3 alunos (14,28%) fizeram curso técnico, sendo nomeados o de Técnico em Edificações (IFSC) e o de Técnico de Meio Ambiente (IFSC).

Nenhum dos alunos informou ter cursado supletivo ou Educação de Jovens e Adultos. Em contrapartida, 1 aluno mencionou ter estudado na França durante a Educação Básica.

Sobre curso pré-vestibular, a maioria de 80,95% (17 alunos) afirmou tê-lo cursado, sendo que 94,11% em instituição privada.

Todos os alunos também disseram que ingressaram na UFSC por meio de vestibular: 52,38% fizeram-no uma vez; 23,80%, duas vezes; 19,04%, três vezes; e 4,76% não responderam.

Antes de ingressarem na UFSC, 17 alunos (80,95%) afirmaram também terem sido aprovados em outros vestibulares, sendo que 6 passaram para outros cursos de Arquitetura e 7 para cursos afins (como Edificações e Design).

Quanto ao semestre de ingresso, a turma em questão deveria reunir os calouros do primeiro semestre de 2010. Contudo, apenas 2 alunos (9,52%) são da turma original de 2010.1. A maior parte, 42,85% (9 alunos), ingressou em 2009.2; seguida por 19,04% (4 alunos) que ingressaram em 2009.1. Ainda, 3 alunos são do ano de 2008 e 3 alunos são do segundo semestre de 2010.

Nenhum aluno referiu ter cursado ou estar cursando outro curso superior.

Quando perguntados a respeito do desempenho de atividade remunerada, a maioria de 80,95% (17 alunos) disse estar trabalhando. A atividade mais referida foi a de estagiário de arquitetura (82,35%), mas também foram descritas as seguintes: administrador, bolsista de pesquisa, técnico da Prefeitura e professora de dança. Os 4 alunos que atualmente não trabalham, referiram ter trabalhado antes, como estagiários e músico.

A maior parte dos alunos, representada por 90,47% (19 alunos), não precisou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento da família durante o curso. Por sua vez, 95,23% (20 alunos) disseram ter a necessidade de que a família os mantenha financeiramente durante os estudos.

No que concerne aos objetivos profissionais para o período após a formatura, 16 alunos (76,19%) afirmaram ter alguns planejamentos prévios como:

- ✓ Trabalhar em empresa da família.
- ✓ Trabalhar em escritório, mas precisamente em campo.
- ✓ Trabalhar em algum escritório e talvez seguir mestrado.
- ✓ Direcionamento em questões técnicas, para facilitar o nicho de atuações.
- ✓ Continuar meus projetos já iniciados e expandir para projetos que só posso iniciar com diploma. Escritório próprio, sócia com amiga.
- ✓ Buscar aperfeiçoamento em outro estado ou país.
- ✓ Talvez faça mestrado.
- ✓ Mestrado.
- ✓ Já pensei em várias alternativas, pós fora do país, ser efetivada no estágio. Ainda nenhuma decisão.
- ✓ Carreira acadêmica, ou concurso público para alguma instituição pública.
- ✓ Concurso público para arquitetos.
- ✓ Concursos públicos.
- ✓ Prestar concurso público.
- ✓ Mais ou menos, mas nada certo.
- ✓ Tenho envolvimento com a dança, portanto não pretendo exercer a profissão como arquiteta.

Para representar as trajetórias na Universidade até então, diversas palavras foram escolhidas, sendo que dedicação e dúvida apareceram duas vezes cada. As demais foram: adaptação, aprendizado, café, determinação, dificuldade, empenho, esforço, exaustão, inconstante, longa, motivação, superação, tédio e trabalhosa.

## ANEXO 8 - Dados do curso de Engenharia Civil

<b>CURSO: ENGENHARIA CIVIL</b>	<b>TOTAL</b>	<b>% TOTAL</b>
Participaram da pesquisa	17	100%
<b>1. Gênero</b>		
A. Feminino	3	17,64%
B. Masculino	14	82,35%
<b>2. Idade</b>		
A. De 20 a 24 anos	15	88,23%
B. De 25 a 29 anos	2	11,76%
C. De 30 a 39 anos	0	0%
D. De 40 a 59 anos	0	0%
E. 60 anos ou mais	0	0%
<b>3. Origem étnica (cor)</b>		
A. Caucasiano (Branco)	14	82,35%
B. Pardo (Moreno)	1	5,88%
C. Amarelo (Asiático)	0	0%
D. Negro (Afrodescendente / Preto)	0	0%
E. Indígena	0	0%
F. Não responderam	2	11,76%
<b>4. Estado civil</b>		
A. Solteiro	16	94,11%
B. Casado	1	5,88%
C. Em união estável	0	0%
D. Separado / Divorciado	0	0%
E. Viúvo	0	0%
F. Não responderam	0	0%
<b>5. Cidade de nascimento</b>		
A. Florianópolis	6	35,29%
B. Grande Florianópolis	2	11,76%
C. Outra cidade de SC	7	41,17%
D. Cidade no PR	1	5,88%
E. Cidade no RS	0	0%
F. Cidade no Sudeste	0	0%
G. Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H. Cidade no Nordeste	1	5,88%
I. Cidade no Norte	0	0%
J. Não responderam	0	0%

<b>6. Cidade em que residia antes de ingressar na UFSC</b>		
A. Florianópolis	5	29,41%
B. Grande Florianópolis	2	11,76%
C. Outra cidade de SC	8	47,05%
D. Cidade no PR	1	5,88%
E. Cidade no RS	0	0%
F. Cidade no Sudeste	0	0%
G. Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H. Cidade no Nordeste	1	5,88%
I. Cidade no Norte	0	0%
J. Não responderam	0	0%
<b>7. Onde reside atualmente</b>		
A. Florianópolis	16	94,11%
B. Palhoça	1	5,88%
C. Não responderam	0	0%
<b>8. Bairro onde reside atualmente</b>		
A. Bairros de Florianópolis Carvoeira – 1 Centro – 2 Córrego Grande – 2 Jardim Atlântico – 2 Lagoa da Conceição – 1 Pantanal – 1 Rio Tavares – 1 Saco dos Limões – 1 Serrinha – 1 Trindade – 4	16	94,11%
B. Bairros de Palhoça Barra do Aririú - 1	1	5,88%
<b>9. Ano e semestre de ingresso na UFSC</b>		
A. 2009/1	1	5,88%
B. 2009/2	6	35,29%
C. 2010/1	10	58,82%
D. Não responderam	0	0%
<b>10. Com quem mora</b>		
A. Apenas pai e mãe	0	0%
B. Apenas pai ou apenas mãe	1	5,88%
C. Mãe, pai e irmãos	3	17,64%
D. Mãe ou pai e irmãos	1	5,88%
E. Com irmãos	2	11,76%
F. Com cônjuge	0	0%

G. Com cônjuge e filhos	1	5,88%
H. Com tio(s)	1	5,88%
I. Com amigo(s)	8	47,05%
J. Não responderam	0	0%
<b>11. Qual é o grau de instrução do seu pai?</b>		
A. Nenhum	1	5,88%
B. Ensino Fundamental	2	11,76%
C. Ensino Médio	5	29,41%
D. Ensino Superior	4	23,52%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	5	29,41%
F. Não responderam	0	0%
<b>12. Qual a ocupação atual do seu pai?</b>		
A. Profissional liberal Contador e Contabilista - 3 Engenheiro - 4	7	41,17%
B. Autônomo	1	5,88%
C. Empresário (quem tem atividade econômica organizada)	1	5,88%
D. Prestador de serviços - iniciativa privada Empreiteiro – 2 Motorista - 1 Sindicalista - 1	4	23,52%
E. Servidor público	0	0%
F. Aposentado	1	5,88%
G. Falecido	1	5,88%
H. Não sabe / Não responderam / Não Possui	2	11,76%
<b>13. Qual é o grau de instrução da sua mãe?</b>		
A. Nenhum	0	0%
B. Ensino Fundamental	3	17,64%
C. Ensino Médio	2	11,76%
D. Ensino Superior	6	35,29%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	6	35,29%
F. Não responderam	0	0%
<b>14. Qual a ocupação atual da sua mãe?</b>		
i. Profissional liberal Administradora - 1 Artista Plástica - 1 Diretora de Escola – 1 Enfermeira - 2 Médica - 1	10	58,82%

Pedagoga – 2 Professora – 1 Psicopedagoga -1 Vendedora – 1		
ii. Autônomo	0	0%
iii. Empresário (quem tem atividade econômica organizada)	0	0%
iv. Prestador de serviços - iniciativa privada Cabeleireira – 1	1	5,88%
v. Servidor público	1	5,88%
vi. Aposentado	0	0%
vii. Falecido	0	0%
viii. Outros História Natural – 1	1	5,88%
ix. Não sabe / Não responderam / Não Possui	4	23,52%
<b>15. No caso de possuir cônjuge/companheiro(a), qual é a ocupação profissional atual dele (a)?</b>		
A. Profissional liberal (com ensino superior): engenheiro, médico, advogado, contador, etc. Engenheiro – 1	1	100%
B. Autônomo	0	0%
C. Empresário	0	0%
D. Não possuem cônjuge / união estável	16	-
<b>16. Qual a sua faixa de renda mensal familiar aproximada?</b>		
A. Acima de 20 salários mínimos	3	17,64%
B. De 10 a 20 salários mínimos	4	23,52%
C. De 04 a 10 salários mínimos	7	41,17%
D. De 02 a 04 salários mínimos	2	11,76%
E. De até 02 salários mínimos	1	5,88%
<b>17. Qual o número de pessoas que vivem desta renda familiar mensal?</b>		
A. 1 Pessoa	1	5,88%
B. 2 Pessoas	1	5,88%
C. 3 Pessoas	4	23,52%
D. 4 Pessoas	7	41,17%
E. 5 Pessoas	4	23,52%
F. 6 ou mais pessoas	0	0%
<b>18. Coursou a educação infantil</b>		
A. Somente em escola pública	5	29,41%
B. Em escola pública e em escola particular	3	17,64%



C.	Somente em escola particular	9	52,94%
D.	Não frequentei	0	0%
<b>19.</b>	<b>Turno da educação infantil</b>		
A.	Matutino	11	64,70%
B.	Vespertino	5	29,41%
C.	Integral	1	5,88%
<b>20.</b>	<b>Cursou o ensino fundamental</b>		
A.	Somente em escola pública	6	35,29%
B.	Em escola pública e em escola particular	3	17,64%
C.	Somente em escola particular	8	47,05%
D.	Não frequentei	0	0%
<b>21.</b>	<b>Turno do ensino fundamental</b>		
A.	Matutino	7	41,17%
B.	Vespertino	8	47,05%
C.	Integral	2	11,76%
<b>22.</b>	<b>Cursou o ensino médio</b>		
A.	Somente em escola pública	7	41,17%
B.	Em escola pública e em escola particular	0	0%
C.	Somente em escola particular	10	58,82%
D.	Não frequentei	0	0%
<b>23.</b>	<b>Turno do ensino médio</b>		
A.	Matutino	13	76,47%
B.	Vespertino	3	17,64%
C.	Integral	1	5,88%
D.	Noturno	0	0%
<b>24.</b>	<b>Fez curso técnico?</b>		
A.	Sim	0	0%
B.	Não	17	100%
C.	Não responderam	0	0%
<b>25.</b>	<b>Fez supletivo ou Educação de Jovens e Adultos (EJA)?</b>		
A.	Sim	0	0%
B.	Não	17	100%

C. Não responderam	0	0%
<b>26. No caso de ter cursado educação infantil, ensino fundamental e ensino médio em escola particular, você precisou em algum momento de auxílio financeiro da instituição (como bolsa de estudo parcial ou integral)</b>		
A. Sim	2	11,76%
A.1. Todos níveis	1	-
A.2. Ensino médio	1	-
B. Não	11	64,70%
C. Não responderam	4	23,52%
<b>27. Coursou algum dos anos de estudo da educação básica em país estrangeiro?</b>		
A. Sim	2	11,76%
A.1. Ensino médio	1	-
A.2. Não responderam	1	-
País 1. Bélgica	1	-
País 2. Canadá	1	-
B. Não	15	88,23%
C. Não responderam	0	0%
<b>28. Fez curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC?</b>		
A. Sim	11	64,70%
A.1. Público	1	9,09%
A.2. Privado	10	90,90%
Cidade/Estado:		
Brusque – SC	1	9,09%
Chapecó – SC	1	9,09%
Criciúma – SC	1	9,09%
Florianópolis - SC	4	36,36%
Paraná	1	9,09%
Não responderam a cidade/estado	3	27,27%
Instituição:		
Energia	6	54,54%

<i>Master Vestibular</i>	1	9,09%
<i>Tendência</i>	1	9,09%
<i>Não responderam a instituição</i>	3	27,27%
B. Não	6	35,29%
C. Não responderam	0	0%
<b>29. Forma de ingresso na UFSC:</b>		
A. Vestibular. Quantas vezes prestou vestibular para este curso?	17	100%
A.1. Uma vez	12	70,63%
A.2. Duas vezes	4	23,52%
A.3. Três vezes	1	5,88%
B. Transferência externa. De qual instituição?	0	0%
C. Transferência interna. De qual curso anterior?	0	0%
D. Retorno de graduado. De qual curso retornou?	0	0%
E. Outro. Especifique:	0	0%
<b>30. No ano em que antecedeu o ingresso na UFSC, também foi aprovado em outros vestibulares?</b>		
A. Sim	10	58,82%
<i>Cursos:</i>		
<i>Administração Empresarial ou Pública</i>	2	-
<i>Designer Gráfico</i>	1	-
<i>Direito</i>	1	-
<i>Edificações</i>	1	-
<i>Engenharia Ambiental</i>	1	-
<i>Engenharia Civil</i>	5	-
<i>Não responderam o curso</i>	1	-
<i>Instituição:</i>		
<i>CEFET</i>	1	-
<i>UDESC</i>	5	-
<i>UEM</i>	1	-
<i>UEPG</i>	1	-
<i>UFBA</i>	1	-

<i>UFFS</i>	1	-
<i>UFRGS</i>	1	-
<i>UNESC</i>	1	-
<i>UNICENTRO</i>	1	-
<i>UNISUL</i>	1	-
<i>UNOCHAPECÓ</i>	1	-
<i>URE</i>	1	-
<i>UTFPR</i>	1	-
B. Não	7	
C. Não responderam	0	0%
<b>31. Está cursando outro curso superior?</b>		
A. Sim	1	5,88%
<i>Cursos:</i>		
<i>Administração</i>	1	-
<i>Instituição:</i>		
<i>UDESC</i>	1	-
B. Não	16	94,11%
C. Não responderam	0	0%
<b>32. Já possui um curso superior concluído?</b>		
A. Sim <i>Educação Física / UFSC</i>	1	5,88%
B. Não	16	94,11%
C. Não responderam	0	0%
<b>33. Você exerce atividade remunerada?</b>		
A. Não trabalho atualmente e nunca trabalhei	0	0%
B. Não trabalho atualmente, mas já trabalhei	3	17,64%
<i>Qual foi o último trabalho</i>		
<i>Auxiliar de Engenheiro Civil (3 meses)</i>	1	-
<i>Bolsista (1 ano e 6 meses)</i>	1	-
<i>Caixa (1 ano e 6 meses)</i>	1	-
C. Sim	14	82,35%
<i>Qual é o trabalho atual?</i>		

<i>Estágio (4 meses = 2; 5 meses; 6 meses; 8 meses; 1 ano = 2; 1 ano e 8 meses; 2 anos; 3 anos)</i>	10	-
<i>Monitoria (3 meses)</i>	1	-
<i>Gerente administrativo (6 anos)</i>	1	-
<i>Administrador de obras (2 anos)</i>	1	-
<i>Auxiliar de engenheiro (3 anos)</i>	1	-
D. Não responderam	0	0%
<b>34. Preciou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso?</b>		
A. Sim	2	11,76%
B. Não	15	88,23%
C. Não responderam	0	0%
<b>35. Houve a necessidade de que a sua família lhe ajudasse financeiramente durante a faculdade?</b>		
A. Sim	13	76,47%
B. Não	4	23,52%
C. Não responderam	0	0%
<b>36. Uma palavra que represente a sua trajetória universitária até então:</b>		
Aprendizado	1	5,88%
Cansativa	2	11,76%
Correria	1	5,88%
Dedicação	3	17,64%
Determinação	1	5,88%
Esforço	1	5,88%
Estudo	1	5,88%
Foco	2	11,76%
Maçante	2	11,76%
Superação	1	5,88%
Trabalho	2	11,76%

<b>37. Já traçou objetivos profissionais para o período após a sua formatura?</b>		
A. Sim <ul style="list-style-type: none"> <li>- Pretendo exercer profissão na minha cidade natal.</li> <li>- Trabalhar como empregado inicialmente e em seguida empreender.</li> <li>- Prestar concursos de <i>trainee</i> para algumas empresas.</li> <li>- Ampliar a área de atuação da empresa que atualmente só trabalha com engenharia elétrica e mecânica.</li> <li>- Trabalhar por um período para aprender com mercado de trabalho e posteriormente abrir meu negócio.</li> <li>- Trabalhar no setor logístico/transportes após a formatura e iniciar mestrado em aproximadamente dois anos.</li> <li>- Ir para empresa particular como funcionário e após abrir empresa própria.</li> <li>- Trabalhar com investimentos.</li> <li>- Seguir carreira, iniciando como <i>trainee</i>, em empresa de construção de São Paulo.</li> <li>- Continuar na empresa que faço estágio.</li> <li>- Trabalhar com gestão fazendo previamente <i>trainee</i> em várias empresas pelo mundo.</li> <li>- Trabalhar em projetos e construções em geral.</li> </ul>	13	76,47%
B. Não	4	23,52%
C. Não responderam	0	0%
<b>38. Gostaria de ser entrevistado acerca de sua trajetória universitária futuramente?</b>		
A. Sim	3	17,64%
B. Não	14	82,35%
C. Não responderam	0	0%

## **ANEXO 9 - Descrição dos dados do curso de Engenharia Civil**

Com base na tabela anterior, apuram-se as informações relativas aos 17 alunos da nona fase de Engenharia Civil, sendo a turma composta por 82,35% homens (14 alunos) e 17,64% mulheres (3 alunas).

A faixa etária predominante foi de 20 a 24 anos, reunindo 88,23% da turma (15 alunos). E o restante, apenas 2 alunos (11,76%), referiu ter de 25 a 29 anos.

Quanto à cor declarada pelos alunos, a maioria de 82,35% (14 alunos) é branca. Ainda, 1 aluno se declarou pardo (5,88%) e os outros 2 não responderam (11,76%).

Acerca do estado civil, apenas 1 aluno (5,88%) disse ser casado, enquanto os demais são solteiros (94,11%).

No que se refere à cidade de nascimento, 88,23% (15 alunos) afirmaram ser catarinenses, sendo 47,05% da região da Grande Florianópolis. No Paraná, nasceu apenas 1 aluno (5,88%), bem como em cidade localizada no Nordeste do País.

Quando perguntados sobre a cidade em que residiam antes de entrar na faculdade, os percentuais foram praticamente os mesmos que os anteriores, com a única diferença de que 1 aluno que nasceu na Capital, morava em outra cidade catarinense. Isto é, novamente 88,23% (15 alunos) moravam em Santa Catarina.

Sobre a atual residência, com exceção de um aluno que reside em Palhoça, os demais vivem em Florianópolis (94,11%). A maioria dos alunos (70,59%) mora em bairros vizinhos à UFSC. Os outros bairros citados em Florianópolis foram Lagoa da Conceição, Rio Tavares e Jardim Atlântico; e, em Palhoça, Barra do Aririú.

Quando questionados sobre com quem residiam atualmente, a maioria de 52,94% (9 alunos) disse que com familiares, sendo que destes, 29,40% (5 alunos) mencionaram morar pelos menos com 1 dos ascendentes, com ou sem irmão(s). Também é significativo o número de pessoas que moram com amigos: 47,05% (8 alunos).

Acerca da escolaridade dos pais, 52,94% (9 pais) têm Ensino superior, sendo 5 deles com Pós-Graduação. Ainda, há 5 pais (29,41%) com Ensino Médio; 2 pais (11,76%) com Ensino Fundamental; e, 1 pai (5,88%) sem nenhuma escolaridade.

Conforme os filhos, 41,17% (7 pais) seriam “profissionais liberais”, sendo que as únicas ocupações citadas foram: de engenheiro (4 vezes) e de contador/contabilista (3 vezes). Como “prestadores de serviços na iniciativa privada”, trabalham outros 4 pais (23,52%), nas funções de: empreiteiro (2 vezes), motorista e sindicalista. Ainda, 1 pai (5,88%) foi referido nas outras categorias de “autônomo”, “empresário” e “aposentado”. Por fim, 1 pai era falecido e outros 2 alunos não sabiam / não responderam a ocupação dos pais.

No que se refere às mães, a maioria de 70,59% (12 mães) possui Ensino Superior e metade delas com Pós-Graduação. Outras 3 mães (17,64%) possuem Ensino Fundamental e outras 2 mães (11,76%) possuem Ensino Médio.

A maioria das mães (58,82% - 10) trabalha como “profissional liberal”, em variadas funções: professora (5 vezes), enfermeira (2 vezes), médica, administradora, artista plástica e vendedora. Ainda, 1 mãe (5,88%) foi referida nas categorias de “prestador de serviços na iniciativa privada” (na função de cabeleireira), “servidor público” e “outro” (“*trabalha com História Natural*”). Também, 4 alunos não responderam / não sabiam a ocupação das mães.

O aluno que disse ter cônjuge/companheiro apontou que a ocupação deste seria de “profissional liberal”, na função de engenheiro.

A respeito da faixa de renda mensal familiar aproximada, tem-se: 41,17% (7 alunos) com renda de 4 a 10 salários mínimos; 23,52% (4 alunos) com renda de 10 a 20 salários mínimos; 17,64% com renda acima de 20 salários mínimos; 11,76% (2 alunos) com renda de 2 a 4 salários mínimos; e, 5,88% (1 aluno) com renda de até 2 salários mínimos. A maioria dos alunos, 41,17%, disse que 4 pessoas viveriam da renda familiar apontada.

No que atina à própria escolaridade, todos cursaram Educação Infantil, principalmente em instituição particular (52,94% - 9 alunos) e no turno matutino (64,60% - 11 alunos). Somente em escola pública, foram 29,41% e em escolas pública e particular, 17,64%.

No Ensino Fundamental, 47,05% (8 alunos) estudaram apenas em escola particular. Apenas em escola pública foram 35,29% e em ambas manteve-se o índice de 17,64%. O turno de preferência foi o vespertino, com 47,05% dos estudantes.



No Ensino Médio, o percentual de estudantes apenas em escolas privadas sobe para 58,82% (10 alunos) e o de estudantes apenas em públicas para 41,17% (7 alunos). O turno mais cursado voltou a ser o matutino, com 76,47% (13 alunos).

Dentre aqueles que cursaram qualquer nível de ensino em escola particular, 2 disseram ter necessitado de auxílio financeiro da instituição – nesta hipótese, bolsa de estudos para cursar, para um, todos os níveis da Educação Básica, e para o outro, apenas o Ensino Médio.

De acordo com a turma, nenhum aluno fez curso técnico, nem supletivo ou Educação de Jovens e Adultos. Em contrapartida, 2 alunos mencionaram ter estudado no exterior (Bélgica e Canadá) durante a Educação Básica.

Muitos alunos recorreram ao curso pré-vestibular, totalizando 64,70% (11 alunos), sendo que 10 deles fizeram-no em instituição particular (90,90%).

Todos os alunos também disseram que ingressaram na UFSC por meio de vestibular: 70,63% fizeram-no uma vez; 23,52%, duas vezes; e, 5,88%, três vezes.

Antes de ingressarem na UFSC, 10 alunos (58,82%) afirmaram também terem sido aprovados em outros vestibulares, sendo que 5 passaram para outros cursos de Engenharia Civil.

Quando do ingresso na UFSC, a maioria dos alunos apontou o primeiro de semestre de 2010 (58,82% - 10 alunos), que seria exatamente a turma original dos formandos pesquisados. Os demais disseram ter ingressado em 2009: 35,89% (6 alunos) no segundo semestre e 5,88% (1 aluno) no primeiro.

Apenas 1 aluno referiu estar também em outro curso superior (Administração / UDESC) e 1 aluno referiu ter cursado Educação Física (UFSC).

Relativamente ao desempenho de atividade remunerada, a maioria de 82,35% (14 alunos) disse estar trabalhando, sendo que a atividade mais referida foi o estágio (por 10 alunos). Também foram citadas: monitor de disciplina, gerente administrativo, administrador de obra e auxiliar de engenheiro. Alunos que não estão trabalhando no momento são apenas 3 (17,64%), mas mencionaram já ter desempenhado as funções de: auxiliar de engenheiro, bolsista e caixa.

Com exceção de 2 alunos, os demais, totalizando 15 alunos (88,23%), não precisaram exercer atividade remunerada

para ajudar no sustento da família durante o curso. Por seu turno, 76,47% (13 alunos) disseram ter a necessidade de que a família os mantenha financeiramente durante o curso.

Quanto aos objetivos profissionais para o período após a formatura, 13 alunos (76,47%) afirmaram ter alguns planejamentos prévios como:

- ✓ Trabalhar em projetos e construções em geral.
- ✓ Pretendo exercer profissão na minha cidade natal.
- ✓ Ampliar a área de atuação da empresa que atualmente só trabalha com engenharia elétrica e mecânica.
- ✓ Continuar na empresa em que faço estágio.
- ✓ Trabalhar por um período para aprender com mercado de trabalho e posteriormente abrir meu negócio.
- ✓ Trabalhar como empregado inicialmente e em seguida empreender.
- ✓ Ir para empresa particular como funcionário e após abrir empresa própria.
- ✓ Prestar concursos de *trainee* para algumas empresas.
- ✓ Seguir carreira, iniciando como *trainee*, em empresa de construção de São Paulo.
- ✓ Trabalhar com gestão, fazendo previamente *trainee* em várias empresas pelo mundo.
- ✓ Trabalhar no setor logístico/transportes após a formatura e iniciar mestrado em aproximadamente dois anos.
- ✓ Trabalhar com investimentos.

Ao definirem suas trajetórias na Universidade até então, as palavras mais mencionadas foram: dedicação, cansativa, foco, maçante e trabalho. Também foram citadas: aprendizado, correria, determinação, esforço, estudo e superação.

## ANEXO 10 - Dados do curso de Direito

<b>CURSO: Direito</b>	<b>TOTAL</b>	<b>% TOTAL</b>
Participaram da pesquisa	26	100%
<b>1. Gênero</b>		
A. Feminino	14	53,84%
B. Masculino	12	46,15%
<b>2. Idade</b>		
A. De 20 a 24 anos	20	76,92%
B. De 25 a 29 anos	3	11,53%
C. De 30 a 39 anos	3	11,53%
D. De 40 a 59 anos	0	0%
E. 60 anos ou mais	0	0%
<b>3. Origem étnica (cor)</b>		
A. Caucasiano (Branco)	22	84,61%
B. Pardo (Moreno)	0	0%
C. Amarelo (Asiático)	0	0%
D. Negro (Afrodescendente / Preto)	3	11,53%
E. Indígena	0	0%
F. Não responderam	1	3,84%
<b>4. Estado civil</b>		
A. Solteiro	22	84,61%
B. Casado	3	11,53%
C. Em união estável	1	3,84%
D. Separado / Divorciado	0	0%
E. Viúvo	0	0%
F. Não responderam	0	0%
<b>5. Cidade de nascimento</b>		
A. Florianópolis	12	46,15%
B. Grande Florianópolis	0	0%
C. Outra cidade de SC	8	30,76%
D. Cidade no PR	1	3,84%
E. Cidade no RS	2	7,69%
F. Cidade no Sudeste	3	11,53%
G. Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H. Cidade no Nordeste	0	0%
I. Cidade no Norte	0	0%
J. Não responderam	0	0%

<b>6. Cidade em que residia antes de ingressar na UFSC</b>		
A. Florianópolis	19	73,07%
B. Grande Florianópolis	1	3,84%
C. Outra cidade de SC	3	11,53%
D. Cidade no PR	0	0%
E. Cidade no RS	0	0%
F. Cidade no Sudeste	2	7,69%
G. Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H. Cidade no Nordeste	0	0%
I. Cidade no Norte	0	0%
J. Não responderam	1	3,84%
<b>7. Onde reside atualmente</b>		
A. Florianópolis	23	88,46%
B. São José	3	11,53%
C. Não responderam	0	0%
<b>8. Bairro onde reside atualmente</b>		
A. Bairros de Florianópolis Cacupé - 1 Centro - 3 Córrego Grande - 1 Estreito - 4 José Mendes - 1 Pantanal - 2 Santa Mônica - 1 Santo Antônio de Lisboa - 1 Trindade - 9	23	88,46%
B. Bairros de São José Real Parque - 1 Campinas - 1 Centro - 1	3	11,53%
<b>9. Ano e semestre de ingresso na UFSC</b>		
A. 2008/1	1	3,84%
B. 2008/2	1	3,84%
C. 2009/1	1	3,84%
D. 2009/2	3	11,53%
E. 2010/1	18	69,23%
F. 2010/2	1	3,84%
G. 2012/1	1	3,84%
H. Não responderam	0	0%
<b>10. Com quem mora</b>		
A. Apenas pai e mãe	4	15,38%

B. Apenas pai ou apenas mãe	2	7,69%
C. Mãe, pai e irmãos	4	15,38%
D. Mãe ou pai e irmãos	4	15,38%
E. Com irmãos	0	0%
F. Com cônjuge	2	7,69%
G. Com cônjuge e filhos	2	7,69%
H. Com tio(s)	0	0%
I. Com amigo(s)	1	3,84%
J. Sozinho	3	11,53%
K. Outros	2	7,69%
L. Não responderam	2	7,69%
<b>11. Qual é o grau de instrução do seu pai?</b>		
A. Nenhum	2	7,69%
B. Ensino Fundamental	1	3,84%
C. Ensino Médio	4	15,38%
D. Ensino Superior	9	34,61%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	10	38,46%
F. Não responderam	0	0%
<b>12. Qual a ocupação atual do seu pai?</b>		
A. Profissional liberal Administrador - 2 Advogado - 2 Engenheiro - 3 Professor - 1	8	30,76%
B. Autônomo	1	3,84%
C. Empresário (quem tem atividade econômica organizada)	1	3,84%
D. Prestador de serviços - iniciativa privada Bancário - 1	1	3,84%
E. Servidor público Analista Judiciário - 2 Promotor de Justiça - 1	4	15,38%
F. Aposentado	4	15,38%
G. Falecido	4	15,38%
H. Outros Filatelista - 1	1	3,84%
I. Não sabe / Não responderam / Não Possui	2	7,69%
<b>13. Qual é o grau de instrução da sua mãe?</b>		
A. Nenhum	0	0%
B. Ensino Fundamental	1	3,84%

C. Ensino Médio	8	30,76%
D. Ensino Superior	8	30,76%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	9	34,61%
F. Não responderam	0	0%
<b>14. Qual a ocupação atual da sua mãe?</b>		
i. Profissional liberal Bioquímica – 1 Corretora de Imóveis - 1 Nutricionista - 1 Psicóloga – 1	4	15,38%
ii. Autônomo	0	0%
iii. Empresário (quem tem atividade econômica organizada) Comerciante – 1	2	7,69%
iv. Prestador de serviços - iniciativa privada Bancária – 1 Cabeleireira - 1 Promoter – 1 Saladeira – 1	4	15,38%
v. Servidores públicos Técnica Judiciária – 1 Auditora – 1	6	23,07%
vi. Aposentado	3	11,53%
vii. Falecido	0	0%
viii. Não sabe / Não responderam / Não Possui Dona de Casa - 4	7	26,92%
<b>15. No caso de possuir cônjuge/companheiro(a), qual é a ocupação profissional atual dele (a)?</b>		
A. Profissional liberal (com ensino superior): engenheiro, médico, advogado, contador, etc. Administrador – 1	1	25%
B. Autônomo	0	0%
C. Empresário	0	0%
D. Outros / Não sabe Empregado – 1	1	25%
E. Não possui Desempregado – 1 Estudante – 1	2	50%
F. Não possuem cônjuge / união estável	22	-
<b>16. Qual a sua faixa de renda mensal familiar aproximada?</b>		
A. Acima de 20 salários mínimos	8	30,76%
B. De 10 a 20 salários mínimos	8	30,76%

C.	De 04 a 10 salários mínimos	5	19,23%
D.	De 02 a 04 salários mínimos	4	15,38%
E.	De até 02 salários mínimos	1	3,84%
<b>17.</b>	<b>Qual o número de pessoas que vivem desta renda familiar mensal?</b>		
A.	1 Pessoa	2	7,69%
B.	2 Pessoas	4	15,38%
C.	3 Pessoas	9	34,61%
D.	4 Pessoas	5	19,23%
E.	5 Pessoas	5	19,23%
F.	6 ou mais pessoas	1	3,84%
<b>18.</b>	<b>Cursou a educação infantil</b>		
A.	Somente em escola pública	6	23,07%
B.	Em escola pública e em escola particular	2	7,69%
C.	Somente em escola particular	17	65,38%
D.	Não frequentei	1	3,84%
<b>19.</b>	<b>Turno da educação infantil</b>		
A.	Matutino	9	34,61%
B.	Vespertino	15	57,69%
C.	Integral	1	3,84%
D.	Não responderam	1	3,84%
<b>20.</b>	<b>Cursou o ensino fundamental</b>		
A.	Somente em escola pública	6	23,07%
B.	Em escola pública e em escola particular	1	3,84%
C.	Somente em escola particular	19	73,07%
D.	Não frequentei	0	0%
<b>21.</b>	<b>Turno do ensino fundamental</b>		
A.	Matutino	17	65,38%
B.	Vespertino	9	34,61%
C.	Integral	0	0%
<b>22.</b>	<b>Cursou o ensino médio</b>		
A.	Somente em escola pública	5	19,23%
B.	Em escola pública e em escola particular	0	0%
C.	Somente em escola particular	21	80,76%
D.	Não frequentei	0	0%

<b>23. Turno do ensino médio</b>		
A. Matutino	19	73,07%
B. Vespertino	3	11,53%
C. Integral	1	3,84%
D. Noturno	3	11,53%
<b>24. Fez curso técnico?</b>		
A. Sim Técnico de Saneamento / Florianópolis / IFSC	1	3,84%
B. Não	25	96,15%
C. Não responderam	0	0%
<b>25. Fez supletivo ou Educação de Jovens e Adultos (EJA)?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	26	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>26. No caso de ter cursado educação infantil, ensino fundamental e ensino médio em escola particular, você precisou em algum momento de auxílio financeiro da instituição (como bolsa de estudo parcial ou integral)</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	23	88,46%
C. Não responderam	3	11,53%
<b>27. Cursou algum dos anos de estudo da educação básica em país estrangeiro?</b>		
A. Sim	1	3,84%
A.1. Ensino médio EUA	1	-
B. Não	25	96,15%
C. Não responderam	0	0%
<b>28. Fez curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC?</b>		
A. Sim	17	65,38%
A.1. Público	1	5,88%
A.2. Privado	16	94,11%
Cidade/Estado:		



<i>Florianópolis</i>	11	64,70%
<i>Joinville</i>	1	5,88%
<i>Ribeirão Preto - SP</i>	1	5,88%
<i>São José</i>	1	5,88%
<i>São Paulo</i>	1	5,88%
<i>Não responderam a cidade</i>	2	11,76%
<i>Instituição:</i>		
<i>COC</i>	1	5,88%
<i>Energia</i>	10	58,82%
<i>Etapa</i>	1	5,88%
<i>Instituto Estadual de Educação</i>	1	5,88%
<i>Positivo</i>	1	5,88%
<i>Tendência</i>	1	5,88%
<i>Não responderam a instituição</i>	2	11,76%
B. Não	9	34,61%
C. Não responderam	0	0%
<b>29. Forma de ingresso na UFSC:</b>		
A. Vestibular. Quantas vezes prestou vestibular para este curso?	24	92,30%
A.1. Uma vez	17	70,83%
A.2. Duas vezes	4	16,66%
A.3. Três vezes	2	8,33%
A.4. Não respondeu o número de vezes	1	4,16%
B. Transferência externa. De qual instituição? SOCIESC – 1 UNISUL – 1	2	7,69%
C. Transferência interna. De qual curso anterior?	0	0%
D. Retorno de graduado. De qual curso retornou?	0	0%
E. Outro. Especifique:	0	0%
<b>30. No ano em que antecedeu o ingresso na UFSC, também foi aprovado em outros vestibulares?</b>		
A. Sim	21	80,76%
<i>Cursos:</i>		

<i>Administração Empresarial ou Pública</i>	6	-
<i>Direito</i>	6	-
<i>Economia</i>	2	-
<i>Educação Física</i>	1	-
<i>Engenharia Mecânica</i>	2	-
<i>História</i>	2	-
<i>Medicina Veterinária</i>	1	-
<i>Pedagogia</i>	1	-
<i>Técnico de Saneamento</i>	1	-
<i>Não responderam o curso</i>	1	-
<i>Instituição:</i>		
<i>IFSC</i>	1	-
<i>MAKENZIE</i>	1	-
<i>PUC</i>	2	-
<i>UDESC</i>	12	-
<i>UNISUL</i>	3	-
<i>UNOESC</i>	1	-
<i>Não responderam a instituição</i>	2	-
B. Não	5	19,23%
C. Não responderam	0	0%
<b>31. Está cursando outro curso superior?</b>		
A. Sim	3	11,53%
<i>Cursos:</i>		
<i>Administração Empresarial ou Pública</i>	1	-
<i>Contábeis</i>	1	-
<i>Não responderam o curso</i>	1	-
<i>Instituição:</i>		
<i>UDESC</i>	1	-
<i>UNISUL</i>	1	-
<i>Não responderam a instituição</i>	1	-
B. Não	23	88,46%

C. Não responderam	0	0%
<b>32. Já possui um curso superior concluído?</b>		
A. Sim <i>Letras Português / Inglês - FURG</i>	1	3,84%
B. Não	25	96,15%
C. Não responderam	0	0%
<b>33. Você exerce atividade remunerada?</b>		
A. Não trabalho atualmente e nunca trabalhei	3	11,53%
B. Não trabalho atualmente, mas já trabalhei	5	19,23%
<i>Qual foi o último trabalho</i>		
<i>Estágio (3 meses, 5 meses, 6 meses e 1 ano e 2 meses)</i>	4	-
<i>Não responderam qual trabalho e tempo de trabalho</i>	1	-
C. Sim	18	69,2%
<i>Qual é o trabalho atual?</i>		
<i>Estágio: 3 meses, 4 meses, 5 meses, 6 meses, 1 ano (2), 1 ano e 3 meses, 1 ano e 5 meses (2), 1 ano e 6 meses, 1 ano e 8 meses, 1 ano e 9 meses, 2 anos, 3 anos e 4 anos.</i>	15	-
<i>Servidor público (8 anos)</i>	2	-
<i>Não responderam qual trabalho e tempo de trabalho</i>	3	-
D. Não responderam	0	0%
<b>34. Precizou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso?</b>		
A. Sim	7	26,92%
B. Não	19	73,07%
C. Não responderam	0	0%
<b>35. Houve a necessidade de que a sua família lhe ajudasse financeiramente durante a faculdade?</b>		
A. Sim	22	84,61%
B. Não	3	11,53%
C. Não responderam	1	3,84%
<b>36. Uma palavra que represente a sua trajetória universitária até então:</b>		
Atrapalho aos estudos	1	3,84%
Cansaço	1	3,84%

Conturbada	1	3,84%
Decepção	2	7,69%
Dedicação	1	3,84%
Desilusão	1	3,84%
Determinação	1	3,84%
Dificuldade	1	3,84%
Diversificada	1	3,84%
Enriquecedora	2	7,69%
Esforço e Progresso	1	3,84%
Estudo	2	7,69%
Evolução	2	7,69%
Foco	1	3,84%
Mudanças	1	3,84%
Paciência	2	7,69%
Persistência	1	3,84%
Política Estudantil	1	3,84%
Satisfatório	1	3,84%
Tranquilidade	1	3,84%
Não responderam	1	3,84%
<b>37. Já traçou objetivos profissionais para o período após a sua formatura?</b>		
A. Sim <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ser advogado na área previdenciária. Fazer pós-graduação em Direito.</li> <li>- Obter aprovação em concurso de delegado de polícia.</li> <li>- Alcançar um cargo de assessor jurídico pelo período de três anos para posterior concurso de magistratura ou promotor de justiça.</li> <li>- Tais objetivos não envolvem o Direito.</li> <li>- Pretendo advogar em direito tributário e contratos internacionais de comércio.</li> <li>- Concurso público para a carreira de Delegado de Polícia.</li> <li>- Prestar concursos.</li> <li>- Mestrado ou <i>treinee</i>.</li> <li>- Pretendo prestar concursos públicos.</li> <li>- Pretendo ser Procurador do Estado.</li> <li>- Passar concurso técnico ou analista para depois passar em concursos maiores.</li> </ul>	20	76,92%

<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atuar como advogado em São José- SC.</li> <li>- Concurso público.</li> <li>- Advogar e me especializar em direito ambiental e imobiliário.</li> <li>- Irei advogar e tentar mestrado.</li> <li>- A princípio trabalhar na empresa do meu marido.</li> <li>- Ingressar na carreira de defensoria pública.</li> </ul>		
B. Não	6	23,07%
C. Não responderam	0	0%
<b>38. Gostaria de ser entrevistado acerca de sua trajetória universitária futuramente?</b>		
A. Sim	5	19,23%
B. Não	21	58,33%
C. Não responderam	0	0%

## ANEXO 11 - Descrição dos dados do curso de Direito

Na tabela anterior, constam as informações atinentes a 26 alunos da nona fase do curso de Direito, do turno matutino, sendo 53,14% (14 alunos) do sexo feminino e 46,15% (12 alunos) do sexo masculino.

A turma em questão reúne, em sua maioria, ingressantes do primeiro semestre de 2010 – que seria a turma original de calouros –, na quantidade de 18 alunos (69,23%). Mas também se formam alunos que ingressaram em outros semestres: 2009.2 com 3 alunos e 2012.1, 2010.2, 2009.1, 2008.2 e 2008.1, com 1 aluno cada.

Quanto à faixa etária dos formandos, a maioria, isto é, 76,92% (20 alunos) possuíam de 20 a 24 anos; 11,53% (3 alunos) possuíam de 25 a 29 anos e 11,23% possuíam de 30 a 39 anos.

Sobre a cor, 84,61% (22 alunos) disseram ser brancos, 11,53% disseram ser negros e 1 aluno não respondeu à questão.

A respeito do estado civil, 84,21% (22 alunos) afirmaram ser solteiros; 11,53%, casados; e 3,84%, em união estável.

No tocante à cidade de nascimento, verifica-se que a maioria de 76,92% (20 alunos) é nascida em Santa Catarina, sendo 12 alunos de Florianópolis e 8 de outras cidades. Há 3 alunos nascidos no Sudeste; 2 no Rio Grande do Sul; e, 1 no Paraná.

Acerca da cidade em que residiam antes de ingressar na UFSC, 20 alunos (76,92%) disseram já morar na região da Grande Florianópolis, sendo que 19 na própria Capital. Ainda, 3 alunos moravam em outras cidades catarinenses; 2 no Sudeste; e 1 aluno não respondeu.

Atualmente, a totalidade mora na região da Grande Florianópolis, subdividindo-se 23 alunos (88,46%) em Florianópolis e 3 alunos (11,53%) em São José. Sobre os bairros em que residem, 13 moram em localidades vizinhas à UFSC e 10 em bairros mais distantes (como Cacupé, Santo Antônio de Lisboa, Centro, Estreito, José Mendes). Em São José, os bairros citados foram: Centro, Real Parque e Campinas.

Quando perguntados com quem residiam, nota-se que a maioria de 53,83% (14 alunos) reside com, pelo menos, um dos pais (com ou sem irmãos); seguidos por 4 que moram com os respectivos cônjuges (2 deles com filhos); 3 que moram

sozinhos; 2 que responderam “outros”; e 2 que não responderam à pergunta.

No que se refere à escolaridade dos pais, 73,07% (19 alunos) apontaram que seus pais têm Ensino Superior, sendo 10 deles inclusive com Pós-Graduação. Também, há 4 pais com Ensino Médio; 2 sem grau de escolarização algum; e 1 com Ensino Fundamental.

Quanto à ocupação atual, os pais possuem diversas dela, mas a mais destacada foi a de “profissional liberal”, com 30,76% (8 respostas), referindo as profissões de: engenheiro (3), advogado (2), administrador (2) e professor (1). Também foram mencionados 4 pais como servidores públicos; 4 aposentados; 4 falecidos; 2 não responderam; 1 mencionou a atividade de “filatelista”; 1 pai é empresário; 1 pai é autônomo; e 1 pai é bancário (prestador de serviços da iniciativa privada).

Em relação à mãe, 17 alunos (65,37%) disseram que possuía Ensino Superior, sendo 9 com qualificação em alguma Pós-Graduação. Ainda, 8 mães tinham escolaridade até o Ensino Médio e apenas 1 até o Ensino Fundamental.

Conforme os alunos, 6 mães (23,07%) seriam “servidoras públicas”, seguidas por: 4 mães “profissionais liberais” (nas funções de bioquímica, corretora de imóveis, nutricionista e psicóloga); 4 mães “prestadoras de serviços na iniciativa privada” (como bancária, promotor, cabeleireira e saladeira); 4 mães donas-de-casa; 3 mães aposentadas; 3 não responderam; e 2 mães empresárias.

Os 4 alunos que disseram ter cônjuge/companheiro, citaram como ocupações atuais destes: 1 “profissional liberal” (administrador); 1 “empregado”; 1 “estudante”; e 1 desempregado.

Na questão que se referia à faixa de renda mensal familiar aproximada, 8 alunos (30,76%) estimaram a renda acima de 20 salários mínimos; 8 alunos (30,76%) de 10 a 20 salários mínimos; 5 alunos (19,23%) de 4 a 10 salários mínimos; 4 alunos (15,38%) de 2 a 4 salários mínimos; e, 1 aluno (3,84%) de até 2 salários. A maior frequência de alunos, 34,61%, disse que 3 pessoas viveriam da renda familiar apontada.

De acordo com os formandos, 65,38% (17 alunos) fizeram a Educação Infantil apenas em instituições privadas e 23,07% (06 alunos) apenas em públicas. O turno de preferência foi o vespertino, com 57,69% ou 15 respostas.

No Ensino Fundamental, sobe para 73,07% (19 alunos) o índice dos que apenas estudaram em escola particular e mantém-se em 23,07% o daqueles que estudaram na pública. O turno mais cursado passou a ser o matutino, por 65,38% deles.

No Ensino Médio, a maioria, 80,76% (21 alunos), cursou apenas em escola particular, enquanto 19,23% (5 alunos) apenas em pública. O turno mais cursado também foi o matutino, por 73,07% deles.

Nenhum aluno referiu ter precisado de bolsa de estudos para cursar algum ano em escola privada.

Apenas 1 aluno mencionou ter feito curso técnico de Saneamento (IFSC); 1 aluno disse ter feito o Ensino Médio nos Estados Unidos; e nenhum fez supletivo ou Educação de Jovens e Adultos.

Quando perguntados se fizeram curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC, 65,38% (17 alunos) disseram que sim, sendo que 16 deles fizeram em instituição privada.

Sobre a forma de entrada na UFSC, a maioria ingressou por meio de vestibular: 92,30% ou 24 respostas. Destes, 17 (70,83%) prestaram uma vez; 4 (16,66%) prestaram duas vezes; e 2 (8,33%) prestaram três vezes. Os 2 alunos que não ingressaram por meio de vestibular entraram no curso por meio de transferência externa (da SOCIESC/Joinville e da UNISUL/Florianópolis).

No ano que antecedeu ao ingresso da UFSC, 21 alunos (80,76%) afirmaram também terem sido aprovados em outros vestibulares, especialmente nos cursos de Direito (6) e Administração (6).

No momento da pesquisa, 3 alunos (11,53%) estavam também em outro curso superior (1 em Administração/UEDESC, 1 em Ciências Contábeis/UNISUL e o outro não especificou) e apenas 1 aluno possuía outro curso superior concluído (Letras Inglês-Português/FURG).

Acerca do desempenho de atividade remunerada, a maioria disse estar trabalhando: 69,20% (18 alunos), sendo que 15 especificaram que fazem estágio na área e 2 disseram ser servidores públicos. Ainda, 8 alunos (30,76%) não trabalham no momento, mas 5 deles referiram já ter trabalhado (4 como estagiários).

Quando indagados se precisaram/precisam trabalhar para ajudar no sustento dos outros membros da família, 19 alunos



(73,07%) responderam negativamente. Ao passo que 22 alunos (84,61%) responderam que, ao contrário, precisaram/precisam da ajuda financeira da família durante a faculdade.

A respeito dos objetivos profissionais para o período após a formatura, 20 alunos (76,92%) descreveram os seguintes planos:

- ✓ Pretendo advogar em direito tributário e contratos internacionais de comércio.
- ✓ Atuar como advogado em São José- SC.
- ✓ Ser advogado na área previdenciária. Fazer pós-graduação em Direito.
- ✓ Advogar e me especializar em direito ambiental e imobiliário.
- ✓ Irei advogar e tentar mestrado.
- ✓ Mestrado ou *trainee*.
- ✓ Obter aprovação em concurso de Delegado de Polícia.
- ✓ Concurso público para a carreira de Delegado de Polícia.
- ✓ Pretendo ser Procurador do Estado.
- ✓ Ingressar na carreira de defensoria pública.
- ✓ Alcançar um cargo de assessor jurídico pelo período de três anos para posterior concurso de magistratura ou Promotor de Justiça.
- ✓ Passar concurso técnico ou analista para depois passar em concursos maiores.
- ✓ Concurso público.
- ✓ Prestar concursos.
- ✓ Pretendo prestar concursos públicos.
- ✓ A princípio trabalhar na empresa do meu marido.
- ✓ Tais objetivos não envolvem o Direito.

Para resumir sua trajetória universitária até então, as palavras mais enumeradas (todas por 2 vezes) foram: decepção, enriquecedora, evolução e paciência. As demais referidas foram: cansaço, conturbada, dedicação, desilusão, determinação, dificuldade, diversificada, esforço e progresso, estudo, foco, mudanças, persistência, política estudantil, satisfatória e tranquilidade.

## ANEXO 12 - Dados do curso de Biblioteconomia

<b>CURSO: BIBLIOTECONOMIA</b>	<b>TOTAL</b>	<b>% TOTAL</b>
Participaram da pesquisa	19	100%
<b>1. Gênero</b>		
A. Feminino	15	78,94%
B. Masculino	4	21,05%
<b>2. Idade</b>		
A. De 20 a 24 anos	9	47,36%
B. De 25 a 29 anos	4	21,05%
C. De 30 a 39 anos	2	10,52%
D. De 40 a 59 anos	4	21,05%
E. 60 anos ou mais	0	0%
<b>3. Origem étnica (cor)</b>		
A. Caucasiano (Branco)	14	73,68%
B. Pardo (Moreno)	2	10,52%
C. Amarelo (Asiático)	0	0%
D. Negro (Afrodescendente / Preto)	1	5,26%
E. Indígena	0	0%
F. Não responderam	2	10,52%
<b>4. Estado civil</b>		
A. Solteiro	12	63,15%
B. Casado	3	15,78%
C. Em união estável	2	10,52%
D. Separado / Divorciado	2	10,52%
E. Viúvo	0	0%
F. Não responderam	0	0%
<b>5. Cidade de nascimento</b>		
A. Florianópolis	3	15,78%
B. Grande Florianópolis	4	21,05%
C. Outra cidade de SC	4	21,05%
D. Cidade no PR	2	10,52%
E. Cidade no RS	2	10,52%
F. Cidade no Sudeste	3	15,78%
G. Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H. Cidade no Nordeste	1	5,26%
I. Cidade no Norte	0	0%
J. Não responderam	0	0%

<b>6. Cidade em que residia antes de ingressar na UFSC</b>		
A. Florianópolis	10	52,63%
B. Grande Florianópolis	5	26,31%
C. Outra cidade de SC	2	10,52%
D. Cidade no PR	0	0%
E. Cidade no RS	1	5,26%
F. Cidade no Sudeste	1	5,26%
G. Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H. Cidade no Nordeste	0	0%
I. Cidade no Norte	0	0%
J. Não responderam	0	0%
<b>7. Onde reside atualmente</b>		
A. Florianópolis	12	63,15%
B. São José	7	36,84%
C. Não responderam	0	0%
<b>8. Bairro onde reside atualmente</b>		
A. Bairros de Florianópolis Capoeiras – 4 Carianos – 1 Carvoeira – 1 Centro – 1 Ponta das Canas – 1 Ribeirão da Ilha – 1 Rio Tavares – 2 Trindade - 1	12	63,15%
B. Bairros de São José Barreiros – 2 Campinas – 1 Centro – 1 Kobrasol – 1 Picadas do Sul – 1 Ponta de Baixo – 1	7	36,84%
<b>9. Ano e semestre de ingresso na UFSC</b>		
A. 2010/1	3	15,78%
B. 2010/2	2	10,52%
C. 2011/1	14	73,68%
D. Não responderam	0	0%
<b>10. Com quem mora</b>		
A. Apenas pai e mãe	2	10,52%
B. Apenas pai ou apenas mãe	1	5,26%
C. Mãe, pai e irmãos	5	26,31%
D. Mãe ou pai e irmãos	1	5,26%

E. Com irmãos	0	0%
F. Com cônjuge	2	10,52%
G. Com cônjuge e filhos	1	5,26%
H. Com tio(s)	0	0%
I. Com amigo(s)	0	0%
J. Sozinho	5	26,31%
K. Outros Irmão, cônjuge e filho – 1 Mãe e cônjuge - 1	2	10,52%
L. Não responderam	0	0%
<b>11. Qual é o grau de instrução do seu pai?</b>		
A. Nenhum	3	15,78%
B. Ensino Fundamental	6	31,57%
C. Ensino Médio	8	42,10%
D. Ensino Superior	2	10,52%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	0	0%
F. Não responderam	0	0%
<b>12. Qual a ocupação atual do seu pai?</b>		
A. Profissional liberal Diretor de Ensino – 1 Vigilante – 1	2	10,52%
B. Autônomo Pescador – 1	3	15,78%
C. Empresário (quem tem atividade econômica organizada) Comerciante - 1	1	5,26%
D. Prestador de serviços - iniciativa privada Carteiro – 1 Motorista – 1 Serviços Gerais – 1 Técnico em Enfermagem - 1	4	21,05%
E. Servidor público	1	5,26%
F. Aposentado	5	26,31%
G. Falecido	1	5,26%
H. Não sabe / Não responderam / Não Possui	2	10,52%
<b>13. Qual é o grau de instrução da sua mãe?</b>		
A. Nenhum	1	5,26%
B. Ensino Fundamental	6	31,57%
C. Ensino Médio	7	36,84%
D. Ensino Superior	4	21,05%

E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	1	5,26%
F. Não responderam	0	0%
<b>14. Qual a ocupação atual da sua mãe?</b>		
i. Profissional liberal Professora - 1 Secretária - 1	2	10,52%
ii. Autônomo Costureira - 1 Doméstica - 1	2	10,52%
iii. Empresário (quem tem atividade econômica organizada)	0	0%
iv. Prestador de serviços - iniciativa privada Auxiliar odontológica - 1 Técnica em Radiologia - 1	2	10,52%
v. Servidor público	0	0%
vi. Aposentado	5	26,31%
vii. Falecido	0	0%
viii. Não sabe / Não Possui Dona de Casa - 7 Estudante - 1	8	42,10%
ix. Não responderam	0	0%
<b>15. No caso de possuir cônjuge/companheiro(a), qual é a ocupação profissional atual dele (a)?</b>		
A. Profissional liberal (com ensino superior): engenheiro, médico, advogado, contador, etc Vendedor - 1	1	20%
B. Autônomo	1	20%
C. Empresário	0	0%
D. Prestadores de serviços - iniciativa privada Cabeleireiro - 1 Padeiro - 1 Operador de Máquinas - 1	3	60%
E. Não possuem cônjuge / união estável	14	-
<b>16. Qual a sua faixa de renda mensal familiar aproximada?</b>		
A. Acima de 20 salários mínimos	0	0%
B. De 10 a 20 salários mínimos	0	0%
C. De 04 a 10 salários mínimos	6	31,57%
D. De 02 a 04 salários mínimos	6	31,57%
E. De até 02 salários mínimos	7	36,84%

<b>17. Qual o número de pessoas que vivem desta renda familiar mensal?</b>		
A. 1 Pessoa	4	21,05%
B. 2 Pessoas	3	15,78%
C. 3 Pessoas	5	26,31%
D. 4 Pessoas	4	21,05%
E. 5 Pessoas	1	5,26%
F. 6 ou mais pessoas	1	5,26%
G. Não responderam	1	5,26%
<b>18. Cursou a educação infantil</b>		
A. Somente em escola pública	9	47,36%
B. Em escola pública e em escola particular	2	10,52%
C. Somente em escola particular	5	26,31%
D. Não frequentei	3	15,78%
<b>19. Turno da educação infantil</b>		
A. Matutino	10	52,63%
B. Vespertino	6	31,57%
C. Integral	0	0%
D. Não responderam	3	15,78%
<b>20. Cursou o ensino fundamental</b>		
A. Somente em escola pública	12	63,15%
B. Em escola pública e em escola particular	2	10,52%
C. Somente em escola particular	5	26,31%
D. Não frequentei	0	0%
<b>21. Turno do ensino fundamental</b>		
A. Matutino	11	57,89%
B. Vespertino	8	42,10%
C. Integral	0	0%
<b>22. Cursou o ensino médio</b>		
A. Somente em escola pública	11	57,89%
B. Em escola pública e em escola particular	3	15,78%
C. Somente em escola particular	5	26,31%
D. Não frequentei	0	0%
<b>23. Turno do ensino médio</b>		
A. Matutino	8	42,10%

B. Vespertino	4	21,05%
C. Integral	0	0%
D. Noturno	7	36,84%
<b>24. Fez curso técnico?</b>		
A. Sim Contabilidade / Candelária / ULBRA Eletrônica / Guarulhos Enfermagem / Florianópolis / Advance Magistério / Florianópolis / Aníbal Nunes Pires Secretariado / Palhoça / Governador Ivo Silveira Técnico de Enfermagem / Florianópolis / Coração de Jesus	5	26,31%
B. Não	14	73,68%
C. Não responderam	0	0%
<b>25. Fez supletivo ou Educação de Jovens e Adultos (EJA)?</b>		
A. Sim Supletivo / Bom Jesus Supletivo / São José / Secretaria da Educação	2	10,52%
B. Não	15	78,94%
C. Não responderam	2	10,52%
<b>26. No caso de ter cursado educação infantil, ensino fundamental e ensino médio em escola particular, você precisou em algum momento de auxílio financeiro da instituição (como bolsa de estudo parcial ou integral)</b>		
A. Sim	2	10,52%
A.1. Ensino fundamental	2	-
A.2. Ensino médio	1	-
B. Não	9	47,36%
C. Não responderam	8	42,10%
<b>27. Cursou algum dos anos de estudo da educação básica em país estrangeiro?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	18	94,73%
C. Não responderam	1	5,26%
<b>28. Fez curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC?</b>		
A. Sim	10	52,63%

A.1. Público	4	40%
A.2. Privado	7	70%
<i>Cidade/Estado:</i>		
<i>Florianópolis</i>	10	-
<i>Instituição:</i>		
<i>Comunitário – Rio Tavares</i>	1	-
<i>Energia</i>	1	-
<i>Objetivo</i>	1	-
<i>Pré-vestibular UFSC</i>	1	-
<i>Projeto ELETROSUL</i>	1	-
<i>SESC</i>	3	-
<i>Tendência</i>	2	-
<i>Não responderam a instituição</i>	1	-
B. Não	9	47,36%
C. Não responderam	0	0%
<b>29. Forma de ingresso na UFSC:</b>		
A. Vestibular. Quantas vezes prestou vestibular para este curso?	19	100%
A.1. Uma vez	16	84,21%
A.2. Duas vezes	3	15,78%
B. Transferência externa. De qual instituição?	0	0%
C. Transferência interna. De qual curso anterior?	0	0%
D. Retorno de graduado. De qual curso retornou?	0	0%
E. Outro. Especifique:	0	0%
<b>30. No ano em que antecedeu o ingresso na UFSC, também foi aprovado em outros vestibulares?</b>		
A. Sim	5	26,31%
<i>Cursos:</i>		
<i>Administração Empresarial ou Pública</i>	2	-
<i>Arquitetura e Urbanismo</i>	2	-
<i>Biblioteconomia</i>	2	-
<i>História</i>	1	-
<i>Psicologia</i>	1	-



<i>Não responderam o curso</i>	1	-
<i>Instituição:</i>		
<i>UDESC</i>	2	-
<i>UFFS</i>	1	-
<i>UFRGS</i>	1	-
<i>UFSM</i>	1	-
<i>UNISC</i>	1	-
<i>UNOESC</i>	1	-
<i>USJ</i>	1	-
B. Não	14	73,68%
C. Não responderam	0	0%
<b>31. Está cursando outro curso superior?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	19	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>32. Já possui um curso superior concluído?</b>		
A. Sim	1	5,26%
<i>Cursos:</i>		
<i>Educação Física</i>	1	5,26%
<i>Instituição:</i>		
<i>UFSC</i>	1	5,26%
B. Não	18	94,73%
C. Não responderam	0	0%
<b>33. Você exerce atividade remunerada?</b>		
A. Não trabalho atualmente e nunca trabalhei	0	0%
B. Não trabalho atualmente, mas já trabalhei	0	0%
C. Sim	19	100%
<i>Qual é o trabalho atual?</i>		
<i>Atendente de cartório (1 ano e 7 meses)</i>	1	-
<i>Autônomo</i>	1	-
<i>Auxiliar de biblioteca (10 meses)</i>	1	-

<i>Auxiliar de documentos (2 anos e 5 meses)</i>	1	-
<i>Bancária (10 anos)</i>	1	-
<i>Bolsista (1 ano e 6 meses)</i>	1	-
<i>Chefe de escritório (3 anos)</i>	1	-
<i>Estágio (2 meses, 3 meses, 7 meses, 1 ano, 1 ano e 2 meses, 1 ano e 10 meses, 3 anos)</i>	7	-
<i>Funcionário Público (4 anos, 7 anos)</i>	2	-
<i>Monitoria</i>	1	-
<i>SOS Córdio (2 anos)</i>	1	-
<i>Técnico de enfermagem (24 anos)</i>	1	-
D. Não responderam	0	0%
<b>34. Precizou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso?</b>		
A. Sim	11	57,89%
B. Não	8	42,10%
C. Não responderam	0	0%
<b>35. Houve a necessidade de que a sua família lhe ajudasse financeiramente durante a faculdade?</b>		
A. Sim	8	42,10%
B. Não	11	57,89%
C. Não responderam	0	0%
<b>36. Uma palavra que represente a sua trajetória universitária até então:</b>		
Amando o curso, empenhada.	1	5,26%
Comprometimento	1	5,26%
Conhecimento	2	10,52%
Construtiva	1	5,26%
Crescimento	1	5,26%
Desafio	1	5,26%
Determinação	2	10,52%
Êxito Profissional	1	5,26%
Gratificante	3	15,78%
Motivação	1	5,26%

Não responderam	1	5,26%
Persistência	3	15,78%
<b>37. Já traçou objetivos profissionais para o período após a sua formatura?</b>		
A. Sim <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ingressar no mestrado, ser aprovada em concurso público (enquanto não ocorrer, ao menos, conseguir um emprego melhor).</li> <li>- Concurso público (5 vezes essa resposta).</li> <li>- Pretendo realizar pós-graduação.</li> <li>- Continuidade nos estudos.</li> <li>- Atuação na área, prestar concursos públicos.</li> <li>- Fazer mestrado e prestar concurso público.</li> <li>- Fazer mestrado e trabalhar na área.</li> <li>- Mestrado, seguir carreira docente.</li> <li>- Ou vou fazer mestrado ou especialização em alemão para sair do Brasil e fazer uma especialização em outro país (não decidi ainda).</li> <li>- Pretendo passar em concurso público para bibliotecas.</li> <li>- Estudando para concurso e estudando além do horário de aula para conseguir um resultado bom no concurso.</li> <li>- Depois de formada pretendo estudar para passar em concurso público.</li> <li>- Prestar concurso público para a área de atuação do bibliotecário.</li> <li>- Mestrado.</li> <li>- Trabalhar em um centro de documentação.</li> </ul>	19	100%
B. Não	0	0%
C. Não responderam	0	0%
<b>38. Gostaria de ser entrevistado acerca de sua trajetória universitária futuramente?</b>		
A. Sim	9	47,36%
B. Não	10	52,63%
C. Não responderam	0	0%

## **ANEXO 13 - Descrição dos dados do curso de Biblioteconomia**

Na tabela precedente, constam as informações relativas aos 19 alunos da sétima fase (penúltima) de Biblioteconomia, composta por 15 mulheres (78,94%) e por 4 homens (21,05%).

A maioria dos alunos possui mais de 25 anos, no total de 10 pessoas (52,63%), dividindo-se em 4 de 25 a 29 anos; 2 de 30 a 39 anos; e, 4 de 40 a 59 anos. O restante da turma, 47,36%, possui de 20 a 24 anos.

Sobre a origem étnica, 73,68% (14 alunos) se autodeclararam brancos; 10,52% (2 alunos), pardos; 5,26% (1 aluno), negro; e, 10,52% deixaram de responder à pergunta.

Quanto ao estado civil, a maioria de 63,15% (12 alunos) é solteira; enquanto 5 deles (26,31%) são casados ou estão em união estável; e, 2 alunos (10,52%) são separados.

No que se refere à cidade de nascimento, 57,89% (11 alunos) afirmaram ser catarinenses, sendo 3 de Florianópolis, 4 de outras cidades da Grande Florianópolis e 4 de outras cidades catarinenses. Na turma ainda, 3 nasceram no sudeste (15,78%), 2 no Paraná (10,52%), 2 no Rio Grande do Sul e 1 no Nordeste (5,26%).

Por sua vez, quando perguntados sobre a cidade em que residiam antes de ingressar na UFSC, a maior parte deles disse morar em Santa Catarina previamente (89,46% ou 17 alunos) – e apenas 2 deles não estavam na Grande Florianópolis. Os outros 2 alunos vieram do Rio Grande do Sul e do Sudeste.

Sobre a atual residência, 63,15% (12 alunos) moram em Florianópolis: 2 deles em bairro vizinho à UFSC e os outros 10 em bairros mais distantes (como: Rio Tavares, Ribeirão da Ilha, Carianos, Ponta das Canas, Centro e Capoeiras). Em São José, moram 7 alunos (32,84%), nos bairros de Barreiros, Campinas, Centro, Kobrasol, Picadas do Sul e Ponta de Baixo.

Na residência atual, 52,63% (10 alunos) moram com, pelo menos, 1 dos genitores (com ou sem irmãos). Ainda, 5 alunos moram sozinhos e 4 alunos moram com cônjuge.

Acerca da escolaridade dos pais, 42,10% (8 alunos) responderam que os pais possuem o Ensino Médio, seguidos por 31,57% (6 pais) que possuem o Ensino Fundamental e 15,78% (3 pais) que não possuem escolaridade alguma. Por último, o

Ensino superior é o grau de apenas 2 pais (10,52%) e ninguém possui Pós-Graduação.

Conforme os filhos, além dos 26,31% (5 pais) que estão aposentados, 4 pais (21,05%) trabalham como “prestadores de serviços na iniciativa privada”, nas funções de: carteiro, motorista, serviços gerais e técnico de Enfermagem. Mais 3 pais são autônomos (1 discorreu ser pescador) e 2 pais são “profissionais liberais”, como vigilante e diretor de ensino. Ainda, 1 pai é comerciante, 1 é servidor público e 1 é falecido.

No que se refere às mães, a maioria também possui o Ensino Médio (36,84% ou 7 mães). Outras 6 mães (31,57%) têm Ensino Fundamental e 5 possuem Ensino superior (26,31%), sendo 1 com Pós-Graduação. Ainda foi referida 1 mãe sem escolaridade alguma.

A maioria das mães (36,84% - 7) são donas de casa. Ainda, 5 mães são aposentadas (26,31%); 2 são “profissionais liberais” (nas funções de professora e secretária); 2 são “autônomas” (como costureira e empregada doméstica); 2 são “prestadoras de serviço na iniciativa privada” (como auxiliar odontológica e técnica em Radiologia); e 1 é estudante.

Aqueles 5 alunos que têm cônjuge/companheiro apontaram que a ocupação destes é de: vendedor, autônomo, cabeleireiro, padeiro e operador de máquinas.

A respeito da faixa de renda mensal familiar aproximada, a maioria de 68,41% (13 alunos) declarou pertencer às classes populares, sendo que 7 delas percebem menos de 2 salários mínimos e 6 delas, de 2 a 4 salários mínimos. As outras 6 famílias (31,57%) têm renda de 4 a 10 salários mínimos. Por conseguinte, nenhuma família recebe mais de 10 salários mínimos. A maioria de 26,31% (5 alunos), disse que 3 pessoas viveriam das rendas familiares apontadas.

No que concerne à própria escolaridade, 47,36% (9 alunos) fizeram a Educação Infantil apenas em escola pública; 36,31% (5 alunos), apenas em particular; 2 alunos estudaram em ambas; e, 3 não frequentaram este nível. O turno mais referido foi o matutino (52,63% ou 10 alunos).

No Ensino Fundamental, 63,15% (12 alunos) estudaram apenas em escola pública. Apenas em escola privada foram 26,31% e em ambas foram 10,52%. O turno de preferência foi o matutino, com 57,89% dos estudantes.

No Ensino Médio, o percentual de estudantes apenas em escolas públicas ainda é maioria: 57,89% (11 alunos). O número de estudantes apenas em particular se mantém em 26,31%. O turno mais cursado foi o matutino, com 42,10% (8 alunos), seguido de perto pelo noturno, com 7 alunos (36,84%).

Dentre aqueles que cursaram qualquer nível de ensino em escola particular, 2 alunos disseram que recorreram à bolsa de estudos. E, de acordo com a turma, 2 alunos (10,52%) fizeram supletivo e 5 alunos (26,31%) fizeram cursos técnicos (de Contabilidade, Eletrônica, Enfermagem, Magistério e Secretariado).

Pouco mais da metade da turma recorreu ao curso pré-vestibular, totalizando 52,63% (10 alunos), sendo que 7 deles fizeram-no em instituição particular.

Todos os alunos também disseram que ingressaram na UFSC por meio de vestibular: 84,21% (16 alunos) fizeram-no uma vez e 15,78% (3 alunos) fizeram-no duas vezes.

Antes de ingressar na UFSC, a maioria disse que não tentou outros vestibulares (73,68% ou 14 alunos). Dos 5 alunos que tentaram, os cursos em que também passaram foram: Administração, Arquitetura, Biblioteconomia, História e Psicologia.

Quando ingressaram na UFSC, para 73,68% (14 alunos) era o primeiro semestre de 2011. Além destes alunos da turma original, 3 entraram em 2010.1 e 2 em 2010.2.

Apenas 1 aluno referiu ser formado em outro curso superior (Educação Física/UFSC) e ninguém disse estar cursando outra graduação atualmente.

Relativamente ao desempenho de atividade remunerada, todos disseram estar trabalhando, sendo que 9 deles desempenham estágio, estão em bolsa de iniciação científica ou monitoria de disciplina. Os outros 10 se dividem em: 2 técnicos em Enfermagem, 2 funcionários públicos, 1 auxiliar de biblioteca, 1 auxiliar de documentos, 1 autônomo, 1 atendente de cartório, 1 bancário e 1 chefe de escritório.

Esta situação certamente explica o fato de a maioria não ter precisado de auxílio financeiro da família durante o curso (57,89% ou 11 alunos). Ao contrário, este mesmo percentual estava comprometido em ajudar no sustento de outros membros familiares.

Para o período após a formatura, todos disseram ter planos como:

- ✓ Mestrado.
- ✓ Pretendo realizar pós-graduação.
- ✓ Continuidade nos estudos.
- ✓ Fazer mestrado e trabalhar na área.
- ✓ Mestrado, seguir carreira docente.
- ✓ Ou vou fazer mestrado ou especialização em alemão para sair do Brasil e fazer uma especialização em outro país (não decidi ainda).
- ✓ Ingressar no mestrado, ser aprovada em concurso público (enquanto não ocorrer, ao menos, conseguir um emprego melhor).
- ✓ Fazer mestrado e prestar concurso público.
- ✓ Atuação na área, prestar concursos públicos.
- ✓ Concurso público (5 vezes essa resposta).
- ✓ Pretendo passar em concurso público para bibliotecas.
- ✓ Estudando para concurso e estudando além do horário de aula para conseguir um resultado bom no concurso.
- ✓ Depois de formada pretendo estudar para passar em concurso público.
- ✓ Prestar concurso público para a área de atuação do bibliotecário.
- ✓ Trabalhar em um centro de documentação.

Sobre suas trajetórias na Universidade até então, as palavras mais mencionadas foram: gratificante e persistência, cada uma delas por 3 vezes. Determinação e conhecimento foram citadas 2 vezes cada uma. E, ainda, fizeram referência às seguintes: comprometimento, construtiva, crescimento, desafio, êxito profissional, motivação, e “amando o curso, empenhada”.

## ANEXO 14 - Dados do curso de Letras – Italiano

<b>CURSO: ITALIANO</b>	<b>TOTAL</b>	<b>% TOTAL</b>
Participaram da pesquisa	9	100%
<b>1. Gênero</b>		
A. Feminino	9	100%
B. Masculino	0	0%
<b>2. Idade</b>		
A. De 20 a 24 anos	6	66,66%
B. De 25 a 29 anos	1	11,11%
C. De 30 a 39 anos	1	11,11%
D. De 40 a 59 anos	0	0%
E. 60 anos ou mais	0	0%
F. Não responderam	1	11,11%
<b>3. Origem étnica (cor)</b>		
A. Caucasiano (Branco)	7	77,77%
B. Pardo (Moreno)	1	11,11%
C. Amarelo (Asiático)	0	0%
D. Negro (Afrodescendente / Preto)	0	0%
E. Indígena	0	0%
G. Não responderam	1	11,11%
<b>4. Estado civil</b>		
A. Solteiro	9	100%
B. Casado	0	0%
C. Em união estável	0	0%
D. Separado / Divorciado	0	0%
E. Viúvo	0	0%
F. Não responderam	0	0%
<b>5. Cidade de nascimento</b>		
A. Florianópolis	2	22,22%
B. Grande Florianópolis	1	11,11%
C. Outra cidade de SC	3	33,33%
D. Cidade no PR	1	11,11%
E. Cidade no RS	1	11,11%
F. Cidade no Sudeste	1	11,11%
G. Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H. Cidade no Nordeste	0	0%
I. Cidade no Norte	0	0%



J.	Não responderam	0	0%
<b>6.</b>	<b>Cidade em que residia antes de ingressar na UFSC</b>		
A.	Florianópolis	4	44,44%
B.	Grande Florianópolis	2	22,22%
C.	Outra cidade de SC	1	11,11%
D.	Cidade no PR	0	0%
E.	Cidade no RS	2	22,22%
F.	Cidade no Sudeste	0	0%
G.	Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H.	Cidade no Nordeste	0	0%
I.	Cidade no Norte	0	0%
J.	Não responderam	0	0%
<b>7.</b>	<b>Onde reside atualmente</b>		
A.	Florianópolis	7	77,77%
B.	Palhoça	2	22,22%
C.	Não responderam	0	0%
<b>8.</b>	<b>Bairro onde reside atualmente</b>		
A.	Bairros de Florianópolis Campeche – 1 Capoeiras – 1 Ingleses – 1 Jardim Atlântico – 1 Pantanal – 1 Saco dos Limões – 1 Trindade - 1	7	77,77%
B.	Bairros de Palhoça Centro – 1 Ponte do Imaruí - 1	2	22,22%
<b>9.</b>	<b>Ano e semestre de ingresso na UFSC</b>		
A.	2010/1	1	11,11%
B.	2011/1	7	77,77%
C.	2011/2	1	11,11%
D.	Não responderam	0	0%
<b>10.</b>	<b>Com quem mora</b>		
A.	Apenas pai e mãe	0	0%
B.	Apenas pai ou apenas mãe	1	11,11%
C.	Mãe, pai e irmãos	2	22,22%
D.	Mãe ou pai e irmãos	1	11,11%
E.	Com irmãos	0	0%
F.	Com cônjuge	0	0%

G. Com cônjuge e filhos	0	0%
H. Com tio(s)	0	0%
I. Com amigo(s)	1	11,11%
J. Sozinho	2	22,22%
K. Outros Pai, mãe e avós	1	11,11%
L. Não responderam	0	0%
<b>11. Qual é o grau de instrução do seu pai?</b>		
A. Nenhum	0	0%
B. Ensino Fundamental	1	11,11%
C. Ensino Médio	3	33,33%
D. Ensino Superior	3	33,33%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	2	22,22%
F. Não responderam	0	0%
<b>12. Qual a ocupação atual do seu pai?</b>		
A. Profissional liberal Vendedor - 1	1	11,11%
B. Autônomo	0	0%
C. Empresário (quem tem atividade econômica organizada) Comerciante - 1 Homem de negócios - 1 Taxista - 1	3	33,33%
D. Prestador de serviços - iniciativa privada Eletricista - 1	1	11,11%
E. Servidor público Investigador Civil - 1	1	11,11%
F. Aposentado	1	11,11%
G. Falecido	0	0%
H. Não sabe / Não responderam / Não Possui	2	22,22%
<b>13. Qual é o grau de instrução da sua mãe?</b>		
A. Nenhum	0	0%
B. Ensino Fundamental	1	11,11%
C. Ensino Médio	5	55,55%
D. Ensino Superior	1	11,11%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	1	11,11%
F. Não responderam	1	11,11%
<b>14. Qual a ocupação atual da sua mãe?</b>		
A. Profissional liberal	1	11,11%

Psicanalista – 1		
B. Autônomo	0	0%
C. Empresário (quem tem atividade econômica organizada) Comerciante – 2	2	22,22%
D. Prestador de serviços - iniciativa privada Digitadora – 1	1	11,11%
E. Servidor público Agente de Saúde - 1	1	11,11%
F. Aposentado	1	11,11%
G. Falecido	0	0%
H. Não sabe / Não Possui Dona de Casa – 2	2	22,22%
I. Não responderam	1	11,11%
<b>15. No caso de possuir cônjuge/companheiro(a), qual é a ocupação profissional atual dele (a)?</b>		
A. Profissional liberal (com ensino superior): engenheiro, médico, advogado, contador, etc	0	0%
B. Autônomo	0	0%
C. Empresário	0	0%
D. Não possuem cônjuge / união estável	9	100%
<b>16. Qual a sua faixa de renda mensal familiar aproximada?</b>		
A. Acima de 20 salários mínimos	0	0%
B. De 10 a 20 salários mínimos	1	11,11%
C. De 04 a 10 salários mínimos	2	22,22%
D. De 02 a 04 salários mínimos	4	44,44%
E. De até 02 salários mínimos	2	22,22%
<b>17. Qual o número de pessoas que vivem desta renda familiar mensal?</b>		
A. 1 Pessoa	1	11,11%
B. 2 Pessoas	1	11,11%
C. 3 Pessoas	0	0%
D. 4 Pessoas	4	44,44%
E. 5 Pessoas	1	11,11%
F. 6 ou mais pessoas	1	11,11%
G. Não responderam	1	11,11%
<b>18. Cursou a educação infantil</b>		
A. Somente em escola pública	4	44,44%
B. Em escola pública e em escola particular	1	11,11%

C. Somente em escola particular	3	33,33%
D. Não frequentei	1	11,11%
<b>19. Turno da educação infantil</b>		
A. Matutino	5	55,55%
B. Vespertino	3	33,33%
C. Integral	0	0%
D. Não responderam	1	11,11%
<b>20. Cursou o ensino fundamental</b>		
A. Somente em escola pública	4	44,44%
B. Em escola pública e em escola particular	2	22,22%
C. Somente em escola particular	3	33,33%
D. Não frequentei	0	0%
<b>21. Turno do ensino fundamental</b>		
A. Matutino	4	44,44%
B. Vespertino	4	44,44%
C. Integral	1	11,11%
<b>22. Cursou o ensino médio</b>		
A. Somente em escola pública	4	44,44%
B. Em escola pública e em escola particular	0	0%
C. Somente em escola particular	5	55,55%
D. Não frequentei	0	0%
<b>23. Turno do ensino médio</b>		
A. Matutino	7	77,77%
B. Vespertino	1	11,11%
C. Noturno	1	11,11%
D. Integral	0	0%
<b>24. Fez curso técnico?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	9	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>25. Fez supletivo ou Educação de Jovens e Adultos (EJA)?</b>		
A. Sim	0	0%

B. Não	9	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>26. No caso de ter cursado educação infantil, ensino fundamental e ensino médio em escola particular, você precisou em algum momento de auxílio financeiro da instituição (como bolsa de estudo parcial ou integral)</b>		
A. Sim	3	33,33%
A.1. Educação infantil	1	-
A.2. Ensino fundamental	2	-
A.3. Ensino médio	3	-
B. Não	3	33,33%
C. Não responderam	3	33,33%
<b>27. Cursou algum dos anos de estudo da educação básica em país estrangeiro?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	9	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>28. Fez curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC?</b>		
A. Sim	4	44,44%
A.1. Público	1	25%
A.2. Privado	3	75%
<i>Cidade/Estado:</i>		
<i>Blumenau</i>	1	-
<i>Caxias do Sul</i>	1	-
<i>Florianópolis</i>	2	-
<i>Instituição:</i>		
<i>CEDEP</i>	1	-
<i>Cursão</i>	1	-
<i>Objetivo</i>	1	-
<i>Não responderam a instituição</i>	1	-
B. Não	5	55,55%
C. Não responderam	0	0%

<b>29. Forma de ingresso na UFSC:</b>		
A. Vestibular. Quantas vezes prestou vestibular para este curso?	6	66,66%
A.1. Uma vez	6	100%
B. Transferência externa. De qual instituição?	0	0%
C. Transferência interna. De qual curso anterior? Letras / Português - 1	1	11,11%
D. Retorno de graduado. De qual curso retornou? Letras - 1 Letras / Português - 1	2	22,22%
E. Outro. Especifique:	0	0%
<b>30. No ano em que antecedeu o ingresso na UFSC, também foi aprovado em outros vestibulares?</b>		
A. Sim	3	33,33%
<i>Cursos:</i>		
<i>Direito</i>	1	-
<i>Espanhol</i>	1	-
<i>Letras – Português / Inglês</i>	1	-
<i>Não responderam o curso</i>	1	-
<i>Instituição:</i>		
<i>UNISUL</i>	1	-
<i>Não responderam a instituição</i>	2	-
B. Não	6	66,66%
C. Não responderam	0	0%
<b>31. Está cursando outro curso superior?</b>		
A. Sim	1	11,11%
<i>Cursos:</i>		
<i>Pós-graduação em estudos da tradução</i>	1	-
<i>Instituição:</i>		
<i>UFSC</i>	1	-
B. Não	8	88,88%
C. Não responderam	0	0%
<b>32. Já possui um curso superior concluído?</b>		

A. Sim	2	22,22%
<i>Cursos:</i>		
<i>Letras</i>	1	11,11%
<i>Letras / Português</i>	1	11,11%
<i>Instituição:</i>		
<i>UFSC</i>	1	11,11%
<i>Não responderam a instituição</i>	1	11,11%
B. Não	7	77,77%
C. Não responderam	0	0%
<b>33. Você exerce atividade remunerada?</b>		
A. Não trabalho atualmente e nunca trabalhei	0	0%
B. Não trabalho atualmente, mas já trabalhei	2	22,22%
<i>Qual foi o último trabalho</i>		
<i>Professora (2 meses, 27 anos)</i>	2	22,22%
C. Sim	7	77,77%
<i>Qual é o trabalho atual?</i>		
<i>Bolsista (10 meses, 1 ano, 4 anos)</i>	3	33,33%
<i>Estágio (2 anos)</i>	1	11,11%
<i>Professor: 1 ano, 1 ano e seis meses (2)</i>	3	33,33%
D. Não responderam	0	0%
<b>34. Preciou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	9	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>35. Houve a necessidade de que a sua família lhe ajudasse financeiramente durante a faculdade?</b>		
A. Sim	5	55,55%
B. Não	4	44,44%
C. Não responderam	0	0%
<b>36. Uma palavra que represente a sua trajetória universitária até então:</b>		
Aprendizado	2	22,22%

Cansativa	1	11,11%
Conhecimento	1	11,11%
Crescimento	1	11,11%
Esforço	1	11,11%
Gratificante	1	11,11%
Luta	1	11,11%
Satisfatório	1	11,11%
<b>37. Já traçou objetivos profissionais para o período após a sua formatura?</b>		
A. Sim - Pretendo continuar lecionando e fazer pós/mestrado na área de ensino/aprendizagem em língua estrangeira. - Outro curso superior (gerontologia ou pedagogia), tentar manter a profissão. - Doutorado, carreira de magistério superior. - Pretendo trabalhar na área de tradução de obras literárias. - Não faço o curso com objetivo profissional, pois já sou aposentada, mas apenas conhecimento. - Pedir retorno de graduando e estudar para concurso público. - Pretendo trabalhar como tradutora e ingressar no mestrado.	8	88,88%
B. Não	1	11,11%
C. Não responderam	0	0%
<b>38. Gostaria de ser entrevistado acerca de sua trajetória universitária futuramente?</b>		
A. Sim	2	22,22%
B. Não	7	77,77%
C. Não responderam	0	0%



## **ANEXO 15 - Descrição dos dados do curso de Letras – Italiano**

No anexo anterior, constam os dados relativos às 9 alunas da sétima fase (penúltima) de Letras – Italiano.

A maioria delas possui de 20 a 24 anos (66,66% ou 6 pessoas) e todas são solteiras. A turma é composta por 7 alunas de cor branca (77,77%) e 1 de cor parda (11,11%) – sendo que 1 deixou de responder.

Quanto à cidade de nascimento, 66,66% (6 alunas) são catarinenses: 2 são de Florianópolis, 1 de Palhoça e 3 de outras cidades catarinenses. Ainda, 1 aluna é paranaense, 1 veio do Rio Grande do Sul e a outra é do Rio de Janeiro.

Também, 66,66% já residiam em Santa Catarina antes de ingressar no curso: 4 em Florianópolis, 2 em Palhoça e 1 em Tijucas. E mais 22,22% (2 alunas) vieram do Rio Grande do Sul,

Sobre a atual residência, 77,77% (7 alunas) moram em Florianópolis: 3 delas em bairros vizinhos à UFSC e as outras 4 em bairros mais distantes (como: Ingleses, Campeche, Jardim Atlântico e Capoeiras). Em Palhoça, moram 2 alunas, nos bairros Centro e Ponte do Imaruim.

Na residência atual, 55,55% (5 alunas) moram com, pelo menos, 1 dos genitores (com ou sem irmãos); 22,22% moram sozinhas; e, 11,11% com amigo(s).

Acerca da escolaridade dos pais, predomina o Ensino superior, com 55,55% (5 pais), sendo 2 com Pós-Graduação. Seguem-se os pais com Ensino Médio (33,33%) e com Ensino Fundamental (11,11%).

Sobre a ocupação dos pais, há 33,33% (3 pais) na categoria de “empresários”. Nas categorias de “profissional liberal” (vendedor), “prestador de serviços” (eletricista) e “servidor público” (investigador civil), há 1 pai em cada. Ainda, 2 alunas não responderam.

Quanto às mães, 55,55% (5 mães) possuem o Ensino Médio; 22,22% o Ensino Superior (sendo 1 com Pós-Graduação); e, 11,11% com Ensino Fundamental.

A ocupação da mãe referida por 2 alunas (22,22%) foi de “empresária” e por mais 2 alunas de “dona de casa”. Outra mencionou “profissional liberal” (psicanalista), outra “prestadora de serviços” (digitadora), outra “servidora pública” (agente de saúde) e mais 1 como aposentada.

No tocante à faixa de renda mensal familiar aproximada, a maioria de 66,66% (6 alunas) disse que suas famílias ganham até 4 salários mínimos por mês, sendo que 2 destas famílias encontram-se na faixa mais baixa, que recebe até 2 salários mínimos por mês. Há 22,22% que ganham de 4 a 10 salários mínimos e 11,11% ganham de 10 a 20 salários mínimos. A maior parte delas, 44,44%, referiu que 4 pessoas vivem da renda estimada.

Relativamente à própria escolaridade, na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, 44,44% cursaram apenas escola pública e 33,33% apenas escola particular. Os turnos preferidos foram matutino (55,55%) e matutino e vespertino (44,44% cada), respectivamente.

No Ensino Médio, novamente 44,44% cursaram apenas escola pública e 55,55% apenas em particular. O turno mais cursado foi o matutino, por 77,77%.

Das que estudaram, em algum momento, em escola particular, 3 disseram ter feito uso de bolsa de estudos.

Na turma, ninguém fez curso técnico, nem supletivo ou Educação de Jovens e Adultos, tampouco estudaram em país estrangeiro.

A maioria disse não ter feito curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC (55,55%). Todavia, daquelas que fizeram, 75% optaram por instituição particular.

No ano anterior ao de entrada no curso, apenas 33,33% (3 alunas) foram aprovadas em outros vestibulares: Direito, Letras – Espanhol e Letras – Português/Inglês.

A maioria ingressou na UFSC por vestibular (66,66%), sendo que todas prestaram o concurso apenas uma única vez. Ainda, 2 alunas ingressaram a partir da opção de “retorno de graduado” (ambas do curso de Letras – Português/UFSC) e outra por meio de “transferência interna” (do curso de Letras – Português).

Uma das alunas referiu estar na Pós-Graduação em estudos da tradução, concomitantemente à graduação em Italiano.

Acerca do desempenho de atividade remunerada, todas disseram ter experiência profissional, no entanto, 2 não estão trabalhando no momento, mas ambas são professoras. As outras 7 alunas (77,77%) que trabalham, referiram ser: bolsistas de pesquisa (3), professoras (3) e estagiária (1).

Nenhuma das alunas precisou ajudar no sustento de outros membros familiares e 55,55% delas (5 alunas) disseram ter necessitado de apoio financeiro da família durante o curso.

Para o período após a formatura, quase todas têm planos (88,88%):

- ✓ Doutorado, carreira de magistério superior.
- ✓ Pretendo continuar lecionando e fazer pós/mestrado na área de ensino/aprendizagem em língua estrangeira.
- ✓ Pretendo trabalhar como tradutora e ingressar no mestrado.
- ✓ Pretendo trabalhar na área de tradução de obras literárias.
- ✓ Pedir retorno de graduando e estudar para concurso público.
- ✓ Outro curso superior (gerontologia ou pedagogia), tentar manter a profissão.
- ✓ Não faço o curso com objetivo profissional, pois já sou aposentada, mas apenas conhecimento.

Para definir suas trajetórias na Universidade até então, a palavra aprendido foi mencionada 2 vezes e as demais, uma vez: cansativa, conhecimento, crescimento, esforço, gratificante, luta e satisfatório.

## ANEXO 16 - Dados do curso de Letras – Alemão

<b>CURSO: ALEMÃO</b>	<b>TOTAL</b>	<b>% TOTAL</b>
Participaram da pesquisa	6	100%
<b>1. Gênero</b>		
A. Feminino	6	100%
B. Masculino	0	0%
<b>2. Idade</b>		
A. De 20 a 24 anos	4	66,66%
B. De 25 a 29 anos	1	16,66%
C. De 30 a 39 anos	1	16,66%
D. De 40 a 59 anos	0	0%
E. 60 anos ou mais	0	0%
<b>3. Origem étnica (cor)</b>		
A. Caucasiano (Branco)	5	83,33%
B. Pardo (Moreno)	0	0%
C. Amarelo (Asiático)	0	0%
D. Negro (Afrodescendente / Preto)	0	0%
E. Indígena	0	0%
F. Não responderam	1	16,66%
<b>4. Estado civil</b>		
A. Solteiro	5	83,33%
B. Casado	0	0%
C. Em união estável	1	16,66%
D. Separado / Divorciado	0	0%
E. Viúvo	0	0%
F. Não responderam	0	0%
<b>5. Cidade de nascimento</b>		
A. Florianópolis	1	16,66%
B. Grande Florianópolis	0	0%
C. Outra cidade de SC	2	33,33%
D. Cidade no PR	1	16,66%
E. Cidade no RS	0	0%
F. Cidade no Sudeste	2	33,33%
G. Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H. Cidade no Nordeste	0	0%
I. Cidade no Norte	0	0%
J. Não responderam	0	0%

<b>6. Cidade em que residia antes de ingressar na UFSC</b>		
A. Florianópolis	2	33,33%
B. Grande Florianópolis	1	16,66%
C. Outra cidade de SC	1	16,66%
D. Cidade no PR	1	16,66%
E. Cidade no RS	0	0%
F. Cidade no Sudeste	0	0%
G. Cidade no Centro-Oeste	1	16,66%
H. Cidade no Nordeste	0	0%
I. Cidade no Norte	0	0%
J. Não responderam	0	0%
<b>7. Onde reside atualmente</b>		
A. Florianópolis	4	66,66%
B. São José	2	33,33%
C. Não responderam	0	0%
<b>8. Bairro onde reside atualmente</b>		
A. Bairros de Florianópolis Centro – 1 Córrego Grande – 2 Trindade – 1	4	66,66%
B. Bairros de São José Areias – 1 Campinas - 1	2	33,33%
<b>9. Ano e semestre de ingresso na UFSC</b>		
A. 2011/1	3	50%
B. 2012/1	2	33,33%
C. 2012/2	1	16,66%
D. Não responderam	0	0%
<b>10. Com quem mora</b>		
A. Apenas pai e mãe	0	0%
B. Apenas pai ou apenas mãe	0	0%
C. Mãe, pai e irmãos	3	50%
D. Mãe ou pai e irmãos	0	0%
E. Com irmãos	0	0%
F. Com cônjuge	1	16,66%
G. Com cônjuge e filhos	0	0%
H. Com tio(s)	0	0%
I. Com amigo(s)	0	0%
J. Sozinho	1	16,66%

K. Outros	1	16,66%
L. Não responderam	0	0%
<b>11. Qual é o grau de instrução do seu pai?</b>		
A. Nenhum	0	0%
B. Ensino Fundamental	1	16,66%
C. Ensino Médio	1	16,66%
D. Ensino Superior	0	0%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	4	66,66%
F. Não responderam	0	0%
<b>12. Qual a ocupação atual do seu pai?</b>		
A. Profissional liberal Engenheiro - 1	1	16,66%
B. Autônomo	0	0%
C. Empresário (quem tem atividade econômica organizada) Agricultor - 1	1	16,66%
D. Prestador de serviços - iniciativa privada	0	0%
E. Servidor público Oficial do exército - 2	2	33,33%
F. Aposentado	2	33,33%
G. Falecido	0	0%
H. Não sabe / Não responderam / Não Possui	0	0%
<b>13. Qual é o grau de instrução da sua mãe?</b>		
A. Nenhum	0	0%
B. Ensino Fundamental	1	16,66%
C. Ensino Médio	1	16,66%
D. Ensino Superior	0	0%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	4	66,66%
F. Não responderam	0	0%
<b>14. Qual a ocupação atual da sua mãe?</b>		
i. Profissional liberal Professora - 1 Neuropsicopedagoga - 2	3	50%
ii. Autônomo	0	0%
iii. Empresário (quem tem atividade econômica organizada) Agricultora - 1	1	16,66%
iv. Prestador de serviços - iniciativa privada	0	0%
v. Servidor público	1	16,66%

vi. Aposentado	1	16,66%
vii. Falecido	0	0%
viii. Não sabe / Não responderam / Não Possui	0	0%
<b>15. No caso de possuir cônjuge/companheiro(a), qual é a ocupação profissional atual dele (a)?</b>		
A. Profissional liberal (com ensino superior): engenheiro, médico, advogado, contador, etc	0	0%
B. Autônomo	0	0%
C. Empresário	0	0%
D. Prestadores de serviços - iniciativa privada Atendente de restaurante – 1	1	100%
E. Não possuem cônjuge / união estável	5	-
<b>16. Qual a sua faixa de renda mensal familiar aproximada?</b>		
A. Acima de 20 salários mínimos	2	33,33%
B. De 10 a 20 salários mínimos	0	0%
C. De 04 a 10 salários mínimos	1	16,66%
D. De 02 a 04 salários mínimos	1	16,66%
E. De até 02 salários mínimos	0	0%
F. Não responderam	2	33,33%
<b>17. Qual o número de pessoas que vivem desta renda familiar mensal?</b>		
A. 1 Pessoa	0	0%
B. 2 Pessoas	1	16,66%
C. 3 Pessoas	0	0%
D. 4 Pessoas	2	33,33%
E. 5 Pessoas	2	33,33%
F. 6 ou mais pessoas	0	0%
G. Não responderam	1	16,66%
<b>18. Cursou a educação infantil</b>		
A. Somente em escola pública	2	33,33%
B. Em escola pública e em escola particular	0	0%
C. Somente em escola particular	4	66,66%
D. Não frequentei	0	0%
<b>19. Turno da educação infantil</b>		
A. Matutino	3	50%
B. Vespertino	3	50%
C. Integral	0	0%

<b>20. Cursou o ensino fundamental</b>		
A. Somente em escola pública	3	50%
B. Em escola pública e em escola particular	1	16,66%
C. Somente em escola particular	2	33,33%
D. Não frequentei	0	0%
<b>21. Turno do ensino fundamental</b>		
A. Matutino	2	33,33%
B. Vespertino	4	66,66%
C. Integral	0	0%
<b>22. Cursou o ensino médio</b>		
A. Somente em escola pública	3	50%
B. Em escola pública e em escola particular	0	0%
C. Somente em escola particular	3	50%
D. Não frequentei	0	0%
<b>23. Turno do ensino médio</b>		
A. Matutino	4	66,66%
B. Vespertino	0	0%
C. Noturno	1	16,66%
D. Integral	1	16,66%
<b>24. Fez curso técnico?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	6	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>25. Fez supletivo ou Educação de Jovens e Adultos (EJA)?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	6	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>26. No caso de ter cursado educação infantil, ensino fundamental e ensino médio em escola particular, você precisou em algum momento de auxílio financeiro da instituição (como bolsa de estudo parcial ou integral)</b>		
A. Sim	2	33,33%



A.1. Educação infantil	0	-
A.2. Ensino fundamental	0	-
A.3. Ensino médio	0	-
A.4. Não responderam quais anos	2	-
B. Não	2	33,33%
C. Não responderam	2	33,33%
<b>27. Coursou algum dos anos de estudo da educação básica em país estrangeiro?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	6	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>28. Fez curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC?</b>		
A. Sim	2	33,33%
A.1. Público	1	50%
A.2. Privado	1	50%
Cidade/Estado:		
Florianópolis	2	-
Instituição:		
IEE	1	-
Tendência	1	-
B. Não	4	66,66%
C. Não responderam	0	0%
<b>29. Forma de ingresso na UFSC:</b>		
A. Vestibular. Quantas vezes prestou vestibular para este curso?	4	66,66%
A.1. Uma vez	4	100%
B. Transferência externa. De qual instituição?	0	0%
C. Transferência interna. De qual curso anterior?	0	0%
D. Retorno de graduado. De qual curso retornou? Arquitetura e Urbanismo – 1 Não especificou o curso - 1	2	50%
E. Outro. Especifique:	0	0%

<b>30. No ano em que antecedeu o ingresso na UFSC, também foi aprovado em outros vestibulares?</b>		
A. Sim	1	16,66%
<i>Não respondeu o curso e a instituição</i>	1	-
B. Não	5	83,33%
C. Não responderam	0	0%
<b>31. Está cursando outro curso superior?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	6	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>32. Já possui um curso superior concluído?</b>		
A. Sim	2	33,33%
<i>Cursos:</i>		
<i>Biblioteconomia</i>	1	-
<i>Arquitetura e Urbanismo</i>	1	-
<i>Instituição:</i>		
<i>PUC</i>	1	-
<i>UDESC</i>	1	-
B. Não	4	66,66%
C. Não responderam	0	0%
<b>33. Você exerce atividade remunerada?</b>		
A. Não trabalho atualmente e nunca trabalhei	0	0%
B. Não trabalho atualmente, mas já trabalhei	0	0%
C. Sim	6	100%
<i>Qual é o trabalho atual?</i>		
<i>Professor: 6 meses (3), 1 ano</i>	4	-
<i>Gerente de plantão de restaurante (2 anos)</i>	1	-
<i>Não respondeu trabalho e tempo de trabalho</i>	1	-
D. Não responderam	0	0%

<b>34. Preciou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso?</b>		
A. Sim	2	33,33%
B. Não	4	66,66%
C. Não responderam	0	0%
<b>35. Houve a necessidade de que a sua família lhe ajudasse financeiramente durante a faculdade?</b>		
A. Sim	5	83,33%
B. Não	1	16,66%
C. Não responderam	0	0%
<b>36. Uma palavra que represente a sua trajetória universitária até então:</b>		
Desafiadora	1	16,66%
Necessária	1	16,66%
Conturbada, mas gratificante	1	16,66%
Incerteza	1	16,66%
Dúvidas	1	16,66%
Não responderam	1	16,66%
<b>37. Já traçou objetivos profissionais para o período após a sua formatura?</b>		
A. Sim - Vou dar continuidade aos meus estudos na área (Mestrado, Doutorado). - Pretendo continuar estudando para um concurso público e dando aulas. - Pretendo continuar a carreira da educação, dando aula de língua estrangeira a jovens e adultos.	4	66,66%
B. Não - Como possuo outra graduação, transito na dúvida em que área de conhecimento seguir. A escolha da área em um futuro doutorado certamente direcionará minha escolha.	2	33,33%
C. Não responderam	0	0%
<b>38. Gostaria de ser entrevistado acerca de sua trajetória universitária futuramente?</b>		
A. Sim	4	66,66%
B. Não	2	33,33%
C. Não responderam	0	0%

## **ANEXO 17 - Descrição dos dados do curso de Letras – Alemão**

A tabela antecedente revela as informações relativas às 6 alunas da sétima fase (penúltima) de Letras – Alemão.

A maioria delas possui de 20 a 24 anos (66,66% ou 4 pessoas) e apenas 1 não é solteira. A turma é composta por 5 alunas de cor branca (83,33%) e 1 deixou de responder.

Quanto à cidade de nascimento, metade é catarinense; 33,33% (2 alunas) são de São Paulo e 16,66% (1 aluna) é paranaense.

Da turma, 66,66% residiam em Santa Catarina antes de ingressar no curso: 2 em Florianópolis, 1 em São José e 1 em Criciúma. Mais 1 aluna veio do Paraná e outra de Brasília.

Sobre a atual residência, 66,66% (4 alunas) moram em Florianópolis (nos bairros: Centro, Córrego Grande e Trindade) e 33,33% (2 alunas) em São José (nos bairros: Areias e Campinas). Na residência, 50% (3 alunas) moram com mãe, pai e irmãos.

Acerca da escolaridade dos pais e das mães, predomina o Ensino Superior, com 66,66% cada (4 pais e 4 mães), sendo todos Pós-Graduados. Seguem-se 1 pai e 1 mãe com Ensino Médio e 1 pai e 1 mãe com Ensino Fundamental.

Sobre a ocupação dos pais, há 2 deles como “servidor público” (Oficial do Exército) e 2 aposentados. São citados também 1 pai engenheiro (“profissional liberal”) e 1 pai agricultor.

A ocupação da mãe referida por 3 alunas (50%) foi de “profissional liberal” (professora e neuropsicopedagoga). Ainda, 1 mãe é servidora pública, 1 mãe é aposentada e a outra é agricultora.

Relativamente à faixa de renda mensal familiar aproximada, apenas 4 alunas responderam: 2 afirmaram ter renda superior à 20 salários mínimos; 1 disse ter renda de 4 a 10 salários mínimos; e, 1 falou ter renda de 2 a 4 salários mínimos.

A respeito da própria escolaridade, na Educação Infantil, 66,66% (4 delas) estiveram exclusivamente na rede de ensino privada e 33,33% na pública. Metade estava no turno matutino e metade no vespertino.

No Ensino Fundamental, 50% (3 alunas) estiveram exclusivamente na escola pública e 33,33% apenas em privada. O turno de preferência foi o vespertino.

No Ensino Médio, novamente 50% delas cursaram apenas escola pública e 50% apenas privada – 5 alunas estiveram no turno matutino.

Das que estudaram, em algum momento, em escola particular, 2 disseram ter feito uso de bolsa de estudos.

Na turma, ninguém fez curso técnico, nem supletivo ou Educação de Jovens e Adultos, tampouco estudaram em país estrangeiro.

A maioria disse não ter feito curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC (66,66%). Todavia, daquelas que fizeram, 1 optou por instituição particular e outra por pública.

No ano anterior ao de entrada no curso, apenas 1 aluna também foi aprovada em outro vestibular.

A maioria ingressou na UFSC por vestibular (66,66% ou 4 delas), sendo que todas prestaram o concurso apenas uma única vez. Ainda, 2 alunas ingressaram a partir da opção de “retorno de graduado” (1 do curso de Arquitetura e Urbanismo e 1 de Biblioteconomia).

Metade das alunas iniciou a faculdade em 2011.1. Outras 2 alunas são da turma original de 2012.1 e outra ainda é de 2012.2.

Nenhuma das alunas está cursando outra graduação no momento e apenas as 2 alunas que fizeram o retorno possuem curso superior concluído.

No que se refere ao desempenho de atividade remunerada, todas estão trabalhando atualmente, 4 como professoras, 1 em serviço administrativo em restaurante e outra não especificou a função.

Das alunas, 66,66% (4) não precisaram ajudar no sustento de outros membros familiares e 83,33% delas (5 alunas) disseram ter necessitado de apoio financeiro da família durante o curso.

Quanto ao momento após a formatura, 66,66% referiram ter alguns objetivos traçados:

- ✓ Vou dar continuidade aos meus estudos na área (Mestrado, Doutorado).
- ✓ Pretendo continuar estudando para um concurso público e dando aulas.
- ✓ Pretendo continuar a carreira da educação, dando aula de língua estrangeira a jovens e adultos.

Uma das alunas, que disse ainda não ter planos muito definidos, escreveu o seguinte: “Como possuo outra graduação, transito na dúvida em que área de conhecimento seguir. A escolha da área em um futuro doutorado certamente direcionará minha escolha”.

Relativamente às suas trajetórias na Universidade até então, as alunas mencionaram as palavras: desafiadora, necessária, incerteza, dúvidas e “conturbada, mas gratificante”.

## ANEXO 18 - Dados do curso de Matemática

<b>CURSO: MATEMÁTICA</b>	<b>TOTAL</b>	<b>% TOTAL</b>
Participaram da pesquisa	8	100%
<b>1. Gênero</b>		
A. Feminino	4	50%
B. Masculino	4	50%
<b>2. Idade</b>		
A. De 20 a 24 anos	8	100%
B. De 25 a 29 anos	0	0%
C. De 30 a 39 anos	0	0%
D. De 40 a 59 anos	0	0%
E. 60 anos ou mais	0	0%
<b>3. Origem étnica (cor)</b>		
A. Caucasiano (Branco)	8	100%
B. Pardo (Moreno)	0	0%
C. Amarelo (Asiático)	0	0%
D. Negro (Afrodescendente / Preto)	0	0%
E. Indígena	0	0%
F. Não responderam	0	0%
<b>4. Estado civil</b>		
A. Solteiro	8	100%
B. Casado	0	0%
C. Em união estável	0	0%
D. Separado / Divorciado	0	0%
E. Viúvo	0	0%
F. Não responderam	0	0%
<b>5. Cidade de nascimento</b>		
A. Florianópolis	5	62,5%
B. Grande Florianópolis	1	12,5%
C. Outra cidade de SC	0	0%
D. Cidade no PR	1	12,5%
E. Cidade no RS	0	0%
F. Cidade no Sudeste	1	12,5%
G. Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H. Cidade no Nordeste	0	0%
I. Cidade no Norte	0	0%
J. Não responderam	0	0%

<b>6.</b>	<b>Cidade em que residia antes de ingressar na UFSC</b>		
A.	Florianópolis	4	50%
B.	Grande Florianópolis	2	25%
C.	Outra cidade de SC	1	12,5%
D.	Cidade no PR	0	0%
E.	Cidade no RS	0	0%
F.	Cidade no Sudeste	1	12,5%
G.	Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H.	Cidade no Nordeste	0	0%
I.	Cidade no Norte	0	0%
J.	Não responderam	0	0%
<b>7.</b>	<b>Onde reside atualmente</b>		
A.	Florianópolis	7	87,5%
B.	Santo Amaro da Imperatriz	1	12,5%
C.	Não responderam	0	0%
<b>8.</b>	<b>Bairro onde reside atualmente</b>		
A.	Bairros de Florianópolis Coqueiros – 1 Estreito – 1 Pantanal – 1 Ribeirão da Ilha – 1 Trindade – 3	7	87,5%
B.	Bairros de Santo Amaro da Imperatriz Centro – 1	1	12,5%
<b>9.</b>	<b>Ano e semestre de ingresso na UFSC</b>		
A.	2010/1	2	25%
B.	2010/2	1	12,5%
C.	2011/1	5	62,5%
D.	Não responderam	0	0%
<b>10.</b>	<b>Com quem mora</b>		
A.	Apenas pai e mãe	2	25%
B.	Apenas pai ou apenas mãe	1	12,5%
C.	Mãe, pai e irmãos	1	12,5%
D.	Mãe ou pai e irmãos	1	12,5%
E.	Com irmãos	0	0%
F.	Com cônjuge	0	0%
G.	Com cônjuge e filhos	0	0%
H.	Com tio(s)	1	12,5%
I.	Com amigo(s)	1	12,5%



J. Sozinho	1	12,5%
K. Não responderam	0	0%
<b>11. Qual é o grau de instrução do seu pai?</b>		
A. Nenhum	1	12,5%
B. Ensino Fundamental	2	25%
C. Ensino Médio	3	37,5%
D. Ensino Superior	1	12,5%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	1	12,5%
F. Não responderam	0	0%
<b>12. Qual a ocupação atual do seu pai?</b>		
A. Profissional liberal Professor - 1	1	12,5%
B. Autônomo	0	0%
C. Empresário (quem tem atividade econômica organizada) Comerciante - 1	2	25%
D. Prestador de serviços - iniciativa privada Almojarife – 1 Balcônista – 1 Bancário – 1 Marceneiro - 1	4	50%
E. Servidor público	1	12,5%
F. Aposentado	0	0%
G. Falecido	0	0%
H. Não sabe / Não responderam / Não Possui	0	0%
<b>13. Qual é o grau de instrução da sua mãe?</b>		
A. Nenhum	0	0%
B. Ensino Fundamental	2	25%
C. Ensino Médio	2	25%
D. Ensino Superior	0	0%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	4	50%
F. Não responderam	0	0%
<b>14. Qual a ocupação atual da sua mãe?</b>		
i. Profissional liberal Assistente Social - 1 Professora – 2 Diretora de Escola - 1	4	50%
ii. Autônomo	0	0%
iii. Empresário (quem tem atividade econômica organizada)	0	0%

iv. Prestador de serviços - iniciativa privada Auxiliar de Serviços Gerais - 1	1	12,5%
v. Servidor público	0	0%
vi. Aposentado	0	0%
vii. Falecido	0	0%
viii. Não sabe / Não responderam / Não Possui Dona de Casa – 3	3	37,5%
<b>15. No caso de possuir cônjuge/companheiro(a), qual é a ocupação profissional atual dele (a)?</b>		
A. Profissional liberal (com ensino superior): engenheiro, médico, advogado, contador, etc	0	0%
B. Autônomo	0	0%
C. Empresário	0	0%
D. Não possuem cônjuge / união estável	8	100%
<b>16. Qual a sua faixa de renda mensal familiar aproximada?</b>		
A. Acima de 20 salários mínimos	0	0%
B. De 10 a 20 salários mínimos	2	25%
C. De 04 a 10 salários mínimos	3	37,5%
D. De 02 a 04 salários mínimos	2	25%
E. De até 02 salários mínimos	1	12,5%
<b>17. Qual o número de pessoas que vivem desta renda familiar mensal?</b>		
A. 1 Pessoa	0	0%
B. 2 Pessoas	0	0%
C. 3 Pessoas	3	37,5%
D. 4 Pessoas	3	37,5%
E. 5 Pessoas	2	25%
F. 6 ou mais pessoas	0	0%
<b>18. Curso a educação infantil</b>		
A. Somente em escola pública	3	37,5%
B. Em escola pública e em escola particular	0	0%
C. Somente em escola particular	4	50%
D. Não frequentei	1	12,5%
<b>19. Turno da educação infantil</b>		
A. Matutino	4	50%
B. Vespertino	3	37,5%
C. Integral	0	0%
D. Não responderam	1	12,5%

<b>20.</b>	<b>Cursou o ensino fundamental</b>		
A.	Somente em escola pública	5	62,5%
B.	Em escola pública e em escola particular	0	0%
C.	Somente em escola particular	3	37,5%
D.	Não frequentei	0	0%
<b>21.</b>	<b>Turno do ensino fundamental</b>		
A.	Matutino	5	62,5%
B.	Vespertino	3	37,5%
C.	Integral	0	0%
<b>22.</b>	<b>Cursou o ensino médio</b>		
A.	Somente em escola pública	3	37,5%
B.	Em escola pública e em escola particular	1	12,5%
C.	Somente em escola particular	4	50%
D.	Não frequentei	0	0%
<b>23.</b>	<b>Turno do ensino médio</b>		
A.	Matutino	6	75%
B.	Vespertino	1	12,5%
C.	Integral	1	12,5%
<b>24.</b>	<b>Fez curso técnico?</b>		
A.	Sim	0	0%
B.	Não	8	100%
C.	Não responderam	0	0%
<b>25.</b>	<b>Fez supletivo ou Educação de Jovens e Adultos (EJA)?</b>		
A.	Sim	0	0%
B.	Não	8	100%
C.	Não responderam	0	0%
<b>26.</b>	<b>No caso de ter cursado educação infantil, ensino fundamental e ensino médio em escola particular, você precisou em algum momento de auxílio financeiro da instituição (como bolsa de estudo parcial ou integral)</b>		
A.	Sim	1	12,5%
<i>A.1. Educação infantil</i>		1	-

A.2. <i>Ensino fundamental</i>	1	-
A.3. <i>Ensino médio</i>	1	-
B. Não	3	37,5%
C. Não responderam	4	50%
<b>27. Cursosou algum dos anos de estudo da educação básica em país estrangeiro?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	8	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>28. Fez curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC?</b>		
A. Sim	5	62,5%
A.1. Público	2	40%
A.2. Privado	2	40%
A.3. Não responderam	1	20%
<i>Cidade/Estado:</i>		
<i>Itajaí</i>	1	-
<i>Santo Amaro da Imperatriz</i>	1	-
<i>Florianópolis</i>	1	-
<i>Instituição:</i>		
<i>Energia</i>	1	-
<i>Pré-vestibular UFSC</i>	2	-
<i>SESC</i>	1	-
<i>Não responderam a instituição</i>	1	-
B. Não	3	37,5%
C. Não responderam	0	0%
<b>29. Forma de ingresso na UFSC:</b>		
A. Vestibular. Quantas vezes prestou vestibular para este curso?	7	87,5%
A.1. <i>Uma vez</i>	7	100%
B. Transferência externa. De qual instituição?	0	0%
C. Transferência interna. De qual curso anterior? Matemática Noturno	1	12,5%
D. Retorno de graduado. De qual curso retornou?	0	0%

E. Outro. Especifique:	0	0%
<b>30. No ano em que antecedeu o ingresso na UFSC, também foi aprovado em outros vestibulares?</b>		
A. Sim	5	62,5%
<i>Cursos:</i>		
<i>Economia</i>	1	-
<i>Educação Física</i>	1	-
<i>Engenharia Ambiental</i>	1	-
<i>Engenharia Elétrica</i>	1	-
<i>Matemática</i>	1	-
<i>Saneamento</i>	1	-
<i>Instituição:</i>		
<i>UFSC</i>	1	-
<i>UDESC</i>	3	-
<i>Não responderam a instituição</i>	1	-
B. Não	3	37,5%
C. Não responderam	0	0%
<b>31. Está cursando outro curso superior?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	8	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>32. Já possui um curso superior concluído?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	8	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>33. Você exerce atividade remunerada?</b>		
A. Não trabalho atualmente e nunca trabalhei	1	12,5%
B. Não trabalho atualmente, mas já trabalhei	1	12,5%
<i>Qual foi o último trabalho</i>		
<i>Auxiliar de Escritório (4 meses)</i>	1	12,5%
C. Sim	6	75%
<i>Qual é o trabalho atual?</i>		

<i>Bolsista: 1 ano (3), 2 anos (2) e 2,5 anos</i>	6	75%
D. Não responderam	0	0%
<b>34. Precisou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso?</b>		
A. Sim	1	12,5%
B. Não	7	87,5%
C. Não responderam	0	0%
<b>35. Houve a necessidade de que a sua família lhe ajudasse financeiramente durante a faculdade?</b>		
A. Sim	5	62,5%
B. Não	3	37,5%
C. Não responderam	0	0%
<b>36. Uma palavra que represente a sua trajetória universitária até então:</b>		
Ciência	1	12,5%
Complicada	1	12,5%
Complexa	1	12,5%
Difícil	3	37,5%
Esforço	2	25%
<b>37. Já traçou objetivos profissionais para o período após a sua formatura?</b>		
A. Sim - Fazer um mestrado. - Pretendo tentar um mestrado e, se possível, o doutorado em matemática. Darei aula preferencialmente em escola pública. Caso consiga o doutorado, tentarei uma vaga de professor universitário. - Carreira acadêmica (Mestrado – Doutorado). - Ingresso no Mestrado. - Mestrado no ano que vem. - Ingressar em uma pós-graduação.	8	100%
B. Não	0	0%
C. Não responderam	0	0%
<b>38. Gostaria de ser entrevistado acerca de sua trajetória universitária futuramente?</b>		
A. Sim	3	37,5%
B. Não	5	62,5%
C. Não responderam	0	0%

## **ANEXO 19 - Descrição dos dados do curso de Matemática**

Na tabela anterior, constam os dados acerca dos 8 alunos da sétima fase (penúltima) do curso de Matemática, sendo 50% de cada sexo.

Todos eles possuem de 20 a 24 anos, são solteiros e de cor branca.

Quanto à cidade de nascimento, 75% deles (6 alunos) são da região da Grande Florianópolis, sendo 5 deles efetivamente nascidos na Capital. Há 1 aluno nascido no Paraná (12,5%) e outro, em São Paulo.

Antes de ingressarem na UFSC, 87,5% (7 alunos) já estavam residindo em Santa Catarina, sendo 6 deles moradores da Grande Florianópolis. O outro aluno residia em Camboriú/SC. A atual residência de 87,5% é a cidade de Florianópolis, onde 3 alunos moram em bairros distantes da UFSC (Coqueiros, Estreito e Ribeirão da Ilha); 3 no próprio bairro da UFSC (Trindade) e 1 em bairro vizinho à UFSC (Pantanal). Ademais, 1 aluno reside no município de Santo Amaro da Imperatriz, no Centro.

Na atual residência, 62,5% (5 alunos) moram, pelo menos, com um dos genitores, com ou sem irmãos. Ainda, 1 disse morar sozinho, 1 disse residir com tio e 1 mora com amigo(s).

No tocante ao grau de instrução dos pais, a maioria possui Ensino Médio (37,5% ou 3 pais), seguida por 2 pais com Ensino Fundamental (25%), 2 pais com Ensino Superior (25%) – sendo um deles com Pós-Graduação – e 1 pai sem escolaridade.

Quanto à ocupação dos pais, 50% (4 alunos) referiram ser de “prestador de serviço na iniciativa privada”, nas funções de balconista, almoxarife, marceneiro e bancário. Ainda, 25% (2 alunos) apontaram os pais como “empresário”; 12,5% (1 aluno) como professor; e, 12,5% como “servidor público”.

Por sua vez, sobre a escolaridade das mães, a maioria delas (50% ou 4 mães) possui Ensino superior com Pós-Graduação. Outras 2 mães possuem Ensino Médio e mais 2 mães possuem o Ensino Fundamental.

Em relação à ocupação atual das mães, 50% (4 mães) desempenham atividade de “profissional liberal”, nas funções de assistente social, diretora de escola e professora. Outras 37,5% (3 mães) são donas de casa e 1 delas é auxiliar de serviços gerais (“prestador de serviço”).

No que toca à faixa de renda mensal familiar aproximada, 37,5% (3 alunos) disseram que é de até 4 salários mínimos e outros 37,5% disseram que é de 4 a 10 salários mínimos. Os outros 2 alunos (25%) mencionaram que a renda varia de 10 a 20 salários mínimos.

Sobre a própria escolaridade, a maioria de 50% (4 alunos) estudou apenas em escola particular na Educação Infantil; 37,5% (3 alunos) apenas em escola pública; e, 1 aluno não frequentou este nível. O turno matutino foi escolhido por 50% dos alunos.

No Ensino Fundamental, 62,5% (5 alunos) estiveram exclusivamente na rede de ensino pública e 37,5% na privada. A maior parte deles (62,5%) estudou no turno matutino.

No Ensino Médio, 50% (4 alunos) estiveram exclusivamente na escola privada; 37,5% (3 alunos) apenas em pública; e, 12,5% (1 aluno) em ambas. O turno de preferência foi o matutino, por 87,5%.

Daqueles que estudaram, em algum momento, em escola particular, apenas 1 aluno disse ter feito uso de bolsa de estudos, em todos os níveis de ensino.

Na turma, ninguém fez curso técnico, nem supletivo ou Educação de Jovens e Adultos, tampouco estudaram em país estrangeiro.

A maioria referiu que cursou pré-vestibular antes de ingressar na UFSC (62,5% ou 5 alunos), sendo metade deles em instituição pública e a outra metade em privada.

No ano anterior ao de entrada no curso, 62,5% deles também foi aprovado em outro vestibular, para cursos como Economia, Engenharia Ambiental, Engenharia Elétrica, Educação Física, Matemática e Saneamento.

Todos os alunos ingressaram na UFSC por meio de vestibular, sendo que todos prestaram o concurso apenas uma única vez. A maior parte deles (62,5% ou 5 alunos) é da turma original de 2011.1, mas a sala ainda agrega 2 alunos de 2010.1 e 1 aluno de 2010.2.

Nenhum dos alunos está cursando outra graduação no momento ou já cursou.

A respeito do desempenho de atividade remunerada, a maioria de 75% (6 alunos) está trabalhando no momento, todos na função de bolsista de pesquisa na UFSC. Ainda, 1 aluno referiu nunca ter trabalhado e outro não está trabalhando no



momento, mas teve experiência profissional como auxiliar de escritório por 4 meses.

Também, a maioria de 87,5% (7 alunos) não precisou ajudar no sustento de outros membros familiares. Dos alunos, 62,5% (5 alunos) solicitaram o apoio financeiro da família durante o curso.

Sobre os objetivos profissionais, todos disseram possuir planejamentos, como:

- ✓ Fazer um mestrado.
- ✓ Pretendo tentar um mestrado e, se possível, o doutorado em matemática. Darei aula preferencialmente em escola pública. Caso consiga o doutorado, tentarei uma vaga de professor universitário.
- ✓ Carreira acadêmica (Mestrado – Doutorado).
- ✓ Ingresso no Mestrado.
- ✓ Mestrado no ano que vem.
- ✓ Ingressar em uma pós-graduação.

Acerca das trajetórias na Universidade até então, as palavras mais mencionadas foram “difícil” (3) e “esforço” (2). Também foram citadas: ciência, complicada e complexa.

## ANEXO 20 - Dados do curso de Arquivologia

CURSO: ARQUIVOLOGIA	TOTAL	% TOTAL
Participaram da pesquisa	5	100%
<b>1. Gênero</b>		
A. Feminino	4	80%
B. Masculino	1	20%
<b>2. Idade</b>		
A. De 20 a 24 anos	2	40%
B. De 25 a 29 anos	1	20%
C. De 30 a 39 anos	0	0%
D. De 40 a 59 anos	2	40%
E. 60 anos ou mais	0	0%
<b>3. Origem étnica (cor)</b>		
A. Caucasiano (Branco)	4	80%
B. Pardo (Moreno)	0	0%
C. Amarelo (Asiático)	0	0%
D. Negro (Afrodescendente / Preto)	0	0%
E. Indígena	0	0%
F. Não responderam	1	20%
<b>4. Estado civil</b>		
A. Solteiro	3	60%
B. Casado	2	40%
C. Em união estável	0	0%
D. Separado / Divorciado	0	0%
E. Viúvo	0	0%
F. Não responderam	0	0%
<b>5. Cidade de nascimento</b>		
A. Florianópolis	1	20%
B. Grande Florianópolis	2	40%
C. Outra cidade de SC	0	0%
D. Cidade no PR	1	20%
E. Cidade no RS	1	20%
F. Cidade no Sudeste	0	0%
G. Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H. Cidade no Nordeste	0	0%
I. Cidade no Norte	0	0%

J.	Não responderam	0	0%
<b>6.</b>	<b>Cidade em que residia antes de ingressar na UFSC</b>		
A.	Florianópolis	2	40%
B.	Grande Florianópolis	2	40%
C.	Outra cidade de SC	0	0%
D.	Cidade no PR	0	0%
E.	Cidade no RS	0	0%
F.	Cidade no Sudeste	0	0%
G.	Cidade no Centro-Oeste	0	0%
H.	Cidade no Nordeste	0	0%
I.	Cidade no Norte	0	0%
J.	Não responderam	1	20%
<b>7.</b>	<b>Onde reside atualmente</b>		
A.	Florianópolis	4	80%
B.	São José	0	0%
C.	Santo Amaro da Imperatriz	1	20%
D.	Não responderam	0	0%
<b>8.</b>	<b>Bairro onde reside atualmente</b>		
A.	Bairros de Florianópolis Capoeiras - 1 Estreito - 1 Tapera - 1 Trindade - 1	4	80%
B.	Bairros de Santo Amaro da Imperatriz Sul do Rio - 1	1	20%
<b>9.</b>	<b>Ano e semestre de ingresso na UFSC</b>		
A.	2010/1	1	20%
B.	2010/2	3	60%
C.	2011/1	1	20%
D.	Não responderam	0	0%
<b>10.</b>	<b>Com quem mora</b>		
A.	Apenas pai e mãe	0	0%
B.	Apenas pai ou apenas mãe	0	0%
C.	Mãe, pai e irmãos	2	40%
D.	Mãe ou pai e irmãos	0	0%
E.	Com irmãos	0	0%
F.	Com cônjuge	0	0%
G.	Com cônjuge e filhos	2	40%
H.	Com tio(s)	0	0%

I. Com amigo(s)	0	0%
J. Sozinho	0	0%
K. Outros Pai, mãe e avós – 1	1	20%
L. Não responderam	0	0%
<b>11. Qual é o grau de instrução do seu pai?</b>		
A. Nenhum	1	20%
B. Ensino Fundamental	2	40%
C. Ensino Médio	0	0%
D. Ensino Superior	1	20%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	1	20%
F. Não responderam	0	0%
<b>12. Qual a ocupação atual do seu pai?</b>		
A. Profissional liberal	0	0%
B. Autônomo	0	0%
C. Empresário (quem tem atividade econômica organizada)	1	20%
D. Prestador de serviços - iniciativa privada Mestre de obras – 1 Mecânico – 1	2	40%
E. Servidor público	0	0%
F. Aposentado	0	0%
G. Falecido	2	40%
H. Não sabe / Não responderam / Não Possui	0	0%
<b>13. Qual é o grau de instrução da sua mãe?</b>		
A. Nenhum	1	20%
B. Ensino Fundamental	0	0%
C. Ensino Médio	3	60%
D. Ensino Superior	1	20%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	0	0%
F. Não responderam	0	0%
<b>14. Qual a ocupação atual da sua mãe?</b>		
i. Profissional liberal	0	0%
ii. Autônomo	0	0%
iii. Empresário (quem tem atividade econômica organizada)	0	0%
iv. Prestadores de serviços - iniciativa privada	0	0%
v. Servidor público	0	0%

vi. Aposentado	0	0%
vii. Falecido	1	20%
ii. Não Possui Dona de casa - 4	4	80%
ix. Não sabe / Não responderam	0	0%
<b>15. No caso de possuir cônjuge / companheiro(a), qual é a ocupação profissional atual dele (a)?</b>		
A. Profissional liberal (com ensino superior): engenheiro, médico, advogado, contador, etc. Administrador – 1 Engenheiro – 1	2	100%
B. Autônomo	0	0%
C. Empresário	0	0%
D. Não possuem cônjuge / união estável	3	-
<b>16. Qual a sua faixa de renda mensal familiar aproximada?</b>		
A. Acima de 20 salários mínimos	0	0%
B. De 10 a 20 salários mínimos	2	40%
C. De 04 a 10 salários mínimos	1	20%
D. De 02 a 04 salários mínimos	2	40%
E. De até 02 salários mínimos	0	0%
<b>17. Qual o número de pessoas que vivem desta renda familiar mensal?</b>		
A. 1 Pessoa	0	0%
B. 2 Pessoas	0	0%
C. 3 Pessoas	1	20%
D. 4 Pessoas	2	40%
E. 5 Pessoas	1	20%
F. 6 ou mais pessoas	0	0%
G. Não responderam	1	20%
<b>18. Cursou a educação infantil</b>		
A. Somente em escola pública	3	60%
B. Em escola pública e em escola particular	0	0%
C. Somente em escola particular	1	20%
D. Não frequentei	1	20%
<b>19. Turno da educação infantil</b>		
A. Matutino	4	80%
B. Vespertino	0	0%
C. Integral	0	0%

D. Não responderam	1	20%
<b>20. Cursou o ensino fundamental</b>		
A. Somente em escola pública	4	80%
B. Em escola pública e em escola particular	1	20%
C. Somente em escola particular	0	0%
D. Não frequentei	0	0%
<b>21. Turno do ensino fundamental</b>		
A. Matutino	4	80%
B. Vespertino	1	20%
C. Integral	0	0%
<b>22. Cursou o ensino médio</b>		
A. Somente em escola pública	2	40%
B. Em escola pública e em escola particular	1	20%
C. Somente em escola particular	2	40%
D. Não frequentei	0	0%
<b>23. Turno do ensino médio</b>		
A. Matutino	3	60%
B. Vespertino	1	20%
C. Integral	0	0%
D. Não responderam	1	20%
<b>24. Fez curso técnico?</b>		
A. Sim Técnico em Contabilidade / Florianópolis / Colégio Comercial Pio XII Técnico em Administração / Florianópolis / SENAC	2	40%
B. Não	3	60%
C. Não responderam	0	0%
<b>25. Fez supletivo ou Educação de Jovens e Adultos (EJA)?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	5	100%
C. Não responderam	0	0%

<b>26. No caso de ter cursado educação infantil, ensino fundamental e ensino médio em escola particular, você precisou em algum momento de auxílio financeiro da instituição (como bolsa de estudo parcial ou integral)</b>		
A. Sim	2	40%
A.1. Ensino médio	1	-
A.2. Não responderam	1	-
B. Não	3	60%
C. Não responderam	0	0%
<b>27. Cursou algum dos anos de estudo da educação básica em país estrangeiro?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	5	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>28. Fez curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC?</b>		
A. Sim	1	20%
A.1. Não responderam se público ou privado, a cidade e a instituição.	1	100%
B. Não	4	80%
C. Não responderam	0	0%
<b>29. Forma de ingresso na UFSC:</b>		
A. Vestibular. Quantas vezes prestou vestibular para este curso?	1	20%
A.1. Uma vez	1	100%
B. Transferência externa. De qual instituição?	0	0%
C. Transferência interna. De qual curso anterior? Pedagogia	1	20%
D. Retorno de graduado. De qual curso retornou? Biblioteconomia Economia	2	40%
E. Outro. Especifique: SISU	1	20%
<b>30. No ano em que antecedeu o ingresso na UFSC, também foi aprovado em outros vestibulares?</b>		
A. Sim	0	0%

B. Não	5	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>31. Está cursando outro curso superior?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	5	100%
C. Não responderam	0	0%
<b>32. Já possui um curso superior concluído?</b>		
A. Sim	3	60%
<i>Cursos:</i>		
<i>Biblioteconomia</i>	1	-
<i>Economia</i>	1	-
<i>Pedagogia</i>	1	-
<i>Instituição:</i>		
<i>UDESC</i>	1	-
<i>UFSC</i>	2	-
B. Não	2	40%
C. Não responderam	0	0%
<b>33. Você exerce atividade remunerada?</b>		
A. Não trabalho atualmente e nunca trabalhei	0	0%
B. Não trabalho atualmente, mas já trabalhei	0	0%
C. Sim	5	100%
<i>Qual é o trabalho atual?</i>		
<i>Arquivista (5 anos)</i>	1	-
<i>Auxiliar administrativo (3 meses)</i>	1	-
<i>Estágio (1 ano e 5 meses)</i>	1	-
<i>Finanças HU (2 anos)</i>	1	-
<i>Servidor público (3 meses)</i>	1	-
D. Não responderam	0	0%
<b>34. Precizou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso?</b>		
A. Sim	2	40%



B. Não	3	60%
C. Não responderam	0	0%
<b>35. Houve a necessidade de que a sua família lhe ajudasse financeiramente durante a faculdade?</b>		
A. Sim	3	60%
B. Não	2	40%
C. Não responderam	0	0%
<b>36. Uma palavra que represente a sua trajetória universitária até então</b>		
Boa	2	40%
Conhecimento	1	20%
Conturbada	1	20%
Persistência	1	20%
<b>37. Já traçou objetivos profissionais para o período após a sua formatura?</b>		
A. Sim - Fazer pós-graduação. - Ingressar no mercado privado, e provavelmente prestar concursos públicos. - Trabalhar no arquivo do HU. - Prestar outros concursos públicos e aprender inglês.	3	60%
B. Não	1	20%
C. Não responderam	1	20%
<b>38. Gostaria de ser entrevistado acerca de sua trajetória universitária futuramente?</b>		
A. Sim	0	0%
B. Não	5	100%
C. Não responderam	0	0%

## **ANEXO 21 - Descrição dos dados do curso de Arquivologia**

Segundo a tabela anterior, a sétima fase de Arquivologia é composta por 5 formandos, sendo 4 mulheres (80%) e 1 homem (20%), os quais possuem idades diferenciadas: 2 têm de 20 a 24 anos (40%); 2 têm de 40 a 59 anos (40%); e, 1 tem de 25 a 29 anos.

A origem étnica de todos os alunos que responderam a questão é apontada como caucasiana (80%) – e 1 aluno deixou de responder.

O estado civil de 60% (3 alunos) é solteiro e de 40% é casado.

No que se refere à cidade de nascimento, 60% (3 alunos) são catarinenses: 1 de Florianópolis e 2 de outras cidades da Grande Florianópolis. Ainda, há 1 aluno do Paraná e outro do Rio Grande do Sul.

Quando perguntados sobre a cidade em que residiam antes de ingressar na UFSC, a maior parte deles disse já morar em Santa Catarina (80% ou 4 alunos), todos eles na região da Grande Florianópolis.

Sobre a atual residência, 80% (4 alunos) moram em Florianópolis e 1 aluno em Santo Amaro da Imperatriz. A maioria deles (80%) mora em bairros distantes da Universidade.

Na residência atual, todos moram com familiares: 60% (3 alunos) com pai e mãe e 40% (2 alunos) com cônjuge e filho(s).

Acerca da escolaridade dos pais, 40% (2 alunos) responderam que os pais possuem o Ensino Fundamental e 40% também disseram que possuem Ensino Superior – sendo 1 destes com Pós-Graduação. Também há 1 pai que não possui escolaridade.

Relativamente à ocupação atual dos pais, além de 40% (2 alunos) possuírem os pais falecidos, 40% possuem pais que são prestadores de serviço, como mestre de obras e mecânico. A ocupação do quinto pai é de empresário.

Por sua vez, no que se refere às mães, a maioria possui o Ensino Médio (60% ou 3 mães). Há 1 mãe sem escolaridade e outra com Ensino Superior.

A maioria das mães (80% - 4) são donas de casa e 1 delas é falecida.

Em relação aos 2 alunos que possuem cônjuge, a ocupação destes foi descrita como de profissional liberal, nas atividades de engenheiro e administrador.

Sobre a faixa de renda mensal familiar aproximada, os alunos distribuem-se em três partes: 40% (2 alunos) estimam a renda de 2 a 4 salários mínimos; 40%, de 10 a 20 salários mínimos; e, 20% (1 aluno) de 4 a 10 salários mínimos. Em geral, as famílias possuem de 3 a 5 membros, sendo que as com 4 membros têm maior representatividade (40%).

No que concerne à própria escolaridade, em todos os níveis da Educação Básica, houve uma concentração de alunos exclusivamente na rede pública: 60% na Educação Infantil; 80% no Ensino Fundamental; e, 40% no Ensino Médio. No Ensino Médio, também houve 40% em escola particular. O turno de preferência, em todos os níveis, foi o matutino: 80%, 80% e 60%, respectivamente.

Dentre aqueles que cursaram qualquer nível de ensino em escola particular, 2 alunos disseram que recorreram à bolsa de estudos.

Nenhum aluno fez supletivo e 2 alunos (40%) fizeram cursos técnicos (de Contabilidade e de Administração). Apenas 1 aluno recorreu ao curso pré-vestibular ao final do ciclo básico de estudos.

Antes de ingressarem na UFSC, todos disseram não terem sido aprovados em outros vestibulares.

A maioria dos alunos (40% - 2) ingressou na UFSC por meio da opção de “retorno de aluno graduado”, vez que formados em Biblioteconomia e Economia. Ainda, 1 aluno ingressou por meio de vestibular; 1 por meio de transferência interna do curso de Pedagogia; e, 1 pelo Sisu<sup>1</sup>. Ninguém disse estar cursando outra graduação atualmente.

A turma possui alunos que ingressaram em três semestres diferentes: 60% (3 alunos) em 2010.2; 20% em 2011.1; e, 20% em 2010.1.

No que concerne ao desempenho de atividade remunerada, todos disseram estar trabalhando, cada um, em

---

<sup>1</sup> O Sistema de Seleção Unificada (Sisu) é o sistema informatizado gerenciado pelo Ministério da Educação (MEC) no qual instituições públicas de Ensino Superior oferecem vagas para candidatos participantes do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem).

uma função diferente: estágio; arquivista; auxiliar administrativo; servidor público na área de finanças do Hospital Universitário; e, servidor público.

A maioria de 60% (3 alunos) respondeu ter precisado de auxílio financeiro da família durante o curso. E também 60% disseram não ter sido necessário ajudar no sustento de outros membros familiares.

No período após a formatura, 60% dizem ter planos como:

- ✓ Fazer pós-graduação.
- ✓ Ingressar no mercado privado, e provavelmente prestar concursos públicos.
- ✓ Prestar outros concursos públicos e aprender inglês.
- ✓ Trabalhar no arquivo do HU.

Os alunos associaram as seguintes palavras às suas trajetórias na Universidade até então: boa (2), conhecimento (1), conturbada (1) e persistência (1).

## ANEXO 22 - Dados comparativos entre cursos mais concorridos X cursos menos concorridos

CURSOS:													
	Medicina	Arquitetura	Eng. Civil	Direito	TOTAL	% TOTAL	Biblioteconomia	Italiano	Alemão	Matemática	Arquivologia	TOTAL	% TOTAL
Total por curso	36	21	17	26	100	100%	19	9	6	8	5	47	100%
<b>1. Gênero</b>													
A. Feminino	24	13	3	14	54	54%	15	9	6	4	4	38	80,85%
B. Masculino	12	8	14	12	46	46%	4	0	0	4	1	9	19,14%
<b>2. Idade</b>													
A. De 20 a 24 anos	25	12	15	20	72	72%	9	6	4	8	2	29	61,70%
B. De 25 a 29 anos	10	7	2	3	22	22%	4	1	1	0	1	7	14,89%
C. De 30 a 39 anos	1	2	0	3	6	6%	2	1	1	0	0	4	8,51%
D. De 40 a 59 anos	0	0	0	0	0	0%	4	0	0	0	2	6	12,76%
E. Não responderam	0	0	0	0	0	0%	0	1	0	0	0	1	2,12%
<b>3. Origem étnica (cor)</b>													
A. Caucasiano (Branco)	32	17	14	22	85	85%	14	7	5	8	4	38	80,85%
B. Pardo (Moreno)	2	3	1	0	6	6%	2	1	0	0	0	3	6,38%
C. Amarelo (Asiático)	0	1	0	0	1	1%	0	0	0	0	0	0	0%
D. Negro (Afrodescendente / Preto)	2	0	0	3	5	5%	1	0	0	0	0	1	2,12%
F. Indígena	0	0	0	0	0	0%	0	0	0	0	0	0	0%
G. Não responderam	0	0	2	1	3	3%	2	1	1	0	1	5	10,63%
<b>4. Estado civil</b>													
A. Solteiro	34	20	16	22	92	92%	12	9	5	8	3	37	78,72%
B. Casado	1	1	1	3	6	6%	3	0	0	0	2	5	10,63%
C. Em união estável	1	0	0	1	2	2%	2	0	1	0	0	3	6,38%
D. Separado / Divorciado	0	0	0	0	0	0%	2	0	0	0	0	2	4,25%
<b>5. Cidade de nascimento</b>													
A. Florianópolis	6	7	6	12	31	31%	3	2	1	5	1	12	25,53%
B. Grande Florianópolis	2	3	2	0	7	7%	4	1	0	1	2	8	17,02%
C. Outra cidade de SC	15	3	7	8	33	33%	4	3	2	0	0	9	19,14%
D. Cidade no PR	5	3	1	1	10	10%	2	1	1	1	1	6	12,76%
E. Cidade no RS	2	2	0	2	6	6%	2	1	0	0	1	4	8,51%
F. Cidade no Sudeste	3	3	0	3	9	9%	3	1	2	1	0	7	14,89%
G. Cidade no Centro-Oeste	2	0	0	0	2	2%	0	0	0	0	0	0	0%
H. Cidade no Nordeste	0	0	1	0	1	1%	1	0	0	0	0	1	2,12%
I. Outro país	1	0	0	0	1	1%	0	0	0	0	0	0	0%

<b>6. Cidade em que residia antes de ingressar na UFSC</b>																				
A. Florianópolis	10	11	5	19	<b>45</b>	<b>45%</b>	10	4	2	4	2	<b>22</b>	<b>46,80%</b>							
B. Grande Florianópolis	3	2	2	1	<b>8</b>	<b>8%</b>	5	2	1	2	2	<b>12</b>	<b>25,53%</b>							
C. Outra cidade de SC	12	5	8	3	<b>28</b>	<b>28%</b>	2	1	1	1	0	<b>5</b>	<b>10,63%</b>							
D. Cidade no PR	5	0	1	0	<b>6</b>	<b>6%</b>	0	0	1	0	0	<b>1</b>	<b>2,12%</b>							
E. Cidade no RS	3	2	0	0	<b>5</b>	<b>5%</b>	1	2	0	0	0	<b>3</b>	<b>6,38%</b>							
F. Cidade no Sudeste	2	0	0	2	<b>4</b>	<b>4%</b>	1	0	0	1	0	<b>2</b>	<b>4,25%</b>							
G. Cidade no Centro-Oeste	1	0	0	0	<b>1</b>	<b>1%</b>	0	0	1	0	0	<b>1</b>	<b>2,12%</b>							
H. Cidade no Nordeste	0	0	1	0	<b>1</b>	<b>1%</b>	0	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>							
I. Outro país	0	1	0	0	<b>1</b>	<b>1%</b>	0	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>							
J. Não responderam	0	0	0	1	<b>1</b>	<b>1%</b>	0	0	0	0	1	<b>1</b>	<b>2,12%</b>							
<b>7. Onde reside atualmente</b>																				
A. Florianópolis	34	18	16	23	<b>91</b>	<b>91%</b>	12	7	4	7	4	<b>34</b>	<b>72,34%</b>							
B. São José	0	2	0	3	<b>5</b>	<b>5%</b>	7	0	2	0	0	<b>9</b>	<b>19,14%</b>							
C. Santo Amaro da Imperatriz	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>	0	0	0	1	1	<b>2</b>	<b>4,25%</b>							
D. Palhoça	1	1	1	0	<b>3</b>	<b>3%</b>	0	2	0	0	0	<b>2</b>	<b>4,25%</b>							
E. Biguaçu	1	0	0	0	<b>1</b>	<b>1%</b>	0	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>							
<b>8. Bairro onde reside atualmente</b>																				
A. Bairros de Florianópolis	34	18	16	23	<b>91</b>	<b>91%</b>	12	7	4	7	4	<b>34</b>	<b>72,34%</b>							
B. Bairros de São José	0	2	0	3	<b>5</b>	<b>5%</b>	7	0	2	0	0	<b>9</b>	<b>19,14%</b>							
C. Bairros de Biguaçu	1	0	0	0	<b>1</b>	<b>1%</b>	0	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>							
D. Bairros de Palhoça	1	1	1	0	<b>3</b>	<b>3%</b>	0	2	0	0	0	<b>2</b>	<b>4,25%</b>							
E. Bairros de Santo Amaro da Imperatriz	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>	0	0	0	1	1	<b>2</b>	<b>4,25%</b>							
<b>9. Ano e semestre de ingresso na UFSC</b>																				
A. 2008/1	0	2	0	1	<b>3</b>	<b>3%</b>	0	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>							
B. 2008/2	0	1	0	1	<b>2</b>	<b>2%</b>	0	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>							
C. 2009/1	0	4	1	1	<b>6</b>	<b>6%</b>	0	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>							
D. 2009/2	0	9	6	3	<b>18</b>	<b>18%</b>	0	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>							
E. 2010/1	2	2	10	18	<b>32</b>	<b>32%</b>	3	1	0	2	1	<b>7</b>	<b>14,89%</b>							
F. 2010/2	34	3	0	1	<b>38</b>	<b>38%</b>	2	0	0	1	3	<b>6</b>	<b>12,76%</b>							
G. 2011/1	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>	14	7	3	5	1	<b>30</b>	<b>63,82%</b>							
H. 2011/2	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>	0	1	0	0	0	<b>1</b>	<b>2,12%</b>							
I. 2012/1	0	0	0	1	<b>1</b>	<b>1%</b>	0	0	2	0	0	<b>2</b>	<b>4,25%</b>							
J. 2012/2	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>	0	0	1	0	0	<b>1</b>	<b>2,12%</b>							
<b>10. Com quem mora</b>																				
A. Apenas pai e mãe	2	3	0	4	<b>9</b>	<b>9%</b>	2	0	0	2	0	<b>4</b>	<b>8,51%</b>							
B. Apenas pai ou apenas mãe	3	2	1	2	<b>8</b>	<b>8%</b>	1	1	0	1	0	<b>3</b>	<b>6,38%</b>							
C. Mãe, pai e irmãos	4	5	3	4	<b>16</b>	<b>16%</b>	5	2	3	1	2	<b>13</b>	<b>27,65%</b>							
D. Mãe ou pai e irmãos	1	2	1	4	<b>8</b>	<b>8%</b>	1	1	0	1	0	<b>3</b>	<b>6,38%</b>							
E. Com irmãos	4	2	2	0	<b>8</b>	<b>8%</b>	0	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>							
F. Com cônjuge	2	2	0	2	<b>6</b>	<b>6%</b>	2	0	1	0	0	<b>3</b>	<b>6,38%</b>							

G. Com cônjuge e filhos	1	0	1	2	4	4%	1	0	0	0	2	3	6,38%
H. Com tios	0	0	1	0	1	1%	0	0	0	1	0	1	2,12%
I. Com amigo(s)	7	1	8	1	17	17%	0	1	0	1	0	2	4,25%
J. Sozinho	6	1	0	3	10	10%	5	2	1	1	0	9	19,14%
K. Outros	3	3	0	2	8	8%	2	1	1	0	1	5	10,63%
L. Não responderam	3	0	0	2	5	5%	0	1	0	0	0	1	2,12%
<b>11. Qual é o grau de instrução do seu pai?</b>													
A. Nenhum	0	0	1	2	3	3%	3	0	0	1	1	5	10,63%
B. Ensino Fundamental	5	3	2	1	11	11%	6	1	1	2	2	12	25,53%
C. Ensino Médio	7	7	5	4	23	23%	8	3	1	3	0	15	31,91%
D. Ensino Superior	11	9	4	9	33	33%	2	3	0	1	1	7	14,89%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	13	2	5	10	30	30%	0	2	4	1	1	8	17,02%
<b>12. Qual a ocupação atual do seu pai?</b>													
A. Profissional liberal	15	7	7	8	37	37%	2	1	1	1	0	5	10,63%
B. Autônomo	0	2	1	1	4	4%	3	0	0	0	0	3	6,38%
C. Empresário (quem tem atividade econômica organizada)	6	2	1	1	10	10%	1	3	1	2	1	8	17,82%
D. Prestador de serviços - iniciativa privada	7	2	4	1	14	14%	4	1	0	4	2	11	23,40%
E. Servidor público	4	1	0	4	9	9%	1	1	2	1	0	5	10,63%
F. Aposentado	2	5	1	4	12	12%	5	1	2	0	0	8	17,82%
G. Falecido	2	2	1	4	9	9%	1	0	0	0	2	3	6,38%
H. Outros	0	0	0	1	1	1%	0	0	0	0	0	0	0%
I. Não sabe / Não responderam / Não Possui	0	0	2	2	4	4%	2	2	0	0	0	4	8,51%
<b>13. Qual é o grau de instrução da sua mãe?</b>													
A. Nenhum	0	0	0	0	0	0%	1	0	0	0	1	2	4,25%
B. Ensino Fundamental	2	2	3	1	8	8%	6	1	1	2	0	10	21,27%
C. Ensino Médio	10	7	2	8	27	27%	7	5	1	2	3	18	38,29%
D. Ensino Superior	13	7	6	8	34	34%	4	1	0	0	1	6	12,76%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	11	5	6	9	31	31%	1	1	4	4	0	10	21,27%
F. Não responderam	0	0	0	0	0	0%	0	1	0	0	0	1	2,12%
<b>14. Qual a ocupação atual da sua mãe?</b>	36	21	17	26									
i. Profissional liberal	19	8	10	4	41	41%	2	1	3	4	0	10	21,27%
ii. Autônoma	1	1	0	0	2	2%	2	0	0	0	0	2	4,25%
iii. Empresária (quem tem atividade econômica organizada)	3	1	0	2	6	6%	0	2	1	0	0	3	6,38%

iv. Prestadora de serviços - iniciativa privada	3	1	1	4	9	9%	2	1	0	1	0	4	8,51%
v. Servidora pública	0	1	1	6	8	8%	0	1	1	0	0	2	4,25%
vi. Aposentada	1	3	0	3	7	7%	5	1	1	0	0	7	14,89%
vii. Falecida	1	0	0	0	1	1%	0	0	0	0	1	1	2,12%
viii. Outros	0	0	1	0	1	1%	0	0	0	0	0	0	0%
ix. Não sabe / Não Possui / Não responderam	8	6	4	7	25	25%	8	3	0	3	4	18	38,29%
<b>15. No caso de possuir cônjuge/companheiro(a), qual é a ocupação profissional atual dele(a)?</b>	34												
A. Profissional liberal (com ensino superior): engenheiro, médico, advogado, contador, etc	0	0	1	1	2	2%	1	0	0	0	2	3	6,38%
B. Autônomo	0	0	0	0	0	0%	1	0	0	0	0	1	2,12%
C. Empresário	0	0	0	0	0	0%	0	0	0	0	0	0	0%
D. Prestador de serviços - iniciativa privada	1	1	0	0	2	2%	3	0	1	0	0	4	8,51%
E. Não possui / Não sabe	3	0	0	3	6	6%	0	0	0	0	0	0	0%
F. Não possui cônjuge/união estável	32	20	16	22	90	90%	14	9	5	8	3	39	82,97%
<b>16. Qual a sua faixa de renda mensal familiar aproximada?</b>													
A. Acima de 20 salários mínimos	8	3	3	8	22	22%	0	0	2	0	0	2	4,25%
B. De 10 a 20 salários mínimos	12	9	4	8	33	33%	0	1	0	2	2	5	10,63%
C. De 04 a 10 salários mínimos	12	5	7	5	29	29%	6	2	1	3	1	13	27,65%
D. De 02 a 04 salários mínimos	4	4	2	4	14	14%	6	4	1	2	2	15	31,91%
E. De até 02 salários mínimos	0	0	1	1	2	2%	7	2	0	1	0	10	21,27%
F. Não responderam	0	0	0	0	0	0%	0	0	2	0	0	2	4,25%
<b>17. Qual o número de pessoas que vivem desta renda familiar mensal?</b>													
A. 1 Pessoa	0	1	1	2	4	4%	4	1	0	0	0	5	10,63%
B. 2 Pessoas	4	3	1	4	12	12%	3	1	1	0	0	5	10,63%
C. 3 Pessoas	8	4	4	9	25	25%	5	0	0	3	1	9	19,14%
D. 4 Pessoas	17	7	7	5	36	36%	4	4	2	3	2	15	31,91%
E. 5 Pessoas	7	4	4	5	20	20%	1	1	2	2	1	7	14,89%
F. 6 ou mais pessoas	0	2	0	1	3	3%	1	1	0	0	0	2	4,25%
G. Não responderam	0	0	0	0	0	0%	1	1	1	0	1	4	8,51%



<b>18. Cursou a educação infantil</b>																			
A. Somente em escola pública	11	5	5	6	<b>27</b>	<b>27%</b>	9	4	2	3	3	<b>21</b>	<b>44,68%</b>						
B. Em escola pública e em escola particular	6	1	3	2	<b>12</b>	<b>12%</b>	2	1	0	0	0	<b>3</b>	<b>6,38%</b>						
C. Somente em escola particular	19	15	9	17	<b>60</b>	<b>60%</b>	5	3	4	4	1	<b>17</b>	<b>36,17%</b>						
D. Não freqüentaram	0	0	0	1	<b>1</b>	<b>1%</b>	3	1	0	1	1	<b>6</b>	<b>12,76%</b>						
<b>19. Turno da educação infantil</b>																			
A. Matutino	25	8	11	9	<b>53</b>	<b>53%</b>	10	5	3	4	4	<b>26</b>	<b>55,31%</b>						
B. Vespertino	10	11	5	15	<b>41</b>	<b>41%</b>	6	3	3	3	0	<b>15</b>	<b>31,91%</b>						
C. Integral	1	2	1	1	<b>5</b>	<b>5%</b>	0	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>						
D. Não responderam	0	0	0	1	<b>1</b>	<b>1%</b>	3	1	0	1	1	<b>6</b>	<b>12,76%</b>						
<b>20. Cursou o ensino fundamental</b>																			
A. Somente em escola pública	11	5	6	6	<b>28</b>	<b>28%</b>	12	4	3	5	4	<b>28</b>	<b>59,57%</b>						
B. Em escola pública e em escola particular	5	3	3	1	<b>12</b>	<b>12%</b>	2	2	1	0	1	<b>6</b>	<b>12,76%</b>						
C. Somente em escola particular	20	13	8	19	<b>60</b>	<b>60%</b>	5	3	2	3	0	<b>13</b>	<b>27,65%</b>						
<b>21. Turno do ensino fundamental</b>																			
A. Matutino	26	9	7	17	<b>59</b>	<b>59%</b>	11	4	2	5	4	<b>26</b>	<b>55,31%</b>						
B. Vespertino	10	10	8	9	<b>37</b>	<b>37%</b>	8	4	4	3	1	<b>20</b>	<b>42,55%</b>						
C. Integral	0	2	2	0	<b>4</b>	<b>4%</b>	0	1	0	0	0	<b>1</b>	<b>2,12%</b>						
<b>22. Cursou o ensino médio</b>																			
A. Somente em escola pública	9	6	7	5	<b>27</b>	<b>27%</b>	11	4	3	3	2	<b>23</b>	<b>48,93%</b>						
B. Em escola pública e em escola particular	0	3	0	0	<b>3</b>	<b>3%</b>	3	0	0	1	1	<b>5</b>	<b>10,63%</b>						
C. Somente em escola particular	27	12	10	21	<b>70</b>	<b>70%</b>	5	5	3	4	2	<b>19</b>	<b>40,42%</b>						
<b>23. Turno do ensino médio</b>																			
A. Matutino	30	17	13	19	<b>79</b>	<b>79%</b>	8	7	4	6	3	<b>28</b>	<b>59,57%</b>						
B. Vespertino	1	3	3	3	<b>10</b>	<b>10%</b>	4	1	0	1	1	<b>7</b>	<b>14,89%</b>						
C. Noturno	1	0	0	3	<b>4</b>	<b>4%</b>	7	1	1	0	0	<b>9</b>	<b>19,14%</b>						
D. Integral	4	1	1	1	<b>7</b>	<b>7%</b>	0	0	1	1	0	<b>2</b>	<b>4,25%</b>						
E. Não responderam	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>	0	0	0	0	1	<b>1</b>	<b>2,12%</b>						
<b>24. Fez curso técnico?</b>																			
A. Sim	1	3	0	1	<b>5</b>	<b>5%</b>	5	0	0	0	2	<b>7</b>	<b>14,89%</b>						

B. Não	35	18	17	25	<b>95</b>	<b>95%</b>	14	9	6	8	3	<b>40</b>	<b>85,10%</b>
<b>25. Fez supletivo ou Educação de Jovens e Adultos (EJA)?</b>													
A. Sim	1	0	0	0	<b>1</b>	<b>1%</b>	2	0	0	0	0	<b>2</b>	<b>4,25%</b>
B. Não	35	21	17	26	<b>99</b>	<b>99%</b>	15	9	6	8	5	<b>43</b>	<b>91,48%</b>
C. Não responderam	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>	2	0	0	0	0	<b>2</b>	<b>4,25%</b>
<b>26. No caso de ter cursado educação infantil, ensino fundamental e ensino médio em escola particular, você precisou em algum momento de auxílio financeiro da instituição (como bolsa de estudo parcial ou integral)?</b>													
A. Sim	7	1	2	0	<b>10</b>	<b>10%</b>	2	3	2	1	2	<b>10</b>	<b>21,27%</b>
B. Não	19	16	10	23	<b>68</b>	<b>68%</b>	9	3	2	3	3	<b>20</b>	<b>42,55%</b>
C. Não responderam	10	4	5	3	<b>22</b>	<b>22%</b>	8	3	2	4	0	<b>17</b>	<b>36,17%</b>
<b>27. Cursou algum dos anos de estudo da educação básica em país estrangeiro?</b>													
A. Sim	1	1	2	1	<b>5</b>	<b>5%</b>	0	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>
B. Não	35	20	15	25	<b>95</b>	<b>95%</b>	18	9	6	8	5	<b>46</b>	<b>97,87%</b>
C. Não responderam	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>	1	0	0	0	0	<b>1</b>	<b>2,12%</b>
<b>28. Fez curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC?</b>													
A. Sim	30	17	11	17	<b>75</b>	<b>75%</b>	10	4	2	5	1	<b>22</b>	<b>46,80%</b>
A.1. Público	1	1	1	1	<b>4</b>	<b>5,33%</b>	3	1	1	2	0	<b>7</b>	<b>31,81%</b>
A.2. Privado	29	16	10	16	<b>71</b>	<b>94,66%</b>	6	3	1	2	0	<b>12</b>	<b>54,54%</b>
A.3. Público e privado	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>	1	0	0	0	0	<b>1</b>	<b>4,54%</b>
A.4. Não responderam	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>	0	0	0	1	1	<b>2</b>	<b>9,09%</b>
B. Não	6	4	6	9	<b>25</b>	<b>25%</b>	9	5	4	3	4	<b>25</b>	<b>53,19%</b>
<b>29. Forma de ingresso na UFSC:</b>													
A. Vestibular. Quantas vezes prestou vestibular para este curso?	36	21	17	24	<b>98</b>	<b>98%</b>	19	6	4	7	1	<b>37</b>	<b>78,72%</b>
A.1. Uma vez	10	11	12	17	<b>50</b>	<b>51,02%</b>	16	6	4	7	1	<b>34</b>	<b>91,89%</b>
A.2. Duas vezes	11	5	4	4	<b>24</b>	<b>24,48%</b>	3	0	0	0	0	<b>3</b>	<b>8,10%</b>
A.3. Três vezes	7	4	1	2	<b>14</b>	<b>14,28%</b>	0	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>
A.4. Quatro vezes	5	0	0	0	<b>5</b>	<b>5,10%</b>	0	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>
A.5. Cinco vezes	2	0	0	0	<b>2</b>	<b>2,04%</b>	0	0	0	0	0	<b>0</b>	<b>0%</b>

A.6. Não responderam número de vezes	1	1	0	1	3	3,06%	0	0	0	0	0	0	0%
B. Transferência externa. De qual instituição?	0	0	0	2	2	2%	0	0	0	0	0	0	0%
C. Transferência interna. De qual curso anterior?	0	0	0	0	0	0%	0	1	0	1	1	3	6,38%
D. Retorno de graduado. De qual curso retornou?	0	0	0	0	0	0%	0	2	2	0	2	6	12,76%
E. Outro	0	0	0	0	0	0%	0	0	0	0	1	1	2,12%
<b>30. No ano em que antecedeu o ingresso na UFSC, também foi aprovado em outros vestibulares?</b>													
A. Sim	28	17	10	21	76	76%	5	3	1	5	0	14	29,78%
B. Não	8	4	7	5	24	24%	14	6	5	3	5	33	70,21%
<b>31. Está cursando outro curso superior?</b>													
A. Sim	0	0	1	3	4	4%	0	1	0	0	0	1	2,12%
B. Não	36	21	16	23	96	96%	19	8	6	8	5	46	97,87%
<b>32. Já possui um curso superior concluído?</b>													
A. Sim	1	0	1	1	3	3%	1	2	2	0	3	8	17,02%
B. Não	35	21	16	25	97	97%	18	7	4	8	2	39	82,97%
<b>33. Você exerce atividade remunerada?</b>													
A. Não trabalho atualmente e nunca trabalhei	18	0	0	3	21	21%	0	0	0	1	0	1	2,12%
B. Não trabalho atualmente, mas já trabalhei	12	4	3	5	24	24%	0	2	0	1	0	3	6,38%
Qual foi o último trabalho?													
Assistente de Escritório	0	0	0	0	0	0%	0	0	0	1	0	1	33,33%
Auxiliar Administrativo	2	0	0	0	2	8,33%	0	0	0	0	0	0	0%
Auxiliar de Engenheiro Civil	0	0	1	0	1	4,16%	0	0	0	0	0	0	0%
Bolsista	3	0	1	0	4	16,66%	0	0	0	0	0	0	0%
Caixa	0	0	1	0	1	4,16%	0	0	0	0	0	0	0%
Estágio	0	2	0	4	6	25%	0	0	0	0	0	0	0%
Iniciação Científica	1	0	0	0	1	4,16%	0	0	0	0	0	0	0%
Monitoria	1	0	0	0	1	4,16%	0	0	0	0	0	0	0%
Músico	0	1	0	0	1	4,16%	0	0	0	0	0	0	0%
Professor de inglês	1	0	0	0	1	4,16%	0	0	0	0	0	0	0%
Professor	0	0	0	0	0	0%	0	2	0	0	0	2	66,66%
Secretária	2	0	0	0	2	8,33%	0	0	0	0	0	0	0%

Vendedor	2	0	0	0	2	8,33%	0	0	0	0	0	0	0	0%
Não responderam o trabalho	0	0	0	1	1	4,16%	0	0	0	0	0	0	0	0%
C. Sim	6	17	14	18	55	55%	19	7	6	6	5	43	91,48%	
Qual é o trabalho atual?														
Administrador	0	1	0	0	1	1,81%	0	0	0	0	0	0	0	0%
Administrador de obras	0	0	1	0	1	1,81%	0	0	0	0	0	0	0	0%
Arquivista	0	0	0	0	0	0%	0	0	0	0	1	1	2,32%	
Atendente de Cartório	0	0	0	0	0	0%	1	0	0	0	0	1	2,32%	
Autônomo	0	0	0	0	0	0%	1	0	0	0	0	1	2,32%	
Auxiliar Administrativo	0	0	0	0	0	0%	0	0	0	0	1	1	2,32%	
Auxiliar de Biblioteca	0	0	0	0	0	0%	1	0	0	0	0	1	2,32%	
Auxiliar de documentos	0	0	0	0	0	0%	1	0	0	0	0	1	2,32%	
Auxiliar de Engenheiro	0	0	1	0	1	1,81%	0	0	0	0	0	0	0%	
Bancário	0	0	0	0	0	0%	1	0	0	0	0	1	2,32%	
Bolsista	1	1	0	0	2	3,63%	1	3	0	6	0	10	23,25%	
Chefe de Escritório	0	0	0	0	0	0%	1	0	0	0	0	1	2,32%	
Estágio	3	14	10	15	42	76,36%	7	1	0	0	1	9	20,93%	
Finanças HU	0	0	0	0	0	0%	0	0	0	0	1	1	2,32%	
Fotógrafo	1	0	0	0	1	1,81%	0	0	0	0	0	0	0%	
Gerente Administrativo	0	0	1	0	1	1,81%	0	0	0	0	0	0	0%	
Gerente de plantão de restaurante	0	0	0	0	0	0%	0	0	1	0	0	1	2,32%	
Monitoria	0	0	1	0	1	1,81%	1	0	0	0	0	1	2,32%	
PET	1	0	0	0	1	1,81%	0	0	0	0	0	0	0%	
Professor	0	0	0	0	0	0%	0	3	4	0	0	7	16,27%	
Professora de dança	0	1	0	0	1	1,81%	0	0	0	0	0	0	0%	
Servidor público	0	0	0	2	2	3,63%	2	0	0	0	1	3	6,97%	
SOS Córdio	0	0	0	0	0	0%	1	0	0	0	0	1	2,32%	
Técnico da prefeitura	0	1	0	0	1	1,81%	0	0	0	0	0	0	0%	
Técnico de Enfermagem	0	0	0	0	0	0%	1	0	0	0	0	1	2,32%	
Não responderam o trabalho	0	0	0	3	3	5,45%	0	0	1	0	0	1	2,32%	
<b>34. Precisou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso?</b>														
A. Sim	2	2	2	7	13	13%	11	0	2	1	2	16	34,04%	
B. Não	34	19	15	19	87	87%	8	9	4	7	3	31	65,95%	



## ANEXO 23 - Dados dos alunos das classes populares

CURSOS:	Eng. Civil	Eng.	Direito	Arquitologi	Matemática	Alemão	Italiano	Bibliotecon	Medicina	Arquitetura	TOTAL	% TOTAL
	Total de baixa renda	3	0	4	2	3	1	6	13	4	5	41
<b>1. Gênero</b>												
A. Feminino	0	0	2	2	2	1	6	12	4	4	33	80,48%
B. Masculino	3	0	2	0	1	0	0	1	0	1	8	19,51%
<b>2. Idade</b>												
A. De 20 a 24 anos	3	0	2	1	3	1	4	6	2	3	25	60,97%
B. De 25 a 29 anos	0	0	0	1	0	0	1	3	2	2	9	21,95%
C. De 30 a 39 anos	0	0	2	0	0	0	1	1	0	0	4	9,75%
D. De 40 a 59 anos	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3	7,31%
<b>3. Origem étnica (cor)</b>												
A. Caucasiano (Branco)	2	0	2	2	3	1	6	10	3	5	34	82,92%
B. Pardo (Moreno)	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	4,87%
C. Negro (Afrodescendente / Preto)	0	0	2	0	0	0	0	1	1	0	4	9,75%
E. Não responderam	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2,49%
<b>4. Estado civil</b>												
A. Solteiro	3	0	2	2	3	0	6	6	4	5	31	75,60%
B. Casado	0	0	1	0	0	0	0	3	0	0	4	9,75%
C. Em união estável	0	0	1	0	0	1	0	2	0	0	4	9,75%
D. Separado / Divorciado	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2	4,87%
<b>5. Cidade de nascimento</b>												
A. Florianópolis	1	0	2	0	2	0	1	3	0	2	11	26,82%
B. Grande Florianópolis	0	0	0	1	0	0	1	3	1	2	8	19,51%
C. Outra cidade de SC	2	0	1	0	0	1	2	3	1	1	11	26,82%
D. Cidade no PR	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	3	7,31%
E. Cidade no RS	0	0	0	0	0	0	1	2	0	0	3	7,31%
F. Cidade no Sudeste	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2	4,87%
G. Cidade no Centro-Oeste	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2,49%
H. Cidade no Nordeste	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2,49%
I. Outro país	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2,49%
Inglaterra - 1												
<b>6. Cidade em que residia antes de ingressar na UFSC</b>												
A. Florianópolis	1	0	3	1	1	1	2	6	1	2	18	43,90%
B. Grande Florianópolis	0	0	0	1	1	0	2	3	1	2	10	24,39%
C. Outra cidade de SC	2	0	0	0	1	0	1	2	1	1	8	19,51%
D. Cidade no RS	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2	4,87%
E. Cidade no Sudeste	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2,49%
F. Cidade no Centro-Oeste	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2,49%

G. Não responderam	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	2,49%
<b>7. Onde reside atualmente</b>												
A. Florianópolis	3	0	3	1	2	0	4	8	3	2	26	63,41%
B. São José	0	0	1	0	0	1	0	5	0	2	9	21,95%
C. Santo Amaro da Imperatriz	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	2	4,87%
D. Palhoça	0	0	0	0	0	0	2	0	0	1	3	7,31%
E. Biguaçu	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2,49%
<b>8. Bairro onde reside atualmente</b>												
A. Bairros de Florianópolis	3	0	3	1	2	0	4	8	3	2	26	63,41%
- Trindade = 5												
- Saco dos Limões = 2												
- Carvoeira = 2												
- Serrinha = 1												
- Pantanal = 1												
*												
- Centro = 1												
- Rio Vermelho = 1												
- Jardim Atlântico = 1												
- Estreito = 2												
- Tapera = 1												
- Ribeirão da Ilha = 2												
- Campeche = 1												
- Capoeiras = 3												
- Ponta das Canas = 1												
- Rio Tavares = 2												
B. Bairros de São José	0	0	1	0	0	1	0	5	0	2	9	21,95%
- Floresta = 1												
- Barreiros = 2												
- Real Parque = 1												
- Areias = 1												
- Ponta de Baixo = 1												
- Campinas = 1												
- Picadas do Sul = 1												
- Kobrasol = 1												
C. Bairros de Biguaçu	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2,43%
- São Miguel = 1												
D. Bairros de Palhoça	0	0	0	0	0	0	2	0	0	1	3	7,31%
- Ponte do Imaruim = 2												
- Centro = 1												
E. Bairros de Santo Amaro da Imperatriz	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	2	4,87%
- Sul do Rio = 1												
- Centro = 1												
<b>9. Ano e semestre de ingresso na UFSC</b>												
A. 2008/1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2,49%
B. 2008/2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	2	4,87%
C. 2009/2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	3	7,31%
D. 2010/1	3	0	2	0	1	0	1	1	0	1	9	21,95%
E. 2010/2	0	0	0	1	1	0	0	1	4	0	7	17,07%

F. 2011/1	0	0	0	1	1	0	4	11	0	0	17	41,46%
G. 2011/2	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2,49%
H. 2012/1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	2,49%
<b>10. Com quem mora</b>												
A. Apenas pai e mãe	0	0	0	0	2	0	0	1	0	2	5	12,19%
B. Apenas pai ou apenas mãe	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	4,87%
C. Mãe, pai e irmãos	1	0	0	2	0	0	2	2	0	1	8	19,51%
D. Mãe ou pai e irmãos	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2	4,87%
E. Com cônjuge	0	0	1	0	0	1	0	2	1	0	5	12,19%
F. Com cônjuge e filhos	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2	4,87%
G. Com amigo(s)	2	0	0	0	1	0	1	0	1	0	5	12,19%
H. Sozinho	0	0	0	0	0	0	2	4	0	0	6	14,63%
I. Outros	0	0	1	0	0	0	1	2	1	1	6	14,63%
Irmãos, filhos e cunhado – 1												
Irmão, cônjuge e filho – 1												
Irmão e cônjuge - 1												
Mãe e cônjuge - 1												
Pai, mãe e avós – 1												
<b>11. Qual é o grau de instrução do seu pai?</b>												
A. Nenhum	0	0	1	0	1	0	0	3	0	0	5	12,19%
B. Ensino Fundamental	2	0	0	2	1	1	1	5	0	2	14	34,14%
C. Ensino Médio	1	0	0	0	1	0	2	5	2	3	14	34,14%
D. Ensino Superior	0	0	3	0	0	0	2	0	1	0	6	14,63%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	2	4,87%
<b>12. Qual a ocupação atual do seu pai?</b>												
A. Profissional liberal	0	0	0	0	0	0	0	2	2	0	4	9,75%
B. Autônomo	1	0	0	0	0	0	0	2	0	0	3	7,31%
C. Empresário (quem tem atividade econômica organizada)	0	0	0	0	0	1	3	1	0	0	5	12,19%
D. Prestador de serviços - iniciativa privada	1	0	1	2	3	0	1	3	1	2	14	34,14%
E. Servidor público	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	3	7,31%
F. Aposentado	1	0	2	0	0	0	0	3	0	1	7	17,07%
G. Falecido	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	3	7,31%
H. Não sabe / Não responderam / Não Possui	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2	4,87%
<b>13. Qual é o grau de instrução da sua mãe?</b>												
A. Nenhum	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2	4,87%
B. Ensino Fundamental	2	0	1	0	2	1	4	5	0	2	17	41,46%
C. Ensino Médio	1	0	2	2	1	0	1	3	2	2	14	34,14%
D. Ensino Superior	0	0	1	0	0	0	0	3	2	0	6	14,63%
E. Pós-graduação / Especialização / MBA / Mestrado / Doutorado	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	4,87%







B. Não	3	0	4	2	3	1	6	10	3	5	37	90,24%
C. Não responderam	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2	4,87%
<b>26. No caso de ter cursado educação infantil, ensino fundamental e ensino médio em escola particular, você precisou em algum momento de auxílio financeiro da instituição (como bolsa de estudo parcial ou integral)?</b>												
A. Sim	0	0	0	0	0	0	3	1	0	1	5	12,19%
A.1. Educação infantil	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	-
A.2. Ensino fundamental	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	3	-
A.3. Ensino médio	0	0	0	0	0	0	3	1	0	1	5	-
B. Não	1	0	2	2	0	0	1	5	3	3	16	39,02%
C. Não responderam	2	0	2	0	3	1	2	7	1	1	19	46,34%
<b>27. Cursou algum dos anos de estudo da educação básica em país estrangeiro?</b>												
A. Sim	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2,49%
A.1. Ensino médio / País: Austrália	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1
B. Não	3	0	4	2	3	1	6	12	3	5	39	95,12%
C. Não responderam	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2,49%
<b>28. Fez curso pré-vestibular antes de ingressar na UFSC?</b>												
A. Sim	2	0	3	0	3	1	2	6	4	3	24	58,53%
A.1. Público	1	0	1	0	2	1	1	3	0	0	9	37,5%
A.2. Privado	1	0	2	0	1	0	1	3	4	3	15	62,5%
B. Não	1	0	1	2	0	0	4	7	0	2	17	41,46%
<b>29. Forma de ingresso na UFSC:</b>												
A. Vestibular. Quantas vezes prestou vestibular para este curso?	3	0	4	0	2	1	5	13	4	5	37	90,24%
A.1. Uma vez	3	0	3	0	2	1	5	10	0	2	26	70,27%
A.2. Duas vezes	0	0	0	0	0	0	0	3	1	1	5	13,51%
A.3. Três vezes	0	0	1	0	0	0	0	0	2	2	5	13,51%
A.4. Quatro vezes	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2,70%
B. Transferência externa. De qual instituição?	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
C. Transferência interna. De qual curso anterior?	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	2,49%
Matemática Noturno – 1												
D. Retorno de graduado. De qual curso retornou?	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	2	4,87%

Biblioteconomia – 1													
Letras / Português – 1													
E. Outro	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	2,49%	
SISU													
<b>30. No ano em que antecedeu o ingresso na UFSC, também foi aprovado em outros vestibulares?</b>													
A. Sim	3	0	4	0	1	0	2	4	4	3	21	51,21%	
Cursos:													
Administração Empresarial ou Pública	1	0	1	0	0	0	0	2	0	0	4		
Arquitetura e Urbanismo	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2		
Biblioteconomia	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1		
Design	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1		
Design Industrial	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1		
Direito	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1		
Edificações	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1		
Educação Física	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1		
Engenharia Civil	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1		
Engenharia Eletrônica	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1		
Espanhol	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1		
História	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1		
Farmácia	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1		
Fisioterapia	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1		
Medicina	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2		
Medicina Veterinária	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1		
Pedagogia	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1		
Psicologia	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1		
Radiologia Médica	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1		
Saneamento	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	2		
Não responderam o curso	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	3		
Instituição:													
IFSC	0	0	1	0	1	0	0	0	1	1	4		
UDESC	2	0	1	0	0	0	0	1	2	1	7		
UFFS	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1		
UFMS	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1		
UFPEL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1		
UFRGS	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1		
UFSC	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1		

UFSM	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	
UNINOVE	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	
UNISA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	
UNISC	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	
UNISUL	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	3		
UNOESC	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2		
USJ	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1		
Não responderam a instituição	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	2		
B. Não	0	0	0	2	2	1	4	9	0	2	20	48,78%	
<b>31. Está cursando outro curso superior?</b>													
A. Sim	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2,49%	
<i>Pós-graduação em Estudos da Tradução / UFSC</i>													
B. Não	3	0	4	2	3	1	5	13	4	5	40	97,56%	
<b>32. Já possui um curso superior concluído?</b>													
A. Sim	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	2	4,87%	
<i>Biblioteconomia / UDESC - 1 Letras / Português - 1</i>													
B. Não	3	0	4	1	3	1	5	13	4	5	39	95,12%	
<b>33. Você exerce atividade remunerada?</b>													
A. Não trabalho atualmente e nunca trabalhei	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	4,87%	
B. Não trabalho atualmente, mas já trabalhei	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	5	12,19%	
<i>Qual foi o último trabalho?</i>													
<i>Auxiliar de Escritório (4 anos)</i>	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1		
<i>Caixa (1 ano e meio)</i>	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1		
<i>Professora (2 meses)</i>	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1		
<i>Vendedora (1 ano)</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1		
Não responderam o trabalho e o tempo de trabalho	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1		
C. Sim	2	0	3	2	2	1	5	13	1	5	34	82,92%	
<i>Qual é o trabalho atual?</i>													
<i>Arquivista (5 anos)</i>	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1		
<i>Atendente de Cartório (1 ano e 7 meses)</i>	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1		
<i>Autônomo</i>	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1		
<i>Auxiliar de Biblioteca (10 meses)</i>	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1		
<i>Bolsista: 1 ano (2), 2 anos, 4 anos, 1 ano e 6 meses</i>	0	0	0	0	2	0	2	1	0	0	5		

<i>Chefe de Escritório (3 anos)</i>	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	
<i>Estágio: 2 meses, 3 meses (2), 4 meses (2), 6 meses, 7 meses, 1 ano, 1 ano e 2 meses, 1 ano e 5 meses, 1 ano e 10 meses, 2 anos(4)</i>	1	0	2	1	0	0	1	5	1	5	16	
<i>Técnico de Enfermagem (24 anos)</i>	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	
<i>Gerente de plantão de restaurante (2 anos)</i>	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	
<i>Monitoria (3 meses)</i>	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	
<i>Professor (1 ano, 1 ano e 6 meses)</i>	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2	
<i>Servidor público (8 anos)</i>	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	
<i>Técnica em Enfermagem – SOS Cardio (2 anos)</i>	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	
<b>34. Precisou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso?</b>												
A. Sim	0	0	3	0	0	1	0	8	0	0	12	29,26%
B. Não	3	0	1	2	3	0	6	5	4	5	29	70,73%
<b>35. Houve a necessidade de que a sua família lhe ajudasse financeiramente durante a faculdade?</b>												
A. Sim	2	0	4	2	2	0	4	6	3	5	28	68,29%
B. Não	1	0	0	0	1	1	2	7	1	0	13	31,70%
<b>36. Uma palavra que represente a sua trajetória universitária até então:</b>												
Aprendizado	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2	4,87%
Boa	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2	4,87%
Cansativa(o)	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2,49%
Conhecimento	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2	4,87%
Construtiva	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2,49%
Crescimento	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2	4,87%
Dedicação	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	3	7,31%
Desafiadora	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	2,49%
Desafio	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2,49%
Desgastante	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2,49%
Determinação	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2,49%
Difícil	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	2,49%
Dificuldade	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	2	4,87%
Esforço	0	0	0	0	2	0	1	0	0	0	3	7,31%
Esforço e progresso	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	2,49%
Evolução	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	2,49%

Exaustão	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2,49%
Foco	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2,49%
Gratificante	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	3	7,31%	
Luta	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2,49%	
Motivação	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2,49%	
Persistência	0	0	1	0	0	0	0	2	0	0	3	7,31%	
Sacrifício	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2,49%	
Satisfatório	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2,49%	
Trabalho	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2,49%	
Trabalhosa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2,49%	
Não responderam	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	2	4,87%	
<b>37. Já traçou objetivos profissionais para o período após a sua formatura?</b>													
A. Sim	2	0	2	1	3	1	5	13	2	5	34	82,92%	
B. Não	1	0	2	0	0	0	1	0	1	0	5	12,19%	
C. Não responderam	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2	4,87%	
<b>38. Gostaria de ser entrevistado acerca de sua trajetória universitária futuramente?</b>													
A. Sim	0	0	1	0	1	1	1	7	1	1	13	31,70%	
B. Não	3	0	3	2	2	0	5	6	3	4	28	68,29%	

## ANEXO 24 - Dados de todos os alunos (média geral)

CURSOS:	Medicina	Arquitetura	Eng. Civil	Direito	Biblioteconomia	Italiano	Alemão	Matemática	Arquivologia	TOTAL GERAL	% TOTAL GERAL
	Total por curso	36	21	17	26	19	9	6	8	5	147
<b>1. Gênero</b>											
A. Feminino	24	13	3	14	15	9	6	4	4	92	62,58%
B. Masculino	12	8	14	12	4	0	0	4	1	55	37,41%
<b>2. Idade</b>											
A. De 20 a 24 anos	25	12	15	20	9	6	4	8	2	101	68,70%
B. De 25 a 29 anos	10	7	2	3	4	1	1	0	1	29	19,72%
C. De 30 a 39 anos	1	2	0	3	2	1	1	0	0	10	6,80%
D. De 40 a 59 anos	0	0	0	0	4	0	0	0	2	6	4,08%
E. Não responderam	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0,68%
<b>3. Origem étnica (cor)</b>											
A. Caucasiano (Branco)	32	17	14	22	14	7	5	8	4	123	83,67%
B. Pardo (Moreno)	2	3	1	0	2	1	0	0	0	9	6,12%
C. Amarelo (Asiático)	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0,68%
D. Negro (Afrodescendente / Preto)	2	0	0	3	1	0	0	0	0	6	4,08%
F. Indígena	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0%
G. Não responderam	0	0	2	1	2	1	1	0	1	8	5,44%
<b>4. Estado civil</b>											
A. Solteiro	34	20	16	22	12	9	5	8	3	129	87,75%
B. Casado	1	1	1	3	3	0	0	0	2	11	7,48%
C. Em união estável	1	0	0	1	2	0	1	0	0	5	3,40%
D. Separado / Divorciado	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2	1,36%
<b>5. Cidade de nascimento</b>											
A. Florianópolis	6	7	6	12	3	2	1	5	1	43	29,25%
B. Grande Florianópolis	2	3	2	0	4	1	0	1	2	15	10,20%
C. Outra cidade de SC	15	3	7	8	4	3	2	0	0	42	28,57%
D. Cidade no PR	5	3	1	1	2	1	1	1	1	16	10,88%
E. Cidade no RS	2	2	0	2	2	1	0	0	1	10	6,80%
F. Cidade no Sudeste	3	3	0	3	3	1	2	1	0	16	10,88%
G. Cidade no Centro-Oeste	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1,36%
H. Cidade no Nordeste	0	0	1	0	1	0	0	0	0	2	1,36%
I. Outro país	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,68%
<b>6. Cidade em que residia antes de ingressar na UFSC</b>											
A. Florianópolis	10	11	5	19	10	4	2	4	2	67	45,57%
B. Grande Florianópolis	3	2	2	1	5	2	1	2	2	20	13,60%



C. Outra cidade de SC	12	5	8	3	2	1	1	1	0	33	22,44%
D. Cidade no PR	5	0	1	0	0	0	1	0	0	7	4,76%
E. Cidade no RS	3	2	0	0	1	2	0	0	0	8	5,44%
F. Cidade no Sudeste	2	0	0	2	1	0	0	1	0	6	4,08%
G. Cidade no Centro-Oeste	1	0	0	0	0	0	1	0	0	2	1,36%
H. Cidade no Nordeste	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0,68%
I. Outro país	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0,68%
J. Não responderam	0	0	0	1	0	0	0	0	1	2	1,36%
<b>7. Onde reside atualmente</b>											
A. Florianópolis	34	18	16	23	12	7	4	7	4	125	85,03%
B. São José	0	2	0	3	7	0	2	0	0	14	9,52%
C. Santo Amaro da Imperatriz	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	1,36%
D. Palhoça	1	1	1	0	0	2	0	0	0	5	3,40%
E. Biguaçu	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,68%
<b>8. Bairro onde reside atualmente</b>											
A. Bairros de Florianópolis	34	18	16	23	12	7	4	7	4	125	85,03%
B. Bairros de São José	0	2	0	3	7	0	2	0	0	14	9,52%
C. Bairros de Biguaçu	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,68%
D. Bairros de Palhoça	1	1	1	0	0	2	0	0	0	5	3,40%
E. Bairros de Santo Amaro da Imperatriz	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	1,36%
<b>9. Ano e semestre de ingresso na UFSC</b>											
A. 2008/1	0	2	0	1	0	0	0	0	0	3	2,04%
B. 2008/2	0	1	0	1	0	0	0	0	0	2	1,36%
C. 2009/1	0	4	1	1	0	0	0	0	0	6	4,08%
D. 2009/2	0	9	6	3	0	0	0	0	0	18	12,24%
E. 2010/1	2	2	10	18	3	1	0	2	1	39	26,53%
F. 2010/2	34	3	0	1	2	0	0	1	3	44	29,93%
G. 2011/1	0	0	0	0	14	7	3	5	1	30	20,40%
H. 2011/2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0,68%
I. 2012/1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	3	2,04%
J. 2012/2	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0,68%
<b>10. Com quem mora</b>											
A. Apenas pai e mãe	2	3	0	4	2	0	0	2	0	13	8,84%
B. Apenas pai ou apenas mãe	3	2	1	2	1	1	0	1	0	11	7,48%
C. Mãe, pai e irmãos	4	5	3	4	5	2	3	1	2	29	19,72%
D. Mãe ou pai e irmãos	1	2	1	4	1	1	0	1	0	11	7,48%
E. Com irmãos	4	2	2	0	0	0	0	0	0	8	5,44%
F. Com cônjuge	2	2	0	2	2	0	1	0	0	9	6,12%
G. Com cônjuge e filhos	1	0	1	2	1	0	0	0	2	7	4,76%
H. Com tios	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2	1,36%
I. Com amigo(s)	7	1	8	1	0	1	0	1	0	19	12,92%
J. Sozinho	6	1	0	3	5	2	1	1	0	19	12,92%
K. Outros	3	3	0	2	2	1	1	0	1	13	8,84%
L. Não responderam	3	0	0	2	0	1	0	0	0	6	4,08%









<i>Qual foi o último trabalho?</i>												
<i>Assistente de Escritório</i>	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	<b>3,70%</b>	
<i>Auxiliar Administrativo</i>	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	<b>7,40%</b>	
<i>Auxiliar de Engenheiro Civil</i>	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	<b>3,70%</b>	
<i>Bolsista</i>	3	0	1	0	0	0	0	0	0	4	<b>14,81%</b>	
<i>Caixa</i>	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	<b>3,70%</b>	
<i>Estágio</i>	0	2	0	4	0	0	0	0	0	6	<b>22,22%</b>	
<i>Iniciação Científica</i>	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	<b>3,70%</b>	
<i>Monitoria</i>	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	<b>3,70%</b>	
<i>Músico</i>	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	<b>3,70%</b>	
<i>Professor de inglês</i>	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	<b>3,70%</b>	
<i>Professor</i>	0	0	0	0	0	2	0	0	0	2	<b>7,40%</b>	
<i>Secretária</i>	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	<b>7,40%</b>	
<i>Vendedor</i>	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	<b>7,40%</b>	
<i>Não responderam o trabalho</i>	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	<b>3,70%</b>	
C. Sim	6	17	14	18	19	7	6	6	5	98	<b>66,66%</b>	
<i>Qual é o trabalho atual?</i>												
<i>Administrador</i>	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	<b>1,02%</b>	
<i>Administrador de obras</i>	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	<b>1,02%</b>	
<i>Arquivista</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	<b>1,02%</b>	
<i>Atendente de Cartório</i>	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	<b>1,02%</b>	
<i>Autônomo</i>	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	<b>1,02%</b>	
<i>Auxiliar Administrativo</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	<b>1,02%</b>	
<i>Auxiliar de Biblioteca</i>	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	<b>1,02%</b>	
<i>Auxiliar de documentos</i>	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	<b>1,02%</b>	
<i>Auxiliar de Engenheiro</i>	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	<b>1,02%</b>	
<i>Bancário</i>	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	<b>1,02%</b>	
<i>Bolsista</i>	1	1	0	0	1	3	0	6	0	12	<b>12,24%</b>	
<i>Chefe de Escritório</i>	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	<b>1,02%</b>	
<i>Estágio</i>	3	14	10	15	7	1	0	0	1	51	<b>52,04%</b>	
<i>Finanças HU</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	<b>1,02%</b>	
<i>Fotógrafo</i>	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	<b>1,02%</b>	
<i>Gerente Administrativo</i>	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	<b>1,02%</b>	
<i>Gerente de plantão de restaurante</i>	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	<b>1,02%</b>	
<i>Monitoria</i>	0	0	1	0	1	0	0	0	0	2	<b>2,04%</b>	
<i>PET</i>	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	<b>1,02%</b>	

<i>Professor</i>	0	0	0	0	0	3	4	0	0	7	7,14%
<i>Professora de dança</i>	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1,02%
<i>Servidor público</i>	0	0	0	2	2	0	0	0	1	5	5,10%
<i>SOS Córdio</i>	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1,02%
<i>Técnico da prefeitura</i>	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1,02%
<i>Técnico de Enfermagem</i>	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1,02%
<i>Não responderam o trabalho</i>	0	0	0	3	0	0	1	0	0	4	4,08%
<b>34. Precisou exercer atividade remunerada para ajudar no sustento dos outros membros da família durante o curso?</b>											
A. Sim	2	2	2	7	11	0	2	1	2	29	19,04%
B. Não	34	19	15	19	8	9	4	7	3	118	80,27%
<b>35. Houve a necessidade de que a sua família lhe ajudasse financeiramente durante a faculdade?</b>											
A. Sim	32	20	13	22	8	5	5	5	3	113	76,87%
B. Não	4	1	4	3	11	4	1	3	2	33	22,44%
C. Não responderam	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0,68%
<b>36. Já traçou objetivos profissionais para o período após a sua formatura?</b>											
A. Sim	30	16	13	20	19	8	4	8	3	121	82,31%
B. Não	5	4	4	6	0	1	2	0	1	23	15,64%
C. Não responderam	1	1	0	0	0	0	0	0	1	3	2,04%